

BALZAC



A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PROVINCIANA

ILUSÕES PERDIDAS



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BALZAC



A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PROVINCIANA

ILUSÕES PERDIDAS



BIBLIOTECA AZUL

**A COMÉDIA
HUMANA**



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

DIRETOR EDITORIAL Marcos Strecker
EDITORES RESPONSÁVEIS Alexandre Barbosa de Souza e Ana Lima Cecilio
EDITOR ASSISTENTE Juliana de Araujo Rodrigues
PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini
DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino
PREPARAÇÃO Fábio Bonillo
REVISÃO Luciana Araujo
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO B. D. Miranda e J. Bergmann
EDIÇÃO DIGITAL Erick Santos Cardoso
PRODUÇÃO DE EBOOK S2 Books

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

IMAGEM DA LOMBADA “Balzac” (c. 1850), de Honoré Daumier (1808-1879). Art Images Archive/Glow Images

IMAGEM DAS GUARDAS Honoré Daumier © Burstein Collection/corbis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

A comédia humana / Honoré de Balzac; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai; tradução de Ernesto Pelanda e Mario Quintana; São Paulo: Globo, 2013.

(A comédia humana; v. 7)

Título original: *LA COMÉDIE HUMAINE*

ISBN 978-85-250-5512-5

1. Romance francês I. Rónai, Paulo. II. Quintana, Mario, 1906-1994

III. Título. IV. Série.

13-04417 CDD-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2013

Direitos de edição em língua portuguesa
adquiridos por Editora Globo s/a
Avenida Jaguaré, 1485
05346-902 São Paulo sp
www.globolivros.com.br

HONORÉ DE BALZAC A COMÉDIA HUMANA



ORIENTAÇÃO, INTRODUÇÕES E NOTAS DE **PAULO RÓNAI**
TRADUÇÃO DE **ERNESTO PELANDA E**
MARIO QUINTANA



BIBLIOTECA AZUL

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas da vida privada	vol. 1-4
Cenas da vida provinciana	vol. 5-7
Cenas da vida parisiense	vol. 8-11
Cenas da vida política	vol. 12
Cenas da vida militar	vol. 12
Cenas da vida rural	vol. 13-14

ESTUDOS FILOSÓFICOS

vol. 15-17

ESTUDOS ANALÍTICOS

vol. 17

DIVISÃO POR VOLUMES

1

“A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio À comédia humana, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

2

Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

3

A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

4

O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

5

Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • OS CELIBATÁRIOS: Pierrette • O cura de Tours

6

Um conchego de solteirão • OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ilustre Gaudissart • A musa do departamento • AS RIVALIDADES: A solteirona • O gabinete das antiguidades

7

Ilusões perdidas

8

HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César Birotteau • A casa Nucingen

9

Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa de Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10

OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11

Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart II • Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno burgueses • O avesso da história contemporânea

12

Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13

Os camponeses • O médico rural

14

O cura da aldeia • O lírio do vale

15

A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara • A procura do absoluto

16

O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El

Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A
estalagem vermelha • Sobre Catarina de Médicis • O elixir da
longa vida • Os proscritos

17

Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas
misérias da vida conjugal

NOTA DOS EDITORES

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexisteriam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou quinze anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução – expressões idiomáticas e trocadilhos – e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do

vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís XIV, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa

característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.



**ESTUDOS DE COSTUMES •
CENAS DA VIDA PROVINCIANA**

Capa

Créditos

Folha de rosto

A COMÉDIA HUMANA 7 - ESTUDOS DE COSTUMES •
CENAS DA VIDA PROVINCIANA

ILUSÕES PERDIDAS

ILUSÕES PERDIDAS

PRIMEIRA PARTE • OS DOIS POETAS

SEGUNDA PARTE • UM GRANDE HOMEM DA
PROVÍNCIA EM PARIS

TERCEIRA PARTE • OS SOFRIMENTOS DO INVENTOR

A COMÉDIA HUMANA



ESTUDOS
DE COSTUMES •
CENAS DA
VIDA PROVINCIANA

ILUSÕES PERDIDAS

TRADUÇÃO DE **ERNESTO PELANDA E
MARIO QUINTANA**

INTRODUÇÃO

Ilusões perdidas (em francês: *Illusions Perdues*) é a narrativa mais extensa de Balzac, sobretudo se considerarmos que o romance *Esplendores e misérias das cortesãs* lhe forma a continuação. Essas duas obras constituem na realidade uma só, a história de Luciano de Rubempré, uma das maiores e mais impressionantes da literatura do século XIX.

Nesse imenso livro Balzac trabalhou, por assim dizer, durante toda a sua vida, ou, pelo menos, toda a sua carreira literária. *Ilusões perdidas* traz a data de 1835-1843; *Esplendores e misérias das cortesãs*, a de 1838-1847. O autor deu esses dois romances várias vezes como acabados, vendeu-os a diversos editores e reescreveu-os vezes sem conta.

Em ambas as obras, porém, aparecem resíduos mesmo da primeira fase clandestina do escritor; um dos poemas atribuídos ao poeta Luciano, por exemplo, foi publicado pelo próprio Balzac em 1824.

Além de formar o mais vasto dos romances de Balzac, este conjunto é, na verdade, o mais balzaquiano de todos os seus romances, embora não seja o mais apreciado nem o mais conhecido. A fama do romancista é assentada em obras menos extensas, como *Eugênia Grandet*, *O primo Pons*, *A prima Bette*, *O pai Goriot*, e até em obras tão fracas como *A mulher de trinta anos*. O relativo desconhecimento da história de Luciano de Rubempré é devido provavelmente a uma impressão dos contemporâneos de Balzac, adotada sem muito exame pela posteridade. Pois os contemporâneos de forma alguma podiam formular julgamento equânime a respeito de uma obra que saiu aos pedaços, publicados com intervalos enormes, uns em folhetim, outros em volume, não somente sob títulos diversos, sem nada para lhes indicar a ligação, como também sem que fosse observada a ordem cronológica dos episódios. (Ver Paul-Émile Cadilhac, “Le Centenaire d’*Illusions Perdues*”, em *L’Illustration*, 5 de novembro de 1938.) Balzac

levava o seu imenso plano na cabeça e pouco lhe importava que lançasse primeiro ora esta, ora aquela parte; trabalhava sempre tendo em vista o conjunto; assim, o fim de *Ilusões perdidas* saiu depois do começo de *Esplendores e misérias das cortesãs*. Nada surpreendente, pois, que o público da época tenha perdido o fio desses enredos emaranhados e preferido as obras que saíram de vez completas.

Hoje, porém, nada nos impede de apreciar devidamente a epopeia de Luciano de Rubempré e de colocá-la entre as obras mais significativas do romancista. Não fosse o nosso respeito à ordem de publicação determinada por Balzac e seguida à risca na presente edição, daríamos *Esplendores e misérias das cortesãs* logo após *Ilusões perdidas* e não no volume 9, onde está inserido em conformidade com o critério adotado desde o início. Por esse motivo limitamos o comentário presente a *Ilusões perdidas*, assinalando desde já que *Esplendores e misérias das cortesãs* é a sua continuação direta.

Luciano de Rubempré é uma das criações mais completas de Balzac. Na representação dessa personagem, o romancista mostra-se digno sucessor dos clássicos, criadores de grandes tipos, e, ao mesmo tempo, pinta um indivíduo caracteristicamente romântico. Luciano encarna, antes de tudo, o tipo universal do talento provinciano seduzido pelo brilho da capital; mas também é a personagem característica de determinada sociedade e época, um desses moços influenciados pelo exemplo de Napoleão, “tão fatal no século XIX pelas pretensões que inspira a tanta gente medíocre”. Roland Chollet, em seu excelente prefácio a *Ilusões perdidas* (na edição da Gallimard na Biblioteca Pléiade), cita vários casos reais de fracasso parecidos com o contado nesse romance, amplamente comentados pela imprensa da época. Ao mesmo tempo dá toda uma relação de narrativas publicadas entre 1820 e 1840 que têm como assunto o desmoronamento de ambições intelectuais exageradas e de sonhos de glória frustrados. O estudioso mostra a repetição nessas obras de certas situações estereotipadas, que Balzac não se pejou de aproveitar; por exemplo, a do jovem poeta arruinado, forçado pela miséria a escrever, a toda a pressa, um punhado de canções licenciosas, para custear o enterro da amante. Mesmo o mais importante desses romances, *O vermelho e o negro*, de

Stendhal, não teve em 1831 o impacto que a posteridade lhe atribuiria mais tarde; foi o tipo do talento ambicioso de Balzac, triunfante como Rastignac ou derrotado como Luciano, que se gravou logo na imaginação dos leitores. Afinal, é, também, uma individualidade inconfundível, delineada sob todos os seus aspectos com perfeito relevo, vista por dentro e por fora com seus próprios olhos, os de Balzac e os dos amigos e inimigos. Chegamos a conhecer-lhe todas as fraquezas e, no entanto, como o próprio romancista, não conseguimos subtrair-nos à estranha sedução que emana dessa criatura frágil e perigosa, “bela como um deus grego”.

Sendo Luciano uma pessoa sumamente influenciável, cuja evolução é modificada por todos aqueles com quem convive, seu criador empenha-se em descrever a fundo os ambientes por onde ele passa: a fastienta, ridícula e limitada sociedade de Angoulême, e o brilhante meio literário de Paris, espantosamente imoral e cinicamente espirituoso, no qual se vive com vertiginosa intensidade. No fim do romance, ao reconduzir Luciano, já famoso, ao cenário de sua estreia, o autor completa com um último toque o quadro da sociedade provinciana, a qual condena e almeja, a um tempo, em Luciano, o encanto deletério de Paris.

Esses fidalgotes tolos e desocupados que gastam a vida em questões de etiqueta e mesquinhas intrigas pessoais, esforçando-se por manter inacessível o seu mundinho às castas mais “baixas”; esses pequeno-burgueses que escalam o reduto pelas armas ora do comércio, como os Cointet, ora das profissões liberais, como Petit-Claud; esses operários astutos e obstinados, como Cérizet e o velho Séchard, que se infiltram sorrrateiramente na burguesia; esse salão provinciano onde reina a sra. de Bargeton, sedenta de aventuras intelectuais e outras, irmã espiritual de Diná Piédefer (*A musa do departamento*) e da sra. de Bovary, são admiravelmente colhidos ao vivo. Balzac intensifica a impressão de monotonia e pasmaceira, reconduzindo-nos ao mesmo cenário com Luciano e a sra. de Bargeton. Tudo está no mesmo lugar, como se na ausência dos dois toda a vida da cidadezinha tivesse parado. A ebulição que nela suscita a presença de um ambicioso ou de um apaixonado traz à tona daquele lodaçal toda a lama dos fundos.

Menos ligada ao ambiente provinciano, pois poderia verificar-se em qualquer lugar, é a história de David Séchard, as suas lutas de industrial e de inventor. Em volta dele, como de todas as personagens honestas de Balzac, enxameiam os velhacos, e trama-se a conspiração de praxe para ludibriá-lo e despojá-lo. A personalidade de David, o gênio modesto cheio de concepções sublimes e incapaz de resolver os pequenos problemas da vida prática, é tão autêntica como a de Luciano e serve para pôr em relevo esta última por efeito de oposição. Pouco diremos de Eva, irmã de Luciano e esposa de David, “a criatura mais encantadora que eu já fiz”, segundo uma afirmação de Balzac, limitando-nos a assinalar a arte com que o romancista sabe reproduzir a oscilação de seus sentimentos entre o irmão e o marido.

Nenhum desses caracteres necessita de comentário: todos se desenvolvem aos olhos do leitor, explicam-se por si mesmos. Mas talvez não seja desnecessário apontar, especialmente no episódio de David Séchard, como o mundo de Balzac é sólido, cheio, por assim dizer “mobiliado”. David é impressor. Essa qualidade não resulta de uma afirmação gratuita do autor: Balzac sente-se na obrigação de nos levar à tipografia, de nos apresentar os operários e as máquinas, os problemas administrativos e técnicos da impressão, o cálculo do custo e o do lucro e até a gíria do ramo. Depois, David se torna inventor. Balzac acompanha-o passo a passo em suas experiências para descobrir um processo barato de fabricar papel, espia-o no seu laboratório, abre-lhe os alambiques e sofre com ele as dificuldades da obtenção da patente, as possibilidades de fraude deixadas pela lei aos “aperfeiçoadores de privilégio”. Enfim, David se envolve em complicações financeiras, e lá vem Balzac, pela primeira vez na história da literatura, a entupir as páginas de um romance com as vicissitudes do protesto de uma letra de câmbio, sem esquecer a especificação pormenorizada das despesas. Com tudo isso, o interesse do leitor não se cansa, e essas infiltrações da complexa realidade cotidiana num gênero até então puramente psicológico trazem conquistas definitivas e possibilidades infinitas de enriquecimento, tornando o romance, daí em diante, a síntese de todos os gêneros e a expressão peculiar do século XIX.

A parte mais importante do livro é o segundo episódio, as vicissitudes de Luciano em Paris, onde ele passa por uma série de ambientes. O dos jornalistas é aquele que leva Balzac a usar os traços mais incisivos e as cores mais sombrias, e lhe transforma as páginas numa sátira virulenta. No prefácio que antecedia a primeira edição de “Um grande homem da província em Paris”, o romancista fez questão de salientar que não se tratava de um acaso e que o seu libelo obedecia a um intuito bem definido:

Os costumes do jornal constituem um desses assuntos imensos que exigem mais de um livro e de um prefácio. Aqui o autor pintou os começos da doença que atingiu nos dias de hoje o seu completo desenvolvimento. Em 1821, o jornal encontrava-se em suas vestes de inocência comparado com o que é em 1839. Se, porém, o autor não pode abraçar a chaga em toda a extensão, tê-la-á, pelo menos, enfrentado sem medo.

É preciso, porém, observar com Antoine Adam, prefaciador do romance na edição Garnier (1956), que em seus retratos tão admiráveis do jornalista, Balzac não visava a identificabilidade; seu fito não era vingar-se nesse ou naquele indivíduo, mas esboçar um quadro geral exato e fiel. A comparação entre o texto impresso e o manuscrito mostra como ele procurava obliterar os indícios identificadores. Para cada uma dessas personagens tão vivas, dez pessoas reais contribuíram com um traço de caráter ou um dito revelador. Elas eram mais que verdadeiras: eram reais. Sua observação divinatória permitiu-lhe antever o imenso poder concentrado nas mãos do jornalista, e com o seu pessimismo inato descobriu todos os abusos a que esse poder se prestava. Mais uma vez, o escritor pegou *in statu nascendi* uma das instituições essenciais do século XIX, quando ninguém lhe percebia ainda a importância transcendental. É curioso notar quais os termos da gíria jornalística — então neologismos — que Balzac acha necessário explicar: *chantage*, *canard*, *réclame*, três palavras em que se resumem precisamente as maiores ameaças da imprensa imoral.

No mesmo prefácio, o autor proclama bem alto que está em ótimas condições para pronunciar esse requisitório contra os jornais, pois “pertence ao reduzido número daqueles que não devem

agradecimentos ao jornalismo e nunca lhe pediram nada; fez o seu caminho sem se apoiar nesse bastão pestífero; uma das suas vantagens consiste em ter sempre desprezado essa hipócrita tirania, em não ter implorado artigo algum a pena alguma, em nunca ter sacrificado em reclamos inúteis escritores imortais para deles fazer o pedestal de algum livro que, nas condições atuais, não tem seis semanas de vida”. E continua nesse mesmo tom, sem papas na língua, qualificando os jornais de “câncer que talvez devore o país”, para depois chamá-los, dentro do romance, “lupanares do pensamento”.

Muitos perceberão com espanto que o escritor, longe de reclamar a liberdade da imprensa, exige rigorosas medidas coercitivas do governo contra ela. Além do ressentimento de talento vilipendiado e das reminiscências de monarquista neófito, que não esqueceu ainda o papel preponderante da imprensa na queda dos Bourbon, há nessa atitude uma convicção quase mística de que o jornalismo é uma verdadeira doença, que infecciona fortemente todos os que nele se metem. Segundo uma observação sagaz de Alain (*Avec Balzac*), mesmo os escritores que Balzac apresenta como caracteres sem mancha, idealistas abnegados e heróis da vontade deixam-se envolver pelas praxes condenáveis inerentes à profissão. “O grande D’Arthez não é menos sofista no fundo, pois se diverte em enfeitar o romance de Luciano sem crer no que faz, e chega, nos dias mais sombrios, a levar a cabo a tarefa de sua própria destruição, tão miseravelmente tentada por Luciano.”

A idiossincrasia de Balzac pelos jornalistas não era, aliás, muito diferente da antipatia que lhes manifestaram os governos da Restauração, como mostra o plano de “amortização dos jornais” do gabinete Villèle, que consistia em não autorizar mais nenhum jornal novo e extinguir os outros progressivamente, indenizando-lhes os proprietários.

Um contemporâneo de Balzac, Hippolyte Castille, relata uma observação do romancista que nos mostra como ele aferrou bem o aparecimento do novo tipo da sociedade e suas múltiplas atividades.

Um homem de muito espírito que interessou singularmente as gerações do

reino de Luís Felipe, mas que, embora divertindo o público, fez mais mal do que se pensa, o sr. de Balzac, gostava de aproximações. Dizia que o jornalista era no século XIX o que foi no XVIII a personagem de comédia que se chamava o abade. O abade era um ser de pouca importância, que se introduzia por toda parte, um furão, um camaleão, um ser impossível a aferrar e no entanto sempre ele mesmo, no qual, contudo, se podiam encontrar Júpiter ou Scapin, grande homem, às vezes, financista como Terray, reformador como Sieyès ou fazedor de madrigais como Bernis. O abade trazia o cachorrinho da marquesa ou derrubava um trono. Parasita, rufião ou grande homem, encontravam-no por toda parte: na Corte, na cidade, nos toucadores, na tribuna, no fundo de uma fazenda ou na academia. O jornalista, como o abade, é no século XIX uma das primeiras personagens da comédia humana. Voga através dessa sociedade como um ser sem pousada, que se sente sempre em casa. Erra entre o palácio e a mansarda. Ministro hoje, banqueiro amanhã, filósofo sempre e, como Fígaro, superior aos acontecimentos. (*Les Journaux et le journalisme sous l'Empire et sous la Restauration*, 1858)

Feito o desconto dos exageros resultantes do preconceito, deve-se reconhecer que Balzac conhecia admiravelmente bem os segredos do jornal e deu uma série de retratos de redatores e diretores — Lousteau, Blondet, Vernou, Finot —, cada um dos quais é uma obra-prima. Nada falta do fresco, nem as transações e manigâncias suspeitas da administração, nem as interferências externas (tanto as da Corte como as das cortesãs), nem as campanhas de vingança, nem a agiotagem sobre as entradas de teatro e os livros oferecidos aos críticos. O poder desmoralizador da publicidade — que nem tinha nome então — é adivinhado e desmascarado pela primeira vez.

Pelas ramificações do jornalismo chegamos a outros ambientes: o da indústria editorial e o comércio dos livros, o dos teatros — admirável ocasião para se olhar “atrás dos bastidores” —, o da política conluiada com a imprensa, o da aristocracia conluiada com a política. Por trás de tudo, o dinheiro agindo desavergonhada e impiedosamente...

Aparecem, pois, neste livro imenso, quase todos os ambientes de Balzac, e não é pouco. Quase todos os assuntos também: a ambição; a monomania; o amor sob várias formas (o da mulher madura ao adolescente, o da cortesã ao rapaz bonito, o da esposa ao marido); as lutas do gênio com o ambiente; a conspiração da sociedade contra o

indivíduo saído de sua esfera; as alegrias e as misérias da glória; a luta das gerações; a vingança do amor-próprio ferido; o grande tema de Paris; a chaga enorme devorando a França...

Bem balzaquiano também o título, tão característico do escritor que poderia formar o subtítulo de toda *A comédia humana*. Em todo romance de Balzac há uma hecatombe de ilusões, mortas pela experiência dolorosa do protagonista. E, quando a experiência por si só não basta, vêm os porta-vozes do romancista trazendo sua decepcionante interpretação do ambiente literário, de Paris, da política, das mulheres, do mundo. D'Arthez explica as tribulações dos grandes homens que não querem transigir com o vício; Lousteau desvenda a hedionda realidade da vida literária; Blondet proclama a doutrina do maquiavelismo parisiense: o relativismo da verdade e das opiniões; por fim, o misterioso cônego espanhol — no qual os leitores experimentados não deixarão de reconhecer uma figura familiar — tira as conclusões de tudo, colocando face a face sociedade e indivíduo como dois inimigos.

O mais balzaquiano de todos os romances, *Ilusões perdidas* o é sobretudo pelo muito que nos revela acerca do próprio Balzac. Essa afirmação poderia levar-nos à desconfiança, pois já vimos o escritor sair-se bastante mal no romance autobiográfico. Em *Alberto Savarus* o lirismo falseou a visão do romancista, destruiu-lhe a objetividade e o fez desrespeitar a verossimilhança, porque o autor cometeu o erro de identificar-se completamente com uma das personagens. Em *Ilusões perdidas* ele infunde quinhão bem maior de sua experiência íntima, mas o erro não se repete, pois, em lugar de haver um procurador do romancista, aparece uma série de personagens alimentadas com o seu sangue.

Há primeiro o par Luciano-D'Arthez. “*Ilusões perdidas* são no âmago a discussão de Balzac consigo mesmo”, lemos no belo livro póstumo de Stefan Zweig sobre Balzac. “Nessa obra Balzac apresenta em duas personagens o que será ou poderá ser um escritor se este persistir rigorosa e fielmente em si e em sua obra ou se ceder à tentação de uma celebridade rápida e indigna. Luciano de Rubempré é o seu perigo mais íntimo, e Daniel D'Arthez, o seu mais íntimo ideal.

Balzac conhece a duplicidade de sua natureza, sabe que nele existe latente um escritor que de maneira inviolável aspira ao máximo, recusa a si toda concessão, repele todo acordo e está inteiramente só no meio da sociedade. Mas do mesmo modo reconhece a sua segunda natureza, reconhece em si o folgazão, o pródigo, o aristocrata, o escravo do dinheiro, o indivíduo que constantemente incorre em pequenas seduções do luxo. A fim de agora se fortalecer, a fim de energicamente apresentar aos seus olhos o perigo que ameaça um escritor que trai a sua arte por desejar o êxito na época, para advertência pinta para si um desses escritores que não resistem e que, cedendo à sedução, perdem todo o controle.” O contraste, porém, é mais complexo ainda, pois Balzac, com todo o seu desprezo por esse eu reprimido que é Luciano, reveste-o de um invólucro divinamente belo e às vezes deixa-se ficar em sua presença numa atitude de involuntária adoração.

A linha política adotada por D’Arthez, a sua teoria do gênio como resultado da paciência são com efeito bem características de Balzac. Quanto a Luciano, vários episódios de sua vida em Paris assemelham-se a casos acontecidos ao romancista no começo de sua carreira, coincidências apontadas em notas da presente edição. Por outro lado, um conhecimento mesmo supérfluo da biografia de Balzac permite descobrir numerosas semelhanças entre esta e as lutas do tipógrafo David Séchard, que lembra o seu criador até na aparência física. Contamos já as vicissitudes da tipografia de Balzac, onde o escritor com vinte e tantos anos se endividou para o resto de sua vida, assim como suas malogradas tentativas de inventor nos setores mais variados, pois, como seu herói, era “capaz de descobrir uma mina de ouro, mas singularmente incapaz de explorá-la”. Respondendo em suas cartas às censuras da condessa Hanska, que lhe estranhava os planos loucos e os empreendimentos irreais, Balzac negava desesperadamente que lhe faltasse senso prático; no episódio de Séchard temos, porém, a prova de que o reconhecia de si para si. Mas David Séchard é sobretudo mais um desdobramento do idealismo balzaquiano, oposto às seduções da ambição e da vida luxuosa que arrastam Luciano-Balzac à sua perda.

Além dessas três projeções de sua vida múltipla, Balzac encarnou

mais um de seus fantasmas íntimos em uma quarta personagem, o rev. Carlos Herrera. A moral desse discípulo de R. P. Escobar é bastante perigosa para que Balzac ache útil combatê-la no prefácio (mais de uma vez os prefácios lhe serviam para remendar o que nos próprios romances não lhe parecia concordar com as suas atitudes de político legitimista e clerical), mas é exposta com eloquência tão arrebatadora que é impossível não reconhecer nela uma manifestação do próprio autor. O cônego, em suma, reforça em Luciano suas cômodas teorias de “imperialismo estético” (Ernest Seillère), em virtude das quais o gênio é uma espécie de super-homem e está acima de todas as leis, teorias que Balzac nunca deixou de aplicar a si mesmo. Pouco importa, pois, que o autor resuma assim a moralidade de *Ilusões perdidas*: “Só aos espíritos de escol, às pessoas de uma força hercúlea é permitido abandonar o teto protetor da família para irem lutar na imensa arena de Paris”; cada Luciano de Rubempré se julga um desses espíritos de escol.

Para que procurar, aliás, outra moral além da que a obra de arte contém pelo fato de ser legítima? A derrota de Luciano não prova nada, pois, segundo as sugestões de uma ambição não menos ávida e pouco mais escrupulosa, Rastignac, outro espécime do mesmo tipo, venceu. Esta comparação impõe-se. No inteligente prefácio de sua edição crítica de “Os dois poetas”, Gilbert Mayer estabelece longo e convincente paralelo entre essas duas personagens (esquecendo, contudo, a coincidência mais surpreendente que as faz uma e outra encarar Paris do alto do Père-Lachaise, onde acabam de enterrar, com um ser querido, suas últimas ilusões) e afirma com razão que “semelhante desdobramento de personagens num autor cujo poder criador era fantástico merece exame particular. Teria ele a possibilidade de produzir-se, caso Balzac não tivesse posto, nesses destinos quase paralelos, grande parte do seu?”.

As outras personagens do romance tiveram, pelo menos em parte, seus modelos na vida real. O romancista conhecia bem Angoulême, onde várias vezes fora visitar o casal Carraud; ao escrever o romance, lembra-se ainda de pedir à sra. Zulma Carraud esclarecimentos topográficos. Na época dessas visitas a cidadezinha tinha o seu salão

literário, cuja dona, uma sra. de Saint-Surin, parece ter inspirado a figura da sra. de Bargeton não somente quanto às suas ambições intelectuais como também nas vicissitudes de sua vida conjugal. Em seus passeios pela cidade, o romancista conversou com um camponês chamado Séchard e alcunhado Chardon, que lhe fornecia assim os nomes dos dois amigos, cujas figuras, como já dissemos, tirou de si mesmo; os pesquisadores não encontraram originais de Luciano e de David.

Quanto ao ambiente literário de Paris, numerosos escritores e jornalistas foram apontados como originais das caricaturas ferinas de Balzac. Embora o escritor tenha afirmado a um amigo que a figura de Lousteau lhe fora sugerida pela de Jules Sandeau, o público reconhecia nela Jules Janin, um dos críticos mais importantes da época e que teimava em menosprezar o autor de *Cenas da vida provinciana*. (Jules Sandeau, efebo talentoso e efeminado, a quem mais tarde sua ligação e seu rompimento com George Sand tornariam famoso, teve, no momento de sua estreia, a ajuda eficiente de Balzac, que o empregou como secretário e o alojou em sua casa, mas teve de despedi-lo devido a sua preguiça e incompetência. Os biógrafos suspeitam a existência, entre os dois, de relações homossexuais. Por encomenda de Balzac, Sandeau escreveu uma biografia fictícia de Horace de Saint-Aubin, pseudônimo com que o romancista assinara suas obras de mocidade.) Seja como for, Janin reagiu como se realmente se reconhecesse em Lousteau, e, numa análise raivosa de *Ilusões perdidas*, desancou o autor: “Um escritor não é um trapeiro, um livro não se enche como um cesto... Felizmente este livro é do grande número de romances que a gente não lamenta absolutamente não ler, que aparecem hoje para desaparecer amanhã num esquecimento imenso. Nunca, com efeito, o pensamento do sr. Balzac foi mais difuso, sua intenção mais fraca, seu estilo mais incorreto”. Outros reconheceram Émile de Girardin em Finot, Léon Gozlan em Nathan, Gustave Planche em Vignon. Nas notas de rodapé indicaremos algumas dessas identificações, embora para os leitores de hoje ofereçam interesse bem menor do que deviam ter para os contemporâneos de Balzac.

Entre os exegetas mais recentes do livro, Claude Mauriac assinala

com muita finura o que *Ilusões perdidas* ganha pelas suas ligações íntimas com outras obras de *A comédia humana*. O leitor versado em Balzac compreende melhor a recepção inesperadamente boa que a orgulhosa marquesa d'Espard faz a duas pessoas tão pouco interessantes como Luís de Bargeton e o barão du Châtelet: a primeira se beneficia de seu parentesco com o marquês d'Espard, a quem a esposa está processando (pois tratando bem aos parentes do marido poderia fazer crer que não moveu o processo por simples antipatia ou capricho); o segundo, de sua qualidade de antigo companheiro de Montriveau, a quem seu caso com a duquesa de Langeais conferiu imenso prestígio; quer dizer, *A interdição* e *A história dos Treze* esclarecem melhor certos trechos à primeira vista indiferentes de *Ilusões*, mostrando neles complexidades e profundezas insuspeitadas. Poder-se-ia continuar essa demonstração assinalando também o que este último romance traz de revelador para outras partes do ciclo. Como, por exemplo, compreendemos melhor, depois de conhecer o retrato de Lousteau em *Ilusões*, seu procedimento com a sra. de La Baudraye em *A musa do departamento*! Tudo em *A comédia humana* se esclarece e é esclarecido; as diversas partes ligam-se como perfeitas engrenagens.

Há alguns balzaquianos, aliás, que gostariam que essa interdependência fosse menor. Gilbert Mayer elogia *Ilusões* precisamente porque nele “Balzac não prefere ainda o mundo fictício de *A comédia humana* ao mundo real... A ficção ainda levou vantagem e a história das personagens e de suas aventuras não se impõe ainda totalmente... aqui não se sente Balzac mais preocupado com as suas personagens do que com a representação da sociedade do seu tempo”.

Vê-se que esses dois críticos elogiam o romance por motivos diametralmente opostos. Os leitores concordarão com um ou com outro, o que pouco importa se eles também chegam a sentir a admiração pelo autor e pela obra, único traço comum nas duas interpretações.

Que o gênio de nosso escritor, além de um afresco grandioso do ambiente literário de sua época, criou tipos universais prova-o um artigo espirituoso de Guilherme Figueiredo (“Um dia depois do outro”,

O Jornal, 17 de abril de 1966), em que compara aos ambiciosos de Balzac os membros audaciosos do “exército do Pará” de nossos dias; ao assalto das editoras do Rio.

Terminemos com Antoine Adam: “Esse romance, tomado em seu conjunto, forma uma das culminâncias de *A comédia humana*. Em parte alguma aparecem melhor, com mais força e pureza, as características do gênio balzaquiano, o dom de compreender o real, de penetrar até as forças secretas que o dominam e de reconstruí-lo depois num universo novo”.

PAULO RÓNAI

ILUSÕES PERDIDAS

AO SR. VICTOR HUGO^[1]

Vós, que, pelo privilégio dos Rafael e dos Pitt, éreis já um grande poeta na idade em que os homens são ainda crianças, lutastes, como Chateaubriand e como todos os verdadeiros talentos, contra os invejosos emboscados por trás das colunas ou acorados nos subterrâneos dos jornais. Desejo, assim, que o vosso nome triunfante auxilie a vitória desta obra que vos dedico, e que, segundo alguns, constituiria um ato de coragem tanto como uma história plena de verdade. Os jornalistas não teriam pertencido, acaso, a Molière e ao seu teatro, como os marqueses, os financistas, os médicos e os procuradores? Por que então A comédia humana, que castigat ridendo mores,^[2] haveria de excetuar uma potência, quando a imprensa parisiense não excetua nenhuma?

*Sinto-me feliz, senhor, de poder subscrever-me
Vosso sincero admirador e amigo,*

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

OS DOIS POETAS

I – UMA TIPOGRAFIA DE PROVÍNCIA

Na época em que começa esta história,[3] a impressora de Stanhope[4] e os rolos de distribuição de tinta não funcionavam ainda nas pequenas tipografias de província. Não obstante a especialidade que a põe em relação com a tipografia parisiense,[5] Angoulême ainda se servia de prensas de madeira, às quais a língua deve a expressão “fazer gemer os prelos”, atualmente sem aplicação.

A arte tipográfica atrasada empregava ainda ali almofadas de couro repassadas de tinta, com as quais um dos impressores batia os tipos. A plataforma móvel em que se coloca a *fôrma* cheia de letras, sobre a qual se aplica a folha de papel, era ainda de pedra e justificava o seu nome de *mármore*. As devoradoras prensas mecânicas fizeram hoje tão completamente esquecido aquele mecanismo a que devemos, não obstante suas imperfeições, os belos livros dos Elzevier, dos Plantin, dos Aldo e dos Didot,[6] que se torna necessário lembrar os velhos utensílios aos quais Jerônimo Nicolau Séchard consagrava supersticiosa afeição, pois têm eles o seu papel nesta grande pequena história.

Esse Séchard era um antigo oficial tipógrafo dos que, na sua gíria tipográfica, os obreiros encarregados de juntar as letras chamam de *ursos*. O movimento de vaivém, muito semelhante ao de um urso enjaulado, pelo qual os impressores iam da prensa ao tinteiro e do tinteiro à prensa, lhes valera, sem dúvida, tal apelido. Por vingança, os

ursos chamavam os tipógrafos de *símios*, por causa do contínuo exercício que fazem esses senhores para tirar as letras dos cento e cinquenta e dois caixotins em que se encontram.

Na desastrosa época de 1793, Séchard, na idade de mais ou menos cinquenta anos, estava casado. A idade e o casamento permitiram-lhe escapar à grande convocação que levou quase todos os operários às fileiras do Exército. O velho impressor ficara só na tipografia cujo dono, chamado então Bobo, acabara de morrer deixando viúva sem filhos. O estabelecimento pareceu ameaçado de destruição imediata: o *urso* solitário era incapaz de se transformar em *símio*, pois, na sua qualidade de impressor, nunca aprendera a ler e escrever.

Sem ter em conta a sua incapacidade, um Representante do Povo, apressado em espalhar os belos decretos da Convenção, investiu o manejador de prensas na patente de mestre impressor e requisitou-lhe a tipografia.

Após aceitar aquele perigoso diploma, o cidadão Séchard indenizou a viúva do patrão levando-lhe as economias da esposa, com as quais pagou o material da tipografia pela metade do valor. Isso não era nada. Tinha de imprimir sem erro nem demora os decretos republicanos. Nessa difícil conjuntura, Jerônimo Nicolau Séchard teve a felicidade de encontrar um nobre marselhês que não queria nem emigrar, para não perder as terras, nem se mostrar, para não perder a cabeça, e que só poderia arranjar o que comer por um trabalho qualquer. O sr. conde de Maucombe[7] envergou assim o humilde avental de um chefe de oficina de província: compôs, leu e revisou os decretos que impunham a pena de morte aos cidadãos que escondessem nobres; o Urso tornado Bobo os imprimiu e fez afixar; e ambos se conservaram sãos e salvos. Em 1795, passada a borrasca do Terror, Nicolau Séchard viu-se forçado a procurar outro chefe que pudesse compor, revisar e conduzir a oficina. Um padre, depois bispo com a Restauração, e que se recusava por esse tempo a prestar juramento, substituiu o conde de Maucombe até o dia em que o primeiro-cônsul restabeleceu a religião católica. O conde e o bispo viriam a encontrar-se mais tarde na mesma bancada da Câmara dos Pares.

Se em 1802 Jerônimo Nicolau Séchard não sabia nem ler nem

escrever melhor do que em 1793, arranjava um *material* bastante sólido para poder pagar um chefe de oficina. O oficial tão descuidoso do seu futuro tornara-se temível para os seus *símios* e *ursos*. A avareza começa onde cessa a pobreza. No dia em que o impressor lobrigou a possibilidade de fazer fortuna, o interesse desenvolveu-lhe uma inteligência material ávida, suspeitosa e penetrante. Sua prática desafiava a teoria. Acabara por calcular à simples vista o preço de uma página ou duma folha, segundo a espécie dos caracteres. Provava aos seus ignaros fregueses que a composição das letras maiores custava mais caro que a das pequenas; mas se fosse o caso destas, dizia logo que eram muito mais difíceis de manejar. Sendo a *composição* a parte da tipografia de que nada conseguira entender, tinha tanto medo de enganar-se que só fazia contratos leoninos. Se seus tipógrafos trabalhavam por hora, seus olhos não os deixavam nunca. Se sabia de um fabricante em apertos, adquiria seu estoque de papel a preço vil e o guardava. Desse modo, sem demora se tornara proprietário da casa onde a tipografia se alojava desde tempos imemoriais. Conheceu toda a espécie de felicidade: enviuvou, ficando com um único filho; colocou-o no liceu da cidade, menos para dar-lhe educação do que para preparar um sucessor; tratava-o severamente a fim de prolongar a duração do poder pátrio; nos dias de férias fazia-o trabalhar nas caixas aconselhando-o a aprender a ganhar a vida para poder um dia recompensar seu pobre pai, que sangrava para educá-lo.

Por ocasião da partida do padre, Séchard escolheu para chefe da oficina aquele dentre os quatro tipógrafos que o futuro bispo lhe indicara como possuidor de tanta probidade quanta inteligência. Assim, o velhote achou-se em condições de esperar o momento em que o filho pudesse dirigir o estabelecimento, que prosperaria então dirigido por mãos hábeis e jovens.

David Séchard completou no liceu de Angoulême os mais brilhantes estudos. E embora o Urso, que prosperara sem conhecimentos e sem educação, desprezasse inteiramente a ciência, o pai Séchard enviou o filho a Paris para estudar a alta tipografia; fez-lhe, porém, tão violenta recomendação no sentido de economizar boa soma na capital que ele denominava o paraíso dos trabalhadores, advertindo-lhe que não

contasse com a bolsa paterna, que aquela estada no *país de Sapiência* devia afigurar-se-lhe um meio de chegar aos seus fins.

Aprendendo o ofício, David acabou sua educação em Paris. Chefe das oficinas dos Didot, tornou-se um sábio. Pelo fim do ano de 1819, David Séchard deixou Paris sem ter custado sequer uma moeda de cobre ao pai, que o chamava para entregar-lhe o timão dos negócios. A tipografia de Nicolau Séchard possuía então o único jornal de editais que existia no departamento, a exclusividade das publicações da Prefeitura e do bispado, três clientelas que deveriam proporcionar grande fortuna a um rapaz ativo.

Precisamente por essa época, os irmãos Cointet, fabricantes de papel, haviam comprado a segunda patente de impressor da cidade de Angoulême, que até então o velho Séchard soubera reduzir à mais completa inutilidade, graças às crises militares que, durante o Império, comprometeram todo o desenvolvimento industrial; e, por isso mesmo, não procurara adquirir mais esse privilégio, e sua parcimônia viria a ser uma das causas de ruína da velha tipografia.

Ao saber da novidade, o velho Séchard pensou alegremente que a luta que iria travar-se entre o seu estabelecimento e o dos Cointet seria sustentada não por ele, mas pelo filho. “Eu sucumbiria nela”, pensou, “mas um rapaz educado pelos senhores Didot saberá safar-se.” O septuagenário suspirava pelo momento em que lhe fosse possível viver a seu modo. Se não tinha conhecimentos de alta tipografia, em troca passava por ser extremamente forte na arte que os operários, por caçoada, apelidaram de *ebriografia*, arte muito estimada pelo divino autor do *Pantagrue*,^[8] mas cujo exercício, perseguido pelas sociedades chamadas de *temperança*, se encontra dia a dia mais abandonado.

Jerônimo Nicolau Séchard, fiel ao destino que o nome lhe traçara, sentia uma sede inextinguível. A esposa havia contido nos justos limites, durante muito tempo, aquela paixão pela uva esmagada, gosto tão natural nos *ursos* que o sr. de Chateaubriand a fez notar entre os verdadeiros ursos da América;^[9] mas os filósofos observaram que os hábitos da juventude voltam com mais força na velhice. Séchard confirmava essa lei moral: quanto mais envelhecia, mais gostava de

beber. A paixão deixava-lhe na fisionomia ursina marcas que a tornavam original: o nariz tomara o desenvolvimento e a forma de um A maiúsculo corpo *triple canon*, suas faces reticuladas de veias pareciam-se a essas folhas de parra cheias de gibosidades violáceas, purpurinas e por vezes matizadas; julgar-se-ia uma trufa monstruosa envolta em pâmpanos de outono. Escondidos sob grandes sobrancelhas, que pareciam dois silvados cobertos de neve, seus pequenos olhos cinzentos, nos quais crepitava a manha de uma avareza que nele amortecia tudo, inclusive a paternidade, conservavam seu brilho mesmo na embriaguez. Sua cabeça calva e descorada, mas cintada de cabelos grisalhos ainda crespos, trazia à imaginação os frades dos *Contos* de La Fontaine.^[10] Era parrudo e bojudo como muitos desses velhos lampiões que consomem mais óleo do que mecha; aliás, os excessos em todas as coisas modelam os corpos segundo suas características. A bebedeira, como o estudo, engorda mais aos gordos e emagrece aos magros.

Jerônimo Nicolau Séchard havia trinta anos usava o famoso tricórnio municipal, que, nalgumas províncias, ainda se encontra à cabeça do tamboreiro da cidade. O colete e as calças eram de veludo verdoso. Vestia uma velha sobrecasaca castanho, meias variegadas de algodão e sapatos com fivelas de prata. Tais vestes burguesas mal disfarçavam o operário e condiziam tão bem com os seus hábitos e vícios, exprimiam tão bem a sua vida, que o velhote parecia haver nascido com elas: não se poderia imaginá-lo sem elas tal como não se concebe uma cebola sem casca.

Se o velho impressor nunca houvesse dado medida de sua cega avidez, sua retirada dos negócios seria suficiente para pintar-lhe o caráter. Não obstante os conhecimentos que o filho deveria trazer da grande escola dos Didot, propusera-se fazer com ele o bom negócio que ruminava havia muito. Se o pai fazia boa transação, o filho só poderia fazer má. Mas, para o velhote, não havia nem pai nem filho nos negócios. Se considerara de início David como seu filho único, nele veria mais tarde um comprador natural cujos interesses eram contrários aos seus: queria vender caro, e David deveria querer comprar barato; o filho tornava-se, portanto, um inimigo a vencer.

Essa transformação do sentimento em interesse pessoal, ordinariamente lenta, tortuosa e hipócrita nas criaturas bem-educadas, foi rápida e direta no velho Urso, que mostrou quanta vantagem a *ebriografia* esperta levava sobre a tipografia instruída.

À chegada do filho, testemunhou-lhe o velhote a ternura comercial que as pessoas hábeis concedem às suas vítimas: acolheu-o tal como um apaixonado teria acolhido a amante; deu-lhe o braço, mostrou-lhe onde deveria pôr os pés para não tropeçar; fizera com que lhe aquecessem o leito, lhe acendessem a lareira e lhe preparassem o jantar. No dia seguinte, após ter tentado embriagar o filho num copioso almoço, Jerônimo Nicolau Séchard, grandemente avinhado, lhe atirou um: — *Falemos de negócios?* que passou tão milagrosamente entre dois soluços a ponto de David suplicar-lhe que adiasse os negócios para outro dia. O velho Urso, entretanto, sabia muito bem tirar partido da sua embriaguez para não abandonar uma batalha preparada há tanto tempo. Ademais, depois de ter arrastado os seus grilhões durante cinquenta anos, não os queria conservar nem por uma hora mais. No dia seguinte o filho seria o Bobo.

A esta altura talvez seja necessário dizer uma palavra sobre o estabelecimento. A tipografia, situada no local onde a Rue de Beaulieu desemboca na Place du Mûrier, estabelecera-se em tal casa lá pelo fim do reinado de Luís XIV. Desde muito, assim, os diferentes locais haviam sido dispostos para a exploração daquela indústria. O andar térreo era formado por imensa peça iluminada do lado da rua por uma velha vidraça, e de outro por um grande caixilho que dava para o pátio. Podia-se chegar ao escritório do mestre por um corredor. Mas, na província, os trabalhos tipográficos são objeto sempre de tão viva curiosidade que os clientes preferiam entrar por uma porta envidraçada presente na fachada externa, embora tivessem que descer alguns degraus, por estar o assoalho da oficina abaixo do nível do passeio.

Os curiosos, embasbacados, nunca se precavam quanto aos inconvenientes da passagem através dos desfiladeiros da oficina. Se contemplavam os caramanchéis formados pelas folhas estendidas sobre cordas presas ao forro, chocavam-se nas longas fileiras de caixas,

ou se viam despenteados pelas barras de ferro que escoravam as prensas. Se seguiam os ágeis movimentos de um dos compositores rebuscando os tipos nos cento e cinquenta e dois caixotins de sua caixa, lendo o seu original, relendo a linha no componedor e nele introduzindo uma entrelinha, davam contra uma resma de papel umedecido sobrecarregada de pesos ou batiam com o quadril contra o ângulo de um banco; tudo isto para grande divertimento dos *símios* e dos *ursos*.

Pessoa alguma jamais chegara sem acidentes às duas grandes gaiolas situadas ao fundo daquela caverna, as quais formavam dois miseráveis pavilhões sobre o pátio, e onde dominavam, de um lado, o chefe da oficina, e, de outro, o mestre impressor.

No pátio, as paredes eram decoradas por parreiras, que, dada a reputação do mestre, contribuía para a cor local. Ao fundo, arrimado à parede divisória, elevava-se um telheiro em ruínas em que se molhava e cortava o papel. Lá ficava o tanque em que se lavavam, antes e depois da tiragem, as fôrmas, ou, para empregar a linguagem vulgar, as pranchas de tipos; dele se escapava uma decocção de tinta misturada às águas servidas da casa, que fazia crer aos camponeses vindos às feiras que o diabo se asseava naquela casa. O telheiro era flanqueado de um lado pela cozinha e de outro pelo depósito de lenha.

O primeiro andar da casa, acima do qual só havia dois quartos de mansarda, continha três peças. A primeira, do comprimento do corredor menos a caixa da velha escada de madeira, iluminada da rua por um pequeno caixilho oblongo e do pátio por um respiradouro circular, servia ao mesmo tempo de antecâmara e de sala de jantar. Pura e simplesmente branqueada com cal, fazia-se notada pela cínica simplicidade da avareza mercantil; o ladrilho sujo nunca fora lavado; o mobiliário consistia em três cadeiras ordinárias, uma mesa redonda e um aparador colocado entre duas portas que davam para uma alcova e para uma sala; as janelas e a porta estavam negras de imundície; papéis em branco ou impressos a atravancavam quase todo o tempo; por vezes a sobremesa, as garrafas, os pratos do jantar de Jerônimo Nicolau Séchard se viam sobre os pacotes.

O quarto de dormir, cujo caixilho tinha um vitral que recebia luz do

pátio, era forrado dessas velhas tapeçarias que se veem no interior, ao longo das casas, no dia de Corpus Christi. Havia ali um grande leito com colunas, guarnecido de cortinas e babados e de uma colcha de sarja vermelha, duas poltronas carunchosas, duas cadeiras de nogueira estofadas, uma velha secretária e, sobre a lareira, um relógio. Aquele quarto, em que se respirava uma bonomia patriarcal e cheia de meios-toms, fora disposto pelo sr. Rouzeau, predecessor e chefe de Jerônimo Nicolau Séchard. A sala, modernizada pela falecida sra. Séchard, mostrava incríveis guarnições de madeira pintada de azul vivo; as paredes eram decoradas com papel que tinham cenas do Oriente em tom bistre sobre fundo branco; a mobília consistia em seis cadeiras guarnecidas de couro azul, cujos espaldares representavam liras. As duas janelas grosseiramente abobadadas, e pelas quais a vista abarcava a Place du Mûrier, estavam sem cortinas; a lareira não possuía nem candelabros, nem pêndula, nem espelho. A sra. Séchard morrera em meio dos seus projetos de embelezamento, e o Urso, sem adivinhar a utilidade de melhoramentos que nada rendiam, havia-os abandonado.

Foi para ali que, *pede titubante*, Jerônimo Nicolau Séchard conduziu o filho para mostrar-lhe sobre a mesa redonda um rol dos materiais do estabelecimento, levantado, sob sua direção, pelo chefe da oficina.

— Lê isto, meu rapaz — disse Jerônimo Nicolau Séchard, fazendo errar seus olhos tontos do papel para o filho e do filho para o papel. — Verás que encanto de tipografia te dou.

— Três prensas de madeira, sustidas por barras de ferro, com “mármore” de ferro fundido...

— Um aperfeiçoamento que fiz — disse o velho Séchard interrompendo o filho.

— Com todos os seus utensílios: tinteiros, papeleiras e banco etc., mil e seiscentos francos! Mas, meu pai — observou David Séchard deixando cair o inventário —, suas prensas são trastes que não valem cem escudos, e bons só para o fogo.

— Trastes?... — exclamou o velho Séchard — trastes?... Pega o inventário e desçamos! Vais ver se vossas invenções de péssima serralheria andam como estes bons velhos utensílios experimentados.

Depois não terás coragem de injuriar honestas prensas que rodam como diligências e que hão de durar toda tua vida sem necessitarem o menor conserto. Trastes! Sim, são trastes nos quais encontrarás sal bastante para cozinhar ovos! Trastes que teu pai manobrou durante vinte anos e que lhe serviam para fazer de ti o que és.

O pai despenhou-se pela escada tosca, gasta, frouxa, sem falsear o pé; abriu a porta do corredor que dava para a oficina, precipitou-se para a primeira de suas prensas habilmente limpas e engraxadas e apontou para as fortes pranchas de carvalho polidas por um aprendiz.

— Não é um amor de prensa?

Estava a imprimir uma participação de casamento. O velho Urso abaixou a frasqueta sobre o tímpano, e o tímpano sobre o *mármore* que fez rolar sob a prensa; puxou o varão, desenrolou a corda para fazer voltar o *mármore*, levantou o tímpano e a frasqueta com a agilidade de um jovem *urso*. A prensa assim manobrada lançou um grito tão lindo que se poderia julgar ser de um pássaro que tivesse vindo bicar uma vidraça e houvesse fugido.

— Haverá um único prelo inglês capaz de andar assim? — perguntou o pai ao filho atônito.

O velho Séchard correu sucessivamente à segunda e à terceira prensa, fazendo em cada uma delas a mesma manobra com igual habilidade. Na última, deparou-se-lhe aos olhos turvados pelo vinho um lugar negligenciado pelo aprendiz; o bêbado, depois de soltar notáveis pragas, tomou da aba da própria sobrecasaca para esfregá-la, tal como um vendedor de cavalos lustra o pelo do animal que oferece à venda.

— Com estas três prensas, sem chefe de oficina, podes ganhar teus nove mil francos por ano, David. Como teu futuro associado, oponho-me a que as substituas por esses malditos prelos de ferro que gastam os tipos. Vocês em Paris ficaram boquiabertos diante da invenção desse maldito inglês, um inimigo da França, que quis enriquecer os fundidores. Ah! vocês adotaram as *stanhopes*! Muito obrigado pelas *stanhopes* que custam dois mil e quinhentos francos cada uma, quase duas vezes mais do que valem minhas três joias em conjunto, e que destroçam as letras com a sua falta de elasticidade. Não sou instruído

como tu, mas guarda bem isto: a vida das *stanhopes* é a morte do tipo. Estas três prensas te prestarão ótimos serviços, as obras serão *tiradas* com limpeza, e os angoulemenses não te pedirão nada mais. Quer imprimas com ferro, quer com madeira, com ouro ou com prata, não te pagarão nem mais um cobre.

— *Item* — disse David —, cinco mil libras de caracteres, provenientes da fundição do sr. Vaflard...

A esse nome, o aluno dos Didot não pôde evitar um sorriso.

— Ri! Ri! Com doze anos de uso, os tipos estão ainda novos. Aí está o que se chama um fundidor! O sr. Vaflard é homem honesto que fornece material durável; e, para mim, o melhor fundidor é aquele a cuja casa se vai menos vezes.

— Estimados em dez mil francos — continuou David. — Dez mil francos, meu pai! Mas estão a quarenta *sous*^[11] a libra, e os srs. Didot vendem o seu cícero novo por apenas trinta e seis *sous*. Estas cabeças de prego não valem mais que o preço da fundição, dez *sous* a libra.

— Chamas cabeças de prego aos bastardos e cursivos, aos redondos do sr. Gillé, que foi impressor do imperador! Caracteres que valem seis francos a libra, obras-primas de gravura compradas há cinco anos, das quais muitas conservam ainda o branco da fundição, ora! — O velho Séchard pegou de alguns pacotes de *sortes* que jamais haviam servido e mostrou-lhas.

— Não sou sábio, não sei ler nem escrever, mas sei o bastante para adivinhar que os caracteres da casa Gillé foram os pais dos ingleses dos teus Didot. Olha aqui um redondo — fez ele designando uma caixa e nela pegando um M, um redondo de cícero que não foi sequer tocado.

David percebeu que não havia meio de discutir com o pai. Cabia ou tudo admitir ou tudo recusar, achava-se entre um não e um sim. O velho Urso incluía no inventário até os cordões do estendedouro. A menor das ramas, as galeras, as escudelas, a pedra e as escovas de lavar, tudo fora apreçado com o escrúpulo de um avaro. O total ia a trinta mil francos, compreendidas nessa soma a patente de mestre impressor e as luvas pela freguesia.

O rapaz pensava consigo mesmo se era ou não viável o negócio. Ao ver o filho mudo diante do preço, o velho Séchard tornou-se inquieto;

preferiria um debate violento a uma conformidade silenciosa. Nessa espécie de transações, o debate denuncia o comerciante capaz de defender seus interesses. *Quem topa tudo*, dizia o velho Séchard, *não paga nada*. À espreita do pensamento do filho, foi fazendo a enumeração dos maus utensílios necessários à exploração de uma tipografia no interior; conduziu-o sucessivamente a uma prensa de envernizar, a uma outra de aparar, destinadas à feitura das encomendas da cidade, e gabou-lhes a utilidade e a solidez.

— Os velhos utensílios são sempre os melhores — observou. — Numa tipografia devia-se pagá-los mais caro que aos novos, como fazem os laminadores de ouro.

Espaventosas vinhetas representando himeneus, amores, mortos a levantar a pedra do sepulcro descrevendo um V ou um M, enormes cercaduras de máscaras para os cartazes de espetáculos tornaram-se, por efeito da eloquência avinhada de Jerônimo Nicolau, objetos de imenso valor. Disse ao filho que os hábitos da gente do interior estavam tão fortemente enraizados que ele experimentaria em vão dar-lhes mais belas coisas. Ele, Jerônimo Nicolau Séchard, tentara vender-lhes almanaques melhores que o *Double Liégeois*,^[12] impresso em papel de embrulho! pois bem! o verdadeiro *Double Liégeois* fora preferido aos mais magníficos almanaques. David iria reconhecer em breve a importância dessas velharias, vendendo-as a maior preço que as mais caras novidades.

— Ha! ha! meu rapaz, a província é a província, e Paris é Paris. Se um homem do Houmeau vem te encomendar uma participação de casamento, e tu a imprimires sem um Cupido com guirlandas, ele não se acreditará casado e ta devolverá se nela enxergar só um M, como põem os teus Didot, que são a glória da tipografia, mas cujas invenções não serão adotadas na província antes de cem anos. Aí está.

As pessoas generosas dão maus comerciantes. David possuía uma natureza pudica e terna, dessas que se assustam com uma discussão e que cedem no momento em que o adversário lhes pica um pouco mais o coração. Seus sentimentos elevados e o império que o velho bêbado conservava sobre ele o tornavam ainda menos capaz de sustentar um debate sobre dinheiro com o pai, sobretudo por acreditá-lo na melhor

das intenções; pois atribuíra a voracidade do interesse, antes do mais, ao amor que o impressor tinha por seus utensílios. Entretanto, como Jerônimo Nicolau Séchard havia obtido tudo da viúva Rouzeau por dez mil francos em promissórias, e como no estado atual das coisas trinta mil francos era um preço exorbitante, o filho exclamou:

— Meu pai, o senhor me enforca!

— Eu, que te dei a vida?... — disse o velho ébrio levantando as mãos para o teto. — Mas, David, em quanto avalias tu a patente? Sabes o que vale o jornal de editais a dez *sous* a linha, privilégio que, por si só, rendeu quinhentos francos no mês passado? Meu rapaz, abre os livros, vê o que produzem os cartazes e os registros da Prefeitura, as publicações da *mairie*^[13] e as do bispado! És um mandrião que não quer fazer a própria fortuna. Negocias o cavalo que há de te conduzir a um domínio tão belo como o de Marsac!

Ao inventário estava apenso um contrato de sociedade entre o pai e o filho. O bom pai alugava à firma a casa pela soma de mil e duzentos francos, embora não lhe houvesse custado mais de seis mil libras e nela reservava um dos dois quartos existentes na mansarda. Enquanto David Séchard não o houvesse reembolsado dos trinta mil francos, os lucros seriam partilhados em partes iguais; pagos os trinta mil francos, tornar-se-ia o único proprietário da tipografia.

David estimou as possibilidades da patente, da clientela e do jornal, sem se preocupar com os utensílios; julgou poder vencê-las e aceitou as condições. Habitado ao regateio dos camponeses, e nada sabendo dos largos cálculos dos parisienses, admirou-se o velho de tão pronta conclusão.

“Será que meu filho enriqueceu?”, pensou, “ou projeta ele, desde agora, não me pagar?”

Com esse pensamento, interrogou-o para saber se tinha algum dinheiro para dar por conta. A curiosidade do pai despertou a desconfiança do filho. David abotoou-se até o queixo. No dia seguinte, o velho Séchard fez transportar pelo seu aprendiz para o quarto da mansarda os seus móveis, que contava mandar levar para o campo pelas carretas que para lá voltassem vazias. Entregou as três peças do primeiro andar inteiramente nuas ao filho, tal como o investiu na posse

da tipografia sem dar-lhe sequer um níquel para pagar os operários.

Ao pedir-lhe David que, na sua qualidade de associado, contribuisse com a entrada necessária à exploração comum do negócio, o velho impressor se fez de ignorante. Não se obrigara, disse, a dar dinheiro dando a tipografia; seu aporte de capital estava feito. Apertado pela lógica do filho, respondeu-lhe que, quando comprara o estabelecimento da viúva Rouzeau, livrara-se das dificuldades sem um vintém. Se ele, pobre operário despedido de conhecimentos, conseguira vencer, melhor o faria um aluno dos Didot. Ademais, David ganhara o dinheiro com a educação paga com o suor da fronte do seu velho pai, e bem podia empregá-lo agora.

— Que fizeste de teus *ordenados*? — perguntou-lhe voltando à carga, a fim de esclarecer o problema que o silêncio do filho deixara indeciso na véspera.

— Mas não tive então de viver, não tive de comprar livros? — respondeu David indignado.

— Ah! comprava livros? Farás maus negócios. As pessoas que compram livros não são as mais indicadas para imprimir-los — respondeu o Urso.

David experimentou a mais penosa das humilhações, a que é causada pelo rebaixamento de um pai: foi-lhe preciso sofrer o fluxo das razões vis, chorosas, covardes, comerciais, através das quais o velho avaro formulou sua recusa. Recalcou na alma as suas dores vendo-se só, sem apoio, ao enfrentar um especulador no pai, a quem, por curiosidade filosófica, quis conhecer a fundo. Fez-lhe assim observar que nunca lhe pedira contas da herança da mãe. Se essa herança não podia entrar como compensação no preço da tipografia, deveria ao menos servir à sua exploração em comum.

— A fortuna de tua mãe? — disse o velho Séchard. — Mas se era só a sua inteligência e a sua beleza!

A esta resposta David percebeu por inteiro o pai, e compreendeu que, para obter contas dele, seria necessário intentar um processo interminável, caríssimo e desonroso. Aquele nobre coração aceitou o fardo que iria pesar sobre ele, pois sabia bem quanto esforço precisaria desenvolver para cumprir as obrigações do contrato firmado com o pai.

“Trabalharei”, pensou. “Afinal de contas, se tiver dificuldade, o velho as teve também. Não será aliás trabalhar para mim mesmo?”

— Deixo-te um tesouro — acrescentou o pai, inquieto com o silêncio do filho.

David indagou qual seria esse tesouro.

— Marion — concluiu ele.

Marion era uma gorda filha da roça, indispensável à exploração da tipografia: molhava o papel e o aparava, fazia recados e tratava da cozinha, lavava a roupa, descarregava as carroçadas de papel, cobrava contas e limpava os tampões. Se Marion soubesse ler, o velho Séchard já a teria posto na composição.

O pai partiu a pé para o campo. Se bem que felicíssimo com a venda disfarçada com o nome de sociedade, sentia-se inquieto quanto ao modo pelo qual seria pago. Depois das angústias da venda surgem sempre as de sua realização. Todas as paixões são essencialmente jesuíticas. Aquele homem, que via a instrução como coisa inútil, fazia agora esforços para crer na influência da instrução. Hipotecara seus trinta mil francos às ideias de honra que a educação deveria ter desenvolvido no filho. Como jovem bem-educado, David suaria sangue e água para pagar seus compromissos, seus conhecimentos o fariam encontrar recursos, mostrara-se cheio de belos sentimentos, ele pagaria!

Muitos pais que assim agem acreditam ter agido paternalmente, tal como o velho Séchard ao atingir o seu vinhedo situado em Marsac, pequena aldeia a quatro léguas de Angoulême. Esse domínio, onde o proprietário anterior fizera construir uma linda casa, aumentara de ano para ano a partir de 1809, época em que o velho Urso o havia adquirido. Trocou os cuidados da prensa pelos do lagar de vinho e vivia, como ele mesmo afirmava, há muito tempo nas vinhas para não as conhecer bem. Durante o primeiro ano de sua ida para o campo, o pai Séchard manteve por cima de suas estacas uma fisionomia preocupada; vivia em seu vinhedo como outrora em meio da oficina. Aqueles trinta mil francos inesperados o embriagavam mais que o mosto de setembro, e imaginava já contá-los entre os dedos. Quanto menos lhe era devida aquela soma, tanto mais desejava tê-la em caixa.

Desse modo, muitas vezes acorria de Marsac a Angoulême, atraído por suas inquietudes. Galgava as encostas do rochedo no alto do qual se situa a cidade e entrava na oficina para verificar se o filho ia conseguindo livrar-se das dificuldades. Ora, os prelos estavam nos seus lugares. O único aprendiz, com um boné de papel à cabeça, limpava as prensas. O velho Urso ouvia então gemer um dos prelos sobre qualquer cartão de participação, reconhecia seus velhos caracteres e via o filho e o chefe da oficina a ler em suas caixas livros que o Urso tomava por originais. Depois de jantar com David, voltava ao sítio de Marsac, a ruminar seus temores.

A avareza, como o amor, tem o dom da vidência quanto às contingências futuras, fareja-as, apressa-as. Longe da oficina, onde o aspecto dos utensílios o fascinava, transportando-o aos dias em que fazia fortuna, o vinhateiro passava a encontrar no filho inquietantes sintomas de inatividade. A firma Irmãos Cointet o amedrontava, via-a dominando a de Séchard & Filho. Sentia enfim o velhote o vento da desgraça. O pressentimento era justo: a desgraça pairava sobre a casa Séchard. Os avaros, porém, têm o seu deus. Por obra de acasos imprevistos, esse deus faria cair na bolsa do ébrio o preço de sua venda usurária. Eis por que a tipografia Séchard decaía, apesar dos seus indícios de prosperidade.

Indiferente à reação religiosa que a Restauração ia produzindo no governo, e igualmente descuidoso quanto ao liberalismo, David se conservava na mais nociva neutralidade em matéria política e religiosa. Encontrava-se numa época em que o comerciante de província devia professar uma opinião a fim de ter fregueses, pois era necessário optar entre a freguesia dos liberais e a dos monarquistas.

Um amor que invadiu o coração de David, as suas preocupações científicas e o seu bom caráter o impediram de ter aquele apego ao lucro que caracteriza o verdadeiro comerciante, e que o teria feito estudar as diferenças que distinguem a indústria do interior da indústria parisiense. As nuances tão decisivas nos departamentos desaparecem no grande movimento da capital.

Os irmãos Cointet se puseram em consonância com as opiniões monárquicas, fizeram jejum ostensivamente, frequentaram a catedral,

cultivaram relações com os padres, e reimprimiram os primeiros livros religiosos cuja necessidade se fez sentir. Tomaram assim os Cointet a dianteira nesse ramo lucrativo e caluniaram David Séchard acusando-o de liberalismo e de ateísmo. Como, diziam eles, dar trabalho a um homem que tinha como pai um beberrão, um setembrista,[14] um bonapartista, um velho avaro que, cedo ou tarde, haveria de deixar-lhe montões de ouro? Eles eram pobres, carregados de família, enquanto David era rapaz e seria riquíssimo; por isso, não fazia mais que divertir-se etc.

Influenciados por essas acusações lançadas contra David, a prefeitura e o bispado acabaram por conceder o privilégio de suas impressões aos irmãos Cointet. Não tardou muito, esses ávidos antagonistas, animados pela incúria do rival, criaram um segundo jornal de editais. A velha tipografia ficou reduzida às encomendas da cidade, e a renda da sua folha de anúncios diminuiu pela metade. Enriquecida com os lucros consideráveis realizados com os livros de Igreja e de orações, a casa Cointet propôs sem demora aos Séchard comprar-lhes o jornal, a fim de obter os editais do departamento e as inserções judiciais sem partilha. Logo que David transmitiu essa notícia ao pai, o velho vinhateiro, já espavorido com os progressos da casa Cointet, voou de Marsac até a Place du Mûrier com a rapidez do corvo que fareja cadáveres num campo de batalha.

— Deixa os Cointet por minha conta, não te metas neste negócio — disse ao filho.

O velhote adivinhara imediatamente o interesse dos Cointet e os espantou com a sagacidade de suas observações. Seu filho cometia uma tolice que ele vinha impedir, dizia.

— Sobre o que se firmará a nossa clientela, se ele cede o nosso jornal?

Os advogados, os tabeliães, todos os comerciantes do Houmeau são liberais; os Cointet haviam querido prejudicar aos Séchard, acusando-os de liberalismo, e haviam, assim, lhes fornecido uma tábua de salvação; os anúncios dos liberais permaneceriam com os Séchard! Vender o jornal?... Seria vender o material e a patente.

Pedia então aos Cointet sessenta mil francos pela tipografia para

não arruinar o filho: ele amava o filho, defendia o filho. O vinhateiro se serviu do filho como os camponeses se servem de suas mulheres: o filho queria ou não queria, segundo as propostas que arrancava uma a uma aos Cointet, e os levou assim, não sem esforço, a pagarem a soma de vinte e dois mil francos pelo *Jornal de Charente*.

David, porém, teve de obrigar-se a jamais imprimir qualquer outro jornal, fosse qual fosse, sob pena da multa de trinta mil francos por danos e prejuízos.

Tal venda era o suicídio da tipografia Séchard; mas o vinhateiro pouco se importava com isso. Depois do roubo vem sempre o assassinio. O velhote contava aplicar aquela soma ao pagamento do seu capital; e, para a empalmar, teria até dado o filho como estranho ao negócio, tanto mais que aquele incômodo filho tinha direito à metade do tesouro inesperado. Em compensação, o generoso pai lhe abandonava a tipografia, mas mantendo o aluguel da casa pelos famosos mil e duzentos francos.

Depois da venda do jornal aos Cointet, o velho só muito raramente vinha à cidade, alegando sua idade avançada; a verdadeira razão, porém, era o pouco interesse que lhe dispensava uma tipografia que não era mais sua. Contudo, não pôde repudiar inteiramente a velha afeição que consagrava aos seus instrumentos de trabalho. Quando os negócios o traziam a Angoulême, seria muito difícil decidir o que mais o atraía à velha casa, se os seus prelos de madeira ou se o seu filho, de quem vinha pró-forma cobrar seus aluguéis. Seu antigo chefe de oficina, que era agora o dos Cointet, sabia o que devia pensar de tal generosidade paterna; dizia que essa astuta raposa se reservava assim o direito de intervir nos negócios do filho, tornando-se seu credor privilegiado com a acumulação dos aluguéis.

A incúria de David Séchard tinha causas que bem definiam o caráter desse jovem. Dias após a sua instalação na tipografia paterna, encontrara um de seus amigos do colégio, então vítima de profunda miséria. O amigo de David Séchard era um jovem de cerca de vinte e um anos chamado Luciano Chardon e filho de um antigo cirurgião-major dos exércitos republicanos, afastado do serviço por um ferimento. A natureza fizera de Chardon pai um químico, e o acaso o

fizera farmacêutico em Angoulême. A morte o surpreendera em meio aos preparativos indispensáveis para uma lucrativa descoberta em cujas pesquisas consumira muitos anos de estudos científicos. Queria curar todas as espécies de gota. A gota é a doença dos ricos, e os ricos pagam caro pela saúde quando dela estão privados. Desse modo, o farmacêutico escolhera esse problema a resolver entre todos os que se ofereciam às suas meditações.

Colocado entre a ciência e o empirismo, o falecido Chardon compreendera que só a ciência poderia assegurar-lhe o êxito: estudara assim as causas da moléstia e baseava seu remédio em certo regime que o apropriava a todos os temperamentos. Morreu durante uma viagem a Paris, onde fora solicitar a aprovação da Academia de Ciências, e perdeu-se assim o fruto de seus trabalhos.

Na expectativa de fazer fortuna, o farmacêutico em nada negligenciara a educação do filho e da filha, de modo que a manutenção da família devorara invariavelmente o que produzia a farmácia. Deixou, assim, não só os filhos na miséria, mas, o que é pior, educara-os na esperança de destinos brilhantes que com ele se extinguiram. O ilustre Desplein,^[15] que o tratou, viu-o morrer entre convulsões de raiva. Sua ambição tinha como móvel o violento amor que o antigo cirurgião dedicava à mulher, último rebento da família Rubempré, miraculosamente salva por ele do cadafalso em 1793.

É que, mesmo sem que a jovem quisesse consentir em tal mentira, ele ganhara tempo afirmando que ela estava grávida. Depois de assim criar de certo modo o direito de a desposar, casou-se com ela, não obstante a pobreza que lhes era comum. Seus filhos, como todos os filhos do amor, tiveram por herança a maravilhosa beleza da mãe, esse presente tantas vezes fatal quando a miséria o acompanha.

Tais esperanças, tais trabalhos, tais desesperos tão vivamente partilhados haviam alterado profundamente a beleza da sra. Chardon, assim como as lentas degradações da indigência lhe haviam demudado os costumes; mas a sua coragem e a dos filhos igualou a sua desventura.

A pobre viúva vendeu a farmácia, situada na rua principal do Houmeau, o mais importante dos bairros de Angoulême. O preço da

venda lhe permitiu constituir uma renda de trezentos francos, soma insuficiente para a sua própria manutenção; ela e a filha, porém, aceitaram a situação sem corar e voltaram-se a trabalhos mercenários. A mãe cuidava das parturientes, e a sua boa educação a fazia preferida a qualquer outra nas casas ricas, onde vivia sem nada custar aos filhos, ganhando ainda vinte *sous* por dia. Para evitar ao filho o pesar de ver a mãe em situação tão baixa, adotara o nome de sra. Charlotte. As pessoas que reclamavam seus cuidados dirigiam-se ao sr. Postel, o sucessor de Chardon.

A irmã de Luciano trabalhava em uma lavanderia fina com uma mulher honestíssima, sua vizinha, muito considerada no Houmeau, chamada sra. Prieur, e ganhava mais ou menos quinze *sous* por dia. Dirigia as operárias e gozava na oficina certa supremacia que lhe permitia sobressair um pouco da classe das *grisettes*.^[16]

O modesto produto do trabalho de ambas, acrescentado aos trezentos francos de renda da sra. Chardon, perfazia cerca de oitocentos francos por ano, com os quais tinham de viver, morar e vestir-se essas três pessoas. A estrita economia daquele lar fazia essa soma, quase que por inteiro absorvida por Luciano, apenas suficiente. A sra. Chardon e Eva, sua filha, acreditavam em Luciano como a mulher de Maomé acreditava no marido; seu devotamento ao futuro dele era sem limites. Morava essa pobre família no Houmeau, num apartamento alugado por quantia modicíssima pelo sucessor de Chardon, e situado num pátio interior, em cima do laboratório. Luciano ocupava nele um miserável quarto de mansarda.

Estimulado pelo pai, que apaixonado pelas ciências naturais o havia de logo iniciado nesse caminho, Luciano foi dos alunos mais brilhantes do colégio de Angoulême, onde cursava o terceiro ano ao tempo em que Séchard ali terminava os estudos.

Quando o acaso fez com que se tornassem a encontrar os dois antigos colegas, Luciano, farto de beber na grosseira taça da miséria, estava a ponto de tomar um desses partidos extremos aos quais nos decidimos aos vinte anos. Quarenta francos por mês que David deu generosamente a Luciano, oferecendo-se para ensinar-lhe o mister de chefe de oficina, embora um chefe de oficina lhe fosse perfeitamente

inútil, salvaram-no do desespero.

Os laços daquela amizade de escola, assim renovados, estreitaram-se logo pela semelhança de seus destinos e pela diferença de seus caracteres. Ambos, com espírito pleno de muitos dons, possuíam a alta inteligência que põe o homem ao nível de todas as sumidades, e viam-se, não obstante, lançados ao fundo da sociedade. Essa injustiça da sorte foi-lhes um liame poderoso. Além disto, ambos haviam chegado à poesia por caminhos diferentes.

Embora destinado às mais altas especulações das ciências naturais, Luciano se voltava com ardor para a glória literária; enquanto David, cujo gênio meditativo o predispunha à poesia, inclinava-se por gosto para as ciências exatas. Esta interposição de papéis engendrou como que uma fraternidade espiritual. Luciano não tardou a comunicar a David as altas cogitações que herdara do pai sobre as aplicações da ciência à indústria, e David o fez divisar os novos caminhos que deveria percorrer na literatura para conquistar nela nome e fortuna. A amizade dos dois jovens tornou-se em poucos dias uma dessas paixões que só nascem ao sair da adolescência.

David entreviu logo depois a bela Eva, e apaixonou-se por ela como se apaixonam os espíritos melancólicos e meditativos. O *Et nunc et semper et in secula seculorum*^[17] da liturgia é a divisa desses sublimes poetas desconhecidos cujas obras consistem em magníficas epopeias surgidas e perdidas entre dois corações! Ao penetrar o segredo das esperanças que a mãe e a irmã de Luciano punham naquela bela fronte de poeta, ao conhecer-lhes o cego devotamento, o apaixonado achou agradável aproximar-se da amada, partilhando suas emoções e suas esperanças. Luciano foi assim para David um irmão de eleição. Como os ultramontanos que queriam ser mais realistas que o rei, David exagerou a fé que a mãe e a irmã tinham no gênio de Luciano, e o mimou como uma mãe mima o filho.

Durante uma das conversações nas quais, premidos pela falta de dinheiro que lhes atava as mãos, ruminavam, como todos os jovens, meios de realizar rápida fortuna, sacudindo todas as árvores já despojadas pelos primeiros que passaram, sem obter frutos, Luciano lembrou-se de duas ideias do pai. O sr. Chardon falava em reduzir à

metade o preço do açúcar pelo emprego de um novo agente químico, e de diminuir de outro tanto o preço do papel, trazendo da América certas matérias vegetais análogas às de que se serviam os chineses e que quase nada custavam. David, que conhecia a importância do problema levantado já pelos Didot, apoderou-se da ideia, vendo nela uma fortuna, e considerou Luciano como um benfeitor a quem nunca poderia recompensar devidamente.

Adivinham todos a que ponto os pensamentos dominantes e a vida interior dos dois amigos os tornavam incapazes de dirigir uma tipografia. Longe de render quinze a vinte mil francos, como a dos irmãos Cointet, livreiros-impressores do bispado, proprietários do *Correio de Charente*, então o único jornal do departamento, a tipografia de Séchard filho produzia apenas trezentos francos por mês, com os quais tinha que prover aos vencimentos do chefe de oficina, o ordenado de Marion, os impostos, o aluguel; o que reduzia David a uma centena de francos mensais. Homens ativos e industriais teriam renovado os tipos, adquirido prelos de ferro, teriam buscado nas livrarias parisienses obras que imprimiriam a baixo preço: mas o mestre e o chefe da oficina, perdidos nos absorventes trabalhos da inteligência, contentavam-se com as encomendas que lhes confiavam os últimos clientes. Os irmãos Cointet acabaram por conhecer o caráter e os costumes de David, e não o caluniavam mais; ao contrário, uma sábia política lhes aconselhava deixar vegetar a tipografia, entretendo-a numa honesta mediocridade, para que não viesse a cair nas mãos de algum temível antagonista; enviavam-lhe mesmo trabalhos dos chamados “da praça”. Assim, sem o saber, David Séchard não existia, comercialmente falando, senão por hábil cálculo de seus concorrentes. Felizes com o que denominavam sua mania, os Cointet tinham para com ele procedimento na aparência cheio de retidão e lealdade; agiam, porém, na realidade, como a administração das empresas de transporte, quando simulam uma concorrência para evitar alguma de verdade.

O exterior da casa Séchard estava em harmonia com a crassa avareza que reinava no seu interior, onde o velho Urso jamais consertara coisa alguma. A chuva, o sol, as intempéries de cada estação

havia dado o aspecto de um velho tronco de árvore à porta do corredor, tão sulcada estava de fendas irregulares. A fachada, mal construída de pedras e tijolos misturados sem simetria, parecia curvar-se sob o peso do telhado carcomido, sobrecarregado dessas telhas côncavas que constituem todos os tetos no sul da França. As vidraças carunchosas eram guarnecidas de enormes postigos revestidos de espessas travessas como o exige o clima quente. Seria impossível encontrar em toda Angoulême casa mais estragada que aquela, que parecia só se sustentar pela força da argamassa. Imaginai aquela oficina, clara nas extremidades, escura no meio, com paredes cobertas de cartazes, brunida, embaixo, pelo contato dos operários que por ali haviam rolado durante trinta anos, seus aprestos de cordas no forro, suas pilhas de papel, seus velhos prelos, seus montes de lousas para apertar o papel umedecido, suas filas de caixas, e, ao fundo, os dois cubículos de grades, onde, cada um de seu lado, conservavam-se o dono e o chefe; compreendereis então a existência dos dois amigos.

Em 1821, nos primeiros dias de maio, David e Luciano estavam junto às vidraças do pátio no momento em que, pelas duas horas, os seus quatro ou cinco operários deixavam a oficina para irem jantar. Ao ver o aprendiz fechar a porta com sineta que dava para a rua, David levou Luciano para o pátio, como se o cheiro do papel, dos tinteiros, dos prelos e da madeira velha lhe fosse insuportável. Sentaram-se os dois sob uma latada de onde podiam ver quem quer que entrasse na oficina. Os raios do sol que brincavam nas folhas da parreira acariciavam os dois poetas, envolvendo-os com a sua luz como uma auréola. O contraste marcado pela oposição daqueles dois caracteres e daquelas duas fisionomias acusou-se então tão vigorosamente que teria seduzido o pincel de um grande pintor.

David tinha as formas que a natureza dá aos seres destinados a grandes lutas, abertas ou secretas. Seu largo busto era flanqueado por fortes espáduas em harmonia com a plenitude de toda a sua figura. Seu rosto, de tom moreno, corado, largo, suportado por forte pescoço, envolto por abundante floresta de cabelos negros, parecia-se à primeira vista com o dos cônegos cantados por Boileau;[\[18\]](#) um segundo exame, porém, nos revelaria nas pregas dos lábios espessos, na covinha do

queixo, nos contornos do nariz reto, emoldurado entre planos revoltos, sobretudo nos olhos, o brilho contínuo de um amor único, a sagacidade do pensador, a ardente melancolia de um espírito que podia abarcar os dois extremos do horizonte, penetrando-lhe todas as sinuosidades, e que se aborrecia facilmente com os gozos puramente ideais, submetendo-os à luz da análise. Se se adivinhavam em sua face os clarões do gênio que desponta, viam-se também cinzas junto ao vulcão; a esperança ali se amortecia pelo profundo sentimento do vazio social, em que o nascimento obscuro e a falta de fortuna mantêm tantos espíritos superiores.

Ao lado do pobre tipógrafo, a quem seu estado, embora muito próximo da inteligência, enjoava, ao lado daquele Sileno[19] pesadamente apoiado sobre si mesmo, bebendo a longos tragos da taça da ciência e da poesia, com elas se inebriando para esquecer as desventuras da vida de província, Luciano conservava a atitude graciosa que os escultores deram ao Baco hindu. Seu rosto tinha a distinção de linhas da beleza antiga: testa e nariz gregos, a brancura veludosa das mulheres, olhos negros de tão azuis, olhos cheios de amor, cuja córnea rivalizava em brancura com a de uma criança. Esses belos olhos eram encimados por sobranceiras que pareciam traçadas por um pincel chinês e eram bordados de longos cílios castanhos. Ao longo de suas faces brilhava uma penugem sedosa, cuja cor se harmonizava com a da cabeleira loura naturalmente ondeada. Uma suavidade divina transparecia de suas têmporas de um branco dourado. Uma incomparável nobreza se via impressa em seu queixo curto, levemente proeminente. O sorriso dos anjos tristes errava em seus lábios de coral realçados por belos dentes. As mãos eram fidalgas, de homem bem-nascido, mãos elegantes, dessas que as mulheres gostam de beijar e a cujos acenos os homens se sentem no dever de obedecer. Luciano era magro e de estatura mediana.

Ao ver-lhe os pés, os homens sentir-se-iam tentados a tomá-los pelos de uma jovem disfarçada, sobretudo porque, à semelhança da maior parte dos homens finos, para não dizer astuciosos, tinha as ancas conformadas como as de uma mulher. Esse indício, que raramente engana, era verdadeiro em Luciano, tanto que o pendor de

seu espírito buliçoso o levava por vezes, ao analisar o estado atual da sociedade, para o terreno da depravação peculiar aos diplomatas que acreditam que o êxito é a justificativa de todos os meios, ainda que vergonhosos. Uma das infelicidades a que estão sujeitas as grandes inteligências é a de compreender forçosamente todas as coisas, tanto os vícios como as virtudes.

Os dois jovens julgavam a sociedade tanto mais soberanamente quanto mais baixo se achavam nela colocados, pois os homens esquecidos se vingam da humildade de sua posição pela altivez do olhar. E o seu desespero era tanto mais amargo quanto iam assim mais rapidamente aonde os conduziam seus verdadeiros destinos. Luciano havia lido muito e muito comparado; David pensara muito e muito meditará.

Apesar da aparência de uma saúde vigorosa e rústica, o tipógrafo tinha um gênio melancólico e doentio, e duvidava de si próprio; Luciano, entretanto, dotado de um espírito empreendedor, mas versátil, possuía uma audácia em desacordo com seu ar mole, quase débil, mas cheio de graça feminina. Luciano possuía no mais alto grau o caráter gascão, atrevido, bravo, aventureiro, que encarece o bem e apequena o mal, que não recua diante de uma falta se lhe dá proveito, e que se ri do vício se dele pode fazer degrau. Tais tendências de ambicioso encontravam-se então amortecidas pelas belas ilusões da juventude, pelo ardor que o levava para os nobres meios que os homens enamorados da glória empregam antes que os demais. Só lutava então com os seus desejos e não com as dificuldades da vida, com sua própria força e não com a covardia dos homens, que é exemplo fatal para os espíritos inconstantes.

Vivamente seduzido pelo brilhante espírito de Luciano, David o admirava, justificando-lhe todos os erros nos quais a fúria francesa o lançava. Aquele homem justo possuía um espírito tímido em desacordo com sua constituição robusta, mas não lhe faltava a persistência dos homens do norte. Se entrevia todas as dificuldades, jurava vencê-las sem desanimar, e, se possuía a firmeza de uma virtude verdadeiramente apostólica, temperava-a com a flexibilidade de uma indulgência inesgotável. Nessa amizade já velha, um dos dois amava

com idolatria, e era David. Também Luciano mandava, como uma mulher que se sabe amada. David obedecia com prazer. A beleza física do amigo continha uma superioridade que ele aceitava, achando-se comum e pesado.

“Ao boi a paciente agricultura, e ao pássaro a vida indolente”, pensava o tipógrafo. “Serei o boi e Luciano será a águia.”

Havia mais ou menos três anos que os dois rapazes tinham confundido seus destinos, de tão brilhante futuro. Liam as grandes obras aparecidas, depois da paz, nos setores literário e científico; as obras de Schiller, de Goethe, de Lord Byron, de Walter Scott, de Jean Paul,[20] de Berzélius,[21] de Davy,[22] de Cuvier,[23] de Lamartine etc. Aqueciam-se nesses grandes focos, ensaiavam-se em trabalhos abortados ou começados, deixados e retomados com entusiasmo. Trabalhavam continuamente sem cansar as inesgotáveis forças da juventude. Igualmente pobres, mas devorados pelo amor à ciência e à arte, esqueciam a miséria presente na preocupação de lançar os alicerces de seu renome.

— Luciano, sabes o que acabo de receber de Paris? — perguntou o tipógrafo tirando do bolso um volumezinho in-18. — Ouve!

David leu, como sabem ler os poetas, o idílio de André de Chénier intitulado *Neera*, e depois o do *Jovem doente*, a elegia sobre o suicídio, ao gosto antigo, e os dois últimos iambos.

— Eis pois o que é André de Chénier! — exclamou Luciano por diversas vezes. — É de desesperar — repetia ele pela terceira vez, quando David, emocionado demais para continuar, lhe deixou pegar o volume.

— Um poeta reencontrado por outro poeta![24] — observou ao ver a assinatura do prefácio.

— Depois de haver escrito este volume — disse David —, Chénier acreditava nada ter feito que fosse digno de se publicar.

Luciano leu por sua vez o épico trecho de *O cego* e várias elegias. Ao chegar ao fragmento: “Se eles não são felizes, haverá felicidade sobre a terra?”,[25] baixou o livro, e os dois amigos choraram, pois ambos amavam com idolatria.

Os pânpanos se coloriram, os velhos muros da casa, fendidos,

encurvados, cá e lá percorridos por ignóbeis fendas, se revestiram de caneluras, de bastiões, de baixos-relevos, de inumeráveis obras-primas de não sei que arquitetura, trabalhada pelas mãos de alguma fada. A fantasia sacudira suas flores e seus rubis sobre o patiozinho obscuro. A Camila de André de Chénier tornara-se para David a sua Eva adorada, e para Luciano uma grande dama que ele cortejava. A poesia tinha agitado o planejamento majestoso de seu vestido estrelado sobre a oficina onde gesticulavam os *símios* e os *ursos* da tipografia.

As cinco horas haviam soado, mas os dois amigos não sentiam nem fome nem sede; a vida se lhes tornara um sonho azul, possuíam todos os tesouros da terra a seus pés. Avistavam aquela fímbria de horizonte azulado que o dedo da Esperança aponta àqueles cuja vida é tempestuosa e a quem diz com a sua voz de sereia: “Ide, voai, fugireis à desgraça por aquele espaço de ouro, de prata ou de azul”.

Naquele instante, um aprendiz chamado Cérizet, um garoto de Paris que David trouxera para Angoulême, abriu a pequena porta envidraçada que comunicava a oficina com o pátio e apontou os dois amigos a um desconhecido que avançou cumprimentando-os.

— Senhor — disse a David, tirando do bolso um enorme caderno —, aqui está uma monografia que desejo publicar. Quer calcular quanto vai custar?

— Senhor, nós não imprimimos originais tão volumosos — respondeu David sem olhar para o caderno —, procure os senhores Cointet.

— Mas temos, entretanto, um tipo belíssimo que poderia servir — interrompeu Luciano, tomando o manuscrito. — Será necessário que tenha a bondade de voltar amanhã, deixando-nos sua obra, para calcularmos as despesas da impressão.

— Não é ao senhor Luciano Chardon que tenho a honra...

— Sim, senhor — respondeu o chefe da oficina.

— Sinto-me feliz, senhor — continuou o autor —, em conhecer um jovem poeta destinado a tão belo futuro. Enviou-me aqui a sra. de Bargeton.

Ao ouvir esse nome, Luciano corou e balbuciou algumas palavras para exprimir seu reconhecimento pelo interesse que por ele

manifestava a sra. de Bargeton. David notou o rubor e o embaraço do amigo e deixou-o a conversar com o fidalgo camponês, autor de uma monografia sobre a criação do bicho-da-seda, a quem sua vaidade levava a procurar editá-la para poder ser lido pelos seus colegas da Sociedade de Agricultura.

— E então, Luciano — disse David, depois de o cavalheiro sair —, será que amas a sra. de Bargeton?

— Loucamente!

— Mas vocês estão mais separados pelos preconceitos do que se estivesse ela em Pequim e tu na Groenlândia.

— A vontade de dois seres que se amam triunfa sobre tudo — disse Luciano, baixando os olhos.

— Vais esquecer-nos — respondeu o tímido namorado da linda Eva.

— Ao contrário, talvez te haja sacrificado minha amada — exclamou Luciano.

— Que queres dizer?

— Apesar do meu amor, apesar dos muitos motivos que me levam a introduzir-me em sua casa, disse-lhe que lá não voltaria se um homem, cujos dotes eram superiores aos meus, cujo futuro deverá ser de glórias, se David Séchard, meu irmão, meu amigo, não fosse lá recebido. A resposta deve encontrar-se lá em casa. Mas, ainda que todos os aristocratas sejam convidados para me ouvir ler versos esta noite, se a resposta for negativa, nunca mais porei os pés em casa da sra. de Bargeton.

David apertou violentamente a mão de Luciano, depois de haver enxugado os olhos.

Soaram seis horas.

— Eva deve estar inquieta, adeus — disse bruscamente Luciano.

Saiu, deixando David entregue a uma dessas emoções que só se sentem completamente nessa idade, sobretudo na situação em que se encontravam esses dois jovens cisnes, aos quais a vida provinciana não cortara ainda as asas.

— Coração de ouro! — exclamou David acompanhando com os olhos Luciano, que atravessava a oficina.

Luciano desceu ao Houmeau pelo belo passeio de Beaulieu, pela Rue

du Minage e a Porte Saint-Pierre. Se tomava assim o caminho mais longo, certo adivinhareis que a casa da sra. de Bargeton ficava nesse trajeto. Experimentava tanto prazer em passar sob as janelas daquela dama, mesmo sem que ela o soubesse, que havia dois meses não voltava mais ao Houmeau senão pela Porte-Palet.

Ao chegar às árvores de Beaulieu, contemplou a distância que separava Angoulême do Houmeau. Os costumes do lugar haviam levantado entre ambos barreiras morais bem mais difíceis de franquear que as ladeiras pelas quais Luciano descia. O jovem ambicioso que acabava de se introduzir no palácio de Bargeton, lançando a glória como uma ponte pênsil entre a cidade e o bairro, sentia-se inquieto quanto à decisão de sua amada, tal como um favorito teme uma desgraça após haver tentado estender o próprio poder.

Estas palavras devem parecer obscuras aos que não tiveram ocasião de observar os costumes peculiares às localidades que se dividem em cidade alta e cidade baixa; entretanto, é necessário entrarmos aqui em algumas explicações sobre Angoulême, tanto mais que elas farão com que melhor se compreenda a sra. de Bargeton, personagem das mais importantes desta história.

II – A SRA. DE BARGETON

Angoulême é uma velha cidade, construída no cimo de um rochedo da forma cônica que domina as várzeas pelas quais rola o rio Charente. Tal rochedo estende para o Périgord uma longa colina que termina bruscamente sobre a estrada de Paris a Bordeaux, formando uma espécie de promontório desenhado por três vales pitorescos. A importância desta cidade no tempo das guerras religiosas é atestada por seus baluartes, por suas portas e pelos restos de uma fortaleza levantada no cume do rochedo. Sua situação tornava-a outrora um ponto estratégico igualmente precioso a católicos e calvinistas; mas a sua força de então constituiu-se na sua fraqueza de hoje: impedindo-a de instalar-se à margem do Charente, as suas muralhas e a encosta muito íngreme do rochedo condenaram-na à mais funesta imobilidade.

Ao tempo em que se passou esta história, seu governo ensaiou

estender a cidade para o Périgord, construindo ao longo da colina o palácio da Prefeitura, uma escola de marinha e estabelecimentos militares, abrindo ruas.

O comércio, porém, lhe tomara a dianteira, e para outras bandas. Desde muito o bairro do Houmeau crescera, como uma camada de cogumelos, ao pé do rochedo e às margens do rio, ao longo do qual passa a grande estrada Paris-Bordeaux. Ninguém ignora a celebridade das fábricas de papel de Angoulême, que, há mais de três séculos, se haviam estabelecido necessariamente junto ao rio e aos seus afluentes, onde encontraram quedas d'água. O Estado estabelecera em Ruelle sua mais considerável fundição de canhões para a marinha. As empresas de transporte, as de carruagens de aluguel, o correio, as hospedarias, as oficinas de conserto de carros, todas as indústrias que vivem da estrada e do rio, se agruparam na baixada de Angoulême para evitar as dificuldades que apresenta o seu acesso. Naturalmente, as fábricas de cerveja, as lavanderias, todo o comércio fluvial ficou junto ao Charente; depois, os armazéns de aguardente, os depósitos de todas as matérias-primas transportadas pelo rio, todo o tráfico, enfim, marginou o Charente com os seus estabelecimentos. O bairro do Houmeau tornou-se uma cidade rica e industriosa, uma segunda Angoulême, que invejava a cidade alta onde ficaram o governo, o bispado, a justiça, a aristocracia.

O Houmeau, assim, não obstante seu ativo e crescente poder, nunca passou de uma dependência de Angoulême. No alto, a nobreza e o poder; embaixo, o comércio e o dinheiro; duas zonas sociais constantemente inimigas sob todos os aspectos; difícil era assim adivinhar qual das duas cidades mais odiava a rival.

A Restauração havia agravado, fazia nove anos, esse estado de coisas, bem mais calmo no tempo do Império. As casas da alta Angoulême são na maior parte habitadas por famílias nobres ou por antigas famílias burguesas que vivem de suas rendas, formando uma espécie de nação autóctone no seio da qual jamais se recebem estranhos. A muito custo, após duzentos anos de residência, após uma aliança com alguma das famílias primordiais, uma família de alguma das províncias vizinhas é adotada; aos olhos dos nativos, parece ter

chegado ontem ao lugar.

Os prefeitos, os recebedores, as administrações que se sucederam durante quarenta anos tentaram civilizar essas velhas famílias empoleiradas em sua rocha como corvos desconfiados: as famílias aceitaram suas festas e seus jantares, mas se recusaram sempre a admiti-los em suas casas.

Escarninhas, maldizentes, ciumentas, avaras, essas casas casam-se entre si, formam um batalhão cerrado para não deixar ninguém entrar nem sair; as criações do luxo moderno, elas as ignoram; para elas, mandar um filho a Paris é querer perdê-lo. Esta prudência pinta os hábitos e costumes antiquados daquelas famílias presas de um monarquismo tolo, imbuídas de devoção mais que de religiões, vivendo todas imóveis como a sua cidade e o seu rochedo.

Angoulême, não obstante, goza de grande reputação nas províncias adjacentes graças à educação que nela se ministra. As cidades vizinhas enviam suas filhas para os seus internatos e conventos. Fácil é perceber quanto o espírito de casta influi nos sentimentos que separam Angoulême do Houmeau. O comércio é rico, e a nobreza, geralmente pobre. Esta vinga-se daquele por um desprezo que é igual de ambos os lados. A burguesia de Angoulême participa da querela. O comerciante da cidade alta diz de um negociante do bairro de baixo, com expressão indefinível: — É um homem do Houmeau!

Delineando a posição da nobreza na França e dando-lhe esperanças que não se poderiam realizar sem um transtorno geral, a Restauração aumentou a distância moral que separava, mais fortemente que a distância local, Angoulême do Houmeau. A sociedade nobre, unida então ao governo, tornou-se ali mais exclusivista que em qualquer outro lugar da França. O habitante do Houmeau parecia-se muito a um pária. Daí procederam aqueles ódios surdos e profundos que deram espantosa unanimidade à insurreição de 1830 e destruíram na França os elementos de um estado social durável. A arrogância da nobreza da corte desafeiçoou do trono a nobreza da província, tanto quanto esta dele afastava a burguesia ferindo-lhe todas as vaidades.

Um homem do Houmeau, filho de um farmacêutico, recebido em casa da sra. de Bargeton, era, pois, uma pequena revolução. Quais os

seus autores? Lamartine e Victor Hugo, Casimir Delavigne e Canalis, Béranger e Chateaubriand, Villemain e Aignan, Soumet e Tissot, Étienne e D'Avrigny, Benjamin Constant e Lamennais, Cousin e Michaud,[26] enfim, tanto as velhas como as jovens ilustrações literárias, os liberais como os monarquistas. A sra. de Bargeton amava as letras e as artes, gosto extravagante, mania grandemente deplorada em Angoulême, mas que é preciso justificar esboçando a vida daquela mulher nascida para ser célebre, mantida na obscuridade por circunstâncias fatais, e cuja influência determinou o destino de Luciano.

O sr. de Bargeton era bisneto de um juiz de Bordeaux, chamado Mirault, enobrecido por Luís XIII depois de longo exercício do cargo. Sob Luís XIV, seu filho, tornado Mirault de Bargeton, foi oficial da guarda de palácio e realizou tão brilhante casamento de interesse que, ao tempo de Luís XV, seu filho já era chamado simplesmente sr. de Bargeton. Esse sr. de Bargeton, neto do sr. de Mirault, o juiz, mostrou tanto empenho em se conduzir como perfeito cavalheiro, que esbanjou todos os bens da família e pôs um paradeiro à sua fortuna.

Dois de seus irmãos, tios-avós do De Bargeton atual, tornaram-se negociantes, de modo que ainda se encontram alguns De Mirault no comércio de Bordeaux. Como as terras de De Bargeton, situadas no Angoumois, na zona do feudo de La Rochefoucauld, bem como a residência de Angoulême, chamada palácio de Bargeton, fossem indivisíveis, o neto do sr. de Bargeton, o dissipador, herdara as duas propriedades. Em 1789, porém, perdeu o domínio útil, conservando apenas a renda da terra, que ascendia mais ou menos a seis mil libras anuais. Se seu avô houvesse seguido os gloriosos exemplos de De Bargeton I e De Bargeton II, o De Bargeton V, que se pode chamar o Mudo, teria sido marquês de Bargeton; e, se se houvesse aliado a alguma grande família, poderia ter-se elevado, como tantos outros, a duque e par do reino; em vez disso, achou-se muito lisonjeado ao desposar em 1805 a srta. Maria Luísa Anaïs de Nègrepelisse, filha de um nobre esquecido de há muito em seu domínio, embora pertencesse ao ramo mais novo de uma das mais antigas famílias do sul da França. Houvera um De Nègrepelisse entre os reféns de São Luís; o chefe do

antigo ramo, porém, trazia o nome ilustre D'Espard,[27] adquirido sob o reinado de Henrique IV por um casamento com a herdeira desta família. Tal nobre, filho mais moço de outro último rebento, vivia na propriedade da mulher, pequena terra próxima de Barbezieux, que ele explorava maravilhosamente, indo vender ao mercado o seu trigo, fabricando ele próprio o seu vinho e rindo-se das zombarias contanto que embolsasse os escudos e pudesse, de quando em vez, ampliar suas terras.

Circunstâncias muito raras no fundo da província haviam inspirado à sra. de Bargeton o gosto pela música e pela literatura. Durante a Revolução, um padre Niollant, o melhor aluno do padre Rose,[28] escondera-se no pequeno castelo de Escarbas, para lá levando sua bagagem de compositor. Pagara largamente a hospitalidade do velho fidalgo, educando-lhe a filha Anaïs, chamada Naïs por abreviação, a qual, sem essa aventura, teria sido abandonada a si mesma, ou, por pior sorte, a uma qualquer criada de quarto. O padre era não somente musicista, mas possuía extensos conhecimentos de literatura, sabia o italiano e o alemão. Ensinou assim esses dois idiomas e contraponto à srta. de Nègrepelisse; explicou-lhe as grandes obras literárias da França, da Itália e da Alemanha, decifrando com ela a música de todos os mestres. Para combater, por fim, a ociosidade da profunda solidão a que o condenavam os acontecimentos políticos, ensinou-lhe o grego e o latim, e deu-lhe algumas tinturas das ciências naturais. A presença da mãe não modificou em nada essa educação masculina de uma jovem criatura já bastante atraída para a independência pela vida do campo.

O padre Niollant, alma entusiástica e poética, era notado, sobretudo, pelo espírito peculiar aos artistas, que, dotado de muitas qualidades apreciáveis, se eleva, entretanto, acima das ideias burguesas pela liberdade dos julgamentos e pela largueza de vistas. Se, na sociedade, tal espírito faz com que se perdoem suas temeridades devido a sua profunda originalidade, pode bem parecer prejudicial na vida privada pelos desatinos que inspira. Ao padre não faltava coração, suas ideias tornaram-se contagiosas para a jovem em quem a exaltação própria da mocidade se via estimulada pela solidão do campo. O padre Niollant comunicou assim sua ousadia de crítica e sua facilidade de

juízo à aluna, sem cuidar que essas qualidades, tão necessárias a um homem, tornam-se defeitos numa mulher destinada às humildes tarefas de mãe de família. E, embora lhe recomendasse incessantemente que fosse tanto mais graciosa e modesta quanto maior fosse o seu saber, a srta. de Nègrepelisse formou excelente opinião de si mesma e concebeu robusto desprezo pela humanidade.

Não vendo ao seu redor senão inferiores e criaturas solícitas em lhe obedecer, apoderou-se dela a altivez das grandes damas, sem o leve lustro da sua polidez. Lisonjeada em toda a sua vaidade por um pobre padre que nela se contemplava como um autor em sua obra, teve a infelicidade de não encontrar ponto algum de comparação que a ajudasse a se julgar.

A falta de companhia é um dos grandes inconvenientes da vida do campo. Na impossibilidade de dedicar a alguém os pequenos sacrifícios exigidos pela apresentação e pelo trato pessoal, perde-se o hábito de incomodar-se pelos outros. Tudo em nós se vicia então, a forma e o espírito. Não tendo sido reprimida pela prática da sociedade, a liberdade de ideias da srta. de Nègrepelisse passou para os seus modos e para o seu olhar; tinha esse ar de desembaraço que nos parece à primeira vista original, mas que só aplica às mulheres de vida aventureira. Desse modo, aquela educação, cujas arestas ter-se-iam polido nas altas regiões sociais, torná-la-ia ridícula em Angoulême, mal os seus adoradores deixassem de divinizar-lhe os erros, só graciosos na juventude.

Quanto ao sr. de Nègrepelisse, daria todos os livros da filha para salvar um boi doente; porque era tão avaro que não lhe concederia dois vinténs além da renda a que ela tinha direito, mesmo quando se tratasse de comprar-lhe a bagatela mais necessária à sua educação.

O padre faleceu em 1802, antes do casamento da discípula amada, casamento que ele teria, sem dúvida, desaconselhado. O velho gentleman viu-se bem embaraçado com a filha ao morrer o padre. Sentiu-se fraco demais para sustentar a luta que se abriria entre a sua avareza e o espírito independente da filha ociosa. Como todas as jovens saídas do caminho restrito por onde devem andar as mulheres, Naïs prejudicou o casamento e pouco se preocupava com ele. Repugnava-lhe submeter a

sua inteligência e a sua pessoa aos homens sem valor e sem grandeza pessoal que havia podido encontrar. Queria mandar, e tinha de obedecer. Entre obedecer a caprichos grosseiros, a espíritos sem indulgência para com seus gostos, e fugir com um amante que lhe agradasse, ela não teria hesitado. O sr. de Nègrepelisse era ainda bastante fidalgo para que lhe repugnasse um casamento desigual. Como muitos outros pais, resolveu-se a casar a filha mais para sua própria tranquilidade do que por ela mesma. Era preciso encontrar um nobre ou um cavalheiro não muito inteligente, incapaz de esmiuçar as contas da tutela como as queria prestar, bastante nulo de espírito e de vontade para que Naïs fosse livre de se conduzir a seu talante, assaz desinteressado para desposá-la sem dote.

Mas como encontrar um genro que conviesse igualmente ao pai e à filha? Tal homem seria a fênix dos genros. Com esse duplo fim, o sr. de Nègrepelisse estudou os homens da província, e o sr. de Bargeton pareceu-lhe ser o único que correspondia ao seu programa. O sr. de Bargeton, quarentão muito estragado pelas dissipações amorosas da juventude, era acusado de uma notável incapacidade intelectual; restava-lhe, porém, suficiente bom senso para administrar a própria fortuna e bastante tino social para permanecer na alta roda de Angoulême sem cometer faltas nem fazer tolices.

O sr. de Nègrepelisse explicou cruamente à sua filha o valor negativo do marido-modelo que lhe propunha, e lhe fez ver o partido que ela daí poderia tirar para sua própria felicidade: desposaria armas com duzentos anos de antiguidade, os De Bargeton *esquartelam de ouro com três massacres de veado de goles, postos dois e um, cruzados de três encontros de boi de sable, postos um e dois; com um faixado de seis peças de blau e prata, o blau carregado de seis vieiras de ouro, postas três, duas e uma.*

Munida de um *chaperon*, ela administraria a seu sabor a fortuna, sob a égide de uma razão social, e com o auxílio de relações que seu espírito e sua beleza lhe proporcionariam em Paris. Naïs se deixou seduzir pela perspectiva de semelhante liberdade. O sr. de Bargeton pensou fazer um brilhante casamento, na esperança de que o sogro não tardasse muito a lhe deixar as terras que arredondava com amor. A

essa época, entretanto, o sr. de Nègrepelisse tinha toda a aparência de que ainda haveria de redigir o epitáfio do genro. A sra. de Bargeton encontrava-se então com trinta e seis anos, e o marido com cinquenta e oito. Essa disparidade chocava tanto mais quanto o sr. de Bargeton parecia ter setenta anos enquanto a mulher poderia impunemente assumir ares de mocinha, vestir-se de cor-de-rosa ou pentear-se como uma menina. Não obstante não exceder a sua fortuna a doze mil libras de renda, fazia parte das seis fortunas mais consideráveis da velha cidade, se excetuarmos os negociantes e administradores. A necessidade de cultivar a amizade do pai, de quem a sra. de Bargeton esperava a herança, a fim de ir para Paris, e que tão bem soube fazer esperar que o genro morreu antes dele, forçou o sr. e a sra. de Bargeton a habitar Angoulême, onde as brilhantes qualidades de espírito e as gemas brutas ocultas no coração de Naïs deveriam perder-se sem fruto, e mudar-se em ridículo com o tempo. Efetivamente, os nossos ridículos são, em grande parte, causados por um belo sentimento, por virtudes ou por faculdades levadas ao extremo.

O orgulho não polido pelo roçar do grande mundo transforma-se em emproamento, malbaratando-se em pequenas coisas em vez de engrandecer-se num círculo de sentimentos elevados.

A exaltação, essa virtude na virtude, que cria as santas e inspira os devotamentos ocultos e as poesias brilhantes, transforma-se em excessos quando dedicada às ninharias da província. Longe do centro onde brilham os grandes espíritos, onde o ar está carregado de ideias, onde tudo se renova, a instrução envelhece, o gosto se corrompe como uma água estagnada. Na falta de exercício, as paixões minguam avolumando as coisas mínimas. Aí está a razão da avareza e dos diz que diz que empestam a vida da província. Sem tardança, a imitação das ideias estreitas e das maneiras mesquinhas se apossa da pessoa mais distinta. Assim perecem homens que haviam nascido para ser grandes, e mulheres que, elevadas pelos ensinamentos da sociedade e formadas por espíritos superiores, teriam sido encantadoras. A sra. de Bargeton tangia a lira a propósito de uma bagatela, sem distinguir a poesia íntima da poesia pública. Existem, sem dúvida, certas sensações incompreendidas que devem ser guardadas em nós mesmos.

Certamente um pôr do sol é um grande poema, mas não será ridículo para uma mulher descrevê-lo com palavras grandiloquentes diante de criaturas materialistas?

Há delicadas voluptuosidades que não podem ser saboreadas senão entre duas criaturas, de poeta a poeta, de coração a coração. A sra. de Bargeton tinha o defeito de empregar essas imensas frases ericadas de palavras enfáticas, tão engenhosamente chamadas *tartines* na gíria do jornalismo, que todas as manhãs serve algumas bem pouco digeríveis aos assinantes, e que entretanto eles engolem. Prodigalizava desmesuradamente superlativos que sobrecarregavam sua conversação, fazendo as menores coisas assumirem proporções gigantescas. Começou desde essa época a tudo *tipificar*, *individualizar*, *sinetizar*, *dramatizar*, *superiorizar*, *analisar*, *poetizar*, *prosaicizar*, *colossificar*, *angelizar*, *neologizar* e *tragificar*; porque é preciso violar por um momento a língua a fim de pintar os novos caprichos que se apoderam de certas damas. Seu espírito se inflamava, aliás, como sua linguagem. O ditirambo estava em seu coração e em seus lábios. Palpitava, extasiava-se, entusiasmava-se por qualquer acontecimento: pelo devotamento de uma irmã de caridade e pela execução dos irmãos Faucher,[29] pelo *Ipsiboé* do sr. d'Arlincourt[30] como pela *Anaconda* de Lewis,[31] pela evasão de Lavalette[32] como por uma de suas amigas que pusera em fuga alguns ladrões, falando com voz grossa. Para ela, tudo era sublime, extraordinário, estranho, divino, maravilhoso. Animava-se, encolerizava-se, abatia-se, alcandorava-se, e quer olhando o céu ou a terra seus olhos se enchiam de lágrimas. Gastava a vida em perpétuas admirações e se consumia em estranhos desdéns. Compreendia o paxá de Janina,[33] desejaria lutar com ele em seu serralho, e via qualquer coisa de grandioso em ser cosida num saco e jogada à água. Invejava lady Esther Stanhope,[34] essa pedante do deserto. Vinham-lhe desejos de se fazer irmã de santa Camila e de ir morrer de febre amarela em Barcelona curando os pestosos: seria um grande, um nobre destino! Tinha, enfim, sede de tudo o que não fosse a água clara de sua vida, escondida entre as ervas. Adorava Lord Byron, Jean-Jacques Rousseau, todas as existências poéticas e dramáticas. Tinha lágrimas para todas as desgraças, e fanfarras para todas as

vitórias. Simpatizava com Napoleão vencido, simpatizava com Mehemet-Ali[35] chacinando os tiranos do Egito. Revestia de uma auréola todas as criaturas de gênio, e acreditava que elas viviam de perfumes e de luz. A muitas pessoas parecia uma louca, mas de uma loucura sem perigo; a um observador mais perspicaz, porém, essas coisas teriam parecido destroços de magnífico amor que desabara apenas construído, restos de uma Jerusalém celeste; em resumo, o amor sem o ser amado. E era verdade. A história dos primeiros dezoito anos do casamento da sra. de Bargeton pode ser escrita em poucas palavras: viveu durante algum tempo de sua própria essência e de esperanças longínquas. Depois, quando viu que a vida de Paris, a que aspirava, lhe estava interdita pela mediocridade de sua fortuna, pôs-se a examinar as pessoas que a cercavam, e sentiu um frêmito de solidão. Não havia ao seu redor homem algum que lhe pudesse inspirar uma dessas loucuras às quais se entregam as mulheres impelidas pelo desespero que lhes causava a vida sem finalidade, sem acontecimentos, sem interesse.

Não podia contar com nada, nem mesmo com o acaso, porque há vidas sem acasos. Ao tempo em que o Império brilhava em toda a sua glória, quando da passagem de Napoleão pela Espanha, para onde enviara a nata de suas tropas, as esperanças dessa mulher, frustradas até então, de novo despertaram. A curiosidade a levou naturalmente a contemplar esses heróis que conquistavam a Europa por uma palavra lida na ordem do dia, e que renovavam os fabulosos feitos da cavalaria. As mais avarentas cidades, as mais refratárias, eram obrigadas a festejar a guarda imperial, ao encontro da qual saíam os *maïres* e os prefeitos, com uma arenga nos lábios, dirigida à realeza. A sra. de Bargeton, durante uma festa oferecida por um regimento à cidade, enamorou-se de um gentil-homem, simples segundo-tenente a quem a astúcia de Napoleão acenara com o bastão de marechal de França. Essa paixão contida, nobre, grande, que contrastava com as de então, tão facilmente atadas e desfeitas, foi castamente consagrada pela mão da morte. Em Wagram, uma bala de canhão esmagou sobre o coração do marquês de Cante-Croix o único retrato que atestava a beleza da sra. de Bargeton. Muito tempo ela chorou o belo rapaz, que em duas

campanhas se fizera coronel, aquecido pela glória e pelo amor, e que punha uma carta de Naïs acima das distinções imperiais. A dor depôs sobre a fisionomia dessa mulher um véu de tristeza, uma nuvem que não se dissipou senão na idade terrível em que a mulher começa a lamentar os belos anos passados sem os haver gozado, em que vê suas rosas fanarem, em que os desejos de amor renascem na ânsia de prolongar as últimas lembranças da juventude. Todas as suas qualidades abriram-lhe feridas n'alma desde que o frio da província dela se apoderou. Como o arminho, teria morrido de desgosto se, por acaso, se houvesse manchado ao contato de homens que não pensavam senão em jogar alguns níqueis, à noite, depois de um bom jantar. Seu orgulho a preservou dos tristes amores da província. Entre a nulidade dos homens que a cercavam e o nada, uma mulher tão superior teve de preferir o nada. Tanto o casamento como a sociedade constituíam, assim, um mosteiro para ela. Vivia pela poesia, como a carmelita vive pela religião. As obras de estrangeiros ilustres, até então desconhecidas, que se publicaram de 1815 a 1821, os grandes tratados de De Bonald e os de De Maistre,[36] essas duas águias do pensamento, e até as obras menos grandiosas da literatura francesa cujos primeiros rebentos brotavam com tanto vigor, embelezaram-lhe a solidão, mas não lhe abrandaram nem o espírito nem a personalidade. Permaneceu ereta e forte como uma árvore que houvesse suportado o golpe de um raio sem ser abatida. Sua dignidade se elevou, sua realza a fez preciosa e requintada. Como todos os que se deixam adorar por quaisquer cortesãos, ela imperava com os seus defeitos.

Tal era o passado da sra. de Bargeton, fria história, necessária porém para fazer compreender sua ligação com Luciano, que tão singularmente foi introduzido em sua casa. No inverno anterior, chegara à cidade alguém que animara a vida monótona levada pela sra. de Bargeton. Vagara o lugar de diretor das contribuições indiretas. O sr. de Barante[37] enviara para ocupá-lo um homem cuja vida aventureira depunha em seu favor o bastante para que a curiosidade feminina lhe servisse de passaporte para a casa da rainha do lugar.

O sr. du Châtelet, que nascera Sixto Châtelet apenas, mas que desde

1806 tivera a inteligência de se enobrecer, era um desses agradáveis rapazes que, sob Napoleão, escaparam a todas as conscrições permanecendo nas proximidades do sol imperial. Havia começado a carreira com o lugar de secretário de uma princesa imperial. O sr. du Châtelet possuía todas as incapacidades exigidas para o seu cargo. Bem-feito, bonito homem, bom dançarino, sabendo jogar o bilhar, perito em todos os exercícios, medíocre ator de sociedade, cantor de romanças, apreciador de bons ditos, pronto para tudo, ágil, invejoso, tudo sabia e tudo ignorava. Nulo em música, acompanhava ao piano, mediocrementemente, uma senhora que desejasse cantar por complacência uma romança estudada com mil dificuldades durante um mês. Incapaz de sentir a poesia, pedia ousadamente licença para concentrar-se durante dez minutos para fazer um improviso, uma quadrinha qualquer, banalíssima, e em que a rima substituía a ideia. O sr. du Châtelet era ainda dotado do talento de completar uma tapeçaria cujas flores tivessem sido começadas pela princesa; segurava com graça infinita as meadas de seda que ela enovelava, dizendo-lhe pequenas tolices em que a malícia se escondia sob gaze mais ou menos transparente. Ignorante em pintura, sabia copiar uma paisagem, esboçar um perfil, rabiscar um vestuário e colori-lo.

Possuía, enfim, todos esses pequenos talentos que eram os grandes veículos da fortuna num tempo em que a influência das mulheres sobre os negócios era muito maior do que se imagina. Acreditava-se muito forte em diplomacia, a ciência daqueles que não possuem nenhuma outra, e que, por seu próprio vazio, mais profundos parecem; ciência, aliás, bastante cômoda, por isso que se demonstra pelo exercício mesmo de seus altos empregos; porque precisando de homens discretos, ela permite aos ignorantes nada dizerem, fecharem-se em acenos de cabeça misteriosos; porque, enfim, o homem mais forte nesta ciência é aquele que nada conservando a cabeça acima da onda dos acontecimentos que simula conduzir, tudo reduzindo, assim, a uma questão de leveza específica. Aí, como nas artes, encontram-se mil mediocridades para um homem de gênio. Não obstante o seu serviço ordinário e extraordinário junto da alteza imperial, o prestígio de sua protetora não o pudera elevar ao Conselho de Estado: não que ele não

pudesse dar um delicioso referendário como tantos outros, mas porque a princesa o achava mais bem colocado a seu lado do que em qualquer outro lugar. Entretanto, foi feito barão, veio a Cassel como enviado extraordinário e aí pareceu, com efeito, muito extraordinário. Em outros termos, Napoleão servira-se dele, em meio de uma crise, como correio diplomático. Ao tombar o Império, o barão du Châtelet aguardava a realização da promessa de ser nomeado ministro na Vestfália, junto a Jerônimo. Vendo falhar o que ele chamava uma embaixada de família, ficou desesperado; fez uma viagem ao Egito com o general Armando de Montriveau.[38] Separado de seu companheiro por estranhos acontecimentos, errou durante dois anos de deserto em deserto, de tribo em tribo, cativo dos árabes que o revendiam uns aos outros, sem poder tirar o menor partido das aptidões dele. Atingiu, enfim, as possessões do imã de Mascate,[39] enquanto Montriveau se dirigia para Tânger; mas teve a felicidade de encontrar em Mascate um barco inglês que se fazia a vela, e pôde voltar a Paris um ano antes do que o companheiro de viagem. Suas desgraças recentes, certas ligações do passado, serviços prestados a pessoas então influentes, o recomendaram ao presidente do conselho, que o colocou junto ao sr. de Barante, para aguardar a primeira diretoria a vagar. O papel desempenhado pelo sr. du Châtelet junto à alteza imperial, sua reputação de homem de sorte, os singulares acontecimentos de sua viagem, seus sofrimentos, tudo fez com que se excitasse a curiosidade das mulheres de Angoulême. Informado das maneiras da cidade alta, o barão Sixto du Châtelet se conduziu segundo seus ditames. Fingiu-se doente, desgostoso, fatigado. Sob qualquer pretexto, tomava a cabeça entre as mãos, como se seus sofrimentos não lhe dessem um só momento de trégua, pequena manobra que recordava logo sua viagem e o tornava interessante. Apresentou-se às autoridades superiores, ao general, ao prefeito, ao recebedor geral e ao bispo: mostrou-se, porém, em toda parte polido, frio, ligeiramente desdenhoso, como os homens que não ocupam o lugar que lhes é devido e que esperam os favores do poder. Deixou adivinhar dotes sociais, que se valorizaram por se conservarem desconhecidos; em seguida, depois de se ter feito desejar, sem deixar arrefecer a curiosidade, após ter reconhecido a nulidade

dos homens e sagazmente examinado as mulheres durante vários domingos na catedral, descobriu na sra. de Bargeton a pessoa cuja intimidade lhe convinha. Contava com a música para ver-lhe abertas as portas desse solar impenetrável aos estranhos. Mandou vir secretamente uma missa de Miroir, estudou-a ao piano; e num belo domingo que levava toda a sociedade de Angoulême à missa, extasiou os ignorantes tocando o órgão. Reavivou assim o interesse que se havia ligado à sua pessoa, fazendo indiscretamente circular o seu nome através dos representantes do baixo clero. Ao sair da igreja, a sra. de Bargeton cumprimentou-o, lamentando não ter ocasião de com ele fazer música; nesse encontro de antemão preparado, ele fez naturalmente com que lhe oferecessem o passaporte que não teria conseguido se o houvesse solicitado.

O hábil barão compareceu à casa da rainha de Angoulême, a quem rendeu comprometedoras homenagens. Esse velho casquilho, pois tinha quarenta e cinco anos, reconheceu naquela mulher toda uma juventude a reanimar, tesouros a valorizar, e, quem sabe, a esperança de uma viúva rica para desposar, uma aliança afinal com a família De Nègrepelisse, que lhe permitiria abordar em Paris a marquesa d'Espard, cuja influência lhe poderia reabrir a carreira política. Apesar da parasita sombria e luxuriante que danificava aquela bela árvore, resolveu dedicar-se a ela, podá-la, cultivá-la e obter belos frutos. A Angoulême nobre protestou contra a introdução de um infiel na *casba*, [40] porque o salão da sra. de Bargeton era o cenáculo de uma sociedade isenta de mistura. Apenas o bispo ali costumava ir; o prefeito era recebido duas ou três vezes por ano; o recebedor geral ali não penetrava jamais. A sra. de Bargeton ia aos seus saraus, aos seus concertos, mas jamais jantava em casa dele. Não aceitar o recebedor geral e acolher de bom grado um simples diretor de rendas, essa inversão da hierarquia pareceu inconcebível às autoridades desdenhadas.

Os iniciados nas minudências próprias de cada esfera social devem compreender como o palácio de Bargeton se impunha à burguesia de Angoulême. Para o Houmeau, as grandezas desse Louvre em ponto pequeno, a glória desse palácio de Rambouillet[41] angoulemense

brilhava a enorme distância. Quantos ali se reuniam eram os mais lamentáveis espíritos, as mais mesquinhas inteligências, os mais pobres senhores de vinte léguas em torno. Ali a política se espalhava em banalidades verbosas e apaixonadas; ali *La Quotidienne*[42] parecia tépido e Luís XVIII era tido como jacobino. Quanto às mulheres, na maior parte tolas e sem graça, vestiam-se mal, todas tinham alguma imperfeição mal disfarçada. Nelas, nada era completo, nem a conversação nem a indumentária, nem o espírito nem a carne. Não fossem seus projetos acerca da sra. de Bargeton, Du Châtelet não se teria conservado ali. Entretanto, as belas maneiras, o espírito de casta, o ar fidalgo, o orgulho da pequena nobreza e a prática das regras de polidez enchiam todo esse vazio. A nobreza dos sentimentos era ali mais real que nas altas esferas parisienses; dali brotava um respeitável apego, *apesar dos pesares*,[43] aos Bourbon. Tal sociedade se poderia comparar, se é que a imagem é admissível, a uma prataria de velho estilo, enegrecida, mas pesada. A imobilidade de suas opiniões políticas assemelhava-se à fidelidade.

A distância posta entre ela e a burguesia e a dificuldade de se chegar até ela simulavam uma espécie de elevação e lhe davam um valor convencional. Cada um desses nobres tinha seu preço para os habitantes, assim como o molusco cauri serve de dinheiro entre os negros de Bambarra.

Muitas mulheres, lisonjeadas pelo sr. du Châtelet e nele reconhecendo qualidades que faltavam aos homens de sua sociedade, trataram de apaziguar os pruridos de amor-próprio: todas esperaram apropriar-se da sucessão da alteza imperial. Os puristas pensaram que, embora se visse o intruso em casa da sra. de Bargeton, não seria recebido em nenhuma outra casa. Du Châtelet engoliu muitas impertinências, mas se manteve em sua posição achegando-se ao clero. Lisonjeou depois os defeitos que a província havia comunicado à rainha de Angoulême; levava-lhe todos os livros novos, lia-lhe as poesias que apareciam. Extasiavam-se juntos sobre as obras dos poetas jovens, ela de boa-fé, ele caceteado, mas tolerando os poetas românticos, que, como homem da escola imperial, pouco compreendia. A sra. de Bargeton, entusiasmada com a renascença devida à influência

da flor-de-lis, admirava Chateaubriand por ter ele chamado Victor Hugo de menino sublime. Triste por não conhecer o gênio senão de longe, suspirava por Paris, onde viviam os grandes homens. O sr. du Châtelet pensou então maravilhá-la informando-a de que havia em Angoulême *um outro menino sublime*, um jovem poeta que, sem o saber, sobrepujava em brilho o raiar sideral das constelações parisienses. Um futuro grande homem nascera no Houmeau! O diretor do colégio mostrara ao barão poemas admiráveis. Pobre e modesto, o rapaz era um Chatterton[44] sem covardia política, sem o ódio feroz contra as grandezas sociais, que impeliu o poeta inglês a escrever panfletos contra seus benfeitores. Cercada de cinco ou seis pessoas que compartilhavam seu gosto pelas artes e pelas letras — este porque arranhava um violino, aquele porque punha um ou outro borrão de sépia em papel branco, um em sua qualidade de presidente da sociedade de agricultura, outro em virtude de uma voz de baixo que lhe permitia cantar em forma de halali o *Se fiato in corpo avete*[45] —, a sra. de Bargeton se encontrava entre essas figuras fantásticas como um faminto diante de um jantar de teatro onde as iguarias são de papelão. Assim, nada conseguiria pintar sua alegria quando soube da novidade. Queria ver esse poeta, esse anjo!, tomou-se de amores por ele, entusiasmou-se, falou dele horas inteiras. Dois dias depois, o antigo correio diplomático já conseguira combinar com o diretor do colégio a apresentação de Luciano em casa da sra. de Bargeton.

Apenas vós, pobres hilotas da província para quem as distâncias sociais são mais longas de percorrer do que para os parisienses, aos olhos dos quais elas se encurtam todo dia, vós, sobre quem pesam tão duramente as grades entre as quais cada um dos diferentes mundos do mundo se anatematiza e se diz *Raca*,[46] somente vós compreendereis a agitação que lavrou na cabeça e no coração de Luciano Chardon quando seu imponente diretor lhe disse que as portas do palácio de Bargeton iriam abrir-se para ele! A glória as havia feito girar sobre os gonzos! Seria bem acolhido naquela casa cujas velhas pinhas atraíam seu olhar ao passear à tarde por Beaulieu com David, pensando que seus nomes não chegariam talvez jamais àqueles ouvidos duros à ciência quando ela partia de muito baixo.

Só sua irmã foi iniciada no segredo. Como boa dona de casa, como divina adivinha, Eva tirou alguns luíses do seu mealheiro a fim de comprar sapatos para Luciano na melhor casa de Angoulême, e um traje novo no mais célebre alfaiate. Guarneceu-lhe a melhor camisa com um peitilho que ela mesma engomou e pregueou. E que alegria, quando o viu assim vestido, como se sentiu orgulhosa do irmão! Quantas recomendações! Lembrou-se de mil pequenos nada. O hábito da meditação havia dado a Luciano o costume de apoiar os cotovelos assim que se sentava; chegava até a puxar uma mesa para se apoiar. Eva lhe proibiu o deixar-se levar a movimentos descuidados no aristocrático santuário. Acompanhou-o até a Porte Saint-Pierre, chegou quase à frente da catedral, e ficou a vê-lo enquanto seguia pela Rue de Beaulieu para chegar ao ponto onde o esperava o sr. du Châtelet. Depois a pobre rapariga ficou toda emocionada como se um grande acontecimento se houvesse passado. Luciano em casa da sra. de Bargeton representava para Eva o madrugar da fortuna. A santa criatura ignorava que lá onde começa a ambição cessam os sentimentos ingênuos. Ao chegar à rue du Minage, nada nas coisas exteriores espantou Luciano. O Louvre posto tão alto na sua imaginação era uma casa construída da pedra de talhe típica da região e dourada pelo tempo. Seu aspecto, bastante triste visto da rua, revelava-se muito simples interiormente: era a corte de província, fria e limpinha; uma arquitetura sóbria, quase monástica, bem conservada. Luciano subiu por uma velha escada de balaústres de castanheiro, cujos degraus eram de pedra até o primeiro andar.

Havendo atravessado uma antecâmara mesquinha e um grande salão mal iluminado, foi encontrar a soberana num salãozinho com lambris de madeira esculpida e pintada de cinzento, ao gosto do século passado. O alto das portas era ornado de *camaïeu*.^[47] Um velho damasco vermelho, pobremente enquadrado, decorava os panos da parede. Os móveis de forma antiquada se escondiam lastimosamente sob capas de xadrez vermelho e branco. O poeta avistou a sra. de Bargeton instalada sobre um canapé acolchoado, diante de uma mesa redonda coberta com uma toalha verde, iluminada por um candelabro de tipo antigo, com duas velas e quebra-luz. A rainha não se levantou;

voltou-se com agrado sobre a cadeira, sorrindo ao poeta, a quem esse bamboleio serpentino comoveu bastante, achando-o de grande distinção. A excessiva beleza de Luciano, a timidez de suas maneiras, sua voz, tudo nele encantou a sra. de Bargeton. O poeta era já a própria poesia.

O rapaz examinou, com olhares discretos, aquela mulher que lhe pareceu em harmonia com seu renome: não desmentia nenhuma das ideias que fizera sobre a grande dama. A sra. de Bargeton usava, seguindo moda então recente, um pequeno gorro talhado em veludo negro. Esse toucado sugeria uma lembrança da Idade Média, que se impunha ao moço, ampliando, por assim dizer, a mulher; dele se escapava uma doida cabeleira de um loiro vermelho, dourado à luz, ardente no contorno dos seus anéis. A nobre dama tinha a tez luminosa com que a mulher compensa os pretensos inconvenientes dessa cor fulva. Seus olhos cinzentos cintilavam; sua fronte, já com leves rugas, coroava-os dignamente com sua massa branca ousadamente modelada; eram cercados por uma zona nacarada onde, a cada lado do nariz, duas veias azuis faziam sobressair a brancura desse delicado enquadramento. O nariz apresentava certa curva bourbônica, que acentuava a expressão do rosto comprido, nele colocando como que um ponto mais vivo onde se delineava a atração real dos Condé. Os cabelos não encobriam inteiramente o pescoço. O vestido, negligentemente trespassado, deixava ver um colo de neve, onde o olhar adivinhava seios intactos e bem implantados. Com os dedos finos e cuidados, mas um pouco secos, a sra. de Bargeton fez ao jovem poeta um gesto amável para lhe indicar a cadeira que ficava a seu lado. O sr. du Châtelet ocupou uma poltrona. Luciano percebeu então que estavam sós. A conversação da sra. de Bargeton foi embriagante para o poeta do Houmeau. As três horas passadas junto dela foram para Luciano um desses sonhos que a gente desejaria tornar eternos. Achou-a uma mulher antes emagrecida do que magra, amorosa sem amor, doentia apesar de sua força; seus defeitos, que suas maneiras exageravam, agradaram-lhe, porque os moços começam por amar a exageração, essa mentira das almas belas. Não notou as faces sem frescura, ásperas nos pômulos, às quais o tédio e alguns sofrimentos haviam dado uma

coloração de tijolo. Sua imaginação apossou-se daqueles olhos de fogo, daqueles elegantes anéis de cabelo onde cintilava a luz, daquela esplêndida brancura, pontos luminosos aos quais ele se prendeu como uma borboleta atraída pelas lâmpadas. Depois, aquela alma falou muito à sua para que ele pudesse julgar a mulher.

O encanto daquela exaltação feminina, o calor das frases um pouco velhas que ela repetia há muito tempo, mas que lhe pareceram novas, fascinaram-no tanto mais quanto ele desejava achar tudo bem. Ele não levava poesias para ler; mas não se falou nisto: havia esquecido seus versos para ter o direito de voltar; a sra. de Bargeton, aliás, nada dissera nesse primeiro encontro, para o levar a fazer-lhe qualquer leitura noutra ocasião. Não era já isso um primeiro entendimento entre ambos?

O sr. Sixto du Châtelet sentiu-se descontente com essa recepção. Já tarde, percebeu um rival naquele belo rapaz, que reconduziu até a volta da primeira rampa abaixo de Beaulieu, com o fito de submetê-lo à sua diplomacia.

Luciano ficou bastante assombrado ao ouvir o diretor das contribuições indiretas gabar-se de o haver introduzido, e, a esse título, dar-lhe conselhos.

Prouvesse a Deus que o rapaz fosse mais bem tratado do que ele, dizia o sr. du Châtelet. A corte era menos impertinente que essa sociedade de basbaques. Recebiam-se ali feridas mortais, tragavam-se espantosos desdêns. A revolução de 1789 recomençaria se essa gente não se reformasse. Quanto a ele, se continuava a ir a tal casa, era por gostar da sra. de Bargeton, a única mulher um pouco correta que havia em Angoulême, à qual começara a fazer a corte por passatempo e de quem viera tornar-se loucamente enamorado. Em breve a possuiria; era amado, tudo o demonstrava. A submissão dessa orgulhosa rainha seria a única vingança que ele haveria de tirar daquela néscia ninhada de fidalgotes.

Du Châtelet pintava sua paixão como capaz de matar um rival, se o encontrasse.

A velha borboleta imperial abateu-se com todo o seu peso sobre o pobre poeta, tentando esmagá-lo sob a sua importância e amedrontá-

lo. Engrandecia-se contando, exagerados, os perigos de sua viagem; mas, se assim se impôs à imaginação do poeta, não assustou o amante.

Depois dessa noite, apesar do velho fátuo, apesar de suas ameaças e do seu jeito de espadachim burguês, Luciano voltou à casa da sra. de Bargeton. A princípio, com a descrição de um homem do Houmeau; depois, familiarizado de pronto com o que lhe parecera no começo um grande favor, vinha vê-la cada vez mais frequentemente.

O filho do farmacêutico foi julgado pelas pessoas de tal sociedade como criatura inofensiva. Nos primeiros tempos, se algum gentil-homem ou algumas senhoras em visita a Naïs encontravam Luciano, tinham todos para com ele a deprimente polidez usada pelas pessoas bem-nascidas para com os inferiores.

Luciano achou, a princípio, muito graciosas todas essas pessoas; mais tarde, porém, percebeu o sentimento de que provinham aquelas falaciosas atenções. Em breve surpreendeu alguns ares protetores, que revoltaram sua bília e o confirmaram nas odiosas ideias republicanas graças às quais muitos futuros aristocratas preludiam na alta sociedade. Mas que sofrimentos não suportaria ele por Naïs, a quem ele ouvia chamar assim, porque entre eles, os íntimos desse clã, como os grandes de Espanha e os personagens da *nata* em Viena, tratavam-se, homens e mulheres, pelo primeiro nome, última sutileza inventada para criar uma distinção no seio da própria aristocracia de Angoulême.

Naïs foi amada como todo o jovem ama a primeira mulher que o lisonjeia, pois Naïs prognosticava grande futuro, uma glória imensa para Luciano. A sra. de Bargeton usou de toda a sua habilidade para estabelecer na própria casa o seu poeta: não somente o exaltava sem medida, mas o apresentava como um menino sem fortuna que desejava colocar; fazia-o mais criança para olhar por ele; fazia dele seu leitor, seu secretário; mas amava-o mais do que acreditava poder amar depois do terrível desgosto por que passara. Acusava-se muito, interiormente; dizia consigo que seria uma loucura amar um rapaz de vinte anos, que tão longe dela estava por sua própria posição. Suas familiaridades eram caprichosamente desmentidas pelo orgulho inspirado por seus escrúpulos. Mostrava-se alternativamente altaneira e protetora, meiga e lisonjeira. A princípio, intimidado pela alta posição dessa mulher,

Luciano passou por todos os terrores, esperanças e desesperos que martelam o primeiro amor e o metem tão fundo dentro do coração com os golpes dados ora pela dor, ora pelo prazer. Durante dois meses viu nela uma benfeitora que iria ocupar-se dele maternalmente. Mas as confidências começaram. A sra. de Bargeton passou a chamar o seu poeta de querido Luciano; depois, de querido, simplesmente. O poeta, afoitando-se, chamou de Naïs a grande dama. Ouvindo-o dar-lhe esse nome, teve ela uma dessas cóleras que tanto seduzem as crianças; censurou-o por lhe dar o tratamento usado por toda a gente. A orgulhosa e nobre Nègrepelisse ofereceu ao belo anjo aquele de seus nomes que era ainda intato; quis ser Luísa para ele. Luciano atingiu o terceiro céu do amor.

Uma tarde, tendo Luciano entrado enquanto Luísa contemplava um retrato que guardou rapidamente, ele o quis ver. Para acalmar o desespero de um primeiro acesso de ciúmes, Luísa mostrou-lhe o retrato do jovem De Cante-Croix, e contou-lhe, não sem lágrimas, a história dolorosa de seus amores, tão puros e tão cruelmente sufocados. Ensaia-ria ela alguma infidelidade para com o morto ou teria inventado fazer desse retrato um rival para Luciano?

Luciano era muito jovem para analisar a amada; desesperou-se ingenuamente, porque ela abria a campanha durante a qual as mulheres fazem com que sejam atacados escrúpulos mais ou menos engenhosamente fortificados. Suas discussões sobre os deveres, sobre as conveniências, sobre a religião, são como praças fortes que elas adoram ver tomar de assalto. O inocente Luciano não precisava dessas provocações sedutoramente femininas; teria guerreado espontaneamente.

— Não morrerei, viverei para a senhora — afirmou audaciosamente uma tarde Luciano, que, desejando acabar com o sr. de Cante-Croix, lançou sobre Luísa um olhar onde se estampava a paixão chegada a termo.

Assombrada com os progressos que o novo amor fazia nela e em seu poeta, pediu-lhe os versos prometidos para a primeira página do seu álbum, buscando um motivo de querela na demora que ele punha em compô-los. E o que não teria sentido ao ler as duas estrofes seguintes,

que achou naturalmente mais belas que as melhores de Canalis, poeta da aristocracia?[48]

*O mágico pincel, as musas embusteiras
Nem sempre adornarão estas folhas ligeiras
Com seu festivo encanto;
Mas a furtiva mão de minha bela ama
Muita vez me dirá sua secreta flama
Ou o seu mudo pranto.*

*Quando, velhinha, a estas páginas fanadas,
Ela vier indagar das coisas encantadas
Que o futuro lhe diz,
Queira então o Amor que a fecunda lembrança
Dessa viagem feliz
Seja doce de ver como um céu em bonança!*

— Fui deveras eu quem as inspirei? — perguntou ela.

Essa desconfiança, causada pelo coquetismo de uma mulher que sentia prazer em brincar com fogo, fez vir uma lágrima aos olhos de Luciano. Ela o acalmou beijando-lhe a fronte pela primeira vez. Luciano era decididamente o grande homem que ela queria formar; imaginou ensinar-lhe o italiano e o alemão, e aprimorar-lhe as maneiras; encontrou nisso pretextos para tê-lo constantemente em sua casa, nas barbas de seus enfadonhos cortesãos. Que interesse em sua vida! Voltou-se de novo para a música, pelo seu poeta, a quem revelou o mundo musical, tocou para ele alguns belos trechos de Beethoven e o arrebatou; feliz com a sua alegria, dizia-lhe hipocritamente ao vê-lo a ponto de desmaiar:

— Não nos poderíamos contentar com esta felicidade?

E o pobre poeta cometia a tolice de responder: — Sim.

As coisas chegaram, enfim, a tal ponto, que Luísa havia feito na semana precedente Luciano jantar na intimidade, apenas com ela e o sr. de Bargeton à mesa. Apesar dessa precaução, toda a cidade soube do fato e o considerou tão exorbitante que cada qual se perguntava se seria mesmo verdade. Fez-se um escarcéu terrível. A muitos, a

sociedade pareceu em vésperas de uma reviravolta. Outros gritavam: “Eis aí o fruto das doutrinas liberais!”. O ciumento Du Châtelet soube então que a sra. Charlotte, que cuidava das parturientes, era a sra. Chardon, mãe do Chateaubriand do Houmeau, como ele dizia. Esse apelido foi considerado como muito espirituoso. A sra. de Chandour foi a primeira a correr à casa da sra. de Bargeton.

— Sabe, Naïs querida, o que toda Angoulême comenta? — disse-lhe.
— Esse pequeno poetaastro é filho da sra. Charlotte, aquela que há dois meses cuidou de minha cunhada, por ocasião do parto.

— Minha querida — disse a sra. de Bargeton assumindo ares verdadeiramente reais —, que há de extraordinário nisso? Ela não é viúva de um boticário? Triste destino para uma De Rubempré. Suponhamo-nos sem um níquel... que faríamos nós para viver? Como alimentaria a senhora os seus filhos?

O sangue-frio da sra. de Bargeton sufocou as lamentações da nobreza. As almas grandes estão sempre dispostas a fazer de uma desgraça uma virtude. Depois, na persistência em praticar uma boa ação que nos censuram encontram-se invencíveis atrativos: a inocência tem o picante do vício. Nessa noite o salão da sra. de Bargeton se encheu de amigos vindos para lhe demonstrarem sua desaprovação. Ela desenvolveu então toda a causticidade de seu espírito: disse que, se os gentis-homens não podiam ser nem Molière, nem Racine, nem Rousseau, nem Voltaire, nem Massillon, nem Beaumarchais, nem Diderot, era então preciso aceitar os lojistas, os relojoeiros, os couteiros, cujos filhos conseguiam tornar-se grandes homens. Afirmou que o gênio era sempre nobre. Censurou energicamente os fidalgotes pelo pouco que entendem de seus verdadeiros interesses. Disse, enfim, muitas tolices que teriam tornado tudo claro a pessoas menos tolas; mas celebraram todas a sua originalidade. Conjuro a tempestade a tiros de canhão. Quando Luciano, chamado por ela, entrou pela primeira vez no velho salão desbotado onde se jogava o uíste em quatro mesas, fez-lhe um acolhimento gracioso e o apresentou como rainha que deseja ser obedecida. Chamou o diretor de contribuições de “sr. du Châtelet”, e o deixou petrificado, fazendo-o compreender que conhecia a ilegal superafetação de sua partícula.

Luciano foi, desde essa noite, violentamente introduzido na sociedade da sra. de Bargeton; foi, porém, aceito como uma substância venenosa que cada qual promete a si mesmo que há de expulsar submetendo-as aos reativos da impertinência. Apesar de seu triunfo, Naïs perdeu algo de seu império: houve dissidentes que tentaram emigrar. Por conselho do sr. du Châtelet, Amélia — sra. de Chandour — resolveu levantar altar contra altar, recebendo em sua casa às quartas-feiras. A sra. de Bargeton abria os salões todas as noites e as pessoas que vinham à sua casa eram tão rotineiras, tão habituadas a se encontrarem diante dos mesmos tapetes, a jogar os mesmos gamões, a ver as pessoas, as luzes, a pôr as capas, as galochas, os chapéus no mesmo corredor, que amavam os degraus da escada tanto quanto a dona da casa. Todos se resignaram a suportar o pintassilgo da selva sagrada, disse Alexandre de Brébian, noutro dito de espírito.[49] Enfim, o presidente da Sociedade de Agricultura apaziguou a sedição com uma observação magistral:

— Antes da revolução — disse —, os mais nobres senhores recebiam Duclos, Grimm, Crébillon,[50] todos pessoas que, como esse poetazinho do Houmeau, eram inofensivos; mas não admitiam jamais os recebedores de impostos, coisa de que não passa Du Châtelet.

Du Châtelet pagou por Chardon; todos lhe demonstraram frieza. Sentindo-se atacado, o diretor de contribuições, que, desde o instante em que fora chamado de Du Châtelet, jurara a si mesmo possuir a sra. de Bargeton, passou a secundar os projetos da dona da casa; defendeu o jovem poeta declarando-se seu amigo. Aquele grande diplomata de quem tão desastradamente se havia privado o imperador lisonjeou Luciano, dizendo-se seu camarada. Para lançar o poeta, deu um jantar a que compareceram o prefeito, o recebedor geral, o coronel do regimento da guarnição, o diretor da escola de marinha, o presidente do tribunal, enfim, todas as sumidades administrativas. O pobre poeta foi festejado com tanto exagero que qualquer outro que não fosse um rapaz de vinte e dois anos[51] teria concebido veementes suspeitas de mistificação ao ouvir os louvores com que o enganavam. À sobremesa, Du Châtelet fez o seu rival recitar uma ode a Sardanapalo agonizante, a obra-prima do momento. Ouvindo-o, o diretor do colégio, homem

fleumático, bateu palmas afirmando que Jean-Baptiste Rousseau[52] não teria feito melhor.

O barão Sixto du Châtelet imaginou que cedo ou tarde o pequeno rimador rebentaria na fogueira dos louvores, ou que, na embriaguez da glória antecipada, ele se permitisse algumas impertinências que o fariam voltar à obscuridade primitiva. A esperar a morte desse gênio, ele fingiu imolar suas pretensões aos pés da sra. de Bargeton; com a habilidade dos descarados, havia sustido seu plano e seguia com atenção estratégica a marcha dos dois amantes, espreitando a ocasião de exterminar Luciano. Elevou-se desde então em Angoulême e pelos arredores um surdo rumor, que proclamava a existência de um grande homem no Angoumois. A sra. de Bargeton era geralmente louvada pelos cuidados que prodigalizava a essa jovem águia. Uma vez aprovada sua conduta, quis ela obter uma sanção geral. Apregooou pelo departamento um sarau com sorvetes, doces e chá, grande inovação numa cidade onde o chá se vendia ainda nas farmácias, como droga empregada contra as indigestões. A flor da aristocracia foi convidada para ouvir uma grande obra que Luciano devia ler. Luísa ocultara ao amigo as dificuldades vencidas mas confiou-lhe alguma coisa da conjuração formada contra ele pela sociedade; não queria deixá-lo na ignorância dos perigos da carreira que devem percorrer os homens de gênio, e na qual se encontram obstáculos intransponíveis para as coragens medíocres. Fez dessa vitória uma lição. Com suas brancas mãos, mostrou-lhe a glória comprada por contínuos suplícios, falou-lhe da fogueira dos mártires a atravessar, pôs-lhe manteiga em suas mais belas fatias, empenhando-se nas mais pomposas expressões. Foi como que uma contrafação das improvisações que estragam o romance de Corina.[53]

Luísa achou-se tão grande em sua eloquência que amou ainda mais o Benjamin que lha inspirava; aconselhou-o a repudiar audaciosamente o pai, passando a usar o nobre nome De Rubempré, sem se importar com a gritaria levantada por uma troca que, de resto, o rei legitimaria. Aparentada com a marquesa d'Espard, uma nobre de Blamont-Chauvry, de grande prestígio na Corte, ela se encarregaria de obter esse favor. A essas palavras — o rei, a marquesa d'Espard, a Corte

— Luciano viu como que um fogo de artifício, e a necessidade desse batismo lhe pareceu provada.

— Caro jovem — disse-lhe Luísa com voz ternamente zombeteira —, quanto mais cedo isso for feito, mais depressa será sancionado.

Enumerou uma por uma as camadas sucessivas da sociedade e fez o poeta contar os degraus que escalaria de uma só vez por meio dessa hábil resolução. Num momento, fez com que Luciano abjurasse suas ideias plebeias sobre as quiméricas igualdades de 1793, reavivou nele a sede de distinções que a fria razão de David havia amortecido, mostrou-lhe a alta sociedade como o único palco sobre o qual ele se deveria manter. O rancoroso liberal tornou-se monárquico *in petto*.

[54] Luciano mordeu a maçã do luxo aristocrático e da glória. Jurou depor aos pés de sua dama uma coroa, mesmo que fosse ensanguentada; conquistá-la-ia a qualquer preço, *quibuscumque viis*.

[55] Para provar-lhe sua coragem, contou a Luísa sofrimentos que lhe ocultara, levado por esse indefinível pudor que faz parte dos primeiros sentimentos e que impede o jovem de estadear grandezas, de tanto que gosta de ver apreciada sua alma em seu *incógnito*. Pintou os apertos da miséria suportada com orgulho, seus trabalhos em casa de David, as noites empregadas no estudo. Esse ardor jovem recordou à sra. de Bargeton o coronel de vinte e seis anos; seus olhos se umedeceram. Vendo a fraqueza apossar-se de sua imponente amada, Luciano tomou-lhe uma das mãos, que ela lhe abandonou, e a beijou com fúria de poeta, de jovem e de amante.

Luísa chegou a ponto de permitir ao filho do boticário atingir sua fronte e nela imprimir os lábios palpitantes.

— Criança! criança! se nos vissem, como me julgariam ridícula! — disse ela, acordando de um torpor extático.

Nessa noite, a inteligência da sra. de Bargeton fez grandes estragos no que ela chamava os preconceitos de Luciano. Segundo ela, os homens de gênio não tinham nem irmãos nem irmãs, nem pais nem mães; as grandes obras que deviam edificar impunham-lhes um aparente egoísmo, obrigando-os a tudo sacrificar à sua grandeza. Se a família sofria a princípio as devorantes exigências cobradas por um cérebro gigantesco, mais tarde recebia centuplicadamente o preço dos

sacrifícios de todo o gênero exigidos pelas primeiras lutas de uma realeza contrariada, compartilhando os frutos da vitória. O gênio não dependia senão de si mesmo; era o único juiz de seus meios, porque somente ele conhecia os próprios fins: devia, pois, colocar-se acima das leis, visto que era chamado a refazê-las; aliás, quem dá nome a um século pode de tudo apossar-se e tudo arriscar, porque tudo lhe pertence. Citava o começo da vida de Bernard Palissy, de Luís XI, de Fox, de Napoleão, de Cristóvão Colombo, de César,[56] de todos os ilustres aventureiros, a princípio crivados de dívidas ou miseráveis, incompreendidos, tidos por loucos, por maus filhos, maus pais, maus irmãos, mas que mais tarde se tornavam o orgulho da família, do país, do mundo. Esses arrazoados condiziam com os vícios secretos de Luciano e lhe agravavam a corrupção da alma, porque, no ardor de seus desejos, ele admitia os meios *a priori*. Não triunfar, porém, é um crime de lesa-majestade social. Não fora então um vencido quem golpeará todas as virtudes burguesas sobre as quais repousa a sociedade que repele com horror os Mários[57] assentados diante de suas ruínas? Luciano, que não se sabia entre a infâmia das galés e as palmas do gênio, planava sobre o Sinai dos profetas sem ver, na depressão do Mar Morto, o horrível sudário de Gomorra.

Luísa desenfreado tão bem o coração e a alma de seu poeta das faixas com que o envolvera a vida de província que Luciano quis pôr à prova a sra. de Bargeton, a fim de saber se podia, sem se expor à vergonha de uma recusa, conquistar essa alta presa. A recepção anunciada deu-lhe ocasião para essa prova. A ambição, nele, se misturava ao amor. Amava e queria elevar-se, duplo desejo bem natural nos jovens que têm um coração a satisfazer e uma indigência a combater. Convidando em nossos dias todos esses moços para um mesmo festim, a sociedade acorda suas ambições desde a manhã da vida. Despoja a mocidade de suas graças e vicia a maior parte de seus sentimentos generosos neles misturando o cálculo. A poesia desejaria que fosse de outro modo; mas os fatos vêm tão frequentemente desmentir a ficção em que se desejaria crer que não nos podemos permitir imaginar o jovem de maneira diversa daquela que ele tem neste século XIX. O cálculo de Luciano lhe parecia feito em proveito de um belo sentimento: a sua

amizade por David.

Luciano escreveu uma longa carta à sua Luísa, porque se achava mais ousado com a pena na mão do que com a palavra nos lábios. Em doze folhas três vezes recopiadas, narrou-lhe o talento genial do pai, suas esperanças perdidas e a miséria horrível que enfrentava. Pintou sua irmã querida como um anjo e David como um futuro Cuvier[58] que, antes de ser um grande homem, era para ele um pai, um irmão, um amigo; acreditar-se-ia indigno de ser amado por Luísa se, como primeira graça, não lhe pedisse que fizesse também para David o que estava fazendo para ele. Renunciaria a tudo, antes que trair David Séchard, queria que David assistisse ao seu sucesso. Escreveu uma dessas cartas loucas nas quais os moços opõem a pistola a uma recusa, em que voltam ao casuísmo da infância, em que só fala a lógica insensata das belas almas; delicioso palavreado bordado dessas declarações ingênuas escapadas ao coração à revelia do escritor, e que tanto aprazem às mulheres. Depois de entregar a carta à criada, Luciano fora passar a manhã a corrigir provas, a dirigir alguns trabalhos, a pôr em ordem os pequenos negócios da tipografia, sem nada dizer a David. Na época em que o coração é ainda criança, os moços têm dessas sublimes distrações. Além disso, talvez Luciano começasse a temer a acha de Fócion, que David sabia manejar; receava talvez a lucidez de um olhar que fosse ao fundo d'alma. Depois da leitura de Chénier, seu segredo havia passado do coração para os lábios, atingido pela exprobração que sentia como o dedo que o médico põe numa ferida.

Imaginaí agora os pensamentos que deviam ter assaltado Luciano enquanto descia de Angoulême para o Houmeau. A grande dama não se teria zangado? Iria receber David em sua casa? O ambicioso não seria jogado ao seu buraco do Houmeau? Embora, antes de beijar Luísa na frente, Luciano tivesse podido medir a distância que separa uma rainha de seu favorito, não via como David não pudesse franquear num piscar de olhos o espaço que ele levava cinco meses a percorrer. Ignorando o quanto era absoluto o ostracismo pronunciado sobre os humildes, não sabia que uma segunda tentativa desse gênero seria a perda da sra. de Bargeton. Acusada de se haver plebeizado, Luísa seria

obrigada, uma vez isso comprovado, a deixar a cidade onde os de sua casta fugiriam dela como na Idade Média se fugia de um leproso. O clã da fina aristocracia e o próprio clero defenderiam Naïs contra tudo e contra todos, caso ela se permitisse cometer uma falta; mas o crime de estar em má companhia jamais lhe seria perdoado; porque, se se escusam as faltas do poderoso, ele é condenado após a abdicação. Ora, receber David não era acaso abdicar?

Se Luciano não chegava a perceber esse lado da questão, seu instinto aristocrático lhe fazia pressentir muitas outras dificuldades que o apavoravam. A nobreza de sentimentos não dá indefectivelmente a nobreza de maneiras. Se Racine tinha ares de nobre cortesão, Corneille parecia-se extraordinariamente com um vendedor de bois. Descartes tinha a aparência de um bom negociante holandês. Muitas vezes, encontrando Montesquieu com seu ancinho ao ombro, seu boné de noite à cabeça, os visitantes de Brêde o tomavam por um vulgar jardineiro. A polidez mundana, quando não é um dom do alto nascimento, uma ciência bebida com o leite ou transmitida pelo sangue, constitui uma educação que o acaso deve secundar com uma certa elegância de formas, com uma distinção nos traços, com um timbre de voz. Todas essas grandes pequenas coisas faltavam a David, enquanto delas a natureza havia dotado seu amigo. Nobre por parte de sua mãe, Luciano possuía até mesmo o pé alto e arqueado do franco, enquanto David Séchard tinha os pés chatos do camponês e o cachão vulgar do pai, o impressor.

Luciano ouvia de antemão as zombarias que iriam chover sobre David, parecia-lhe ver o sorriso que a sra. de Bargeton reprimiria. Enfim, sem sentir precisamente vergonha de seu irmão, tomava consigo mesmo o compromisso de não mais seguir, assim, o seu primeiro impulso, e de, antes, discuti-lo no futuro. Portanto, após a hora da poesia e do devotamento, após a leitura que acabava de mostrar aos dois amigos as campanhas literárias iluminadas por um novo sol, soava para Luciano a hora da política e dos cálculos. De volta ao Houmeau arrependia-se de sua carta, desejaria retomá-la; percebia, num relance, as impiedosas leis do mundo. Adivinhando o quanto a fortuna adquirida favorecia a ambição, custava-lhe retirar o pé do

primeiro degrau da escada pela qual deveria subir ao assalto das grandezas.

Depois, as imagens da vida simples e tranqüila, embelezada pelas mais belas flores do sentimento; esse David cheio de gênio que o havia tão nobremente ajudado, que lhe daria sua vida se necessário fosse; sua mãe, tão perfeita grande dama em sua humilhação, e que o julgava tão bom como inteligente; sua irmã, essa menina tão graciosa na resignação, sua infância tão pura e sua consciência ainda clara; suas esperanças, que nenhuma tempestade havia desfolhado, tudo refloria em sua lembrança. Pensava então que era mais belo transpor os espessos batalhões da turba aristocrática ou burguesa a golpes de ousadia do que triunfar pelos favores de uma mulher. Seu gênio brilharia cedo ou tarde como o de tantos homens, seus predecessores, que haviam dominado a sociedade.; as mulheres o amariam então! O exemplo de Napoleão, tão fatal no século XIX pelas pretensões que inspira a tanta gente medíocre, apareceu a Luciano, que lançou seus cálculos ao vento, censurando-os consigo mesmo. Luciano era assim, ia do mal ao bem e do bem ao mal com igual facilidade. Em lugar do amor que o sábio leva ao afastar-se, Luciano sentia já havia um mês certa vergonha ao avistar a loja onde se lia em letras amarelas sobre fundo verde:

FARMÁCIA DE POSTEL, SUCESSOR DE CHARDON.

O nome de seu pai, escrito assim num local por onde passavam todos os carros, feria-lhe os olhos. Aquela noite, em que franqueou sua porta ornada de pequena grade com varões de mau gosto para apresentar-se em Beaulieu, por entre os jovens mais elegantes da cidade alta, dando o braço à sra. de Bargeton, havia estranhamente deplorado o desacordo que reconhecia entre essa habitação e sua boa fortuna.

— Amar a sra. de Bargeton, possuí-la em breve, talvez, e morar neste ninho de ratos! — murmurava, desembocando pela aleia no pequeno pátio onde vários maços de ervas fervidas estavam expostos ao longo das paredes, onde o aprendiz areava os caldeirões do laboratório, onde o sr. Postel, cingido de um avental de preparador, uma colher de osso

na mão, examinava um produto químico, lançando ao mesmo tempo os olhos sobre a loja; e, se olhava mais atentamente sua droga, tinha os ouvidos presos à campainha. O cheiro da camomila, da menta, de várias plantas destiladas, enchia o pátio e o modesto apartamento para onde se subia por uma dessas escadas retas, chamadas escadas de moleiro, sem outro corrimão além de duas cordas. Em cima ficava o quarto único da mansarda onde morava Luciano.

— Bom dia, meu filhote — disse o sr. Postel, verdadeiro tipo do boticário do interior. — Como vai a nossa saúdezinha? Acabo de fazer uma experiência com melaço, mas seria preciso seu pai para encontrar o que procuro. Era um famoso homem, aquele! Se eu possuísse o segredo dele contra a gota, rolaríamos hoje, os dois, de carruagem!

Não se passava uma única semana sem que o farmacêutico, tão tolo como bom homem, não desse uma punhalada em Luciano, falando-lhe na fatal discrição que seu pai guardara sobre a descoberta.

— É uma grande desgraça — respondia brevemente Luciano, que começava a achar o discípulo do pai prodigiosamente vulgar depois de o haver tantas vezes abençoado, por ter o honesto Postel socorrido mais de uma vez a viúva e os filhos de seu mestre.

— Então, que é que tens? — perguntou o sr. Postel, pondo a proveta sobre a mesa do laboratório.

— Veio alguma carta para mim?

— Veio, sim, uma que cheira como um bálsamo! Está junto à minha escrivaninha, sobre o balcão.

A carta da sra. de Bargeton misturada aos bocais da farmácia! Luciano se arremessou para a botica.

— Apressa-te, Luciano! O jantar te espera há uma hora, ficará frio — gritou docemente uma linda voz pela janela entreaberta. Luciano nem a ouviu.

— O seu irmão está avariado, senhorita — disse Postel levantando o nariz. Esse celibatário, tão semelhante a um pequeno tonel de aguardente, sobre o qual a fantasia de um pintor tivesse feito uma cara gorda, bexigosa e rubicunda, tomou, ao olhar para Eva, um ar cerimonioso e agradável, prova de que seu pensamento era desposar a filha do seu predecessor, sem que entretanto pudesse pôr fim ao

combate que o amor e o interesse travavam em seu coração. Assim, com frequência dizia a Luciano, sorrindo, a frase que lhe repetiu quando o jovem tornou a passar por ele: — É maravilhosamente bonita a sua irmã! Você não está mal também! Seu pai fazia tudo bem.

Eva era uma morena vistosa, de cabelos negros e olhos azuis. Ainda que aparentasse sintomas de caráter viril, era doce, terna e devotada. Sua candura, sua ingenuidade, sua tranquila resignação a uma vida laboriosa, sua modéstia que maledicência alguma atacava haviam seduzido David Séchard. Por isso, desde sua primeira entrevista, uma muda e ingênua paixão despertara neles, à alemã, sem manifestações fogosas nem declarações apressadas. Cada um deles pensava secretamente no outro, como se estivessem separados por algum marido ciumento a quem aquele sentimento pudesse ofender. Ambos se escondiam de Luciano, a quem talvez temessem causar algum desgosto.

David receava não agradar a Eva, que, por sua vez, se deixava levar pela timidez da indigência. Uma verdadeira operária teria tido ousadia, mas a menina bem-educada e empobrecida conformava-se com sua fortuna adversa. Aparentemente modesta, mas na realidade orgulhosa, Eva não queria correr atrás do filho de um homem que passava por endinheirado.

Nessa ocasião, as pessoas a par do valor crescente das propriedades avaliavam em mais de oitenta mil francos o sítio de Marsac, sem contar as terras que o velho Séchard, enriquecido pelas economias, feliz na colheita, hábil nas vendas, deveria ajuntar-lhe espreitando as ocasiões. David era talvez a única pessoa que nada sabia da fortuna do pai. Para ele, Marsac era um cochicholo comprado em 1810 por quinze ou dezesseis mil francos, aonde ia uma vez por ano pelo tempo das vindimas e onde seu pai o fazia passear por entre as vinhas, gabando-lhe as colheitas que o impressor jamais via, e com as quais bem pouco se importava. O amor do sábio habituado à solidão, e que aumenta ainda os sentimentos exagerando-lhes as dificuldades, precisaria ser encorajado; porque, para David, Eva era uma mulher mais imponente do que o seria uma grande dama para um simples escrevente.

Desajeitado e inquieto junto de seu ídolo, tão apressado por partir

como por chegar, o impressor continha sua paixão em vez de exprimi-la. Muitas vezes, à noite, depois de haver forjado algum pretexto para consultar Luciano, descia da Place du Mûrier até ao Houmeau, pela Porte Palet; mas, ao atingir a porta verde de varões de ferro, fugia, temendo que já fosse muito tarde ou que parecesse importuno a Eva, que sem dúvida estaria já deitada. Apesar de esse grande amor não se revelar senão por pequenas coisas, Eva o havia compreendido; sentia-se lisonjeada, sem orgulho, por se ver objeto de um profundo respeito estampado nos olhares, nas palavras, nas maneiras de David; mas a maior sedução do impressor era seu fanatismo por Luciano: havia adivinhado a melhor maneira de agradar a Eva.

Para dizer em que as mudas delícias desse amor diferiam das paixões tumultuosas, seria preciso compará-lo às flores campestres contrapostas às brilhantes flores dos canteiros. Eram olhares doces e delicados como os lótus azuis que vogam sobre as águas, expressões fugitivas como o frágil perfume da rosa brava, melancolias ternas como o veludo do musgo; flores de duas belas almas nascidas de uma terra rica, fecunda e imutável. Eva havia muitas vezes já adivinhado a força escondida sob essa fraqueza; compreendia tão bem tudo o que David não ousava, que o mais ligeiro incidente podia ocasionar uma mais íntima união de suas almas.

Luciano encontrou a porta aberta por Eva e sentou-se, sem nada lhe dizer, a uma mesinha posta sobre um cavalete em forma de x, sem toalha, onde seu talher havia sido posto. O pobre larzinho possuía apenas três talheres de prata. Eva empregava-os todos para o irmão querido.

— Que estás lendo aí? — disse depois de haver posto na mesa um prato que retirou do fogo e de haver apagado o fogareiro de brasas, cobrindo-o com o abafador. Luciano não respondeu. Eva tomou um pratinho lindamente arranjado com folhas de vinha e o pôs na mesa com uma tigela cheia de creme.

— Olha, Luciano, tenho morangos para ti.

Luciano prestava tanta atenção à sua leitura que nada ouviu. Eva veio então sentar-se perto dele, sem um murmúrio, porque faz parte do sentimento de uma irmã pelo irmão um prazer imenso em ser tratada

sem cerimônias.

— Mas que tens? — exclamou, vendo brilharem lágrimas nos olhos do irmão.

— Nada, nada, Eva — disse ele tomando-a pela cintura, puxando-a para si, beijando-a na fronte, sobre os cabelos, depois no pescoço, com uma efervescência surpreendente.

— Tu me escondes alguma coisa.

— Pois bem: ela me ama!

— Eu bem sabia que não era a mim que beijavas — disse num tom amuado a pobre irmã, corando.

— Seremos todos felizes! — disse Luciano engolindo a sopa a grandes colheradas.

— Nós? — repetiu Eva. E, inspirada pelo mesmo pressentimento que se apossara de David, acrescentou: — Tu vais nos querer menos!

— Como podes acreditar nisso, se me conheces?

Eva lhe estendeu a mão para apertar a sua; retirou depois o prato vazio, a sopeira de barro castanho, e avançou o prato que havia preparado. Em vez de comer, Luciano releu a carta da sra. de Bargeton, que a discreta Eva não pediu para ver, tanto era o respeito que sentia pelo irmão: se ele desejasse dá-la a conhecer, ela devia esperar; e, se o não desejasse, poderia exigi-lo? Ela esperou. Eis a carta:

“Meu amigo, por que recusaria eu a seu irmão em ciência o apoio que lhe prestei? A meus olhos, os talentos têm direitos iguais; mas ignora os preconceitos das pessoas que compõem minha sociedade. Não faremos com que reconheçam o enobrecimento do espírito aqueles que formam a aristocracia da ignorância. Se eu não tiver poder bastante para lhes impor o sr. David Séchard, eu lhe sacrificarei de bom grado essa pobre gente. Será como uma hecatombe antiga. Mas, caro amigo, não há de querer sem dúvida fazer-me aceitar a companhia de uma pessoa cuja inteligência e maneiras poderiam não me ser agradáveis. Suas lisonjas me ensinaram como a amizade se torna facilmente cega! Levar-me-ia a mal que eu pusesse uma restrição ao meu consentimento? Desejo ver seu amigo, julgá-lo, saber por mim mesma, no interesse de seu futuro, se não se engana. Não será esse um dos cuidados maternos que deve ter por você, meu caro poeta,

Luciano ignorava com que arte o “sim” se emprega na alta sociedade para chegar ao “não”, e o “não” para chegar ao “sim”. Aquela carta constituiu um triunfo para ele. David iria à casa da sra. de Bargeton, brilharia ali com a majestade do gênio. Na embriaguez que lhe causava uma vitória que lhe fazia crer no poder de sua ascendência sobre os homens, tomou uma atitude tão orgulhosa, tantas esperanças se refletiam sobre seu rosto comunicando-lhe um brilho radioso, que a irmã não pôde deixar de lhe dizer que era belo.

— Se é inteligente, como deve te amar essa mulher! Entretanto, esta noite ela se verá atormentada, porque todas as mulheres vão te fazer mil agrados. Serás belo lendo o teu *São João em Patmos*! Quisera eu ser um ratinho para me introduzir lá sorrrateiramente. Vem, preparei tua roupa no quarto de mamãe.

Era aquela peça de uma miséria decente. Ali se encontrava um leito de nogueira, guarnecido de cortinas brancas, ao pé do qual se estendia um ralo tapete verde. Uma cômoda de tampo de madeira, ornada de espelho, e cadeiras de nogueira completavam o mobiliário.

Sobre a lareira, uma pêndula lembrava os dias da antiga abundância desaparecida. A janela tinha cortinas brancas. As paredes eram forradas de papel cinzento com flores cinzentas. Os ladrilhos lustrados e brunidos por Eva brilhavam de limpeza. No centro do quarto havia um velador onde, sobre uma bandeja vermelha de rosaças douradas, viam-se três taças e um açucareiro de porcelana de Limoges. Eva dormia num gabinete contíguo que só continha uma cama estreita, uma velha poltrona e uma mesa de trabalho junto à janela. A exiguidade desse beliche de marinheiro exigia que a porta de vidro ficasse sempre aberta, a fim de renovar o ar. Apesar da pobreza que se revelava nas coisas, respirava ali a modéstia de uma vida estudiosa. Para os que conheciam a mãe e os dois filhos, aquele espetáculo oferecia enternecedoras harmonias.

Luciano punha a gravata quando o passo de David se fez ouvir no pequeno pátio, e o impressor apareceu em seguida com o andar e os modos de um homem que tem pressa de chegar.

— Olha, David — exclamou o ambicioso —, triunfamos! Ela me ama!

Tu irás.

— Não — disse o impressor, com ar confuso —, venho agradecer-te essa prova de amizade que me levou a fazer sérias reflexões. Minha vida, Luciano, está decidida. Sou David Séchard, impressor do rei em Angoulême, e meu nome se lê sobre todos os muros embaixo dos editais. Para as pessoas dessa casta, sou um artesão, um negociante, se quiseres, mas um industrial estabelecido com loja na Rue de Beaulieu, esquina da Place du Mûrier. Não tenho ainda nem a fortuna de um Keller nem o renome de um Desplein,^[59] duas formas de poder que os nobres tentam ainda negar, mas que, e nisto estou de acordo com eles, nada são sem a urbanidade e as maneiras de um gentil-homem. De que modo poderia eu legitimar essa súbita elevação? Zombariam de mim os burgueses tanto como os nobres. Tu, tu te encontras numa situação diferente. Um chefe de oficina não tem compromisso algum. Trabalhas para adquirir os conhecimentos indispensáveis ao triunfo, podes explicar tuas ocupações atuais pelo teu futuro. Ademais, podes amanhã empreender outra coisa, estudar direito, diplomacia, entrar para a administração. Enfim, não és nem fichado nem classificado. Aproveita tua virgindade social, segue sozinho e lança mão das honrarias! Saboreia alegremente todos os prazeres, mesmo os que a vaidade oferece. Sê feliz, eu gozarei teus sucessos, serás um segundo “eu mesmo”. Sim, meu pensamento me fará viver tua vida. Para ti as festas, o esplendor da sociedade e as rápidas engrenagens de suas intrigas. Para mim a vida sóbria, laboriosa do comerciante e as lentas ocupações da ciência. Tu serás a nossa aristocracia — disse olhando para Eva. — Quando tropeçares, encontrarás meu braço para te suster. Se tiveres de te lamentar de alguma traição, poderás te refugiar em nossos corações, onde encontrarás um amor inalterável. A proteção, o favor, o beneplácito das criaturas, divididos entre duas cabeças, poderiam cansar-se, ambos nos afogaríamos; segue na frente, tu nos rebocarás se for preciso. Longe de te invejar, eu me consagro a ti. O que acabas de fazer por mim, arriscando-te a perder tua benfeitora, tua amada, talvez, de preferência a me abandonar, a me renegar, essa coisa tão simples e tão grande, Luciano, ah! ela me ligaria a ti para sempre, se não fôssemos já como dois irmãos. Não tenhas remorsos nem cuidados

de parecer tomar a melhor parte. Essa partilha à Montgomery[60] faz parte de meus gostos. Mesmo, enfim, que me viesses a causar algum tormento, quem sabe se eu não seria sempre teu devedor?

Dizendo estas palavras, ele arriscou o mais tímido dos olhares para Eva, que tinha os olhos cheios de lágrimas, porque tudo adivinhava.

— Enfim — disse a Luciano assombrado —, tu és bem-feito, tens um lindo talhe, sabes vestir um traje, tens o ar de um gentil-homem na tua casaca azul com botões amarelos, e com uma calça simples de nanquim; eu teria o ar de um operário no meio dessa sociedade, ficaria desajeitado, constrangido, diria tolices ou nada diria; tu, tu podes, para obedecer ao preconceito dos nomes, tomar o de tua mãe, e te fazer chamar Luciano de Rubempré; eu sou e serei sempre David Séchard. Tudo te serve e tudo me prejudica na sociedade para onde vais. Foste feito para triunfar nela. As mulheres hão de adorar teu rosto de anjo. Não é verdade, Eva?

Luciano saltou ao pescoço de David e o beijou. Aquela modéstia cortava pela raiz muitas dúvidas, muitas dificuldades. Como não sentir dobrada ternura por um homem que chegava a fazer por amizade as mesmas reflexões que ele acabava de fazer por ambição? O ambicioso e o enamorado sentiam a estrada aplainada, o coração do moço e do amante se expandiu. Foi um desses momentos raros na vida em que todas as forças se tornam docemente tensas, em que todas as cordas vibram produzindo um som pleno. Mas aquela prudência duma bela alma excitava mais em Luciano a tendência que induz o homem a julgar-se o centro de tudo. Todos nós dizemos, mais ou menos como Luís XIV: “O Estado sou eu!”.

A exclusiva ternura de sua mãe e de sua irmã, o devotamento de David, o hábito que tinha de se ver objeto dos esforços secretos desses três entes comunicaram-lhe os vícios do filho-família, engendraram nele esse egoísmo que devora o nobre e que a sra. de Bargeton acariciava incitando-o a esquecer suas obrigações para com a irmã, a mãe e David. Nada era ainda; mas não seria de temer que estendendo em torno de si o círculo de sua ambição fosse obrigado a não contar senão consigo mesmo para nele se manter?

Passada a emoção, David fez observar a Luciano que seu poema de

São João em Patmos era talvez muito bíblico para ser lido diante de pessoas para quem a poesia apocalíptica deveria ser pouco familiar. Luciano, que se apresentaria diante do público mais difícil de Charente, pareceu inquieto. David aconselhou-o a levar André de Chénier, e a trocar um prazer duvidoso por um prazer certo. Luciano lia com perfeição, agradaria necessariamente e mostraria uma modéstia que sem dúvida lhe seria útil. Como a maior parte dos jovens, eles atribuíam às pessoas da sociedade sua inteligência e suas virtudes. Se a juventude, que ainda não pecou, é sem indulgência para as faltas dos outros, empresta-lhes também suas magníficas crenças. É preciso, com efeito, haver experimentado bem a vida antes de reconhecer que, segundo as belas palavras de Rafael, compreender é igualar. Em geral, o senso necessário à compreensão da poesia é raro na França, onde a inteligência prontamente seca o manancial das santas lágrimas do êxtase, onde ninguém quer dar-se ao trabalho de decifrar o sublime, de sondá-lo para perceber o infinito. Luciano ia fazer sua primeira experiência das ignorâncias e das friezas mundanas! Passou pela casa de David para apanhar o volume de poesia.

Ao ficarem a sós os dois namorados, David se viu mais embaraçado do que em qualquer outro momento de sua vida. Presa de mil terrores, desejava e temia um elogio, desejava fugir, porque o pudor tem também seu coquetismo! O pobre enamorado não ousava dizer uma palavra que tivesse o ar de esmolar um agradecimento: achava todas as palavras comprometedoras e calava-se guardando uma atitude de criminoso. Eva, que adivinhava as torturas daquela modéstia, comprouve-se em gozar daquele silêncio; mas, quando David começou a dar voltas ao chapéu entre as mãos para ir-se, ela sorriu.

— Sr. David — disse —, se não passa o serão em casa da sra. de Bargeton, poderemos passá-lo juntos. Faz um belo tempo; quer ir passear ao longo do Charente? Falaremos sobre Luciano.

David teve vontade de se prosternar diante da deliciosa jovem. Eva havia posto no som de sua voz recompensas inesperadas; tinha, pela ternura do acento, resolvido as dificuldades da situação; sua proposta era mais que um elogio, era a primeira dádiva de amor.

— Somente — disse ela a um gesto de David — dê-me alguns

momentos para me vestir.

David, que jamais em sua vida havia sabido o que fosse uma ária, saiu cantarolando, coisa que surpreendeu o honesto Postel e lhe inspirou profundas suspeitas sobre as relações entre Eva e o impressor.

III – A NOITE NUM SALÃO

As menores circunstâncias dessa noite influíram muito sobre Luciano, a quem seu caráter levava a dar ouvidos às primeiras impressões. Como todos os enamorados inexperientes, chegou tão cedo que Luísa não se achava ainda no salão. O sr. de Bargeton ali estava só. Luciano havia já começado a aprendizagem das pequenas covardias pelas quais o amante de uma mulher casada compra sua felicidade, e que dão às mulheres a medida do que podem exigir; mas não se havia ainda encontrado face a face com o sr. de Bargeton.

O gentil-homem era um desses espíritos acanhados, pacificamente estabelecidos entre a ofensiva nulidade que ainda compreende e a orgulhosa estupidez que nada quer dar e nada receber.

Compenetrado de seus deveres para com a sociedade e se esforçando para lhe ser agradável, havia adotado um sorriso de dançarino como única linguagem. Contente ou descontente, ele sorria. Sorria a uma notícia desastrosa tanto quanto ao anúncio de um feliz acontecimento. Aquele sorriso a tudo respondia segundo as expressões que lhe dava o sr. de Bargeton. Se era absolutamente necessária uma aprovação direta, ele reforçava o sorriso com um riso complacente, não soltando uma palavra senão em última instância. Um colóquio íntimo fazia-lhe sentir o único embaraço que complicava sua vida vegetativa; era então obrigado a procurar alguma coisa na imensidão de seu vazio interior. A maior parte do tempo ele saía de apuros retomando os ingênuos costumes de sua infância: pensava alto, iniciava o ouvinte nos pormenores de sua vida; exprimia suas necessidades, suas pequenas sensações, que, para ele, assemelhavam-se a ideias. Não falava da chuva nem do bom tempo; não caía nos lugares-comuns da conversação onde se refugiam os imbecis, voltava-se para os mais íntimos interesses da vida. “Por complacência para com a sra. de

Bargeton”, dizia ele, “esta manhã comi vitela, de que ela tanto gosta, e meu estômago me faz sofrer. Sei disso, e caio sempre! Como se pode explicar uma coisa destas?” Ou então: “Vou tocar a campainha para pedir um copo de água com açúcar; quer também um?”. Ou ainda: “Amanhã montarei a cavalo e irei ver meu sogro”. Essas pequenas frases, que não exigiam discussão, arrancavam um sim ou um não ao interlocutor, e a conversa caía.

O sr. de Bargeton implorava então a assistência de seu visitante torcendo o nariz de velho doguezinho asmático; olhava com seus grandes olhos estrábicos com um jeito que significava: *O que é que você disse?*

Gostava dos cacetes empenhados em falar de si mesmos, escutava-os com uma honesta e delicada atenção que o fazia tão precioso que os tagarelas de Angoulême lhe atribuíam uma inteligência velhaca e pretendiam que ele era mal julgado. Por isso, quando não tinham mais ouvintes, essas pessoas vinham acabar suas narrações ou seus arrazoados junto do gentil-homem, certos de encontrar um sorriso elogioso. Como o salão de sua mulher se encontrasse sempre cheio, ele ali se achava geralmente à vontade. Ocupava-se das mais insignificantes minúcias: olhava quem entrasse, saudava sorrindo e conduzia à sua mulher o recém-chegado; observava os que partiam e os acompanhava, acolhendo seus adeuses com seu eterno sorriso. Quando a reunião estava animada e via cada um absorto em seus interesses, o feliz mudo ficava plantado sobre as altas pernas como uma cegonha sobre as patas, com o ar de quem escuta uma conversa sobre política; ou vinha estudar as cartas de um jogador sem nada compreender, porque não conhecia jogo algum; ou então passeava aspirando seu rapé e sofrendo a sua digestão. Anaïs era o lado formoso de sua vida e lhe dava prazeres infinitos. Quando ela desempenhava seu papel de dona de casa, ele se estendia numa poltrona, admirando-a, porque ela falava por ele: além disso, constituía para ele um prazer procurar o espírito de suas frases, e, como muitas vezes não as compreendia senão muito tempo depois de terem sido ditas, permitia-se sorrisos que partiam como granadas enterradas que explodissem. Aliás, seu respeito por ela ia até a adoração. Uma adoração qualquer não é o bastante para a

felicidade de uma vida? Como criatura inteligente e generosa, Anaïs não abusara de suas vantagens ao reconhecer no marido a natureza fácil de uma criança que nada pede de melhor que ser governada.

Cuidava dele como se cuida de um capote; trazia-o limpo, escovava-o, mimava-o, dirigia-o; e, sentindo-se dirigido, escovado, cuidado, o sr. de Bargeton contraía para com a mulher uma afeição canina. É tão fácil dar uma felicidade que nada custa!

Não conhecendo a sra. de Bargeton no marido nenhum outro prazer além do da mesa, mandava-lhe preparar excelentes jantares: tinha piedade dele; jamais se queixava; e algumas pessoas, que não compreendiam o silêncio de seu orgulho, emprestavam ao sr. de Bargeton virtudes ocultas. Ela o havia, aliás, disciplinado militarmente, e a obediência desse homem às vontades da mulher era passiva. Ela lhe dizia: “Vá fazer uma visita ao sr. Fulano ou à sra. Beltrana”, e ele ia como um soldado ao seu posto. Também diante dela conservava-se imóvel e em atitude de sentido. Tratava-se na ocasião de nomear esse mudo deputado. Luciano não frequentava ainda a casa por tempo suficiente para levantar o véu sob o qual se escondia aquele caráter inimaginável. O sr. de Bargeton, enterrado em sua poltrona, parecendo tudo ver e tudo compreender e fazendo uma dignidade de seu silêncio, pareceu-lhe prodigiosamente imponente. Em vez de tomá-lo por um marco de granito, Luciano fez do gentil-homem uma esfinge temível, dado o pendor que leva os homens de imaginação a tudo engrandecer ou a emprestar uma alma a todas as formas, e achou necessário dirigir-lhe algumas lisonjas.

— Sou o primeiro a chegar — disse ao saudá-lo com um pouco mais de respeito do que o que se concedia ao velhote.

— É muito natural — respondeu o sr. de Bargeton.

Luciano tomou essas palavras pelo epigrama de um marido ciumento, ficou vermelho e olhou-se ao espelho procurando uma atitude.

— Reside no Houmeau — observou o sr. de Bargeton — , e as pessoas que moram longe chegam sempre mais cedo do que as que moram perto.

— Por que será? — perguntou Luciano, tomando um ar agradável.

— Não sei — respondeu o gentil-homem, reentrando na sua imobilidade.

— É que o senhor não quis procurar — tornou Luciano —; um homem capaz de fazer a observação pode encontrar a causa.

— Ah! — fez o sr. de Bargeton. — As causas finais! Hé! hé!...

Luciano deu tratos à bola para reanimar a conversa, que morreu ali.

— A sra. de Bargeton está a vestir-se, sem dúvida — disse ele, estremecendo com a tolice da observação.

— Sim, está se vestindo — respondeu naturalmente o marido.

Luciano levantou os olhos para as duas vigas salientes, pintadas de cinza, cujos intervalos eram estucados, sem encontrar uma frase para recomençar, e foi então que viu, não sem terror, despojado de sua gaze e guarnecido de velas, o pequeno lustre de velhos pingentes de cristal. As cobertas dos móveis haviam sido retiradas e a lustrina vermelha mostrava suas flores fanadas. Tais aprestos anunciavam uma reunião extraordinária. O poeta concebeu dúvidas sobre a conveniência de seu traje, porque calçava botas. Foi olhar com o estupor do medo um vaso do Japão que ornava um aparador com guirlandas do tempo de Luís xv; depois teve receio de desgostar a esse marido não o cortejando e resolveu indagar se o velhote não teria um fraco que se pudesse lisonjear.

— O senhor sai raramente da cidade? — disse ao sr. de Bargeton, para junto de quem voltara.

— Raramente.

O silêncio recomeçou. O sr. de Bargeton espreitou como uma gata desconfiada os menores movimentos de Luciano, que perturbava seu repouso. Sentiam, afinal, medo um do outro. “Terá concebido alguma desconfiança da minha assiduidade?” , pensou Luciano. “Porque ele me parece bem hostil!”

Nesse momento, felizmente para Luciano, muito embaraçado por sustentar os olhares inquietos com os quais o sr. de Bargeton o examinava indo e vindo, o velho empregado, que vestira uma libré, anunciou o sr. Du Châtelet. O barão entrou muito naturalmente, saudou seu amigo Bargeton, e fez a Luciano um pequeno aceno com a cabeça como era o costume, mas que o poeta achou tremendamente

impertinente. Châtelet usava uma calça de um branco deslumbrante, com presilhas internas que lhe mantinham as pregas. Usava sapatos finos e meias de fio de *lorgnon*. Por fim, sua casaca preta era perfeita para o corte e o estilo parisienses. Era, realmente, o janota que seus antecedentes anunciaram. Mas a idade avançada já lhe dera uma barriguinha redonda muito difícil de conter nos limites da elegância. Tinha os cabelos e as suíças tingidos pelos sofrimentos das viagens, o que lhe dava um ar duro. Sua pele, antes muito delicada, tinha adquirido o tom de cobre das pessoas que voltam das Índias; mas sua aparência, apesar de risível para suas pretensões, revelava o agradável secretário particular de uma alteza imperial. Tomou o *lorgnon*, olhou para a calça de nanquim, as botas, o colete e a casaca azul de Luciano, feita em Angoulême, enfim, para todo seu rival. Depois meteu secamente o *lorgnon* no bolso do colete como se dissesse: “Estou contente”. Já humilhado pela elegância do financista, Luciano pensou que descontentaria quando mostrasse à assembleia seu rosto vivificado pela poesia, mas mesmo assim sofreu profundamente, prolongando o mal-estar interior causado pela pretensa hostilidade do sr. de Bargeton. O barão parecia jogar sobre Luciano o peso de sua fortuna para melhor humilhar aquela miséria. O sr. de Bargeton, que esperava não ter mais nada a dizer, ficou consternado com o silêncio que os dois rivais sustentaram ao se examinar; mas sempre que chegava ao fim de seus esforços tinha uma pergunta que se reservava, como último trunfo, para o que desse e viesse, e julgou necessário fazê-la assumindo ares atarefados:

— Muito bem, cavalheiro — disse a Du Châtelet —, o que há de novo? O que anda dizendo?

— Mas — respondeu, maldoso, o diretor de impostos — o novo é o senhor Chardon. Dirija-se a ele. Está nos trazendo algum belo poema? — perguntou o buliçoso barão endiretando numa das têmporas o cacho maior, que lhe pareceu desarrumado.

— Para saber se fui bem-sucedido, eu deveria tê-lo consultado — respondeu Luciano. — O senhor praticou poesia antes de mim.

— Ora! Uns vaudevilles um tanto agradáveis feitos a pedidos, canções ocasionais, romanças que a música valoriza, uma grande

epístola que escrevi a uma irmã de Buonaparte (que ingratidão se referir a Napoleão por este nome!) não são títulos para a posteridade!

Nesse momento, a sra. de Bargeton mostrou-se em todo o esplendor de uma vestimenta estudada. Trazia um turbante judeu ornado de um broche oriental. Um lenço de gaze sob o qual brilhavam os camafeus de um colar envolvia-lhe graciosamente o pescoço. O vestido de musselina estampada, de mangas curtas, permitia-lhe mostrar vários braceletes dispostos sobre seus brancos e belos braços. Esse traje teatral encantou Luciano. O sr. du Châtelet dirigiu galantemente àquela rainha repugnantes cumprimentos que a fizeram sorrir de prazer, tanto se sentiu feliz em ser louvada diante de Luciano. Não trocou senão um olhar com o seu caro poeta e respondeu ao diretor das contribuições mortificando-o com uma polidez que o excetuava de sua intimidade.

Começaram a chegar os convidados. Em primeiro lugar, apresentaram-se o bispo e seu vigário-geral, duas figuras dignas e solenes que, entretanto, formavam um violento contraste: o prelado era comprido e magro; seu acólito era curto e gordo. Ambos tinham olhos brilhantes, mas o bispo era pálido e seu vigário-geral mostrava um rosto purpureado pela mais rica saúde. Tanto num como noutro os gestos e os movimentos eram raros. Ambos pareciam prudentes, sua reserva e silêncio intimidavam, dizia-se que eram muito inteligentes.

Os dois padres foram seguidos pela sra. de Chandour e seu marido, personagens tão extraordinários que as pessoas que não conhecem a província poderão ser tentadas a crer numa fantasia. O marido de Amélia, a mulher que se apresentava como antagonista da sra. de Bargeton, o sr. de Chandour, que se chamava Estanislau, era um pretenso jovem, elegante ainda aos quarenta e cinco anos, cujo rosto parecia um crivo. A gravata era sempre atada de maneira a apresentar duas pontas ameaçadoras, uma à altura da orelha direita, outra que baixava em direção da fita vermelha de sua cruz. As abas de sua casaca apresentavam-se violentamente dobradas. O colete, muito aberto, deixava ver uma camisa estofada, engomada, fechada com alfinetes sobrecarregados de obras de ourivesaria. Enfim, todo o seu traje tinha um caráter exagerado que lhe dava tão grande semelhança com uma caricatura que ao vê-lo os estranhos não podiam evitar um sorriso.

Estanislau se remirava continuamente, de alto a baixo, com certa satisfação, verificando o número de botões do colete, seguindo as linhas ondulosas desenhadas pelas calças colantes, acariciando as pernas com um olhar que terminava amorosamente sobre as pontas das botas. Quando cessava de se contemplar assim, seus olhos buscavam um espelho, examinava se os cabelos conservavam a ondulação; interrogava as mulheres com um olhar feliz, metendo um dos dedos no bolso do colete, curvando-se para trás e colocando-se de três quartos em trejeitos de galo que o faziam notado na sociedade aristocrática da qual era expoente. Seus discursos encerravam quase sempre indecências como se usava no século XVIII. Esse detestável gênero de conversa lhe proporcionava alguns sucessos junto das mulheres, fazendo-as rir. O sr. du Châtelet começava a lhe dar inquietações. Com efeito, intrigadas pelo desdém do enfatuado titular das contribuições indiretas, estimuladas por sua afetação em pretender que era impossível fazê-lo sair de seu marasmo e picadas por seu tom de sultão enfadado, as mulheres o procuravam mais vivamente ainda que à sua chegada desde que a sra. de Bargeton se havia apaixonado pelo Byron de Angoulême.

Amélia era uma mulherzinha desajeitadamente comediante, gorda, alva, de cabelos negros, exagerando tudo, falando alto, fazendo roda com a cabeça carregada de plumas no verão e de flores no inverno; boa conversadora, não podia porém acabar os períodos sem lhes dar por acompanhamento os silvos de uma asma inconfessada.

O sr. de Saintot, chamado Astolfo, presidente da Sociedade de Agricultura, homem vermelho, alto e gordo, apareceu rebocado pela mulher, tipo de rosto semelhante a um feto seco, a quem chamavam Lili, abreviatura de Elisa. Esse nome, que sugeria na pessoa qualquer coisa de infantil, contrastava com o caráter e as maneiras da sra. de Saintot, mulher solene, extremamente piedosa, jogadora difícil e trapaceira. Astolfo passava por sábio de primeira ordem. Ignorante como uma carpa, nem por isso deixara de escrever os verbetes “açúcar” e “aguardente” de um dicionário de agricultura, dois artigos compilados aos pedaços de todos os comentários de jornal e obras antigas que tratassem desses dois produtos. Todo o departamento o

julgava ocupado num compêndio sobre a cultura moderna. Não obstante passar toda a manhã encerrado em seu gabinete, não escrevera sequer duas páginas nos últimos doze anos. Se alguém ia vê-lo, deixava-se surpreender misturando papéis, procurando uma nota perdida ou aparando a pena; empregava, porém, em frioleiras todo o tempo que ficava em seu gabinete: lia demoradamente o jornal, esculpia rolhas a canivete, traçava desenhos fantásticos sobre a pasta ou folheava Cícero para tomar ao acaso uma frase ou passagens cujo sentido se pudesse aplicar aos acontecimentos do dia; depois, à noite, esforçava-se para levar a conversa a um assunto que lhe permitisse dizer: “Há em Cícero uma página que parece ter sido escrita para o que se passa em nossos dias”. Recitava então sua passagem com grande assombro dos ouvintes, que diziam entre eles: “Verdadeiramente, Astolfo é um poço de sabedoria”. O fato curioso espalhava-se por toda a cidade e a mantinha naquela crença lisonjeira sobre o sr. de Saintot.

Depois dessa dupla, veio o sr. de Bartas, chamado Adriano, o homem que cantava árias de barítono e que tinha enormes pretensões em música. O amor-próprio fizera com que dominasse o solfejo: começara por admirar-se a si mesmo ao cantar, depois pôs-se a falar sobre música e acabara por ocupar-se dela exclusivamente. A arte musical se havia tornado nele uma monomania; só se animava ao falar sobre música, sofria durante uma reunião enquanto não lhe pediam que cantasse. Uma vez que houvesse bramido uma de suas árias, sua vida começava: envaidecia-se, alçava-se sobre os calcanhares recebendo os cumprimentos, fazia-se de modesto, mas ia, não obstante, de grupo em grupo para recolher elogios; depois, quando tudo havia sido dito, voltava à música entabulando uma discussão a propósito das dificuldades de sua ária ou gabando o compositor.

O sr. Alexandre de Brébien, o herói da sépia, o desenhista que infestava as salas de seus amigos com produções absurdas e estragava todos os álbuns do departamento, acompanhava o sr. de Bartas. Cada um deles dava o braço à mulher do outro. Segundo dizia a crônica escandalosa, essa transposição era completa. As duas mulheres, Lolota (sra. Carlota de Brébien) e Fifin (sra. Josefina de Bartas), igualmente preocupadas com um fichu, uma guarnição e com a combinação de

algumas cores heterogêneas, sentiam-se devoradas pelo desejo de parecer parisienses e negligenciavam suas casas, onde tudo ia mal. Se as duas mulheres, comprimidas como bonecas em vestidos economicamente arranjados, ostentavam uma coleção de cores ultrajantemente bizarras, os maridos se permitiam, na qualidade de artistas, um desleixo de província que os tornava curiosos de ver. Seus trajes amarrotados lhes davam o ar dos comparsas que nos pequenos teatros figuram a alta sociedade convidada para as núpcias.

Entre as figuras que aportaram no salão, uma das mais originais foi a do sr. conde de Sénonches, aristocraticamente chamado Jaques. Grande caçador, arrogante, seco, a cara crestada, amável como um javali, desconfiado como um veneziano, ciumento como um mouro, vivia em muito boa camaradagem com o sr. de Hautoy, também chamado Francis, o amigo da casa.

A sra. de Sénonches (Zefirina) era alta e bela, mas já com a pele áspera, devido a certa ardência do fígado que a fazia passar por mulher exigente. Seu talhe fino, suas proporções delicadas permitiam-lhe ter maneiras langorosas que cheiravam a afetação, mas exteriorizavam a paixão e os caprichos sempre satisfeitos de uma pessoa amada.

Francis era um homem muito distinto, que deixara o consulado de Valência e suas esperanças na diplomacia para viver em Angoulême junto a Zefirina, também chamada Zizina. O ex-cônsul cuidava da casa, tratava da educação dos filhos, ensinava-lhes as línguas estrangeiras e dirigia as fortunas do sr. e da sra. de Sénonches com absoluto devotamento. A Angoulême nobre, a Angoulême administrativa e a Angoulême burguesa glosaram por muito tempo a perfeita unidade desse casal de três pessoas; mas, com o tempo, esse mistério de trindade conjugal pareceu tão raro e tão bonito que seriam capazes de julgar o sr. de Hautoy prodigiosamente imoral se pensasse em casar. Além disso, começava-se a suspeitar mistérios inquietantes no afeto da sra. de Sénonches por uma afilhada, srta. de La Haye, que lhe servia de dama de companhia; e, apesar de algumas impossibilidades aparentes, oferecidas pelas datas, encontravam-se semelhanças surpreendentes entre Francisca de La Haye e Francis de Hautoy.

Quando Jaques caçava pelos arredores, todos lhe pediam notícias de

Francis, e ele contava as pequenas indisposições de seu intendente voluntário, mesmo antes de falar em sua mulher. Essa cegueira parecia tão curiosa num homem ciumento que seus melhores amigos se divertiam em fazê-lo falar e a explicavam aos que não conheciam o mistério a fim de os divertir.

De Hautoy era um precioso janota cujos pequenos cuidados pessoais se haviam transformado em efeminação e puerilidade. Ocupava-se de sua tosse, de seu sono, de sua digestão e de sua comida. Zefirina havia levado o seu factótum a considerar-se homem de saúde delicada: ela o agasalhava; mimava-o; medicava-o; empanurrava-o de iguarias escolhidas como um cãozinho fraldiqueiro; indicava-lhe ou lhe proibía este ou aquele alimento; bordava-lhe coletes, pontas de gravatas e lenços; acabara por habituá-lo a usar coisas tão bonitas que o metamorfoseava numa espécie de ídolo japonês. Seu acordo era aliás perfeito: Zizine olhava Francis a propósito de tudo, e Francis parecia ir buscar suas ideias nos olhos de Zizine. Censuravam ou sorriam ao mesmo tempo, e pareciam consultar-se para dizer o mais simples bom-dia.

O mais rico proprietário dos arredores, o homem invejado por todos, o sr. marquês de Pimentel e sua mulher, que reuniam entre os dois quarenta mil francos de renda e passavam o inverno em Paris, vieram do campo em caleça com seus vizinhos, o sr. barão e sra. baronesa de Rastignac,^[61] acompanhados da tia da baronesa e de suas filhas, duas encantadoras raparigas, bem-educadas, pobres, mas vestidas com essa simplicidade que tanto valoriza as belezas naturais. Tais pessoas, que eram certamente o escol das amizades da casa, foram recebidas com um frio silêncio e com um respeito cheio de inveja, sobretudo quando se viu a distinção do acolhimento que lhes fez a sra. de Bargeton. As duas famílias pertenciam ao pequeno número das pessoas que, na província, se conservam fora dos diz que diz que, não se misturam a nenhuma sociedade, vivem num retraimento silencioso e guardam uma imponente dignidade. O sr. de Pimentel e o sr. de Rastignac eram chamados por seus títulos; nenhuma familiaridade confundia suas mulheres e suas filhas à alta-roda de Angoulême; aproximavam-se muito da nobreza da corte para se ocupar com as

tolices da província.

Por último chegaram o prefeito e o general, acompanhados pelo cavalleiro camponês que, pela manhã, havia levado à casa de David a monografia sobre o bicho-da-seda. Era, sem dúvida, algum *maire* de cantão, recomendável por suas belas propriedades; mas suas maneiras e roupas traíam um desambientamento completo da sociedade: não sabia onde meter as mãos, andava à roda de seu interlocutor ao falar, levantava-se e tornava a sentar-se para responder quando lhe falavam, parecia pronto a prestar um serviço doméstico; mostrava-se alternativamente obsequioso, inquieto e grave, apressava-se a rir de um gracejo, escutava com jeito servil e às vezes tomava um ar sonso pensando que zombavam dele. Várias vezes durante a reunião, sufocado pela sua monografia, tentou falar sobre o bicho-da-seda; mas o infortunado sr. de Séverac caiu sobre o sr. de Bartas, que lhe respondeu com música, e sobre o sr. de Saintot, que lhe citou Cícero. Lá pelo meio da noite, o pobre *maire* acabou por se entender com uma viúva e sua filha, sra. e srta. du Brossard, que não eram as figuras menos interessantes daquela sociedade. Uma só frase dirá tudo: eram tão pobres quanto nobres. Tinham em suas roupas essa pretensão a enfeites que revela uma secreta miséria. A sra. du Brossard gabava muito desajeitadamente e a todo propósito sua grande e gorda filha de vinte e sete anos, que passava por ser muito forte no piano; fazia-a oficialmente compartilhar os gostos das pessoas casadouras e, em seu desejo de estabelecer sua cara Camila, havia na mesma noite pretendido que Camila amava a vida errante das tropas e a vida tranquila dos proprietários que cultivam suas terras. Ambas tinham a dignidade dengosa e agri-doce das pessoas que cada qual se sente encantado de lastimar e pelas quais a gente se interessa por egoísmo, dessas que já sondaram o vazio das frases consoladoras com que a sociedade sente prazer em acolher os desgraçados. O sr. de Séverac contava cinquenta e nove anos, era viúvo e sem filhos; mãe e filha escutaram, portanto, com devota admiração os detalhes que ele lhes deu sobre sua criação de bicho-da-seda.

— Minha filha sempre amou os animais — disse a mãe. — Por isso, como a seda que é feita por esses bichinhos interessa às mulheres, se

me permitisse eu iria a Séverac mostrar a Camila como isso se colhe. Camila é tão inteligente que compreenderá imediatamente tudo o que lhe disser. Pois não é que ela compreendeu um dia a razão inversa do quadrado das distâncias!

Esta frase fechou com chave de ouro a conversa entre o sr. de Séverac e a sra. du Brossard, já depois da leitura de Luciano.

Alguns mais íntimos se insinuaram familiarmente na assembleia, seguidos de dois ou três filhos de família, tímidos, silenciosos, enfeitados como relicários, felizes por terem sido convidados para aquela solenidade literária, e dos quais o mais ousado se emancipou a ponto de conversar muito com a srta. de La Haye. Todas as mulheres se dispuseram gravemente num círculo, por trás do qual os homens ficaram de pé. Aquela assembleia de personagens bizarras, com roupas heteróclitas e caras mascaradas, pareceu muito imponente a Luciano, cujo coração palpitou ao ver-se objeto de todos os olhares. Por mais ousado que fosse, não pôde enfrentar facilmente essa primeira prova, apesar dos encorajamentos de sua amada, que desenvolveu todo o fausto de suas reverências e de suas mais preciosas graças ao receber as ilustres sumidades do Angoumois. O mal-estar de que se achava possuído foi aumentando por uma circunstância fácil de prever, mas que devia perturbar um rapaz ainda pouco familiarizado com a tática do mundo. Luciano, todo olhos e todo ouvidos, ouvia que era chamado de sr. de Rubempré por Luísa, pelo sr. de Bargeton, pelo bispo, por alguns outros, complacentes para com a dona da casa, e de sr. Chardon pela maioria desse temível público. Intimidado pelas olhadelas interrogativas dos curiosos, pressentia seu nome burguês somente pelo movimento dos lábios; adivinhava os julgamentos antecipados que dele se faziam com a franqueza provinciana, sempre muito próxima da impolidez. Essas contínuas alfinetadas que não esperava o puseram ainda menos à vontade. Aguardava com impaciência o momento de começar a leitura, a fim de tomar uma atitude que pusesse fim àquele suplício interior; Jaques, porém, contava sua última caçada à sra. de Pimentel; Adriano ocupava-se do novo astro musical — Rossini — com a srta. Laura de Rastignac; Astolfo, que havia decorado num jornal a descrição de uma nova charrua, falava dela ao barão.

Luciano, o pobre poeta, não sabia que nenhuma dessas inteligências, exceto a da sra. de Bargeton, seria capaz de compreender a poesia. Todas aquelas pessoas, privadas de emoção, haviam ocorrido enganadas quanto à natureza do espetáculo que as esperava. Há palavras que, semelhantes às trombetas, aos címbalos, ao bombo dos saltimbancos, atraem sempre o público. As palavras “beleza”, “glória”, “poesia” possuem sortilégios que seduzem mesmo os espíritos mais grosseiros.

Chegados afinal todos os convidados e cessadas as conversas, graças às mil advertências feitas aos interruptores pelo sr. de Bargeton, que a mulher pusera como um porteiro de igreja que faz ressoar seu bastão sobre as lajes, Luciano pôs-se à mesa redonda, junto à sra. de Bargeton, sentindo um violento abalo de alma. Anunciou com voz turbada que, para não iludir a expectativa de ninguém, ia ler obras-primas recentemente descobertas de um grande poeta ainda pouco conhecido. Não obstante as poesias de André de Chénier terem sido publicadas já em 1819, ninguém em Angoulême ouvira ainda falar em tal poeta. Todos julgaram ver, nessa declaração, um subterfúgio encontrado pela sra. de Bargeton para preservar o amor-próprio do poeta e pôr os ouvintes à vontade. Luciano leu primeiro “O jovem doente”, que foi acolhido com murmúrios lisonjeiros; depois, “O cego”, poema que aqueles espíritos medíocres acharam longo. Durante sua leitura, Luciano foi presa de um desses sofrimentos infernais que só podem ser perfeitamente compreendidos pelos grandes artistas ou por aqueles a quem o entusiasmo ou uma alta inteligência põem ao seu nível. Para ser interpretada pela voz, como para ser inteiramente sentida, a poesia exige uma atenção religiosa. Deve estabelecer-se entre o leitor e o auditório uma íntima comunicação, sem o que não se produzem as elétricas transmissões dos sentimentos. Falte essa coesão de almas, e o poeta se encontra então como um anjo tentando cantar um hino celeste em meio dos motejos do inferno. Ora, na esfera em que se desenvolvem suas faculdades, os homens de inteligência possuem a visão circular do caracol, o faro do cão e o ouvido da toupeira; veem, cheiram, ouvem tudo a seu redor. O músico e o poeta sabem-se tão imediatamente admirados ou incompreendidos como uma planta

revive ou seca em atmosfera amiga ou inimiga. Os murmúrios dos homens que haviam vindo apenas por causa de suas mulheres e que falavam de seus negócios repercutiam nos ouvidos de Luciano pelas leis dessa acústica particular, assim como via os hiatos simpáticos de algumas mandíbulas violentamente entreabertas e cujos dentes o afrontavam. Ao procurar, tal como a pomba do dilúvio, um canto favorável onde seu olhar pudesse pousar, só encontrava os olhos impacientes de pessoas que pensavam evidentemente aproveitar-se da reunião para tratar de alguns interesses positivos. Com exceção de Laura de Rastignac, de duas ou três pessoas moças e do bispo, todos os assistentes se aborreciam. Sem dúvida, os que compreendem a poesia procuram desenvolver em sua alma aquilo que o autor pôs em germe nos seus versos; aqueles ouvintes frios, porém, longe de aspirar a alma do poeta, nem sequer ouviam suas inflexões. Luciano sentiu então um desânimo tão profundo que um suor frio molhou-lhe a camisa. Um olhar de fogo, lançado por Luísa, para a qual se voltou, deu-lhe coragem para ir até o fim; mas seu coração de poeta sangrava por mil feridas.

— Está achando interessante, Fifine? — perguntou à vizinha a seca Lili, que se continha talvez por um supremo esforço.

— Não peça a minha opinião, querida, meus olhos se fecham assim que ouço alguém ler.

— Espero que Naïs não nos ofereça frequentemente versos à noite — disse Francis. — Se escuto uma leitura após o jantar, a atenção que sou forçado a prestar perturba-me a digestão.

— Pobre gatinho — disse Zefirina em voz baixa —, bebe um pouco de água com açúcar.

— Muito bem declamado — disse Alexandre —, mas prefiro o uíste.

Ouvindo essa resposta, que passou por espirituosa dada a significação inglesa da palavra, [62] algumas jogadoras pretenderam que o leitor precisava repousar. E, sob esse pretexto, um ou dois pares se esquivaram para o gabinete da dona da casa. Luciano, instado por Luísa, pela encantadora Laura de Rastignac e pelo bispo, despertou, porém, a atenção, graças ao calor contrarrevolucionário dos *Iambos*, [63] que muitas pessoas, levadas pelo ardor da declamação,

aplaudiram sem compreender. Essa espécie de pessoas é influenciável pela vociferação como os paladares grosseiros são excitados pelos licores fortes. Num intervalo, enquanto se tomavam sorvetes, Zefirina mandou Francis ver o volume e disse à sua vizinha Amélia que os versos lidos por Luciano eram impressos.

— Mas — respondeu Amélia com visível satisfação — é bem simples, o sr. de Rubempré trabalha em casa de um impressor. É — disse, olhando para Lolotte — como se uma mulher bonita fizesse seus próprios vestidos.

— Ele próprio imprimiu suas poesias — diziam as mulheres umas para as outras.

— Por que se chama então sr. de Rubempré? — perguntou Jaques. — Um nobre, quando se dedica a um trabalho manual, deve abandonar seu nome.

— Deixou efetivamente o seu, que era plebeu — disse Zizine —, mas para tomar o da mãe, que é nobre.

— Visto que esses versos estão impressos, poderemos nós mesmos lê-los — disse Astolfo.

Essa estupidez complicou a questão até que Sixto du Châtelet dignou-se dizer à ignorante assembleia que a declaração não fora precaução oratória e que aquelas belas poesias pertenciam a um irmão monarquista do revolucionário Marie Joseph Chénier. Com exceção do bispo, da sra. de Rastignac e das duas filhas, a quem os grandes poemas haviam arrebatado, a sociedade de Angoulême acreditou-se lograda e se ofendeu com o embuste. Um surdo murmúrio se elevou, mas Luciano nada ouviu. Isolado daquele mundo odioso pela embriaguez produzida por uma melodia interior, esforçava-se por repeti-la; via as figuras como através de uma nuvem. Leu a sóbria elegia sobre o suicídio, aquela no gosto antigo que respira uma melancolia sublime; depois outra, onde se encontra este verso: “São doces os teus versos, gosto de repeti-los”.^[64] E terminou, enfim, pelo suave idílio intitulado *Neera*.

Mergulhada num sonho delicioso, uma das mãos no cabelo, que havia desfrisado sem se aperceber, a outra pendente, os olhos distraídos, sozinha no meio de seu salão, a sra. de Bargeton sentiu-se

pela primeira vez na vida transportada para a esfera que lhe era própria. Julgai, pois, como não foi desagradavelmente distraída por Amélia, que se encarregara de lhe exprimir a opinião geral.

— Naïs, viemos para ouvir as poesias do sr. Chardon, e você nos dá versos impressos. Ainda que esses fragmentos sejam muito bonitos, por bairrismo estas senhoras prefeririam a prata da casa.

— Não acha que a língua francesa se presta pouco à poesia? — disse Astolfo ao diretor das rendas. — Acho a prosa de Cícero mil vezes mais poética.

— A verdadeira poesia francesa é a poesia ligeira, a canção — respondeu Du Châtelet.

— A canção prova que nossa língua é muito musical — acrescentou Adriano.

— Gostaria bastante de conhecer os versos que causaram a perda de Naïs — disse Zefirina —, mas, dada a maneira como acolhe o pedido de Amélia, vê-se que não está disposta a nos dar uma amostra.

— Ela deve a si mesma fazer com que ele os diga — respondeu Francis — porque o talento desse rapazinho é toda a sua justificação.

— O senhor, que esteve na diplomacia, consiga isso — disse Amélia ao sr. du Châtelet.

— Nada mais fácil — disse o barão.

O antigo secretário particular, habituado a esses pequenos manejos, foi procurar o bispo e soube induzi-lo a fazer o pedido. À solicitação de sua excelência reverendíssima, Naïs viu-se obrigada a pedir a Luciano que dissesse um trecho qualquer que soubesse de cor. O pronto êxito do barão nessa negociação valeu-lhe um lânguido sorriso de Amélia.

— Decididamente, o barão tem muito espírito — disse ela a Lolotte.

Lolotte lembrava ainda as palavras agridoces de Amélia sobre as mulheres que fazem seus próprios vestidos.

— Desde quando admite os barões do Império? — respondeu, sorrindo.

Luciano havia tentado deificar a amada numa ode que lhe era endereçada sob o título usado por todos os jovens ao sair do colégio. Essa ode, tão complacentemente acariciada, embelezada por todo o amor que sentia no coração, pareceu-lhe a única digna de se equiparar

à poesia de Chénier. Olhou, com um ar ligeiramente fátuo, para a sra. de Bargeton, ao dizer: “A ELA!”. Depois, tomou uma atitude orgulhosa para desenvolver essa peça ambiciosa, pois seu amor-próprio de autor sentia-se à vontade por trás das saias da sra. de Bargeton. Naquele instante, Naïs deixou que se revelasse seu segredo aos olhos das mulheres. Apesar de habituada a dominar aquela gente do alto de sua inteligência, não pôde deixar de tremer por Luciano. Sua atitude tornou-se constrangida, seus olhares como que pediram indulgência; depois, foi obrigada a permanecer de olhos baixos e a esconder seu contentamento à medida que se sucederam as estrofes seguintes:[65]

A ELA

*Dos páramos da luz onde os anjos, atentos,
Ferindo as cordas de ouro em arpejos profundos,
Aos pés de Jeová repetem o lamento
Infundável dos mundos,*

Quantas vezes um loiro querubim, de leve
Sombreando a luz de Deus que em sua frente erra,
Deixa às portas do Céu as asas cor de neve
E desce sobre a Terra!

Nos olhos do Senhor viu ele a compaixão,
Do gênio perseguido ele adormenta a ânsia;
Como adorada filha, embala o pobre ancião
Entre as flores da infância;

“Espera!”, em sonhos diz à mãe aflita...
E, enquanto os remorsos tardios de pecador anota,
Vai colhendo, feliz, cada gota de pranto
Que da piedade brota.

Desses anjos do Céu um entre nós existe,
A que a Terra detém o passo, enamorada;
Mas ele chora, e fita o olhar saudoso e triste
Na paternal morada.

Não foi daquela frente a alvura imaculada
Que assim me revelou sua nobre ascendência,
Nem o fulgor do olhar nem aquela ousada
E divina inocência...

É que, cego de luz, tentou meu coração
Unir-se finalmente à santa criatura:
Do terrível arcanjo eu encontrei então
A impenetrável armadura.

Não o deixem rever, quando ainda entre nós,
O serafim de luz que para o céu revoa!
Ele cedo demais compreenderia a voz
Que no mistério ecoa.

Vê-lo-iam, da noite a espedaçar os véus,
Como um raio da aurora, ir alcançando os astros,
Em um voo fraterno;

*E o marujo que busca um presságio nos céus
De seu pé luminoso apontaria o rastro
Como um farol eterno.*

— Compreende essa charada? — perguntou Amélia ao sr. du Châtelet, dirigindo-lhe um olhar sedutor.

— São versos como os que todos nós, mais ou menos, fizemos ao sair do colégio — respondeu o barão com um ar de tédio, para ficar fiel ao seu papel de juiz a quem nada surpreende. — Outrora caíamos nas brumas ossiânicas:[66] eram Malvina, Fingal, aparições nebulosas, guerreiros que saíam das tumbas com estrelas sobre a fronte. Agora, esse ferro-velho poético foi substituído por Jeová, pelos sistros, pelos anjos, pelas penas dos serafins, por todo o guarda-roupa do paraíso renovado pelas palavras “imenso”, “infinito”, “solitude”, “inteligência”. São lagos, palavras de Deus, uma espécie de panteísmo cristianizado, enriquecido de rimas raras, penosamente procuradas, como “esmeralda e fralda”, “Bósforo e fósforo” etc. Enfim, mudamos de latitude: em vez de estarmos no Norte, estamos no Oriente, mas as trevas são espessas da mesma forma.

— Se a ode é obscura — disse Zefirina —, a declaração me parece muito clara.

— E a armadura do arcanjo é um vestido de musselina bem leve — disse Francis.

Embora exigisse a polidez que, ostensivamente, se achasse a ode arrebatadora em atenção à sra. de Bargeton, as mulheres, furiosas por não terem poeta a seu serviço para chamá-las de anjos, levantaram-se como que fastidiadas, murmurando com ar glacial: *muito bem, bonito, perfeito*.

— Se me ama, não cumprimente o autor nem o seu anjo — disse Lolotte a seu querido Adriano com ar despótico, ao qual foi forçoso obedecer.

— Afinal, são apenas frases — disse Zefirina a Francis —, e o amor é uma poesia em ação.

— Você disse agora, Zizine, uma coisa que eu pensava, mas que não teria enunciado tão finamente — replicou Estanislau, esquadrinhando-

se dos pés à cabeça com olhar acariciador.

— Não sei o que daria — disse Amélia a Du Châtelet — para ver abatido o orgulho de Naïs, que se faz tratar de arcanjo, como se fosse mais do que nós, e que nos avilta com o filho de um boticário e de uma enfermeira, que tem por irmã uma costureirinha e que trabalha em casa de um impressor.

— Já que o pai vendia biscoitos contra vermes[67] — disse Jaques —, devia ter feito o filho comer alguns.

— Ele continua o ofício do pai, porque o que acaba de nos dar me parece mesmo uma droga — disse Estanislau, tomando uma de suas atitudes mais irritantes. — Droga por droga, prefiro outra coisa.

Num momento todos se puseram de acordo para humilhar Luciano com alguma palavra de aristocrática ironia. Lili, a mulher piedosa, viu nisso uma ação caridosa, dizendo que era tempo de esclarecer Naïs, prestes a cometer uma loucura. Francis, o diplomata, encarregou-se de levar a bom termo a tola conspiração em que todos aqueles espíritos tacanhos se interessaram como no desenrolar de um drama e na qual viram uma aventura para contar no dia seguinte. O antigo cônsul, com pouca vontade de se ver obrigado a bater-se com o jovem poeta que, sob os olhos da amada, se enraivecera por qualquer palavra insultante, compreendeu que era preciso matar Luciano com um ferro sagrado contra o qual fosse impossível a vingança. Imitou o exemplo que lhe havia dado o hábil Du Châtelet, quando se tratou de fazer Luciano dizer versos. Foi conversar com o bispo fingindo compartilhar do entusiasmo que a ode de Luciano inspirara à Sua Grandeza; depois, logrou-o, fazendo-lhe crer que a mãe de Luciano era mulher superior e de excessiva modéstia, que fornecia ao filho os assuntos de todas as suas composições, e que o maior prazer de Luciano era ver fazer justiça à mãe que adorava. Inculcada essa ideia ao bispo, Francis contava com os acasos da conversa para provocar a palavra ferina que premeditara fazer com que fosse dita pelo monsenhor. Quando Francis e o bispo voltaram para o círculo em cujo centro estava Luciano, a atenção redobrou entre as pessoas que já o faziam beber a cicuta a pequenos goles. Completamente estranho ao manejo dos salões, o pobre poeta não sabia senão olhar para a sra. de Bargeton e responder

desajeitadamente às desajeitadas perguntas que lhe eram endereçadas. Ignorava os nomes e as qualidades da maior parte das pessoas presentes e não sabia que conversa entabular com as mulheres que lhe diziam disparates que o envergonhavam. Sentia-se, aliás, a mil léguas dessas divindades de Angoulême ouvindo-se chamar ora sr. Chardon, ora sr. de Rubempré, enquanto elas se chamavam Lolotte, Adriano, Astolfo, Lili, Fifine. Sua confusão foi extrema quando, tendo tomado Lili por um nome de homem, chamou sr. Lili ao brutal sr. de Sénonches. O Nemrod interrompeu Luciano com um “sr. Lulu?” que fez enrubescer a sra. de Bargeton até as orelhas.

— É preciso estar bem cega para admitir aqui e nos apresentar esse rapazinho — disse ele a meia-voz.

— Senhora marquesa — disse Zefirina à sra. de Pimentel, em voz baixa, mas de maneira a se fazer ouvir —, não encontra uma grande semelhança entre o sr. Chardon e o sr. de Cante-Croix?

— A semelhança é ideal — respondeu sorrindo a sra. de Pimentel.

— A glória tem seduções que se devem reconhecer — disse a sra. de Bargeton à marquesa. — Há mulheres que se apaixonam pela grandeza como outras pela pequenez — acrescentou, olhando para Francis.

Zefirina não compreendeu, pois achava o seu cônsul muito grande; mas a marquesa se colocou ao lado de Naïs, pondo-se a rir.

— O senhor é bem feliz — disse a Luciano o sr. de Pimentel, que se conteve para chamá-lo sr. de Rubempré depois de o haver chamado Chardon —; não se aborrece nunca?

— Trabalha rapidamente? — perguntou Lolotte com o ar com que teria dito a um marceneiro: “Leva muito tempo a fazer uma caixinha?”.

Luciano ficou completamente atordoado sob esse golpe de maça; mas levantou a cabeça, ao ouvir a sra. de Bargeton responder, sorrindo:

— Minha querida, a poesia não brota na cabeça do sr. de Rubempré como a erva em nossos pátios.

— Senhora — disse o bispo a Lolotte —, nunca chegaremos a ter respeito bastante pelos nobres espíritos em que Deus põe um de seus raios. Sim, a poesia é coisa santa. Quem diz poesia diz sofrimentos. Quantas noites silenciosas não custaram as estrofes que admira!

Saúdem com amor o poeta que leva quase sempre uma vida infeliz e a quem Deus reserva sem dúvida um lugar no céu entre seus profetas. Este moço é um poeta — acrescentou, pondo a mão sobre a cabeça de Luciano —, não vê como que uma fatalidade impressa sobre esta bela fronte?

Feliz de ser tão nobremente defendido, Luciano saudou o bispo com um olhar suave, sem saber que o digno prelado iria ser o seu carrasco.

A sra. de Bargeton lançou sobre o círculo inimigo olhares cheios de triunfo que se cravaram, como outros tantos dardos, no coração de suas rivais, em quem a raiva redobrou.

— Ah! Monsenhor — respondeu o poeta, esperando castigar com seu cetro de ouro aquelas cabeças imbecis —, as pessoas vulgares não têm o seu espírito nem a sua caridade. Nossas dores são ignoradas, ninguém sabe de nossos trabalhos. Ao mineiro custa menos extrair o ouro da mina do que a nós arrancar nossas imagens às entranhas da mais ingrata das línguas. Se a finalidade da poesia é pôr as ideias no ponto preciso onde todo o mundo as possa ver e sentir, o poeta deve incessantemente percorrer a escala das inteligências humanas, a fim de a todas satisfazer; deve esconder sob as cores mais vivas a lógica e o sentimento, duas potências inimigas; é-lhe necessário encerrar numa só palavra todo um mundo de pensamentos, resumir filosofias inteiras por uma pincelada; seus versos são, enfim, as sementes cujas flores devem desabrochar nos corações, buscando neles os sulcos abertos pelos sentimentos pessoais. Não é preciso tudo haver sentido para tudo poder dar? E sentir vivamente não é sofrer? Por isso, as poesias não nascem senão depois de penosas viagens empreendidas pelas vastas regiões do pensamento e do mundo. Não são imortais aqueles trabalhos aos quais devemos criaturas cuja vida se torna mais autêntica do que as dos entes que verdadeiramente viveram, como a Clarissa de Richardson, a Camila de Chénier, a Délia de Tíbulo, a Angélica de Ariosto, a Francesca de Dante, o Alceste de Molière, o Fígaro de Beaumarchais, a Rebeca de Walter Scott, o Dom Quixote de Cervantes?

— E o senhor, o que criará? — perguntou Du Châtelet.

— Anunciar uma tal concepção — respondeu Luciano — não seria outorgar-se alguém um alvará de homem de gênio? Além disso, para

dar à luz uma obra sublime é necessária uma longa experiência do mundo, um estudo das paixões e dos interesses humanos que eu não poderia ter feito, mas começo — disse com amargura, lançando um olhar vingativo sobre o grupo. — O cérebro leva muito tempo...

— Seu parto será laborioso — disse o sr. du Hautoy, interrompendo-o.

— Sua excelente mãe poderá ajudá-lo — observou o bispo.

Essas palavras tão habilmente preparadas, essa vingança esperada acenderam em todos os olhos um clarão de alegria. Por todas as bocas passou um sorriso de aristocrática satisfação, aumentada pela imbecilidade do sr. de Bargeton, que se pôs a rir fora de tempo.

— Vossa reverendíssima foi fino demais para nós, neste momento; estas damas não o compreenderam — disse a sra. de Bargeton, que, só com estas palavras, paralisou os risos e atraiu olhares admirados. — Um poeta que vai buscar todas as suas inspirações na Bíblia tem na Igreja uma verdadeira mãe. Sr. de Rubempré, recite-nos *São João em Patmos* ou *O festim de Baltazar* para mostrar a sua reverendíssima que Roma é sempre a *magna parens*^[68] de Virgílio.

As mulheres trocaram um sorriso ao ouvir Naïs pronunciar as duas palavras latinas. No começo da vida, a coragem mais orgulhosa não está a salvo do abatimento. O golpe havia arremessado imediatamente Luciano ao fundo da água; mas bateu com os pés e voltou à superfície, jurando a si mesmo dominar aquela sociedade. Como o touro picado por mil farpas, levantou-se furioso e ia obedecer à voz de Luísa, declamando *São João em Patmos*; mas a maior parte das mesas de jogo havia atraído os jogadores, que recaíam na trilha de seus hábitos, achando nisso o prazer que a poesia não lhes dera. Depois, a vingança de tantos amores-próprios irritados não ficaria completa sem o desdém negativo pela poesia nativa, que testemunharam abandonando Luciano e a sra. de Bargeton. Cada qual pareceu preocupado: este foi falar de um caminho vicinal com o prefeito, aquela falou em variar os prazeres do sarau fazendo um pouco de música. A alta sociedade de Angoulême, sentindo-se mau juiz em matéria de poesia, mostrava-se sobretudo ansiosa por conhecer a opinião dos Rastignac e dos Pimentel sobre Luciano, e várias pessoas os rodearam. A grande influência que as duas

famílias exerciam no departamento era sempre reconhecida nas grandes circunstâncias; todos os invejavam e cortejavam, porque todo o mundo previa que poderia vir a precisar-lhes da proteção.

— Que acha do nosso poeta e da sua poesia? — perguntou Jaques à marquesa, em casa de quem costumava caçar.

— Para versos de província — respondeu ela sorrindo —, não estão maus; aliás, um poeta tão bonito não poderia fazer nada mal.

Acharam a sentença adorável, e cada qual foi repeti-la pondo-lhe mais malícia do que a marquesa lhe quisera dar.

Du Châtelet foi então convidado a acompanhar o sr. de Bargas, que assassinou a grande ária de *Fígaro*. Uma vez aberta a porta à música, tornou-se necessário ouvir a romança cavalleiresca feita no tempo do Império por Chateaubriand,[69] cantada por Du Châtelet. Depois vieram os trechos a quatro mãos executados por moças e reclamados pela sra. du Brossard, que desejava fazer brilhar aos olhos do sr. de Séverac o talento da sua querida Camila.

A sra. de Bargeton, ferida pelo desprezo que todos mostraram ao seu poeta, devolveu desdém com desdém, retirando-se para o seu gabinete durante o tempo em que se fez música. Seguiu-a o bispo, a quem o vigário-geral explicara a profunda ironia de seu involuntário epigrama, e que desejava vê-lo perdoado. A srta. de Rastignac, a quem a poesia seduzira, se esgueirou até o gabinete da sra. de Bargeton sem ser vista pela mãe. Sentando-se no canapé acolchoado para onde levou Luciano, Luísa pôde, sem ser ouvida nem vista, dizer-lhe ao ouvido:

— Anjo querido, eles não te compreendem! mas... “São doces os teus versos, gosto de repeti-los.”

Luciano, consolado por essa carinhosa lisonja, esqueceu por um momento as próprias dores.

— Não há glória barata — disse a sra. de Bargeton, tomando-lhe a mão e apertando-a. — Sofra, sofra, meu amigo, e será grande; as dores serão o preço de sua imortalidade. Eu bem desejaria ter de suportar as vicissitudes de uma luta. Guarde-o Deus de uma vida atônica e sem combates, na qual as asas da águia não encontram espaço. Invejo seus sofrimentos, porque ao menos você vive! Desenvolverá suas forças, e terá a vitória! Sua luta será gloriosa. Quando chegar à esfera imperial

onde reinam as grandes inteligências, lembre-se das pobres criaturas deserdadas da sorte, cuja inteligência se anula sob a opressão de um tóxico moral e que parecem ter sabido sempre o que era a vida sem poder viver, que tiveram olhos penetrantes e nada viram, cujo olfato era delicado e não aspiraram senão flores empestadas. Cante então a planta que seca no fundo da floresta, sufocada pelas lianas, por uma vegetação gulosa e espessa, sem ter sido amada pelo sol e que morre sem haver florescido! Não será esse um poema de horrível melancolia, um assunto fantástico? Que composição sublime a descrição de uma menina nascida sob os céus da Ásia ou de uma filha do deserto transportada para um frio país do Ocidente, clamando pelo seu sol bem-amado, morrendo de dores incompreendidas, igualmente abatida pelo frio e pelo amor! Seria a imagem de muitas existências.

— Pintaria assim a alma que se recorda do céu — disse o bispo — um poema que deve ter sido escrito outrora e do qual suponho ver um fragmento no Cântico dos Cânticos.

— Escreva-o — disse Laura de Rastignac, exprimindo uma ingênua crença no talento de Luciano.

— Falta à França um grande poema sacro — disse o bispo. — Acredite, a glória e a fortuna pertencerão ao homem de talento que trabalhar pela religião.

— Ele o empreenderá, excelência — disse a sra. de Bargeton com ênfase. — Não vê a ideia do poema apontando já como um resplendor de aurora nos olhos dele?

— Naïs nos trata bem mal — disse Fifine. — Que estará fazendo?

— Não a ouve? — respondeu Estanislau. — Cavalga suas grandes palavras sem pé nem cabeça.

Amélia, Fifine, Adriano e Francis apareceram à porta do gabinete acompanhando a sra. de Rastignac, que vinha em busca da filha para partir.

— Naïs — disseram as duas mulheres, encantadas por perturbar a intimidade do gabinete —, seria bem amável se nos tocasse qualquer trecho.

— Minha filha — respondeu a sra. de Bargeton —, o sr. de Rubempré vai dizer-nos seu “São João em Patmos”, um magnífico poema bíblico.

— Bíblico! — repetiu Fifine, admirada.

Amélia e Fifine voltaram ao salão, levando essa palavra como pasto à zombaria.

Luciano escusou-se de dizer o poema objetando sua falta de memória. Quando reapareceu, já não excitou o menor interesse. Todos conversavam ou jogavam. O poeta havia sido despojado de todos os seus raios. Os proprietários nada de útil viam nele; as pessoas pretensiosas o temiam como um poder hostil à sua ignorância; as mulheres, invejosas da sra. de Bargeton, a Beatriz desse novo Dante, segundo o vigário-geral, lançavam-lhe olhares friamente desdenhosos.

“Eis a sociedade!”, pensou Luciano descendo para o Houmeau pelas rampas de Beaulieu, porque há momentos na vida em que gostamos de tomar os caminhos mais longos, a fim de manter pela marcha o movimento de ideias que nos domina e a cujo influxo nos queremos entregar. Longe de desencorajá-lo, a raiva do ambicioso repellido dava novas forças a Luciano. Como todas as criaturas levadas pelo próprio instinto a uma esfera elevada, a que chegam antes de nela se poderem sustentar, ele jurava tudo sacrificar para permanecer na alta sociedade. Enquanto andava, ia arrancando um a um os dardos envenenados que recebera, falava alto consigo mesmo, criticava asperamente os tolos com quem tratara, encontrava respostas finas para as perguntas idiotas que lhe haviam formulado e se desesperava de ter assim presença de espírito já tarde demais. Ao chegar à estrada de Bordeaux que serpenteia pelo sopé da montanha e costeia as margens do Charente, julgou ver, ao clarão do luar, Eva e David sentados sobre uma viga à beira do rio, junto a uma fábrica, e desceu rumo a eles por um atalho.

IV – A NOITE À BEIRA D’ÁGUA

Enquanto Luciano corria, para seu tormento, à casa da sra. de Bargeton, a irmã havia posto um vestido de percalina rosa de mil listas, seu chapéu de palha cosida e um pequeno xale de seda, traje simples que fazia com que parecesse bem-vestida como sucede a todas as pessoas em quem uma distinção natural realça os menores acessórios. Por isso, quando tirava seu costume de operária, intimidava

prodigiosamente David. Ainda que o impressor se houvesse resolvido a falar de si, não achou nada para dizer ao dar o braço à bela Eva para atravessar o Houmeau. O amor se apraz nesses respeitosos terrores, semelhantes aos que a glória de Deus causa aos fiéis. Encaminharam-se silenciosamente os namorados para a Pont Saint-Anne a fim de passar à margem esquerda do Charente. Eva, que achou esse silêncio constrangedor, parou na metade da ponte para contemplar o rio, que, dali até o lugar onde se construía a fábrica de pólvora, formava um longo lençol onde o sol poente punha então alegre rastro de luz.

— Que bela tarde! — disse ela, procurando um assunto de conversa.
— O ar está ao mesmo tempo tépido e fresco, as flores perfumam o ar, o céu está magnífico.

— Tudo fala ao coração — respondeu David, tentando chegar ao seu amor por analogia. — Há, para as criaturas que amam, um prazer infinito em encontrar nos acidentes da paisagem, na transparência do ar, nos perfumes da terra a poesia que têm na alma. A natureza fala por elas.

— E lhes desata também a língua — disse Eva, rindo. — Estava bem silencioso ao atravessar o Houmeau. Sabe que me senti embaraçada...

— Achava-a tão bela que me senti embargado — respondeu ingenuamente David.

— Sou menos bela neste momento? — perguntou ela.

— Não; mas sou tão feliz em passear a sós com você que...

Parou todo interdito e olhou as colinas por onde desce a estrada de Saintes.

— Se encontrar algum prazer neste passeio, ficarei encantada, porque me julgo obrigada a lhe dar uma tarde em troca da que me sacrificou. Recusando ir à casa da sra. de Bargeton, você foi tão generoso como o foi Luciano arriscando-se a enfadá-la com o seu pedido.

— Generoso, não; prudente — respondeu David. — Visto que estamos sós sob o céu, sem outras testemunhas além dos caniços e dos silvados que bordam o Charente, permita, querida Eva, que lhe diga algumas das inquietações que me causa a rápida ascensão de Luciano. Depois do que acabo de lhe dizer, espero que meus temores lhe

pareçam apenas um refinamento de amizade. Você e sua mãe tudo têm feito para colocá-lo acima de sua posição; mas, ao lhe excitar a ambição, não o terão imprudentemente votado a grandes sofrimentos? Como se sustentará na sociedade para onde o levam seus gostos? Eu o conheço! É da natureza dos que amam as colheitas sem trabalho. Os deveres da sociedade lhe devorarão o tempo, e o tempo é o mais precioso capital das pessoas que só têm a inteligência por fortuna; gosta de brilhar, e a sociedade lhe exasperará os desejos, que nenhuma soma poderá satisfazer; gastará dinheiro sem o ganhar; enfim, habituaram-no a julgar-se grande; mas, antes de reconhecer qualquer superioridade, o mundo exige êxitos brilhantes. Ora, os êxitos literários só se conquistam na solidão e através de um trabalho obstinado. Que dará a sra. de Bargeton a seu irmão em troca de tantos dias passados a seus pés? Luciano é muito orgulhoso para aceitar auxílio, e nós o sabemos ainda muito pobre para continuar a frequentar tal sociedade, que lhe é duplamente ruinosa. Cedo ou tarde essa mulher abandonará nosso querido irmão depois de o haver feito perder o gosto pelo trabalho, depois de haver desenvolvido nele o gosto pelo luxo, o desprezo pela nossa vida sóbria, o amor do gozo, seu pendor para a ociosidade, esse desregramento das almas poéticas. Sim, temo que essa grande dama se divirta com Luciano como com um brinquedo: ou ela o ama sinceramente e o fará tudo esquecer, ou não o ama e o fará desgraçado, porque ele está louco por ela.

— Gela-me o coração — disse Eva, parando na barragem do Charente. — Mas, enquanto minha mãe tiver forças para exercer o seu penoso mister e enquanto eu viver, o produto de nosso trabalho será talvez suficiente para as despesas de Luciano e lhe permitirá esperar o momento em que sua fortuna comece. Não me faltará jamais coragem, porque a ideia de trabalhar por uma pessoa amada — disse Eva, animando-se — tira ao trabalho toda a sua amargura e os seus aborrecimentos. Sou feliz ao pensar por quem me dou a tantas fadigas, se acaso é uma fadiga. Sim, não tema, nós ganharemos o bastante para que Luciano possa frequentar a alta-roda. É lá que está a fortuna dele.

— Lá está também sua perda — tornou David. — Ouça-me, Eva querida. A lenta elaboração das obras do gênio exige a posse de uma

fortuna considerável já realizada ou o sublime cinismo de uma vida pobre. Acredite-me! Luciano tem tão grande horror às privações e à miséria e tem saboreado com tanta complacência o aroma dos festins, o fumo do êxito, seu amor-próprio aumentou tanto no toucador da sra. de Bargeton que há de tentar tudo antes de decair, e o produto do trabalho de ambas não estará jamais em relação com as necessidades dele.

— Você não é mais do que um falso amigo! — exclamou Eva, desesperada. — Do contrário não nos desencorajaria assim.

— Eva! Eva! — respondeu David. — Eu quisera ser irmão de Luciano. Somente você me pode dar esse título, que lhe permitiria tudo aceitar de mim, que me daria o direito de me dedicar a ele com o santo amor que você põe em seus sacrifícios, mas neles pondo também o discernimento do calculador. Eva, querida criança amada, faça com que Luciano tenha um tesouro a que possa recorrer sem se envergonhar! A bolsa de um irmão não será como se fosse a sua própria? Se soubesse todas as reflexões que me tem sugerido a nova posição de Luciano! Se deve continuar a ir à casa da sra. de Bargeton, o pobre rapaz não deve mais ser meu tipógrafo, não deve mais morar no Houmeau, você não deve continuar sendo uma operária, sua mãe não deve mais exercer sua profissão. Se consentisse em tornar-se minha mulher, tudo se aplainaria: Luciano poderia morar em nossa casa, no segundo andar, enquanto eu lhe construísse um apartamento por cima do alpendre no fundo do pátio, a não ser que meu pai queira edificar um segundo andar. Nós lhe arranjaríamos assim uma vida sem cuidados, uma vida independente. Meu desejo de sustentar Luciano me dará uma coragem para fazer fortuna que não teria se se tratasse apenas de mim; mas depende de você autorizar meu devotamento. Um dia ele terá de ir para Paris, único palco onde pode brilhar e onde seu talento poderá ser apreciado e remunerado. A vida de Paris é cara, e não seremos demais os três para sustentá-lo. Por outro lado, você e sua mãe não precisam de apoio? Eva querida, case-se comigo por amor a Luciano. Mais tarde talvez me ame, vendo os esforços que hei de fazer para servi-lo e para torná-la feliz. Somos ambos modestos em nossos gostos, precisaremos de pouca coisa; a felicidade de Luciano será nosso

grande objetivo, e seu coração será o tesouro onde poremos fortuna, sentimentos, sensações, tudo!

— As conveniências nos separam — disse Eva, comovida ao ver como aquele grande amor se fazia pequeno —; você é rico e eu sou pobre. É necessário muito amor para passar por cima de semelhante dificuldade.

— Não me ama então bastante ainda? — exclamou David, aterrado.

— Mas seu pai há de se opor, talvez...

— Bem, bem — respondeu David —, se há só meu pai a consultar, você será minha mulher. Eva, minha Eva querida! Neste momento acaba de me tornar a vida bem fácil de levar. Ah! Eu tinha o coração pejado de sentimentos que não podia nem sabia exprimir! Diga-me somente que me ama um pouco, isso me dará a coragem necessária para lhe dizer o resto.

— Em verdade — disse ela —, deixa-me bastante envergonhada; mas, visto que nos confiamos nossos sentimentos, direi que jamais em minha vida pensei em outro que não fosse você. Vi em você um desses homens aos quais uma mulher pode orgulhar-se de pertencer, e não ousava esperar para mim, pobre operária sem futuro, tão grande destino.

— Basta, basta — disse ele, sentando-se sobre o paredão da barragem, para junto da qual tinham voltado, porque eles iam e vinham como dois loucos percorrendo o mesmo espaço.

— Que tem? — disse-lhe ela, exprimindo pela primeira vez essa inquietação carinhosa que as mulheres sentem pelas criaturas que lhes pertencem.

— Nada, a não ser felicidade — disse ele. — Ao perceber toda uma vida feliz, o espírito fica como que deslumbrado, a alma fica oprimida. Por que sou eu o mais feliz? — disse, com uma expressão de melancolia. — Mas eu sei.

Eva olhou para David com ar faceiro e dubio, como que pedindo uma explicação.

— Eva querida, recebo mais do que dou. Também hei de amá-la sempre mais do que você me poderá amar, porque tenho mais razões para amar: você é um anjo e eu sou um homem.

— Não sou tão culta — respondeu Eva sorrindo. — Eu o amo tanto...

— Tanto quanto a Luciano? — disse ele, interrompendo.

— O bastante para ser sua mulher, para me consagrar a você e tratar de não lhe dar nenhuma tristeza na vida, a princípio bem penosa, que levaremos.

— Percebeu que eu a amava, Eva querida, desde o primeiro dia em que a vi?

— Qual é a mulher que não sente quando é amada? — perguntou ela.

— Deixe-me dissipar os escrúpulos que lhe causa minha suposta fortuna. Sou pobre, Eva. Sim, minha querida, meu pai sentiu prazer em me arruinar, especulou com o meu trabalho, fez como muitos pretensos benfeitores com os seus protegidos. Se eu me tornar rico, será devido a você. Não lhe digo isto como enamorado, mas como um pensador que reflete. Devo dar-lhe a conhecer meus defeitos, e eles são enormes num homem obrigado a fazer a própria fortuna. Meu caráter, meus hábitos, as ocupações que me agradam tornam-me pouco apto para tudo o que é comércio e especulação, e, no entanto, não se pode fazer fortuna senão com o exercício de alguma indústria. Se sou capaz de descobrir uma mina de ouro, sou singularmente inábil para explorá-la. Mas você, que, por amor a seu irmão, tem esmiuçado as menores coisas, que tem o gênio da economia, a paciente atenção do verdadeiro negociante, você recolherá a messe que eu semear. Nossa situação, porque há muito tempo eu me integrei no seio de sua família, me oprime tanto o coração que tenho consumido meus dias e minhas noites à procura de uma ocasião de fazer fortuna. Meus conhecimentos de química e a observação das necessidades do comércio puseram-me na pista duma descoberta lucrativa. Nada lhe posso dizer ainda a respeito dela, prevejo grande demora. Sofreremos durante alguns anos, talvez, mas acabarei por encontrar os processos industriais a cuja cata não ando eu só e os quais, se eu chegar primeiro, nos proporcionarão grande fortuna. Eu nada disse a Luciano, porque seu caráter ardente estragaria tudo, converteria minhas esperanças em realidades, ele passaria a viver como grão-senhor e talvez se endividasse. Por isso, guarde segredo. Somente sua doce e querida companhia me poderá consolar durante essas longas provações, assim como o desejo de

enriquecer a você e a Luciano me dará constância e tenacidade...

— Eu havia também adivinhado — disse-lhe Eva, interrompendo-o — que você era um desses grandes inventores aos quais é preciso, como a meu pobre pai, uma mulher que deles tome conta.

— Você me ama, então! Ah! Diga-mo sem receio, a mim que vi no seu nome um símbolo do meu amor. Eva era a única mulher que existia no mundo, e o que era materialmente certo para Adão sê-lo-á moralmente para mim. Meu Deus! Você me ama?

— Sim — disse ela, alongando a pronúncia dessa simples sílaba como para pintar a extensão de seus sentimentos.

— Bem, sentemo-nos ali — disse ele, conduzindo Eva pela mão para uma grande trave colocada abaixo das rodas de uma fábrica de papel. — Deixe-me respirar o ar da tarde, ouvir o grito das rãs, admirar os raios da lua que tremem sobre as águas; quero apossar-me desta natureza onde creio ver minha felicidade escrita em cada coisa e que me aparece pela primeira vez em seu esplendor, iluminada pelo amor, embelezada por você. Eva, minha amada! Este é o primeiro momento de alegria pura que a sorte já me deu. Não creio que Luciano seja tão feliz como eu!

Sentindo a mão de Eva úmida e trêmula na sua, David nela deixou cair uma lágrima.

— Não posso conhecer o segredo? — perguntou Eva com voz carinhosa.

— Tem direito, porque seu pai se ocupou dessa questão que vai tornar-se grave, e eis por quê: a queda do Império vai tornar o uso do tecido de algodão quase geral, devido ao seu baixo preço em relação ao da fibra de linho. Atualmente, o papel se faz ainda com trapos de cânhamo e de linho, mas é uma matéria-prima cara, e essa carestia retarda o grande impulso que a imprensa francesa necessariamente terá. Ora, não se pode forçar a produção de trapos. O trapo é o resultado do uso da roupa interior, e a população de um país não dá senão determinada quantidade dele. Essa quantidade só pode crescer por um aumento na cifra dos nascimentos. Para operar mudança sensível na população, um país precisa de um quarto de século e de grandes revoluções nos costumes, no comércio e na agricultura. Se

então as necessidades da fabricação de papel se tornam superiores ao que a França produz de trapos, seja o dobro ou o triplo, será preciso, para manter o papel a baixo preço, introduzir em sua fabricação outro elemento além do trapo. Este raciocínio repousa sobre um fato que se passa aqui. As fábricas de Angoulême, as últimas em que se há de fabricar papel de trapo de linho, veem o algodão invadir a pasta numa progressão assustadora.

A uma pergunta da jovem operária, que não sabia o que significava “pasta”, David lhe deu sobre o papel explicações que não estarão deslocadas numa obra cuja existência material se deve tanto ao papel como à imprensa; mas esse longo parêntese entre um enamorado e sua amada ganhará sem dúvida em ser aqui resumido.

O papel, produto não menos maravilhoso que a imprensa, à qual serve de base, existia há muito tempo na China quando, pelos condutos ignorados do comércio, chegou à Ásia Menor, onde, por volta do ano de 750, segundo algumas tradições, se fazia uso de um papel de algodão triturado e reduzido a pasta. A necessidade de substituir o pergaminho, cujo preço era excessivo, fez com que se encontrasse, por uma imitação do *papel bombyx* (tal era o nome do papel de algodão no Oriente), o papel de trapos, dizem uns que em Basileia, em 1170, por gregos refugiados; afirmam outros que em Pádua, em 1301, por um italiano chamado Pax. Assim, o papel se aperfeiçoou lenta e obscuramente; mas o certo é que já no tempo de Carlos VI fabricava-se em Paris a cartolina para cartas de jogar. Quando os imortais Faust,[\[70\]](#) Coster[\[71\]](#) e Guttemberg[\[72\]](#) inventaram o LIVRO, artesãos, desconhecidos como tantos grandes artistas dessa época ajustaram o fabrico do papel às necessidades da tipografia. Nesse século XV, tão vigoroso e tão simples, os nomes dos diferentes formatos de papel, bem como os nomes dados aos caracteres tipográficos, levaram a marca da ingenuidade do tempo. Assim o Raisin, o Jesus, o Colombier, o papel Pot, o Ecu, o Coquille, o Couronne, tomaram esses nomes do cacho de uvas, da imagem do Nosso Senhor, da coroa, do escudo, do pote, enfim da filigrana marcada no meio da folha, como mais tarde, sob Napoleão se pôs uma águia: daí o papel chamado Grande Águia. Assim também se chamaram aos caracteres Cícero, Santo Agostinho, Grande Cânon,

segundo os livros de liturgia, as obras teológicas e os tratados de Cícero nos quais esses caracteres foram pela primeira vez empregados. O *itálico* foi inventado pelos Aldos,[73] em Veneza: daí seu nome. Antes da invenção do papel mecânico, cujo comprimento é ilimitado, os maiores formatos eram o Grande-Jesus e o Grande-Colombier, embora este último servisse quase só para atlas ou para gravuras. Sem dúvida, as dimensões do papel de impressão estavam subordinadas às das prensas. Na época de que David falava, a existência do papel de bobina parecia uma quimera na França, embora já Denis Robert d'Essonne houvesse, em 1799, inventado, para o fabricar, uma máquina que Didot-Saint-Léger tentou posteriormente aperfeiçoar. O papel velino, inventado por Ambroise Didot, data somente de 1780. Este rápido bosquejo demonstra insofismavelmente que todas as grandes aquisições da indústria e da inteligência são feitas com excessiva lentidão e por agregações despercebidas, exatamente como procede a natureza. Para chegar à sua perfeição, a escrita, a linguagem talvez!... passou pelo mesmo tatear que a tipografia e a fabricação do papel.

— Os trapeiros recolhem na Europa inteira trapos, roupas velhas e compram os retalhos de toda a sorte de tecidos — disse o impressor, terminando. — Esses restos, classificados por espécies, se armazenam nas casas dos comerciantes de trapos por atacado, que os fornecem às fábricas de papel. Para lhe dar uma ideia desse comércio, saiba que, em 1814, o banqueiro Cardon, proprietário das cubas de Buges e de Langlée, onde Léorier de l'Isle tentou já em 1776 a solução do problema de que se ocupou seu pai, sustentou um processo com um tal sr. Proust a propósito de um erro de dois milhões de libras, cerca de quatro milhões de francos. O fabricante lava os trapos e os reduz a uma pasta clara, que é passada, exatamente como uma cozinheira passa um molho pela peneira, por um caixilho de ferro chamado *fôrma*, em cujo interior há um estofo metálico no qual se acha a filigrana que dá o seu nome ao papel. Do tamanho da *fôrma* depende então o tamanho do papel. Quando estive em casa dos srs. Didot, havia já interesse por essa questão e ainda há, porque o aperfeiçoamento procurado por seu pai tornou-se uma das necessidades mais imperiosas desta época. E eis por quê: embora a duração do linho, comparada à do algodão, torne, afinal,

o linho menos caro que o algodão, como se trata sempre, para os pobres, de tirar uma soma qualquer da bolsa, preferem dar o menos a dar o mais e sofrem perdas enormes em virtude do *vae victis!*[74] A classe burguesa procede como a pobre. Assim, o trapo de linho vai faltando. Na Inglaterra, onde o algodão substituiu o linho para quatro quintos da população, já não se fabrica senão papel de algodão. Esse papel, que, antes de mais nada, apresenta o inconveniente de se rasgar e amarrotar logo, dissolve-se na água tão facilmente que um livro de papel de algodão se tornaria uma pasta se nela ficasse um quarto de hora, enquanto um velho livro não se perderia se nela permanecesse duas horas. Secando-o, embora amarelecido e apagado, seria ainda legível o texto, a obra não estaria destruída. Chegamos a uma época em que, diminuindo as fortunas por igualização, tudo se empobrecerá: havemos de querer roupas e livros baratos, assim como se começa a procurar quadros pequenos por falta de espaço onde colocar os grandes. As camisas e os livros pouco hão de durar, essa é a verdade. A solidez dos produtos começa a desaparecer por toda a parte. Assim, o problema a ser resolvido é da mais alta importância para a literatura, para as ciências e para a política. Um dia em meu gabinete entabulou-se viva discussão sobre os ingredientes de que na China se servem para fabricar papel. Lá, graças às matérias-primas empregadas, a fabricação do papel, desde sua origem, atingiu uma perfeição que falta à nossa. Falávamos então com muito interesse do papel da China, cuja leveza e finura o tornam muito superior ao nosso, visto que essas qualidades preciosas não o impedem de ser consistente; e, por delgado que seja, não oferece transparência alguma. Naquela ocasião, um revisor muito instruído (em Paris encontram-se sábios entre os revisores: Fourier[75] e Pierre Leroux[76] são hoje revisores da casa Lachevardière!...), o conde de Saint-Simon,[77] nos veio encontrar em meio à discussão. Disse-nos então que, segundo Kaempfer[78] e Du Halde,[79] a amoreira da China fornecia aos chineses o material para seu papel inteiramente vegetal, como o nosso, aliás. Um outro revisor sustentou que o papel da China se fabricava principalmente com matéria animal, com a seda, muito abundante ali. Uma aposta se fez em minha presença. Como os Didot são os impressores do Instituto,

naturalmente o debate foi submetido a membros dessa assembleia de sábios. Marcel,[80] antigo diretor da imprensa imperial, designado para árbitro, remeteu os dois revisores ao padre Grozier,[81] bibliotecário no Arsenal. Segundo o julgamento do padre Grozier, ambos perderam a aposta. O papel da China não é fabricado com seda nem com a fibra da amoreira; sua pasta provém de fibras do bambu trituradas. O padre Grozier possuía um livro chinês, obra ao mesmo tempo iconográfica e tecnológica, em que se viam numerosas figuras representando a fabricação do papel em todas as suas fases, e nele se viam desenhadas as hastes de bambu em montes no canto de uma fábrica de papel otimamente representada. Quando Luciano me disse que seu pai, por uma intuição peculiar aos homens de talento, havia entrevisto o meio de substituir os trapos de linho por uma matéria vegetal extremamente comum, tirada diretamente à produção local, como fazem os chineses, servindo-se de hastes fibrosas, cataloguei todas as experiências feitas por meus predecessores e me pus, enfim, a estudar a questão. O bambu é uma cana: pensei naturalmente nas canas do nosso país. A mão de obra nada custa na China; um dia de trabalho vale três *sous* e podem assim os chineses, ao tirá-lo da fôrma, aplicar seu papel folha por folha entre lâminas de porcelana branca aquecidas, por meio das quais o prensam e lhe dão o lustro, a consistência, a leveza, a suavidade de cetim, que fazem dele o primeiro papel do mundo. Pois bem, o que é preciso é realizar mecanicamente os processos chineses. Chegar-se-á pela máquina a resolver o problema do custo que a China consegue com o preço vil de sua mão de obra. Se chegarmos a fabricar por pouco preço papel de qualidade semelhante ao da China, diminuiremos em mais da metade o peso e a espessura dos livros. Um Voltaire encadernado, que, em nosso papel velino, pesa duzentas e cinquenta libras, não pesaria sequer cinquenta em papel da China. E eis aí, certamente, uma conquista. O espaço necessário às bibliotecas será uma questão cada vez mais difícil de resolver numa época em que o amesquinamento geral das coisas e dos homens tudo atinge, até as habitações. Em Paris, os grandes palácios, as grandes residências serão demolidas mais cedo ou mais tarde; em breve, não haverá mais fortunas em harmonia com as construções de nossos

países. Que vergonha para nossa época fabricar livros sem duração! Dez anos mais e o papel da Holanda, isto é, papel feito com trapos de linho, será completamente impossível. Ora, seu irmão me confiou a ideia que teve seu pai de empregar certas plantas fibrosas na fabricação do papel; assim, já se vê que, se eu triunfar, vocês terão direito a...

Naquele momento, Luciano, acercando-se da irmã, interrompeu a generosa proposta de David.

— Não sei — disse ele — se vocês acharam bela esta noite. Para mim ela foi cruel.

— Meu pobre Luciano, que te aconteceu? — perguntou Eva, observando a alteração da fisionomia do irmão.

O poeta irritado narrou suas angústias, derramando naqueles corações amigos a onda de pensamentos que o assaltava. Eva e David escutaram Luciano em silêncio, aflitos ao ver passar essa torrente de dores que revelava tanta grandeza e tanta mesquinharia.

— O sr. de Bargeton — disse Luciano, concluindo — é um ancião que será, sem dúvida, em breve levado por alguma indigestão; pois bem, hei de dominar essa sociedade orgulhosa, hei de desposar a sra. de Bargeton! Vi em seus olhos, esta noite, um amor igual ao meu. Sim, ela sentiu também as feridas que me fizeram e acalmou meus sofrimentos. É tão grande e tão nobre quanto é bela e graciosa! Não, ela não me trairá jamais!

— Não é já tempo de se lhe dar uma existência tranquila? — perguntou em voz baixa David a Eva.

Eva comprimiu silenciosamente o braço de David, que, compreendendo seu pensamento, se apressou a contar a Luciano os projetos que delineara. Os dois namorados estavam tão cheios de seu amor quanto Luciano de si próprio; desse modo, Eva e David, empenhados em fazer aprovar sua felicidade, não perceberam o movimento de surpresa que deixou escapar o enamorado da sra. de Bargeton ao saber do noivado da irmã. Luciano, que sonhava conseguir para a irmã uma bela aliança quando houvesse alcançado uma alta posição, a fim de escorar sua ambição com a importância que lhe daria uma família poderosa, ficou desolado ao ver naquela união um obstáculo a mais aos seus triunfos na sociedade.

“Se a sra. de Bargeton consentir em se tornar sra. de Rubempré, jamais quererá ser a cunhada de David Séchard!” Esta frase formulou nítida e precisamente as ideias que atenazaram o coração de Luciano. “Luísa tem razão; as criaturas de talento nunca são compreendidas por sua família!”, pensou com amargura.

Se aquele projeto de união não lhe houvesse sido apresentado no momento mesmo em que tão fantasticamente liquidara com o sr. de Bargeton, teria sem dúvida despertado a mais viva alegria. Se refletisse sobre sua situação atual, pesando o destino de uma moça bela e sem fortuna, de Eva Chardon, teria olhado aquele casamento como uma felicidade inesperada. Mas vivia um desses sonhos de ouro em que os jovens, montados sobre um *se*, franqueiam todas as barreiras. Acabava de se ver dominando a sociedade; o poeta sofria por descer tão depressa à realidade. Eva e David pensaram que o irmão calava acabrunhado por tanta generosidade. Para aquelas duas belas almas, essa aceitação silenciosa era a prova de uma amizade verdadeira. O impressor se pôs a descrever com eloquência doce e cordial a felicidade que aguardava aos quatro. Malgrado as interjeições de Eva, mobiliou seu primeiro andar com o luxo de um amoroso; construiu, com ingênua boa-fé, o segundo andar para Luciano e os cimos do alpendre para a sra. Chardon, para quem queria desenvolver todos os cuidados de uma solicitude filial. Enfim, fez a família tão feliz e o irmão tão independente que Luciano, encantado pela voz de David e pelas carícias de Eva, esqueceu sob as sombras do caminho, ao longo do Charente calmo e brilhante, sob a abóbada estrelada e na tépida atmosfera da noite, a dolorosa coroa de espinhos que a sociedade lhe havia posto na cabeça. O sr. de Rubempré reconheceu enfim David. A mobilidade de seu caráter o restituiu imediatamente à vida pura, trabalhadora e burguesa que levava; viu-a embelezada e sem cuidados.

Os ruídos do mundo aristocrático se afastaram mais e mais. Enfim, ao atingirem as calçadas do Houmeau, o ambicioso apertou a mão do irmão e se pôs em uníssono com os felizes enamorados.

— Contanto que teu pai não contrarie este casamento! — observou ele a David.

— Sabes como ele se inquieta comigo! O velho vive para si; mas irei

vê-lo amanhã em Marsac, pelo menos para obter que ele faça as construções de que precisamos.

David acompanhou o irmão e a irmã até a casa da sra. Chardon, a quem pediu a mão de Eva com a pressa de um homem que não quer demora alguma. A mãe tomou a mão da filha e a pôs na de David com alegria, e o namorado, animado, beijou a fronte de sua bela prometida, que lhe sorriu, corando.

— Esta é a cerimônia do contrato de casamento das pessoas pobres — disse a mãe elevando os olhos como para implorar a bênção de Deus. — Você tem coragem, meu filho — disse a David —, porque estamos no infortúnio e temo que ele seja contagioso.

— Seremos ricos e felizes — disse gravemente David. — Para começar, a senhora não exercerá mais seu mister de enfermeira e virá morar com sua filha e Luciano em Angoulême.

Os três filhos apressaram-se então a contar à mãe assombrada seu encantador projeto, entregando-se a uma dessas loucas conversas de família em que a gente se apraz em armazenar sonhos e semear os projetos, em gozar de antemão todas as alegrias. Foi preciso levar David à porta, pois ele teria desejado que esse serão fosse eterno. Uma hora da manhã soou quando Luciano reconduziu o futuro cunhado até a Porte Palet.

O honesto Postel, inquieto com aqueles movimentos extraordinários, estava de pé por trás da persiana; abrira a vidraça e murmurava, vendo luz àquela hora em casa de Eva:

— Que será que se passa na casa dos Chardon? — Ao ver Luciano voltar, disse: — Meu filhote, que é que lhe aconteceu? Precisa de mim?

— Não, senhor — respondeu o poeta —, mas, como é nosso amigo, posso dizer-lhe o que há: minha mãe acaba de conceder a mão de minha irmã a David Séchard.

Como única resposta, Postel fechou bruscamente a janela, desesperado por não ter pedido antes a srta. Chardon.

Em vez de regressar para Angoulême, David tomou o caminho de Marsac. Seguiu como a passeio até a propriedade do pai e chegou ao longo do cercado que ficava junto à casa no momento em que o sol se erguia. O enamorado percebeu sob uma amendoeira a cabeça do velho

Urso que se elevava acima de uma sebe.

— Bom dia, meu pai — disse-lhe David.

— Olá! És tu, meu rapaz? Por que cargas-d'água te mostras na estrada a esta hora? Entra por ali — disse o vinhateiro, indicando ao filho uma pequena porta envidraçada. — Minhas vinhas floresceram todas, nenhuma cepa crestada! Darão mais de vinte bordalesas por jeira este ano; mas também como foram estrumadas!

— Meu pai, venho falar-lhe um negócio importante.

— Muito bem; e como vão nossas prensas? Deves ganhar tanto quanto pesas, não?

— Ganharei, meu pai, mas por enquanto não enriqueci.

— Censuram-me todos aqui por adubar demais — respondeu o pai.

— Os burgueses, isto é, o senhor marquês, o senhor conde, os senhores este e aquele, pretendem que eu prejudico a qualidade do vinho. Para que serve a educação? Para confundir o entendimento. Escuta! Esses senhores colhem sete, algumas vezes oito barris por jeira e os vendem a sessenta francos o barril, o que faz no máximo quatrocentos francos por jeira nos anos bons. Quanto a mim, colho vinte barris e os vendo a trinta francos! Onde está o tolo? A qualidade! A qualidade! Que me importa a qualidade? Guardem para eles a qualidade, esses senhores marqueses! Para mim, a qualidade são os escudos. Que disseste?...

— Meu pai, vou me casar; vim pedir-lhe...

— Pedir-me? Quê? Nada, absolutamente nada, meu rapaz. Casa-te, eu consinto; mas para te dar alguma coisa acho-me sem um cobre. O amanho da vinha me arruinou! Há dois anos que fico a dever o cultivo da terra, os impostos, gastos de toda a espécie; o governo fica com tudo, todo o lucro é para o governo! Lá se vão já dois anos em que os pobres vinhateiros nada fazem. Este ano não se apresenta mal; pois bem, os tratantes dos barris custam já onze francos! Vai-se fazer a colheita para o tanoeiro. Por que te casares antes das vindimas?

— Meu pai, venho pedir apenas o seu consentimento.

— Ah! Isso é outro negócio. Com quem te casas tu, sem curiosidade?

— Vou casar com a srta. Eva Chardon.

— Que coisa é isso? Que pito toca ela?

— É filha do falecido sr. Chardon, o farmacêutico do Houmeau.

— Vais casar-te com uma moça do Houmeau, tu, um burguês! Tu, o impressor do rei em Angoulême! Eis os frutos da educação! Vá a gente pôr os filhos no colégio! Ah, então ela é muito rica, meu rapaz? — disse o velho vinhateiro aproximando-se do filho com um ar malicioso. — Porque, se te casas com uma moça do Houmeau, ela deve ter centenas e milhares! Bom! Pagar-me-ás meus aluguéis. Sabes, meu rapaz, que já lá vão dois anos e três meses de aluguéis por pagar e que isso perfaz dois mil e setecentos francos, que me viriam bem a tempo para pagar o tanoeiro? A qualquer outro que não fosse meu filho, eu teria o direito de pedir juros, porque, afinal de contas, negócio é negócio! Mas eu tos dispenso. E então, quanto tem ela?

— Mas tem o mesmo que possuía minha mãe.

O velho vinhateiro ia dizer: “Não tem senão dez mil francos!”, mas lembrou que se havia recusado a prestar contas ao filho, e exclamou:

— Não tem coisa alguma!

— A fortuna de minha mãe era sua inteligência e sua beleza.

— Vai à feira com isso e verás o que te dão! Com todos os diabos, os pais são infelizes nos filhos! David, quando eu me casei tinha na cabeça um boné de papel por toda fortuna e meus dois braços, era um pobre *urso*; mas, com a bela tipografia que te dei, com tua indústria e teus conhecimentos, deves casar com uma burguesa da cidade, uma mulher rica, com trinta ou quarenta mil francos. Deixa tua paixão e eu te casarei, eu! Temos a uma lègua daqui uma viúva de trinta e dois anos, moleira, que tem cem mil francos de bens de raiz; eis o teu partido. Podes reunir seus bens aos de Marsac, são lindeiros! Ah! O belo domínio que teríamos, e como eu o haveria de administrar! Dizem que ela vai casar com Courtois, seu capataz; tu vales mais que ele! Eu dirigiria o moinho, enquanto ela levaria boa vida em Angoulême.

— Meu pai, eu estou comprometido...

— David, tu nada entendes de comércio, vejo-te arruinado. Sim, se te casares com essa moça do Houmeau, tratarei de pôr em dia as nossas contas e te citarei para o pagamento dos meus aluguéis, porque não prevejo nada de bom. Ah, minhas pobres prensas! Minhas prensas! Era preciso dinheiro para vos lubrificar, vos manter e vos fazer andar. Só mesmo um bom ano me poderá consolar disto!

— Meu pai, parece-me que até agora eu lhe causei poucos dissabores...

— E muito poucos aluguéis pagaste — respondeu o vinhateiro.

— Eu vinha pedir, além do seu beneplácito para meu casamento, que o senhor mandasse levantar um segundo andar em sua casa e construísse um apartamento por cima do alpendre.

— Bolas! Não tenho um níquel, bem sabes. Além disso, seria dinheiro atirado à água, porque que lucro isso me traria? Ah! Tu te levantas de madrugada para me vir pedir construções capazes de arruinar um rei. Apesar de te chamares David, não tenho os tesouros de Salomão. Mas estás louco! Trocaram-me o filho quando estava com a ama! Olha, ali está uma que dará uvas! — disse, interrompendo-se para mostrar uma cepa a David. — Ali estão filhos que não iludem as esperanças dos pais: nós os adubamos e eles nos compensam. Eu te coloquei no liceu, paguei somas enormes para fazer de ti um sábio, foste estudar em casa dos Didot; e todas essas demonstrações terminam dando-me por nora uma rapariga do Houmeau, sem um vintém de dote! Se não houvesses estudado, se tivesses ficado sob meus olhos, tu te conduzirias a meu gosto e te casarias hoje com uma moleira de cem mil francos, sem contar o moinho. Ah! Tua inteligência te serve é para julgares que eu te recompensaria por esse belo sentimento mandando construir palácios para ti?... Não haviam de dizer, em verdade, que, há duzentos anos, a casa em que estás não alojou senão porcos, já que tua jovem do Houmeau ali não pode deitar-se? Ah, e esta! É por acaso a rainha da França?

— Está bem, meu pai, construirei eu o segundo andar à minha custa, será o filho que enriquecerá o pai. Apesar de ser o mundo às avessas, isso se vê algumas vezes.

— Como, meu rapaz, tens dinheiro para construir e não o tens para pagar teus aluguéis? Velhaco, usas de astúcia com teu pai!

A questão posta nestes termos tornava-se difícil de resolver, pois o homenzinho estava encantado em colocar o filho numa posição que lhe permitia mostrar-se paternal sem nada lhe dar. David não pôde, assim, obter do pai senão o consentimento puro e simples para o casamento e a permissão para fazer à sua custa, na casa paterna, todas as

construções de que tivesse precisão. O velho Urso, modelo dos pais conservadores, fez ao filho a mercê de não exigir os aluguéis e de não lhe tomar as economias que tivera a imprudência de deixar perceber. David voltou triste: compreendeu que na adversidade não poderia contar com o socorro do pai.

V – CATÁSTROFES DO AMOR NA PROVÍNCIA

Não se falou noutra coisa, por algum tempo, em toda Angoulême, senão na frase do bispo e na resposta da sra. de Bargeton. Os menores acontecimentos foram tão bem desnaturados, aumentados, embelezados, que o poeta se tornou o herói do momento. Da esfera superior, onde ribombava essa tempestade, algumas gotas tombaram sobre a burguesia. No dia em que Luciano voltou a passar por Beaulieu, para ir à casa da sra. de Bargeton, percebeu a atenção invejosa com que vários rapazes olhavam para ele e apanhou algumas frases que o encheram de orgulho.

— Ali vai um rapaz feliz — dizia um escrevente de advogado, muito feio, chamado Petit-Claud, camarada de colégio de Luciano e para quem este tomara um arzinho protetor.

— Sim, certamente, ele é um bonito rapaz, tem talento, e a sra. de Bargeton está doida por ele! — respondeu um filho de família que havia assistido à leitura dos poemas.

Havia impacientemente esperado a hora em que sabia encontrar Luísa só. Tinha de fazer com que o casamento da irmã fosse aceito por essa mulher, tornada árbitra de seu destino. Depois da reunião da véspera, Luísa estaria talvez mais terna, e essa ternura poderia proporcionar-lhe momentos de felicidade. Não se havia enganado: a sra. de Bargeton o recebeu com uma ênfase de sentimento que pareceu àquele noviço em amor um tocante progresso de paixão. Abandonou seus belos cabelos de ouro, as mãos, a cabeça aos beijos inflamados do poeta que, na véspera, tanto sofrera!

— Se tivesses visto teu rosto enquanto lias! — disse ela, porque haviam chegado na véspera ao tuteio, a essa carícia da linguagem, quando, no sofá, Luísa enxugara com sua branca mão as gotas de suor

que punham pérolas na fronte onde ela pensava pôr uma coroa. — Escapavam-se faíscas de teus belos olhos! Eu via sair de teus lábios as cadeias de ouro que prendem os corações à boca dos poetas. Vais ler-me todo o Chénier, o poeta dos amantes. Não sofrerás mais, eu não quero! Sim, anjo querido, farei para ti um oásis onde viverás toda a tua vida de poeta, ativa, mole, indolente, laboriosa e pensativa, alternativamente; mas não esqueças jamais que os teus louros me são devidos, que isso será para mim a nobre indenização dos sofrimentos que me advirão. Pobre querido, o mundo não me poupará mais do que te tem poupado, ele se vinga de todas as felicidades que não partilha. Sim, serei sempre invejada, não viu ontem? Essas moscas sugadoras de sangue acorreram bem depressa para se saciarem nas picadas que fizeram! Mas eu me sentia feliz! Eu vivia! Havia tanto tempo que as cordas do meu coração não vibravam!

Lágrimas correram pelas faces de Luísa. Luciano tomou-lhe uma das mãos e por única resposta beijou-a longamente. As vaidades do poeta foram, assim, exaltadas por essa mulher como o haviam sido pela mãe, pela irmã e por David. Todos em seu redor continuavam a elevar o pedestal imaginário sobre o qual ele se punha. Mantido por toda a gente, tanto pelos amigos como pela raiva dos inimigos, em suas crenças ambiciosas, marchava numa atmosfera plena de miragens. As imaginações moças são tão naturalmente cúmplices desses louvores e dessas ideias, todos se empenham tanto em servir a um jovem belo, cheio de futuro, que é necessária mais de uma lição amarga e fria para dissipar tais quimeras.

— Queres, então, minha linda Luísa, ser a minha Beatriz, mas uma Beatriz que se deixe amar?

Ela levantou os belos olhos que conservava baixos e disse, desmentindo as palavras com um angélico sorriso:

— Se você o merecer... mais tarde! Não é feliz? Ter um coração inteiramente seu, tudo poder dizer com a certeza de ser compreendido não é a felicidade?

— Sim — respondeu ele, com um amuo de enamorado contrariado.

— Criança! — disse ela, zombeteira. — Não tinhas alguma coisa para me dizer? Entraste tão preocupado, meu Luciano!

Luciano confiou timidamente à bem-amada o amor de David pela irmã, e o desta por David, e o casamento planejado.

— Pobre Luciano — disse ela —, tem medo de ser batido, ralhado, como se fosse ele quem se casasse! Mas onde está o mal? — tornou, passando as mãos pelo cabelo de Luciano. — Que me importa tua família, onde és uma exceção? Se meu pai casasse com a criada, isto te aborreceria muito? Querida criança, os que se amam são por si só toda a sua família. Acaso tenho no mundo outro interesse além de meu Luciano? Sê grande! Conquista a glória! Essas as nossas preocupações!

Luciano tornou-se o homem mais feliz do mundo com essa resposta egoísta. No momento mesmo em que ele escutava as loucas razões com as quais Luísa lhe provava que estavam sozinhos no mundo, entrou o sr. de Bargeton. Luciano franziu o sobreceixo e pareceu estupefato; Luísa fez-lhe um sinal e o convidou a que ficasse para jantar com eles, pedindo-lhe que lesse André de Chénier até que os jogadores e os frequentadores da casa chegassem.

— Não dará prazer a ela somente — disse o sr. de Bargeton —, mas a mim também. Nada me apraz tanto como ouvir ler depois do jantar.

Bem tratado pelo sr. de Bargeton, mimado por Luísa, servido pelos criados com o respeito que eles têm pelos favoritos dos amos, Luciano ficou no palacete de Bargeton identificando-se com todos os gozos de uma fortuna cujo usufruto lhe era concedido. Quando o salão se encheu de gente, sentiu-se tão forte com a tolice de Bargeton e com o amor de Luísa que assumiu um ar dominador, encorajado pela linda amante. Saboreou os prazeres do despotismo conquistado por Naïs e que ela gostava de lhe fazer compartilhar. Ensaaiou-se, enfim, durante essa reunião, em desempenhar o papel de um herói de pequena cidade. Ao ver a nova atitude de Luciano, algumas pessoas deduziram que ele estava, segundo uma expressão do tempo antigo, nas melhores graças da sra. de Bargeton.

Amélia, que viera com o sr. du Châtelet, afirmava essa grande desgraça num canto do salão onde se haviam reunido os ciumentos e os invejosos.

— Não tornem Naïs responsável pela vaidade de um rapazinho todo orgulhoso de se achar em um meio aonde não pensou jamais poder

chegar — disse Du Châtelet. — Não veem então que esse Chardon toma as palavras amáveis de uma senhora da sociedade por concessões, que não sabe ainda distinguir entre o silêncio que guarda a verdadeira paixão e a linguagem protetora a que fazem jus sua beleza, sua mocidade e seu talento! As mulheres seriam muito de lastimar se fossem culpadas de todos os desejos que nos inspiram. Ele está por certo enamorado, mas quanto a Naïs...

— Oh! Naïs... — repetiu a pérfida Amélia. — Naïs está toda feliz com essa paixão. Na sua idade, o amor de um jovem oferece tantas seduções! Torna-nos jovens junto dele, faz-nos mocinhas das quais imitamos os escrúpulos e as maneiras, e não pensamos no ridículo... Vejam só! O filho de um farmacêutico dando-se ares de dono em casa da sra. de Bargeton!

— O amor não conhece essas distâncias — cantarolou Adriano.

No dia seguinte, não houve uma só casa em Angoulême onde não se discutisse o grau de intimidade em que se achavam o sr. Chardon, aliás De Rubempré, e a sra. de Bargeton: apenas culpados de alguns beijos, o mundo os acusava já da mais criminosa felicidade. A sra. de Bargeton sofria a consequência de sua realeza. Entre as extravagâncias da sociedade, não notastes os caprichos de seus julgamentos e a loucura de suas exigências? Há pessoas às quais tudo é permitido: podem fazer as coisas mais absurdas, nelas tudo é decente, e todos porfiam em lhes justificar as ações. Mas há outras para quem o mundo é de uma severidade incrível: estas devem fazer tudo bem, jamais se enganar, nunca falhar, nem mesmo deixar escapar uma tolice; dir-se-ia que são como estátuas admiradas que tiramos dos pedestais quando o inverno lhes tiver deixado cair um dedo ou quebrado o nariz; não se lhes permite nada de humano, exige-se que sejam sempre divinas e perfeitas. Um único olhar da sra. de Bargeton a Luciano equivalia aos doze anos de felicidade de Zizine e de Francis. Um aperto de mão dos dois enamorados atrairia sobre eles todos os raios de Charente.

David trouxera de Paris um pecúlio secreto que destinava às despesas necessárias para o seu casamento e para a construção do segundo andar da casa paterna. Aumentar essa casa não era trabalhar para si próprio? Cedo ou tarde ela lhe pertenceria; seu pai tinha setenta

e oito anos. O impressor fez, pois, construir como um pombal o apartamento de Luciano, a fim de não sobrecarregar as velhas paredes da casa cheia de fendas. Entreteve-se a decorar e mobiliar galantemente o apartamento do primeiro andar, onde a bela Eva deveria passar a vida. Foi uma época de alegrias e felicidade sem jaça para os dois amigos. Apesar de farto das mesquinhas proporções da vida de província e fatigado dessa sórdida economia que fazia de uma moeda de cem *sous* uma enorme soma, Luciano suportou, sem se queixar, os cálculos da miséria e suas privações. Sua sombria tristeza fora substituída pela radiosa expressão da esperança. Via brilhar uma estrela sobre sua fronte; sonhava com uma bela existência, assentando sua felicidade sobre a tumba do sr. de Bargeton, o qual, de tempos em tempos, tinha digestões difíceis e a feliz mania de olhar a indigestão de seu jantar como uma moléstia que se devia curar com a da ceia.

No início do mês de setembro, Luciano não era mais um chefe de oficina, era o sr. de Rubempré, instalado magnificamente em comparação com a miserável mansarda de estreitos respiradouros onde morava o pequeno Chardon no Houmeau; não era mais um homem do Houmeau, habitava a alta Angoulême, e jantava cerca de quatro vezes por semana em casa da sra. de Bargeton. Tendo caído nas boas graças do prelado, era admitido no bispado. Suas ocupações o colocavam entre as pessoas mais distintas. Enfim, deveria colocar-se um dia entre as pessoas ilustres da França. Ao percorrer um bonito salão, um encantador quarto de dormir e um gabinete mobiliado com gosto, podia certamente consolar-se de retirar trinta francos por mês dos salários tão penosamente ganhos pela irmã e pela mãe, porque ele avistava já o dia em que o romance histórico no qual trabalhava há dois anos, *O arqueiro de Carlos ix*, e um volume de poesias intitulado *As boninas* dar-lhe-iam renome no mundo literário ao mesmo tempo que dinheiro bastante para solver suas obrigações para com sua mãe, a irmã e David. Assim, vendo-se engrandecido, prestando ouvidos ao retumbar de seu nome no futuro, aceitava agora esses sacrifícios com uma nobre segurança, sorria de seus apertos e divertia-se com suas últimas misérias.

Eva e David haviam dado prioridade à felicidade do irmão. O

casamento fora retardado pelo tempo que precisavam ainda os operários para acabar os móveis, as pinturas, os papéis destinados ao primeiro andar, porque os assuntos de Luciano haviam tido a primazia. Quem quer que conhecesse Luciano não se admiraria desse devotamento: ele era tão sedutor! Suas maneiras eram tão meigas! Expressava sua impaciência e seus desejos tão graciosamente! Tinha sempre ganho de causa antes de haver falado.

Esse fatal privilégio, se salva alguns moços, leva a maioria deles à ruína. Habituaos às atenções que inspira uma bela mocidade, felizes com essa egoísta proteção que o mundo concede a um ente que lhe é agradável, como dá esmola ao mendigo que desperta um sentimento e lhe dá uma emoção, muitas dessas crianças grandes gozam esse favor em lugar de o explorar. Enganados sobre o sentido e o móvel das relações sociais, pensam que hão de encontrar sempre falazes sorrisos; mas chegam nus, calvos, despojados, sem valor nem fortuna, ao momento em que, como velhas coquetes e velhos farrapos, o mundo os abandona à porta de um salão ou ao canto de uma esquina.

Eva tinha desde o começo desejado essa demora, queria adquirir economicamente as coisas necessárias a um jovem casal. Que poderiam recusar dois noivos a um irmão que, vendo a irmã trabalhar, dizia com um acento vindo do coração: “Eu desejaria saber coser!”?

Além de tudo, o grave e observador David era cúmplice desse devotamento. Todavia, depois do triunfo de Luciano em casa da sra. de Bargeton, teve medo da transformação que se operava em Luciano; temia vê-lo desprezar os costumes burgueses. Desejando pôr o irmão à prova, David o colocou algumas vezes entre as alegrias patriarcais da família e os prazeres da alta sociedade, e, ao ver Luciano lhes sacrificar suas vaidosas satisfações, exclamara:

— Não no-lo corromperão jamais!

Várias vezes os três amigos e a sra. Chardon saíram a divertir-se num passeio dos que se fazem na província: iam perambular pelos bosques vizinhos de Angoulême e ao longo do Charente, jantavam no campo com provisões que o aprendiz de David levava a um certo lugar e numa hora combinada; depois voltavam ao anoitecer, um pouco fatigados, sem ter dispendido três francos.

Nas grandes ocasiões, quando jantavam no que se chama um *restaurât*, espécie de restaurante campestre que se classifica entre o *bouchon* das províncias e a *guinguette* de Paris, gastavam até cem *sous* repartidos entre David e os Chardon. David sentia uma gratidão infinita por Luciano esquecer, nesses passeios campestres, as satisfações que encontrava em casa da sra. de Bargeton e os suntuosos jantares da sociedade. Todos queriam então festejar o grande homem de Angoulême.

Nessa conjuntura, quando já quase nada faltava ao futuro casal, durante uma viagem feita por David a Marsac para conseguir que o pai viesse assistir ao seu casamento, na esperança de que o velhote, conquistado pela nora, contribuísse para as enormes despesas necessárias ao arranjo da casa, teve lugar um desses acontecimentos que, numa cidade pequena, mudam inteiramente a face das coisas.

Luciano e Luísa tinham em Du Châtelet um espião íntimo que espregueitava, com a persistência de um ódio mesclado de paixão e de avareza, a ocasião de fazer estalar um escândalo. Sixto queria forçar a sra. de Bargeton a se pronunciar tão claramente por Luciano que se tornasse o que se chama *perdida*. Ele se fizera humilde confidente da sra. de Bargeton; mas, se admirava Luciano na rue du Minage, desprestigiava-o por toda a parte. Havia insensivelmente conquistado intimidade em casa de Naïs, que não mais desconfiava de seu antigo adorador; mas havia presumido demais quanto aos dois amantes, cujo amor continuava platônico, para grande desespero de Luísa e Luciano. Há sem dúvida paixões que se iniciam mal ou bem, como quizerdes. Duas pessoas lançam-se na tática dos sentimentos, falam em lugar de agir e se batem em campo raso em vez de fazer um cerco. Cansam-se, assim, a si próprios, fatigando seus desejos em vão. Os amantes têm então tempo para refletir e para se julgarem. Muitas vezes, paixões que haviam entrado em campo de estandartes desfraldados, orgulhosas, com um ardor capaz de tudo lançar por terra, acabam por voltar sem vitória, envergonhadas, desarmadas, atoleimadas por seu barulho vão. Essas fatalidades são explicáveis por vezes pela timidez da mocidade e pelas contemporizações em que se comprazem as mulheres sem experiência, porque essa espécie de enganos mútuos não acontece nem

aos fátuos que sabem como agir nem às coquetes habituadas aos manejos da paixão.

A vida de província é, aliás, singularmente contrária às satisfações do amor e favorece os debates intelectuais da paixão, como também os obstáculos que ela opõe ao doce comércio que tanto liga os amantes precipitam as almas ardentes em lances extremos. Tal vida é baseada numa espionagem tão meticulosa, numa tão grande transparência dos interiores, admite tão pouco a intimidade que consola sem ofender a virtude, as mais puras relações são nela tão desarrazoadamente incriminadas que muitas mulheres são desacreditadas, apesar de inocentes. Algumas delas se arrependem então de não fruírem todas as felicidades de uma falta da qual sofrem todos os desgostos. A sociedade que vitupera ou critica sem nenhum exame sério os fatos patentes pelos quais terminam longas lutas secretas é assim primitivamente cúmplice desses escândalos; mas a maior parte das pessoas que deblateram contra os pretensos escândalos dados por mulheres caluniadas sem razão jamais pensaram nas causas que nelas determinam uma resolução pública. A sra. de Bargeton ia encontrar-se na bizarra situação em que se têm encontrado tantas mulheres que não se perderam senão depois de serem injustamente acusadas.

No começo da paixão, os obstáculos aterram as criaturas inexperientes, e aqueles com que se defrontavam os dois amantes assemelhavam-se muito aos laços com os quais os liliputianos amarraram Gulliver. Eram ninharias multiplicadas que tornavam qualquer movimento impossível e que anulavam os mais violentos desejos. Assim, a sra. de Bargeton devia estar sempre visível. Se mandasse fechar sua porta nas horas em que Luciano vinha, diriam tudo a seu respeito; seria o mesmo que fugir com ele. Recebia-o, é verdade, nesse toucador ao qual ele tão bem se havia acostumado que se acreditava dono dele; mas as portas permaneciam conscienciosamente abertas.

Tudo se passava do modo mais virtuoso deste mundo. O sr. de Bargeton passeava pela casa como um besouro, sem pensar que sua mulher quisesse estar só com Luciano. Se não houvesse outro obstáculo senão ele, Naïs poderia muito bem afastá-lo ou lhe dar uma

ocupação; mas via-se sobrecarregada de visitas, e tanto mais visitantes apareciam quanto mais a curiosidade ia sendo despertada.

Os provincianos são naturalmente importunos, gostam de contrariar as paixões nascentes. Os criados iam e vinham pela casa sem ser chamados e sem anunciar sua entrada, em virtude de velhos hábitos adquiridos, e que uma mulher que nada tinha a esconder os havia deixado tomar. Mudar os hábitos internos da casa não seria confessar o amor de que toda Angoulême ainda duvidava? A sra. de Bargeton não podia pôr o pé fora de casa sem que a cidade soubesse aonde ela ia. Passear só com Luciano fora da cidade seria um passo decisivo: menos perigoso seria fechar-se em casa com ele. Se Luciano ficasse até depois de meia-noite em casa da sra. de Bargeton, sem ali estar acompanhado, isso seria glosado no dia seguinte. Assim, no interior como fora, a sra. de Bargeton vivia sempre em público. Estes pormenores pintam toda a província: as faltas são ali confessadas ou impossíveis.

Luísa, como todas as mulheres arrastadas por uma paixão sem ter dela experiência, reconhecia uma por uma as dificuldades de sua posição e se assustava. Seu temor reagia então sobre essas discussões amorosas que tomam as mais belas horas de dois amantes quando se encontram a sós. A sra. de Bargeton não possuía terras para onde pudesse levar seu querido poeta, como fazem algumas mulheres que, sob pretextos habilmente forjados, vão-se enterrar no campo. Fatigada de viver em público, levada ao extremo por essa tirania, achando maior a dureza do seu jugo que a doçura do seu prazer, lembrou-se de Escarbas e pensou em ir até lá ver seu velho pai, tanto a irritavam esses miseráveis obstáculos.

Du Châtelet não acreditava em tanta inocência. Espreitava as horas em que Luciano vinha à casa da sra. de Bargeton, e lá ia ter, passados alguns instantes, fazendo-se sempre acompanhar do sr. de Chandour, o homem mais indiscreto do bando e ao qual cedia o passo para entrar, esperando sempre uma surpresa ao procurar tão porfiadamente um acaso. Seu papel e o êxito do seu plano eram tanto mais difíceis quanto devia ficar neutro, a fim de dirigir todos os atores do drama que desejava fazer representar. Assim, para sossegar Luciano, a quem

lisonjeava, e a sra. de Bargeton, a quem não faltava perspicácia, havia-se ligado aparentemente à ciumenta Amélia. Para melhor fazer espionar Luísa e Luciano, havia conseguido desde alguns dias estabelecer entre ele e Chandour uma controvérsia sobre os dois enamorados. Du Châtelet pretendia que a sra. de Bargeton zombava de Luciano, que era muito orgulhosa, muito bem-nascida para descer até o filho de um farmacêutico. Esse papel de incrédulo convinha ao plano que havia traçado, pois desejava passar por defensor da sra. de Bargeton. Estanislau sustentava que Luciano não era um amante infeliz. Amélia aguilhoava a discussão desejando saber a verdade. Cada um dava suas razões. Como acontece nas cidades pequenas, muitas vezes alguns íntimos da casa Chandour chegavam ao meio de uma conversa em que Du Châtelet e Estanislau justificavam à porfia suas opiniões através de excelentes observações. Era difícil que cada adversário não procurasse partidários perguntando ao vizinho:

— E você, qual é o seu parecer?

Essa controvérsia mantinha a sra. de Bargeton e Luciano constantemente em foco. Um dia, enfim, Du Châtelet fez notar que, todas as vezes que Chandour e ele se apresentavam em casa da sra. de Bargeton e que Luciano lá se encontrava, nenhum indício traía relações suspeitas: a porta do toucador estava aberta, os criados iam e vinham, nada de misterioso revelava os doces crimes do amor etc.

Estanislau, a quem não faltava certa dose de tolice, resolveu chegar no dia seguinte andando na ponta dos pés, ao que a pérfida Amélia com empenho o instigou. Esse dia seguinte foi para Luciano um daqueles em que os jovens se arrancam alguns cabelos, jurando a si próprios não continuar o néscio papel de aspirantes. Estava já habituado com a sua posição. O poeta que havia tão timidamente tomado um lugar no sagrado toucador da rainha de Angoulême metamorfoseara-se em apaixonado exigente. Seis meses haviam bastado para que ele se acreditasse um igual de Luísa e desejasse agora tornar-se seu senhor. Partiu de casa prometendo a si mesmo que haveria de ser muito desarrazoado, de pôr sua vida em jogo, de empregar todos os recursos de uma eloquência inflamada, de dizer que havia perdido a cabeça, que se tornara incapaz de um pensamento e de

escrever uma linha.

Existe em certas mulheres um horror às situações definidas com antecipação, que faz honra à sua delicadeza. Querem ceder a um arrebatamento e não a convenções. Geralmente ninguém aceita um prazer imposto. A sra. de Bargeton notou na frente de Luciano, em seus olhos, em sua fisionomia e em suas maneiras esse *ar agitado* que trai uma resolução assentada: propôs-se a frustrá-la, um pouco por espírito de contradição, mas também por sua nobre concepção do amor. Mulher exagerada que era, exagerava também o valor de sua pessoa. A seus próprios olhos, a sra. de Bargeton era uma soberana, uma Beatriz, uma Laura. Sentava-se, como na Idade Média, sob o pátio das justas literárias, e Luciano deveria merecê-la depois de muitas vitórias. Ele deveria suplantar a *criança sublime*,^[82] Lamartine, Walter Scott, Byron. A pobre criatura considerava seu amor como um princípio generoso: os desejos que inspirava a Luciano deveriam ser para ele um motivo de glória. Esse *quixotismo* feminino é um sentimento que dá ao amor uma consagração respeitável; ela o utiliza, engrandece-o, honra-o. Obstinada em representar o papel de Dulcinea na vida de Luciano durante sete ou oito anos, a sra. de Bargeton queria, como muitas outras mulheres da província, fazer comprar sua pessoa por uma espécie de servidão, por um tempo de constância que lhe permitisse julgar o amigo.

Quando Luciano se empenhou na luta por um desses fortes amuos de que se riem as mulheres ainda donas de si mesmas e que só entristecem as mulheres amadas, Luísa tomou um ar digno e começou um de seus longos discursos lardeados de pomposas palavras.

— Foi isso o que você me prometeu, Luciano? — disse ela, concluindo: — Não ponha num presente tão doce remorsos que mais tarde envenenariam minha vida. Não estrague o futuro! E, com orgulho o digo, não estrague o presente! Não tem todo o meu coração? Que lhe falta então? Seu amor se deixará influenciar pelos sentidos, quando o mais belo privilégio de uma mulher amada é o de lhes impor silêncio? Por quem me toma então? Não sou mais a sua Beatriz? Se não sou para você qualquer coisa mais que uma mulher, sou menos que uma mulher.

— Não diria outra coisa a um homem a quem não amasse! — exclamou Luciano, furioso.

— Se não sente tudo o que há de verdadeiro amor em minhas ideias, não será jamais digno de mim.

— Põe em dúvida o meu amor para se dispensar de corresponder a ele — disse Luciano, atirando-se aos pés dela e chorando.

O pobre rapaz chorou realmente ao se ver por tão longo tempo à porta do paraíso. Foram lágrimas de poeta que se julgava humilhado em seu poderio, lágrimas de criança desesperada por ver que lhe recusavam o brinquedo que pedia.

— Não me amou nunca! — exclamava ele.

— Bem sabe que não é verdade o que está dizendo — respondeu ela, lisonjeada por aquela violência.

— Prove-me então que me pertence — disse Luciano, desganhado.

Nesse momento, Estanislau chegou sem ser pressentido, viu Luciano meio curvado, com os olhos cheios de lágrimas e a cabeça apoiada nos joelhos de Luísa. Satisfeito com esse quadro suficientemente suspeito, Estanislau voltou-se bruscamente para Du Châtelet, que se conservara à porta do salão. A sra. de Bargeton se arremessou vivamente, mas não alcançou os dois espiões, que se haviam precipitadamente retirado como pessoas importunas.

— Quem esteve aqui? — perguntou aos criados.

— Os srs. de Chandour e Du Châtelet — respondeu Gentil, seu velho criado de quarto.

Ela voltou para o toucador, pálida e trêmula.

— Se eles o viram assim, estou perdida — disse a Luciano.

— Tanto melhor! — exclamou o poeta.

Ela sorriu a esse brado de egoísmo cheio de amor. Na província, uma tal aventura se agrava pela maneira como é contada. Num momento todos souberam que Luciano tinha sido surpreendido aos joelhos de Naïs. O sr. de Chandour, feliz com a importância que o fato lhe dava, foi imediatamente contar o grande acontecimento no Clube e depois de casa em casa. Du Châtelet apressou-se a dizer por toda a parte que nada tinha visto; mas, pondo-se assim fora de causa, excitava Estanislau a falar e o fazia exagerar os detalhes; e Estanislau, julgando-

se espiritoso, acrescentava novas minúcias em cada relato. À noite, a sociedade afluía à casa de Amélia, porque à noite as versões mais exageradas circulavam na Angoulême nobre, onde cada novo narrador imitara Estanislau. Mulheres e homens estavam impacientes por conhecer a verdade. As mulheres que velavam a face condenando mais o escândalo, a perversidade, eram precisamente Amélia, Zefirina, Fifine e Lolotte, que viviam todas mais ou menos sobrecarregadas de felicidades ilícitas. O tema cruel sofreu variações em todos os tons.

— Então — dizia uma —, essa pobre Naïs, sabem? Por mim eu não creio, ela tem diante de si toda uma vida irrepreensível, é muito orgulhosa para ser algo mais que a protetora do sr. Chardon. Mas, se isso aconteceu, eu a lastimo de todo o meu coração.

— Ela é tanto mais de lamentar quanto se dá a um ridículo espantoso, visto que poderia ser mãe do sr. Lulu, como o chamou Jaques. Esse poetastro tem, quando muito, vinte e dois anos, e Naïs, seja dito entre nós, tem os seus quarenta.

— Eu — dizia Du Châtelet — acho que a situação mesma em que estava o sr. de Rubempré prova a inocência de Naïs. Ninguém se põe de joelhos para tornar a pedir o que já se obteve.

— Isto é conforme! — disse Francis com um ar malicioso que lhe valeu uma olhadela reprovadora de Zefirina.

— Conte bem como foi — pediam a Estanislau, formando um comitê secreto a um canto do salão.

Estanislau havia terminado por compor uma pequena história cheia de indecências e a acompanhava de gestos e de atitudes que agravavam prodigiosamente a coisa.

— É incrível! — repetiam.

— Ao meio-dia! — dizia uma.

— Naïs seria a última de quem eu haveria de suspeitar.

— Que irá ela fazer?

Depois, comentários, suposições infinitas!... Du Châtelet defendia a sra. de Bargeton, mas a defendia tão desajeitadamente que atijava o fogo do falatório em lugar de apagá-lo. Lili, desolada com a queda do mais belo anjo do Olimpo de Angoulême, foi, toda em prantos, levar a nova ao bispado. Ao ter certeza de que a cidade inteira se enchera de

boatos, o feliz Du Châtelet dirigiu-se à casa da sra. de Bargeton, onde não havia, ó infelicidade!, senão uma mesa de uíste, e convidou diplomaticamente Naïs para conversar no toucador. Sentaram-se ambos no pequeno canapé.

— Sabe sem dúvida — disse Du Châtelet em voz baixa — de que assunto Angoulême toda se ocupa?

— Não — disse ela.

— Pois bem — tornou ele —, sou muito seu amigo para deixá-la na ignorância. Devo mesmo avisá-la para que faça cessar as calúnias, sem dúvida inventadas por Amélia, que tem a petulância de se acreditar sua rival. Eu vinha vê-la esta manhã com esse macaco do Estanislau, que me precedia de alguns passos, quando, ao chegar ali — disse, mostrando a porta do toucador —, pretende ele tê-la visto com o sr. de Rubempré em uma situação que não lhe permitia entrar; voltou-se para mim consternado, arrastando-me, sem me dar tempo de compreender; estávamos já em Beaulieu, quando me deu a razão de sua partida. Se eu a tivesse sabido logo, não me teria movido desta casa, a fim de esclarecer o caso em seu proveito; mas voltar aqui depois de haver saído nada provaria. Agora, quer Estanislau tenha visto mal, quer bem, ele não deve ter razão. Naïs querida, não deixe que sejam postos em jogo sua vida, sua honra e seu futuro por um tolo; imponha-lhe silêncio imediatamente. Conhece minha posição no caso? Apesar de precisar de todos aqui, eu lhe sou inteiramente devotado. Disponha de uma vida que lhe pertence. Não obstante ter repellido meu amor, meu coração será sempre seu e em qualquer ocasião saberei provar quanto a amo. Sim, hei de velar pela senhora como um servidor fiel, sem esperança de recompensa, unicamente pelo prazer que encontro em servi-la mesmo à sua revelia. Esta manhã, afirmei por toda a parte que estava à porta do salão e que nada vi. Se lhe perguntarem quem a informou sobre as observações feitas a seu respeito, sirva-se de mim. Eu me sentiria bem orgulhoso de ser seu defensor reconhecido; mas, aqui para nós, o sr. de Bargeton é o único que pode pedir satisfações a Estanislau... Mesmo que esse pequeno De Rubempré tivesse feito qualquer loucura, a honra de uma mulher não poderia ficar à mercê do primeiro estúrdio que se põe a seus pés. É o que tenho dito.

Naïs agradeceu a Du Châtelet com uma inclinação de cabeça e ficou pensativa. Estava cansada, enjoada até, da vida de província. Desde as primeiras palavras de Du Châtelet, voltara os olhos para Paris.

O silêncio da sra. de Bargeton punha seu sábio adorador numa situação incômoda.

— Disponha de mim, repito — disse ele.

— Obrigada — respondeu ela.

— Que pensa fazer?

— Verei.

Longo silêncio.

— Ama tanto assim esse pequeno De Rubempré?

Ela deixou escapar um orgulhoso sorriso e cruzou os braços olhando os cortinados de seu toucador.

Du Châtelet saiu sem ter podido decifrar o coração daquela mulher ativa. Ao saírem os quatro velhos fiéis que tinham vindo jogar sua partida sem se importar com os mexericos problemáticos, a sra. de Bargeton deteve o marido, que se dispunha a ir deitar-se, e isto no momento mesmo em que abria a boca para desejar boa-noite à mulher.

— Venha até aqui, querido, preciso falar-lhe — disse com certa solenidade.

O sr. de Bargeton seguiu a mulher até o toucador.

— Senhor — disse ela —, talvez eu tenha errado em pôr no meu interesse protetor pelo sr. de Rubempré um calor tão mal compreendido pelas tolas criaturas desta cidade como por ele mesmo. Esta manhã Luciano se atirou a meus pés, aqui, fazendo-me uma declaração de amor. Estanislau entrou no momento em que eu levantava essa criança. Desprezando os deveres que a cortesia impõe a um gentil-homem para com uma mulher em qualquer circunstância, pretendeu ele haver-me surpreendido numa situação equívoca com esse rapaz, a quem eu tratava como merece. Se esse jovem estouvado soubesse as calúnias a que sua loucura deu margem, eu o conheço, iria insultar Estanislau e o forçaria a duelar. Essa ação seria como uma confissão pública de seu amor. Não preciso dizer-lhe que sua mulher é pura, mas há de julgar que seria desonroso, para o senhor e para mim, o fato de ser o sr. de Rubempré quem a defenda. Vá neste momento à

casa de Estanislau e peça-lhe seriamente uma satisfação pelos insultantes comentários que fez a meu respeito. Pense bem: não deve consentir que o caso se arranje, a menos que ele se retrate em presença de numerosas e importantes testemunhas. O senhor conquistará assim a estima de todas as pessoas honestas, se conduzirá como homem inteligente, como homem galante, e terá maiores direitos à minha estima. Vou fazer partir Gentil a cavalo para Escarbas, meu pai deverá ser sua testemunha; apesar da idade dele, sei que é homem para calcar aos pés esse boneco que enodoa a reputação de uma De Nègrepelisse. O senhor tem a escolha das armas, batam-se a pistola, já que atira maravilhosamente.

— Vou até lá — respondeu o sr. de Bargeton, pegando a bengala e o chapéu.

— Ótimo, meu amigo — disse a mulher, comovida —; assim é que gosto dos homens. O senhor é um cavalheiro.

Ofereceu-lhe a fronte, que o ancião beijou todo orgulhoso e feliz.

Aquela mulher, que dedicava uma espécie de sentimento maternal àquela criança grande, não pôde reprimir uma lágrima ao ouvir bater a porta principal ao fechar-se atrás dele.

— Como me ama! — disse consigo. — O pobre homem, que é tão apegado à vida, perdê-la-ia por mim sem pena.

O sr. de Bargeton não se inquietava por ter de postar-se no dia seguinte diante de um homem, a olhar friamente a boca de uma pistola apontada para ele; não, ele não se sentia embaraçado senão por uma coisa, e se arrebelava todo ao se dirigir à casa do sr. de Chandour. “Que é que vou dizer?”, pensava. “Naís bem que poderia ter-me dado uma fórmula!” E quebrava a cabeça para alinhar algumas frases que não parecessem ridículas.

Mas as pessoas que vivem, como vivia o sr. de Bargeton, mergulhadas no silêncio imposto pela estreiteza de sua inteligência e seu pequeno alcance têm, nas grandes circunstâncias da vida, uma solenidade maternal. Falando pouco, naturalmente poucas asneiras lhes escapam; além disso, como a extrema desconfiança de si próprias leva-as a refletir muito sobre o que desejam dizer, estudam tão bem seus discursos que se exprimem maravilhosamente por um fenômeno

igual ao que desatou a língua da burra de Balaão.[83] O sr. de Bargeton se comportou, assim, como homem superior. Justificou a opinião daqueles que o consideravam um filósofo da escola de Pitágoras. Entrou em casa de Estanislau às onze horas da noite e ali encontrou numerosas pessoas. Foi saudar silenciosamente Amélia e ofereceu a todos seu parvo sorriso, que, dada a circunstância, pareceu profundamente irônico. Fez-se então um grande silêncio, como acontece na natureza à aproximação de uma tempestade.

Du Châtelet, que regressara, olhou, sucessivamente, de modo significativo, para o sr. de Bargeton e para Estanislau, a quem o marido ofendido polidamente abordou.

Du Châtelet compreendeu o sentido da visita feita àquela hora em que o ancião costumava estar já deitado: Naïs guiava evidentemente aquele braço débil, e, como sua posição junto de Amélia dava-lhe o direito de se imiscuir nos negócios do casal, levantou-se, tomou o sr. de Bargeton à parte e lhe disse:

— Quer falar a Estanislau?

— Sim — disse o velhote, feliz por encontrar um intermediário que talvez tomasse a palavra por ele.

— Pois bem, vá ao quarto de dormir de Amélia — respondeu-lhe o diretor das contribuições, feliz com esse duelo que poderia deixar a sra. de Bargeton viúva, interdizendo-lhe o casamento com Luciano, causa do embate.

— Estanislau — disse Du Châtelet ao sr. de Chandour —, Bargeton vem, sem dúvida, tomar-lhe satisfação do que você tem dito de Naïs. Venha aos aposentos de sua mulher e procedam ambos como cavalheiros. Não façam barulho algum, afetem muita polidez, tenham, enfim, toda a frieza de uma dignidade britânica.

Num momento Estanislau e Du Châtelet dirigiram-se ao encontro de Bargeton.

— Senhor — disse o marido ofendido —, pretende ter encontrado a sra. de Bargeton numa situação equívoca com o sr. de Rubempré?...

— Com o sr. Chardon — corrigiu ironicamente Estanislau, que não supunha Bargeton um homem forte.

— Que seja — tornou o marido. — Se não desmentir essa acusação

em presença de todos os que estão em sua casa neste momento, peça-lhe que indique uma testemunha. Meu sogro, o sr. de Nègrepelisse, virá procurá-lo às quatro horas da manhã. Façamos cada um nossas disposições, porque o caso não se poderá solucionar senão pelo modo que acabo de indicar. Escolho a pistola, sou o ofendido.

Pelo caminho, o sr. de Bargeton havia ruminado esse discurso, o mais longo de sua vida. Disse-o sem paixão e com o ar mais simples do mundo.

Estanislau empalideceu e pensou consigo: “Que foi que vi, afinal de contas?”.

Mas, entre a vergonha de desmentir suas afirmações diante de toda a cidade, em presença daquele mudo que parecia não querer tolerar zombarias, e o medo, o pavoroso medo que lhe apertava a garganta com suas mãos ardentes, escolheu o perigo mais afastado.

— Está bem. Até amanhã — disse ao sr. de Bargeton, pensando que o caso talvez se pudesse ainda resolver.

Os três homens voltaram à sala e todos estudaram suas fisionomias: Du Châtelet sorria, o sr. de Bargeton estava exatamente como se se encontrasse em sua casa; mas Estanislau estava pálido. A esse aspecto, algumas das senhoras adivinharam o objeto da conferência. As palavras “Eles vão bater-se!” circularam de boca em boca. Metade da assembleia fixou-se na opinião de que Estanislau era culpado, sua palidez e seus modos acusavam uma mentira; a outra metade admirava a atitude do sr. de Bargeton. Du Châtelet mostrava-se sério e misterioso. Depois de haver ficado alguns instantes a examinar os semblantes, o sr. de Bargeton retirou-se.

— Tem pistolas? — disse Du Châtelet ao ouvido de Estanislau, que estremeceu da cabeça aos pés.

Amélia compreendeu tudo e sentiu-se mal. As mulheres apressuraram-se em levá-la para o quarto. Fez-se um barulho espantoso, todos falavam ao mesmo tempo. Os homens ficaram no salão e declararam unanimemente que o sr. de Bargeton estava em seu direito.

— Vocês acreditavam que o velhote fosse capaz de agir desta maneira? — perguntou o sr. de Saintot.

— Mas — disse o impiedoso Jaques — na mocidade foi dos mais destros nas armas. Meu pai muitas vezes me falou nas façanhas de De Bargeton.

— Bah! Ponha-os a vinte passos e errarão os tiros, se os fizer usar pistolas de cavalaria — disse Francis a Du Châtelet.

Após todos haverem partido, Du Châtelet acalmou Estanislau e a mulher assegurando-lhes que tudo iria bem, pois, num duelo entre um homem de sessenta anos e um de trinta e seis, este levava todas as vantagens.

No dia seguinte pela manhã, no momento em que Luciano almoçava com David, que voltara de Marsac sem o pai, a sra. Chardon entrou muito assustada:

— Luciano, sabes a novidade em que se fala até no mercado? O sr. de Bargeton quase matou o sr. de Chandour, esta manhã às cinco horas, nos campos do sr. Tulloye, nome que dá lugar a trocadilhos.[\[84\]](#) Parece que o sr. de Chandour andou dizendo ontem que te havia surpreendido com a sra. de Bargeton.

— É falso! A sra. de Bargeton é inocente — exclamou Luciano.

— Um homem do campo, a quem ouvi contar os pormenores, viu tudo de cima de sua carroça. O sr. de Nègrepelisse lá estava desde as três horas da manhã para assistir o sr. de Bargeton e disse ao sr. de Chandour que, se alguma desgraça acontecesse ao genro, ele se encarregaria de vingá-lo. Um oficial do regimento de cavalaria emprestou as pistolas, que foram experimentadas várias vezes pelo sr. de Nègrepelisse. O sr. du Châtelet quis opor-se a que se experimentassem as pistolas, mas o oficial, que haviam tomado como árbitro, disse que, a menos que se quisessem conduzir como crianças, deveriam servir-se de armas em condições. As testemunhas colocaram os adversários a vinte e cinco passos um do outro. O sr. de Bargeton, que lá estava como se andasse a passear, atirou primeiro e alojou uma bala no pescoço do sr. de Chandour, que caiu sem ter podido atirar. O cirurgião do hospital declarou há pouco que o sr. de Chandour vai ficar com o pescoço torto para o resto de seus dias. Vim contar-te o resultado desse duelo para que não vás à casa da sra. de Bargeton e não te mostres em Angoulême, porque os amigos do sr. de Chandour

poderiam provocar-te.

Nesse momento, Gentil, o criado de quarto do sr. de Bargeton, entrou conduzido pelo aprendiz da tipografia e entregou a Luciano uma carta de Luísa.

Você já soube, sem dúvida, meu amigo, do resultado do duelo entre De Chandour e meu marido. Não receberemos ninguém hoje; seja prudente, não se mostre, peça-lhe em nome da afeição que tem por mim.

Não acha que o melhor emprego a dar a este triste dia é vir escutar sua Beatriz, cuja vida foi completamente mudada por este acontecimento e que tem mil coisas para lhe dizer?

— Felizmente — disse David — meu casamento está marcado para depois de amanhã; terás um pretexto para ir menos frequentemente à casa da sra. de Bargeton.

— Querido David — respondeu Luciano —, ela me pede que vá vê-la hoje. Creio que é preciso obedecer-lhe, ela saberá melhor do que nós como me devo portar nas circunstâncias atuais.

— Tudo está pronto então aqui? — perguntou a sra. Chardon.

— Venha ver — exclamou David, feliz por mostrar a transformação por que havia passado o apartamento do primeiro andar, onde tudo era flamante e novo.

Respirava-se ali a doce atmosfera que reina nos lares jovens onde as flores de laranjeira e o véu da desposada coroam ainda a vida interior, onde a primavera do amor se reflete nas coisas, onde tudo é branco, limpo e florido.

— Eva será como uma princesa — disse a mãe —; mas você gastou dinheiro demais, fez loucuras!

David sorriu sem responder, porque a sra. Chardon pusera o dedo sobre a chaga secreta que fazia o pobre enamorado sofrer cruelmente: suas previsões haviam sido ultrapassadas de tal modo pela execução que lhe era agora impossível fazer a edificação de cima do alpendre. Sua sogra não poderia ter tão cedo o apartamento que ele lhe queria dar. Os espíritos generosos sofrem a mais viva dor ao faltar a essa espécie de promessas que são, de certo modo, como que as pequenas vaidades do carinho. David escondia cuidadosamente o seu vexame, a

fim de poupar o coração de Luciano, que teria podido sentir-se acabrunhado com os sacrifícios por ele feitos.

— Eva e as amigas têm trabalhado bastante também por seu lado — disse a sra. Chardon. — O enxoval, a roupa da casa, tudo está pronto. Essas meninas a querem tanto que, sem que ela soubesse, cobriram-lhe os acolchoados com fustão branco, guarnecido de orlas cor-de-rosa. É lindo! Dá mesmo vontade de casar.

Mãe e filha haviam empregado todas as suas economias para fornecer à casa de David as coisas em que os rapazes nunca pensam.

Sabendo como ele estava fazendo tudo com luxo, pois havia até mesmo um serviço de porcelana encomendado de Limoges, haviam tratado de pôr em harmonia as coisas que trariam com as que David comprara. Essa pequena luta de amor e generosidade deveria levar os dois esposos a se acharem em apertos financeiros desde os primeiros tempos do casamento, no meio de todos os sintomas de uma abastança burguesa que poderia ser até considerada como luxo numa cidade atrasada como era então Angoulême. Quando Luciano viu a mãe e David passarem para o quarto de dormir, cujas tapeçarias azuis e brancas ele já conhecia, assim como o belo mobiliário, esquivou-se para a casa da sra. de Bargeton. Encontrou Naïs almoçando com o marido, que, com o apetite aguçado pelo passeio matinal, comia sem preocupação alguma pelo que se havia passado. O velho gentil-homem camponês, sr. de Nègrepelisse, uma imponente figura, resto da velha nobreza de França, estava ao lado da filha. Quando Gentil anunciou o sr. de Rubempré, o velho de cabeça branca lançou-lhe o olhar inquisidor de um pai empenhado em julgar o homem que sua filha distinguira. A extraordinária beleza de Luciano impressionou-o tão vivamente que não pôde reter um olhar de aprovação; pareceu-lhe, porém, ver na ligação da filha mais um capricho que uma paixão duradoura. Terminado o almoço, Luísa pôde levantar-se e, deixando o pai e o sr. de Bargeton, fez a Luciano sinal para que a seguisse.

— Meu amigo — disse ela com um tom de voz triste e alegre ao mesmo tempo —, vou a Paris, e meu pai leva Bargeton a Escarbas, onde ele ficará durante minha ausência. A sra. d'Espard, uma dama de Blamont-Chauvry, a quem estamos ligados pelos D'Espard, troncos da

família dos Nègrepelisse, é lá nesse momento muito influente por ela mesma e por seus parentes. Se se dignar acolher-nos, pretendo frequentá-la muito: ela pode obter-nos por sua influência um lugar para Bargeton. Minhas solicitações poderão conseguir que a Corte aceite fazê-lo deputado por Charente, o que auxiliará sua nomeação aqui. Essa deputação poderá mais tarde favorecer meus passos em Paris. E foste tu, minha criança querida, quem me inspirou esta mudança de vida. O duelo desta manhã me obriga a fechar a casa por algum tempo, pois haverá quem tome partido pelos Chandour contra nós. Na situação em que nos encontramos, e numa cidade pequena, uma ausência é sempre necessária para deixar aos ódios o tempo de se acalmarem. Mas ou triunfarei para não mais ver Angoulême ou nada conseguirei e então hei de esperar em Paris até que possa passar todos os verões em Escarbas e os invernos em Paris. É a única vida digna de uma mulher que se preza, já tardei bastante em tomá-la. Um dia será suficiente para todos os nossos preparativos, partirei amanhã à noite, e você me acompanhará, não é verdade? Você irá primeiro. Entre Mansle e Ruffec, eu o tomarei em minha carruagem, e logo estaremos em Paris. Lá, querido, é que há vida para criaturas superiores. Ninguém se encontra a gosto senão entre os seus pares; sofre-se em qualquer outra parte. Depois, Paris, capital do mundo intelectual, é o teatro para seu triunfo! Transponha logo o espaço que o separa dela! Não deixe suas ideias criarem ranço na província, conviva logo com os grandes homens que hão de representar o século XIX. Aproxime-se da Corte e do poder. Nem distinções nem dignidades vêm procurar o talento que se estiola numa cidadezinha. Cite-me as belas obras executadas na província! Veja, pelo contrário, o sublime e pobre Jean-Jacques invencivelmente atraído por esse sol moral que cria a glória ao aquecer os espíritos pelo atrito das rivalidades. Não acha que deve apressar-se a tomar seu lugar entre a plêiade que se produz em cada época? Você não pode imaginar o quanto é útil a um jovem talento ser posto em evidência pela alta sociedade. Farei com que seja recebido em casa da sra. d'Espard; ninguém consegue facilmente entrada em seu salão, onde há de encontrar todas as grandes personagens, os ministros, os embaixadores, os oradores da Câmara, os pares mais influentes,

peessoas ricas ou célebres. Seria preciso ser bem desasado para não despertar interesse quando se é belo, jovem e cheio de talento. Os grandes talentos não conhecem a mesquinhez, e lhe darão apoio. Quando souberem que você tem uma alta colocação, suas obras adquirirão imenso valor. Para os artistas, o grande problema a resolver é pôr-se em evidência. Surgirão logo para você mil oportunidades para fazer fortuna, sinecuras, uma pensão do governo. Os Bourbon gostam tanto de proteger as letras e as artes! Seja ao mesmo tempo poeta religioso e poeta monarquista. Não somente lhe ficará bem, mas fará fortuna. É a oposição, é o liberalismo que dá os lugares, as recompensas, e que faz a fortuna dos escritores? Tome, pois, o bom caminho e vá lá para onde vão todos os homens de gênio. Você possui o meu segredo, guarde o mais profundo silêncio, e resolva-se a me seguir. Não quer? — acrescentou, admirada da silenciosa atitude do amado.

Luciano, estonteado pelo rápido volver de olhos que lançara sobre Paris ao ouvir aquelas palavras sedutoras, acreditou que não havia até então usado senão metade do seu cérebro; pareceu-lhe que a outra metade se descobria, tanto suas ideias se ampliavam. Viu-se em Angoulême como uma rã debaixo de sua pedra ao fundo de um pântano. Paris e seus esplendores, Paris, que se apresenta a todas as imaginações provincianas como um Eldorado, apareceu-lhe com seu vestido de ouro, a cabeça cingida de pedrarias régias, os braços abertos aos talentos. As pessoas ilustres iriam dar-lhe o abraço fraternal. Lá, tudo sorriria ao gênio. Lá, nem fidalgotes ciumentos para humilhar o escritor nem estúpida indiferença pela poesia. De lá brotavam as obras dos poetas, lá elas eram pagas e trazidas à luz. Depois de haver lido as primeiras páginas de *O arqueiro de Carlos ix*, os livreiros abririam seus cofres e lhe diriam: “Quanto quer?”. Compreendia além disso que, depois de uma viagem em que se veriam unidos pelas circunstâncias, a sra. de Bargeton seria inteiramente sua, viveriam juntos.

A essas palavras — “Não quer?” — ele respondeu com uma lágrima, tomou Luísa pela cintura, apertou-a contra o coração e lhe jaspou o pescoço com beijos violentos. Depois, parou repentinamente como que ferido por uma lembrança e exclamou:

— Meu Deus, minha irmã casa depois de amanhã!

Essa exclamação foi o último suspiro da criança nobre e pura. Os laços poderosíssimos que ligam os jovens corações à família, ao primeiro amigo, a todos os sentimentos primitivos, iam receber terrível golpe de machado.

— E então! — exclamou a altiva De Nègrepelisse. — Que tem de comum o casamento de sua irmã e a marcha de nosso amor? Faz tanto empenho em ser corifeu dessas núpcias de burgueses e operários que não possa me sacrificar suas nobres alegrias? Grande sacrifício! — disse ela com desprezo. — Mandeí meu marido esta manhã bater-se por sua causa! Vá, senhor, deixe-me! Eu me enganei.

Caiu como que desfalecida sobre o canapé. Luciano a seguiu, pedindo perdão, maldizendo a família, David e a irmã.

— Acreditava tanto em você! — disse ela. — O sr. de Cante-Croix tinha uma mãe que ele idolatrava, mas para obter uma carta em que eu lhe dizia: *Estou contente!* morreu em meio ao fogo. E você, quando se trata de viajar comigo, não sabe renunciar a um banquete de núpcias!

Luciano quis matar-se e seu desespero foi tão verdadeiro, tão profundo, que Luísa perdoou, mas fazendo sentir a Luciano que teria de resgatar aquela falta.

— Vá, então — disse por fim. — Seja discreto e esteja amanhã à meia-noite a uma centena de passos depois de Mansle.

Luciano sentiu pequena a terra sob seus pés. Voltou à casa de David, seguido por suas esperanças como Orestes pelas fúrias, pois entrevia mil dificuldades que se resumiam todas nestas palavras terríveis: “E o dinheiro?”. A perspicácia de David o atemorizava tanto que ele se fechou em seu lindo gabinete para serenar o aturdimento que lhe causava aquele novo acontecimento. Era preciso então abandonar esse apartamento tão carinhosamente montado, tornar inúteis tantos sacrifícios? Pensou que a mãe poderia alojar-se ali. David economizaria assim a custosa construção que projetara mandar fazer ao fundo do pátio. Sua partida iria acomodar a família. Encontrou mil razões peremptórias para a fuga, porque nada há mais jesuíta que um desejo. Correu em seguida ao Houmeau, à casa da irmã, para lhe contar seu novo destino e tudo combinar com ela. Ao chegar diante da botica de

Postel, pensou que, se não houvesse outro meio, pediria emprestada ao sucessor do pai a soma necessária à sua manutenção durante um ano.

“Se eu viver com Luísa, um escudo por dia será para mim como uma fortuna e isso não representa senão mil francos por ano”, pensou. “Ora, dentro de seis meses estarei rico!”

Eva e a mãe ouviram, sob promessa de profundo segredo, as confidências de Luciano. Ambas choraram ao escutar o ambicioso; e, ao indagar ele da causa daquela tristeza, disseram-lhe que tudo o que possuíam fora absorvido pela roupa de mesa e da casa, pelo enxoval de Eva, por uma quantidade de compras nas quais David não pensara e que elas se sentiam felizes por ter feito, porque o impressor reconheceu a Eva o direito a um dote de dez mil francos. Luciano comunicou-lhes então a ideia do empréstimo, e a sra. Chardon se encarregou de ir pedir a Postel mil francos por um ano.

— Mas, Luciano — disse Eva com um aperto no coração —, não vais assistir então ao meu casamento? Oh! volta, eu esperarei alguns dias! Ela te deixará por certo voltar aqui depois de quinze dias, uma vez que a tenhas acompanhado! Ela nos concederá certamente oito dias, a nós que te criamos para ela! Nossa união não será feliz se não estiveres presente... Mas terás o bastante com mil francos? — disse ela interrompendo-se de chofre. — Ainda que teu traje te vá divinamente, só tens um! Não tens mais que duas camisas finas, as outras seis são de fazenda grosseira. Tens apenas três gravatas de batista, as três outras são de tecido comum e, depois, teus lenços não são bonitos. Acharás em Paris uma irmã para lavar tua roupa no dia mesmo em que a vais precisar? Isso te é bem necessário. Não tens mais que um par de calças de nanquim feito este ano; as do ano passado já te ficam curtas. É preciso portanto que em Paris compres roupas; e os preços de Paris não são os de Angoulême. Só tens dois coletes brancos convenientes, aos outros já tive de cerzir. Olha, aconselho-te a que leves dois mil francos.

Nesse momento, David, que entrava, pareceu ter ouvido as últimas palavras, porque examinou o irmão e a irmã guardando silêncio.

— Não me escondam nada — disse ele.

— Pois bem — exclamou Eva —, ele parte com ela!

— Postel — disse a sra. Chardon entrando sem ver David — consente em emprestar os mil francos, mas apenas por seis meses, e quer uma letra de câmbio tua abonada por teu cunhado, porque diz que não ofereces garantia alguma.

A mãe voltou-se, viu o genro, e os quatro guardaram profundo silêncio. A família Chardon sentiu o quanto havia abusado de David. Todos estavam envergonhados. Uma lágrima rolou dos olhos do impressor.

— Não assistirás então ao meu casamento? — disse. — Não ficarás então conosco? E eu que dissipei tudo o que tinha! Ah! Luciano, eu que trazia a Eva suas pobres, modestas joias de noiva, não sabia — disse enxugando os olhos e tirando os escrínios do bolso — que teria de lamentar havê-las comprado.

Pousou várias caixinhas cobertas de marroquim sobre a mesa, diante da futura sogra.

— Por que pensas tanto em mim? — disse Eva com um sorriso de anjo que corrigia as palavras.

— Querida mamãe — disse o impressor —, diga ao sr. Postel que consinto em dar minha assinatura, porque vejo em teu rosto, Luciano, que estás bem decidido a partir.

Luciano inclinou mole e tristemente a cabeça, e um momento depois disse:

— Não me julguem mal, meus anjos amados.

Abraçou Eva e David e os beijou apertando-os contra si, dizendo:

— Esperem o resultado e saberão quanto os quero. David, de que serviria a grandeza de nossos pensamentos, se ela não nos permitisse fazer abstração das pequenas cerimônias com que as leis emaranham os sentimentos? Minha alma não estará aqui, apesar da distância? O pensamento não nos aproximará? Não tenho acaso um destino a cumprir? Não virão as livrarias procurar aqui meu *Arqueiro de Carlos ix* e *As boninas*? Um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, não será preciso fazer um dia o que hoje faço? E poderei encontrar circunstâncias mais favoráveis? Não é uma grande fortuna conquistar, para minha estreia em Paris, o salão da marquesa d'Espard?

— Tem razão — disse Eva. — Você mesmo não me dizia que ele

deveria ir logo para Paris?

David tomou Eva pela mão, levou-a para o estreito gabinete onde havia sete anos ela dormia, e lhe disse ao ouvido:

— Meu amor, tu dizias que ele precisa de dois mil francos? Postel empresta apenas mil.

Eva olhou para o noivo com um olhar assustado que revelava todos os seus sofrimentos.

— Escuta, minha Eva adorada, vamos começar mal a vida. Sim, minhas despesas absorveram tudo quanto eu possuía. Não me restam senão dois mil francos, dos quais a metade é indispensável para fazer andar a tipografia. Dar mil francos a teu irmão é dar o nosso pão, comprometer a nossa tranquilidade. Se eu fosse só, sei o que faria, mas somos dois. Decide.

Eva, fora de si, atirou-se nos braços do noivo, beijou-o ternamente e lhe disse ao ouvido, chorando:

— Faze como se estivesses só; trabalharei para tornar a ganhar essa quantia!

Apesar do beijo mais ardente que dois noivos jamais tenham trocado, David deixou Eva abatida e voltou à procura de Luciano.

— Não te entristeças — disse-lhe —, terás teus dois mil francos.

— Vão ver Postel — disse a sra. Chardon —, porque ambos têm de assinar o papel.

Quando os dois amigos voltaram, surpreenderam Eva e a mãe de joelhos, a rezar. Se elas sabiam quantas esperanças a mudança devia realizar, sentiam naquele instante tudo o que perdiam nesse adeus, pois achavam a felicidade futura paga demasiadamente caro com uma ausência que lhes ia dilacerar as vidas e enchê-las de mil receios sobre o destino de Luciano.

— Se um dia esqueceres esta cena — disse David ao ouvido de Luciano —, serás o último dos homens.

O impressor julgou, sem dúvida, necessárias essas graves palavras. A influência da sra. de Bargeton não o assustava menos que a funesta volubilidade de caráter que tanto poderia jogar Luciano em bom como em mau caminho. Eva fez rapidamente os pacotes de Luciano. Esse Hernan Cortez[85] literário pouca coisa levava. Pôs sua melhor

sobrecasaca, seu melhor colete, e uma das duas camisas finas. Toda a roupa interior, seu famoso traje, seus pertences e seus manuscritos formaram um pacote tão pequeno que, para escondê-lo aos olhos da sra. de Bargeton, David propôs enviá-lo pela diligência a seu correspondente, um negociante de papel, ao qual escreveria para que o conservasse à disposição de Luciano.

Apesar das precauções tomadas pela sra. de Bargeton para ocultar sua partida, Du Châtelet soube dela e quis saber se ela faria a viagem só ou acompanhada de Luciano. Mandou seu criado de quarto a Ruffec, com a missão de examinar todas as carruagens que fizessem mudas na posta.

“Se ela levar seu poeta”, pensou ele, “será minha.”

Luciano partiu no dia seguinte de madrugada, acompanhado por David, que obteve um cabriolé e um cavalo, anunciando que ia tratar de negócios com o pai, pequena mentira que, nas atuais circunstâncias, era provável. Os dois amigos foram a Marsac, onde passaram parte do dia com o velho Urso; depois, já de tarde, dirigiram-se para além de Mansle a fim de esperar a sra. de Bargeton, que chegou madrugada alta.

Ao ver a velha caleça sexagenária que tantas vezes avistara na cocheira, Luciano sentiu uma das maiores emoções de sua vida. Atirou-se nos braços de David, que lhe disse:

— Permita Deus que seja para teu bem!

O impressor subiu de novo para o velho cabriolé e desapareceu com o coração apertado, pois o assaltavam pressentimentos horríveis sobre o destino de Luciano em Paris.

SEGUNDA PARTE

UM GRANDE HOMEM DA PROVÍNCIA EM PARIS

I – AS PRIMÍCIAS DE PARIS

Jamais Luciano ou a sra. de Bargeton, e sequer Gentil ou Albertina, a criada de quarto, falaram dos acontecimentos daquela viagem; mas fácil é supor o quanto a contínua presença de outras pessoas a tornou sem graça para um enamorado que imaginava todos os prazeres de um rapto.

Luciano, que pela primeira vez na vida viajava em diligência, mostrou-se assombrado ao ver semear pela estrada de Angoulême a Paris quantia equivalente a quase toda a soma que destinava ao custeio de um ano de vida na capital. E, como todos os homens que reúnem as graças da mocidade à força do talento, cometeu o erro de exprimir suas ingênuas surpresas ante o aspecto das coisas para ele novas.

Um homem deve estudar bem uma mulher antes de lhe deixar perceber como se manifestam suas emoções e pensamentos. As amantes cheias de ternura e dotadas de grandeza d'alma sorriem às infantilidades e as compreendem; entretanto, se vaidosas, por menos que o sejam, nunca perdoarão ao amado o mostrar-se criança, mesquinho ou vão. Mulheres há que põem tão grande exagero no seu culto que desejam encontrar sempre um deus em seu ídolo; enquanto outras amam os homens por eles mesmos, antes de os amar por elas, e adoram, assim, tanto os seus ridículos como suas grandezas. Luciano não adivinhara ainda que na sra. de Bargeton o amor se enxertava no orgulho. Cometeu o erro de não procurar explicação para certos

sorrisos que escapavam a Luísa durante a viagem, sempre que, em vez de as conter, ele se entregava às suas alegrias de camundongo recém-saído da toca.

Os viajantes desceram no hotel do Gaillard-Bois, na Rue de l'Échelle, antes do amanhecer. Os dois amantes estavam tão fatigados que, antes de tudo o mais, Luísa quis deitar-se e foi, não sem haver antes ordenado a Luciano que pedisse um quarto por cima do apartamento que ela tomou. Luciano dormiu até as quatro da tarde. A sra. de Bargeton o mandou acordar para jantar. Ele vestiu-se precipitadamente ao ver que horas eram e foi encontrar Luísa num desses ignóbeis quartos que são a vergonha de Paris, onde, apesar de tantas pretensões à elegância, não existe ainda um único hotel onde o viajante rico possa encontrar-se como em casa. Não obstante ter ainda nos olhos as nuvens que nos deixa o brusco despertar, Luciano não reconheceu a sua Luísa naquele quarto frio, sem sol, de reposteiros desbotados, cujo assoalho gasto parecia miserável e cujos móveis eram usados, de mau gosto, velhos ou de segunda mão.

Há, sem dúvida, pessoas que não têm o mesmo aspecto nem o mesmo valor, quando separadas das pessoas, das coisas, dos lugares que lhes servem de moldura. As fisionomias vivas têm uma espécie de atmosfera que lhes é própria, tal como o claro-escuro dos quadros flamengos é necessário à vida das figuras que o gênio dos pintores ali colocou. A gente da província é quase toda assim. Além disso, a sra. de Bargeton parecia mais digna, mais pensativa do que deveria estar no momento em que começava uma felicidade sem entraves.

Luciano não se podia queixar: Gentil e Albertina os serviam. O jantar não tinha ali o aspecto de abundância e de bondade essencial que distingue a vida na província. Os pratos, racionados pela especulação, vinham de um restaurante vizinho, parcamente servidos, cheirando a jejum. Paris não é nada agradável nessas pequenas coisas a que são condenadas as pessoas de fortuna medíocre.

Luciano esperou o fim da refeição para interrogar Luísa, cuja mudança lhe parecia inexplicável. Não se enganava. Um grave acontecimento, porque as reflexões são os acontecimentos da vida moral, sobreviera enquanto dormia. Às duas horas da tarde Sixto du

Châtelet se apresentara no hotel, fizera acordar Albertina e, havendo manifestado o desejo de falar à ama desta, voltara em seguida, mal dando à sra. de Bargeton o tempo para se arrumar. Anaïs, cuja curiosidade fora excitada pela singular aparição do sr. du Châtelet, pois se julgava muito bem oculta, o recebera pelas três horas.

— Segui-a arriscando-me a receber uma reprimenda da administração — disse, saudando-a — porque previa o que lhe está acontecendo. Mas, ainda que tivesse de perder meu lugar, ao menos a senhora não ficaria perdida!

— Que quer dizer? — exclamou a sra. de Bargeton.

— Bem vejo que ama Luciano — tornou ele com um ar ternamente resignado —, porque é preciso sentir um grande amor para não refletir em coisa alguma, para esquecer todas as conveniências, a senhora que tão bem as conhece! Acredita então, Naïs adorada, que possa ser recebida em casa da sra. d'Espard, ou em outro salão de Paris, seja qual for, quando souberem que saiu como que fugida de Angoulême com um rapaz, e sobretudo depois do duelo do sr. de Bargeton com o sr. de Chandour? A estada de seu marido em Escarbas tem toda a aparência de uma separação. Em casos semelhantes, as pessoas corretas começam a bater-se por suas mulheres para, em seguida, deixá-las livres. Ame o sr. de Rubempré, proteja-o, faça tudo o que quiser dele, mas não morem juntos! Se alguém aqui souber que fizeram a viagem na mesma carruagem, a senhora será posta no índice pela sociedade que deseja frequentar. Além disso, Naïs, não faça tais sacrifícios por um rapaz que a senhora não comparou com ninguém ainda, que não foi submetido a prova alguma, e que pode esquecê-la aqui por uma parisiense julgando-a mais necessária que a senhora às suas ambições. Não quero desfazer daquele a quem ama, mas permita-me que coloque os seus interesses acima dos dele, e que lhe diga: “Estude-o! Meça bem toda a importância do passo que vai dar”. Se vier a encontrar as portas fechadas, se as mulheres se recusarem a recebê-la, que ao menos não sinta pesar algum por tantos sacrifícios, tendo a certeza de que aquele por quem os fez saberá sempre merecê-los e os compreender. A sra. d'Espard tem de ser mais prudente e severa que as outras, por estar separada do marido, sem que a sociedade tenha podido saber a causa

dessa desunião; mas os Navarreins, os Blamont-Chauvry, os Lenoncourt,[86] todos os parentes, a apoiam, e as mulheres mais cheias de preconceitos vão à sua casa e a acolhem com respeito, de modo a evidenciar que o marquês d’Espard é quem não tem razão. Já à primeira visita que lhe fizer, a senhora reconhecerá a verdade da minha advertência. Posso fazer essa predição, porque conheço Paris: ficará desesperada em casa da marquesa se ela viesse a saber que está no hotel Gaillard-Bois com o filho de um boticário, por mais sr. de Rubempré que ele queira ser. Terá aqui rivais bem mais astutas e espertas do que Amélia; elas não deixarão de saber quem é a senhora, onde está, de onde vem, e o que faz. Vejo que conta com o incógnito, mas esquece que é dessas pessoas para as quais o incógnito não existe. Acaso não irá encontrar Angoulême por toda a parte? São os deputados de Charente que vêm para a abertura das Câmaras; é o general que está em Paris, em gozo de licença; mas bastará que um único habitante de Angoulême a aviste para que sua vida seja tolhida de um modo estranho: não passará da amante de Luciano. Se precisar de mim, seja para o que for, estou em casa do recebedor geral, Rue du Faubourg Saint-Honoré, a dois passos da casa da sra. d’Espard. Conheço bastante a marechala de Carigliano, a sra. de Sérisy[87] e o presidente do Conselho para a apresentar lá, mas conhecerá tanta gente em casa da sra. d’Espard que, certamente, não precisará de mim. Longe de ter que desejar ir a este ou àquele salão, a senhora é que será neles desejada.

Du Châtelet pôde falar sem que a sra. de Bargeton o interrompesse, assombrada como ficou pela justeza daquelas observações. A rainha de Angoulême havia, sem dúvida, contado com o incógnito.

— Tem razão, caro amigo — disse ela —, mas que fazer?

— Deixe-me — respondeu Du Châtelet — procurar-lhe um apartamento mobiliado em condições. Levará assim uma vida menos cara que a vida de hotel, e estará em sua casa; e, se me der ouvidos, ali dormirá já esta noite.

— Mas como descobriu meu endereço? — indagou ela.

— Sua carruagem é fácil de reconhecer; além disso, eu a seguia. Em Sèvres, o postilhão que a trouxe deu ao meu o seu endereço. Permite

que me faça seu ajudante de ordens? Escrever-lhe-ei dentro em pouco para dizer-lhe onde a terei alojado.

— Pois bem, faça-o — disse ela.

Essas palavras nada pareciam, e eram tudo. O barão du Châtelet falara na linguagem da sociedade a uma mulher da sociedade. Apresentara-se em toda a elegância de um traje parisiense; trouxera-o um bonito cabriolé bem aparelhado. Por acaso, a sra. de Bargeton pôs-se à sacada para refletir sobre a situação e viu o velho janota partir. Instantes depois, Luciano, bruscamente acordado e bruscamente vestido, apresentou-se a seus olhos metido em suas calças de nanquim do ano anterior, e na sua feia sobrecasaca. Ele era belo, mas apresentava-se ridiculamente vestido. Vesti o Apolo de Belvedere[88] ou o Antínoo[89] de aguadeiro e vede se é possível reconhecer neles a divina criação do cinzel grego e romano. Os olhos comparam antes que o coração possa retificar esse rápido julgamento maquinal. O contraste entre Luciano e Du Châtelet foi brusco demais para não chocar os olhos de Luísa.

Quando pelas seis horas terminou o jantar, a sra. de Bargeton fez sinal a Luciano para vir sentar-se ao seu lado num velho canapé de percal vermelho com flores amarelas.

— Meu Luciano — disse —, não concordas em que, se fizemos uma loucura que nos pode matar a ambos, o razoável é que a reparemos? Não devemos, queridinho, morar juntos em Paris nem deixar supor que viemos ao mesmo tempo. Teu futuro depende muito da minha posição e não a devo pôr a perder de maneira alguma. Assim, vou alojar-me desde já a alguns passos daqui; mas ficarás neste hotel e poderemos ver-nos todos os dias sem que ninguém tenha coisa alguma a dizer.

Luísa esmiuçou as leis da sociedade a Luciano, que ouviu atônito. Sem saber que as mulheres que voltam atrás nas suas loucuras voltam atrás em seu amor, compreendeu bem que não era mais o Luciano de Angoulême. Luísa não lhe falava senão de si própria, de seus interesses, de sua reputação, da sociedade; e, para escusar seu egoísmo, tentava fazê-lo crer que se tratava dele. Não tinha direito algum sobre Luísa, tão rapidamente tornada de novo sra. de Bargeton,

e, coisa mais grave, não tinha poder algum. Não pôde reter, por isso, duas grandes lágrimas que lhe rolaram dos olhos.

— Se sou a sua glória, você é ainda mais para mim, você é a minha única esperança, todo o meu futuro. Pensei que, se esposava meu êxito, devia esposar meu infortúnio, e eis que já nos separamos.

— Você julga meu proceder — retrucou ela —, você já não me ama!

Luciano olhou-a com expressão tão dolorosa que ela não pôde deixar de dizer:

— Queridinho, ficarei se quiseses, embora nos percamos, ficando sem apoio. Mas, quando nos virmos igualmente miseráveis e repelidos, quando o insucesso, porque é preciso tudo prever, nos tiver atirado para Escarbas, lembra-te, meu amor, de que eu havia previsto esse fim, e que te propusera antes triunfar segundo as leis do mundo, obedecendo-lhes.

— Luísa — respondeu ele beijando-a —, estou aterrado por te ver tão prudente. Faz de conta que sou apenas uma criança e que me abandonei inteiramente à sua vontade, minha querida. Por mim, desejaria triunfar sobre os homens e sobre as coisas à viva força; mas, se com tua ajuda puder chegar mais depressa do que sozinho, serei muito feliz em te dever todos os meus triunfos. Perdoa! Confiei demais em ti para não ter agora medo de tudo. Para mim, a separação é o prenúncio do abandono; e o abandono é a morte.

— Mas, meu querido, a sociedade te pede pouca coisa — respondeu ela. — Trata-se apenas de dormir aqui, para poder ficar o dia todo em minha casa sem que nisso encontrem do que falar.

Algumas carícias acabaram por acalmar Luciano. Uma hora depois, apareceu Gentil com um bilhete de Du Châtelet, que dizia em poucas palavras à sra. de Bargeton que lhe havia achado um apartamento na Rue Neuve-du-Luxembourg. Ela indagou da situação dessa rua, que não era muito distante da Rue de l'Échelle, e disse a Luciano:

— Somos vizinhos.

Duas horas depois, Luísa subiu a uma carruagem que lhe enviara Du Châtelet para que ela se dirigisse a seus novos cômodos. O apartamento, desses em que os tapeceiros põem móveis e que alugam a deputados ricos ou a grandes personagens vindos a Paris por pouco

tempo, era suntuoso, mas sem conforto. Luciano regressou pelas onze horas a seu pequeno hotel do Gaillard-Bois, não tendo visto de Paris senão a parte da Rue Saint-Honoré, que se situa entre a Rue Neuve-du-Luxembourg e a Rue de l'Échelle.

Deitou-se em seu quartinho miserável, não sem deixar de o comparar com o magnífico apartamento de Luísa.

Mal saíra ele de casa da sra. de Bargeton, ali chegava o barão du Châtelet, de volta da casa do ministro das Relações Exteriores, no esplendor de um traje de cerimônia. Vinha prestar contas das comissões que desempenhara para a sra. de Bargeton.

Luísa estava inquieta; aquele luxo a amedrontava. Os costumes da província tinham acabado por atuar sobre ela, tornando-a meticulosa nas contas; punha tanta ordem em tudo que em Paris iria parecer avara. Trouxera cerca de vinte mil francos num vale do recebedor geral, destinando essa soma a cobrir as suas despesas comuns e as extraordinárias durante quatro anos; temia já não ter o bastante e fazer dívidas.

Du Châtelet comunicou-lhe que o apartamento lhe custaria só seiscentos francos por mês.

— Uma miséria — acrescentou, vendo o sobressalto de Naïs. — Terá ainda às suas ordens uma carruagem por quinhentos francos mensais, importando tudo em cinquenta luíses. Terá de pensar apenas nos seus trajes. Uma senhora que vai frequentar a alta sociedade não se poderia instalar de outra maneira. Se pretende fazer do sr. de Bargeton um recebedor geral ou lhe obter um lugar na casa do rei, não deve mostrar aparências de miséria. Aqui não se dá senão aos ricos. Por felicidade — disse ele —, a senhora dispõe de Gentil para a acompanhar e de Albertina para a vestir, porque os criados são umas pestes em Paris. Comerá poucas vezes em casa, lançada como vai ser na sociedade.

A sra. de Bargeton e o barão falaram, afinal, de Paris. Du Châtelet contou as novidades do dia, os mil nada que é preciso saber sob pena de não ser de Paris. Deu em seguida conselhos a Naïs sobre as lojas onde deveria comprar: indicou-lhe Herbault para as barretinas, Juliette para os chapéus e os bonés; deu-lhe o endereço da costureira que podia substituir Vitorina; fez-lhe, enfim, sentir a necessidade de se

desangoulemar. Despediu-se com o último dito feliz que achou à mão:

— Amanhã — disse negligentemente — obterei, sem dúvida, um camarote para algum espetáculo; virei buscar a senhora e o sr. de Rubempré, pois me permitirão, decerto, que lhes faça a ambos as honras de Paris. “Tem no caráter mais generosidade do que eu supunha”, pensou a sra. de Bargeton ao vê-lo incluir Luciano no convite.

No mês de junho, os ministros não sabem o que fazer de seus camarotes nos teatros: os deputados ministeriais e seus constituintes realizam vindimas ou velam pelas colheitas; suas relações mais exigentes estão no campo ou em viagem: por isso, nessa época, os melhores camarotes dos teatros de Paris recebem hóspedes heteróclitos que os *habitués* não tornam a ver e que dão ao público a impressão de tapeçaria usada. Du Châtelet calculara que, graças à referida circunstância, poderia, sem gastar muito, oferecer a Naïs as diversões mais apetecidas pelos provincianos.

No dia seguinte, Luciano não encontrou Luísa, quando de sua primeira visita. A sra. de Bargeton saía para algumas compras indispensáveis. Fora aconselhar-se com as graves e ilustres autoridades em matéria de indumentária feminina que Du Châtelet lhe havia indicado. Antes escrevera à sra. d’Espard avisando-a de sua chegada. Não obstante ter em si mesma a confiança que dá o longo hábito de dominar, a sra. de Bargeton tinha um medo extraordinário de parecer provinciana. Possuía tato bastante para saber o quanto as relações entre mulheres dependem das primeiras impressões, e, ainda que se soubesse com forças para se pôr rapidamente ao nível das mulheres superiores como a sra. d’Espard, sentia que precisava de benevolência em sua estreia; sobretudo, não queria negligenciar nenhum elemento de êxito. Sentia, em consequência, por Du Châtelet infinita gratidão, por lhe haver indicado os meios de se pôr em harmonia com a alta-roda parisiense.

Por singular acaso, a marquesa encontrava-se em situação de sentir-se encantada por prestar um serviço a uma pessoa da família do marido. Sem causa aparente, o marquês d’Espard se havia retirado da sociedade;^[90] não se preocupava com os negócios nem com os

assuntos políticos, nem com a família, nem com a mulher. Tornando-se assim dona de si própria, a marquesa sentia a necessidade de ser aprovada pelo mundo; sentia-se, pois, feliz em substituir o marquês naquela oportunidade, tornando-se protetora da família dele. Ia pôr ostentação nesse empenho a fim de tornar mais evidente a culpa do marido.

Escreveu, no mesmo dia, à *sra. de Bargeton*, nascida *Nègrepelisse*, um desses encantadores bilhetes em que a forma é tão bonita que é preciso algum tempo antes de se lhes reconhecer a falta de fundo:

Sentia-se feliz diante daquela circunstância que aproximava da família uma pessoa de quem ouvira falar e a quem desejava conhecer, porque as amizades de Paris não eram suficientemente sólidas para que ela não desejasse ter alguém mais para amar na terra; se isso não acontecesse, não seria uma ilusão a mais a sepultar com as outras. Punha-se inteiramente à disposição da prima, que teria ido ver, não fora uma indisposição que a retinha em casa; mas considerava-se desde logo agradecida por ter sido alvo do pensamento dela.

Durante o seu primeiro passeio vagabundo através dos bulevares e da Rue de la Paix, Luciano, como todos os recém-chegados, ocupou-se mais das coisas que das pessoas. Em Paris, o conjunto das construções e das atividades urbanas chama logo atenção: o luxo das lojas, a altura das casas, a afluência das carruagens, os permanentes contrastes que apresentam o extremo luxo e a extrema miséria antes de tudo despertam o interesse. Surpreendido por aquela multidão em meio à qual se sentia estranho, aquele homem de imaginação sentiu como que uma imensa diminuição de si mesmo. As pessoas que, no interior, gozam de certa consideração, e que ali a cada passo encontram provas de sua importância, não se acostumam de modo algum a essa perda total e súbita de seu valor. Ser algo em sua terra e nada ser em Paris são dois estados que requerem transições; e aqueles que passam muito bruscamente de um para o outro caem numa espécie de aniquilamento. Para o jovem poeta habituado a encontrar eco para cada um dos seus sentimentos, um confidente para todas as suas ideias, uma alma para compartilhar as suas menores sensações, Paris ia ser um espantoso deserto. Luciano não tinha ido buscar a bela casaca azul remetida como

encomenda, de sorte que se sentiu vexado com a mesquinhez, para não dizer a ruína, de sua roupa, ao ir ter à casa da sra. de Bargeton à hora em que esta deveria estar de volta. Encontrou lá o barão du Châtelet, que levou ambos a jantar no Rocher de Cancale.[91] Luciano, aturdido pela rapidez do redemoinho parisiense, nada pôde dizer a Luísa, enquanto para lá se dirigiam os três de carro, mas apertava-lhe a mão, e ela respondia amigavelmente a todos os pensamentos que ele assim exprimia. Depois do jantar, Du Châtelet conduziu seus dois convivas ao Vaudeville.[92] Luciano sentia um secreto descontentamento ao aspecto de Du Châtelet; maldizia o acaso que o conduzira a Paris. O diretor de contribuições narrou o motivo de sua viagem levando-o a conta da ambição: esperava ser nomeado secretário-geral de um departamento e entrar para o Conselho de Estado como referendário; viera exigir o cumprimento de promessas que lhe haviam sido feitas, porque um homem como ele não podia permanecer sempre diretor de contribuições; preferia antes nada ser, tornar-se deputado, entrar para a diplomacia. Engrandecia-se; Luciano reconhecia vagamente nesse velho elegante a superioridade do homem do mundo a par da vida parisiense; sentia-se sobretudo envergonhado de lhe dever seus prazeres. Ali, onde o poeta se sentia inquieto e constrangido, o antigo secretário privado se achava como um peixe na água. Du Châtelet sorria às hesitações, aos espantos, às perguntas, aos pequenos enganos que a falta de experiência social arrancava ao rival, tal como os velhos lobos do mar zombam dos marinheiros de primeira viagem. O prazer que Luciano sentiu ao assistir pela primeira vez a um espetáculo em Paris compensou os aborrecimentos que lhe causavam suas confusões.

Aquela noite fez-se para ele notável pelo repúdio secreto de um grande número de ideias suas sobre a vida do interior. Alargava-se o círculo, a sociedade tomava outras proporções. A vizinhança de diversas parisienses bonitas, muito elegantes e deliciosamente vestidas, fez-lhe notar o anacronismo da indumentária da sra. de Bargeton, apesar de sofrivelmente pretensiosa: nem as fazendas, nem o feitio, nem as cores estavam na moda. O penteado que tanto o seduzia em Angoulême pareceu-lhe de gosto horrível comparado às graciosas invenções pelas quais se destacava cada uma das outras mulheres. “Irá

ela continuar assim?”, pensava ele, sem saber que o dia fora empregado em preparar uma transformação. Na província, não há escolha nem comparação a fazer: o hábito de ver as fisionomias dá-lhes uma beleza convencional. Transportada para Paris, uma mulher que passa por bonita no interior não desperta a menor atenção, porque não é bela senão pela aplicação do provérbio: *Em terra de cegos, quem tem um olho é rei*. Os olhos de Luciano faziam a comparação que a sra. de Bargeton fizera na véspera entre ele e Du Châtelet. Esta, por sua vez, permitia-se estranhas reflexões sobre o seu amado. Não obstante sua rara beleza, o pobre poeta não tinha garbo. Sua sobrecasaca de mangas muito curtas, as feias luvas provincianas, o colete repuxado tornavam-no prodigiosamente ridículo ao lado dos jovens postados no balcão: a sra. de Bargeton achava-lhe um jeito lastimável. Du Châtelet, ocupando-se dela sem ostentação, velando por ela com cuidados que traíam uma paixão profunda; Du Châtelet, elegante e à vontade como um ator de volta ao palco de seu teatro, reconquistou em dois dias o terreno que perdera em seis meses. Apesar de o vulgo não admitir que os sentimentos mudem repentinamente, o certo é que dois amantes separam-se mais depressa do que se ligam. Preludiava-se na sra. de Bargeton e em Luciano um desencantamento mútuo cuja causa era Paris. A vida adquiria nela mais vastas dimensões aos olhos do poeta, tal como a sociedade tomava novo aspecto aos olhos de Luísa. Quer em relação a uma, quer ao outro, bastaria um acidente fortuito para quebrar os laços que os uniam. Esse golpe de machado, terrível para Luciano, não se fez esperar por muito tempo.

A sra. de Bargeton deixou o poeta no hotel e voltou para casa acompanhada de Du Châtelet, coisa que desagradou terrivelmente ao pobre enamorado.

“Que irão dizer de mim?”, pensava ao subir para seu triste quarto.

— Esse pobre rapaz é singularmente enfadonho — observou Du Châtelet, sorrindo, quando a portinhola se fechou.

— Assim acontece com todos aqueles que têm um mundo de pensamentos no coração e no cérebro. Os homens que têm tantas coisas a exprimir em belas obras por muito tempo sonhadas professam cerro desprezo pela conversa, comércio em que o espírito se

amesquinha, malbaratando-se — disse a orgulhosa De Nègrepelisse, que teve ainda a coragem de defender o poeta, menos por Luciano do que por ela mesma.

— Concordo de boa vontade — respondeu o barão —, mas vivemos com as pessoas e não com os livros. Eu bem vejo, querida Naïs, que nada existe ainda entre você e ele; estou encantado com isso. Se se decidir a pôr em sua vida um interesse que até aqui lhe faltou, suplico-lhe que não seja por esse pretenso homem de gênio. Se você se enganasse! E se daqui a dias comparando-o aos verdadeiros talentos, aos homens verdadeiramente notáveis que vai ver, reconhecesse, bela sereia querida, haver tomado sobre o seu dorso deslumbrante e conduzido ao porto, em vez de um homem armado de lira,^[93] um macaquinho desajeitado, sem compreensão, presumido e tolo, que pode ter espírito no Houmeau, mas resulta em Paris extremamente vulgar? Afinal de contas, publicam-se aqui todas as semanas volumes de versos dos quais o pior vale mais que toda a poesia do sr. Chardon. Por favor, espere e compare! Amanhã, sexta-feira, é dia de ópera — disse ele ao ver a carruagem entrar na Rue Neuve-du-Luxembourg —; a sra. d’Espard dispõe do camarote dos altos dignitários da Corte e sem dúvida a convidará. Para vê-la em sua glória, estarei no camarote da sra. de Sérisy. Levam As *danaides*.^[94]

— Adeus — disse ela.

No dia seguinte, a sra. de Bargeton tratou de arranjar um traje de manhã conveniente para ir ver a prima, a sra. d’Espard. Fazia ligeiro frio, e nada encontrou de melhor nas suas velharias de Angoulême que certo vestido de veludo verde, guarnecido de modo assaz extravagante. Luciano, por sua vez, sentiu necessidade de ir buscar sua famosa casaca azul, pois se havia tomado de horror pela feia sobrecasaca e desejava mostrar-se sempre bem-vestido, pensando que poderia encontrar a marquesa d’Espard ou ter de ir à sua casa de um momento para outro. Tomou um fiacre a fim de trazer imediatamente o seu pacote. Em duas horas gastou três ou quatro francos, o que lhe deu muito que pensar sobre as proporções financeiras da vida parisiense. Após haver atingido ao superlativo de sua vestimenta, foi à Rue Neuve-du-Luxembourg, onde, no limiar da porta, encontrou Gentil em

companhia de um laçao magnificamente emplumado.

— Ia à sua casa; a senhora me confiou umas palavrinhas para o senhor — disse Gentil, que não conhecia as fórmulas do respeito parisiense, habituado como estava à bonomia dos costumes provincianos.

O laçao tomou o poeta por um criado. Luciano abriu o bilhete, pelo qual soube que a sra. de Bargeton passaria o dia com a marquesa d'Espard e iria à noite à Opéra. Mas ela dizia a Luciano que lá se encontrasse; a prima prometia-lhe ceder um lugar no camarote ao jovem poeta, dizendo-se encantada em proporcionar-lhe tal prazer.

“Ela me ama, então! Meus temores são loucos”, pensou Luciano; “ela me apresentará à prima já esta noite.”

Saltou de prazer e quis passar alegremente o tempo que o separava ainda da feliz noitada. Lançou-se para as Tuileries pensando em flunar até a hora do jantar no Véry.[95] E eis que Luciano, buliçoso, saltitante, lépido de felicidade, desemboca no Terrasse des Feuillants[96] e a percorre examinando os passeantes, as lindas mulheres e seus adoradores, os elegantes a andar, dois a dois, de braço dado, saudando-se uns aos outros por um olhar amável ao passar.

Que diferença entre aquele terraço e Beaulieu! Os pássaros do magnífico viveiro eram bem mais belos que os de Angoulême! Ostentavam todo o luxo de cores que brilha nas famílias ornitológicas das Índias ou da América, em contraste com as cores baças dos pássaros da Europa.

Luciano passou duas horas cruéis nas Tuileries: voltou-se então bruscamente para si mesmo e se julgou. Não viu, para começar, uma só casaca nesses jovens elegantes. Se avistava alguém de casaca, era um velhote antiquado, qualquer pobre-diabo, um rendeiro vindo do Marais[97] ou algum contínuo de escritório. Após descobrir que havia um traje para a manhã e um traje para a noite, o poeta das emoções vivas e de olhar penetrante reconheceu a fealdade de seus trapos, os defeitos que marcavam de ridículo sua casaca de corte fora de moda, cujo azul era falso, cuja gola era ultrajantemente desgraciosa, cujas abas de frente, de tão usadas, pendiam uma para outra; os botões se haviam avermelhado, as dobras desenhavam fatais linhas brancas.

Depois, o colete era curto demais e seu feitiço tão grotescamente provinciano que, para o esconder, abotoou rapidamente a casaca. Não via, enfim, com calças de nanquim senão a gente comum. As pessoas distintas usavam deliciosos tecidos de fantasia ou um branco sempre impecável! Aliás, todas as calças tinham presilhas, e as suas casavam-se muito mal com os saltos das botas, pelas quais as bordas do estofado encarquilhado manifestavam violenta antipatia. Tinha posto uma gravata branca de pontas bordadas pela irmã, que, depois de ter visto no sr. de Hautoy e no sr. de Chandour gravatas semelhantes, se havia empenhado em fazer as do irmão parecidas. Ninguém, exceto as pessoas graves, alguns velhos financistas, alguns severos administradores, usava gravata branca pela manhã; para cúmulo, o pobre Luciano viu passar do outro lado da grade, pela calçada da Rue de Rivoli, um caixeiro de confeitaria com um cesto à cabeça, e no qual o homem de Angoulême surpreendeu duas pontas de gravata bordadas pela mão de alguma costureirinha querida. A essa visão, Luciano recebeu um golpe no peito, nesse órgão ainda mal definido onde se refugia nossa sensibilidade, ao qual, desde que o sentimento existe, os homens levam a mão tanto nas alegrias como nas dores excessivas. Não tacheis de pueril esta narrativa! Os ricos que jamais conheceram tal espécie de sofrimento encontrarão certamente aqui algo de mesquinho e de incrível, mas as angústias dos desgraçados não merecem menos atenção do que as crises que revolucionam a vida dos poderosos e dos privilegiados da terra. E, depois, não haverá igual dor nuns e noutros? O sofrimento engrandece tudo. Mudai apenas os termos: em lugar de uma roupa mais ou menos bem-feita, colocai uma fita, uma distinção, um título. Essas coisas aparentemente tão pequenas não atormentaram acaso as mais brilhantes existências? O problema da indumentária é aliás enorme para aqueles que desejam aparentar o que não têm, porque é quase sempre o melhor meio de vir a possuí-lo mais tarde.

Luciano sentiu um suor frio ao pensar que à noite teria de comparecer vestido assim diante da marquesa d'Espard, parenta de um dos mais importantes membros da Câmara Real, diante de uma mulher habituada a receber pessoas ilustres de todos os gêneros, ilustres e

escolhidas.

— Tenho a aparência de um filho de boticário, de um verdadeiro lavador de vidros de farmácia! — confessou a si mesmo com raiva ao ver passar os desempenados, os janotas, os elegantes rapazes das famílias do Faubourg Saint-Germain. Possuíam maneiras próprias que os tornavam a todos semelhantes pela delicadeza das palavras, pela nobreza dos gestos, pelo ar de superioridade, e todos diferentes pela moldura que cada qual escolhera para se fazer valer. Faziam sobressair seus dotes por uma espécie de encenação de que, em Paris, os rapazes entendem tão bem como as mulheres. Luciano herdara da mãe preciosos dotes físicos cujos privilégios cintilavam a seus olhos; mas esse ouro se achava ainda na jazida e não trabalhado. Seus cabelos estavam mal cortados. Em vez de manter o rosto erguido por meio de brandas barbatanas, sentia-se amortalhado num ordinário colarinho; e a gravata, pouco resistente, deixava pender-lhe a cabeça entristecida. Que mulher poderia adivinhar seus bonitos pés metidos nas botas ignóbeis que trouxera de Angoulême? Que rapaz poderia invejar seu lindo talhe deformado por aquele saco azul que até então acreditara ser uma casaca? Via lindos botões em camisas cintilantes de alvura, e a sua estava puída! Todos aqueles elegantes cavalheiros estavam maravilhosamente enluvados, e ele usava luvas de polícia! Este brincava com uma bengala deliciosamente encastoadada. Vestia, aquele outro, uma camisa com os punhos presos por pequenos botões de ouro. Falando a uma senhora, agitava, um terceiro, um encantador chicote, e as rugas abundantes de suas calças manchadas de pequenos salpicos de lama, as esporas a retinir, a curta sobrecasaca fechada mostravam que iria de novo montar um dos cavalos sujeitos por um tigre[98] não mais volumoso que um punho. Outro tirava do bolso do colete um relógio chato como uma peça de cem sous e olhava a hora, como quem se houvesse adiantado ou deixado passar o momento aprazado para um encontro.

Percebendo essas lindas bagatelas de que, antes, nem suspeitava, Luciano viu diante de si o mundo das superfluidades necessárias e estremeceu ao pensar que era preciso um capital enorme para chegar às alturas de um rapaz da moda! Quanto mais admirava aqueles jovens

de ar feliz e desenvolto, mais tinha consciência de seu ar canhestro, ar de homem que ignora aonde vai dar o caminho que segue, que não sabe onde se situa o Palais-Royal mesmo quando o está tocando, e que pergunta onde fica o Louvre a um transeunte que lhe responde: “Senhor, é aqui mesmo”.

Luciano via-se separado daquele mundo por um abismo e imaginava por que meios o poderia franquear, pois desejava igualar a esbelta e delgada juventude parisiense. Todos aqueles nobres rapazes saudavam mulheres deliciosamente vestidas e divinamente belas, mulheres pelas quais Luciano se deixaria cortar em pedaços em troca de um único beijo, como o pajem da condessa de Konismarck.[99]

Nas trevas de sua memória, Luísa, comparada a essas soberanas, delineava-se como uma mulher velha. Encontrou várias daquelas mulheres de quem se haveria de falar na história do século XIX, de quem o espírito, a beleza, os amores não serão menos célebres que os das rainhas do passado. Viu passar uma jovem sublime, a srta. des Touches, muito conhecida sob o pseudônimo de Camille Maupin,[100] escritora eminente, tão notada por sua beleza como pela inteligência superior, e cujo nome foi repetido baixinho pelos passeantes e pelas mulheres.

“Ah!”, pensou ele, “eis ali a poesia.”

O que era a sra. de Bargeton ao lado daquele anjo estuante de mocidade, de esperança, de futuro, dona de um doce sorriso, e cujos olhos negros eram vastos como o céu e ardentes como o sol? Ela ria conversando com a sra. Firmiani,[101] uma das mais encantadoras mulheres de Paris.

Uma voz lhe dizia claramente: “A inteligência é a alavanca com a qual se move o mundo”. Mas outra voz lhe gritava que o ponto de apoio da inteligência era o dinheiro. Não quis ficar em meio às ruínas e sobre o palco de sua derrota; tomou o caminho do Palais-Royal, depois de haver perguntado por ele, pois não conhecia ainda a topografia de sua zona. Entrou no Véry e pediu, para se iniciar nos prazeres de Paris, um jantar que o consolasse de seu desespero. Uma garrafa de vinho de Bordeaux, ostras de Ostende, peixe, perdiz, macarrão e frutas foram o *nec plus ultra* de seus desejos. Saboreou esse pequeno rega-bofe

pensando em dar prova de espírito à noite junto da marquesa d'Espard e em redimir assim a mesquinhez de sua bizarra indumentária pelo estadear de seus dotes intelectuais. Arrancou-o de tais sonhos o total da conta, que lhe levou os cinquenta francos com os quais acreditava ir muito longe em Paris. Aquele jantar equivalia a um mês de sua existência em Angoulême. Fechou, por isso, respeitosamente a porta daquele palácio, pensando em nunca mais pôr ali os pés.

“Eva tinha razão, os preços de Paris não são os do Houmeau”, pensou, seguindo pela Galeria de Pedra em direção ao hotel para buscar dinheiro. Pelo caminho, admirava as lojas dos alfaiates, a pensar nas roupas que vira pela manhã:

— Não — exclamou —; não aparecerei mal-amanhado como estou diante da sra. d'Espard. — Correu com uma velocidade de cervo até o hotel do Gaillard-Bois, subiu ao quarto, tomou cem escudos e tornou a descer para o Palais-Royal, para se vestir dos pés à cabeça. Tinha visto sapateiros, camiseiros, coleteiros e cabeleireiros no Palais-Royal, onde sua futura elegância estava esparsa por dez seções. O primeiro alfaiate em cuja loja entrou fê-lo provar tantas casacas quantas quis vestir e o persuadiu de que eram todas da última moda. Luciano saiu possuidor de uma casaca verde, calças brancas e um colete de fantasia, pela soma de duzentos francos. Encontrou logo adiante um par de botinas elegantíssimas e da sua medida. Enfim, depois de haver adquirido tudo de que precisava, chamou o cabeleireiro ao seu quarto, para onde fez cada fornecedor enviar as compras. Às sete horas tomou um fiacre e se fez conduzir à Opéra, frisado como um São João de procissão, bem encoletado, bem engravatado, mas um pouco constrangido naquela espécie de estojo em que se via pela primeira vez.

Cumprindo a recomendação da sra. de Bargeton, perguntou pelo camarote dos dignitários da Câmara Real. Ao aspecto de um homem cuja elegância de empréstimo o fazia assemelhar-se a um padrinho de casamento, um dos porteiros pediu-lhe que mostrasse o bilhete.

— Não o tenho.

— Não pode entrar — responderam-lhe secamente.

— Mas sou das relações da sra. d'Espard — disse ele.

— Não somos obrigados a saber isso — disse o empregado, que não

pôde deixar de trocar quase imperceptível sorriso com seus colegas de inspeção.

Uma carruagem parou naquele mesmo instante sob o peristilo. Um laçao, que Luciano não reconheceu, desdobrou o estribo dum cupê de onde saíram duas mulheres paramentadas. Luciano, que não queria receber do porteiro algum impertinente aviso para se desviar, deu lugar às duas senhoras.

— Mas esta senhora é a marquesa d’Espard que o senhor pretende conhecer — observou ironicamente o porteiro a Luciano.

Mais aturdido ainda ficou Luciano por não dar a sra. de Bargeton mostras de o reconhecer em sua nova plumagem; apenas quando a abordou, ela lhe sorriu e disse:

— Vai tudo às mil maravilhas. Venha!

Os empregados da inspeção haviam se tornado sérios. Luciano seguiu a sra. de Bargeton, que, ao subir a vasta escadaria da Opéra, apresentou o seu De Rubempré à prima.

O camarote dos dignitários da Corte era o que se encontra na parte mais larga, ao fundo da plateia: ali cada um é visto e vê por todos os lados.

Luciano colocou-se numa cadeira por trás da prima de Naïs, satisfeito por ficar na sombra.

— Sr. de Rubempré — disse a marquesa com um tom de voz lisonjeiro —, você vem à Opéra pela primeira vez, coloque-se de modo a abranger tudo com a vista, tome esta cadeira, passe aqui para a frente, nós o permitimos.

Luciano obedeceu. O primeiro ato da ópera terminava.

— Empregou bem o tempo — disse-lhe Luísa ao ouvido, no primeiro instante de surpresa causada pela mudança de Luciano.

Luísa continuava a mesma. A vizinhança de uma mulher da moda, da marquesa d’Espard, essa sra. de Bargeton de Paris, como a prejudicava! A brilhante parisiense fazia sobressair tanto as imperfeições da provinciana que Luciano, duplamente esclarecido pela bela sociedade daquela pomposa sala e por aquela mulher eminente, viu enfim na pobre Anaïs de Nègrepelisse a mulher real, a mulher que os parisienses viam: uma mulher grande, seca, de pele áspera, fanada,

mais que ruiva, angulosa, afetada, pretensiosa, provinciana no falar, e, sobretudo, mal-amanhada. Sem dúvida, o amarfanhado de um velho vestido de Paris atesta ainda o bom gosto; a gente compreende, adivinha o que ele foi; mas um velho vestido provinciano é incompreensível, é risível. O vestido e a mulher eram sem graça nem frescura, o veludo mostrava-se lustroso como a face. Luciano, envergonhado de haver amado aquela espinha de peixe, prometeu a si mesmo aproveitar o primeiro acesso de virtude de sua Luísa para a deixar. Sua excelente vista permitia-lhe ver os binóculos assestados para o camarote aristocrático por excelência. As mais elegantes mulheres examinavam certamente a sra. de Bargeton, porque todas sorriam falando umas às outras. Se a sra. d'Espard reconheceu, nos gestos e sorrisos femininos, a causa dos sarcasmos, a eles permaneceu insensível. Todos deveriam ter, imediatamente, reconhecido em sua companheira a parenta pobre vinda da província, mal de que padecem talvez todas as famílias parisienses. Demais, a prima lhe falara em vestuário, manifestando algum temor, e ela a havia tranquilizado, percebendo que Anaïs, uma vez bem-vestida, tomaria logo maneiras parisienses. Se à sra. de Bargeton faltava tino social, tinha a altivez nativa da mulher nobre e *esse não sei quê* que se pode chamar de *berço*. Na segunda-feira próximas ela tomaria sua desforra. Aliás, desde que o público soubesse que aquela mulher era sua prima, a marquesa sabia que ele suspenderia o curso dos seus gracejos e aguardaria novo exame para a julgar.

Luciano não imaginava sequer a transformação que fariam na pessoa de Luísa uma echarpe passada em torno do pescoço, um lindo vestido, um elegante penteado e os conselhos da sra. d'Espard. Já ao subir a escada, a marquesa havia dito à prima que não conservasse o lenço aberto, na mão. O bom ou mau gosto dependem de mil pequenas coisas desse gênero, que uma mulher inteligente percebe imediatamente, e que certas mulheres jamais compreenderão. A sra. de Bargeton, já cheia de boa vontade, era suficientemente inteligente para reconhecer aquilo em que pecava.

A sra. d'Espard, segura de que a discípula lhe faria honra, não se recusara a formá-la. Estabelecera-se, enfim, entre as duas mulheres,

um pacto cimentado por seus mútuos interesses.

A sra. de Bargeton havia votado súbito culto ao ídolo do dia, cujo espírito, maneiras e relações a haviam seduzido e deslumbrado. Reconhecera na sra. d'Espard o poder oculto da grande dama ambiciosa, e a si mesma prometera triunfar fazendo-se satélite desse astro: ela a havia de imediato fascinado totalmente. A marquesa mostrou-se sensível a essa ingênua conquista e se havia interessado pela prima, achando-a fraca e pobre; além disto, gostaria bastante de ter uma discípula para fazer escola, e nada pedia de melhor que adquirir na sra. de Bargeton uma espécie de dama de honor, uma escrava para cantar em seu louvor, tesouro muito mais raro entre as mulheres de Paris que um crítico devotado no mundo literário. O movimento de curiosidade se fazia, entretanto, visível demais para que a recém-chegada não o percebesse, e a sra. d'Espard quis polidamente enganá-la quanto ao motivo daquela agitação.

— Se nos vierem visitas — disse-lhe — saberemos talvez a que devemos a honra de termos a atenção dessas senhoras...

— Desconfio muito que meu velho vestido de veludo e meu aspecto provinciano divirtam as parisienses — disse rindo a sra. de Bargeton.

— Não, não se trata de você, há qualquer coisa que não estou compreendendo — acrescentou ela olhando para o poeta, que observou pela primeira vez e que pareceu achar singularmente vestido.

— Ali está o sr. du Châtelet — disse naquele momento Luciano, levantando o dedo para mostrar o camarote da sra. de Sérisy, onde o velho casquilho remoçado acabava de entrar. Àquele gesto, a sra. de Bargeton mordeu os lábios de despeito, porque a marquesa não pôde reter um olhar e um sorriso de espanto, que dizia desdenhosamente: “De onde saiu este rapaz?”. Luísa sentiu-se humilhada em seu amor, a sensação mais pungente para uma francesa, e que não perdoa ao amante lhe ter causado. Nesse mundo em que as pequenas coisas se tornam grandes, um gesto, uma palavra perde um estreante. O mérito principal das belas maneiras e do bom-tom da alta sociedade é oferecer um todo harmonioso onde tudo se combina tão bem que nada choca. Aqueles mesmos que, já por ignorância, já por um assomo qualquer do pensamento, não observarem as leis dessa ciência, compreenderão logo

que, em tal matéria, uma única dissonância é, como na música, uma negação completa da própria arte, cujas regras devem ser todas observadas nas menores coisas, sob pena de não existir.

— Quem é aquele senhor? — perguntou a marquesa, mostrando Du Châtelet. — Você já conhece a sra. de Sérisy?

— Ah! aquela é a famosa sra. de Sérisy que tantas aventuras tem tido e que, no entanto, é por todos recebida!

— Uma coisa inaudita, minha querida — respondeu a marquesa —, uma coisa explicável, mas inexplicada! Os homens mais temíveis são seus amigos, e por quê? Ninguém ousa sondar esse mistério. Aquele senhor é então o leão de Angoulême?

— O sr. barão du Châtelet — disse Anaïs, que, por vaidade, concedia em Paris o título que contestava ao seu adorador — é um homem de quem se falou muito. Foi companheiro do sr. de Montriveau.

— Ah! — observou a marquesa —, nunca ouço esse nome sem pensar na pobre duquesa de Langeais, que desapareceu como uma estrela cadente.[102] Ali estão — tornou ela indicando outro camarote — o sr. de Rastignac e a sra. de Nucingen,[103] mulher de um provedor real, banqueiro, homem de negócios, adeleiro em grande escala, homem que se impõe à sociedade de Paris por sua fortuna, e que dizem pouco escrupuloso quanto aos meios de aumentá-la; faz os maiores esforços para que se acredite no seu devotamento aos Bourbon. Já tentou vir à minha casa. Ocupando o camarote da sra. de Langeais, sua mulher pensou que teria também a graça, o espírito e o êxito dela! Sempre a fábula do gaio a se enfeitar com penas de pavão!

— Como podem o sr. e a sra. de Rastignac, que sabemos não terem sequer mil escudos de renda, sustentar o filho em Paris? — perguntou Luciano à sra. de Bargeton, admirado com a elegância e o luxo que revelava o traje do rapaz.

— Vê-se logo que vem de Angoulême — respondeu a marquesa com grande ironia, sem afastar a luneta de teatro.

Luciano não compreendeu. Prestava atenção ao aspecto dos camarotes, adivinhando os julgamentos que ali se faziam sobre a sra. de Bargeton e a curiosidade da qual ele próprio era objeto. Luísa, por sua vez, sentia-se singularmente mortificada pelo pouco valor que a

marquesa dava à beleza de Luciano.

— Não será tão belo como eu julgava? — murmurava ela. Daí a achá-lo menos inteligente não havia senão um passo.

O pano baixara. Du Châtelet, que viera fazer uma visita ao camarote da duquesa de Carigliano, vizinho do da sra. d'Espard, saudou a sra. de Bargeton, que respondeu com uma inclinação de cabeça. Uma mulher da sociedade tudo vê, e a marquesa notou a perfeita apresentação de Du Châtelet.

Quatro pessoas entraram sucessivamente, naquele instante, no camarote da marquesa, quatro celebridades parisienses. O primeiro era o sr. de Marsay,[104] homem famoso pelas paixões que inspirava, notável sobretudo por uma beleza de moça, mole, efeminada, mas corrigida por um olhar fixo, calmo, selvagem e duro como o de um tigre; apreciavam-no, e ele aterrava. Luciano era tão belo como o outro; mas seu olhar era tão doce, seus olhos azuis eram tão límpidos que ele não parecia capaz de possuir aquela força e aquele poder pelos quais se encantam tantas mulheres. Nada, aliás, valorizava ainda o poeta, enquanto De Marsay possuía uma atração de espírito, uma certeza de agradar, uma indumentária apropriada ao seu tipo que esmagava em torno todos os rivais. Julgai o que poderia ser a seu lado Luciano, empertigado, engomado, rígido e novo como suas roupas. De Marsay conquistara o direito de dizer impertinências pelo espírito que lhes dava e pela graça dos gestos com que as acompanhava. O acolhimento da marquesa indicou imediatamente à sra. de Bargeton o poder daquele personagem. O segundo era um dos De Vandenesse,[105] o que causara o escândalo de lady Dudley, um rapaz doce, inteligente, modesto, que triunfava justamente pelas qualidades opostas àquelas que faziam a glória de De Marsay, e que a prima da marquesa, sra. de Mortsau, havia-lhe ardentemente recomendado. O terceiro era o general Montriveau, o autor da perda da duquesa de Langeais. O quarto era o sr. de Canalis,[106] um dos mais ilustres poetas da época, rapaz ainda na alvorada da glória e que, mais orgulhoso de ser gentil-homem que grande poeta, mostrava-se *servidor atento* da sra. d'Espard, para esconder sua paixão pela duquesa de Chaulieu. Adivinhava-se, apesar de sua graça já contaminada pela afetação, a

imensa ambição que mais tarde o lançaria aos embates da vida política. Sua beleza, quase melindrosa, seus modos acariciantes mal disfarçavam um egoísmo profundo e os cálculos permanentes de uma existência ainda problemática; mas a escolha que fizera da sra. de Chaulieu, mulher de quarenta anos feitos, valia-lhe nessa ocasião os favores da Corte, os aplausos do Faubourg Saint-Germain e as injúrias dos liberais, que o chamavam de poeta de sacristia.

Ao ver aquelas quatro figuras tão notáveis, a sra. de Bargeton teve a explicação da pouca atenção concedida a Luciano pela marquesa. Depois, quando a palestra se generalizou, quando cada um desses espíritos tão finos, tão delicados, se revelou por traços que tinham mais sentido, mais profundidade do que tudo o que Anaïs ouvia durante um mês na província; sobretudo quando o grande poeta fez ouvir palavras vibrantes em que se encontrava o espírito positivo daquela época, mas redourado de poesia, Luísa compreendeu o que Du Châtelet lhe dissera na véspera: Luciano não era mais nada. Olhavam todos para o pobre desconhecido com uma indiferença tão cruel, ele tanto parecia ali um estrangeiro que desconhecesse a língua, que a marquesa teve piedade dele.

— Permita-me — disse ela a Canalis — que lhe apresente o sr. de Rubempré. Ocupa o senhor uma posição bastante alta no mundo literário para não dar acolhida a um estreante. O sr. de Rubempré chega de Angoulême; terá sem dúvida necessidade de sua proteção junto àqueles que põem aqui o gênio em evidência. Não tem ainda inimigos que lhe possam proporcionar fortuna, atacando-o. Não é uma empresa originalíssima a ser tentada, fazê-lo obter pela amizade o que o senhor consegue pelo ódio?

As quatro personagens olharam então para Luciano enquanto a marquesa falava. Apesar de se achar a dois passos apenas do recém-chegado, De Marsay tomou a luneta para vê-lo. Seu olhar ia de Luciano à sra. de Bargeton e da sra. de Bargeton a Luciano, emparelhando-os num pensamento zombeteiro que mortificou cruelmente tanto a um como ao outro; examinava-os como a dois animais curiosos, e sorria. Esse sorriso foi como uma punhalada para o grande homem da província. Félix de Vandenesse assumiu um ar de piedade. Montriveau

lançou sobre Luciano um olhar que o sondava até à medula.

— Senhora — disse o sr. de Canalis, inclinando-se —, eu lhe obedecerei, apesar do interesse pessoal que nos leva a jamais favorecer um rival; mas a senhora já nos habituou aos milagres.

— Muito bem! Dê-me então o prazer de jantar segunda-feira em minha casa com o sr. de Rubempré. Conversarão mais à vontade do que aqui sobre assuntos literários; tratarei de reunir alguns dos tiranos da literatura e as celebridades que a protegem, a autora de *Ourika*^[107] e alguns jovens poetas inteligentes.

— Senhora marquesa — disse De Marsay —, se protege este senhor por sua inteligência, eu o protegerei por sua beleza; dar-lhe-ei conselhos que o farão o mais feliz janota de Paris. Depois disso, será poeta se quiser.

A sra. de Bargeton agradeceu à prima com um olhar cheio de reconhecimento.

— Não sabia que tinha ciúmes dos intelectuais — disse Montriveau a De Marsay. — A felicidade mata os poetas.

— É por isso que pensa em casar? — tornou o elegante, dirigindo-se a Canalis, a fim de ver se a sra. d’Espard se sentia atingida por essas palavras.

Canalis alçou as espáduas, e a sra. d’Espard, amiga da sra. de Chaulieu, pôs-se a rir. Luciano, que se sentia naquelas roupas como uma múmia egípcia no seu ataúde, estava envergonhado por nada ter respondido. Afinal, disse com sua voz terna à marquesa:

— Sua bondade, senhora, condena-me a ter somente êxitos.

Du Châtelet entrou nesse instante, agarrando pelos cabelos a ocasião de se fazer apoiar junto à marquesa por Montriveau, um dos reis de Paris. Saudou a sra. de Bargeton e pediu à sra. d’Espard que lhe perdoasse a liberdade que tomara de invadir o seu camarote: estava separado há tanto tempo de seu companheiro de viagem! Ele e Montriveau se reviam pela primeira vez depois de se haverem separado em meio do deserto.

— Separar-se no deserto e reencontrar-se na Opéra! — disse Luciano.

— É um verdadeiro reconhecimento de teatro — observou Canalis.

Montriveau apresentou o barão du Châtelet à marquesa e esta fez ao antigo secretário particular da alteza imperial um acolhimento tanto mais lisonjeiro quanto o havia visto já bem recebido em três camarotes, inclusive no da sra. de Sérisy, que não admitia senão pessoas bem colocadas, e porque, enfim, era companheiro de Montriveau. Este último motivo tinha tão grande valor que a sra. de Bargeton pôde notar no tom, nos olhares e nos modos dos quatro personagens que eles reconheciam em Du Châtelet, sem discussão, um de seus pares. O procedimento sultanesco de Du Châtelet na província foi repentinamente explicado a Naïs. Du Châtelet viu enfim Luciano e lhe fez um desses pequenos cumprimentos secos e frios pelos quais um homem desconsidera outro, indicando ao mundo o ínfimo lugar que este ocupa na sociedade. Acompanhou a saudação com um ar sardônico que parecia dizer: “Mas por que acaso se encontra ele aqui?”.

Du Châtelet foi bem compreendido, porque De Marsay inclinou-se para Montriveau para lhe dizer ao ouvido, de maneira a ser ouvido pelo barão:

— Pergunte-lhe quem é este singular rapaz que tem o ar de um manequim vestido à porta de um alfaiate.

Du Châtelet falou por um momento ao ouvido do antigo companheiro, com o ar de quem renova conhecimento, e, sem dúvida, reduziu o rival a quatro pedaços.

Surpreendido pela vivacidade de espírito, pela finura com que aqueles homens formulavam suas respostas, por aquilo a que chamam dito agudo, flechada, e sobretudo pela desenvoltura das suas maneiras, Luciano sentia-se aturdido.

O luxo que pela manhã o assombrara nas coisas, ele encontrava-o agora nas ideias. Perguntava a si mesmo por que espécie de mágica aquelas criaturas encontravam à queima-roupa reflexões mordazes, réplica que ele não teria achado senão depois de longas meditações. Além disso, aqueles cinco homens da sociedade estavam à vontade, não só usando a palavra, mas também em suas roupas: nada tinham de novo e nada de velho. Nada brilhava neles e tudo chamava a atenção. Seu luxo de hoje era o de ontem e deveria ser o de amanhã. Luciano adivinhou que tinha o ar de um homem que se houvesse vestido pela

primeira vez na vida.

— Meu caro — dizia De Marsay a Félix de Vandenesse —, esse pequeno Rastignac sobe como uma pipa de papel! Lá está ele com a marquesa de Listomère;[\[108\]](#) faz progressos. Veja como nos assesta a luneta! Sem dúvida conhece o senhor? — continuou o grã-fino dirigindo-se a Luciano, mas sem olhar para ele.

— É difícil — respondeu a sra. de Bargeton — que o nome do grande homem de quem nos orgulhamos não tenha chegado até ele; sua irmã ouviu o sr. de Rubempré ler-nos belos versos, não faz muito.

Félix de Vandenesse e De Marsay saudaram a marquesa e dirigiram-se para o camarote da sra. de Listomère, irmã de Vandenesse.

O segundo ato começou, e todos deixaram sós a sra. d'Espard, sua prima e Luciano. Uns foram explicar a sra. de Bargeton às mulheres intrigadas pela sua presença, outros foram contar a chegada do poeta e rir de seu traje. Canalis voltou ao camarote da duquesa de Chaulieu e dali não mais saiu. Luciano sentia-se feliz com a distração que o espetáculo lhe proporcionava, mas os temores da sra. de Bargeton com relação a ele aumentaram grandemente com a atenção que a prima concedera ao barão du Châtelet, atenção que tinha caráter bem diverso do de sua polidez protetora para com Luciano.

Durante o segundo ato, o camarote da sra. de Listomère continuou cheio de gente e pareceu agitado por uma conversa em que se tratava da sra. de Bargeton e de Luciano. O jovem Rastignac era evidentemente quem *divertia* o camarote, estimulando esse riso parisiense que, em se atirando cada dia a novo pasto, apressa-se em esgotar o assunto presente, transformando-o num instante em qualquer coisa de usado e velho.

A sra. d'Espard, inquieta, sabia que se não deixa por muito tempo na ignorância duma maledicência aqueles a quem ela fere. Esperou pelo fim do ato. Quando os sentimentos se recolhem e ensimesmam, como acontecia com Luciano e a sra. de Bargeton, estranhas coisas acontecem em pouco tempo: as revoluções morais operam-se por leis de efeito rapidíssimo. Luísa tinha presentes na memória as palavras sábias e astutas que Du Châtelet lhe murmurara a respeito de Luciano ao voltar do Vaudeville. Cada frase era uma profecia, e Luciano se

encarregou de cumpri-las todas. Ao perder suas ilusões sobre a sra. de Bargeton, do mesmo modo por que ela perdia as suas sobre ele, o pobre moço, cujo destino se assemelhava um pouco ao de J.-J. Rousseau,[109] imitou-o neste ponto: ficou fascinado pela sra. d'Espard e dela se enamorou instantaneamente. Os jovens e os homens que se recordam das emoções da mocidade concordarão em que tal paixão era extremamente provável e natural. As belas maneiras, o falar apurado, o tom de voz suave daquela mulher elegante, tão nobre, tão altamente colocada, tão invejada; aquela rainha empolgava o poeta como a sra. de Bargeton o empolgara em Angoulême. A mobilidade de seu caráter o impeliu imediatamente a desejar tão alta proteção, e o meio mais seguro de alcançá-la seria possuir a mulher. Teria tudo, então! Tivera êxito em Angoulême, por que não o teria em Paris? Involuntariamente e apesar das magias da Opéra, novas para ele, seu olhar, atraído por aquela magnífica Célimene,[110] deslizava a todo o instante para ela, e quanto mais a via tanto mais desejos tinha de a ver!

A sra. de Bargeton surpreendeu um desses olhares crepitantes de Luciano; observou e viu-o mais ocupado com a marquesa do que com o espetáculo. Ela se teria resignado de bom grado a ser preterida pelas cinquenta filhas de Danaus;[111] mas quando um olhar mais ambicioso, mais ardente, mais significativo que os outros lhe demonstrou o que se passava no coração de Luciano, sentiu ciúmes, menos pelo futuro que pelo passado.

“Ele nunca me olhou assim”, pensou. “Meu Deus, Du Châtelet tem razão!”

Reconheceu então o erro de seu amor. Sempre que uma mulher chega a se arrepender de suas fraquezas, passa uma esponja sobre a sua vida, a fim de tudo apagar. Entretanto, embora a encolerizasse cada olhar de Luciano, permaneceu calma.

De Marsay voltou no entreato trazendo o sr. de Listomère. O homem grave e o jovem fátuo contaram logo à altiva marquesa que o padrinho de casamento endomingado que ela tivera a desgraça de admirar em seu camarote chama-se tanto sr. de Rubempré quanto um judeu tem nome de batismo. Luciano era filho de um boticário chamado Chardon. O sr. de Rastignac, muito a par dos acontecimentos

de Angoulême, já fizera rir dois camarotes à custa daquela espécie de múmia que a marquesa chamava de prima, e da precaução por ela tomada de ter perto de si um farmacêutico, sem dúvida para poder alimentar, por meio de drogas, sua vida artificial. De Marsay repetiu, afinal, alguns dos mil epigramas tão do gosto dos parisienses, que tão depressa os pronunciavam como os esquecem, mas por trás dos quais estava Du Châtelet, o artífice daquela traição cartaginesa.

— Querida — disse sob o leque a sra. d'Espard à sra. de Bargeton —, diga-me, por favor, seu protegido chama-se realmente sr. de Rubempré?

— Ele adotou o nome da mãe — disse Anaïs, embaraçada.

— Mas qual é o nome do pai?

— Chardon.

— E que fazia esse Chardon?

— Era farmacêutico.

— Eu estava certa, querida amiga, que Paris não poderia zombar de uma mulher com quem eu me relacione. Não faço questão de ver surgir aqui gracejadores encantados por me encontrarem com o filho de um boticário; mas, se me atender, sairemos ambas daqui e imediatamente.

A sra. d'Espard tomou um ar assaz impertinente, sem que Luciano pudesse adivinhar que motivo havia dado para aquela mudança de fisionomia. Pensou que seu colete era de mau gosto, o que era verdade; que o corte de sua casaca era exagerado, o que ainda era verdade. Reconheceu com sincera amargura que era preciso fazer-se vestir por um hábil alfaiate, e resolveu ir no dia seguinte à casa do mais renomado, a fim de poder, na próxima segunda-feira, rivalizar com os homens que encontrasse em casa da marquesa. Embora perdido nessas reflexões, seus olhos, atentos ao terceiro ato, não se afastaram da cena. Olhando as pompas daquele espetáculo único, entregava-se ao seu devaneio sobre a sra. d'Espard. Sentiu-se desesperado com aquela súbita frieza que contrastava estranhamente com o ardor intelectual que ele punha naquele novo amor, descuidado das imensas dificuldades que percebia, e que prometia a si mesmo vencer. Saiu afinal de sua profunda abstração para contemplar o seu novo ídolo; mas, voltando a cabeça, viu que estava só; mal percebera o leve ruído

da porta que se fechava sobre a sra. d'Espard e a prima. Ficou extremamente surpreso com o brusco abandono, mas não pensou nisso por muito tempo, precisamente porque o achava inexplicável.

Quando as duas mulheres subiram na carruagem, que rodava pela Rue du Richelieu em direção ao Faubourg Saint-Honoré, a marquesa disse num tom de cólera disfarçada:

— Minha querida filha, que é que pensa? Espere ao menos que o filho de um boticário se torne realmente célebre para se interessar por ele. A duquesa de Chaulieu não admite ainda Canalis, que, no entanto, é célebre e é um gentil-homem. Esse rapaz não é seu filho nem seu amante, não é verdade? — acrescentou aquela mulher altiva lançando à prima um olhar inquisidor e claro.

“Que felicidade para mim ter conservado esse velhaqueto à distância e nada lhe ter concedido!”, pensou a sra. de Bargeton.

— Pois bem — tornou a marquesa, que tomou por uma resposta a expressão dos olhos da prima —, deixe-o, é o que lhe aconselho. Arrogar-se um nome ilustre?... mas é uma audácia que a sociedade pune. Admito que seja o de sua mãe; mas pense, querida, que ao rei somente cabe o direito de conferir, por decreto, o nome dos Rubempré ao filho de uma dama dessa casa; se ela fez um mau casamento, o favor seria enorme, e para obtê-lo seria preciso imensa fortuna, serviços prestados e altíssimos empenhos. Aquelas roupas de lojista endomingado provam que o rapaz não é rico nem gentil-homem; tem um belo rosto, mas me parece bastante tolo, não sabe apresentar-se nem falar; enfim, não é *educado*. Por que cargas d'água o protege?

A sra. de Bargeton, que renegou Luciano como Luciano a havia renegado consigo mesmo, sentiu um medo louco de que a prima soubesse a verdade sobre sua viagem.

— Mas, querida prima, estou desesperada por tê-la comprometido.

— Nada me compromete — disse sorrindo a sra. d'Espard. — Não penso senão em você.

— Mas convidou-o a vir jantar segunda-feira.

— Estarei doente — respondeu vivamente a marquesa —, previna-o e eu o recomendarei com ambos os nomes ao meu porteiro.

Luciano pensou em passear durante o entreato no saguão, ao ver

que toda a gente ia para lá. Ali, nenhuma das pessoas que tinham vindo ao camarote o cumprimentou nem lhe pareceu dar atenção, coisa que se afigurava muito extraordinário ao poeta da província. Du Châtelet, ao qual tentou agarrar-se, vigiava-o com o canto dos olhos e o evitou constantemente. Convencido, ao ver os homens que vagavam pelo saguão, que seu traje era grandemente ridículo, Luciano foi recolocar-se no seu canto do camarote e permaneceu durante o resto da representação absorto alternativamente no pomposo espetáculo do bailado do quinto ato, tão celebrado pelo seu *Inferno*, no aspecto da sala na qual seu olhar ia de camarote a camarote, e nas suas próprias reflexões, que foram profundas, a respeito da sociedade parisiense. “Eis aí o meu reino!”, pensava, “eis aqui a sociedade que devo dominar.” Voltou a pé para casa pensando em tudo o que haviam dito os personagens que tinham ido fazer a corte à sra. d’Espard; suas maneiras, seus gestos, o modo de entrar e de sair, tudo voltou à sua memória com assombrosa fidelidade. No dia seguinte, cerca de meio-dia, sua primeira preocupação foi ir ter à casa de Staub, o alfaiate mais célebre da época.^[112] Obteve, à força de pedidos e pela virtude do dinheiro contado, que seu traje ficasse pronto para a famosa segunda-feira. Staub teve de lhe prometer uma deliciosa sobrecasaca, um colete e umas calças para o dia decisivo. Luciano encomendou camisas, lenços, enfim, um verdadeiro pequeno enxoval a uma costureira de roupa branca, e mandou tomar medidas para sapatos e botas por um sapateiro afamado. Comprou uma bonita bengala no Verdier,^[113] luvas e botões de camisa da sra. Irlande; tratou, enfim, de se pôr à altura dos janotas. Quando suas fantasias se viram satisfeitas, dirigiu-se à Rue Neuve-du-Luxembourg e soube que Luísa saíra.

— Foi jantar com a sra. marquesa d’Espard e voltará tarde — disse-lhe Albertina.

Luciano jantou num restaurante de quarenta *sous* no Palais-Royal e deitou-se cedo. No domingo, às onze horas, dirigiu-se à casa de Luísa; ela não se havia levantado. Voltou às duas horas.

— A senhora não recebe ainda — disse-lhe Albertina —, mas me deu um bilhete para o senhor.

— Não recebe ainda — repetiu Luciano —; mas eu não sou qualquer

um...

— Não sei, não — disse Albertina com ar impertinente.

Luciano, menos surpreso com a resposta de Albertina do que com receber uma carta da sra. de Bargeton, tomou o bilhete e leu na rua estas linhas desesperadoras:

A sra. d'Espard está indisposta e não poderá recebê-lo segunda-feira. Eu mesma não me sinto bem, entretanto vou vestir-me para ir fazer-lhe companhia. Estou desesperada com esta pequena contrariedade; mas seu talento me tranquiliza e sinto que avançará sem charlatanismo.

“E nenhuma assinatura!”, pensou Luciano, que se viu nas Tuileries sem perceber que caminhara tanto. O dom da vidência que as pessoas de talento possuem fez-lhe desconfiar a catástrofe anunciada pelo frio bilhete. Ia andando, perdido em seus pensamentos, seguia para a frente, olhando os monumentos da Place Louis xv. Fazia um lindo tempo. Passavam incessantemente sob seus olhos belas carruagens que se dirigiam para a grande avenida dos Champs-Élysées. Deixou-se levar pela fila de passeantes e viu então os três ou quatro mil carros que, nas tardes bonitas de domingo, afluem àquele local e improvisam um Longchamps.^[114]

Aturdido pelo luxo dos cavalos, dos trajes e das librés, continuou sempre a andar e chegou diante do Arco do Triunfo começado. Qual não foi o seu assombro quando, ao voltar, viu virem em sua direção a sra. d'Espard e a sra. de Bargeton numa caleça admiravelmente atrelada, e por trás da qual ondulavam as plumas do lacaio cuja casaca verde bordada a ouro fez com que as reconhecesse! A fila parou devido a uma obstrução. Luciano pôde ver Luísa em sua transformação. Estava irreconhecível: as cores da sua vestimenta tinham sido escolhidas de modo a realçar-lhe a tez; o vestido era delicioso; os cabelos graciosamente arranjados lhe sentavam bem, e o chapéu, de raro gosto, chamava a atenção mesmo ao lado do da sra. d'Espard, que impunha a moda.

Há modos indefiníveis de se pôr um chapéu: colocai-o um pouquinho mais para trás e tereis um ar atrevido; ponde-o muito para a frente e tereis um ar velhaco; de lado, o ar é de um cavaleiro; as

mulheres *comme il faut* põem o chapéu de qualquer modo e ficam sempre com ar encantador. A sra. de Bargeton resolvera imediatamente o difícil problema. Um lindo cinto revelava seu talhe esbelto. Adotara os gestos e maneiras da prima; sentada como ela, brincava com um elegante porta-perfumes preso por pequenina corrente a um dos dedos da mão direita, e mostrava assim a mão fina e bem enluvada sem parecer que a queria mostrar. Havia-se feito, enfim, semelhante à sra. d'Espard, sem a macaquear; era a digna prima da marquesa, que parecia orgulhosa da discípula.

As mulheres e os homens que passeavam pelas calçadas admiravam a brilhante carruagem com as armas dos d'Espard e dos Blamont-Chauvry, cujos escudos se viam lado a lado.

Luciano maravilhou-se com o grande número de pessoas que saudava as duas primas; ignorava que toda Paris, que consiste em apenas vinte salões, sabia já do parentesco da sra. de Bargeton e da sra. d'Espard. Rapazes a cavalo, entre os quais Luciano notou De Marsay e Rastignac, uniram-se à caleça para acompanhar as primas ao parque. Foi fácil a Luciano perceber, pelos gestos dos dois pretensiosos, que eles cumprimentavam a sra. de Bargeton pela sua metamorfose. A sra. d'Espard cintilava de graça e de saúde; sua indisposição fora, assim, pretexto para o não receber, visto que não transferira o jantar para outro dia. O poeta, furioso, procurou aproximar-se da caleça, andou lentamente e, quando se achou à vista das duas mulheres, saudou-as. A sra. de Bargeton fingiu não vê-lo; a marquesa mirou-o através da luneta e não respondeu ao cumprimento.

A reprovação da aristocracia parisiense não se assemelhava à dos soberanos de Angoulême: esforçando-se por ferir Luciano, os nobres, lá, admitiam seu poder e olhavam-no como a um homem, enquanto para a sra. d'Espard ele nem sequer existia. Não era uma sentença, mas uma denegação de justiça. Um frio mortal assaltou o pobre poeta ao ver De Marsay assestar-lhe a luneta; o leão parisiense deixou-a cair de modo tão singular que pareceu a Luciano ser o cutelo da guilhotina. A caleça passou. A raiva e o desejo de vingança se apossaram daquele homem desdenhado: se tivesse ao seu alcance a sra. de Bargeton, tê-la-ia estrangulado; imaginou-se Fouquier-Tinville[115] para outorgar-se o

prazer de enviar a sra. d'Espard ao cadafalso; desejaria poder fazer com que De Marsay sofresse um desses suplícios refinados que os selvagens inventaram. Viu passar Canalis a cavalo, elegante como deveria ser o mais terno dos poetas, a saudar as mais lindas mulheres.

“Meu Deus! preciso de ouro, custe o que custar!”, dizia Luciano. “O ouro é o único poder diante do qual este mundo se ajoelha.” “Não!”, gritava-lhe a consciência, “não o ouro, mas a glória, e a glória é o trabalho! Trabalho!, é o mote de David. Meu Deus! Por que estou aqui? Mas hei de triunfar! Passearei nesta avenida numa caleça com laçao! Possuirei marquesas d'Espard!”

Murmurando essas palavras enraivecidas, almoçava no Hurbain a quarenta sous. No dia seguinte, às nove horas, foi à residência de Luísa na intenção de exprobrar-lhe a crueldade. Mas a sra. de Bargeton não só não estava para ele, como ainda o porteiro não o deixou subir. Ficou na rua, de atalaia, até meio-dia. A essa hora, Du Châtelet saiu do apartamento da sra. de Bargeton e, vendo o poeta com o rabo do olho, evitou-o. Luciano, espicaçado agudamente, perseguiu o rival; Du Châtelet, sentindo-se alcançado, voltou-se e o saudou com a intenção evidente de fazer-se ao largo depois desse ato de polidez.

— Um momento, faça o favor — disse Luciano —, conceda-me alguns segundos, preciso dizer-lhe duas palavras. Deu-me provas de amizade e eu as invoco para pedir-lhe um pequeno obséquio. Saiu agora de casa da sra. de Bargeton; explique-me a causa do meu desfavor junto dela e da sra. d'Espard.

— Sr. Chardon — respondeu Du Châtelet, com falsa bonomia —, sabe por que essas damas o deixaram na Opéra?

— Não — disse o pobre poeta.

— Pois bem, foi prejudicado já de saída pelo sr. de Rastignac. O jovem peralta, interrogado a seu respeito, informou pura e simplesmente que o senhor se chama Chardon e não De Rubempré; que sua mãe cuida de parturientes, que seu pai era quando vivo boticário no Houmeau, bairro de Angoulême; que sua irmã é uma interessante menina que engoma camisas admiravelmente e que vai desposar um impressor daquela cidade, chamado Séchard. O mundo é assim. Põe-se alguém em evidência? Ele o discute. De Marsay veio rir-

se do senhor com a sra. d'Espard e imediatamente as duas mulheres fugiram achando que se comprometiam ao seu lado. Não tente ir à casa de uma ou de outra. A sra. de Bargeton não seria recebida pela prima se continuasse a vê-lo. O senhor tem gênio, trate de vingar-se. A sociedade o desdenha, desdenhe a sociedade. Refugie-se numa mansarda, faça obras-primas, alcance um poder qualquer, e verá o mundo a seus pés; retribuirá então os golpes que ela lhe tiver dado, justamente onde ela os tiver dado. Quanto mais a sra. de Bargeton lhe tinha manifestado amizade, tanto mais se afastará do senhor. São assim os sentimentos femininos. Mas não se trata neste momento de reconquistar a amizade de Anaïs; trata-se de não fazer dela uma inimiga, e eu lhe vou proporcionar os meios. Ela lhe escrevia; devolva-lhe todas as cartas e ela será sensível a esse procedimento fidalgo; mais tarde, se tiver precisão dela, ela não lhe será hostil. Quanto a mim, tenho tão alta opinião acerca do seu futuro, que por toda parte o defendi, e desde agora, se alguma coisa puder fazer aqui pelo senhor, encontrar-me-á sempre pronto a lhe prestar qualquer serviço.

Luciano estava tão abatido, tão pálido, tão desfeito que nem retribuiu ao elegante velho rejuvenescido pela atmosfera parisiense a saudação secamente polida que este lhe fez. Voltou ao hotel, onde encontrou Staub em pessoa, vindo menos para provar o traje, como provou, que para interrogar a hoteleira do Gaillard-Bois quem era, quanto a condições financeiras, seu freguês desconhecido. Luciano chegara de diligência, a sra. de Bargeton o havia trazido do Vaudeville quinta-feira última de carruagem. Essas informações eram boas. Staub chamou Luciano de “senhor conde” e lhe fez notar o talento com que havia feito valer suas belas formas.

— Um rapaz vestido deste modo — disse ele — pode passear pelas Tuileries; desposará uma inglesa rica ao cabo de quinze dias.

Esse gracejo de alfaiate alemão, a perfeição do traje, a qualidade do tecido, a graça que encontrava em si próprio ao se olhar no espelho, todas essas pequenas coisas deixaram Luciano menos triste.

Pensou vagamente que Paris era a capital do acaso e por um momento acreditou no acaso. Não tinha um volume de poesias e um magnífico romance, *O arqueiro de Carlos ix*, em manuscrito? Teve

esperanças em seu destino. Staub prometeu a sobrecasaca e o resto da vestimenta para o dia seguinte.

No dia seguinte apareceram o sapateiro, a camiseira e o alfaiate, todos munidos de suas faturas. Luciano, ignorando outra maneira de os despedir, ainda sob o domínio dos costumes da província, pagou-os; mas, depois de os haver pago, viu que não lhe restavam mais que trezentos e sessenta francos dos dois mil que trouxera para Paris — e ali estava havia apenas uma semana! Vestiu-se, apesar disso, e foi dar uma volta pelo Terrasse des Feuillants. Tomou ali uma desforra. Estava tão bem-vestido, tão gracioso, tão belo, que várias mulheres olharam para ele e duas ou três ficaram tão impressionadas com a sua beleza que se voltaram. Luciano estudou o andar e os modos dos rapazes e fez seu curso de boas maneiras sempre a pensar nos seus trezentos e sessenta francos. À noite, só em seu quarto, veio-lhe a ideia de esclarecer o problema de sua vida no hotel do Gaillard-Bois onde almoçava os pratos mais simples, pensando economizar. Pediu a conta como quem quer mudar-se e viu-se devedor de uma centena de francos.

Na manhã seguinte correu ao Quartier Latin, que David lhe recomendara por ser barato. Depois de procurar por muito tempo, acabou por encontrar na Rue de Cluny, perto da Sorbonne, um miserável hotel onde obteve quarto pelo preço que desejava. Pagou imediatamente a hoteleira do Gaillard-Bois e no mesmo dia veio instalar-se na Rue de Cluny. A mudança custou-lhe apenas uma corrida de fiacre.

Após tomar posse de seu pobre quarto, reuniu todas as cartas da sra. de Bargeton, fez um pacote, colocou-o em cima da mesa e, antes de lhe escrever, pôs-se a pensar naquela fatal semana. Não pensou em que ele próprio havia, em primeiro lugar e estouvadamente, renegado o seu amor, sem saber o que seria de sua Luísa em Paris; não viu seus erros, viu apenas a sua posição atual e acusou a sra. de Bargeton: em vez de o esclarecer, ela o havia perdido. Irritou-se, encheu-se de orgulho, e se pôs a escrever a carta seguinte, no paroxismo da cólera:

Que diria, senhora, de uma mulher a quem houvesse agradado algum pobre

rapaz tímido, cheio dessas nobres crenças que mais tarde o homem chama ilusões, e que houvesse empregado a sedução dos seus encantos, as finuras de sua inteligência e os mais belos recursos do amor maternal para o desencaminhar? As promessas mais fagueiras, os castelos de cartas que o maravilham nada lhe custam; ela o conduz, apodera-se dele, e ora o censura pela sua falta de confiança, ora o lisonjeia. Quando a criança abandona a família para cegamente a seguir, ela a conduz às bordas de um mar imenso, fá-la entrar com um sorriso num frágil esquife e o lança só, desprotegido, através das tempestades. Depois, do rochedo onde ficou, ela se põe a rir e lhe deseja boa sorte.

Essa mulher é a senhora; essa criança sou eu.

Nas mãos dessa criança se encontra uma lembrança que poderia trair os crimes dos benefícios que lhe foram concedidos e do abandono com que foi favorecido. Poderia a senhora ter de corar ao rever a criança presa das vagas, se se lembrasse de que a havia aconchegado ao seio. Ao ler esta carta, terá tal lembrança em seu poder. Está livre para esquecer tudo. Depois das belas esperanças que seu dedo me apontou no céu, percebo as realidades da miséria na lama de Paris. Enquanto a senhora irá, brilhante e adorada, através das grandezas deste mundo, ao limiar do qual me conduziu, eu tremerei de frio no miserável sótão no qual me atirou. Mas talvez o remorso a assalte no meio das festas e dos prazeres, talvez pense na criança que a senhora mergulhou num abismo. Pois bem, senhora, pense nela sem remorsos! Do fundo de sua miséria, essa criança oferece-lhe a única coisa que lhe resta: o seu perdão, num último olhar.

Sim, graças à senhora, nada mais me resta. Nada? Não foi do nada que se fez o mundo? O gênio deve imitar a Deus: começo por ter a clemência dele sem saber se terei a sua força. A senhora só teria a temer que eu caísse porque seria cúmplice de minhas faltas. Oh! lastimo-a porque nada mais pode significar na glória ao encontro da qual vou dirigir-me, conduzido pelo trabalho.

Escrita essa carta enfática, mas cheia dessa sombria dignidade que o artista de vinte e um anos muitas vezes exagera, Luciano transportou-se pelo pensamento ao seio da família: reviu o lindo apartamento que David decorara para ele, sacrificando para isso parte de suas economias, teve uma visão das alegrias tranquilas, modestas, burguesas que havia saboreado. As sombras da mãe, da irmã e de David puseram-se ao seu lado; viu de novo as lágrimas que haviam vertido na hora da partida dele, e chorou, por estar sozinho em Paris,

sem amigos, sem protetores.

Alguns dias depois, escreveu à irmã:

Eva querida,[116] as irmãs têm o triste privilégio de desposar mais amarguras que alegrias, ao compartilharem a existência de irmãos votados à arte, e eu começo a temer vir a ser uma carga para ti. Não abusei já de todos vocês, que se sacrificaram por mim? Essa lembrança de meu passado, tão cheio das alegrias da família, me tem sustentado na solidão do meu presente. Com que rapidez de águia que volta ao ninho não teria eu atravessado a distância que nos separa a fim de me encontrar numa esfera de afeições verdadeiras, após haver experimentado as primeiras misérias e as primeiras decepções do mundo parisiense! As lâmpadas aí não crepitaram? Os tições da lareira não rolaram? Não sentiram um zumbido nos ouvidos? Minha mãe não disse: “Luciano pensa em nós?”. David não respondeu: “Ele se debate com os homens e as coisas”? Minha Eva, escrevo esta carta somente para ti. A ti somente ousou confiar o bem e o mal que me advirão, corando de um e outro, porque aqui o bem é tão raro quanto o deveria ser o mal. Vais saber muitas coisas em poucas palavras: a sra. de Bargeton envergonhou-se de mim, me renegou, despediu e repudiou ao nono dia de chegada. Ao ver-me, voltou a cabeça, e eu, para segui-la na sociedade onde me queria lançar, havia dispendido mil e setecentos e sessenta francos dos dois mil trazidos de Angoulême e tão penosamente conseguidos. Em quê?, dirás tu. Minha pobre irmã, Paris é um estranho sorvedouro: aqui se paga por um almoço dezoito *sous*,[117] e o mais simples jantar de um *restaurât* elegante custa cinquenta francos; há coletes e calças de quatro francos e quarenta *sous*, mas os alfaiates da moda não os fazem por menos de cem francos. Dá-se um *sou* para passar as sarjetas das ruas quando chove. Enfim, a menor volta em carruagem custa trinta *sous*. Depois de haver morado na zona elegante, estou agora no Hotel de Cluny, na Rue de Cluny, uma das mais pobres e sombrias ruazinhas de Paris, encerrada entre três igrejas e os velhos edifícios da Sorbonne. Ocupo um quarto mobiliado no quarto andar do hotel e, embora muito sujo e despido, pago por ele quinze francos por mês. Minha primeira refeição consiste num pãozinho de dois *sous* e de um *sou* de leite, mas janto muito bem por vinte e dois *sous* no *restaurât* de um tal Flicoteaux, situado na Place de la Sorbonne. Até o inverno minha despesa não excederá de sessenta francos por mês, tudo incluído, pelo menos assim espero. De modo que meus duzentos e quarenta francos serão suficientes para os quatro primeiros meses. Daqui até lá terei sem dúvida vendido *O arqueiro de Carlos ix* e *As boninas*.

Não deves ter, portanto, inquietação alguma a meu respeito. Se o presente é frio, nu, mesquinho, o futuro é azul, rico e esplêndido. A maior parte dos

grandes homens provou as vicissitudes que me perseguem sem se abater. Plauto, um grande poeta cômico, foi empregado de moinho.[118] Maquiavel escrevia *O Príncipe* à noite, depois de se haver confundido com os operários durante o dia.[119] Enfim, o grande Cervantes, que havia perdido o braço na batalha de Lepanto, contribuindo para a vitória desse famoso dia, chamado de *velho e ignóbil maneta* pelos escrevinhadores de seu tempo, pôs, por falta de livreiro, dez anos de intervalo entre a primeira e a segunda parte do seu sublime *Dom Quixote*. Não estamos mais nesses tempos. Os desgostos e a miséria não afligem senão aos talentos desconhecidos; depois de postos em evidência, os escritores se tornam ricos, e eu serei rico. Vivo, aliás, pelo pensamento, passo a metade do dia na biblioteca Sainte-Geneviève, onde adquiro a instrução que me falta e sem a qual não poderia ir longe. Encontro-me hoje quase feliz. Em poucos dias me conformei alegremente com a minha situação. Entrego-me, desde manhã cedo, a um trabalho de que gosto; assegurada a vida material, medito muito, estudo, e não vejo onde possa hoje ser ferido, depois de haver renunciado à sociedade onde a cada instante minha vaidade podia sofrer. Os homens ilustres de todas as épocas são obrigados a viver isolados. Não são acaso como os pássaros da floresta? Cantam, enfeitçam a natureza, e ninguém os percebe. Assim farei eu, se acaso puder realizar os ambiciosos planos de meu espírito. Não lamento a separação da sra. de Bargeton. Uma mulher que assim procede não merece uma saudade. Não lamento tampouco haver saído de Angoulême. Essa mulher teve razão em me jogar em Paris abandonando-me às minhas próprias forças. Esta é a terra dos escritores, dos poetas e dos pensadores. Somente aqui se cultiva a glória, e hoje conheço as belas messes que ela produz. Só aqui os escritores podem encontrar, nos museus e nas coleções, as obras-primas dos gênios do passado, obras que reaquecem as imaginações e as estimulam.

Só aqui as imensas bibliotecas, sempre abertas, oferecem ao espírito informações e alimento. Existe enfim, em Paris, no ar e nas menores coisas, um espírito que se respira e que se imprime nas criações literárias. Aprende-se mais a conversar no café ou no teatro, durante meia hora, do que em dez anos na província. Tudo aqui é realmente espetáculo, comparação e instrução. O excessivamente barato, o excessivamente caro, eis o que é Paris, onde cada abelha encontra seu favo, onde cada alma assimila o que lhe é próprio. Assim, se neste instante sofro, de nada me arrependo. Ao contrário, um belo futuro se desdobra diante de mim e me alegra o coração por um instante dolorido. Adeus, minha querida irmã, não esperes receber regularmente minhas cartas: uma das particularidades de Paris é que a gente não sabe realmente como o tempo passa. A vida aqui é de uma assombrosa rapidez.

II – FLICOTEAUX

Flicoteaux é um nome escrito em muitas memórias. Poucos estudantes há que, instalados no Quartier Latin[120] durante os doze primeiros anos da Restauração, não tenham frequentado esse templo da fome e da miséria. O jantar, composto de três pratos, custava dezoito *sous* com um quartilho de vinho ou uma garrafa de cerveja, e vinte e dois com uma garrafa de vinho. O que, sem dúvida, impediu esse amigo da juventude de fazer uma fortuna colossal foi um artigo de seu programa impresso em grandes letras nos cardápios e assim concebido: PÃO À DISCRICÃO, isto é, até a indiscrição.

Muitas glórias tiveram Flicoteaux por pai e protetor.

O coração de mais de um homem célebre deve, certamente, sentir o gozo de mil recordações indizíveis ante a fachada de pequenos ladrilhos que dá para a Place de la Sorbonne e para a Rue Neuve-du-Richelieu, que Flicoteaux II ou III respeitou até os dias de Julho,[121] deixando-lhe as cores escuras, o ar antigo e respeitável que anunciava profundo desdém pelo charlatanismo das aparências, espécie de anúncio feito para os olhos em detrimento do ventre por quase todos os *restaurateurs* de nossos dias. Em vez de uma quantidade de caça empalhada, destinada a jamais ser cozida, em vez dos peixes fantásticos que justificam o dito do saltimbanco: “Vi uma bela carpa, que penso comprar dentro de oito dias”, em vez desses primores, que se diriam melhor “postmores”, expostos com falaciosa ostentação para o prazer dos cabos de esquadra e de suas companheiras, o honesto Flicoteaux expunha compoteiras ornadas de vários modos, onde montes de ameixas confeitadas alegravam os olhos dos consumidores, certos de que a palavra *sobremesa*, por demais prodigalizada em outros anúncios, não era ali uma promessa vã.

Os pães de seis libras, cortados em quatro pedaços, tranquilizavam quanto à promessa do pão à discrição. Tal era o “luxo” do estabelecimento que, em seu tempo, Molière o teria celebrado, tanto era divertido o epigrama do nome. Flicoteaux subsiste, viverá enquanto

os estudantes quiserem viver. Come-se ali; nada menos, nada mais; mas come-se como se trabalha, com atividade sombria ou alegre, segundo os caracteres ou as circunstâncias.

Esse estabelecimento célebre consistia então em duas salas dispostas em esquadro, longas, estreitas e baixas, com aberturas, uma, para a Place de la Sorbonne, outra, para a Rue Neuve-du-Richelieu, ambas mobiliadas com mesas vindas de algum refeitório abacial, porque seu comprimento tinha qualquer coisa de monástico, e os talheres eram postos com os guardanapos dos pensionistas passados em argolas metálicas numeradas. Flicoteaux ^I não mudava as toalhas senão aos domingos; mas Flicoteaux ^{II}, diz-se, trocava-as duas vezes por semana desde que a concorrência passou a ameaçar a sua dinastia. O restaurante é uma oficina com seus utensílios e não uma sala de festins com sua elegância e seus prazeres: dele todos saem rapidamente. Dentro os movimentos são desenvoltos. Os garçons vão e vêm sem descanso, todos estão ocupados, são todos necessários. As iguarias são pouco variadas. A batata é ali infalível; não houvesse uma só batata na Irlanda, faltasse ela em toda parte, em casa de Flicoteaux se encontraria. Há trinta anos que ela ali se apresenta sob a loira cor amada por Ticiano, polvilhada de verdura picada, gozando de um privilégio invejado pelas mulheres: tal qual foi vista em 1814, assim será encontrada em 1840. As costeletas de carneiro e o filé de boi são para o cardápio desse estabelecimento o que o tetraz e o filé de esturção são para o de Véry:[\[122\]](#) iguarias extraordinárias que têm de ser encomendadas já pela manhã. A fêmea do boi ali domina e seu filho abunda sob os aspectos mais engenhosos. Quando a pescada e a cavala dão às costas ao oceano, vão parar na casa de Flicoteaux. Ali, tudo está em relação com as vicissitudes da agricultura e os caprichos das estações francesas. Aprendem-se ali coisas de que nem suspeitam os ricos e os ociosos, os indiferentes às fases da natureza. O estudante residente no Quartier Latin tem ali a mais exata consciência do tempo: sabe quando os feijões e as ervilhas granam bem, quando o mercado regurgita de couves, qual a salada que ali abunda e se a beterraba enfezou. Uma velha calúnia, repetida ao tempo em que Luciano frequentava o Flicoteaux, consistia em atribuir a aparição dos bifes a

alguma mortandade de cavalos.

Poucos restaurantes parisienses oferecem tão belo espetáculo. Ali só se encontram juventude e fé, miséria alegremente suportada, se bem que os rostos ardentes e graves, sombrios e inquietos também ali não falem. As roupas são geralmente desleixadas. Por isso notam-se os frequentadores que aparecem bem-vestidos. Todos sabem o que tal traje extraordinário significa: amante esperada, noite de espetáculo ou visita às esferas superiores. Afirma-se que ali se formaram algumas amizades entre estudantes que mais tarde se tornaram célebres, como se verá nesta história.

Entretanto, exceto os rapazes da mesma região reunidos à mesma ponta de mesa, geralmente os comensais têm uma gravidade que dificilmente se desenruga, devido talvez ao catolicismo do vinho, que se opõe a toda expansão. Os que cultivaram Flicoteaux poderão recordar, de certo, vários personagens sombrios e misteriosos, envoltos na bruma da mais fria miséria, que puderam lá jantar durante dois anos e desaparecer sem que luz alguma haja iluminado esses duendes parisienses aos olhos dos frequentadores mais curiosos.

As amizades esboçadas no Flicoteaux selavam-se nos cafés vizinhos às chamas de um ponche licoroso, ou ao calor de uma meia xícara de café abençoada por um pouco de aguardente.

Durante os primeiros dias de sua instalação no Hotel de Cluny, Luciano, como todo neófito, teve modos tímidos e regulares.

Após a triste experiência da vida elegante que acabava de absorver seu capital, atirou-se ao trabalho com esse primeiro ardor que depressa se consome nas dificuldades e nos divertimentos que Paris oferece a todas as existências, às mais luxuosas como às mais pobres, e que, para serem dominadas, exigem a selvagem energia do verdadeiro talento ou o sombrio poder da ambição.

Luciano caía no Flicoteaux pelas quatro horas e meia, depois de ter observado a vantagem de ser dos primeiros a chegar; os pratos eram mais variados e ainda havia daqueles que preferia. Como todos os espíritos poéticos, havia se afeiçoado a um lugar, e sua escolha demonstrara muito discernimento. Desde o primeiro dia de sua chegada ao Flicoteaux, havia notado, junto ao balcão, uma mesa onde

as fisionomias dos comensais, tanto como as conversas, captadas de passagem, lhe denunciaram companheiros literários. Ademais, uma espécie de instinto lhe fez adivinhar que, colocando-se próximo ao balcão, poderia parlamentar com os donos do restaurante. Com o correr do tempo o conhecimento se estabeleceria, e, no dia da desgraça financeira, haveria de obter, sem dúvida, o crédito necessário. Sentou-se pois a uma mesinha quadrada ao lado do balcão, onde se viam apenas dois talheres acompanhados de guardanapos brancos, sem argola, e provavelmente destinados aos que iam e vinham. O comensal fronteiro a Luciano era um rapaz magro e pálido, possivelmente tão pobre como ele. Seu belo rosto, já desbotado, demonstrava que as esperanças malogradas haviam fatigado sua fronte e deixado em sua alma sulcos em que os grãos semeados não germinaram. Luciano sentiu-se atraído para o desconhecido por esses vestígios de poesia e por um irresistível impulso de simpatia.

Esse rapaz, o primeiro com quem o poeta de Angoulême pôde trocar algumas palavras ao fim de uma semana de pequenas gentilezas de monossílabos e de observações recíprocas, chamava-se Estêvão Lousteau.^[123] Como Luciano, Estêvão deixara a província, uma cidade do Berry, havia dois anos. Seus gestos animados, seu olhar brilhante, a palavra breve traíam um amargo conhecimento da vida literária.

Estêvão viera de Sancerre, com sua tragédia no bolso, atraído pelo que pungia também a Luciano: a glória, o poder e o dinheiro. A princípio jantou vários dias seguidos, mas se mostrou logo depois só de longe em longe. Por vezes, após cinco ou seis dias de ausência, reencontrando o seu poeta, Luciano esperava tornar a vê-lo no dia seguinte; mas, no outro dia, o lugar estava tomado por um desconhecido. Quando dois jovens se viram no dia anterior, o calor da conversa de ontem se reflete na de hoje; mas esses intervalos obrigavam Luciano a romper novamente o gelo de cada vez, e retardavam na mesma proporção uma intimidade que, durante as primeiras semanas, pouco progresso havia feito. Depois de interrogar a dama do caixa, Luciano soube que seu futuro amigo era redator de um pequeno jornal, onde escrevia artigos sobre livros novos e fazia a crítica

das peças representadas no Ambigu-Comique,[124] na Gaîté[125] e no Panorama-Dramatique.[126] O rapaz tornou-se imediatamente um personagem aos olhos de Luciano, que esperava encaminhar a conversa com ele de maneira um pouco mais íntima, e fazer alguns sacrifícios para obter uma amizade tão necessária a um principiante. O jornalista permaneceu, porém, quinze dias ausente. Luciano não sabia ainda que Estêvão só jantava no Flicoteaux quando estava sem dinheiro, fato que lhe dava aquele ar sombrio e desencantado, aquela frieza a que Luciano opunha lisonjeiros sorrisos e palavras doces. Além do mais, a ligação pretendida exigia maduras reflexões, porque o obscuro jornalista parecia levar uma vida custosa, entremeada de aperitivos, de taças de café, de tigelas de ponche, de espetáculos e de jantares. Ora, nos primeiros dias de sua instalação na região, o proceder de Luciano foi o de um pobre rapazelho aturdido pela sua primeira experiência da vida parisiense. Assim, depois de haver estudado o preço das refeições e sopesado a bolsa, Luciano não ousou seguir as pegadas de Estêvão, temendo recomeçar os desacertos de que ainda se arrependia. Sempre sob o jugo das afeições da província, seus dois anjos da guarda, Eva e David, levantavam-se ao menor pensamento mau e lhe recordavam as esperanças nele postas, a felicidade de que era devedor à sua velha mãe e todas as promessas de seu gênio.

Passava as manhãs na biblioteca Sainte-Geneviève[127] a estudar história. Suas primeiras buscas haviam-no feito encontrar erros tremendos em seu *O Archeiro de Carlos ix*. Fechada a biblioteca, vinha para o quarto úmido e frio corrigir a obra, refazê-la, suprimir-lhe capítulos inteiros. Depois de haver jantado no Flicoteaux, descia à Galeria do Comércio, lia no Gabinete Literário de Blossé[128] as obras da literatura contemporânea, os jornais, as revistas, os livros de poesia, para se pôr ao corrente do movimento da inteligência, e voltava ao seu miserável hotel à meia-noite, sem haver gasto lenha nem luz. Essas leituras alteravam tão completamente as suas ideias que passou a rever sua coleção de sonetos sobre as flores, suas caras *Boninas*, e tanto os retocou que não lhes deixou cem dos versos originais. Assim, de começo, levou Luciano a vida inocente e pura dos meninos pobres da

província que achavam luxuoso o Flicoteaux comparando-o ao ordinário da casa paterna, que se divertem em lentas caminhadas sob as alamedas do Jardin du Luxembourg, olhando as lindas mulheres de esguelha e com o coração pletórico de sangue, que não saem do bairro e se entregam santamente ao trabalho, sonhando com o futuro. Mas Luciano, poeta nato, submetido logo a imensos desejos, encontrou-se sem forças contra as seduções dos cartazes de espetáculos. O Théâtre-Français,[129] o Vaudeville, o Variétés,[130] a Opéra-Comique,[131] onde ia para a plateia, levaram-lhe uns sessenta francos. Que estudante poderia resistir ao prazer de ver Talma[132] nos papéis que ele tornou ilustres? O teatro, esse primeiro amor de todos os espíritos poéticos, fascinou Luciano. Os atores e atrizes pareciam-lhe imponentes personagens; não acreditava na possibilidade de transpor os bastidores e de os ver familiarmente. Esses autores dos seus prazeres eram para ele criaturas maravilhosas, que os jornais discutiam como aos grandes interesses do Estado. Ser autor dramático, fazer-se representar, que sonho afagado! E esse sonho, alguns audaciosos, como Casimir Delavigne,[133] o realizavam! Pensamentos fecundos, instantes de crença em si mesmo, seguidos de desespero, agitaram Luciano e o mantiveram no santo caminho do trabalho e da economia, apesar dos surdos bramidos de mais de um desejo fanático. Por excesso de prudência, proibiu-se penetrar no Palais-Royal, esse lugar de perdição onde, num só dia, gastara cinquenta francos no Véry e perto de quinhentos francos em roupas. Assim, quando cedia à tentação de ver Fleury,[134] Talma, os dois Baptiste,[135] ou Michot,[136] não ia além da obscura galeria onde se fazia fila desde as cinco horas e meia e onde os retardatários eram obrigados a comprar por dez *sous* um lugar extra num corredor. Muitas vezes, depois de ali haver esperado durante duas horas, as palavras *Não há mais lugares!* ressoavam cruéis ao ouvido de mais de um estudante desapontado. Depois do espetáculo, Luciano voltava de cabeça baixa sem olhar, absolutamente, para as ruas povoadas de vivas seduções. Possivelmente lhe sucederam algumas dessas aventuras de excessiva simplicidade, que tomam entretanto um lugar imenso nas imaginações jovens e tímidas.

Aterrado com a baixa de seu capital, num dia em que contou seus

escudos, Luciano sentiu suores frios ao pensar na necessidade de procurar um livreiro e de pedir algum trabalho pago. O jovem jornalista, de quem se havia feito unilateralmente amigo, não aparecia mais no Flicoteaux. Luciano esperava um acaso que não surgia.

Em Paris não há acasos senão para pessoas extremamente relacionadas; o número de relações aumenta nela as possibilidades de qualquer espécie de êxito, e o acaso também se põe do lado dos grandes batalhões. Como homem em quem ainda subsistia a previdência da gente da província, Luciano não quis chegar ao instante em que já não tivesse senão alguns escudos: resolveu enfrentar os livreiros.

III – DUAS VARIEDADES DE LIVREIRO

Numa manhã muito fria de setembro, Luciano desceu a Rue de La Harpe, sobraçando os seus dois manuscritos. Caminhou até o Quai des Augustins, e se pôs a andar ao longo do passeio olhando alternativamente a água do Sena e as livrarias, como se um bom gênio o aconselhasse a atirar-se antes à água que à literatura. Depois de pungentes hesitações, após profundo exame das fisionomias mais ou menos ternas, divertidas, carrancudas, alegres ou tristes que ia observando através dos vidros ou à soleira das portas, avistou uma casa diante da qual caixeiros diligentes empacotavam livros. Faziam-se expedições, as paredes estavam cobertas de cartazes. *À venda: o SOLITÁRIO, pelo visconde d'Arincourt.*[137] *Terceira edição. LÉONIDE, por Victor Ducange;*[138] *cinco volumes in-12 impressos em papel fino. Preço: 12 francos. INDUÇÕES MORAIS, por Kératry.*[139]

— Como esses são felizes! — exclamou Luciano.

O cartaz, criação nova e original do famoso *Ladvoctat*, florescia então pela primeira vez sobre os muros. Paris viu-se logo policromada pelos imitadores desse processo de propaganda, que é uma das fontes de renda pública. Enfim, com o coração tímido de sangue e de inquietação, Luciano, tão grande havia pouco em Angoulême e tão pequeno em Paris, deslizou ao longo das paredes e reuniu toda a sua coragem para entrar na loja atravancada de caixeiros, de fregueses, de

livreiros! “E de autores talvez”, pensou.

— Desejo falar ao sr. Vidal ou ao sr. Porchon — disse a um caixeiro.

Havia lido sobre a tabuleta, em grandes letras:

VIDAL e PORCHON, *livreiros distribuidores para a França e o estrangeiro*.

— Esses senhores estão ambos tratando de negócios — respondeu o caixeiro azafamado.

— Esperarei.

Deixaram o poeta na loja, onde ele se pôs a examinar os pacotes; permaneceu duas horas ocupado em olhar os títulos, em abrir os livros, em ler algumas páginas aqui ou ali. Terminou por apoiar as costas numa divisão guarnecida de pequenas cortinas verdes, atrás da qual supôs que se encontrasse Vidal ou Porchon, e ouviu a seguinte conversa:

— Quer ficar com quinhentos exemplares? Deixo-lhos a cinco francos e dou-lhe um exemplar a mais em cada dúzia.

— Por que preço eles ficariam assim?

— Por dezesseis *sous* a menos.

— Quatro francos e quatro *sous* — disse Vidal ou Porchon a quem lhe oferecia os livros.

— Isso mesmo — respondeu o vendedor.

— A prazo? — perguntou o comprador.

— Velho pândego! E me pagaria aos dezoito meses em promissórias a um ano?

— Não, pagas imediatamente — respondeu Vidal ou Porchon.

— A que prazo? Nove meses? — perguntou o livreiro ou autor, que, sem dúvida, oferecia um livro.

— Não, meu caro, a um ano — respondeu um dos livreiros-distribuidores.

Houve um momento de silêncio.

— Você me enforca! — exclamou o desconhecido.

— Mas teremos acaso colocado, em um ano, quinhentos exemplares de *Léonide*? — respondeu o livreiro-distribuidor ao editor de Victor Ducange. — Se os livros tivessem saída conforme o desejo dos editores, seríamos milionários, meu caro mestre; eles saem, porém, segundo a

vontade do público. Há romances de Walter Scott a dezoito *sous* o volume, três livros a doze *sous* o exemplar, e quer que eu venda os seus livrinhos mais caro? Se quer que eu force a venda desse livro, faça-me vantagens. Vidal!

Um homem gordo deixou o caixa e aproximou-se com uma pena atrás da orelha.

— Em tua última viagem, quanto colocaste de Ducange? — perguntou-lhe Porchon.

— Fiz duzentos *Anciõezinhos de Calais*; mas foi preciso, para os colocar, depreciar duas outras obras pelas quais não nos davam comissões tão boas e que se tornaram belos “rouxinóis”.

Mais tarde Luciano veio a saber que a alcunha de “rouxinol” era dada pelos livreiros às obras que ficavam empoleiradas nas prateleiras, na profunda solidão das lojas.

— Sabes, aliás — replicou Vidal —, que Picard prepara o lançamento de vários romances. Promete-nos vinte por cento sobre o preço comum de livraria, a fim de organizarmos um acontecimento literário.

— Pois bem, a um ano — respondeu desconsoladamente o editor, fulminado pela última observação confidencial de Vidal a Porchon.

— Está feito? — perguntou claramente Porchon ao desconhecido.

— Sim.

O livreiro saiu. Luciano ouviu Porchon dizendo a Vidal:

— Temos trezentos exemplares pedidos; demoraremos a pagá-lo, venderemos os *Léonide* a cem *sous* o volume, faremos com que nos paguem a seis meses de prazo, e...

— E — disse Vidal — são mil e quinhentos francos de lucro.

— Oh! Eu bem vi que ele estava em apertos.

— Está-se afundando! Pagou quatro mil francos a Ducange por dois mil exemplares.

Luciano deteve Vidal fechando a portinhola daquele cubículo.

— Senhores — disse ele aos dois sócios —, tenho a honra de saudá-los.

Os livreiros mal o cumprimentaram.

— Sou autor de um romance sobre a história da França, à moda de Walter Scott, e que tem por título *O arqueiro de Carlos ix*; proponho

que mo compreem.

Porchon lançou sobre Luciano um olhar frio, largando a pena sobre a escrivaninha. Vidal olhou para o autor com ar brutal e respondeu:

— Senhor, não somos livreiros-editores, somos livreiros-distribuidores. Quando editamos livros por nossa conta, eles constituem operações que empreendemos com *nomes feitos*. Não compramos, aliás, senão livros sérios, histórias, compêndios.

— Mas meu livro é muito sério, trata-se de pintar sob suas cores verdadeiras a luta dos católicos, que eram pelo governo absoluto, e dos protestantes, que desejavam a república.

— Sr. Vidal! — gritou um caixeiro.

Vidal sumiu.

— Não quero dizer, senhor, que seu livro não seja uma obra-prima — tornou Porchon, fazendo um gesto bastante impolido —, mas só nos ocupamos de livros já impressos. Vá ver os compradores de manuscritos. O pai Doguereau, na rue du Coq, perto do Louvre, é um dos que imprimem romances. Se houvesse falado mais cedo, teria conhecido Pollet, o concorrente de Doguereau e dos livreiros das Galeiries de Bois.

— Senhor, tenho uma coleção de poesias...

— Sr. Porchon! — gritou alguém.

— Poesia! — exclamou Porchon, colérico. — Por quem me toma o senhor? — acrescentou, rindo-lhe no nariz e desaparecendo na contraloja.

Luciano atravessou a Pont-Neuf, mergulhado em mil reflexões. O que havia compreendido daquela linguagem comercial fez-lhe adivinhar que, para esses livreiros, os livros eram como os artigos de algodão para os industriais do ramo: uma mercadoria a ser comprada barato e a ser vendida caro.

“Enganei-me”, pensou ele, chocado, não obstante, pelo aspecto brutal e material que a literatura tomava. Avistou na rue du Coq uma loja modesta diante da qual havia já passado, na qual estavam pintadas em letras amarelas sobre fundo verde estas palavras:

Lembrou-se de haver visto essas palavras no frontispício de vários romances que lera no Gabinete Literário de Blosse. Entrou, não sem essa trepidação interior que causa a todos os homens de imaginação a certeza de uma luta. Encontrou na loja um singular velhote, uma das figuras originais do comércio de livros ao tempo do Império. Doguereau vestia casaca negra com grandes abas quadradas — e a moda mandava talhar então as casacas em cauda de bacalhau —, um colete de fazenda comum em xadrez de diversas cores, de onde pendiam, no lugar do bolso, uma corrente de aço e uma chave de cobre que caíam sobre uns vastos calções negros. O relógio deveria ter a espessura de uma cebola. Tal traje era completado por meias de malha, cor pardo-escura, e por sapatos ornados de fivelas de prata. O velho tinha a cabeça nua, decorada por cabelos grisalhos e muito poeticamente esparsos. O pai Doguereau, como o chamara Porchon, parecia-se, pela casaca, pelos calções e pelos sapatos, a um professor de belas-letas e, pelo colete, pelo relógio e pelas meias, a um negociante. Sua fisionomia não desmentia em nada essa singular combinação: tinha o ar magistral, dogmático, o rosto encovado do mestre de retórica e os olhos vivos, a boca desconfiada, a vaga inquietação do livreiro.

— O sr. Doguereau? — perguntou Luciano.

— Sou eu, senhor...

— Sou o autor de um romance — disse Luciano.

— É bem jovem — disse o livreiro.

— Mas, senhor, minha idade nada tem que ver com o negócio.

— É certo — disse o velho livreiro, tomando o manuscrito. — Oh, diacho! *O arqueiro de Carlos ix*, um bom título. Vejamos, rapaz, conte-me seu enredo em duas palavras.

— É uma obra histórica, senhor, no gênero de Walter Scott, em que o caráter da luta entre protestantes e católicos é apresentado como um combate entre dois sistemas de governo, durante o qual o trono esteve seriamente ameaçado. Tomei o partido dos católicos.

— Eh, menino, eis aí uma ideia. Está bem, vou ler o seu livro, prometo. Gostaria mais de um romance no gênero da sra. Radcliffe; [140] mas, se é trabalhador, se tem um pouco de estilo, de concepção,

de ideias, a arte da encenação, não desejo mais que lhe ser útil. Que é que nos falta?... Bons manuscritos.

— Quando poderei vir?

— Vou para fora esta tarde, estarei de volta depois de amanhã; terei lido sua obra, e, se ela me agradar, poderemos fazer o negócio nesse mesmo dia.

Luciano, vendo-o tão simples, teve a fatal ideia de tirar o manuscrito das *Boninas*.

— Senhor, tenho também uma coleção de versos...

— Ah! O senhor é poeta! Não quero mais o seu romance — disse o velhote, estendendo-lhe o manuscrito. — Os rimadores fracassam quando querem fazer prosa. Em prosa não há rípios, é absolutamente preciso dizer-se alguma coisa.

— Mas, senhor, Walter Scott também fez versos...

— É verdade — disse Doguereau, que se abrandou, adivinhando a penúria do rapaz, e guardou o manuscrito. — Onde mora o senhor? Irei vê-lo.

Luciano deu seu endereço, sem suspeitar naquele velhote nem sombra de segunda intenção; não reconhecia nele o livreiro da velha escola, o homem do tempo em que os livreiros sonhavam ter numa mansarda, a sete chaves, Voltaire e Montesquieu morrendo de fome.

— Volto precisamente pelo Quartier Latin — disse o velho depois de ter lido o endereço.

“Criatura bondosa!”, pensou Luciano ao cumprimentar o livreiro. “Encontrei enfim um amigo da mocidade, um conhecedor que sabe alguma coisa. Falem-me de homens assim! Bem que eu dizia a David: o talento triunfa com facilidade em Paris.”

Luciano voltou lépido e feliz, sonhava com a glória. Sem mais pensar nas sinistras palavras que acabavam de lhe ferir os ouvidos no balcão de Vidal e Porchon, via-se rico, dono de, pelo menos, mil e duzentos francos. Mil e duzentos francos representavam um ano de estada em Paris, um ano durante o qual prepararia novas obras. Quantos projetos arquitetados sobre essa esperança! Quantos sonhos doces vendo sua vida alicerçada sobre o trabalho! Imaginou-se firmado, bem-arranjado; pouco faltou para que não fizesse algumas

compras. Iludiu a impaciência por meio de leituras constantes no Gabinete de Blosse.

Dois dias depois, o velho Doguereau, surpreso com o belo estilo que Luciano já demonstrava na primeira obra, encantado com o exagero dos caracteres permitido pela época em que se desenvolvia o drama, impressionado com o transporte de imaginação com que um jovem autor traça sempre seu primeiro plano (não estava viciado o pai Doguereau!), veio ao hotel onde morava o seu Walter Scott em embrião. Estava decidido a pagar mil francos pelos direitos completos de *O arqueiro de Carlos ix* e a contratar Luciano para escrever várias obras. Ao ver a casa, a velha raposa se desdisse. “Um rapaz que mora aqui tem gostos modestos, ama o estudo, o trabalho: posso dar-lhe apenas oitocentos francos.”

A hoteleira, a quem perguntou pelo sr. Luciano de Rubempré, respondeu:

— No quarto andar!

O livreiro levantou o nariz e não viu mais que o céu acima do quarto andar. “Este moço”, pensou ele, “é um bonito rapaz, é mesmo muito bonito; se ganhar dinheiro demais, tornar-se-á um dissipador, não trabalhará mais. Em nosso comum interesse, eu lhe oferecerei seiscentos francos; mas em prata, nada de cédulas.” Subiu a escada e bateu três pancadas à porta de Luciano, que veio abrir. O quarto era de uma nudez desesperante. Havia sobre a mesa uma tigela de leite e um pãozinho de dois sous. Essa miséria do gênio impressionou o bondoso Doguereau.

“Que ele conserve”, pensou, “esses costumes simples, essa frugalidade, essas modestas necessidades.”

— Muito prazer em vê-lo — disse ele a Luciano. — Eis aí como vivia Jean-Jacques, com quem o senhor tem mais de uma analogia. Em alojamentos assim brilha o fogo do gênio e se compõem as belas obras. Eis como deveriam viver todos os homens de letras, em vez de andar em patuscadas pelos cafés e restaurantes, a perder seu tempo, seu talento e o nosso dinheiro.

Sentou-se.

— Moço, seu romance não está mau. Fui professor de retórica,

conheço a história da França; há nele coisas excelentes. Enfim, o senhor tem futuro.

— Oh, senhor!

— É, sim, estou-lhe dizendo, juntos poderemos fazer negócios. Compro seu romance...

O coração de Luciano se expandiu, palpitou; ele ia enfim entrar no mundo literário, seria enfim impresso.

— Compro-o por quatrocentos francos — disse Doguereau num tom meloso e olhando Luciano com um ar que parecia anunciar um excesso de generosidade.[141]

— O volume? — disse Luciano.

— O romance — respondeu Doguereau sem se alterar com a surpresa de Luciano. — Mas — acrescentou — será de contado. O senhor se comprometerá a me escrever dois por ano, durante seis anos. Se o primeiro se esgotar em seis meses, eu lhe pagarei os seguintes a seiscentos francos. Assim, à razão de dois por ano, terá cem francos por mês, sua vida estará assegurada, será feliz. Tenho autores a quem não pago mais de trezentos francos por romance. Dou duzentos francos por uma tradução do inglês, o que, não há muito, seria um preço exorbitante.

— Não nos poderemos entender, senhor, peço-lhe que devolva o meu manuscrito — disse Luciano friamente.

— Aqui está — disse o velho livreiro. — Não entende de negócios, senhor. Publicando o primeiro romance de um autor, o editor tem de arriscar mil e seiscentos francos de impressão e de papel. É mais fácil escrever um romance do que encontrar tal soma. Tenho cem manuscritos de romances em minha casa e não tenho sessenta mil francos em minha caixa. Arre! Não ganhei tal soma nos vinte anos em que sou livreiro. Não se faz fortuna com o ofício de imprimir romances. Vidal e Porchon não os aceitam senão em condições que se tornam dia a dia mais onerosas para nós. Onde o senhor arrisca apenas o seu tempo, tenho de desembolsar dois mil francos. Se nos enganamos, pois *habent sua fata libelli*,[142] eu perco dois mil francos, ao passo que o senhor nada mais terá a fazer do que escrever uma ode contra a estupidez do público. Depois de meditar sobre o que tive a honra de

dizer-lhe, virá de novo me ver. Voltará a mim — repetiu o livreiro com autoridade, respondendo a um gesto cheio de altivez que Luciano deixou escapar. — E, em vez de um livreiro que queira arriscar dois mil francos por um jovem desconhecido, não encontrará sequer um caixeiro que se dê ao trabalho de ler as suas garatujas. Eu, que as li, posso assinalar nelas vários erros de vernáculo. O senhor escreveu “*observer*”, em vez de “*faire observer*”, e “*malgré que*”, quando “*malgré*” exige regência direta.

Luciano pareceu humilhado.

— Se voltar a procurar-me, terá perdido cem francos — acrescentou —; não lhe darei então mais que cem escudos. — Levantou-se, saudou e já sobre a soleira da porta concluiu: — Se o senhor não tivesse talento e futuro, se eu não me interessasse pelos moços estudiosos, não lhe teria proposto condições tão vantajosas. Cem francos por mês! Veja bem. Afinal, um romance numa gaveta não é um cavalo na cavalaria; não come. Mas, em verdade, também nada rende!

Luciano pegou o manuscrito e atirou-o ao chão, exclamando:

— Prefiro queimá-lo, senhor!

— Tem cabeça de poeta — disse o velho.

Luciano devorou seu pão, bebeu o leite e desceu. O quarto não era suficientemente grande, e nele teria dado voltas em torno de si próprio como um leão na sua jaula no Jardin des Plantes.

IV – UM PRIMEIRO AMIGO

Na biblioteca Sainte-Geneviève, onde Luciano pensava ir, sempre notara no mesmo canto um rapaz de vinte e cinco anos aproximadamente, que trabalhava com essa aplicação persistente que nada distrai nem altera e pela qual se reconhecem os verdadeiros trabalhadores literários. Ali vinha, sem dúvida, havia muito tempo; os empregados e até mesmo o bibliotecário tinham para com ele certas condescendências: o bibliotecário deixava-o levar certos livros que Luciano via serem trazidos de volta no dia seguinte pelo estudioso desconhecido, em quem o poeta reconhecia um irmão na miséria e na esperança. Pequeno, magro e pálido, esse trabalhador escondia uma

bela fronte sob espessa cabeleira negra malcuidada, possuía belas mãos, atraía os olhares dos indiferentes por uma vaga semelhança com o retrato de Bonaparte conforme a gravura de Robert Lefebvre. Essa gravura é todo um poema de melancolia ardente, de ambição contida, de atividade secreta. Examinai-a bem! Encontrareis nela gênio e discrição, finura e grandeza. Os olhos têm o brilho de olhos de mulher, parecem ávidos do espaço e sequiosos de dificuldades a vencer. Ainda que o nome de Bonaparte não estivesse escrito por baixo, contemplá-la-íeis da mesma forma demoradamente.

O rapaz que tornava realidade a gravura vestia ordinariamente um par de calças com presilhas sob os sapatos de grossas solas, sobrecasaca de pano comum, gravata negra, colete de tecido gris com fios brancos, abotoado de alto a baixo, e um chapéu barato. Era visível seu desdém por toda roupa inútil. Luciano encontrava também esse misterioso desconhecido, marcado com o selo que o gênio imprime na fronte de seus escravos, jantando no Flicoteaux, como o mais assíduo de seus frequentadores. Comia ali para viver, sem prestar atenção aos alimentos, com os quais parecia familiarizado. Bebia água. Tanto na biblioteca como no Flicoteaux, o desconhecido ostentava em tudo certa dignidade, que lhe vinha sem dúvida da consciência de uma vida ocupada por qualquer coisa de grande e que o tornava inabordável. Seu olhar era pensativo. A meditação habitava sob aquela bela fronte nobremente talhada. Os olhos, negros e vivos, que viam bem e rapidamente, denunciavam o hábito de chegar ao fundo das coisas. Simples nos gestos, tinha sempre uma atitude grave. Luciano sentia por ele um respeito involuntário. Já, por várias vezes, haviam olhado um para o outro, como que para se falarem, à entrada ou à saída da biblioteca ou do restaurante, mas nem um nem outro o havia ousado. O silencioso rapaz ia para o fundo da sala, na parte situada sobre a esquina da Place de la Sorbonne. Luciano não conseguira assim travar relações com ele, apesar de se sentir atraído para o jovem trabalhador, em quem se evidenciavam os indescritíveis sinais da superioridade. Tanto um como o outro, tal como o reconheceram mais tarde, eram de natureza virgem e tímida, dada a todos os temores cujas emoções aprazem aos homens solitários. Sem seu encontro súbito no momento

do desastre que acabava de acontecer a Luciano, talvez nunca se tivessem comunicado. Mas, ao entrar na Rue des Grès, Luciano viu o jovem desconhecido que voltava de Sainte-Geneviève.

— A biblioteca está fechada, não sei por que, senhor — informou ele.

Luciano tinha naquele momento os olhos cheios de lágrimas. Agradeceu ao desconhecido por um desses gestos que são mais eloquentes que as palavras e que, de um moço para outro, abrem imediatamente os corações. Desceram ambos à Rue des Grès dirigindo-se para a Rue de La Harpe.

— Vou andar então pelo Luxembourg — disse Luciano. — A gente saindo, é difícil voltar ao trabalho.

— É, perde-se o fio das ideias — respondeu o desconhecido. — O senhor parece estar triste.

— Acaba de me acontecer uma singular aventura — disse Luciano.

Ele contou a visita aos livreiros do cais, depois a outra ao velho editor e as propostas que acabava de receber; disse o seu nome e algumas palavras sobre sua situação. No espaço de um mês, mais ou menos, havia gasto sessenta francos em refeições, trinta francos de hospedagem, vinte no teatro, dez no gabinete literário, ao todo cento e vinte francos; não lhe restavam mais que cento e vinte.

— Senhor — disse-lhe o desconhecido —, sua história é a minha e a mesma de mil a mil e duzentos jovens que todos os anos chegam da província a Paris. Não somos ainda dos mais desgraçados. Vê este teatro? — disse, mostrando a cúpula do Odéon. — Um dia veio alojar-se numa das casas que ficam ali na praça um homem de talento que se havia despenhado nos abismos da miséria. Casado (acréscimo de desgraça que não nos aflige ainda nem a um nem ao outro) com uma mulher que ele amava e mais empobrecido ainda, ou enriquecido, como quiser, por dois filhos, crivado de dívidas, mas confiante em sua pena. Apresentou no Odéon uma comédia em cinco atos. Foi aceita. Obteve prioridade. Os artistas a ensaiaram, o diretor ativou os ensaios. Mas essas cinco felicidades constituíram cinco dramas ainda mais difíceis de realizar do que escrever os cinco atos. O pobre autor, albergado numa água-furtada que daqui se pode ver, esgota os últimos recursos para viver durante a montagem da peça; a mulher empenha as

roupas; a família come apenas pão. No dia do último ensaio, véspera da representação, deviam cinquenta francos no bairro, ao padeiro, ao leiteiro, ao porteiro. O poeta conservara apenas o estritamente necessário: uma casaca, uma camisa, umas calças, um colete e um par de botas. Seguro do sucesso, vem beijar a mulher e lhe anuncia o fim de seus infortúnios. “Enfim, não há mais nada contra nós!”, exclama ele. “Há o fogo”, diz a mulher; “olha, o Odéon arde.” E o Odéon ardia, senhor. Não se lamente, pois. Tem roupas, não tem mulher nem filhos, tem por sorte cento e vinte francos na bolsa e nada deve a pessoa alguma. A peça de que lhe falei obteve afinal cento e cinquenta representações no teatro Louvois. O rei concedeu, depois, uma pensão ao autor. Buffon o disse: o gênio é a paciência. A paciência é, sem dúvida, o que no homem mais se assemelha ao processo que a natureza emprega em suas criações. O que é a arte, senhor, senão a natureza concentrada?

Os dois rapazes caminhavam agora pelo Luxembourg. Luciano soube logo o nome, que depois se tornou célebre, do desconhecido que se esforçava por consolá-lo. Era Daniel d’Arthez, hoje um dos mais ilustres escritores da época e uma dessas raras criaturas que, segundo o belo pensamento de um poeta, oferecem “a amálgama de um belo talento e de um belo caráter”.

— Não se pode ser um grande homem gratuitamente — afirmou Daniel com sua voz branda. — O gênio orvalha suas obras com lágrimas. O talento é uma entidade moral que tem, como todos os seres, uma infância sujeita a várias doenças. A sociedade repele os talentos incompletos, como a natureza elimina as criaturas fracas ou malconformadas. Quem se quer elevar acima dos homens deve preparar-se para a luta, não recuar diante de dificuldade alguma. Um grande escritor é um mártir que não morrerá. Eis tudo. O senhor tem na frente o selo do gênio — disse D’Arthez a Luciano, envolvendo-o num olhar —; se não tem dele a vontade no coração, se dele não possui a paciência angélica, se a qualquer distância da meta em que o ponham os caprichos do destino não souber retomar o caminho do seu infinito, como as tartarugas que, seja qual for o lugar em que estiverem, tomam sempre o rumo do seu amado oceano, então renuncie hoje mesmo.

— Aguarda então, também, muitos sofrimentos? — perguntou Luciano.

— Provações de toda a espécie; calúnias, traições, injustiças de meus rivais; desaforos, espertezas e grosserias do comércio — respondeu o moço com voz resignada. — Se a sua obra é bela, que importa uma primeira perda...

— Quer ler e julgá-la? — perguntou Luciano.

— Que seja — disse D'Arthez. — Moro na Rue des Quatre-Vents, numa casa onde um dos homens mais ilustres, um dos mais belos gênios de nosso tempo, um fenômeno na ciência, Desplein, o maior cirurgião conhecido, sofreu seu primeiro martírio debatendo-se ante as primeiras dificuldades da vida e da glória em Paris. Essa lembrança dá-me todas as noites a dose de coragem de que preciso todas as manhãs. Vivo no quarto onde ele muitas vezes comeu, como Rousseau, pão e cerejas, mas sem uma Teresa.^[143] Vá daqui a uma hora, estarei em casa.

Separaram-se os dois poetas apertando-se as mãos com indizível efusão de melancólica ternura. Luciano foi buscar seu manuscrito. Daniel d'Arthez foi levar seu relógio ao penhor para poder comprar dois feixes de lenha, a fim de que o novo amigo encontrasse o fogo aceso em sua casa, pois fazia frio. Luciano foi pontual e viu-se numa casa menos decente que seu hotel, com um corredor sombrio ao fim do qual começava uma escada escura. O quarto de Daniel d'Arthez, situado no quinto andar, tinha duas feias janelas entre as quais havia uma estante de madeira enegrecida, cheia de pastas com etiquetas. Uma pobre tarimba de madeira pintada, semelhante às camas de colégio, uma mesinha de cabeceira, comprada de segunda mão, e duas poltronas estofadas de crina ocupavam o fundo da peça. A parede era forrada de papel escocês, envernizado pela fumaça e pelo tempo. Uma comprida mesa carregada de papéis estava colocada entre a lareira e uma das janelas. Em frente à lareira havia uma velha cômoda de mogno. Um tapete gasto cobria inteiramente o assoalho. Era um luxo necessário para evitar despesas com o aquecimento. Diante da mesa, uma vulgar cadeira de escritório forrada de couro vermelho embranquecido pelo tempo. Mais seis cadeiras velhas completavam o

mobiliário. Sobre a lareira, Luciano viu um velho castiçal com para-luz, munido de quatro velas. Perguntou o motivo do uso de velas, quando em todas as coisas reconhecia os sintomas de uma áspera miséria. D'Arthez respondeu que lhe era impossível suportar o cheiro do candeeiro. Essa circunstância indicava grande delicadeza, era índice de fina sensibilidade.

A leitura durou sete horas. Daniel ouviu religiosamente, sem dizer palavra nem fazer uma só observação, uma das mais raras provas de bom gosto que possa dar um escritor.

— E então? — disse Luciano, colocando o manuscrito sobre a chaminé.

— O senhor vai por um bom e belo caminho — respondeu gravemente o moço —, mas sua obra precisa ser remodelada. Se não quer macaquear a Walter Scott,[144] é-lhe necessário criar uma técnica diferente, e o senhor o imitou. Começa, como ele, por longas conversações para apresentar os personagens; terminada a conversa, é que vêm a descrição e a ação. Esse antagonismo necessário a toda obra dramática vem por último. Inverta os termos do problema. Substitua essas conversas difusas, magníficas em Scott, porém sem cor no seu livro, por descrições às quais tanto se presta a nossa língua. Faça com que em seu livro o diálogo seja a consequência esperada a coroar os preparativos. Entre preliminarmente na ação. Tome o assunto ora pelo meio, ora pelo fim. Varie, enfim, os seus planos, para não ser sempre o mesmo. Será mesmo original adaptando à história da França a forma do drama dialogado do escocês. Walter Scott não tem paixão, ignora-a, ou talvez lhe fosse ela interdita pelos costumes hipócritas de seu país. Para ele, a mulher é a encarnação do dever. Com raras exceções, suas heroínas são absolutamente iguais; usou para todas elas o mesmo toque, segundo a expressão dos pintores. Procedem todas de Clarissa Harlowe,[145] relacionando todas com uma ideia; não podia senão tirar cópias do mesmo tipo, variando-as apenas pelo colorido mais ou menos vivo. A mulher leva a desordem à sociedade pela paixão. A paixão tem acidentes infinitos. Pinte pois as paixões, e terá os imensos recursos de que se privou aquele grande talento para poder ser lido por todas as famílias da puritana Inglaterra. Na França, encontrará os

pecados encantadores e os costumes brilhantes do catolicismo para opor às sombrias figuras do calvinismo durante o período mais apaixonado de nossa história. Cada grande reinado, a partir de Carlos Magno, necessita de pelo menos uma obra, e por vezes quatro ou cinco, como os de Luís XIV, Henrique IV, Francisco I. Fará assim uma história da França pitoresca, na qual pintará os costumes, os móveis, as casas, os interiores, a vida privada, comunicando-lhe o espírito do tempo, em vez de narrar penosamente fatos conhecidos. Encontrará meio de ser original reparando os erros populares que desfiguram a maior parte de nossos reis. Ouse, em sua primeira obra, restabelecer a grande e magnífica figura de Catarina,^[146] que o senhor sacrificou aos preconceitos que subsistem ainda contra ela. Pinte, enfim, Carlos IX como em verdade foi, e não como o fizeram os escritores protestantes. Ao cabo de dez anos de persistência há de alcançar glória e fortuna.

Eram já nove horas. Luciano, imitando a ação oculta de seu futuro amigo, ofereceu-lhe um jantar no Édon, onde despendeu doze francos. Durante o jantar, Daniel revelou a Luciano o segredo de suas esperanças e de seus estudos. D'Arthez não admitia talento superior sem profundo conhecimento de metafísica. Entregava-se nessa ocasião ao assalto de todos os tesouros filosóficos dos tempos antigos e modernos, para os assimilar. Queria, como Molière, ser um filósofo profundo antes de escrever comédias. Estudava o mundo escrito e o mundo vivo, o pensamento e os fatos. Tinha como amigos sábios naturalistas, jovens médicos, escritores políticos e artistas, círculo de pessoas estudiosas, sérias, cheias de futuro. Vivia de artigos conscienciosos e mal pagos, feitos para dicionários biográficos, enciclopédicos ou de ciências naturais; não escrevia nem mais nem menos do que o necessário para viver e poder dedicar-se ao seu sonho. D'Arthez entregara-se a uma obra de ficção unicamente para estudar os recursos da língua. O livro, inacabado ainda, tomado e deixado por capricho, era guardado para os dias de grande abatimento. Era uma obra psicológica e de largo fôlego, sob a forma de romance.

Embora Daniel mal se houvesse revelado modestamente, pareceu gigantesco a Luciano. Ao sair do restaurante, às onze horas, Luciano já se havia tomado de viva amizade por aquela virtude sem ênfase, por

aquela natureza sublime sem o saber.

O poeta não discutiu os conselhos de Daniel; seguiu-os ao pé da letra. Aquele belo talento já amadurecido pela meditação e por uma crítica solitária, inédita, feita para ele e não para outrem, havia-lhe de repente descerrado as portas dos mais magníficos palácios da fantasia. Os lábios do provinciano como que haviam sido tocados por um carvão ardente, e a palavra do trabalhador parisiense encontrou no cérebro do poeta de Angoulême uma terra preparada. Luciano pôs-se a refundir a própria obra.

V – O CENÁCULO

Feliz por haver encontrado no deserto de Paris um coração em que abundavam sentimentos generosos que se harmonizavam com os seus, o grande homem da província fez o que fazem todos os moços famintos de afeição: ligou-se a D'Arthez como uma doença crônica. Ia procurá-lo para o acompanhar à biblioteca, passeava a seu lado no Luxembourg nas tardes bonitas, reconduzia-o todas as noites até seu pobre quarto, depois de haver jantado a seu lado no Flicoteaux, aferrava-se enfim a ele como um soldado se achegava ao vizinho nas planícies geladas da Rússia. Nos primeiros dias de suas relações com Daniel, Luciano notou, com pesar, certo constrangimento causado por sua presença ao reunir-se o grupo de íntimos. A conversa daqueles seres superiores, de quem D'Arthez lhe falava com acentuado entusiasmo, mantinha-se nas raias de uma reserva em desacordo com os vivos testemunhos da amizade que os unia. Luciano saía então discretamente sentindo-se triste ante o ostracismo de que era objeto e a curiosidade que nele excitavam aquelas criaturas desconhecidas, pois todos se chamavam pelos nomes de batismo. Cada um trazia na frente, como D'Arthez, o signo de um talento especial. Após secretas oposições, combatidas, sem que ele o soubesse, por Daniel, Luciano foi enfim julgado digno de entrar para aquele cenáculo de grandes espíritos. Pôde assim conhecer aquelas pessoas que, ligadas pela mais viva simpatia e pela seriedade de sua existência intelectual, reuniam-se quase todas as noites no quarto de D'Arthez, em quem todos pressentiam o grande escritor:

consideravam-no seu guia desde que haviam perdido um dos espíritos mais extraordinários da época, um gênio místico, seu primeiro chefe, que, em virtude de razões que é inútil recordar, voltara para a sua província e a quem Luciano os ouvia frequentemente designar pelo prenome de Luís.[147]

Compreender-se-á facilmente o quanto aqueles personagens deveriam despertar o interesse e a curiosidade de um poeta, sabendo-se que, mais tarde, conquistaram vários deles, inclusive D'Arthez, plena glória, enquanto outros sucumbiram.

Entre aqueles que ainda vivem contava-se Horácio Bianchon,[148] então interno do Hôtel-Dieu,[149] que veio a ser depois um dos luminares da Escola de Paris, e tão conhecido hoje em dia que é desnecessário pintar sua pessoa ou descrever-lhe o caráter e a natureza de seu espírito. Vinha em seguida Leão Giraud,[150] o filósofo profundo, teorista ousado, que, revolvendo todos os sistemas, os julga, resume, formula para os arrojados aos pés de seu ídolo, a HUMANIDADE; sempre grande, mesmo em seus erros, enobrecidos pela boa-fé. Esse trabalhador intrépido, esse sábio consciencioso tornou-se chefe de uma escola moral e política sobre cujo mérito somente o tempo se poderá pronunciar. Se suas convicções o destinaram a regiões diversas daquelas para as quais se arremessaram seus camaradas, nem por isso deixou ele de se conservar o mesmo fiel amigo.

A arte estava ali representada por José Bridau,[151] um dos melhores pintores da nova escola. Sem as secretas infelicidades a que o condenava a sua natureza extraordinariamente impressionável, José — sobre quem, aliás, ainda não se pronunciou juízo definitivo — seria um continuador dos grandes mestres da escola italiana: possui o desenho de Roma e o colorido de Veneza; o amor, entretanto, o mata, e não lhe fere apenas o coração: lança-lhe as flechas no cérebro, transforma-lhe a vida e o leva a fazer os mais estranhos zigue-zagues. Conforme uma amante efêmera o torne muito feliz ou muito desgraçado, José envia à Exposição ou esboços em que a cor empasta o desenho ou quadros que entendeu acabar sob o peso de aflições imaginárias e nos quais o desenho o preocupou tanto que a cor, da qual dispõe com maestria, deles se encontra ausente. Desilude incessantemente tanto o público

como os amigos. Hoffmann[152] o teria adorado por suas ousadas inovações no campo das artes, por seus caprichos, por sua fantasia. Quando normal, excita a admiração, saboreia-a e se espanta então de não receberem elogios as obras fracassadas nas quais com os olhos da alma vê tudo o que está ausente aos olhos do público. Bizarro até o mais alto grau, seus amigos viram-no um dia destruir um quadro perfeito no qual encontrava um ar muito arranjado. “Muito acabado”, dizia ele, “muito escolar.” Original e sublime por vezes, sente todas as desditas e todas as venturas dos organismos nervosos, nos quais a perfeição se transforma em doença. Seu espírito é irmão do de Sterne, [153] embora sem seu labor literário. Seus ditos, seus arroubos de pensamento têm um sabor inédito. É eloquente e sabe amar, mas com seus caprichos, que revela tanto nos sentimentos como no trabalho. Era estimado no cenáculo precisamente por aquilo que no mundo burguês se teria chamado de defeitos.

Havia, enfim, Fulgêncio Ridal, um dos autores contemporâneos de maior veia cômica, poeta despreocupado da glória, que não leva ao teatro senão as mais vulgares de suas produções e que guarda no serralho de seu cérebro, para si próprio e para os amigos, as cenas mais encantadoras; não pede ao público senão o dinheiro necessário à sua independência, nada mais fazendo desde que o haja conseguido. Preguiçoso e fecundo como Rossini, obrigado, como os grandes poetas satíricos, como Molière e Rabelais, a só considerar o pró e não o contra, era um cético, podia rir e ria de tudo. Fulgêncio Ridal é um grande filósofo prático. O conhecimento do mundo, o gênio de observação, o desdém pela glória não lhe secaram entretanto o coração. Tão ativo por outrem quanto indiferente aos seus próprios interesses, quando se dá a algum trabalho é sempre por um amigo. Para não mentir à sua máscara verdadeiramente rabelaisiana, não odeia a boa comida mas também não a procura, é ao mesmo tempo alegre e melancólico. Seus amigos o chamam de *cão do regimento*, e nada o pintaria melhor que esse apelido.

Três outros, pelo menos tão grandes como esses quatro amigos aqui desenhados de perfil, deveriam sucumbir com pequenos intervalos: primeiro Meyraux,[154] depois de haver agitado a célebre disputa

entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, grande questão que deveria dividir o mundo científico entre esses dois gênios rivais, meses antes da morte daquele que pugnava por uma ciência estreita e analista contra o panteísta que ainda vive e que a Alemanha reverencia. Meyraux era um amigo de Luís, que uma morte prematura iria logo arrebatá-lo ao mundo intelectual. A esses dois homens, marcados ambos pela morte, ambos obscuros hoje, apesar da imensa projeção do seu saber e do seu gênio, devemos acrescentar Miguel Chrestien,^[155] republicano de grande projeção, que sonhava a federação da Europa e que em 1830 muito se empenhou no movimento moral dos saint-simonianos. Político da força de Saint-Just e de Danton, porém simples e doce como uma moça, cheio de ilusões e de amor, dotado de uma voz melodiosa que teria encantado Mozart, Weber ou Rossini, e cantando certas canções de Béranger^[156] de forma a inebriar os corações de poesia, de amor ou de esperança, Miguel Chrestien, pobre como Luciano, como Daniel, como todos os seus amigos, ganhava a vida com a despreocupação de um Diógenes.^[157] Fazia índices para grandes obras, prospectos para livreiros, tão mudo, quanto às suas doutrinas, como é mudo o túmulo sobre o segredo da morte. Esse alegre boêmio da inteligência, esse grande homem de Estado, que teria, talvez, modificado a face do mundo, morreu depois, no claustro Saint-Merry,^[158] como simples soldado. A bala de algum negociante matou ali uma das mais nobres criaturas que já pisaram o solo francês. Miguel Chrestien pereceu por outras doutrinas que não as suas. Sua federação ameaçava, mais ainda que a propaganda republicana, a aristocracia europeia; era mais racional e menos louca que as tremendas ideias de liberdade indefinida proclamadas pelos moços insensatos que se apresentam como herdeiros da Convenção. Esse nobre plebeu foi chorado por todos quantos o conheceram; não há um só entre eles que não pense frequentemente nesse grande político desconhecido.

Esses nove personagens compunham um cenáculo onde a estima e a amizade faziam reinar a paz entre as ideias e doutrinas mais opostas.

Daniel d'Arthez, cavalheiro da Picardia, pugnava pela monarquia com uma convicção igual à que fazia Chrestien se bater pelo federalismo europeu. Fulgêncio Ridal zombava das doutrinas

filosóficas de Leão Giraud, que predizia a D'Arthez o fim do cristianismo e da família. Miguel Chrestien, que acreditava na religião do Cristo, o divino legislador da igualdade, defendia a imortalidade da alma contra o escalpelo de Bianchon, o analista por excelência. Discutiam todos sem disputar. Não tinham vaidades, e eram eles mesmos seu auditório. Comunicavam-se seus trabalhos e se consultavam com a adorável boa-fé da juventude. Tratava-se de uma questão séria? O oponente abandonava sua opinião para colaborar nas ideias do amigo, tanto mais apto para o auxiliar quanto era imparcial numa causa ou numa obra estranha às suas convicções. Quase todos tinham o espírito amável e tolerante, duas qualidades que provam superioridade. A inveja, esse terrível tesouro de nossas esperanças frustradas, de nossos talentos abortados, de nossos êxitos comprometidos e nossas pretensões feridas, era-lhes desconhecida. Marchavam todos, aliás, por diferentes caminhos. Também aqueles que eram admitidos, como Luciano, na sua sociedade sentiam-se à vontade. O verdadeiro talento é sempre acolhedor e cândido, aberto, franco; nele o epigrama acalenta o espírito e não visa jamais o amor-próprio. Uma vez dissipado o constrangimento inicial causado pelo respeito, experimentava-se uma doçura infinita junto àquelas criaturas de escol. A familiaridade não excluía a consciência que cada qual tinha do próprio valor. Sentiam uns pelos outros profunda estima. Sentindo-se todos capazes tanto de ser o benfeitor como o beneficiado, aceitavam qualquer favor sem cerimônia. As conversas, cheias de encanto e infatigáveis, abrangiam os mais variados assuntos. Leves como flechas, as palavras atingiam fundo o alvo, partindo com rapidez.

A grande miséria exterior e o esplendor das riquezas intelectuais produziam um contraste singular. Ali, ninguém pensava nas realidades da vida senão para fazer gracejos amáveis.

Num dia em que o frio se fez sentir prematuramente, cinco dos amigos de D'Arthez chegaram, cada qual tendo tido a mesma ideia: todos traziam alguma lenha sob a capa, tal como nesses repastos campestres a que cada convidado deve fornecer um prato e ao qual levam todos um pastelão. Dotados dessa beleza moral que reage sobre o físico e que, não menos que os trabalhos e vigílias, doura os rostos

jovens de um colorido divino, eles apresentavam os traços um pouco atormentados que a pureza da vida e o fogo do pensamento regularizam e purificam. Suas fronteiras faziam-se notar pela amplitude poética. Os olhos vivos e brilhantes testemunhavam uma vida sem máculas. Os sofrimentos da miséria, quando se faziam sentir, eram suportados tão alegremente, aceitos com tal ardor por todos que absolutamente não alteravam a serenidade peculiar aos jovens, ainda isentos de faltas graves, que não se amesquinham em nenhuma das covardes transações a que levam a miséria mal suportada, o desejo de triunfar sem escolha dos meios e a fácil complacência com que os homens de letras acolhem ou perdoam as traições.

O que torna as amizades indissolúveis e lhes duplica o encanto é um sentimento que falta ao amor: a certeza. Aqueles moços sentiam-se seguros de si mesmos: o inimigo de um deles tornava-se inimigo de todos. Abandonariam seus interesses mais urgentes para obedecer à santa solidariedade de seus corações. Incapazes todos de uma covardia, podiam opor um *não* formidável a qualquer acusação e defender-se uns aos outros com segurança. Igualmente nobres de coração e de igual força nas coisas de sentimento, tudo podiam pensar, tudo dizer-se no terreno da ciência e da inteligência; daí a inocência de suas palestras, a jovialidade de suas palavras. Certos de se compreenderem, seus espíritos divagavam à vontade; por isso não faziam cerimônias entre si, confiavam-se mutuamente suas penas e alegrias, pensavam e sofriam de coração aberto. As encantadoras gentilezas que fazem da fábula *Os dois amigos*^[159] um tesouro para as grandes almas, eram entre eles habituais. Compreende-se, pois, a severidade com que julgavam antes de admitir um novo frequentador em sua roda. Possuíam em alto grau a consciência de sua grandeza e de sua felicidade para arriscá-la deixando ali entrar elementos novos e desconhecidos.

Essa comunidade de sentimentos e de interesses perdurou sem choques nem descontentamentos por vinte anos. Somente a morte, que lhes arrebatou Luís Lambert, Meyraux e Miguel Chrestien, pôde diminuir a nobre plêiade. Em 1832, ao sucumbir este último, Horácio Bianchon, Daniel d'Arthez, Leão Giraud, José Bridau e Fulgêncio Ridal foram, apesar do perigo da diligência, retirar seu corpo de Saint-Merry

para lhe prestar suas últimas homenagens à face inflamada da política. Acompanharam-lhe os restos queridos até o cemitério do Père-Lachaise em plena noite. Horácio Bianchon conseguiu remover todas as dificuldades do caso e não recuou diante de nenhuma, indo até falar aos ministros, confessando-lhes a velha amizade que o ligava ao federalista morto. Foi uma cena tocante que ficou gravada na memória dos poucos amigos que acompanharam os cinco notáveis companheiros.

Ao passar alguém por aquele elegante cemitério, verá uma sepultura perpétua sobre a qual se eleva um túmulo de relva encimado por uma cruz de madeira negra, na qual se veem gravados em letras vermelhas estes dois nomes: MIGUEL CHRESTIEN. É o único monumento nesse estilo ali existente. Os cinco amigos acharam que era preciso render homenagem àquele homem simples através dessa simplicidade.

Na fria mansarda faziam-se realidade, assim, os mais belos sonhos do sentimento. Ali, irmãos, igualmente fortes em diferentes ramos da ciência, esclareciam-se mutuamente com inteira boa-fé, tudo dizendo, mesmo os pensamentos maus, possuidores que eram todos de imensa instrução e todos provados no cadinho da pobreza. Admitido entre aquelas criaturas de escol e considerado como seu igual, Luciano passou a representar ali a poesia e a beleza. Leu a esses amigos sonetos que foram admirados. Pediam-lhe que dissesse um soneto, como ele pedia a Miguel Chrestien que cantasse uma canção. No deserto de Paris, Luciano encontrou um oásis naquela Rue des Quatre-Vents.

VI – AS FLORES DA MISÉRIA

No começo do mês de outubro, Luciano, depois de haver empregado o resto do seu dinheiro na compra de um pouco de lenha, ficou sem recursos, no meio do mais ardente trabalho de remodelação de sua obra. Daniel d'Arthez queimava bolas de turfa e suportava heroicamente a miséria: não se queixava nunca, era metódico como uma solteirona e, de tão meticuloso, assemelhava-se a um avaro.

Tal coragem excitava a de Luciano, que, recém-chegado ao cenáculo, sentia invencível constrangimento em falar de seus apertos. Certa

manhã foi à Rue du Coq para vender *O arqueiro de Carlos ix* a Doguereau, a quem não encontrou.

Luciano ignorava o quanto os espíritos superiores são indulgentes. Os seus amigos compreendiam as fraquezas peculiares aos poetas, o abatimento que se segue aos esforços da alma superexcitada pela contemplação da natureza que têm a missão de reproduzir. Aqueles homens tão fortes contra seus próprios males eram fracos quando se tratava das dores de Luciano. Havia adivinhado sua falta de dinheiro. O cenáculo coroou, pois, os doces serões de palestras, de profundas meditações, de poesias, de confidências, de excursões a pleno voo nos campos da inteligência, no futuro das nações, nos domínios da história, por um rasgo que provava o quanto Luciano compreendera pouco seus novos amigos.

— Luciano, meu amigo — disse-lhe Daniel —, não foste ontem jantar no Flicoteaux, e nós sabemos por quê.

Luciano não pôde reter as lágrimas que lhe correram pelas faces.

— Não tiveste confiança em nós — acrescentou Miguel Chrestien —, faremos uma cruz na chaminé, e quando chegarmos a dez...

— Encontramos todos — disse Bianchon — algum trabalho extraordinário: eu cuidei por conta de Desplein de um doente rico; D'Arthez escreveu um artigo para a *Revue Encyclopédique*;[160] Chrestien quis ir cantar uma noite nos Champs-Élysées com um lenço e quatro velas, mas achou uma brochura para escrever por conta de um sujeito que quer se fazer na política e fez-se de Maquiavel por seiscentos francos; Leão Giraud pediu emprestados cinquenta francos a seu livreiro; José vendeu alguns esboços; e a peça de Fulgêncio foi levada domingo e teve a sala repleta.

— Eis aqui duzentos francos — disse Daniel —; aceita-os, e que nunca mais nos faças outra.

— Ora, não é que ele vai nos abraçar, como se tivéssemos feito qualquer coisa de extraordinário? — disse Chrestien.

Para que compreendamos bem quanta felicidade sentia Luciano no meio daquela enciclopédia viva de espíritos angélicos, de rapazes assinalados por diferentes originalidades tiradas das ciências que cultivavam, basta conhecermos a resposta que Luciano recebeu, no dia

seguinte, a uma carta escrita à família, obra-prima de sensibilidade e de gratidão, um grito da alma que a aflição lhe arrancara.

DAVID SÉCHARD A LUCIANO

Meu caro Luciano, junto a esta encontrarás uma letra a noventa dias e à tua ordem no valor de duzentos francos. Poderás descontá-la na casa do sr. Métivier, negociante de papel, nosso correspondente em Paris, na Rue Serpent. Meu bom Luciano, não possuímos absolutamente nada. Minha mulher pôs-se a dirigir a tipografia e se desincumbe de sua tarefa com um devotamento, uma paciência, uma atividade que me fazem bendizer os céus por me haverem dado por mulher um anjo assim. Ela mesma verificou a impossibilidade em que estamos de te enviar o menor auxílio. Mas, meu amigo, eu te julgo num tão belo caminho, acompanhado por corações tão grandes e tão nobres, que não poderás faltar ao teu belo destino, ajudado pelas inteligências quase divinas de Daniel d'Arthez, Miguel Chrestien e Leão Giraud, aconselhado por Meyraux, Bianchon e Ridal, que tua prezada carta nos fez conhecer. Sem que Eva o saiba, assinei esta letra, que hei de encontrar meios de saldar no vencimento. Não te afastes de tua estrada: é rude, mas há de ser gloriosa.

Preferiria sofrer mil dores antes de te saber caído em algum dos lamaçais de Paris, onde vi tanta gente. Continua com a coragem de evitar, como tens feito, os maus lugares, as pessoas nocivas, os estouvados e certos homens de letras que aprendi a julgar em seu justo valor durante a minha estada em Paris. Torna-te, enfim, o digno êmulo desses espíritos celestes que tão caros tomaste para mim. Teu procedimento será em breve recompensado.

Adeus, meu irmão bem-amado, tu me alegraste o coração, não esperava de ti tanta coragem.

DAVID

EVA SÉCHARD A LUCIANO

Meu amigo, tua carta fez-nos chorar a todos.

Que esses nobres corações, para os quais teu bom anjo te guiou, o saibam: uma mãe e uma pobre moça todas as noites e todas as manhãs rogarão a Deus por eles; e, se as preces mais ferventes subirem até o Seu trono, hão de obter algumas graças para todos vós. Sim, meu irmão, seus nomes estão gravados em meu coração. Ah! Um dia hei de vê-los! Irei, nem que tenha de fazer o caminho

a pé, agradecer-lhes a sua amizade por ti, porque ela se espalhou como um bálsamo sobre minhas chagas vivas. Aqui, meu amigo, trabalhamos como pobres operários. Meu marido, esse grande homem desconhecido, que amo cada dia mais, descobrindo a cada momento novas riquezas em seu coração, abandonou a tipografia, e adivinho por quê: tua miséria, a nossa, a de nossa mãe o assassinam. Nosso adorado David é, como Prometeu,^[161] devorado por um abutre, um negro desgosto de bico agudo. Quanto a ele, nobre que é, nem pensa sequer na fortuna que há de herdar. Passa os seus dias a fazer experiências sobre a fabricação de papel.

Pediu-me que, em seu lugar, me ocupasse dos negócios, nos quais me ajuda tanto quanto lhe permite a sua preocupação. Mas... estou grávida. Este acontecimento, que me teria enchido de alegria, me entristece na situação em que estamos todos. Minha pobre mãe tornou-se de novo moça, recuperou forças para seu fatigante trabalho de enfermeira. Postas de lado as preocupações de dinheiro, seríamos felizes.

O velho pai Séchard não dá um único cobre ao filho. David foi vê-lo para lhe pedir emprestado algum dinheiro a fim de te socorrer, porque tua carta o deixara desesperado. “Conheço Luciano, perderá a cabeça e fará loucuras”, dizia ele. Eu o repreendi. “Meu irmão, faltar seja no que for!...”, lhe respondi. “Luciano sabe que eu morreria de desgosto!” Minha mãe e eu, sem que David desconfie, empenhamos alguns objetos. Minha mãe os retirará logo que consiga algum dinheiro. Pudemos obter assim cem francos, que te mando pela posta.

Não me queiras mal, meu amigo, por não ter respondido à tua primeira carta. Estávamos numa situação de trabalhar até mesmo à noite; eu lidava como um homem. Ah! Não me sabia com tanta resistência. A sra. de Bargeton é uma mulher sem alma nem coração. Devia a si própria, mesmo não te amando mais, proteger-te e ajudar-te depois de te haver arrancado de nossos braços para te atirar nesse espantoso mar parisiense, onde é preciso a bênção de Deus para encontrar amizades verdadeiras entre essas vagas de homens e de interesses. Ela não deve ser lamentada. Eu desejava para ti uma mulher devotada, uma segunda eu mesma, mas agora, que sei teres amigos que te votam os mesmos sentimentos que nós, estou tranquila. Abre as tuas asas, meu belo gênio amado! Serás a nossa glória, como és já o nosso amor.

EVA

Meu filho querido, não posso senão abençoar-te depois do que te diz tua irmã e assegurar-te que minhas preces e meus pensamentos estão, pudera não!, cheios de ti apenas, em detrimento daqueles a quem vejo; porque há corações em que os ausentes têm sempre a preferência.

Em dois dias, Luciano pôde, assim, devolver a seus amigos o empréstimo tão bondosamente oferecido.

Nunca talvez a vida lhe tenha parecido tão bela, mas o movimento de seu amor-próprio não escapou aos olhares penetrantes de seus amigos e à sua delicada sensibilidade.

— Dir-se-ia que tens medo de nos dever alguma coisa — disse Fulgêncio.

— Oh! O prazer que ele manifesta é bem grave a meus olhos — observou Miguel Chrestien —, confirma as observações que eu já havia feito: Luciano é vaidoso.

— É poeta — disse D'Arthez.

— Censuram um sentimento tão natural como o meu?

— É preciso levar em conta que ele não no-lo escondeu — disse Leão Giraud —, ainda é franco; receio, porém, que mais tarde venha a nos temer.

— Mas por quê? — perguntou Luciano.

— Nós lemos em teu coração — respondeu José Bridau.

— Há em ti — disse Miguel Chrestien — um espírito diabólico com o qual justificarás a teus próprios olhos as coisas mais contrárias aos nossos princípios: em vez de sofista de ideias, serás um sofista de ação.

— Ah! Tenho medo disso — disse D'Arthez. — Travarás contigo mesmo, Luciano, discussões admiráveis, nas quais serás grande, para afinal terminarem em feitos censuráveis... Não estarás nunca de acordo contigo mesmo.

— Sobre o que fundam vocês esse requisito? — perguntou Luciano.

— Tua vaidade, meu caro poeta, é tão grande que a pões até mesmo na amizade! — exclamou Fulgêncio. — Toda vaidade desse gênero acusa um egoísmo assustador, e o egoísmo é o veneno da amizade.

— Oh! Meu Deus — exclamou Luciano —, vocês não sabem então quanto os estimo!

— Se nos estimasses como nós te estimamos, terias posto acaso

tanto empenho e tanta ênfase em nos devolver o que tivemos tanto prazer em te dar?

— Aqui não se empresta nada, dá-se — disse-lhe brutalmente José Bridau.

— Não nos consideres rudes, meu querido filho — disse-lhe Miguel Chrestien —, somos previdentes. Temos medo de te ver um dia preferindo as alegrias de uma pequena vingança às alegrias de nossa pura amizade. Lê o *Tasso* de Goethe, a maior obra desse grande gênio, e verás ali que o poeta ama os estofos cintilantes, os festins, os triunfos, o brilho: pois bem, sê tu o Tasso, sem a sua loucura. O mundo e seus prazeres te chamam? Permanece aqui... Transporta para a região do ideal tudo o que pedes à tua vaidade. Loucura por loucura, põe a virtude em tuas ações e o vício em tuas ideias, em vez de, como te dizia D'Arthez, pensar bem e proceder mal.

Luciano baixou a cabeça. Seus amigos tinham razão.

— Confesso que não sou tão forte como vocês — disse, lançando-lhes um olhar adorável. — Não tenho rins nem ombros capazes de sustentar Paris, de lutar com coragem. A natureza nos deu temperamentos e faculdades diferentes, e vocês conhecem melhor que ninguém o reverso dos vícios e das virtudes. Já estou cansado, confesso.

— Nós te ampararemos — disse D'Arthez. — É para isso, precisamente, que servem as amizades fiéis.

— A ajuda que acabo de receber é precária, e somos todos igualmente pobres. Em breve a necessidade me perseguirá. Chrestien, a soldo do primeiro que aparece, nada pode em matéria de livraria. Bianchon está fora desse círculo de negócios. D'Arthez conhece apenas livreiros e editores de livros de ciências ou de especialidades, que nenhuma influência têm sobre os editores de obras de ficção. Horácio, Fulgêncio, Ridal e Bridau trabalham numa ordem de ideias que os colocam a cem léguas dos livreiros. Preciso tomar uma decisão.

— Adota então a nossa: sofrer! — disse Bianchon. — Sofrer corajosamente e confiar no trabalho!

— Mas o que não é senão sofrimento para vocês é a morte para mim — replicou vivamente Luciano.

— Antes que o galo tenha cantado três vezes — disse sorrindo Leão

Giraud —, este homem terá traído a causa do trabalho pela da preguiça e dos vícios de Paris.

— A que os conduziu o trabalho? — perguntou Luciano, rindo.

— Quando se parte de Paris para a Itália, não se encontra Roma a meio caminho — disse José Bridau. — Para ti, as ervilhas deveriam nascer já preparadas com manteiga.

— E elas só nascem assim para os primogênitos dos pares de França — disse Miguel Chrestien. — Nós outros, porém, que as semeamos e as regamos, as achamos melhores.

A conversa tornou-se divertida e mudou de assunto.

Aqueles espíritos perspicazes, aqueles corações bondosos procuraram fazer esquecer essa pequena querela a Luciano, que compreendeu desde logo o quanto era difícil enganá-los.

Bem depressa chegou ele a um desespero interior que cuidadosamente ocultou dos amigos, julgando-os mentores implacáveis. Seu espírito meridional, que tão facilmente percorria a escala dos sentimentos, fazia-o tomar as mais contraditórias resoluções. Por várias vezes falou em lançar-se no jornalismo, e sempre seus amigos lhe diziam:

— Evita fazer isso.

— Seria a sepultura do belo, do suave Luciano que amamos e conhecemos — disse D'Arthez. — Não resistirias à constante alternativa de prazer e de trabalho de que é feita a vida dos jornalistas, e resistir é o fundamento da virtude. Ficarias tão encantado por exercer o poder, por ter direito de vida e morte sobre as obras do pensamento que te tornarias jornalista em dois meses. Ser jornalista é passar a procônsul na república das letras. Quem tudo pode dizer chega a tudo fazer! Esta máxima é de Napoleão, e é fácil de compreender.

— Não estarão vocês, por acaso, a meu lado? — perguntou Luciano.

— Não estaremos mais — exclamou Fulgêncio; — jornalista, não pensarias mais em nós, assim como a corista da Opéra, adorada e brilhante, no seu carro forrado de seda, não pensa em sua aldeia, em suas vacas e em seus tamancos. Já tens em demasia as qualidades do jornalista: o brilho e a rapidez do pensamento. Não te privarias nunca de um dito de espírito, embora fizesse ele chorar a um teu amigo. Vejo

os jornalistas nos saguões dos teatros; eles me causam horror. O jornalismo é um inferno, um abismo de iniquidades, de mentiras, de traições, que não se pode atravessar e de onde não se pode sair puro, senão protegido, como Dante, pelos louros divinos de Virgílio.[162]

Quanto mais o cenáculo interditava a Luciano tal caminho, tanto mais o seu desejo de conhecer o perigo o convidava a nele se arriscar. Começava a discutir consigo mesmo: não seria ridículo deixar-se uma vez mais surpreender pela miséria sem nada ter feito contra ela? Diante do insucesso das diligências a propósito de seu primeiro romance, Luciano estava pouco tentado a escrever um segundo. Aliás, de que viveria ele enquanto o escrevesse? Havia esgotado sua dose de paciência durante um mês de privações. Não poderia então fazer com nobreza o que os jornalistas faziam sem consciência nem dignidade? Seus amigos o insultavam com suas desconfianças; queria provar-lhes sua força de espírito. Ele talvez ainda os pudesse ajudar um dia, seria o arauto de suas glórias!

— De resto, o que é então uma amizade que recua diante da cumplicidade? — perguntou ele uma noite a Miguel Chrestien, a quem, em companhia de Leão Giraud, havia acompanhado até a casa.

— Não recuamos diante de coisa alguma — respondeu Miguel Chrestien. — Se tivesses a desgraça de matar tua amante, eu te ajudaria a esconder o crime e poderia estimar-te ainda; mas, se te tornasses um espião, fugiria de ti com horror, porque serias vil e infame conscientemente. Eis, em duas palavras, o que é o jornalismo. A amizade perdoa o erro, o movimento irrefletido da paixão, mas deve ser implacável para quem premeditadamente vai traficar com a sua alma, o seu pensamento e o seu espírito.

— Não poderei fazer-me jornalista para vender minhas poesias e meu romance e abandonar em seguida o jornal?

— Maquiavel faria isso, mas Luciano de Rubempré, não — disse Leão Giraud.

— Pois bem — exclamou Luciano —, hei de provar-lhe que valho tanto quanto Maquiavel!

— Ah! — exclamou Miguel apertando a mão de Leão. — Acabas de perdê-lo. Luciano — disse ele —, tens trezentos francos, com os quais

podes viver três meses à tua vontade; pois bem, trabalha, escreve um segundo romance; D'Arthez e Fulgêncio te auxiliarão no plano, tornar-te-ás grande, serás um romancista. Penetrarei eu num desses *lupanares do pensamento*; serei jornalista durante três meses; venderei teus livros ao primeiro livreiro de quem atacar as publicações. Escreverei os artigos, hei de obter tudo para ti; organizaremos um grande êxito, serás um grande homem e continuarás a ser o nosso Luciano.

— Desprezas-me então muito, acreditando que perecerei onde tu te hás de salvar! — disse o poeta.

— Perdoa-lhe, meu Deus, é uma criança! — exclamou Miguel Chrestien.

VII – O JORNAL VISTO POR FORA

Após haver desentorpecido o espírito nos serões passados em casa de D'Arthez, Luciano entrara a estudar os tópicos e as *charges* dos pequenos jornais.

Certo de ser pelo menos igual aos mais espirituosos dos seus redatores, ensaiou-se secretamente nessa ginástica do pensamento, e saiu certa manhã com a triunfante ideia de ir pedir trabalho a um dos coronéis dessas tropas ligeiras da imprensa.

Meteu-se na sua mais distinta indumentária e atravessou as pontes pensando que os escritores e jornalistas, os seus futuros irmãos, enfim, teriam um pouco mais de compreensão e desinteresse que as duas espécies de livreiros contra os quais se haviam chocado suas esperanças. Encontraria simpatias, alguma boa e doce afeição como a que achava no cenáculo da Rue des Quatre-Vents. Presa das emoções que assaltam todos os homens de imaginação diante de pressentimentos que vão surgindo e sendo combatidos, chegou na Rue Saint-Fiacre, perto do Boulevard Montmartre, ao prédio onde se localizavam os escritórios do pequeno jornal visado, cujo aspecto fê-lo sentir as palpitações de um rapazinho ao entrar numa casa suspeita. Subiu, não obstante, até a redação situada na sobreloja. Na primeira peça, separada em duas partes iguais por uma divisão feita até a

metade de tábuas e gradeada até o teto, encontrou um inválido, maneta, que com mão única segurava várias resmas de papel sobre a cabeça e tinha entre os dentes a livreta exigida pela fiscalização do selo. Esse pobre homem cujo rosto, de tom amarelo e semeado de bulbos vermelhos, lhe valera a alcunha de Colocíntida, mostrou-lhe por trás das grades o cérbero do jornal. Era um velho oficial condecorado, com o nariz metido no bigode grisalho, um gorro de seda preta na cabeça, e sepultado, como uma tartaruga sob a carapaça, numa ampla sobrecasaca azul.

— Desde que dia quer o senhor que comece a sua assinatura? — perguntou-lhe o oficial do Império.

— Não venho tomar uma assinatura — respondeu Luciano ao mesmo tempo que via sobre a porta que se seguia àquela pela qual havia entrado um cartaz onde se liam estas palavras:

REDAÇÃO

Entrada proibida ao público

— Uma reclamação, sem dúvida — tornou o soldado de Napoleão. — Ah! sim! fomos duros com Marieta.[163] O que quer, não sei ainda por quê. Mas, se vem tomar satisfações, estou pronto — acrescentou, relanceando o olhar pelos floretes e pistolas de moderna panóplia agrupados num feixe, a um canto.

— Ainda menos, senhor. Venho para falar ao redator chefe.

— Não há nunca ninguém aqui antes das quatro horas.

— Olhe cá, meu velho Giroudeau,[164] encontro onze colunas, que a cem *sous* cada uma perfazem cinquenta e cinco francos. Recebi apenas quarenta; portanto, você me deve ainda quinze francos, como eu lhe dizia...

Estas palavras partiam de uma cara de fuinha, branca como clara de ovo mal cozida, furada por dois olhos de um azul desbotado, mas assustadores de malícia, que pertenciam a um rapaz de talhe insignificante, que se escondia por trás do corpo espesso do antigo militar. Aquela voz gelou Luciano. Tinha alguma coisa do miar dos gatos e da sufocação asmática da hiena.

— Sim, meu pequeno miliciano — respondeu o oficial reformado —, mas você conta os títulos e as entrelinhas. Tenho ordem de Finot de somar o total das linhas e dividir pelo número necessário a cada coluna. Depois de praticar esta operação estrangulatória no seu trabalho, encontram-se três colunas a menos.

— Ah! O usurário não paga então os espaços em branco? Mas cobra-os ao sócio no preço do trabalho em conjunto. Vou procurar Estêvão Lousteau, Vernou...

— Não posso infringir as ordens, meu pequeno — disse o oficial. — Então, por quinze francos, você, que escreve seus artigos com a mesma facilidade com que eu fumo um charuto, reclama contra o seu ganhapão? Eh! Pague uma rodada de ponche a menos aos seus amigos, ou ganhe uma partida de bilhar a mais, e dará no mesmo.

— Finot faz economias que lhe sairão bem caras — respondeu o redator, que se levantou e partiu.

— Dir-se-ia que ele é Voltaire ou Rousseau, não é? — disse para si mesmo o caixa, olhando para o poeta de província.

— Senhor — disse Luciano —, voltarei às quatro horas.

Enquanto durara a discussão, Luciano pudera notar nas paredes os retratos de Benjamin Constant, do general Foy,^[165] dos dezessete oradores ilustres do partido liberal, ao lado de caricaturas contra o governo. Havia contemplado principalmente a porta do santuário onde se devia elaborar a espirituosa folha que o divertia todos os dias e que abusava do direito de ridicularizar os reis, os acontecimentos mais graves, de pôr, enfim, tudo à bulha, desde que houvesse lugar para uma boa piada.

Foi flunar pelos bulevares, prazer novo para ele, mas tão atraente que viu os ponteiros das pêndulas nas relojoarias marcarem quatro horas sem perceber que não havia almoçado. O poeta voltou prontamente para a Rue Saint-Fiacre, subiu a escada, abriu a porta, mas não encontrou mais o velho militar. Viu somente o inválido, sentado sobre o seu papel timbrado, comendo uma côdea de pão e guardando o posto com ar resignado, pois se mantinha agora no jornal sem o compreender, tal como outrora na faxina sem indagar o porquê das marchas repentinas ordenadas pelo imperador. Luciano concebeu

o ousado pensamento de enganar o temível funcionário: passou, de chapéu na cabeça, e abriu, como se fosse da casa, a porta do santuário. O escritório da redação ofereceu a seus olhos ávidos uma mesa redonda coberta por um pano verde e seis cadeiras de cerejeira guarnecidas de palha ainda nova. O assoalho pintado daquela pequena peça não havia sido ainda varrido, mas estava limpo, o que anunciava pouca frequência do público. Sobre a chaminé, um espelho, um relógio de vendeiro coberto de poeira, dois castiçais onde duas velas haviam sido brutalmente cravadas e, finalmente, alguns cartões de visitas esparsos. Sobre a mesa, velhos jornais amarrotados em torno de um tinteiro, cuja tinta seca parecia laca e decorado com penas recurvas dispostas em leque.

Leu, em tiras de papel ordinário, alguns artigos em letra quase ilegível e hieroglífica, rasgados na parte superior pelos tipógrafos, a quem essa marca serve para reconhecer os artigos já compostos. Depois, aqui e ali, sobre pedaços de papel pardo, admirou espirituosas caricaturas desenhadas por pessoas que sem dúvida haviam tratado de matar o tempo matando qualquer coisa para entreter a mão. Num papel de cor verde-clara, viu presos por alfinetes nove desenhos diferentes feitos a pena e ridicularizando *O solitário*,[166] livro que um sucesso inaudito recomendava então à Europa e que devia por isso molestar os jornalistas.

— O Solitário na província aparecendo as mulheres assombra. O Solitário é, num castelo, lido. — Efeitos do Solitário sobre os domésticos animais. — Entre os selvagens o Solitário explicado o mais sucesso brilhante obtém. — O Solitário traduzido para o chinês e apresentado pelo autor, de Pequim, ao imperador. — Pelo Monte Sauvage, Elódia violada. (Esta caricatura pareceu muito impudica a Luciano, mas o fez rir.) — Pelos jornais, o Solitário, sob um pálio processionalmente conduzido. — O solitário fazendo estalar um prelo os ursos fere. — Lido às avessas, os acadêmicos O solitário assombra por superiores belezas.

Luciano viu na margem de um jornal um desenho representando um redator que estendia o chapéu, e por baixo: *E os meus cem francos, Finot?*, palavras assinadas por um homem tornado famoso, mas que

jamais há de chegar a ser ilustre.

Entre a chaminé e a janela, via-se uma escrivaninha, uma poltrona de acaju, uma cesta de papéis e um tapete oblongo desses chamados *frente da lareira*; tudo coberto de uma espessa camada de pó. As janelas tinham apenas pequenas cortinas. Em cima da escrivaninha havia como que uns vinte trabalhos ali depositados durante o dia, gravuras, música, tabaqueiras “à Carta”,^[167] um exemplar da nona edição de *O solitário*, motivo ainda das maiores caçoadas do momento, e uma dúzia de cartas carimbadas.

Ao acabar de inventariar o estranho mobiliário e de fazer uma infinidade de reflexões, soadas já as cinco horas, Luciano voltou ao inválido para o interrogar. Colocintida terminara sua côdea e esperava, com paciência de sentinela, o militar condecorado, que talvez andasse flanando pelo bulevar.

No mesmo instante, uma mulher apareceu no vão da porta, depois de haver feito ouvir o farfalhar do vestido na escada e esse leve passo feminino tão fácil de se reconhecer. Era extremamente bonita.

— Senhor — disse ela a Luciano —, sei por que gaba tanto os chapéus da srta. Virgínia, e venho antes do mais pedir-lhe uma assinatura por um ano... Diga-me porém, as condições...

— Senhora, eu não sou do jornal.

— Ah!

— Uma assinatura a partir de outubro? — perguntou o inválido.

— Que é que a senhora reclama? — indagou o velho militar, aparecendo e entrando logo a conferenciar com a bela negociante de modas.

Quando Luciano, impaciente com a espera, voltou à primeira peça, ouviu esta frase final:

— Mas ficarei encantada, senhor. A srta. Florentina poderá vir à minha loja e escolher o que quiser. Deixe o caso a meu cargo. Fica tudo assim bem combinado: o senhor não falará mais em Virgínia, essa remendona incapaz de criar modelos, ao passo que eu, sim, os crio!

Luciano ouviu caírem no caixa vários escudos. Depois o militar se pôs a fazer a sua escrita.

— Senhor, estou aqui há mais de uma hora — disse o poeta com ar

agastado.

— *Eles* não vieram — disse o veterano de Napoleão, manifestando por polidez certo interesse. — Isso não me surpreende. Há já algum tempo que não os vejo. Pois é; estamos na metade do mês. Esses espertos só aparecem em época de pagamento, dias 29 e 30.

— E o sr. Finot? — disse Luciano, que havia guardado o nome do diretor.

— Está em sua casa, na Rue Feydeau. Colocíntida, meu velho, leve-lhe tudo o que chegou hoje, quando levars o papel à tipografia.

— Onde é então que se faz o jornal? — disse Luciano, falando consigo mesmo.

— O jornal? — disse o empregado, que recebeu de Colocíntida o troco do dinheiro do selo. — O jornal?... grum! grum! Meu velho, esteja amanhã às seis horas na oficina para ver despacharem-se os jornaleiros. O jornal, senhor, é feito na rua, em casa dos articulistas, e na oficina entre onze horas e meia-noite. No tempo do imperador, estas vendas de papel sujo não eram conhecidas. Ah! Ele teria feito vasculhar isto por quatro homens e um cabo de esquadra, e não se incomodaria por algumas frases como *esses* de agora. Mas chega de conversa. Se meu sobrinho aqui encontra interesse e se se escreve pelo filho do *outro*...[168] grum! grum!... afinal de contas, não é um mal. Bem! Os assinantes parecem que não estão chegando em colunas cerradas; vou deixar o posto.

— O senhor me parece estar a par das coisas da redação do jornal.

— Quanto ao aspecto financeiro... grum! grum! — disse o soldado, removendo o pigarro que tinha na garganta. — Conforme o talento, cem *sous* ou três francos a coluna, cinquenta linhas de quarenta letras, sem espaços. Eis aí. Quanto aos redatores, são singulares patifes, gentinha que eu não aproveitaria nem para bagageiros e que, só porque põem patas de mosca sobre o papel em branco, têm o vizo de desprezar um velho capitão de dragões da guarda imperial, aposentado como comandante de batalhão, e que entrou com Napoleão em todas as capitais da Europa...

Luciano, empurrado para a porta pelo soldado de Napoleão, que escovava sua casaca azul e manifestava a intenção de sair, teve a

coragem de se atravessar.

— Vim para ser redator — disse — e juro-lhe que sinto o maior respeito por um capitão da guarda imperial, esses homens de bronze...

— Muito bem dito, meu paisaninho — respondeu o oficial batendo na barriga de Luciano. — Mas a que classe de redatores aspira o senhor? — replicou o veterano, passando sobre o ventre de Luciano e descendo a escada. Só parou para acender o charuto no posto da porteira.

— Se vierem assinaturas, receba-as e tome nota, mãe Chollet. Sempre as assinaturas, só lido com assinaturas — tornou ele, voltando-se para Luciano, que o seguira. — Finot é meu sobrinho, o único na família que tem suavizado minha situação. Assim, quem quer que procure briga com Finot encontra o velho Giroudeau, capitão dos dragões da guarda, que partiu simples soldado do exército de Sambre-et-Meuse, cinco anos mestre de armas no primeiro de hussardos, Exército da Itália! Um, dois, e o queixoso será posto à sombra — acrescentou, fazendo um movimento de esgrima. — Ora, pois, meu pequeno; temos diversos corpos de redatores: há o redator que redige e tem sua paga, o redator que redige e nada recebe, o que nós chamamos de voluntário, e enfim o redator que nada redige e que não é o mais tolo; este jamais comete erros, apresenta-se como escritor, pertence ao jornal, paga-nos jantares, flana pelos teatros, sustenta uma atriz, é bastante feliz. De qual deles é que o senhor quer ser?

— Ora, redator que trabalhe muito, e portanto bem pago.

— Aí está o senhor como todos os conscritos, que querem ser marechais da França. Creia no velho Giroudeau, esquerda volver, acelerado, vá juntar pontas de cigarros na sarjeta como aquele bravo homem ali, que já serviu, como se vê pelo seu porte. Não é um horror que um velho soldado, que mil vezes saltou à goela da morte, ajunte pontas de cigarros em Paris? Deus do céu! Não és mais que um tratante, não defendeste o imperador! Enfim, meu filho, aquele paisano que você viu esta manhã ganhou quarenta francos este mês. Você fará mais? E, segundo Finot, é o mais espirituoso dos seus redatores.

— Quando o senhor se apresentou no Sambre-et-Meuse, alguém o

advertiu de que havia perigo?

— Céus!

— E então?

— E então, vá ver meu sobrinho Finot, um bravo rapaz, o rapaz mais leal que existe, se o puder encontrar, porque ele se move como um peixe. O seu trabalho não é escrever, fique sabendo, mas fazer com que os outros escrevam. Parece que os fregueses gostam mais de se regalar com as atrizes que de garatujar papel. Oh! São uns bichos esquisitos. Tenho a honra de cumprimentá-lo.

O caixa movimentou sua temível bengala ferrada, uma das protetoras de Germânico,[169] e deixou Luciano no bulevar, tão estupefato diante daquela pintura da redação como o ficara acerca dos resultados definitivos da literatura na loja de Vidal e Porchon. Luciano bateu dez vezes à casa de Andoche Finot, diretor do jornal, na Rue Feydeau, sem jamais o encontrar. De manhã cedo, Finot ainda não chegara. Ao meio-dia, Finot andava na rua; almoçava, diziam, em tal café. Luciano ia ao café, perguntava por Finot à moça do bar, vencendo repugnâncias inauditas: Finot acabara de sair. Enfim, Luciano, cansado, já considerava Finot como um personagem apócrifo e fabuloso. Achou mais simples esperar Estêvão Lousteau no Flicoteaux. O jovem jornalista explicaria sem dúvida o mistério que pairava sobre a vida do jornal ao qual estava ligado.

VIII – OS SONETOS

Desde o dia mil vezes abençoado em que Luciano conhecera Daniel d'Arthez, havia mudado de lugar no Flicoteaux. Os dois amigos jantavam ao lado um do outro e conversavam em voz baixa sobre alta literatura, sobre assuntos a aproveitar, a maneira de apresentá-los, de encetá-los, de desenvolvê-los. Nessa ocasião, Daniel d'Arthez corrigia os manuscritos de *O arqueiro de Carlos ix*, refazia-lhe capítulos, escrevia belas páginas que nele estão e o magnífico prefácio que supera talvez o livro e que tanta claridade derrama sobre a literatura dos novos.

Um dia, no momento em que Luciano se assentava ao lado de

Daniel, que o havia esperado e cuja mão ainda estava presa à sua, viu à porta Estêvão Lousteau, que fazia girar o trinco. Luciano largou bruscamente a mão de Daniel e disse ao garçom que iria jantar em seu antigo lugar junto ao balcão. D'Arthez lançou a Luciano um desses olhares angélicos em que o perdão oculta a reprovação, olhar que feriu tão vivamente o coração do poeta que ele retomou a mão de Daniel para de novo apertá-la.

— Trata-se de um negócio importante para mim. Eu te contarei — disse-lhe.

Luciano estava já em seu antigo lugar e cumprimentou Lousteau, ao tomar este o seu. A conversa começou logo entre os dois, e tão viva e animada se tornou imediatamente que Luciano foi buscar o manuscrito das *Boninas*, enquanto Lousteau terminava o jantar. Conseguira submeter seus sonetos ao julgamento do jornalista e contava com a afabilidade ostentada por este para obter editor ou para entrar no jornal. Ao voltar, Luciano viu, ao canto do restaurante, Daniel, que, com os cotovelos na mesa, olhava para ele tristemente; mas, devorado pela miséria e estimulado pela ambição, fingiu não ver seu irmão de cenáculo e seguiu Lousteau. Antes do fim do dia, o jornalista e o neófito foram sentar-se sob as árvores na parte do Luxembourg que, da grande allée de l'Observatoire, conduz à Rue de l'Ouest. Essa rua era então extenso lamaçal, bordado de canteiros e de valos, com casas apenas nas imediações da Rue de Vaugirard. Era uma passagem tão pouco frequentada que, à hora em que Paris janta, dois amantes poderiam brigar e trocar testemunhos de reconciliação sem temor de serem vistos. O único desmancha-prazeres possível seria o veterano de guarda na pequena prisão da Rue de l'Ouest, se acaso o venerável soldado se lembrasse de aumentar o número de passos de que se compõe seu monótono passeio. Foi nessa alameda, num banco de madeira, entre duas tílias, que Estêvão escutou os sonetos escolhidos para amostra entre os das *Boninas*. Estêvão Lousteau, que, após dois anos de aprendizagem, firmava o pé no estribo como redator e que contava algumas amizades entre as celebridades da época, parecia personagem imponente aos olhos de Luciano. Assim, enquanto desenrolava o manuscrito das *Boninas*, o poeta provinciano julgou

necessário fazer uma espécie de prefácio.

— O soneto, senhor, é um dos gêneros mais difíceis de poesia. Esse pequeno poema tem permanecido geralmente em abandono. Ninguém, na França, pôde ainda rivalizar com Petrarca, cuja língua, infinitamente mais flexível que a nossa, admite jogos de pensamentos repelidos pelo nosso *positivismo* (perdoe-me a palavra). Pareceu-me, pois, original estrear com uma coleção de sonetos. Victor Hugo preferiu a ode, Canalis[170] domina a poesia lírica, Béranger monopoliza a canção, Casimir Delavigne abraça a tragédia, e Lamartine, a meditação.

— O senhor é clássico ou romântico? — perguntou Lousteau.

O ar admirado de Luciano denotava tão completa ignorância do estado das coisas na república das letras que Lousteau achou necessário esclarecê-lo:

— Meu caro, o senhor chega em meio de uma encarniçada batalha. É preciso decidir-se imediatamente. A literatura está dividida, é claro, em várias zonas, mas os nossos grandes homens se dividem em dois campos. Os monarquistas são românticos, os liberais são clássicos. [171] A divergência de opiniões literárias junta-se à divergência das opiniões políticas, e daí se deriva uma guerra em que tomam parte todas as armas, tinta em torrentes, ditos de espírito como ferro pontiagudo, calúnias ferinas, alcunhas mordazes trocadas entre as glórias nascentes e as glórias em decadência. Por um capricho singular, os monarquistas românticos pedem a liberdade literária e a revogação das leis que dão formas convencionais à nossa literatura, enquanto os liberais querem manter a unidade, o ritmo do alexandrino e os temas clássicos. As opiniões literárias estão, pois, em desacordo, em cada um desses campos, com as opiniões políticas. Se for eclético, não terá ninguém a seu lado. Que partido vai tomar?

— Quais são os mais fortes?

— Os jornais liberais têm muito mais assinantes que os monarquistas e ministeriais; entretanto, Canalis assoma, embora monarquista e religioso, embora protegido pela Corte e pelo clero. Bah! sonetos! Isso é literatura de antes de Boileau — disse ainda Estêvão ao ver Luciano perturbado por ter de escolher entre duas bandeiras. —

Seja romântico. Os românticos compõem-se de gente moça, e os clássicos são perucas: os românticos acabarão por suprimi-los.

A palavra “peruca” era o único epíteto achado pelo jornalismo romântico, para com ele ridicularizar os clássicos.

— “As boninas” — disse Luciano, escolhendo o primeiro dos dois sonetos que justificavam o título e começavam o livro.

*Boninas do prado, as vossas várias cores
Não refulgem tão só para alegrar a vista.
Falam da alma vossa, onde o poeta e o artista
Como em um poema leem os seus próprios amores.*

*Vossos estames de ouro engastados em prata
Revelam um tesouro, a que irão adorar;
Vossas fibras que estão sempre e sempre a sangrar
Dizem de quanta pena a glória enfim os mata.*

*Será por terdes vós desabrochado quando,
Em um mundo melhor, Jesus, ressuscitando,
Fez surgir um mais puro, um mais divino amor,*

*Que no outono entreabris vossa alva corola,
Dizendo do prazer que em perfume se evola,
Ou para nos lembrar a mocidade em flor?*^[172]

Luciano ressentiu-se com a perfeita imobilidade de Lousteau, enquanto este ouvia o soneto; não conhecia ainda a desconcertante impassibilidade que dá o hábito da crítica e que caracteriza os jornalistas fatigados de prosa, de dramas e de versos. O poeta, habituado a receber aplausos, engoliu o desapontamento. Leu a seguir o soneto preferido pela sra. de Bargeton e por alguns dos seus amigos do cenáculo.

“Este talvez lhe arranque uma palavra”, pensou.

SEGUNDO SONETO

A BONINA

*Eu sou a bonina, e a mais bela que outrora
Fulgurava, entre mil, na relva constelada.
Pela minha beleza é que era procurada,
Meus dias se banhavam numa eterna aurora.*

*Mas agora, ai de mim, todo o meu ser invade
Um novo e triste dom, uma graça fatal.
E condenou-me a sorte a dizer a verdade
De que venho a morrer (porque a ciência é mortal).*

*Não mais silêncio e paz; com seu inquieto dedo
Vem amor arrancar-me o almejado segredo
E me deixa depois o coração desnudo.*

*Só a mim me maltrata e despetala a gente,
Só a mim lançam fora em gesto negligente,
Pisando-me, no chão, depois que sabem tudo.*

Ao terminar, o poeta lançou um olhar para o seu aristarco. Estêvão Lousteau contemplava as árvores do viveiro.

— E então? — disse-lhe Luciano.

— E então, meu caro, continue! Não o estou escutando? Em Paris, escutar sem falar é um elogio.

— Não está cansado? — perguntou Luciano.

— Continue — respondeu bastante bruscamente o jornalista.

Luciano leu o soneto seguinte; mas leu com a morte no coração, porque o sangue-frio impenetrável de Lousteau lhe gelava a eloquência. Se tivesse mais prática na vida literária, saberia que, entre os escritores, o silêncio e a incivildade em tais circunstâncias denotam a inveja causada por uma bela obra, do mesmo modo que as palavras de admiração demonstram o prazer inspirado por um trabalho medíocre que lhes tranquiliza o amor-próprio.

TRIGÉSIMO SONETO

A CAMÉLIA

Cada flor nos vem ler o Livro da Natura:

A rosa é para o amor e para a alacridade,

*A alma da violeta é enamorada e pura,
O lírio esplende e luz toda a simplicidade.*

*Mas a camélia, um monstro da cultura,
Que é rosa sem odor, lírio sem majestade,
Parece abrir, ao frio, pela estação mais dura,
Para os tédios sutis e vãos da virgindade.*

*Amo vê-las, no entanto, em teatros, pelas frisas,
Assim frias, assim alabastrinas, lisas,
Coroas de pudor, essas flores tão calmas*

*Que às negras cabeleiras se unem em conchegos
E sabem inspirar, como os mármore gregos,
Um puro e casto amor às nossas pobres almas.*

— Que pensa de meus pobres sonetos? — perguntou formalmente Luciano.

— Quer mesmo a verdade? — disse Lousteau.

— Sou ainda muito moço para a poder amar, e é muito grande o meu desejo de triunfar para poder ouvi-la sem me ferir, mas não sem desespero — respondeu Luciano.

— Pois bem, meu caro, o estilo confuso do primeiro evidencia obra feita em Angoulême e à qual, sem dúvida, não quer agora renunciar porque lhe deu muito trabalho. O segundo e o terceiro cheiram já a Paris. Mas leia outro mais — acrescentou com um gesto que pareceu encantador ao grande homem da província.

Encorajado pelo pedido, Luciano leu com mais confiança o soneto preferido por D'Arthez e Bridau, talvez por causa do colorido.

QUINQUAGÉSIMO SONETO

A TULIPA

*Sou a tulipa — olhai! — a bela flor de Holanda,
Tão bela que por mim os flamengos avaros
Alto preço darão, como aos diamantes raros,
Sendo eu bem senhoril, como a estirpe o demanda.*

*Pois meu porte é feudal, e, como uma Iolanda
Com sua longa saia em solenes pregueados,
Eu ostento na veste esses brasões pintados,
Gole em fundo de prata, ouro e púrpura em banda.*

*Com os raios do sol e o vermelhão real
Me foi tecendo o Jardineiro Celestial
Esse vestido assim, de uma trama tão fina.*

*Mas se nenhuma flor me iguala na realeza,
Aromas não verteu a ingrata Natureza
No meu cálice esguio como um vaso da China.*

— Que diz? — perguntou Luciano, depois de um momento de silêncio que lhe pareceu de duração desmesurada.

IX – UM BOM CONSELHO

— Meu caro — disse gravemente Estêvão Lousteau, olhando para a biqueira das botas que Luciano trouxera de Angoulême e que ainda usava para acabar com elas —, aconselho-o a enegrecer as botas com sua tinta de escrever a fim de poupar graxa, a fazer palitos de suas penas para ter a aparência de haver jantado, quando passear, ao sair do Flicoteaux, pela linda alameda deste jardim, à procura de um banco qualquer. Torne-se segundo escrevente de oficial de diligências, se tem ânimo para isso, caixeiro se tem chumbo nos rins, ou soldado se gosta da música militar. O senhor tem capacidade para três poetas, mas, antes de conseguir aparecer, terá seis vezes tempo para morrer de fome, se conta com o produto de suas poesias para viver. Ora, suas intenções, a julgar por suas palavras cheias de inexperiência, são as de cunhar moedas com o tinteiro. Não julgo a sua poesia; ela é superior em muito a todas as poesias que atravancam as prateleiras das livrarias. Esses elegantes “rouxinóis”, vendidos um pouco mais caro que os outros por causa do papel velino, vêm quase todos pousar às margens do Sena, onde o senhor poderá estudar seus cantos, se quiser

um dia fazer uma instrutiva peregrinação pelos cais de Paris,[173] desde a estante do pai Jerônimo, na Pont Notre-Dame, até a Pont-Royal. Lá encontrará todos os ensaios poéticos, inspirações, elevações, hinos, cantos, baladas, odes; enfim, todas as ninhadas descascadas nos últimos sete anos pelas musas, cobertas de poeira, salpicadas de lama pelos carros, violadas por todos os passantes que desejam ver a vinheta do título. O senhor não conhece pessoa alguma, não tem entrada em nenhum jornal, suas *Boninas* ficarão castamente fechadas como as conserva aí; jamais desabrocharão ao sol da publicidade no prado das grandes margens, esmaltado pelos florões prodigalizados pelo ilustre Dauriat, o livreiro das celebridades, o rei das Galeries de Bois. Meu pobre filho, também eu cheguei como você com o coração cheio de ilusões, impelido pelo amor da arte, arrastado para a glória por invencíveis impulsos: encontrei as dificuldades da profissão, as dificuldades das livrarias e o positivo da miséria. Minha exaltação hoje abafada, minha primeira efervescência escondiam-me o mecanismo do mundo; foi preciso vê-lo, chocar-me com todas as suas engrenagens, ir de encontro aos seus eixos, engraxar-me nos óleos, ouvir o rangido das correntes e dos volantes. Como eu, irá saber que, sob todas as coisas belas com que sonhamos, agitam-se criaturas, paixões e necessidades. Será fatalmente arrastado a tomar parte em lutas horríveis, de obra contra obra, homem contra homem, partido contra partido, nas quais a gente precisa bater-se sistematicamente para não ser abandonada pelos seus. Esses combates ignóbeis desencantam a alma, depravam o coração e fatigam em pura perda, porque os nossos esforços hão de servir muitas vezes para fazer coroar um homem a quem odiamos, um talento de segunda classe, apresentado, a pesar nosso, como um gênio. A vida literária tem também seus bastidores. Os êxitos roubados ou merecidos, eis o que a plateia aplaude; os meios, sempre repugnantes, os comparsas degradantes, a claqué e os encarregados da maquinaria, eis o que os cenários escondem. O senhor está ainda entre os espectadores. É tempo ainda, desista antes de pôr o pé sobre o primeiro degrau do trono disputado por tantas ambições, e não se desonre como eu, para poder viver. (Uma lágrima molhou os olhos de Estêvão Lousteau.) Sabe como é que eu vivo? — continuou com um

acento de raiva. — Algum dinheiro que minha família me pôde dar foi logo malbaratado. Encontrava-me sem recursos depois de ter visto aceita uma peça no Théâtre-Français. No Théâtre-Français, a proteção de um príncipe ou de um primeiro gentil-homem da câmara real não é o suficiente para que se consiga abrir caminho: os artistas não cedem senão àqueles que ameaçam seu amor-próprio. Se o senhor tiver o poder de fazer com que digam que o jovem galã sofre de asma, que a jovem primeira-dama esconde uma fístula onde quer que seja, que a *soubrette* tem mau hálito, será representado no dia seguinte. Não sei se daqui a dois anos eu, que lhe falo, estarei em condições de obter semelhante poder: são precisos muitos amigos. Onde, como e por que meio ganhar meu pão? É pergunta que me tenho feito muitas vezes ao sentir as ferroadas da fome. Depois de variadas tentativas, após haver escrito um romance anônimo comprado por duzentos francos pelo Doguereau, que com ele também não ganhou grande coisa, ficou provado que somente o jornalismo me poderia dar o que comer. Mas como entrar nessas barracas de feira? Não lhe contarei minhas diligências e minhas solicitações inúteis, nem seis meses passados a trabalhar como extranumerário, a ouvir dizer que eu afugentava os assinantes, quando, pelo contrário, os atraía. Passemos por alto sobre esses vexames. Faço uma revista agora nos teatros do bulevar, quase de graça, para o jornal de Finot, esse gorducho que almoça ainda duas ou três vezes por mês no Café Voltaire (mas aonde você não vai!). Finot é o redator chefe. Para viver, vendo as entradas que os diretores desses teatros me dão para recompensar minha “boa vontade” na crítica, e os livros que as livrarias me mandam e dos quais devo falar. Enfim, eu trafico, depois que Finot se satisfaz, com os tributos “em espécie” mandados pelos industriais, a favor dos quais ou contra os quais ele me permite escrever alguns artigos. A *Água carminativa*, a *Pasta das sultanas*, o *Óleo cerebral*, a *Mistura brasileira* pagam vinte ou trinta francos por um artigo engraçado. Sou forçado a ladrar atrás do livreiro que fornece poucos exemplares ao jornal; na redação ficam dois que Finot vende, e é preciso que haja outros dois para eu vender. O livreiro avaro de exemplares é desancado ainda que publique uma obra-prima. É ignóbil, mas vivo dessa profissão, eu, como centenas de outros! E não

pense que o mundo político é mais belo que esse ofício literário: tudo em ambos é corrupção. Os homens, neles, ou são corruptores ou corrompidos. Quando se trata de um empreendimento mais importante do editor, ele me paga, com medo de ser atacado. Assim, meus lucros estão sempre de acordo com os prospectos. Quando os prospectos surgem como epidemia, o dinheiro entra a rodo no meu bolso, e posso então regalar os meus amigos. Quando não há negócios de livraria, vou jantar no Flicoteaux. As artistas pagam também os elogios, mas as mais hábeis pagam as críticas; é que, mais do que tudo, temem o silêncio. Desse modo é que uma crítica, feita para ser alhures contestada, vale mais e é mais bem paga do que um seco elogio, esquecido no dia seguinte. A polêmica, meu caro, é o pedestal das celebridades. Nesse trabalho de espadachim das ideias e das reputações industriais, literárias e dramáticas, ganho cinquenta escudos por mês, posso vender um romance por quinhentos francos, e começo a ser considerado um homem temível. Quando, em vez de viver em casa de Florina,^[174] à custa de um droguista que se dá ares de milorde, estiver alojado em “minha” casa e trabalhando no grande jornal em que hei de manter um rodapé, nesse dia, meu caro, Florina se tornará uma grande artista. Quanto a mim, não sei o que poderei vir a ser então: ministro ou homem honesto, tudo é possível. (Levantou a cabeça humilhada, mergulhou na folhagem um olhar de desespero acusador, terrível.) E tenho uma bela tragédia aceita! E tenho em meus papéis um poema que há de morrer! E eu era bom e tinha o coração puro! Tenho por amante uma atriz do Panorama-Dramatique, eu, que sonhava belos amores entre as mais distintas mulheres da alta-roda! Enfim, por causa de um exemplar recusado ao meu jornal pelo livreiro, digi mal de um livro que em verdade acho belo!

Luciano, comovido até as lágrimas, apertou a mão de Estêvão.

— Fora do mundo literário — disse o jornalista levantando-se e dirigindo-se para a grande allée de l’Observatoire, por onde os dois poetas caminharam como para dar mais ar aos pulmões — não há uma só pessoa que conheça a horrível odisseia pela qual se chega ao que é preciso chamar, segundo o talento, a voga, a moda, a reputação, o renome, a celebridade, o favor do público; diferentes degraus que

levam à glória e que não a substituem nunca. Esse fenômeno moral, tão brilhante, compõe-se de mil incidentes que variam com tal rapidez que não há exemplos de dois homens que houvessem triunfado por caminhos iguais. Canalis e Nathan^[175] são dois fatos dissemelhantes que não se repetirão jamais. D'Arthez, que se esfalfa a trabalhar, tornar-se-á célebre por um outro qualquer acaso. Essa tão desejada reputação é, quase sempre, uma prostituta coroadada. Sim, para as baixas obras da literatura, ela representa a pobre moça que se enregela pelas esquinas; para a literatura de segunda classe, é a manteúda que sai dos lugares suspeitos do jornalismo e a quem eu sirvo de rufião; para a literatura vitoriosa, é a brilhante cortesã insolente, que possui bens, paga contribuições ao Estado, recebe os grandes senhores, a quem trata e maltrata, tem sua libré, sua carruagem, e pode fazer esperar os credores ávidos! Ai daqueles para quem ela é, como para mim outrora e hoje para o senhor, um anjo de asas matizadas, revestido de alva túnica, trazendo numa das mãos uma palma verde e na outra uma espada flamejante, partilhando a um tempo da abstração mitológica que vive no fundo de um poço e da pobre menina virtuosa exilada num arrabalde, que se enriquece unicamente pelas claridades da virtude e em consequência de uma nobre coragem, e que voa para os céus com o caráter imaculado, quando não morre enlameada, bolinada, violada, esquecida, no carro dos pobres. Os homens de cérebro cintados de bronze, corações ainda quentes sob as camadas de neve da experiência, são raros nesta terra que aí vê a nossos pés! — continuou ele, mostrando a grande cidade que fumegava ao cair do dia.

Uma visão do cenáculo passou rapidamente diante dos olhos de Luciano e o deixou comovido, mas foi arrastado por Lousteau, que continuava sua espantosa lamentação.

— São raros e esparsos nesta cuba em fermentação. Raros como os verdadeiros amantes no mundo amoroso, raros como as fortunas honestas no mundo das finanças, raros como um homem puro no jornalismo. A experiência do primeiro que me disse isto que lhe estou dizendo perdeu-se, como a minha será sem dúvida inútil para o senhor. Idêntico ardor precipita todos os anos, da província, para cá, número igual, para não dizer crescente, de ambições imberbes que se lançam,

cabeça erguida e coração altivo, ao assalto da moda, essa espécie de princesa Turandote dos *Mil e um dias*, para quem cada qual deseja ser o príncipe Calaf!^[176] Mas nenhum consegue decifrar o enigma. Tombam todos na fossa da desgraça, na lama do jornal, nos charcos das livrarias. Respigam, esses mendigos, artigos biográficos, crônicas e “fatos de Paris” nos jornais, ou livros encomendados por lógicos negociantes de papel impresso, que preferem a asneira vendida em quinze dias à obra-prima que leva tempo para ser colocada. Lagartas esmagadas antes de se tornarem borboletas, vivem de vergonhas e de infâmias, prontos a morder ou a gabar um talento nascente, por ordem de um paxá de *O Constitucional*,^[177] de *O Diário*,^[178] do *Debates*,^[179] a um sinal dos livreiros, a pedido de um camarada invejoso, ou, muitas vezes, por um jantar. Aqueles que vencem esses obstáculos esquecem as misérias do começo. Eu, que lhe estou falando, escrevi durante seis meses artigos, onde pus a flor de minha inteligência, para um miserável que os fazia passar por seus e que, por causa dessas amostras, foi admitido como redator de um rodapé. Não me colocou como colaborador; não me deu sequer cem sous. E sou forçado a lhe estender a mão e a apertar a dele.

— Mas por quê? — disse arrogantemente Luciano.

— Posso vir a precisar colocar dez linhas no seu rodapé — respondeu friamente Lousteau. — Enfim, meu caro, o segredo da fortuna, em literatura, não é trabalhar; trata-se de explorar o trabalho de outrem. Os proprietários de jornais são empreiteiros, e nós pedreiros. Assim é que, quanto mais medíocre for um homem, tanto mais rapidamente subirá. Pode engolir sapos, resignar-se a tudo, lisonjear as pequenas e baixas paixões dos sultões literários, como um recém-chegado de Limoges, Heitor Merlin,^[180] que se encarrega já da política num jornal da direita e que trabalha em nosso jornaleco: vi-o apanhar o chapéu que um redator chefe deixara cair no chão. Sem fazer sombra a ninguém, o tal rapaz passará entre as ambições rivais, enquanto elas estiverem se batendo. Você me dá pena. Vejo-me em você tal como eu era, e estou certo de que, dentro de um ou dois anos, será como sou agora. Pensará que existe alguma inveja oculta, algum interesse pessoal nestes conselhos amargos, que apenas são ditados pelo desespero do

condenado que não pode sair do inferno. Ninguém ousa dizer o que eu lhe grito com a dor do homem atingido no coração e como um outro Jó sobre a esterqueira: eis aqui minhas úlceras!

— Lutar, nesse campo ou nalgum outro, devo lutar — disse Luciano.

— Pois saiba, então! — tornou Lousteau —, a luta há de ser sem tréguas, se tiver talento, porque sua melhor sorte será a de não o possuir. A austeridade de sua consciência hoje pura curvar-se-á diante daqueles de quem o seu êxito depende, daqueles que com uma palavra lhe podem dar a vida, mas não a querem dizer, porque, acredite, o escritor da moda é mais insolente, mais duro para com os recém-chegados do que o mais brutal dos livreiros. Onde o livreiro não vê senão uma perda, o escritor receia um rival: um o despede, o outro o esmaga. Para fazer obras belas, meu pobre rapaz, terá de, a penadas de tinta, esgotar seu coração de ternura, de seiva, de energia, e ostentar paixões, sentimentos, frases! Sim, escreverá em lugar de agir, cantará em vez de combater, há de amar, há de odiar, há de viver, em seus livros; mas quando tiver reservado suas riquezas para o estilo, seu ouro e sua púrpura para os personagens, tendo de andar em andrajos pelas ruas de Paris, feliz por haver criado, rivalizando com o Registro Civil, [181] um ser chamado Adolfo, Corina, Clarissa ou Manon, [182] quando houver estragado sua vida e seu estômago para dar vida a essa criação, há de vê-la caluniada, traída, vendida, deportada para as lacunas do olvido pelos jornalistas, sepultada por seus melhores amigos. Poderá o senhor esperar pelo dia em que sua criatura se há de animar, acordada, por quem? Quando? Como? Há um livro magnífico, o *pianto* da incredulidade, *Obermann*, [183] que passeia solitário pelo deserto das prateleiras e que desde então os livreiros chamam ironicamente um “rouxinol”: quando chegará a Páscoa dele? Ninguém o sabe! Antes de tudo, procure encontrar um livreiro bastante ousado para imprimir as *Boninas*. Não se trata de fazer com que as paguem, mas apenas que as imprimam. Há de ver então cenas bem curiosas.

Esta rude tirada, pronunciada com os acentos diversos das paixões que exprimia, caiu como uma avalanche de neve sobre o coração de Luciano e nele pôs um frio glacial. Permaneceu de pé e silencioso alguns instantes. Por fim, seu coração, como que estimulado pela

horrível poesia das dificuldades, expandiu-se. Luciano apertou a mão de Lousteau e lhe disse:

— Hei de triunfar!

— Bem! — respondeu o jornalista —, mais um cristão que desce à arena para se entregar às feras. Meu caro, esta noite há uma representação no Panorama-Dramatique, só começa às oito horas; são seis. Vá pôr a sua melhor roupa; torne-se enfim apresentável. Venha buscar-me. Moro na Rue de La Harpe, nos altos do Café Serval, no quarto andar. Passaremos primeiro pela casa de Dauriat. O senhor persiste, não é verdade? Pois bem, far-lhe-ei conhecer esta noite um dos reis da livraria e alguns jornalistas. Depois do espetáculo, cearemos na casa de minha amante com alguns amigos, porque nosso jantar não pode ser contado como uma refeição. Ali há de encontrar Finot, redator chefe e proprietário do meu jornal. Conhece o dito de Minette, do Vaudeville: *O tempo é um grande bacalhau?*[184] Pois bem, para nós, o acaso é também um grande bacalhau, é preciso tentá-lo.

— Jamais hei de esquecer este dia — falou Luciano.

— Venha munido de seu manuscrito e esteja bem trajado, menos por causa de Florina do que do livreiro.

A bonomia de camarada, que sucedeu ao grito violento do poeta ao pintar a guerra literária, tocou Luciano tão vivamente como o havia comovido outrora, no mesmo local, a palavra grave e religiosa de D'Arthez.

Animado pela perspectiva de uma luta imediata entre ele e os homens, o inexperiente rapaz não calculava, absolutamente, a realidade dos sofrimentos morais que o jornalismo lhe pressagiava. Não se sabia colocado entre dois caminhos diferentes, entre dois sistemas representados pelo cenáculo e pelo jornalismo, dos quais um era longo, honrado, seguro; o outro, semeado de escolhos e perigoso, cheio de charcos lamacentos onde sua consciência teria de se conspurcar. Seu caráter levava-o a escolher o caminho mais curto e aparentemente mais agradável, a empregar os meios decisivos e rápidos. Não via, naquele momento, nenhuma diferença entre a nobre amizade de D'Arthez e a fácil camaradagem de Lousteau. Aquele espírito inconstante percebeu no jornal uma arma ao seu alcance,

sentiu-se bastante hábil para a manejar e desejou tomá-la. Deslumbrado pelos oferecimentos de seu novo amigo, cuja mão tocou a sua com uma negligência que lhe pareceu graciosa, poderia acaso adivinhar que no exército da imprensa todos precisam de amigos, como os generais precisam de soldados? Lousteau, vendo-o resolutivo, aliciava-o na esperança de o prender a si. O jornalista estava em seu primeiro amigo, como Luciano em seu primeiro protetor: um queria passar a cabo de esquadra, o outro queria ser soldado.

X – TERCEIRA VARIEDADE DE LIVREIRO

O neófito voltou alegremente ao hotel, onde se preparou com indumentária tão cuidada como a do nefasto dia em que se apresentou na Opéra no camarote da marquesa d'Espard. Mas já suas roupas lhe ficavam melhor; ele as havia afeiçoado a seu corpo. Pôs as belas calças colantes de cor clara, bonitas botas com borlas, que lhe haviam custado quarenta francos, e a casaca de baile. Mandou frisar, perfumar, enrolar em anéis brilhantes os abundantes e finos cabelos louros. Sua fronte se ornou de uma audácia colhida no sentimento de seu valor e de seu futuro. Suas mãos de mulher foram tratadas, as unhas em amêndoa tornaram-se polidas e rosadas. Sobre a gola de cetim negro, a curva branca do queixo resplandecia. Jovem mais bonito jamais descera a colina do Quartier Latin. Belo como um deus grego, Luciano tomou um fiacre, e às sete horas menos um quarto estava à porta da casa do Café Serval. A porteira convidou-o a subir quatro andares dando-lhe complicadíssimas noções topográficas. Munido dessas informações, encontrou, não sem custo, uma porta aberta ao fim de um longo corredor escuro, e reconheceu o quarto clássico do Quartier Latin. A miséria dos moços perseguia-o ali como na Rue de Cluny, em casa de D'Arthez, em casa de Chrestien, em toda parte! Mas em toda parte ela se distingue pelo cunho que lhe dá o caráter do paciente. Ali, a miséria era sinistra. Um leito de noqueira, sem cortinas, embaixo do qual se enrugava um pobre tapete de liquidação; nas janelas, cortinas amareladas pela fumaça de uma chaminé que não funcionava e pela dos charutos; sobre a lareira, uma lâmpada Carcel,^[185] dada por

Florina e até ali salva da casa de penhores; depois, uma cômoda de acaju desbotado, uma mesa carregada de papéis, e, sobre eles, duas ou três penas arrepiadas, nenhum livro além dos trazidos na véspera ou durante o dia: tal era o mobiliário desse quarto, despido de objetos de valor, mas que escancarava ao olhar o ignóbil conjunto de botas velhas a bocejar num canto, meias velhas já transformadas em renda; noutro, charutos esmagados, lenços sujos, camisas em dois volumes, gravatas com três edições. Era enfim um acampamento literário mobiliado de coisas negativas e da mais estranha nudez que imaginar se possa. Na mesa de cabeceira, carregada de livros lidos durante a manhã, brilhava o tubo vermelho de Fumade.[186] Sobre o pano da lareira erravam uma navalha, um par de pistolas e uma caixa de charutos. Num painel, Luciano viu floretes cruzados sob uma máscara. Três cadeiras e duas poltronas, dignas do pior quarto mobiliado daquela rua, completavam o mobiliário. O quarto, ao mesmo tempo sujo e triste, denunciava uma vida sem descanso e sem dignidade: ali se dormia e ali se trabalhava às pressas. Era habitado por necessidade; sentia-se o desejo de o abandonar. Que diferença entre esta cínica desordem e a limpa, a decente miséria de D'Arthez!...

Esta advertência envolta numa lembrança não foi ouvida por Luciano, porque Estêvão lhe disse um gracejo a mascarar a nudez do vício:

— Eis o meu canil; o meu grande cenário está na Rue de Bondy, no novo apartamento que o tal droguista mobiliou para Florina, e que inauguramos esta noite.

Estêvão Lousteau vestia calças pretas, botas bem lustradas, casaca abotoada até o pescoço. A camisa, que Florina, sem dúvida, iria fazer-lhe trocar, estava oculta por uma gravata de veludo. Escovava o chapéu para lhe dar aparência de novo.

— Partamos — convidou Luciano.

— Ainda não; espero um livreiro que me deve trazer uns cobres. Talvez joguemos. Não tenho vintém; e além disso preciso de luvas.

Nesse momento os dois novos amigos ouviram os passos de um homem no corredor.

— É ele — disse Lousteau. — Vai ver, meu caro, a forma que toma a

providência quando se manifesta aos poetas. Antes de contemplar em sua glória Dauriat, o livreiro da moda, você verá o livreiro do Quai des Augustins, o livreiro agiota, negociante do ferro-velho literário, o normando ex-vendedor de hortaliças.

— Chegue-se, velho tártaro! — gritou Lousteau.

— Aqui estou — disse uma voz de sino rachado.

— Com dinheiro?

— Dinheiro? Não há mais disso nas livrarias — respondeu um homem ainda moço que entrou, olhando para Luciano com ar curioso.

— Antes de tudo, você me deve cinquenta francos — tornou Lousteau. — Depois, aqui estão dois exemplares de *Viagem no Egito*, [187] que, segundo se diz, é uma maravilha, tem muitas gravuras, vender-se-á: Finot foi pago por dois artigos que eu terei de escrever. *Item*, dois dos últimos romances de Victor Ducange, um autor ilustre no Marais.[188] *Item*, dois exemplares da segunda obra de um novato, Paul de Kock,[189] que trabalha no mesmo gênero. *Item*, dois de *Yseult de Dôle*,[190] uma bonita obra da província. Preço de venda ao público, cem francos ao todo. Assim é que me deve cem francos, meu pequeno Barbet.

Barbet olhou os livros examinando-lhes a borda das folhas e as capas.

— Oh! estão em perfeito estado de conservação — exclamou Lousteau. — A *Viagem* não foi cortada, nem o Paul de Kock, nem o Ducange, nem aquele que ali está sobre a lareira, *Considerações sobre o simbólico*. [191] Este dou-lhe de presente. O mito é tão enfadonho que dele não quero nem traço; dou-o logo ao senhor para não ver dele saírem milhares de traças.

— Mas então — perguntou Luciano — como é que há de escrever os artigos?

Barbet lançou a Luciano um olhar de profundo espanto e voltou depois os olhos para Lousteau, escarnecendo:

— Vê-se que este senhor não tem a desgraça de ser homem de letras.

— Não, Barbet, não, este senhor é um poeta, um grande poeta que há de enterrar Canalis, Béranger e Delavigne. Há de ir longe, a menos que se jogue no rio, e mesmo assim haveria de ir até Saint-Cloud.

— Se eu tivesse de dar um conselho ao senhor — disse Barbet — seria o de deixar os versos e entregar-se à prosa. Ninguém mais quer versos nas livrarias do cais.

Barbet vestia uma velha sobrecasaca abotoada por um único botão, e de gola sebosa. Conservava o chapéu na cabeça e calçava sapatos rústicos; o colete entreaberto deixava ver uma boa camisa de fazenda resistente. Ao rosto redondo, perfurado por dois olhos ávidos, não faltava uma certa bonomia; tinha porém no olhar essa vaga inquietação das pessoas que estão habituadas a ouvir pedidos de dinheiro e que o têm. Parecia franco e fácil, tanto a sua esperteza se acolchoava de banha. Depois de ter sido caixeiro, abrira, havia dois anos, uma pequena loja miserável, no cais, de onde se atirava à caça dos jornalistas, dos escritores e impressores, deles comprando a baixo preço os livros que lhes eram dados, e ganhando assim uns dez ou vinte francos por dia. Rico à força de economias, farejava as necessidades de todos e andava à espreita de algum bom negócio. Descontava à taxa de quinze ou vinte por cento, aos autores em apuros, as promissórias dos livreiros, aos quais ia no dia seguinte comprar, a preço discutido como se fora para comprar à vista, alguns bons livros, já solicitados, para entregar-lhes depois suas próprias letras em vez de dinheiro. Havia estudado, e a instrução lhe servia para evitar cuidadosamente a poesia e os romances modernos. Gostava das pequenas especulações; livros de utilidade cujos direitos definitivos lhe custavam mil francos e que podia explorar à sua vontade, tais como *A história da França ao alcance das crianças*, a *Contabilidade em vinte lições*, ou a *Botânica das moças*. Deixara já que lhe fugissem dois ou três bons livros, após haver feito os autores voltarem vinte vezes à sua casa, sem se decidir a comprar-lhes os manuscritos. Se lhe censuravam a covardia, ele mostrava o relato de famoso processo cujo manuscrito, copiado dos jornais, nada lhe custara, e lhe dera a ganhar dois ou três mil francos. Barbet era o livreiro medroso, que vive de nozes e de pão, que assina poucas duplicatas, que mete a unha nas faturas para conseguir abatimentos, que mascateia em pessoa os seus livros não se sabe onde, mas que os coloca e os faz pagar. Era o terror dos impressores, que não sabiam como agarrá-lo: pagava com desconto as suas faturas

adivinhando-lhes necessidades urgentes; depois não mais voltava àqueles a quem escorchara, com receio de alguma cilada.

— E então? Continuamos nossos negócios? — perguntou Lousteau.

— Eh! meu pequeno — respondeu familiarmente Barbet —, tenho em minha loja seis mil volumes para vender. Ora, segundo a sentença de um velho livreiro, os *livros* não são *libras*. A livraria vai mal.

— Se fosse à loja dele, meu caro Luciano — disse Estêvão —, encontraria sobre um balcão de carvalho, que procede do leilão do espólio de algum negociante de vinho falido, uma vela não espevitada, porque assim se consome menos depressa. Mal iluminadas por essa luz anônima, perceberia prateleiras vazias. Para guardar essa coisa nenhuma, um rapazinho de blusa azul sopra os dedos, bate as solas dos sapatos ou cruza os braços como um cocheiro de fiacre na boleia. Olhe! não há ali mais livros do que os que tenho aqui. Ninguém poderá adivinhar que espécie de negócio lá se faz.

— Aqui está uma letra de cem francos a três meses — observou Barbet, que não pôde deixar de sorrir ao tirar do bolso um papel timbrado — e levarei seus livros. Veja, senhor, não posso mais dar dinheiro a vista, as vendas estão muito difíceis. Pensei que estivesse precisando de mim; estava sem dinheiro algum; assinei esta letra para lhe ser agradável, porque não gosto de dar minha assinatura.

— Assim, quer ainda minha estima e agradecimentos? — disse Lousteau.

— Apesar de que não se pagam letras com sentimentos, mesmo assim aceitarei sua estima — respondeu Barbet.

— Mas faltam-me luvas, e os perfumistas cometerão a infâmia de recusar o seu papel — disse Lousteau. — Olhe, aí está uma soberba gravura, aí, na primeira gaveta da cômoda; vale oitenta francos e isto antes da “letra” e depois do “artigo”,^[192] porque a propósito escrevi um bem chistoso. Havia por onde atacar *Hipócrates recusando os presentes de Artaxerxes*.^[193] Opa! essa bela estampa convém a todos os médicos que recusam o pagamento exagerado dos sátrapas parisienses. Encontrará ainda sob a gravura uma trintena de romances. Vamos, leve tudo e me dê quarenta francos.

— Quarenta francos! — disse o livreiro, num cacarejo de galinha

assustada — quando muito vinte! e ainda arrisco perdê-los.

— Onde estão os vinte francos? — disse Lousteau.

— Palavra, não sei se os tenho — disse Barbet, esquadrinhando as algibeiras. — Aqui estão. O senhor me esfolia; o senhor tem sobre mim um ascendente...

— Bem, partamos — disse Lousteau, que tomou o manuscrito de Luciano e lhe pôs um traço à tinta por baixo do cordão.

— Tem mais alguma coisa? — perguntou Barbet.

— Nada, meu pequeno Shylock. Hei de te arranjar um negócio excelente (em que hás de perder mil escudos, para te ensinar a não me roubar assim) — acrescentou Estêvão em voz baixa, dirigindo-se a Luciano.

— E os seus artigos? — perguntou Luciano, no fiacre que os levava para o Palais-Royal.

— Bah! o senhor não sabe como se alinhava isso. Quanto a *Viagem ao Egito*, abri o livro e li alguns trechos aqui e ali, sem lhe cortar as folhas. Descobri nele onze erros de vernáculo. Escreverei uma coluna dizendo que, se o autor conseguiu aprender a linguagem dos boatos gravados nos calhaus egípcios chamados obeliscos, em compensação não conhece a sua própria língua, e o provarei. Direi que, em vez de nos falar de história natural e de antiguidades, deveria ocupar-se com o futuro do Egito, o progresso da civilização, e os meios de ligar o Egito à França, que, depois de o haver conquistado e perdido, pode ainda atraí-lo pelo ascendente moral. Depois disso uma tirada patriótica, lardeada de observações sobre Marseille, sobre o Levante, sobre o nosso comércio.

— Mas, se ele tivesse feito isso, que diria o senhor?

— Bem, eu diria que, em vez de nos fastidiar com política, deveria ter-se limitado à arte, a pintar-nos o país pelo seu lado pitoresco e geográfico. Cabem aí algumas recriminações. A política, diria, nos satura, nos entedia, encontramos-la por toda parte. Eu lamentaria essas encantadoras viagens em que nos explicavam as dificuldades da navegação, o encanto das entradas das barras, as delícias da passagem do Equador, enfim, tudo o que precisam saber aqueles que nunca hão de viajar. Mas, mesmo aprovando-os, a gente pode rir dos viajantes

que celebram como grandes acontecimentos uma ave que passa, um peixe-voador, uma pescaria, os pontos geográficos notáveis, os fundos de mar explorados. Reclamam-se essas coisas científicas, perfeitamente ininteligíveis, que fascinam como tudo o que é profundo, misterioso ou incompreensível. O assinante ri, está servido. Quanto aos romances, Florina é a maior leitora de romances que há no mundo; ela me faz deles uma síntese e eu rabisco o meu artigo conforme a sua opinião. Quando acha fastidiosas o que ela chama as *frases do autor*, dou ao livro maior consideração e mando pedir um exemplar ao livreiro, que o envia, encantado por conseguir um artigo favorável.

— Oh, meu Deus! Mas e a crítica, a santa crítica? — perguntou Luciano imbuído das doutrinas do cenáculo.

— Meu caro — respondeu Lousteau —, a crítica é uma escova que não pode ser empregada em tecidos delicados, pois arrasaria tudo. Escute, deixemos de lado a profissão. Está vendo esta marca? — disse ele mostrando o manuscrito das *Boninas*. — Com um pouco de tinta, marquei no papel o lugar do cordão. Se Dauriat ler o manuscrito, ser-lhe-á certamente impossível recolocar o cordão exatamente como estava. Assim, o seu manuscrito fica como que selado. Isto não é inútil na experiência que deseja fazer. Note ainda que não vai só e sem padrinho àquela barraca de feira, como esses juvenzinhos que se apresentam a dez livreiros antes de haver encontrado um que lhes ofereça uma cadeira...

Luciano já verificara a verdade desse detalhe. Lousteau pagou o fiacre dando ao cocheiro três francos, com grande assombro de Luciano, surpreendido com a prodigalidade que sucedia a tanta miséria. Entraram os dois amigos nas Galeries de Bois, onde imperava então a livraria dita de novidades.

XI – AS GALERIES DE BOIS

Naquela época as Galeries de Bois constituíam uma das mais ilustres curiosidades parisienses. Não será assim inútil pintar esse ignóbil bazar, pois durante trinta e seis anos desempenhou tão importante papel na vida parisiense, que poucos homens haverá de mais de

quarenta anos a quem esta descrição, inacreditável para as pessoas jovens, não dê ainda prazer. Na fria, larga e alta Galerie d'Orléans, espécie de estufas sem flores, encontravam-se barracas, ou, para ser mais exato, cabanas de tábuas, mal cobertas, pequenas, mal iluminadas, do lado do pátio e do jardim, por frestas chamadas de janelas, mas que se assemelhavam às mais sujas aberturas das tabernas de fora das barreiras. Uma tríplice fileira de lojas formava duas galerias de cerca de doze pés de altura. As lojas situadas ao centro davam para as duas galerias cuja atmosfera lhes transmitia um ar mefítico, e cujos tetos deixavam passar um pouco de claridade através dos vidros sempre sujos. Tais cubículos haviam alcançado preço tão alto, dada a concorrência, que, apesar da exiguidade de alguns, com seis pés apenas de largura e oito a dez de comprimento, seus aluguéis custavam mil escudos. As lojas que recebiam luz do jardim e do pátio eram protegidas por pequenas latadas verdes, talvez para impedir a multidão de demolir, pelo seu contato, as paredes de argamassa ordinária que formavam os fundos das lojas. Nestes se encontravam, num espaço de dois ou três pés, os mais bizarros produtos de uma botânica desconhecida pela ciência, misturados com os de diversas indústrias, não menos florescentes.

Uma prova de impressão servia por vezes de toucado a uma roseira, de modo que as flores de retórica ficavam perfumadas pelas flores abortadas desse jardim malcuidado, mas fetidamente regado. Tiras de todas as cores e prospectos floriam entre folhagens. As sobras de artigos da moda asfixiavam a vegetação: viam-se laços de fita sobre tufos de verdura, e sentia-se uma decepção quando, ao se pretender admitir uma flor, percebia-se que era um coque de cetim que figurava uma dália.

Tanto pelo lado do pátio como pelo do jardim, o aspecto desse palácio fantástico oferecia tudo o que a sujeira parisiense já produziu de mais bizarro: restos de tintas e de argamassa lavadas, estuques refeitos, velhas pinturas, cartazes fantásticos. Além disso, o público parisiense emporcalhava enormemente as grades verdes de um e de outro lado. Assim, pelos dois lados, uma moldura reles e nauseabunda parecia impedir a aproximação das galerias às pessoas delicadas. Mas

as pessoas delicadas não recuavam diante dessas horríveis baiucas, tal como os príncipes dos contos de fada não recuam diante dos dragões e dos obstáculos interpostos por um gênio mau entre eles e as princesas. Essas galerias eram, como ainda hoje, cortadas ao centro por uma passagem e, como agora, ali se penetrava pelos dois peristilos atuais, começados antes da Revolução e abandonados por falta de dinheiro. A bela galeria de pedra que leva ao Théâtre-Français formava então uma passagem estreita, de altura desmesurada e tão mal coberta que frequentemente deixava passar a água da chuva. Chamavam-na Galeria Envidraçada, para a distinguir das Galeries de Bois. Aliás, os tetos dessas espeluncas estavam todos em tão mau estado que a Casa de Orléans foi processada por um célebre negociante de casimiras e tecidos que, numa noite, perdeu soma considerável em mercadorias avariadas. O comerciante teve ganho de causa. Nalguns lugares uma dupla tela alcatroada servia de teto. O solo da Galeria Envidraçada, onde Chevet[194] começou sua fortuna, e o da Galerie de Bois eram o solo natural de Paris, aumentado pelo solo adventício trazido pelas botas e sapatos dos transeuntes. Em todos os tempos, os pés calcavam ali montes e vales de lama endurecida, incessantemente varridos pelos negociantes, exigindo dos recém-chegados certa prática para andar por eles.

Esse sinistro acervo de lama, essas vidraças enxovalhadas pela chuva e pela poeira, esses tugúrios acachapados e cobertos de farrapos por fora, a sujeira das paredes começadas, esse conjunto semelhante a um acampamento de ciganos, às barracas de uma feira, às construções provisórias com que se cercam em Paris os monumentos que nunca terminam de construir-se, essa fisionomia careteante sentava admiravelmente aos diferentes negócios que fervilhavam nesse hangar impudico, descarado, cheio de murmúrios e de louca alegria, onde, desde a Revolução de 1789 até a de 1830, se fizeram negócios imensos. Durante vinte anos, a Bolsa se conservou ali em frente, no andar térreo do palácio. Desse modo, a opinião pública e as reputações se faziam e desfaziam ali tanto como os negócios políticos e financeiros. Marcavam-se encontros nessas galerias para antes e para depois da Bolsa. A Paris dos banqueiros e dos comerciantes atravanca com

frequência o pátio do Palais-Royal e refluía para esses abrigos em tempo de chuva. A natureza da edificação, surgida nesse ponto não se sabe como, tornava-a de uma estranha sonoridade. As risadas ali se multiplicavam. Não podia travar-se uma discussão numa das extremidades sem que se soubesse na outra de que se tratava. Não havia ali senão livreiros, poesia, política e prosa, negociantes de modas e, enfim, mulheres de vida airada que só apareciam à noite. Ali floresciam os boatos e os livros, as glórias jovens e velhas, as conspirações da tribuna e as mentiras da livraria. Ali se vendiam as novidades ao público, que se obstinava a comprá-las só ali. Ali foram vendidos em uma só tarde vários milhares de tal ou qual panfleto de Paul-Louis Courier[195] ou de *As aventuras da filha de um rei*,[196] primeiro tiro dado pela Casa de Orléans na Constituição de Luís XVIII. Na época em que Luciano apareceu por ali, algumas lojas tinham mostradores e portas de vidro muito elegantes; eram das que davam para o jardim ou para o pátio. Até o dia em que pereceu essa estranha colônia, sob a picareta do arquiteto Fontaine,[197] as lojas situadas entre as duas galerias eram inteiramente abertas, sustidas por pilares como as barracas de feiras na província, e os olhares mergulhavam nas duas galerias através das mercadorias ou das portas de vidro. Como era impossível acender fogo, os negociantes tinham apenas pequenos aquecedores, e faziam eles mesmos o policiamento do fogo, porque uma imprudência poderia inflamar num quarto de hora aquela república de tábuas ressequidas pelo sol e como que já crestadas pela prostituição e atravancadas de gaze, de musselina, de papéis, e às vezes ventiladas por correntes de ar. As lojas das modistas estavam cheias de chapéus inconcebíveis, que pareciam estar ali menos para venda que para ostentação, presos, às centenas, a hastes de ferro terminadas em bola, empavesando as galerias com suas mil cores. Durante vinte anos indagaram os transeuntes sobre que cabeças esses chapéus poeirentos acabariam sua carreira.

Operárias geralmente feias, mas espertas, prendiam as mulheres por meio de palavras astuciosas, segundo o costume e com linguagem de regateiras. Uma *grisette*,[198] cuja língua era tão solta como os olhos ativos, subia a um tamborete e provocava os transeuntes: — Não

compra um lindo chapéu, senhora? Deixe-me vender-lhe qualquer coisa, senhor! — Seu vocabulário fecundo e pitoresco tornava-se variado pelas inflexões de voz, pelos olhares e pelas críticas feitas aos que passavam.

Livreiros e negociantes de modas viviam em boa harmonia. Na passagem pomposamente chamada Galeria Envidraçada, encontravam-se os mais singulares comércios. Ali se estabeleciam os ventríloquos, os charlatães de toda espécie, espetáculos em que nada se via e outros em que era mostrado o mundo inteiro. Ali se estabeleceu pela primeira vez um homem que ganhou sete ou oito mil francos a percorrer as feiras. Tinha por tabuleta um sol a girar num quadro negro, em torno do qual sobressaíam escritas em vermelho estas palavras:

Aqui o homem vê o que Deus não poderia ver. Preço: dois sous.

O explorador não admitia ninguém sozinho nem mais de duas pessoas ao mesmo tempo. Uma vez lá dentro, dava-se com o nariz num grande espelho. No mesmo instante, uma voz que teria apavorado Hoffmann, o berlinês,^[199] soava como um mecanismo cuja mola fosse distendida: “Aqui vedes, senhores, o que em toda a eternidade Deus não poderia ver, isto é, vosso semelhante. Deus não tem semelhante!”. Saía-se dali envergonhado, sem coragem para confessar a própria estupidez.

De todas as portinholas partiam vozes semelhantes que gabavam cosmoramas, vistas de Constantinopla, espetáculos de títeres, autômatos que jogavam xadrez, cães que distinguiam qual a mais bela mulher da assistência. O ventríloquo Fitz-James prosperou no Café Borel, antes de ir morrer em Montmartre entre os alunos da Escola Politécnica. Havia vendedoras de frutas e de ramalhetes e um famoso alfaiate cujos bordados militares reluziam à noite como sóis. De dia, até as duas horas da tarde, as Galeries de Bois ficavam mudas, sombrias e desertas. Os negociantes conversavam como se estivessem em casa. Os encontros marcados pela população parisiense não se iniciavam senão às três horas, hora da Bolsa. Desde que a multidão chegava, ofereciam-se leituras gratuitas nas livrarias para os jovens famintos de literatura e desprovidos de dinheiro. Os caixeiros

encarregados de velar pelos livros expostos deixavam, caridosamente, que as páginas fossem folheadas pelos pobres. Se se tratava de um in-12 de duzentas páginas, como *Smarra*,^[200] *Pedro Schlémihl*,^[201] *Jean Sbogar*,^[202] *Jocko*,^[203] era devorado em duas sessões. Naquele tempo não existiam bibliotecas públicas; para se ler um livro era preciso comprá-lo. Por isso, a venda de romances atingia então um número que hoje pareceria fabuloso. Havia um não sei quê de francês naquela esmola feita à inteligência jovem, ávida e pobre.

A poesia desse terrível bazar resplandecia ao cair da tarde. De todas as ruas adjacentes surgia grande número de raparigas que ali podiam ir e vir sem pagar contribuição. De todos os quadrantes de Paris, raparigas de vida airada acorriam a *fazer seu Palais*. As Galerias de Pedra pertenciam a firmas privilegiadas que pagavam o direito de ali expor criaturas vestidas como princesas, entre tal ou qual arcada, e no local correspondente ao jardim; enquanto as Galeries de Bois eram para a prostituição um mercado livre, o *Palais* por excelência, palavra que significava então o templo da prostituição. Uma mulher podia lá ir, de lá sair acompanhada pela sua presa, e levá-la aonde bem quisesse. Essas mulheres atraíam então, à noite, para as Galeries de Bois, tão considerável multidão que se caminhava a passo, como nas procissões ou nos bailes de máscaras. Essa lentidão, que a ninguém incomodava, servia para o exame.

Essas mulheres usavam trajes como já não se veem mais. O modo pelo qual se decotavam até ao meio das costas e até muito embaixo também na frente; os penteados bizarros inventados para atrair os olhares: uma se penteava à normanda, outra à espanhola; encacheava-se esta como um cãozinho, usava aquela bandós lisos; as pernas cingidas por meias brancas e mostradas não se sabe como, mas sempre a propósito, toda essa infame poesia perdeu-se. A licença das interrogações e das respostas, esse cinismo público em harmonia com o local não se encontra mais nem nos bailes de máscaras nem mesmo nos mais célebres bailes dados hoje em dia. Era horrível e alegre. A carne brilhante das espáduas e dos colos resplandecia entre as roupas quase sempre sombrias dos homens, e produzia magnífico contraste. O bruaá das vozes e o ruído dos passos formavam um murmúrio que se

ampliava pelo jardim como o som contínuo de um rabecão entremeado pelo riso das mulheres ou os gritos de algumas raras disputas. Pessoas distintas, os homens mais em evidência, eram ali acotoveladas por criaturas de caras patibulares. Esse monstruoso ajuntamento tinha um não sei quê de picante; os homens mais insensíveis sentiam-se excitados. Assim, Paris inteira ali compareceu até o último instante, e ali passeou sobre o pavimento de tábuas que o arquiteto armou por cima dos porões enquanto construía o novo edificio. Um pesar imenso e unânime acompanhou a demolição desses ignóbeis pedaços de madeira.

O livreiro Ladvoctat estabelecera-se havia alguns dias no ângulo que formavam, ao centro, as galerias, em frente a Dauriat, moço hoje esquecido, mas audacioso e que desbravou a estrada onde brilhou depois seu concorrente. A loja de Dauriat encontrava-se no renque das que davam para o jardim, e a de Ladvoctat dava para o pátio. Dividida em duas partes, a loja de Dauriat oferecia uma vasta sala para a sua livraria, e da outra parte fizera o proprietário o seu gabinete. Luciano, que ali vinha pela primeira vez à noite, sentiu-se aturdido com aquele aspecto, ao qual não resistiam os provincianos e os rapazinhos. Perdeu logo o seu introdutor.

— Se fosses bonito como aquele rapaz ali, eu retribuiria teus sentimentos — disse uma criatura a um velho, mostrando-lhe Luciano.

Luciano ficou envergonhado como o cão de um cego. Seguiu a torrente num estado de atordoamento e de excitação difícil de descrever. Perseguido pelos olhares das mulheres, solicitado por curvas brancas e seios audaciosos que o fascinavam, agarrava-se ao seu manuscrito, que apertava para que não lho roubassem — o inocente!

— E então, senhor! — gritou ele, sentindo-se preso por um dos braços e acreditando que sua poesia houvesse atraído alguém. Reconheceu Lousteau, que lhe disse:

— Eu bem sabia que você acabaria por passar aqui.

XII – FISIONOMIA DE UMA LIVRARIA NAS GALERIES DE BOIS

O poeta estava à porta da loja para onde Lousteau o fez entrar, e que estava cheia de pessoas que esperavam a ocasião de falar ao sultão da livraria. Impressores, papeleiros e desenhistas, agrupados em torno dos caixeiros, interrogavam-nos sobre negócios em andamento ou projetados.

— Olhe, ali está Finot, o diretor do meu jornal. Está falando com um moço de talento, Feliciano Vernou,^[204] um rapaz divertido e ruim como uma doença secreta.

— Ah, bem, você tinha um ingresso para uma estreia, meu velho — disse Finot vindo com Vernou para Lousteau. — Mas eu dispus do camarote.

— Quê? Vendeste-o a Braulard?

— Sim, e depois? Tu te arranjarás. Que é que vens pedir a Dauriat? Ah! ficou combinado que se há de ajudar Paul de Kock. Dauriat ficou com duzentos exemplares, porque Victor Ducange lhe recusou um romance. Dauriat quer, segundo diz, “lançar” um novo autor no mesmo gênero. Tens de colocar Paul de Kock acima de Ducange.

— Mas eu tenho uma peça com Ducange na Gaîté — observou Lousteau.

— Pois bem! Dir-lhe-ás que o artigo é meu; passarei por tê-lo feito atroz, tu o terás suavizado, e ele ficará a te dever agradecimentos.

— Não poderias me fazer descontar esta letrinha de cem francos pelo caixa de Dauriat? — perguntou Estêvão a Finot. — Sabes! Cearemos juntos para inaugurar o novo apartamento de Florina.

— Ah! sim, tu nos recebes — disse Finot tomando o ar de quem faz um esforço de memória. — Bem! Gabusson — disse Finot tomando a promissória de Barbet e apresentando-a ao caixa —, dê noventa francos por mim a este homem. Endosse a letra, meu velho.

Lousteau tomou a pena do caixa enquanto este contava o dinheiro, e assinou. Luciano, todo olhos e todo ouvidos, não perdera uma sílaba da conversa.

— Isto não é tudo, meu caro amigo — tornou Estêvão —, não te digo obrigado; entre nós é para a vida e para a morte. Devo apresentar este senhor a Dauriat, e tu deverás predispô-lo a nos escutar.

— De que se trata? — perguntou Finot.

— De uma coleção de poesias — respondeu Luciano.

— Ah! — disse Finot levantando os ombros.

— O senhor — disse Vernou olhando para Luciano — há muito tempo que não frequenta livraria, de outro modo teria já encerrado seu manuscrito nos cantos mais recônditos de seu domicílio.

Naquele instante, um belo rapaz, Emílio Blondet,[205] que acabava de estrear no *Jornal de Debates* com artigos de grande valor, entrou, estendeu a mão a Finot, a Lousteau, e saudou ligeiramente a Vernou.

— Vem cear conosco, à meia-noite, em casa de Florina — disse-lhe Lousteau.

— Lá estarei — disse o moço. — Mas quem serão os outros?

— Ah! — disse Lousteau — são Florina e Matifat, o droguista;[206] Du Bruel,[207] o autor que deu um papel a Florina, na sua peça de estreia; um velhinho, o pai Cardot,[208] e seu genro Camusot;[209] e Finot.

— Faz as coisas convenientemente o teu droguista?

— Certamente não nos dará drogas — disse Luciano.

— O senhor tem muito espírito — disse gravemente Blondet olhando para Luciano.

— Ele é do jantar, Lousteau?

— Sim.

— Vamos rir bastante.

Luciano corou até as orelhas.

— Levas ainda muito tempo, Dauriat? — perguntou Blondet batendo no vidro que ficava por cima da mesa de Dauriat.

— Meu amigo, estou às tuas ordens.

— Bom — disse Lousteau a seu protegido. — Este rapaz, quase tão moço como você, está no *Debates*. É um dos príncipes da crítica: é temido, Dauriat virá requestá-lo. Poderemos então falar de nosso caso ao paxá das vinhetas e da impressão. De outra maneira, às onze horas não teria ainda chegado a nossa vez. A assistência irá aumentando de momento a momento.

Luciano e Lousteau aproximaram-se então de Blondet, de Finot e de Vernou, e foram formar um grupo no fundo da loja.

— Que faz ele? — perguntou Blondet a Gabusson, o primeiro

caixeiro que se levantou para vir cumprimentá-lo.

— Está tratando da compra de um jornal hebdomadário que quer restaurar a fim de contrabalançar a influência da *Minerva*,^[210] que serve quase exclusivamente a Eymery,^[211] e ao *Conservador*,^[212] que aplaude cegamente o romantismo.

— Vai pagar bem?

— Mas como sempre... demais! — respondeu o caixeiro.

Nesse instante entrou um rapaz, que acabava de publicar magnífico romance, rapidamente vendido e coroado do mais belo êxito, romance cuja segunda edição estava sendo impressa por Dauriat. O moço, dotado dessa aparência extraordinária e bizarra que assinala as naturezas de artista, impressionou vivamente Luciano.

— Ali está Nathan — disse Lousteau ao ouvido do poeta provinciano.

Nathan, apesar do selvagem orgulho da fisionomia, então em plena juventude, aproximou-se dos jornalistas de chapéu na mão e se conservou quase humilde diante de Blondet, que conhecia apenas de vista. Blondet e Finot conservaram-se de chapéu na cabeça.

— Senhor, sinto-me feliz com a ocasião que o acaso me proporciona...

— Está tão perturbado que comete um pleonasma — observou Feliciano a Lousteau.

— ... de lhe dizer o meu reconhecimento pelo belo artigo que teve a gentileza de escrever a meu respeito no *Jornal de Debates*. Devo ao senhor metade do êxito de meu livro.

— Não, meu caro, não — disse Blondet com ar em que a proteção se disfarçava sob a bonomia. — Diabos me levem se o senhor não tem talento! Estou encantado por conhecê-lo.

— Como seu artigo já foi publicado, não parecerei estar cortejando o poder: estamos agora à vontade um diante do outro. Quer me dar a honra e o prazer de jantar comigo amanhã? Finot virá. Lousteau, meu velho, você não se recusará, não é verdade? — acrescentou Nathan, dando um aperto de mão a Estêvão. — Ah! o senhor está num belo caminho — disse ele a Blondet —, é o continuador dos Dussault,^[213] dos Fiévée,^[214] dos Geoffroi!^[215] Hoffmann falou no senhor a Cláudio Vignon,^[216] seu aluno, um de meus amigos, e disse que

morrerá tranquilo, pois o *Jornal de Debates* viverá eternamente. Devem pagá-lo de maneira régia?

— Cem francos a coluna — respondeu Blondet. — É pouco quando se é obrigado a ler os livros, a ler cem para encontrar um de que se possa falar, como o seu. Sua obra me proporcionou um prazer, palavra de honra.

— E lhe rendeu mil e quinhentos francos — disse Lousteau a Luciano.

— Ocupa-se de política? — tornou Nathan.

— Sim, de quando em vez — respondeu Blondet.

Luciano, que se encontrava ali sem jeito, havia admirado o livro de Nathan, reverenciava o autor como se fora um deus, e ficou assombrado de tanta baixeza diante daquele crítico cujo nome e projeção lhe eram desconhecidos.

“Farei eu o mesmo algum dia? É então preciso abdicar-se da própria dignidade! Põe teu chapéu, Nathan! Escreveste um belo livro e esse crítico apenas um artigo.” Esses pensamentos fustigavam-lhe o sangue nas veias. Notava, a cada instante, moços tímidos, autores necessitados que pediam para falar a Dauriat, mas que, vendo a loja cheia, desesperavam de conseguir audiência e diziam ao sair: — Voltarei.

Dois ou três políticos falavam sobre a convocação das câmaras e sobre negócios públicos no meio de um grupo composto de celebridades da política. O jornal hebdomadário de que Dauriat se ocupava tinha o direito de tratar de política. Naquele tempo, as tribunas de papel impresso eram raras. Um jornal era um privilégio tão solicitado como um teatro. Um dos acionistas mais influentes de *O Constitucional* encontrava-se no centro do grupo de políticos. Lousteau desempenhava-se maravilhosamente seu papel de cicerone. Assim, de frase em frase, Dauriat se engrandecia no espírito de Luciano, que via a política e a literatura convergirem para aquela loja.

Ao ver um poeta eminente que ali prostituía a musa a um jornalista, humilhando a arte, como a mulher era humilhada e prostituída sob aquelas ignóbeis galerias, o grande homem da província recebia terríveis ensinamentos. Dinheiro! Era a chave de todos os enigmas. Luciano sentia-se só, desconhecido, ligado pelo fio de uma duvidosa

amizade ao êxito e à fortuna. Acusava seus ternos, seus verdadeiros amigos do cenáculo, de lhe terem pintado o mundo sob falsas cores, de o terem impedido de lançar-se na refrega com a pena na mão.

— Eu seria já um Blondet! — exclamou consigo mesmo.

Lousteau, que acabava de gritar nos altos do Luxembourg como uma águia ferida, que tão grande lhe parecera, ficou então reduzido a proporções mínimas. Ali, o livreiro da moda, centro de todas aquelas existências, pareceu-lhe ser o homem importante. E o poeta, com o manuscrito na mão, sentiu um tremor que se assemelhava a medo.

No centro da loja, sobre pedestais de madeira pintada imitando mármore, viu alguns bustos: o de Byron, o de Goethe e o do sr. de Canalis, de quem Dauriat esperava obter um volume, e que pôde assim, no dia em que visitou pela primeira vez a loja, medir a altura em que o colocavam os editores. Involuntariamente, Luciano perdia aos poucos a convicção de seu próprio valor; enfraquecia-se-lhe a coragem. Entrevia a influência desse Dauriat sobre o seu destino e impacientemente esperava a sua aparição.

XIII – QUARTA VARIEDADE DE LIVREIRO

— Então, meus filhos — disse um homenzinho gordo e atarracado com o aspecto de um procônsul romano, mas suavizado por um ar de placidez ao qual se atinham os observadores superficiais —, eis-me proprietário do único jornal hebdomadário que pôde ser comprado e que tem dois mil assinantes.

— Farsante! O registro acusa setecentos, o que já é uma bela coisa — disse Blondet.

— Dou-lhes minha palavra de honra mais sagrada como são mil e duzentos. Disse dois mil — acrescentou em voz baixa — por causa dos papeleiros e dos impressores que estão por aí. Julgava-te com mais tato, meu filho — continuou em voz alta.

— Aceita sócios? — perguntou Finot.

— Conforme — respondeu Dauriat. — Queres ficar com um terço por quarenta mil francos?

— Está certo, se o senhor aceitar como redatores Emílio Blondet

aqui presente, Cláudio Vignon, Scribe, Théodore Leclercq, Feliciano Vernou, Jay, Jouy, Lousteau...[217]

— E por que não Luciano de Rubempré? — disse ousadamente o poeta de província, interrompendo Finot.

— E Nathan — terminou Finot.

— E por que não também todas as pessoas que passam? — disse o livreiro, franzindo o sobreceño e voltando-se para o autor das *Boninas*: — A quem tenho a honra de falar? — disse, lançando a Luciano um olhar impertinente.

— Um momento, Dauriat — respondeu Lousteau. — Sou eu quem lhe traz este cavalheiro. Enquanto Finot reflete a respeito de sua proposta, escute-me um instante.

Luciano sentiu a camisa molhada nas costas ao ver o ar frio e descontente do temível tirano da livraria, que tuteava Finot embora Finot o tratasse por senhor; que chamava de *meu filho* ao temido Blondet; que havia regiamente estendido a mão a Nathan, fazendo-lhe um gesto de familiaridade.

— Um novo negócio, meu pequeno! — exclamou Dauriat. — Mas tu sabes, eu tenho mil e cem manuscritos! Sim, senhores — exclamou ele —, ofereceram-me mil e cem manuscritos; perguntem a Gabusson. Enfim, em breve terei necessidade de um administrador para o depósito de manuscritos, e um gabinete de leitura para os examinar. Haverá assembleias para dar parecer a respeito do mérito deles, com retribuição pela presença, um secretário perpétuo para me apresentar os relatórios. Será a sucursal da Academia Francesa, e os acadêmicos serão mais bem pagos nas Galeries de Bois do que no Instituto.

— É uma ideia — disse Blondet.

— Uma má ideia — tornou Dauriat. — Meu ofício não é de proceder à depuração das elucubrações daqueles de entre os senhores que se metem a literatos quando não podem ser capitalistas nem sapateiros, nem cabos de esquadra, nem criados, nem administradores, nem porteiros! Não se entra aqui senão com reputação já feita! Tornem-se célebres e aqui encontrarão rios de ouro. Vejam! Nestes últimos dois anos, houve três grandes homens feitos por mim; criei três ingratos! Nathan fala em seis mil francos pela segunda edição de seu livro que

me custou três mil francos de artigos e não me deixou nem mil francos de lucro. Paguei os dois artigos de Blondet a mil francos e um jantar de quinhentos francos...

— Mas, se todos os livreiros disserem o que o senhor diz, como se poderá publicar um livro de estreia? — perguntou Luciano, aos olhos de quem Blondet perdeu grande parte de seu valor, ao saber ele a que preço Dauriat pagava os artigos do *Debates*.

— Isso não é comigo — disse Dauriat lançando um olhar assassino sobre o belo Luciano, que olhava para ele amavelmente. — Não me divirto a publicar um livro, a arriscar dois mil francos para ganhar dois mil. Especulo com a literatura: publico quarenta obras a dez mil exemplares, como fazem Panckoucke[218] e os Beaudouin.[219] O meu poder e os artigos que obtenho visam um negócio de cem mil escudos e não um volume de dois mil francos. É preciso tanto trabalho para lançar um novo nome, um autor e seu livro, como para fazer triunfar *Teatros estrangeiros*,[220] *Vitórias e conquistas*[221] ou as *Memórias sobre a Revolução*,[222] que representam uma fortuna. Não estou aqui para ser o degrau de futuras glórias, mas para ganhar dinheiro e para o dar a ganhar aos homens célebres. O manuscrito que compro por cem mil francos é mais barato do que outro cujo autor desconhecido me pede seiscentos francos! Se não sou de todo um mecenas, tenho direito ao reconhecimento da literatura: já fiz subir a mais do dobro o preço dos manuscritos. Dou-lhe estas razões, meu filho, porque o senhor é amigo de Lousteau — disse Dauriat ao poeta, batendo-lhe no ombro, com um gesto de revoltante familiaridade. — Se eu conversasse com todos os autores que querem que eu seja seu editor, seria preciso fechar minha loja, pois passaria o meu tempo em palestras extremamente agradáveis, mas caríssimas. Ainda não estou suficientemente rico para escutar os monólogos de cada amor-próprio. Isso só se vê no teatro, nas tragédias clássicas.

O luxo da indumentária desse terrível Dauriat apoiava, aos olhos do poeta da província, esse discurso cruelmente lógico.

— Que é isto? — perguntou ele a Lousteau.

— Um magnífico volume de versos.

Ouvindo essas palavras, Dauriat voltou-se para Gabusson com um

movimento digno de Talma:

— Gabusson, meu amigo, a partir de hoje, quem quer que aqui venha para me oferecer manuscritos... Estão ouvindo aí, todos vocês? (disse ele dirigindo-se a três caixeiros que saíram de baixo das pilhas de livros ao ouvirem a voz colérica do patrão, que olhava as unhas e a mão, que era bonita.) A quem quer que me traga manuscritos, perguntem se são versos ou prosa. Se forem versos, mandem embora imediatamente. Os versos hão de devorar os livreiros.[223]

— Bravo! Essa foi ótima, Dauriat! — exclamaram os jornalistas.

— É verdade! — exclamou o livreiro andando pela sala com o manuscrito de Luciano na mão. — Os senhores não sabem o mal causado pelo sucesso de Lord Byron, de Lamartine, de Victor Hugo, de Casimir Delavigne, de Canalis e de Béranger. A glória deles representa para nós uma invasão de bárbaros. Estou certo de que há neste momento em proposta de edição mil volumes de versos que começam por histórias interrompidas, sem pés nem cabeça, ao modo do *Corsário*[224] e de *Lara*. [225] Sob o pretexto de originalidade, os moços perpetram estrofes incompreensíveis, poemas descritivos nos quais a escola jovem se julga nova, inventando Delille! [226] Há dois anos que os poetas pululam como besouros. Perdi nisso vinte mil francos no ano passado! Perguntem a Gabusson. É possível que haja no mundo poetas imortais. Conheço alguns rosados e moços que ainda não fazem a barba — disse ele a Luciano —, mas para o comércio de livros, jovem, só há quatro poetas: Béranger, Casimir Delavigne, Lamartine e Victor Hugo; porque Canalis!... esse é um poeta feito a golpes de artigos.

Luciano não se sentiu com coragem para levantar a cabeça e de mostrar-se orgulhoso diante daqueles homens influentes que riam de bom grado. Compreendeu que ficaria coberto de ridículo, mas sentia um violento desejo de saltar à garganta do livreiro, de lhe desmanchar a insultante impecabilidade do nó da gravata, de rebentar a corrente de ouro que lhe brilhava ao peito, de lhe pisotear o relógio e rasgar a roupa. O amor-próprio irritado abriu a porta à vingança. Jurou ódio mortal àquele livreiro a quem sorria.

— A poesia é como o sol que faz brotar as florestas eternas e que

engendra os mosquitos, as mutucas e as moscas — disse Blondet. — Não há uma única virtude que não seja forrada de vício. A literatura também engendra os livreiros.

— E os jornalistas! — disse Lousteau.

Dauriat deu uma gargalhada.

— Mas que é isto, afinal? — perguntou ele mostrando o manuscrito.

— Uma coleção de sonetos capazes de envergonhar Petrarca — disse Lousteau.

— Que é que você quer dizer com isso? — perguntou Dauriat.

— O que todo mundo sabe — respondeu Lousteau, vendo em todos os lábios um fino sorriso.

Luciano não se podia zangar, mas suava para se conter.

— Pois bem, eu os lerei — disse Dauriat, fazendo um gesto de rei que mostrava toda a grandeza da concessão. — Se teus sonetos estiverem à altura do século XIX, farei de ti, meu filho, um grande poeta.

— Se ele tiver tanta inteligência como beleza, você não corre grandes riscos — disse um dos mais famosos oradores da Câmara, que conversava com um dos redatores de *O Constitucional* e o diretor da *Minerva*.

— General — respondeu Dauriat —, a glória são doze mil francos de artigos e mil escudos de jantares; pergunte ao autor de *O solitário*. Se o sr. Benjamin Constant quiser escrever um artigo sobre este jovem poeta, não será difícil concluir o negócio. À palavra “general”, e ao ouvir nomear o ilustre Benjamin Constant, a loja tomou as proporções do Olimpo aos olhos do grande homem da província.

— Lousteau, preciso falar contigo — disse Finot —, mas te encontrarei de novo no teatro. Dauriat, faço o negócio, mas sob certas condições. Vamos ao seu gabinete.

— Vem, meu pequeno — disse Dauriat deixando Finot passar à sua frente e fazendo um gesto de homem ocupado a dez pessoas que esperavam. Ia já saindo, quando Luciano, impaciente, o fez parar.

— O senhor fica com o meu manuscrito. Para quando a resposta?

— Mas, meu poetazinho, volta daqui a três ou quatro dias. Veremos.

Luciano foi arrastado por Lousteau, que não lhe deu tempo de cumprimentar Vernou nem Blondet, nem Raul Nathan, nem o general

Foy, nem Benjamin Constant, cuja obra sobre os Cem Dias[227] acabava de aparecer. Luciano apenas entreviu aquela cabeça loira e fina, aquele rosto oblongo, aqueles olhos inteligentes e aquela boca agradável, o homem, enfim, que durante vinte anos havia sido o Potemkin[228] de Madame de Staël, e que fazia guerra aos Bourbon depois de a haver feito a Napoleão, mas que devia morrer abatido pela sua vitória.

XIV – OS BASTIDORES

— Que bodega! — exclamou Luciano, quando se viu sentado num cabriolé de praça, ao lado de Lousteau.

— Ao Panorama-Dramatique, e depressa! Tens trinta *sous* pela corrida — disse Estêvão ao cocheiro. — Dauriat é um velhaco que vende de milhão e meio a milhão e seiscentos mil francos de livros por ano. É como que o ministro da literatura — respondeu Lousteau, cujo amor-próprio se sentia agradavelmente lisonjeado, e que se fazia de autoridade diante de Luciano. — Sua avidez, tão grande como a de Barbet, se exerce sobre as massas. Dauriat tem suas normas; é generoso, mas vão. Quanto à sua cultura, compõe-se de tudo o que ouve dizer em torno de si. Sua loja é um lugar excelente para se frequentar. Pode-se ali conversar com as pessoas superiores da época. Ali, meu caro, um moço aprende mais numa hora do que a empalidecer sobre os livros durante dez anos. Discutem-se artigos, pescam-se assuntos, ligamo-nos com pessoas célebres ou influentes que nos podem ser úteis. Hoje em dia, para triunfar, é preciso ter relações. Tudo é acaso, como vê. O que há de mais perigoso é ter inteligência sozinho no seu canto.

— Mas quanta impertinência! — disse Luciano.

— Bah! todos nós zombamos de Dauriat — respondeu Estêvão. — Se você precisa dele, ele lhe põe a faca no peito: se ele precisa do *Jornal de Debates*, Emílio Blondet o faz andar à roda como um pião. Oh! se você entrar na literatura, há de ver boas! Então, eu não lhe dizia?

— Sim, tinha razão — respondeu Luciano. — Sofri nessa loja mais cruelmente do que esperava, depois da sua previsão.

— E para que entregar-se ao sofrimento? O que nos custa a vida, o assunto que durante noites de estudo assolou o nosso cérebro, todas as incursões através dos campos do pensamento, o monumento construído com o nosso sangue para os editores é apenas um negócio bom ou mau. Os livreiros vendem ou deixam de vender o nosso manuscrito. Eis, para eles, todo o problema. Um livro, para eles, representa capital a arriscar. Quanto mais belo é o livro, menos probabilidade tem de ser vendido. Todo homem superior eleva-se acima das massas; seu sucesso está pois na razão direta do tempo para que a obra seja apreciada. Nenhum livreiro quer esperar. O livro de hoje deve ser vendido amanhã. Com esse sistema, os livreiros recusam os livros substanciosos, que necessitam de altas e lentas aprovações.

— D’Arthez tem razão! — exclamou Luciano.

— Conheces D’Arthez? — perguntou Lousteau. — Não sei de nada mais perigoso que os espíritos solitários que pensam, como esse rapaz, poder atrair o mundo a si. Fanatizando as jovens imaginações por meio de uma crença que lisonjeia a força imensa que a princípio sentimos em nós, essa gente da glória póstuma as impede de se agitar na idade em que o movimento é possível e aproveitável. Eu sou pelo sistema de Maomé, que, depois de haver mandado que a montanha viesse a ele, exclamou: “Se não vens a mim, irei então eu a ti!”.

Esse arrebatamento, em que a razão tomava força incisiva, era de natureza a fazer Luciano hesitar entre o sistema de submissa pobreza pregada pelo cenáculo e a doutrina militante que Lousteau lhe expunha. Desse modo, o poeta de Angoulême guardou silêncio até o Boulevard du Temple.

O Panorama-Dramatique, hoje substituído por uma residência, era uma encantadora sala de espetáculos situada em frente à Rue Charlot, no Boulevard du Temple, e onde duas administrações sucumbiram sem obter um único êxito, apesar de Bouffé,[229] um dos atores que compartilharam a sucessão de Potier,[230] ali ter estreado, assim como Florina, atriz que cinco anos mais tarde se tornaria célebre. Os teatros estão, como os homens, sujeitos à fatalidade. O Panorama-Dramatique tinha como rivais o Ambigu, a Gaîté, a Porte Saint-Martin[231] e os teatros de *vaudeville*. Não pôde resistir-lhes às

manobras, às restrições de seu privilégio e à falta de boas peças. Os autores não se quiseram indispor com os teatros existentes por um teatro cuja vida parecia problemática. Entretanto, a administração contava com nova peça, espécie de melodrama cômico, de um autor jovem, colaborador de algumas celebridades, chamado Du Bruel, que dizia havê-la feito só. A peça havia sido composta para a estreia de Florina, até aí comparsa na Gaîté, onde havia um ano desempenhava pequenos papéis nos quais se fizera notar, sem poder conseguir um contrato, de sorte que o Panorama a havia arrebatado ao vizinho. Corália, outra atriz, aí devia estreiar também. Quando os dois amigos chegaram, Luciano ficou estupefato com o poder da imprensa.

— Este senhor veio comigo — disse Estêvão ao porteiro, que se inclinou profundamente.

— Dificilmente encontrará onde colocar-se — disse o porteiro chefe.
— Nada mais há disponível além do camarote do diretor.

Estêvão e Luciano perderam algum tempo a errar pelos corredores e a parlamentar com as porteiras dos camarotes.

— Vamos para a sala, falaremos com o diretor, que nos levará para o seu camarote. Além disso, eu o apresentarei à heroína da noite, a Florina.

A um sinal de Lousteau, o porteiro da orquestra tomou de pequena chave e abriu uma porta oculta numa espessa parede. Luciano seguiu o amigo e passou repentinamente do corredor iluminado para o negro buraco que, em quase todos os teatros, dá comunicação da plateia para os bastidores. Depois, subindo alguns degraus úmidos, o poeta da província chegou ao bastidor, onde o esperava o mais estranho espetáculo. A estreiteza dos camarins, a altura do palco, as escadas iluminadas por candeeiros, as decorações tão horríveis vistas de perto, os atores caiados, seus trajes bizarros feitos de grosseiros estofos, os serventes de vestes engorduradas, as cordas que pendem, o contrarregra que passeia com o chapéu na cabeça, os comparsas sentados, os panos de fundo suspensos, os bombeiros, essa mistura de coisas burlescas, tristes, sujas, espantosas, cintilantes pareciam-se tão pouco ao que Luciano havia visto de seu lugar no teatro que seu espanto foi sem limites. Acabavam de levar um dramalhão intitulado

Bertram,[232] peça imitada de uma tragédia de Maturin que havia agradado infinitamente a Nodier, Lord Byron e Walter Scott, mas que não obteve em Paris sucesso algum.

— Não largues meu braço se não queres cair num alçapão, receber uma floresta na cabeça, derrubar um palácio ou suspender uma cabana — disse Estêvão a Luciano.

— Florina está no seu camarim, minha joia? — perguntou ele a uma atriz que se preparava para entrar em cena e escutava os atores.

— Sim, meu amor. Agradeço-te pelo que disseste de mim. És aliás tanto mais gentil quanto é certo que Florina estreia aqui.

— Vamos, não percas a tua deixa, minha pequena — disse Lousteau. — Precipita-te, de patinha no ar! dize-me isso bem: “Suspende, desgraçado!”, pois hoje há dois mil francos de renda.

Luciano, estupefato, viu a atriz compenetrar-se e exclamar “Suspende, desgraçado!” de modo a gelá-lo de pavor. Não era mais a mesma mulher.

— É isto então o teatro — disse ele a Lousteau.

— É como a loja das Galeries de Bois, é como um jornal para a literatura, uma verdadeira cozinha — respondeu o seu novo amigo.

Nathan apareceu.

— Que anda fazendo por aqui? — perguntou-lhe Lousteau.

— Faço os pequenos teatros na *Gazeta*,[233] à espera de coisa melhor — respondeu Nathan.

— Eh! ceie então conosco esta noite e, em troca, trate bem Florina — propôs Lousteau.

— Inteiramente às suas ordens — respondeu Nathan.

— Sabe, ela está morando agora na Rue de Bondy.

— Quem é esse rapaz tão bonito com quem andas, meu Lousteauzinho? — perguntou a atriz voltando da cena para os bastidores.

— Ah! minha querida, um grande poeta, um homem que há de se tornar célebre. Como devem cear juntos, sr. Nathan, apresento-lhe o sr. Luciano de Rubempré.

— Um belo nome, senhor — disse Raul a Luciano.

— Luciano, o sr. Raul Nathan — disse Estêvão ao seu novo amigo.

— Palavra, senhor, li seu livro há dois dias e não imaginei que, tendo escrito um volume como o seu e as suas poesias, fosse tão humilde diante de um jornalista.

— Quero ver o senhor por ocasião do seu primeiro livro — respondeu Nathan deixando escapar um fino sorriso.

— Olhem! olhem! os ultras e os liberais trocam apertos de mão — exclamou Vernou ao ver o trio.

— Pela manhã sou da opinião de meu jornal — disse Nathan —, mas à noite penso como quero. *À noite todos os redatores são pardos.*

— Estêvão — disse Feliciano dirigindo-se a Lousteau —, Finot veio comigo, ele te procura. E... ali está.

— E esta agora! Não há então mais lugar algum? — perguntou Finot.

— Tem sempre um em nossos corações — disse-lhe a atriz endereçando-lhe a frase com o mais agradável dos sorrisos.

— Olá, minha Florvillezinha, já por aqui e curada de teu amor? Diziam que havias sido raptada por um príncipe russo.

— Será que, atualmente, ainda se raptam mulheres? — perguntou Florville, a atriz do “Suspende, desgraçado!” — Ficamos dez dias em Saint-Mandé. Meu príncipe ficou quite pagando uma indenização à administração. O diretor — acrescentou Florville rindo — vai pedir a Deus que apareçam muitos príncipes russos. Suas indenizações lhe dariam receitas sem emprego de capital.

— E tu, pequena — perguntou Finot a uma bonita camponesa que os escutava —, de onde roubaste os botões de diamantes que tens nas orelhas? Arranjaste um príncipe hindu?

— Não, mas um comerciante de graxa, um inglês que já se foi embora. Não há quem queira, como Florina e Corália, negociantes milionários enfastiados do lar: serão por acaso felizes?

— Vais perder a vez, Florville — gritou Lousteau. — A graxa de tua amiga te subiu à cabeça.

— Se queres ter êxito — disse-lhe Nathan —, em vez de gritar como uma fúria “Está salvo!”, entra simplesmente, chega até o procênio e diz com voz de peito “Está salvo”, como a Pasta[234] diz “Ó pátria!” em *Tancredo*. [235] Vai, anda! — acrescentou empurrando-a.

— Não é mais tempo, faltou à deixa! — disse Vernou.

— Que teria feito? A plateia aplaude freneticamente — disse Lousteau.

— Mostrou-lhe os seios pondo-se de joelhos, é o seu grande recurso — disse a atriz “viúva” da graxa.

— O diretor nos cede o seu camarote, lá me encontrarás — disse Finot a Estêvão.

Lousteau conduziu então Luciano por trás dos bastidores através de um dédalo de cenários, corredores e escadas até o terceiro andar, a um camarim onde chegaram seguidos por Nathan e Feliciano Vernou.

— Bom dia ou boa noite, meus senhores — disse Florina. — Senhor — continuou, voltando-se para um homem gordo e baixo que se mantinha a um canto —, estes senhores são os árbitros de meu destino, meu futuro está nas suas mãos; mas estarão, assim espero, sob a nossa mesa ao amanhecer, se o sr. Lousteau nada esqueceu...

— Eu? Terá Blondet do *Debates* — disse-lhe Estêvão —, o verdadeiro Blondet, em carne e osso, Blondet enfim.

— Oh! meu Lousteauzinho, oh, preciso te dar um beijo — disse ela saltando-lhe ao pescoço.

Diante dessa manifestação de agrado, Matifat, o homem gordo, fechou a cara. Aos dezesseis anos, Florina era magra. Sua beleza, como um botão de flor cheio de promessas, não podia agradar senão aos artistas que preferem os esboços aos quadros. A encantadora artista tinha já nos traços toda a finura que a caracterizou sempre, e se assemelhava então à Mignon[236] de Goethe. Matifat, rico droguista da Rue des Lombards, calculara que uma atrizinha dos bulevares seria pouco dispendiosa; mas, em onze meses, Florina lhe custara sessenta mil francos.

Nada pareceu mais extraordinário a Luciano que aquele honesto e probo negociante ali postado como um deus Termo[237] a um canto daquele reduto de dez pés quadrados, forrado de bonito papel e decorado com espelho em pé, um divã, duas cadeiras, um tapete, uma lareira, e cheio de armários. Uma criadinha acabara de vestir a atriz com um traje de espanhola. A peça era um *imbroglio* em que Florina fazia o papel de condessa.

— Esta criatura será daqui a cinco anos a mais bela artista de Paris

— murmurou Nathan a Feliciano.

— Ah! meus amores — disse Florina voltando-se para os três jornalistas —, aplaudam-me amanhã: para começar, contratei carruagens para esta noite, porque os remeterei à casa bêbados como numa terça-feira gorda. Matifat adquiriu vinhos, oh! mas vinhos dignos de Luís XVIII, e contratou o cozinheiro do ministro da Prússia.

— Esperamos realmente coisas enormes, desde que vimos este senhor — disse Nathan.

— E ele sabe que está tratando com os homens mais perigosos de Paris — respondeu Florina.

Matifat olhava para Luciano com ar inquieto, porque a grande beleza do moço lhe despertava ciúmes.

— Mas eis ali um que não conheço — disse Florina avistando Luciano. — Qual de vocês trouxe de Florença o Apolo de Belvedere? É bonito como uma figura de Girodet.[238]

— Senhorita — disse Lousteau —, este senhor é um poeta da província que esqueci de lhe apresentar. Está tão bela esta noite que é impossível a gente pensar na civilidade pueril e honesta...

— É rico para se dedicar à poesia? — perguntou Florina.

— Pobre como Jó — respondeu Luciano.

— É bem tentador para nós — disse a atriz.

Du Bruel, o autor da peça, um rapaz de sobrecasaca, pequeno, desenvolto, parecendo ao mesmo tempo burocrata, proprietário e agente de câmbio, entrou repentinamente.

— Minha Florinazinha, você sabe bem o seu papel, hem? Nada de falta de memória. Cuide bem da cena do segundo ato, seja mordaz, sutil! Diga bem o “Não o amo” da maneira combinada.

— Por que aceita papéis onde há frases assim? — perguntou Matifat a Florina.

Um riso geral acolheu a observação do droguista.

— Que lhe importa isso — retrucou ela — se não é ao senhor que falo, animal estúpido? Oh! ele constrói a minha felicidade com as suas tolices — continuou ela, olhando para os escritores. — Palavra de rapariga honesta, eu lhe pagaria a tanto por asneira, se com isso não me arruinasse.

— É, mas você dirá tais palavras a olhar para mim, como quando ensaiava o papel, e isso me dá medo — respondeu o droguista.

— Ora! olharei para o meu Lousteauzinho — respondeu ela.

Uma campanha retiniu pelos corredores.

— Vão-se embora todos — disse Florina —; deixem-me reler meu papel e tratar de compreendê-lo.

Luciano e Lousteau saíram por último. Lousteau beijou as espáduas de Florina e Luciano ouviu a atriz dizer:

— Esta noite é impossível. Essa velha besta disse à mulher que ia para o campo.

— Achou-a simpática? — perguntou Estêvão a Luciano.

— Mas, meu caro, esse Matifat... — exclamou Luciano.

— Eh! Meu filho, você nada entende ainda da vida parisiense — respondeu Lousteau. — Há coisas necessárias que é preciso suportar! É como se amássemos uma mulher casada, mais nada. Arranja-se sempre uma justificativa.

XV – UTILIDADE DOS DROGUISTAS

Estêvão e Luciano entraram para uma frisa junto ao palco, onde encontraram o diretor do teatro e Finot. Em frente estava Matifat, noutra frisa, com um de seus amigos, Camusot, um negociante de sedas que protegia Corália e que se fazia acompanhar de um honesto velhote, seu sogro. Os três burgueses limpavam os vidros das lunetas olhando a plateia, cuja agitação os inquietava.

Os camarotes ofereciam à vista a sociedade bizarra das primeiras representações: jornalistas e suas amantes; manteúdas com os seus protetores; alguns velhos frequentadores de teatros, apaixonados pelas estreias; e pessoas da boa sociedade amantes dessa espécie de emoções. Num camarote de primeira ordem via-se, com a família, o diretor-geral das contribuições, que havia encaixado Du Bruel numa repartição financeira onde o fazedor de *vaudevilles* percebia os vencimentos de uma sinecura. Luciano, desde o jantar, viajava de espanto em espanto. A vida literária, que lhe parecera por dois meses tão pobre, tão nua a seus olhos, tão horrível no quarto de Lousteau, tão

humilde e tão insolente ao mesmo tempo nas Galeries de Bois, ostentava-se com estranhas magnificências e sob aspectos singulares. Essa mistura de altos e baixos, de transações de consciência, de elevações e de covardias, de traições e de prazeres, de grandezas e de servidões deixava-o fora de si como um indivíduo empolgado por um espetáculo inaudito.

— Acredita que a peça de Du Bruel dê dinheiro? — perguntou Finot ao diretor.

— É uma peça de intriga na qual Du Bruel quis mostrar-se um Beaumarchais. O público dos bulevares não gosta desse gênero; quer ser saturado de emoções. O humor não é apreciado aqui. Tudo depende esta noite de Florina e de Corália, que são maravilhosas de graça e de beleza. Essas duas criaturas aparecem com saias muito curtas, numa dança espanhola; podem arrebatá-lo o público. Esta estreia é um jogo de cartas. Se os jornais publicarem crônicas inteligentes, no caso de êxito, poderei ganhar cem mil escudos.

— Então, pelo que vejo, não passará de um êxito convencional — disse Finot.

— Há uma cabala organizada pelos três teatros vizinhos, para de qualquer modo ser vaiada; mas arranjei meios de anular essas más intenções. Paguei mais aos *claqueurs* enviados contra mim, para que a vaia seja chocha. Lá estão três negociantes que, para conseguir um triunfo para Corália e Florina, ficaram com cem entradas cada um e as deram a conhecidos capazes de pôr na rua a claque. Paga duas vezes a cabala, ela se deixará expulsar, e isso sempre dispõe bem o público.

— Duzentas entradas! Que gente preciosa! — exclamou Finot.

— Sim! Com duas outras artistas bonitas e ricamente mantidas como Florina e Corália eu me safaria das dificuldades atuais.

Havia duas horas que, aos ouvidos de Luciano, tudo se resolvia através do dinheiro. No teatro, como no lançamento de livros, neste como no jornal, a arte e a glória não estavam em causa. As pancadas do fiel da balança da moeda, repetidas em sua cabeça e no seu coração, os martelavam. Enquanto a orquestra tocava a abertura, ele não pôde deixar de opor aos aplausos e aos assobios da plateia em rebuliço as cenas de poesia calma e pura que havia gozado na tipografia de David,

quando ambos imaginavam as maravilhas da arte, os nobres triunfos do gênio, a glória de asas brancas. Lembrando as noites do cenáculo, uma lágrima brilhou nos olhos do poeta.

— Que é que você tem? — perguntou Lousteau.

— Vejo a poesia num lodaçal — respondeu.

— Eh, meu caro, você tem ainda ilusões.

— Mas então preciso rastejar e suportar aqui esses gordos Matifat e Camusot, como as atrizes suportam os jornalistas, como nós suportamos os livreiros?

— Meu pequeno — disse-lhe Estêvão ao ouvido, mostrando-lhe Finot —, olhe esse bronco, sem inteligência nem talento, mas ávido, desejando a fortuna a todo custo e hábil em negócios, que, na loja de Dauriat, me tomou quarenta por cento com ares de me fazer um favor... Pois bem, ele possui cartas em que vários gênios em embrião se põem de joelhos diante dele por cem francos.

Uma contração de desgosto apertou o coração de Luciano, que se recordou de: *Finot, e os meus cem francos?*, aquele desenho deixado sobre o pano verde da mesa da redação.

— Antes morrer — disse.

— Antes viver — retrucou-lhe Estêvão.

Ao levantar o pano, o diretor saiu e foi aos bastidores dar ordens.

— Meu caro — disse então Finot a Estêvão —, tenho a palavra de Dauriat: um terço do hebdomadário é de minha propriedade. Tratei por trinta mil francos a vista, com a condição de ser o diretor da redação. É um soberbo negócio. Blondet me confiou que se preparam leis restritivas contra a imprensa. Serão conservados apenas os jornais já existentes. Dentro de seis meses, será preciso um milhão para organizar um novo jornal. Fechei, pois, o negócio sem ter de meu mais que dez mil francos. Escuta. Se conseguires fazer Matifat comprar a metade de minha parte, um sexto, por trinta mil francos, dar-te-ei o cargo de redator chefe do meu jornalzinho, com duzentos e cinquenta francos por mês. Serás o meu testa de ferro. Quero continuar dirigindo a redação e lá conservar todos os meus interesses sem parecer intervir em coisa alguma. Todos os artigos te serão pagos à razão de cem sous a coluna. Poderás assim obter uma bonificação de quinze francos por dia

pagando-os a três francos apenas e aproveitando a colaboração gratuita. Serão mais quatrocentos e cinquenta francos por mês. Mas quero ficar com o direito de mandar atacar ou defender, no jornal, os homens e os negócios que bem entender, deixando-te satisfazer os ódios e amizades que não interfiram com a minha política. Serei talvez ministerial ou ultra, não sei ainda; mas quero conservar secretamente as minhas relações liberais. Digo-te tudo isto porque és um bom menino. Talvez te faça ficar com a seção das câmaras, nos jornais em que as faço. Não as poderei, sem dúvida, conservar. Emprega, pois, Florina nessa maquinaçãozinha e dize-lhe que aperte com força a mola do droguista: tenho quarenta e oito horas apenas para me desdizer, se não puder pagar. Dauriat vendeu o outro terço por trinta mil francos ao seu impressor e ao seu fornecedor de papel. Ficou com a outra parte de graça, e ganha dez mil francos, visto que só empregou no total cinquenta mil. Dentro de um ano, porém, o conjunto valerá duzentos mil francos para venda à Corte, se ela tiver, como se diz, bom senso de amortizar os jornais.

— Como tens sorte! — exclamou Lousteau.

— Se tivesses passado pelos dias de miséria que conheci, não dirias isso. Mas, nos tempos que correm, fica sabendo, padeço de um mal sem remédio: sou filho de um chapeleiro que ainda vende chapéus na Rue du Coq. Só uma revolução me poderia fazer subir; e, na falta de uma reviravolta social, preciso possuir milhões. Não sei se das duas coisas não será a revolução a mais fácil. Se eu tivesse o nome de teu amigo, estaria bem encaminhado. Silêncio, ali vem o diretor. Adeus — disse Finot levantando-se. — Vou à Opéra; talvez me espere amanhã um duelo. Escrevi e assino com um “F.” um artigo fulminante contra duas bailarinas cujos amigos são generais. Ataco, de rijo, a Opéra.

— Ah, bah! — disse o diretor.

— Sim, todos são mesquinhos comigo — respondeu Finot. — Este diminui o número de meus camarotes, aquele se recusa a me tomar cinquenta assinaturas. Mandeí um ultimato à Opéra: quero agora cem assinaturas e quatro camarotes por mês. Se aceitarem, meu jornal terá oitocentos assinantes efetivos e mil pagantes. Conheço o meio de obter ainda outras duzentas assinaturas: teremos mil e duzentas em

janeiro...

— Os senhores acabarão por nos arruinar — disse o diretor.

— O senhor está mesmo em perigo com as suas dez assinaturas. Fiz com que escrevessem dois bons artigos a seu respeito no *Constitucional*.

— Oh, não me queixo do senhor! — exclamou o diretor.

— Até amanhã à noite, Lousteau — disse Finot. — Dar-me-ás a resposta no *Français*, onde há uma estreia; e, como não vou poder escrever o artigo, ocuparás o meu lugar no jornal. Dou-te a preferência: tens te esfaldado por mim, sou-te reconhecido. Feliciano Vernou me ofereceu dar adiantadamente meus vencimentos de um ano e me propõe vinte mil francos por um terço da propriedade do jornal, mas quero continuar como único dono. Adeus.

— Não é à toa que ele se chama Finot[239] — observou Luciano a Lousteau.

— Oh, é um celerado que há de abrir caminho! — respondeu Estêvão sem se importar se estava sendo ouvido ou não pelo homem hábil que fechava a porta do camarote.

— Ele?... — disse o diretor. — Ele há de ser milionário, há de gozar a consideração geral e há de ter, quem sabe, amigos...

— Meu Deus, que covil! E você vai fazer entabular por essa deliciosa menina um negócio desses? — perguntou Luciano, mostrando Florina, que lhes lançava olhadelas.

— E ela terá êxito. Você não conhece o devotamento e a delicadeza dessas queridas criaturas — respondeu Lousteau.

— Elas resgatam todos os seus defeitos, apagam todos os seus erros pela extensão, pelo infinito do seu amor, quando amam — disse o diretor, continuando. — A paixão de uma atriz é uma coisa tanto mais bela quanto mais violento o seu contraste com tudo o que a cerca.

— É encontrar na lama um diamante digno de ornar a mais orgulhosa das coroas — replicou Lousteau.

— Mas — tornou o diretor — Corália está distraída. O seu amigo perturba-a, sem dúvida nenhuma, e vai fazê-la falhar a todas as deixas; não presta atenção às réplicas, já lá se vão duas vezes que não ouve o ponto. Senhor, por obséquio, ponha-se aqui neste canto — pediu ele a

Luciano. — Se Corália se enamorou do senhor, irei dizer-lhe que o senhor partiu.

— Eh, não — exclamou Lousteau —, diga-lhe que este senhor estará na ceia, e que ali fará dele o que quiser; ela há de representar como a srta. Mars.[240]

O diretor partiu.

— Meu amigo — disse Luciano a Estêvão —, como assim! Você não sente escrúpulo algum em fazer com que a srta. Florina peça trinta mil francos a esse droguista pela metade de uma coisa que Finot acaba de comprar por esse mesmo preço?

Lousteau não deu tempo a Luciano de acabar o seu arrazoado.

— Mas de que terra é você, meu filho querido? Esse droguista não é um homem, é um cofre-forte doado pelo amor.

— E a sua consciência?

— A consciência, meu caro, é uma bengala de que cada qual lança mão para bater no vizinho e da qual não se serve jamais para uso próprio. Ora essa! Por que esta irritação? O acaso faz para você num dia o milagre pelo qual esperei durante dois anos, e você se diverte a discutir os meios? Como! Você que parecia ser inteligente, que chegou à independência de ideias que devem ter os aventureiros intelectuais no mundo em que vivemos, você chafurda em escrúpulos de freira que se acusa de ter comido um ovo com concupiscência?... Se Florina triunfar, torno-me redator chefe, passo a ganhar duzentos e cinquenta francos fixos, tomo conta dos grandes teatros, deixo a Vernou os teatros de *vaudeville*, você põe o pé no estribo tornando-se meu sucessor em todos os teatros dos bulevares. Terá ainda três francos por coluna e escreverá uma por dia, trinta por mês, que lhe darão noventa francos; terá uns sessenta francos dos livros que vender a Barbet; depois poderá exigir mensalmente dos seus teatros dez entradas, ao todo quarenta lugares, que venderá a quarenta francos ao Barbet dos teatros, um homem com quem o hei de pôr em relações. Terá, assim, duzentos francos por mês. Poderá, tornando-se útil a Finot, colocar um artigo de cem francos no seu novo hebdomadário, desde que demonstre talento transcendente, porque ali os artigos são assinados e não se deve fazer nada nas coxas como no jornaleco. Teria nesse caso

cem escudos por mês. Meu caro, há pessoas de talento, como esse pobre D'Arthez, que jantam todos os dias no Flicoteaux, que passam dez anos sem que consigam ganhar cem escudos. Você faria com a pena quatro mil francos por ano, sem contar os proventos da livraria, se escrever livros. Ora, um subprefeito só recebe mil escudos de ordenado, e, no seu distrito, diverte-se tanto como uma perna de cadeira. Não falo do prazer de frequentar espetáculos sem pagar, porque esse prazer se torna depressa uma fadiga; mas terá entrada nos bastidores de quatro teatros. Seja duro e espirituoso durante um ou dois meses, e se verá sobrecarregado de convites, de diversões com as artistas; será cortejado pelos amantes delas; só jantará no Flicoteaux nos dias em que não tiver trinta *sous* no bolso nem um convite para jantar. Ainda às cinco horas, no Luxembourg, você não sabia que decisão tomar; está agora em vésperas de tornar-se uma das cem pessoas privilegiadas que impõem opiniões à França. Dentro de três dias, se formos bem-sucedidos, você poderá, com trinta piadas impressas à razão de três por dia, fazer um homem maldizer a vida. Poderá obter favores de todas as atrizes dos seus quatro teatros; poderá fazer fracassar uma boa peça e fazer toda Paris acorrer a uma péssima. Se Dauriat se recusar a imprimir as *Boninas*, mesmo sem nada lhe pagar, você poderá fazê-lo vir, humilde e submisso, à sua procura, para as adquirir por dois mil francos. Mostre talento e pespegue em dois ou três jornais diferentes três artigos que ameacem matar qualquer das especulações de Dauriat ou um livro com o qual ele conta, e há de vê-lo subindo até a sua mansarda e lá se instalar como uma clematite. Enfim, o seu romance: os livreiros, que neste momento mais ou menos polidamente o põem todos à porta, hão de fazer fila em sua casa, e o manuscrito, que o pai Doguereau avaliou em quatrocentos francos, terá o lance coberto até por quatro mil! São esses os benefícios da profissão de jornalista. Por isso impedimos a aproximação dos jornais a todos os recém-chegados. Não só é preciso um imenso talento, mas uma grande sorte para neles penetrar. E você a reclamar contra a sua sorte!... Veja! Se não nos tivéssemos encontrado hoje no Flicoteaux, você poderia permanecer com o pé no ar por mais três anos ou morrer de fome, como D'Arthez, numa mansarda. Quando D'Arthez se houver tornado

tão culto quanto Bayle[241] e tão grande escritor quanto Rousseau, teremos feito nossa fortuna, seremos donos da dele e da sua glória. Finot será então deputado, proprietário de um grande jornal, e nós, nós seremos o que quisermos ser: pares de França ou prisioneiros por dívidas em Sainte-Pélagie.[242]

— E Finot há de vender o seu jornal aos ministros que mais derem por ele, como vende seus elogios à sra. Bastienne denegrindo a srta. Virgínia e provando que os chapéus da primeira são superiores aos que o jornal elogiava antes! — exclamou Luciano, lembrando-se da cena de que havia sido testemunha.

— Você é um tolo, meu caro — respondeu Lousteau num tom seco. — Finot, há três anos, pisava sobre os canos das suas botas, jantava no Tabar por dezoito *sous*, garatujava um prospecto por dez francos, e a roupa se lhe apegava ao corpo por um mistério tão impenetrável como o da Imaculada Conceição. Hoje, Finot é o único dono de um jornal avaliado em cem mil francos, e com assinantes que pagam para não receber o jornal; com os assinantes reais e as contribuições indiretas, cavadas pelo tio, ganha vinte mil francos por ano. Tem diariamente os mais suntuosos jantares do mundo, há um mês que tem cabriolé; amanhã, enfim, estará à frente de um jornal hebdomadário, com um sexto das cotas de graça e quinhentos francos por mês de ordenado, aos quais adicionará mil francos de colaboração obtida de graça e que fará os sócios pagarem. E você, antes do mais, se Finot consentir em lhe dar cinquenta francos por folha, sentir-se-á muito feliz em lhe dar três artigos de graça. Só quando estiver em posição análoga poderá julgar Finot; não se pode ser julgado senão por seus pares. Você terá um futuro imenso se obedecer cegamente aos ódios da chefia, se atacar quando Finot disser: “Ataque!”, se louvar quando ele disser: “Louve!”. Quando você quiser exercer uma vingança contra alguém, poderá supliciar seu amigo ou inimigo por meio de uma frase inserida cada manhã em nosso jornal, para o que basta dizer-me: “Lousteau, aniquilemos aquele homem!”. Voltará a agredir a sua vítima com um grande artigo no hebdomadário. Enfim, se o negócio for capital para você, Finot, a quem você se terá tornado necessário, lhe deixará dar um último golpe de maça através dum grande jornal que tenha dez ou doze

mil assinantes.

— Assim, você acha que Florina conseguirá decidir o droguista a fazer o negócio? — perguntou Luciano, seduzido.

— Assim o espero! Eis o entreato. Vai dizer-lhe já duas palavras. A coisa se concluirá esta noite. Desde que lhe ensine a lição, Florina somará a minha inteligência à sua.

— E o honesto negociante lá está de boca aberta a admirar Florina, sem suspeitar que lhe vão extorquir trinta mil francos!...

— Mais uma tolice sua! Dir-se-ia que o vamos roubar — exclamou Lousteau. — Mas, meu caro, se o ministério comprar o jornal, dentro de seis meses o droguista receberá talvez cinquenta mil francos pelos trinta mil. Depois, Matifat não verá o jornal, mas o interesse de Florina. Quando se souber que Matifat e Camusot (porque eles hão de partilhar do negócio) são proprietários de uma gazeta, surgirão em todos os jornais artigos benevolentes para com Florina e Corália. Florina vai tornar-se célebre, conseguirá talvez um contrato de doze mil francos noutro teatro. Enfim, Matifat economizará os mil francos por mês que lhe custariam os presentes e jantares aos jornalistas. Você não conhece os homens nem os negócios.

— Pobre homem! — disse Luciano —, e ele conta passar uma noite agradável!

— E — continuou Lousteau — há de partir-se em dois sob mil arrazoados até que possa mostrar a Florina a aquisição da cota comprada a Finot. No dia seguinte serei redator chefe, ganharei mil francos por mês. Eis o fim da minha miséria! — exclamou o amante de Florina.

Lousteau saiu, deixando Luciano atordado, perdido num abismo de pensamentos, voando acima do mundo tal como é na realidade.

Depois de ter visto, nas Galeries de Bois, os cordéis do comércio de livros e a cozinha da glória, depois de haver percorrido os bastidores do teatro, o poeta percebia o avesso das consciências, o jogo das engrenagens da vida parisiense, o mecanismo de todas as coisas. Ele, que invejara a felicidade de Lousteau ao admirar Florina em cena, em poucos instantes esqueceu Matifat. Permaneceu ali durante um tempo incalculável; cinco minutos, talvez. Foi uma eternidade. Pensamentos

ardentes inflamavam-lhe a alma, assim como seus sentidos eram empolgados pelo espetáculo dessas atrizes de olhos lascivos, realçados pelo carmim, de colos resplandecentes, vestidas de voluptuosas vasquinhas de pregas licenciosas, de saias curtas, mostrando as pernas envoltas em meias vermelhas com pontas verdes, calçadas de maneira a pôr a plateia em alvoroço. Duas corrupções marchavam em linhas paralelas, como duas torrentes que, numa inundação, querem juntar-se; elas devoravam o poeta absorto a um canto do camarote, tendo um braço sobre o veludo vermelho do peitoril e a mão pendente, os olhos fixos sobre o pano, e tanto mais acessível à fascinação dessa vida composta de raios e de nuvens quanto mais ela brilhava diante dele como um fogo de artifício, depois da profunda noite de sua vida trabalhosa, obscura e monótona.

XVI – CORÁLIA

Repentinamente, a luz amorosa de um olhar jorrou sobre os olhos desatentos de Luciano por um orifício do pano de boca. O poeta, despertado de seu torpor, reconheceu o olhar de Corália, que o queimava: baixou a cabeça e olhou Camusot, que naquele instante entrava para a frisa fronteira.

Esse amador era um bom, corpulento e gordo negociante de sedas da Rue des Bourdonnais, juiz no Tribunal de Comércio, pai de quatro filhos, casado pela segunda vez, rico de oitenta mil libras de renda, [243] mas com cinquenta e seis anos. Tinha como que uma coroa de cabelos grisalhos à cabeça, o ar tartufo de um homem que gozava o seu saldo de vida e que não queria deixá-la sem a sua parte no prazer, depois de haver engolido os mil e um sapos do comércio. A fronte cor de manteiga fresca, as faces monásticas e floridas pareciam não ser bastante largas para conter a expansão de um júbilo superlativo. Camusot estava sem a mulher e ouvia aplaudirem Corália entusiasticamente. Corália representava todas as vaidades reunidas desse rico burguês, o qual com ela se dava ares de um grande senhor de outrora. Naquela noite ele se imaginava credor da metade do sucesso da atriz e acreditava tanto mais nele quanto o havia pago. Essa conduta

era sancionada pela presença do sogro de Camusot, velhinho de cabelos empoados, olhos espertos e, no entanto, muito digno. As repugnâncias de Luciano de novo acordavam; lembrou-se do amor puro, exaltado, que durante um ano sentira pela sra. de Bargeton. O amor dos poetas desdobrou rapidamente suas asas diáfanas: mil recordações povoaram com seus horizontes azuis o espírito do grande homem de Angoulême, que recaiu em sua cisma. O pano subiu. Corália e Florina estavam em cena.

— Minha querida, ele pensa em ti tanto como no Grão-Turco! — disse Florina em voz baixa a Corália, que declamava uma réplica.

Luciano não pôde deixar de rir e olhou para Corália. Essa mulher, uma das mais encantadoras e deliciosas atrizes de Paris, rival da sra. Perrin[244] e da srta. Fleuriot,[245] com as quais se parecia e cuja sorte deveria ser também a sua, era o tipo das mulheres que exercem, à vontade, sua fascinação sobre os homens. Corália possuía o tipo sublime do semblante judeu, esse comprido rosto oval de um tom de marfim louro, de boca vermelha como uma romã, de queixo fino como a borda de uma taça. Sob as pálpebras queimadas por pupilas de azeviche, sob cílios recurvos, adivinhava-se um lânguido olhar, onde cintilavam, por vezes, os ardores do deserto. Acima desses olhos obumbrados por um círculo azulado, havia supercílios arqueados e espessos. Por trás da fronte morena, coroada por dois bandós de ébano, onde brilhavam então as luzes como sobre verniz, havia uma tal magnificência de pensamento que fazia crer na existência do gênio. Mas, à semelhança de muitas atrizes, Corália, sem espírito, apesar de sua ironia de bastidores, sem instrução, apesar de sua experiência de toucador, possuía apenas a inteligência dos sentidos e as qualidades das mulheres amorosas. Podia alguém acaso lembrar-se da moral, quando ela deslumbrava o olhar com os braços redondos e polidos, os dedos torneados como fusos, as douradas espáduas, com os seios cantados pelo Cântico dos Cânticos,[246] com um pescoço flexível e recurvo, com pernas de uma elegância adorável e calçadas de seda vermelha? Toda essa beleza, de uma poesia verdadeiramente oriental, era ainda posta em relevo pelo traje espanhol convencional em nossos teatros. Corália fazia a alegria da sala, onde todos os olhos lhe

cingiam o talhe apertado na vasquinha e lhe acariciavam as ancas andaluzas, que imprimiam à saia lascivos movimentos. Houve um instante em que Luciano, ao ver aquela criatura a representar para ele somente, importando-se tanto com Camusot quanto um garoto do paraíso se importaria com a casca de uma maçã, pôs o amor sensual acima do amor puro, o prazer acima do desejo, e o demônio da luxúria lhe sugeriu atrozes pensamentos. “Ignoro tudo do amor que se ceia na boa vida, no vinho, nas alegrias materiais”, pensou ele. “Tenho vivido mais pelo pensamento que pelos fatos. Um homem que tudo quer descrever deve tudo conhecer. Esta é a minha primeira ceia faustosa, minha primeira orgia com um mundo estranho. Por que não hei de saborear, por uma vez, essas delícias tão celebradas em que mergulhavam os grandes senhores do século passado vivendo com mulheres impuras? Quando mais não fosse senão para os transportar às belas regiões do verdadeiro amor, não é necessário conhecer as alegrias, as perfeições, os transportes, os recursos, as finezas do amor das cortesãs e das atrizes? Não é, afinal de contas, a poesia dos sentidos? Há dois meses essas mulheres me pareceriam divindades guardadas por dragões inabordáveis. Ali está uma cuja beleza supera a de Florina, que eu invejava a Lousteau. Por que não me aproveitar da sua fantasia, quando os grãos-senhores comprem com seus tesouros mais ricos uma só noite a essas mulheres? Os embaixadores, quando põem os pés nestes abismos, não se preocupam nem com a véspera nem com o dia seguinte. Seria eu um tolo se mostrasse mais escrúpulos do que os príncipes, sobretudo quando ainda não amo ninguém.”

Luciano não pensava mais em Camusot. Depois de haver manifestado a Lousteau o mais profundo desgosto pela odiosa partilha, caía nessa fossa, nadava no desejo, arrastado pelo jesuitismo da paixão.

— Corália está louca por você — disse Lousteau, entrando. — Sua beleza, digna dos mais ilustres mármoreos da Grécia, faz um estrago inaudito nos bastidores. Você é feliz, meu caro. Com dezoito anos, Corália poderá dentro de alguns dias obter sessenta mil francos por ano com a sua beleza. Ela é ainda muito bem-comportada. Vendida pela mãe, há três anos, por sessenta mil francos, só colheu até agora sofrimentos, e procura a felicidade. Entrou para o teatro por desespero.

Tinha horror de De Marsay,[247] seu primeiro comprador. E, ao sair das galés, porque depressa foi abandonada pelo rei dos nossos janotas, encontrou esse bom Camusot, a quem absolutamente não ama, mas que é para ela como um pai, e por isso o suporta e se deixa amar. Já recusou as mais ricas propostas e se apegou a Camusot, que, ao menos, não a atormenta. Você é, pois, o seu primeiro amor. Oh! Ela recebeu como que um tiro de pistola no coração ao vê-lo. Florina foi ao camarote dela para ver se a faz raciocinar; ela está chorando pela sua frieza. A peça vai cair, Corália não sabe mais seu papel, e adeus contrato no Gymnase, que Camusot lhe preparava!

— Bah!... Pobre rapariga! — disse Luciano, cuja vaidade se sentiu afagada por essas palavras, e que viu o coração tímido de amor-próprio. — Acontecem-me numa noite, meu caro, mais coisas do que nos primeiros dezoito anos de minha vida. — E Luciano contou seus amores com a sra. de Bargeton e seu ódio ao barão du Châtelet.

— Espere! O jornal não tem uma vítima; vamos agarrá-lo. Esse barão é um elegante do Império, é do partido ministerial, e nos serve. Vi-o muitas vezes na Opéra. Lembro-me agora da sua grande dama; aparece frequentemente no camarote da marquesa d'Espard. O barão faz a corte à sua ex-amante; uma espinha de peixe. Espere! Finot acaba de me mandar um mensageiro dizendo que o jornal está sem originais. Uma peça que lhe pregou um dos nossos redatores, um velhaco, o pequeno Heitor Merlin, a quem cortaram o pagamento das linhas em branco. Finot, desesperado, alinhava um artigo contra a Opéra. Pois bem, meu caro, escreva a nota sobre esta peça, escute-a, pense nela. Por mim, vou ao gabinete do diretor, pensar em três colunas sobre o seu homem e a sua bela desdenhosa, que não estarão em festa amanhã...

— Eis aí então onde e como se faz o jornal — falou Luciano.

— É sempre assim — respondeu Lousteau. — Durante os dez meses em que nele trabalho, o jornal está sempre sem “cópias” às oito horas da noite.

Em gíria tipográfica, chama-se “cópia” ao manuscrito a compor, sem dúvida porque se julga que os autores não enviam aos jornais senão cópias de sua obra. Ou, quem sabe, também, é uma irônica tradução da

palavra latina *copia* (abundância), porque a “cópia” falta sempre!...

— O grande projeto que jamais realizaremos é o de estarmos com alguns números adiantados — continuou Lousteau. — São dez horas e não há uma única linha. Vou dizer a Vernou e a Nathan, para terminar brilhantemente o número, que nos forneçam uma vintena de epigramas a respeito dos deputados, sobre o chanceler Cruzoé,^[248] sobre os ministros e até sobre nossos amigos, se preciso for. Num caso destes se chacina o próprio pai, faz-se como um corsário que, para não morrer, carrega seus canhões com as moedas do butim. Escreva um artigo inteligente e terá dado um grande passo no espírito de Finot: ele é reconhecido, por cautela. É a melhor e a mais sólida das cautelas, excetuadas as da casa de penhores...

— Que espécie de homens são então os jornalistas?... — exclamou Luciano. — Como! é preciso sentar-se a uma mesa e possuir inteligência...

— Tal qual como se acende um candeeiro... até que o óleo falta.

No momento em que Lousteau abria a porta da frisa, o diretor e Du Bruel entraram.

— Senhor — disse a Luciano o autor da peça —, deixe-me dizer de sua parte a Corália que sairá com ela depois da ceia, ou minha peça vai fracassar. A pobre menina não sabe mais o que diz nem o que faz. Irá chorar quando for preciso rir e há de rir quando for necessário chorar. Já assobiaram. O senhor poderia ainda salvar a peça. E além disso não é nenhuma desgraça, mas um prazer, que o espera.

— Senhor, não tenho o hábito de ter rivais — respondeu Luciano.

— Não lhe repita isso! — exclamou o diretor, olhando para Du Bruel. — Corália é mulher para atirar Camusot pela janela e para se arruinar por completo. Esse digno proprietário do Casulo de Ouro dá a Corália dois mil francos por mês, paga todos os seus trajes e os seus aplaudentes.

— Como sua promessa não me obriga a coisa alguma, salve sua peça — disse nababescamente Luciano.

— Mas não conserve o ar de repelir com desdém essa encantadora criatura — suplicou Du Bruel.

— Vamos, é preciso que eu escreva a respeito de sua peça e que

sorria à sua jovem primeira atriz; pois seja! — exclamou o poeta.

O autor desapareceu, depois de haver feito um sinal a Corália, que representou daí em diante maravilhosamente. Bouffé,[249] que desempenhava o papel de um velho alcaide no qual revelou pela primeira vez seu talento para se caracterizar de velhote, apareceu, no final, entre tempestades de aplausos, para dizer:

— Senhores, a peça que tivemos a honra de representar para vós é dos srs. Raul e De Cursy.[250]

— Ora essa, Nathan é da peça — disse Lousteau —; não me admiro mais de sua presença.

— Corália! Corália! — gritava a plateia, excitada.

Do camarote onde estavam os dois comerciantes, partiu uma voz de trovão que berrou:

— E Florina!

— Florina e Corália! — repetiram então algumas vozes. O pano subiu. Bouffé reapareceu com as duas artistas, a quem Matifat e Camusot jogaram cada um uma coroa de louros. Corália apanhou a sua e a estendeu, num gesto, a Luciano. Para o poeta, aquelas duas horas passadas no teatro foram como que de sonho. Os bastidores, apesar de seus horrores, haviam começado a obra dessa fascinação. O poeta, ainda inocente, ali havia respirado o vento da desordem e a atmosfera da volúpia. Naqueles sujos corredores atravancados de máquinas, onde fumegavam candeeiros oleosos, reina como que uma peste que devora a alma. A vida ali não é mais nem santa nem real. Ali a gente ri de todas as coisas sérias, e as coisas impossíveis parecem verdadeiras. Aquilo foi como um narcótico para Luciano, e Corália acabou de mergulhá-lo numa embriaguez feliz.

O lustre se apagara. Não havia mais na sala senão as porteiras dos camarotes, que faziam um barulho singular retirando os pequenos bancos e fechando as portas. A ribalta, soprada como uma só candeia, desprendia um odor infecto. O pano subiu. Uma lanterna pendia do arco da abóbada. Os bombeiros começaram a ronda com os serventes. À *féerie* da cena, ao espetáculo dos camarotes cheios de lindas mulheres, às luzes ofuscantes, à esplêndida magia das decorações e dos trajes novos sucediam-se o frio, o horror, a escuridão, o vácuo. Foi

hediondo.

Luciano sentia uma surpresa indizível.

— Eh! então, não vens, meu pequeno? — perguntou Lousteau do palco.

— Salta do camarote aqui.

De um pulo, Luciano se encontrou no palco. Mal pôde reconhecer Florina e Corália sem seus trajes de há pouco, envoltas em mantos, mas de vestidos comuns, e com a cabeça coberta de chapéus com veuzinhos negros, semelhantes, enfim, a borboletas que houvessem voltado a crisálidas.

— Quer dar-me a honra do seu braço? — perguntou Corália, tremendo.

— Com muito gosto — respondeu Luciano, que sentia o coração da atriz palpitante junto ao seu como o de um pássaro aprisionado.

A atriz, apertando-se contra o poeta, tinha a voluptuosidade de uma gata que se esfrega contra a perna do dono com flexível ardor.

— Vamos então cear juntos! — disse-lhe ela.

Saíram os quatro e viram dois fiacres à porta dos artistas, que dava para a Rue des Fossés-du-Temple. Corália fez Luciano subir para o carro em que já se encontravam Camusot e o sogro, o velhote Cardot. Ofereceu o quarto lugar a Du Bruel. O diretor seguiu com Florina, Matifat e Lousteau.

— Estes fiacres são infames! — disse Corália.

— Por que não tem a sua carruagem? — perguntou Du Bruel.

— Por quê?! — exclamou ela, irritada. — Não o quero dizer diante do sr. Cardot, que sem dúvida formou o genro. Acredita que, pequeno e velho como é, o sr. Cardot só dá quinhentos francos por mês a Florentina, apenas o suficiente para pagar seu alojamento, sua sopa e seus tamancos? O velho marquês de Rochegude, que tem seiscentas mil libras de renda, há dois meses me oferece um cupê. Mas eu sou uma artista, e não uma meretriz.

— Terá uma carruagem depois de amanhã, senhorita — disse graciosamente Camusot. — Mas não ma havia pedido nunca.

— E isso se pede? Como? Quando se ama uma mulher, a gente a deixa patinhar no lodo e arriscar-se a quebrar as pernas andando a pé?

Não há ninguém como esses cavaleiros da vara[251] para gostar de lama na barra de um vestido.

Dizendo essas palavras com tal acritude que partiu o coração de Camusot, Corália encontrou a perna de Luciano e a apertou entre as suas; tomou-lhe a mão e a estreitou. Calou-se então e pareceu concentrada num desses gozos infinitos que recompensam essas pobres criaturas de todos os sofrimentos passados, de todas as suas desventuras e que lhes desenvolvem na alma uma poesia desconhecida para as outras mulheres, a quem felizmente faltam esses violentos contrastes.

— Terminou por representar tão bem como a srta. Mars — disse Du Briel a Corália.

— Sim — disse Camusot —, a senhorita teve qualquer coisa no começo que a preocupava; mas, da metade do segundo ato em diante, esteve magnífica. Ela lhe deve a metade do grande êxito do senhor.

— E ela me deve metade do seu — disse Du Briel.

— Vocês discutem sobre coisa de que nenhum dos dois entende — disse ela com voz alterada.

A atriz aproveitou um momento de escuridão para levar aos lábios a mão de Luciano, e a beijou molhando-a de lágrimas. Luciano então sentiu-se comovido até a medula dos ossos. A humildade da cortesã amorosa comporta magnificências que a elevam acima dos anjos.

— Este senhor vai escrever o artigo de crítica — disse Du Briel falando de Luciano —, e ele bem pode escrever um encantador parágrafo sobre a nossa cara Corália.

— Oh! preste-nos esse pequeno serviço — pediu Camusot com a voz de um homem que se pusesse de joelhos diante de Luciano —; encontrará em mim um servidor bem-disposto a seu favor, em qualquer tempo.

— Mas deixem a este senhor a sua independência — gritou a atriz, enraivecida —; escreverá o que quiser. Papai Camusot, compre-me carruagens, mas não elogios.

— A senhorita os terá e sem retribuição — respondeu polidamente Luciano. — Jamais escrevi para os jornais, não estou a par dos costumes deles, a senhorita terá a virgindade de minha pena...

— Será interessante — disse Du Bruel.

— Chegamos à Rue de Bondy — avisou o paizinho Cardot, a quem o revide de Corália havia aterrado.

— Se tenho as primícias de tua pena, tu terás as de meu coração — disse Corália durante o rápido instante em que ficou só no carro com Luciano.

XVII – COMO SE FAZEM OS PEQUENOS JORNAIS

Corália foi juntar-se a Florina no seu quarto de dormir, para nele vestir o traje que mandara para a casa desta. Luciano não conhecia o luxo que costumam ostentar em casa das artistas ou em casa das amantes os negociantes ricos que querem gozar a vida. Embora Matifat, que não possuía fortuna tão considerável como a de seu amigo Camusot, tivesse feito as coisas com mesquinhez, Luciano ficou surpreso ao ver uma sala de jantar artisticamente decorada, com tapeçarias de tecido verde guarnecidas de pregos com cabeças douradas, iluminada por belas lâmpadas, mobiliada com jardineiras cheias de flores, e um salão forrado de seda amarela realçada com ornatos escuros, onde resplandeciam os móveis então em moda, um lustre de Thomire[252] e um tapete de desenhos persas. A pêndula, os candelabros, a lareira, tudo era de bom gosto. Matifat havia deixado tudo a cargo de Grindot, [253] jovem arquiteto que lhe construía uma casa e que, sabendo o destino do apartamento, nele pusera cuidados especiais.

Matifat, sempre comerciante, tomava precauções para tocar nas menores coisas; parecia-lhe ter sempre diante dos olhos a cifra das faturas e olhava para aquelas magnificências como para joias imprudentemente tiradas de um escrínio.

“Eis aqui, pois, o que vou ser forçado a fazer por Florentina”, era o pensamento que se lia nos olhos do pai Cardot.

Luciano compreendeu de súbito que o estado do quarto onde morava Lousteau não inquietasse absolutamente o jornalista amado. Rei secreto dessas festas, Estêvão desfrutava todas aquelas lindas coisas. Por isso se pavoneava representando o dono da casa, diante da chaminé, a conversar com o diretor, que felicitava Du Bruel.

— A cópia! A cópia! — gritou Finot, entrando. — Nada na caixa do jornal. Os compositores só têm o meu artigo, e logo o terminarão.

— Acabamos de chegar — disse Estêvão. — Encontraremos uma mesa e fogo no camarim de Florina. Se o sr. Matifat nos quiser dar papel e tinta, alinhavaremos o jornal enquanto Florina e Corália se vestem.

Cardot, Camusot e Matifat desapareceram, solícitos, à procura de penas, canivetes e o mais que era preciso aos dois escritores. Nesse instante, Túlia, uma das mais lindas dançarinas daquele tempo, precipitou-se no salão.

— Meu querido filho — disse ela a Finot —, concedem-te cem assinaturas, que nada custarão à diretoria; estão já colocadas, impostas, ao Canto, à Orquestra e ao Corpo de Bailados. Teu jornal é tão espirituoso que ninguém se queixará. Terás teus camarotes. Aqui está, enfim, o preço do primeiro trimestre — disse, apresentando duas notas. — Não me desanques, portanto!

— Estou perdido! — exclamou Finot. — Não tenho artigo de fundo para este número, já que é preciso suprimir a minha infame diatribe...

— Que bela atividade, minha divina Laïs! — exclamou Blondet, que viera com a bailarina e na companhia de Nathan, Vernou e Cláudio Vignon, trazidos por ele. — Ficarás para cear conosco, meu lindo amor, ou te farei esmagar como borboleta que és. Na tua qualidade de bailarina, não excitarás aqui nenhuma rivalidade de talento. Quanto à beleza, têm todas bastante inteligência para não se mostrarem ciumentas em público.

— Meu Deus! Meus amigos, Du Bruel, Nathan, Blondet, salvem-me! — exclamou Finot. — Preciso de cinco colunas.

— Encherei duas com a peça — disse Luciano.

— Meu assunto fornece uma — acrescentou Lousteau.

— Pois bem, Nathan, Vernou, Du Bruel, deixem os gracejos para depois. O bravo Blondet bem que poderá preencher as duas pequenas colunas da primeira página. Corro à tipografia. Felizmente, Túlia, vieste com a carruagem.

— Sim, mas o duque lá está com um ministro alemão — explicou ela.

— Convidemos o duque e o ministro — alvitrou Nathan.

— Um alemão! Isso bebe demais e ouve bastante; nós lhe diremos tanta coisa petulante que ele escreverá à sua Corte — exclamou Blondet.

— Qual é, de nós todos, o personagem suficientemente sério para descer e lhe falar? — perguntou Finot. — Vamos, Du Bruel, tu que és burocrata, traz o duque de Rhétoré,^[254] o ministro, e dá o braço a Túlia. Meu Deus! Como Túlia está linda esta noite!...

— Seremos treze! — lembrou Matifat, empalidecendo.

— Não, catorze — exclamou Florentina, chegando —, quero vigiar milorde Cardot.

— Aliás — interveio Lousteau —, Blondet veio acompanhado de Cláudio Vignon.

— Levei-o a beber — respondeu Blondet, pegando num tinteiro. — Vejam lá, vocês, é preciso ter espírito à altura das cinquenta e seis garrafas de vinho que haveremos de beber — disse ele a Nathan e a Vernou. — Sobretudo, estimulem Du Bruel, é um vaudevillista, capaz assim de fazer algumas gracinhas; empurrem-no até aos ditos felizes.

Luciano, animado pelo desejo de fazer suas provas diante de tão notáveis personagens, escreveu o seu primeiro artigo à mesa redonda do camarim de Florina, à luz de velas cor-de-rosa acesas por Matifat:

PANORAMA-DRAMATIQUE

Primeira representação de O alcaide em embaraços, imbroglia em três atos. — Estreia da srta. Florina. — Srta. Corália. — Bouffé.

Entram, saem, falam, andam, procuram qualquer coisa e nada encontram. Tudo está em rebuliço. O alcaide perdeu a filha e encontra sua gorra; mas a gorra não lhe fica bem, deve ser a de um ladrão. Onde está o ladrão? Entram, saem, falam, andam, procuram cada vez mais. O alcaide acaba por encontrar um homem sem sua filha, e sua filha sem um homem, o que é satisfatório para o magistrado, mas não para o público. A calma renasce, o alcaide quer interrogar o homem.

O velho alcaide toma assento numa grande poltrona de alcaide, ajeitando suas mangas de alcaide. A Espanha é o único país onde há alcaides apegados a grandes mangas, onde se veem em torno do pescoço dos alcaides essas golilhas que, nos teatros de Paris, constituem metade de suas funções. Esse alcaide, que tanto correu num passinho de velhote asmático, é Bouffé; Bouffé, sucessor de

Potier, um jovem ator que representa tão bem os velhos que consegue fazer rir aos mais idosos anciãos. Há um futuro de cem anciãos naquela fronte calva, naquela voz trêmula, naqueles cambitos trôpegos sob um corpo de Geronte. É tão velho esse jovem ator que até assusta; a gente tem medo de que sua velhice se transmita como doença contagiosa. E que admirável alcaide! Que encantador sorriso inquieto! Que grande estupidez! Que dignidade estúpida! Que hesitação judiciária! Como aquele homem sabe bem que tudo pode tornar-se alternativamente falso e verdadeiro! Como ele é digno de ser feito ministro de um rei constitucional! A cada uma das perguntas do alcaide, o desconhecido o interroga por sua vez; e Bouffé responde, de sorte que, interrogado pela resposta, o alcaide tudo esclarece pelas suas perguntas. Essa cena eminentemente cômica em que se respira um perfume de Molière fez a alegria da sala. Todo o mundo em cena parecia de acordo; mas eu não estou em estado de vos dizer o que é claro e o que é obscuro. A filha do alcaide ali estava representada por uma verdadeira andaluza, uma espanhola com olhos espanhóis, com tez espanhola, com corpo de espanhola, com andar espanhol; uma espanhola dos pés à cabeça, com seu punhal na liga, seu amor no coração, sua cruz presa a uma fita, sobre o seio. Findo o ato, alguém me perguntou como ia a peça, e eu lhe respondi: “Ela tem meias vermelhas com extremidades verdes, um pé deste tamanho, em sapatos de verniz, e as mais belas pernas de toda a Andaluzia!”.

Ah, a filha do alcaide! Ela faz vir o amor à boca, ela desperta desejos incríveis. Vem-nos vontade de saltar em cena e lhe oferecer nosso coração e nosso teto, ou trinta mil libras de renda e nossa pena. Aquela andaluza é a mais bela artista de Paris. Corália, pois é preciso chamá-la por seu nome, é capaz de ser condessa ou *grisette*. Não se sabe em que papel agradaria mais. Ela será o que quiser ser, nasceu para fazer tudo. E não é isto o que de melhor se pode dizer de uma artista no bulevar?

No segundo ato chega uma espanhola de Paris, com um rosto de camafeu e olhos assassinos. Perguntei, por minha vez, de onde vinha ela. Responderam-me que saíra dos bastidores e que se chamava srta. Florina; mas, palavra!, não pude acreditar em nada disso, tanto ardor tinha nos movimentos e tamanha fúria em seu amor. Essa rival da filha do alcaide é a mulher de um cavalheiro talhado na capa de Almaviva,^[255] onde há estofos para cem grandes senhores do bulevar. Se Florina não tinha meias vermelhas com ângulos verdes nem sapatos de verniz, tinha uma mantilha, um véu de que se servia admiravelmente, como grande dama que é! Ela nos fez ver à maravilha que uma tigresa pode transformar-se numa gata. Compreendi que havia ali um drama de ciúme, pelas palavras contundentes que as duas espanholas trocavam. Depois, quando tudo

se ia arranjar, a estupidez do alcaide fez com que de novo tudo se emaranhasse. Todo aquele mundo de astros, de ricos, de criados, de figaros, de senhores, de alcaides, de moças e de mulheres põe-se outra vez a procurar, a ir, vir, voltar. A intriga então se renovou e eu deixei que se renovasse, porque aquelas duas mulheres, Florina, a ciumenta, e a feliz Corália, de novo me enlearam nas dobras de sua vasquinha e de sua mantilha, metendo-me os pequeninos pés pelos olhos adentro.

Consegui chegar até o terceiro ato, sem ter cometido crime algum, sem que houvesse sido necessária a intervenção do comissário de polícia, sem haver escandalizado a sala, e desde então acredito no poder da moral pública e religiosa de que se fala tanto na Câmara dos Deputados que se diria não haver mais moral na França. Consegui compreender que se trata de um homem que ama as duas mulheres sem ser amado, ou que é delas amado sem as amar; que não gosta dos alcaides ou de quem os alcaides não gostam; mas que é, com toda a certeza, um bom senhor que ama a alguém, a si próprio ou a Deus, como último recurso, porque acaba fazendo-se monge.

Se algo mais quiserdes saber, ide ao Panorama-Dramatique. Ficai, porém, desde já prevenidos de que é preciso ir a primeira vez para se habituar com aquelas triunfantes meias vermelhas com extremidades verdes, com aquele pequeno pé cheio de promessas, com aqueles olhos por onde se filtra um raio de sol, com as sutilezas de uma parisiense disfarçada de andaluza, e de uma andaluza disfarçada de parisiense; e depois, uma segunda vez, para saborear a peça que faz morrer de rir com o velho e chorar com o enamorado. A peça triunfou sob as duas formas. O autor, que, segundo dizem, teve como colaborador um de nossos grandes poetas, visou o êxito com uma pequena amorosa em cada mão; e, por isso, quase matou de prazer a plateia emocionada.

As pernas das duas pequenas pareciam ter mais espírito que o próprio autor. Entretanto, quando as duas rivais se iam, achava-se o diálogo espirituoso, o que prova de sobejo a excelência da peça.

O autor foi chamado à cena em meio de aplausos tais que deram inquietações ao arquiteto do teatro. Habitado, porém, às erupções do Vesúvio inebriado que surge sob o lustre, não tremeu: é o sr. de Cursy.

Quanto às duas atrizes, dançaram o famoso bolero de Sevilha, que mereceu indulgência outrora ante os padres do concílio e que a censura permitiu, apesar da perigosa lascívia de suas poses. Bastará esse bolero para atrair todos os velhos que não sabem o que fazer de seus restos de amor, e eu tenho a caridade de os avisar que conservem bem limpos os vidros das lunetas.

Enquanto Luciano escrevia essa página, que revolucionou o jornalismo

pela revelação de uma maneira nova e original, Lousteau lançava um artigo, dito de costumes, intitulado *O ex-elegante* e que começava assim:

O elegante do Império é sempre um homem comprido e delgado, bem conservado, que usa espartilho e a cruz da Legião de Honra. Chama-se qualquer coisa assim como Potelet, e, para ficar bem colocado na Corte de hoje, o barão do Império se agraciou com um “du”: ele é Du Potelet, pronto a voltar a ser Potelet em caso de revolução. Homem para dois fins, aliás, como seu nome, faz a corte no Faubourg Saint-Germain, depois de haver sido o glorioso, o útil e agradável caudatário de uma das irmãs do homem que o pudor me impede de nomear.

Se Du Potelet renega seus serviços junto à alteza imperial, canta ainda romanças à sua benfeitora íntima...

O artigo era um tecido de alusões muito confusas, como se escreviam na época, pois esse gênero foi estranhamente aperfeiçoado depois notadamente pelo *Figaro*.^[256] Lousteau imaginava entre a sra. de Bargeton, a quem o barão du Châtelet fazia a corte, e uma espinha de peixe um engraçado paralelo que divertia sem que fosse preciso conhecer as pessoas de quem se zombava. Du Châtelet era comparado a um socó. Os amores desse pernalta, que não podia engolir a espinha, que se quebrava em três quando a deixava cair, provocavam riso irresistível. Tal gracejo, que foi adiante em muitos artigos, teve, como se sabe, enorme repercussão no Faubourg Saint-Germain e foi uma das mil e uma causas do rigor imposto à legislação da imprensa. Uma hora depois, Blondet, Lousteau e Luciano voltaram ao salão onde conversavam os convivas: o duque, o ministro, as quatro mulheres, os três negociantes, o diretor do teatro, Finot e os três escritores. Um aprendiz, tendo à cabeça um boné de papel, surgira em busca de originais para o jornal.

— Os operários irão embora se eu não levar coisa alguma — disse ele.

— Toma, aí tens dez francos, e que esperem — respondeu Finot.

— Se eu lhos der, senhor, farão uma *ebriografia*, e adeus jornal.

— O bom senso deste menino me assombra — disse Finot.

E foi mesmo no momento em que o ministro predizia um brilhante porvir ao garoto que os três escritores entraram. Blondet leu um artigo extraordinariamente espirituoso contra os românticos. O artigo de Lousteau fez rir. O duque de Rhétoré recomendou que, para não indispor muito o Faubourg Saint-Germain, nele se introduzisse um elogio indireto à sra. d'Espard.

— E o senhor, leia-nos o que escreveu — disse Finot a Luciano.

Luciano, que tremia de medo, viu, ao terminar, o salão ressoar de aplausos; as atrizes beijaram o neófito, os três negociantes o sufocaram de tantos abraços, Du Bruel lhe tomou a mão e tinha lágrimas nos olhos; enfim, o diretor o convidou para jantar.

— Não há mais crianças — disse Blondet. — E, dado que Chateaubriand já usou a expressão *criança sublime* em relação a Victor Hugo, sou obrigado a dizer simplesmente que o senhor é um homem de espírito, de sensibilidade e de estilo.

— Este senhor é do jornal — disse Finot, agradecendo a Estêvão e lançando-lhe o olhar sutil de explorador.

— Que escreveram vocês? — perguntou Lousteau a Blondet e a Du Bruel.

— Eis o que Du Bruel fez — disse Nathan.

Ao ver o quanto o sr. visconde d' A*** ocupa a atenção do público, o sr. visconde Demóstenes disse ontem:

— Talvez me deixem tranquilo agora.

Certa dama disse a um ultra que censurava o discurso do sr. Pasquier[257] como continuador do sistema de Decazes:[258]— Sim, mas tem a barriga da perna bem monárquica.

— Se isto começa assim, não lhes peço nada melhor; tudo vai bem — disse Finot. — Corre a levar-lhes isto — disse ao aprendiz.

— O jornal está um pouco atrasado, mas é o nosso melhor número — continuou ele, voltando-se para o grupo de escritores que olhavam já para Luciano com olhar sorrateiro.

— Tem espírito esse rapaz — disse Blondet.

— Seu artigo está bem — disse Cláudio Vignon.

— Para a mesa! — gritou Matifat.

O duque deu o braço a Florina, Corália tomou o de Luciano, e a bailarina ficou com Blondet de um lado e o ministro alemão do outro.

XVIII – A CEIA

— Não compreendo por que os senhores atacam a sra. de Bargeton e o barão du Châtelet, que foi, segundo se diz, nomeado prefeito de Charente e referendário.

— A sra. de Bargeton pôs Luciano na rua como a um patife — respondeu Lousteau.

— A um rapaz tão bonito! — comentou o ministro.

A ceia, servida em prata nova e porcelana de Sèvres, sobre a toalha de linho adamascado, demonstrava opulência magnificente. Chevet havia feito a ceia; os vinhos haviam sido escolhidos pelo mais famoso dos negociantes do Quai Saint-Bernard, amigo de Camusot, de Matifat e de Cardot.

Luciano, que pela primeira vez via o luxo parisiense funcionando, ia de surpresa em surpresa e escondia seu espanto como homem de espírito, de sensibilidade e de estilo que era, segundo as palavras de Blondet.

Ao atravessar o salão, Corália havia dito ao ouvido de Florina:

— Faze-me o favor de embriagar tão bem Camusot que ele se veja obrigado a ficar dormindo em tua casa.

— *Embrulhaste* então o teu jornalista? — perguntou Florina, empregando uma expressão da linguagem peculiar às raparigas do seu meio.

— Não, querida, eu o amo! — respondeu Corália, fazendo admirável e breve movimento de espáduas. Essas palavras ressoaram aos ouvidos de Luciano, trazidas pelo quinto pecado capital.^[259]

Corália estava admiravelmente vestida, e sua vestimenta punha habilmente em relevo suas belezas peculiares; porque toda mulher possui perfeições que lhe são próprias. Seu vestido, como o de Florina, tinha o mérito de ser do delicioso tecido então inédito chamado *musselina de seda*, cujo privilégio de venda pertencia por alguns dias a Camusot, uma das providências parisienses das fábricas de Lyon, dada

a sua qualidade de chefe do Casulo de Ouro. Assim, o amor e o traje, essa pintura e esse perfume da mulher realçavam as seduções da feliz Corália. Um prazer esperado e que não nos pode escapar exerce seduções imensas nas criaturas moças. Talvez a certeza seja a seus olhos toda a atração dos lugares suspeitos; talvez nela resida o segredo das longas fidelidades? O amor puro, sincero, o primeiro amor, enfim, junto a uma dessas paixões fantásticas que ferem essas pobres criaturas, e, também, a admiração pela grande beleza de Luciano deram a Corália a inteligência do coração.

— Eu te haveria de amar mesmo que fosses feio e doente! — disse ela ao ouvido de Luciano ao sentarem-se à mesa.

Que palavras para um poeta! Camusot desapareceu e Luciano não mais o viu ao ver Corália. Seria um homem todo gozo e toda sensação, enfadado da monotonia da província, atraído pelos abismos de Paris, cansado da miséria, aguilhoado pela continência forçada, fatigado da vida monacal da Rue de Cluny, de seus trabalhos sem resultado, quem se poderia retirar desse festim brilhante? Luciano tinha um pé no leito de Corália e o outro no visco do jornal, ao encontro do qual tanto havia corrido sem o poder alcançar. Depois de tanto ter montado guarda em vão na Rue du Sentier, foi encontrar o jornal à mesa, bebendo bem, alegre e bom rapaz. Acabava de ser vingado de todos os seus sofrimentos por um artigo que deveria, no dia seguinte mesmo, ferir dois corações nos quais havia querido, mas em vão, derramar a raiva e a dor que o haviam feito beber. Olhando para Lousteau, pensava: “Eis ali um amigo!”, sem suspeitar que Lousteau já o temia como a um perigoso rival. Luciano cometera o erro de mostrar toda a sua inteligência: um artigo fraco o teria servido admiravelmente. Blondet contrabalançou a inveja que devorava Lousteau, dizendo a Finot que era preciso capitular com o talento quando era daquela força. Essa frase ditou a conduta de Lousteau, que resolveu ficar amigo de Luciano e se entender com Finot para explorar um recém-chegado tão perigoso, conservando-o na necessidade. Foi uma resolução rapidamente tomada e compreendida em toda a sua extensão por esses dois homens, mediante duas frases ditas ao ouvido:

— Ele tem talento.

— Ele será exigente.

— Oh!

— Bom!

— Nunca é sem medo que ceio com jornalistas franceses — disse o diplomata alemão com uma bonomia calma e digna olhando para Blondet, que havia visto em casa da condessa de Montcornet. — Há uma frase de Blücher[260] cuja realização está a cargo dos senhores.

— Que frase é? — perguntou Nathan.

— Quando Blücher chegou até as alturas de Montmartre com Saacken,[261] em 1814 (perdoem-me se os transporto a esse dia fatal para os senhores), Saacken, que era brutal, disse: “Vamos queimar Paris!”. “Não faça isso, a França só há de morrer *daquilo!*”, respondeu Blücher, mostrando esse grande cancro que viam estendido a seus pés, ardente e fumegante, no vale do Sena. Bendigo a Deus por não haver jornais em meu país — continuou o ministro, após uma pausa. — Ainda não voltei a mim do terror que me causou esse homenzinho de chapéu de papel que, aos dez anos, possui a razão de um velho diplomata. Assim, esta noite, parece-me que ceio com leões e panteras que me fazem a honra de aveludar suas patas.

— Está claro — disse Blondet — que poderíamos dizer e provar à Europa que vossa excelência vomitou uma serpente esta noite, que ela esteve a ponto de morder a srta. Túlia, a mais linda de nossas bailarinas, e sobre isso tecer comentários sobre Eva, a Bíblia, o primeiro e o último pecado. Mas tranquilize-se, o senhor é nosso hóspede.

— Seria divertido — disse Finot.

— Fariamos imprimir dissertações científicas sobre todas as serpentes encontradas no coração e no corpo humano para chegar ao corpo diplomático — disse Lousteau.

— Poderíamos até mostrar uma serpente qualquer neste frasco de cerejas em aguardente — disse Vernou.

— Os senhores mesmos acabariam por acreditar — disse Vignon ao diplomata.

— Senhores, não levantem suas garras adormecidas — pediu o duque de Rhétoré.

— A influência e o poder do jornal estão apenas em sua aurora — disse Finot. — O jornalismo está na infância, há de crescer. Tudo, daqui a dez anos, há de depender da publicidade. O pensamento tudo iluminará, e ele...

— Há de tudo crestar — interrompeu Blondet.

— Eis aí uma frase — disse Cláudio Vignon.

— Fará reis — continuou Lousteau.

— Desfará monarquias — disse o diplomata.

— Por isso — disse Blondet —, se a imprensa não existisse, seria preciso não a inventar; mas existe, dela vivemos.

— Dela os senhores morrerão — disse o diplomata. — Não percebem que a superioridade das massas, admitindo-se que as esclareçam, há de tornar a grandeza do indivíduo mais difícil? que, semeando o raciocínio no coração das classes baixas, colherão a revolta, e que hão de ser as primeiras vítimas dela? Que é que se quebra em Paris quando há uma arruaça?

— Os lampiões — respondeu Nathan —; mas somos muito modestos para ter medo; seremos apenas rachados.

— Os senhores são um povo inteligente demais para permitir que um governo, qualquer que seja, se possa desenvolver — continuou o ministro. — Não fosse isso, recomeçariam, com a pena, a conquista da Europa, que sua espada não soube guardar.

— Os jornais são um mal — disse Cláudio Vignon. — Poder-se-ia utilizar esse mal, mas o governo quer combatê-lo. Haverá luta. Quem sucumbirá? Eis o problema.

— O governo — disse Blondet —; tenho cansado de gritar isso. Na França, o espírito é mais forte do que tudo, e os jornais possuem mais do que o espírito de todos os homens inteligentes: têm a hipocrisia de Tartufo.^[262]

— Blondet, Blondet — atalhou Finot —, vais longe demais; olha que há assinantes aqui.

— Tu és proprietário de um desses entrepostos de veneno, deves ter medo; mas eu, eu me rio de todas essas barracas de feira, embora delas viva.

— Blondet tem razão — disse Cláudio Vignon. — O jornal, em vez de

ser um sacerdócio, tornou-se um meio para os partidos, e de um meio passou a ser um negócio. E, como todos os negócios, não tem fé nem lei. Todo jornal é, como disse Blondet, uma loja onde se vendem ao público palavras da cor que ele deseja. Se houvesse um jornal dos corcundas, haveria de provar noite e dia a beleza, a bondade, a necessidade das corcundas. Um jornal não é feito para esclarecer, mas para lisonjear as opiniões. Desse modo, todos os jornais serão, dentro de algum tempo, covardes, hipócritas, infames, mentirosos, assassinos. Matarão as ideias, os sistemas, os homens, e, por isso mesmo, hão de tornar-se florescentes. Terão a vantagem de todos os seres pensantes: o mal será feito sem que ninguém seja o culpado. Eu serei, eu, Vignon, vocês serão, tu Lousteau, tu Blondet, tu Finot, Aristides, Platões, Catões, homens de Plutarco; seremos todos inocentes, poderemos lavar-nos as mãos de toda infâmia. Napoleão explicou a causa desse fenômeno moral, ou imoral, como quiserem, numa frase sublime que lhe foi inspirada pelos seus estudos sobre a Convenção: “*Os crimes coletivos não comprometem ninguém*”. O jornal pode permitir-se o procedimento mais atroz, ninguém se julga pessoalmente conspurcado com isso.

— Mas o poder há de criar leis repressivas — disse Du Bruel —; ele as prepara.

— Bah! Que pode a lei contra o espírito francês, o mais sutil dos dissolventes? — perguntou Nathan.

— As ideias não podem ser neutralizadas senão por meio de ideias — continuou Vignon. — O terror e o despotismo podem apenas abafar o gênio francês, cuja língua se presta admiravelmente à alusão, ao duplo sentido. Quanto mais repressiva for a lei, tanto mais há de resplandecer o espírito, como o vapor na válvula de segurança de uma máquina. Assim, o rei faz bem; se o jornal for contra ele, terá sido o ministro quem tudo fez, reciprocamente. Se o jornal inventa uma calúnia infame, foi alguém que lhe sussurrou. Com o indivíduo que se queixa, ficará quite pedindo desculpas pela grande liberdade. Se for chamado aos tribunais, queixar-se-á de que não lhe foi pedida retificação alguma. Vá, porém, alguém pedi-la, e ele há de recusá-la rindo; chamará seu crime de bagatela. Enfim, achincalhará a vítima

quando esta triunfar. Se for punido, se tiver de pagar pesada multa, há de assinalar o queixoso vencedor como a um inimigo da liberdade, do país e das luzes. Dirá que o senhor fulano é um ladrão, ao explicar que é o mais honesto dos homens do reino. Desse modo, seus crimes são bagatelas! Seus agressores, uns monstros! E pode, ao fim de algum tempo, fazer acreditar tudo o que quizer às pessoas que o leem todos os dias. Depois, nada que o desgoste será patriótico, e ele não errará jamais. Servir-se-á da religião contra a religião, e da Carta[263] contra o rei. Ridicularizará a magistratura quando a magistratura o descontentar, e há de louvá-la quando servir às paixões populares. Para conseguir assinantes, há de inventar as fábulas mais enternecedoras, pavonear-se-á como Bobèche.[264] O jornal serviria o próprio pai cru, sem mais tempero que o sal de seus gracejos, de preferência a deixar de interessar ou divertir seu público. Será o ator pondo na urna as cinzas do filho, para chorar com mais verdade; a amante tudo sacrificando ao amigo.

— É, enfim, o povo in-fólio! — exclamou Blondet interrompendo Vignon.

— O povo hipócrita e sem generosidade — continuou Vignon —, ele há de banir o talento de seu seio, como Atenas baniu Aristides. Ainda haveremos de ver os jornais, dirigidos a princípio por homens de honra, caírem mais tarde sob o governo dos mediócrs que tiverem a paciência e a flexibilidade da goma elástica, que faltam aos belos talentos; ou aos especieiros que tiverem dinheiro para comprar penas. Já estamos vendo dessas coisas! Mas dentro de dez anos qualquer garoto recém-saído do colégio há de se julgar um grande homem; subirá à coluna de um jornal para esbofetear seus predecessores, aos quais há de puxar pelos pés para lhes obter o lugar. Napoleão teve muita razão em amordaçar a imprensa! Eu apostaria que, sob um governo criado pelas folhas da oposição, elas haveriam de atacá-lo ferozmente com as mesmas razões e com os mesmos artigos que hoje se escrevem contra o do rei, no dia em que esse mesmo governo lhes recusasse o que quer que fosse. Quanto mais concessões se fizerem aos jornalistas, mais se hão de tornar exigentes os jornais. Os jornalistas que tiverem triunfado serão substituídos por outros esfaimados e

pobres. A chaga é incurável, será cada vez mais maligna, cada vez mais insolente; e, quanto maior for o mal, mais há de ser tolerado, até o dia em que a confusão se fará nos jornais, pela sua abundância, como na Babilônia. Todos nós que aqui estamos sabemos que em ingratidão os jornais irão além dos reis, e além do mais sujo comércio em especulação e em cálculo; que hão de devorar nossas inteligências vendendo-lhes todas as manhãs o seu fósforo cerebral; mas haveremos todos de continuar a neles escrever, como a pessoa que explora uma mina de mercúrio sabendo que ali há de morrer. Eis ali, ao lado de Corália, um moço... como se chama ele? Luciano! É belo, é poeta e, o que é melhor para ele, homem de espírito. Pois bem! Há de entrar em qualquer um desses lugares suspeitos do pensamento chamados jornais, ali há de jogar suas mais belas ideias, ali há de dessecar o cérebro, ali há de corromper a alma, ali há de cometer essas covardias anônimas que, na guerra das ideias, substituem os estratagemas, as pilhagens, os incêndios, as abordagens na guerra dos *condottieri*. E, quando houver ele, como outros mil, malbaratado um belo talento em favor dos acionistas, esses negociantes de veneno hão de deixá-lo morrer de fome, se tiver sede, e de sede, se tiver fome.

— Obrigado — disse Finot.

— Mas, meu Deus — continuou Cláudio Vignon —, eu sabia disso, estou nas galés e a chegada de um novo forçado me dá prazer. Eu e Blondet somos mais fortes que os senhores fulano e beltrano, que especulam com nosso talento, e no entanto seremos sempre explorados por eles. Possuímos coração sob a nossa inteligência, faltam-nos as ferozes qualidades do explorador. Somos preguiçosos, contemplativos, meditabundos, gostamos de julgar: hão de beber o nosso cérebro e acusar-nos ainda de mau procedimento!

— Pensei que seriam mais divertidos — queixou-se Florina.

— Florina tem razão — disse Blondet. — Deixemos a cura dos males públicos a esses charlatães que são os homens de Estado. Como diz Charlet:[265] “Cuspir no prato? Jamais!”.

— Sabem o que Vignon me faz lembrar? — perguntou Lousteau mostrando Luciano. — Uma dessas gordas mulheres da Rue du Pélican, que dissesse a um colegial: “Meu pequeno, és muito criança

ainda para vir aqui...”.

Esta tirada fez rir, mas agradou Corália. Os negociantes bebiam e comiam, escutando.

— Que nação é esta onde se encontra tanto bem e tanto mal?! — disse o ministro ao duque de Rhétoré. — Os senhores — continuou — são uns pródigos que não se podem arruinar.

E assim, por uma bênção do acaso, nenhum aviso faltou a Luciano sobre o declive do precipício onde deveria tombar. D'Arthez havia posto o poeta na nobre estrada do trabalho, acordando nele o sentimento sob o qual os obstáculos desaparecem. O próprio Lousteau havia tentado afastá-lo, por um pensamento egoísta, pintando-lhe o jornalismo e a literatura em suas cores verdadeiras. Luciano não quisera acreditar em tanta corrupção escondida; mas ouvia, afinal, jornalistas gritando seu mal, via-os à obra, rasgando o ventre de sua nutriz para predizer o futuro.^[266] Havia visto as coisas como elas realmente são, durante aquela ceia. Mas, em vez de se sentir tomado de horror à vista do coração mesmo daquela corrupção parisiense tão bem qualificada por Blücher, gozava com embriaguez aquela sociedade inteligente. Achava superiores aqueles homens extraordinários, metidos na armadura damasquinada de seus vícios e sob o brilhante capacete de sua análise fria, aos homens graves e sérios do cenáculo. Depois, saboreava as primeiras delícias da riqueza; estava sob o encantamento do luxo, sob o império da boa mesa; seus instintos caprichosos despertavam. Bebia pela primeira vez vinhos finos, travava conhecimento com as esquisitas iguarias da alta cozinha; via um ministro, um duque e sua bailarina, emparelhados aos jornalistas, admirando o seu poder atroz. Sentiu tremendo prurido de dominar esse mundo de reis; sentia-se com forças para os vencer. E havia, enfim, essa Corália que ele acabava de tornar tão feliz com algumas frases. Examinando-a à luz das velas do festim, através da fumaça dos pratos e do nevoeiro da embriaguez, ela lhe parecia sublime, tanto o amor a tornava bela! Essa rapariga era, aliás, a mais bonita, a mais bela atriz de Paris.

O cenáculo, esse céu da inteligência nobre, teve de sucumbir sob tão completa tentação. A vaidade peculiar aos escritores acabava de ser

acariciada em Luciano por conhecedores; ele havia sido elogiado por seus futuros rivais. O êxito de seu artigo e a conquista de Corália eram dois triunfos capazes de revirar uma cabeça menos jovem que a sua. Durante a discussão, toda a gente havia comido notavelmente bem, bebido superiormente. Lousteau, vizinho de Camusot, derramou-lhe *kirsch* no vinho por duas ou três vezes, sem que pessoa alguma prestasse atenção a isso, e lhe estimulou o amor-próprio para levá-lo a beber. A manobra foi tão bem conduzida que o negociante nada percebeu, ele que se acreditava tão malicioso, no seu gênero, quanto os jornalistas.

Os gracejos apimentados começaram na ocasião em que circularam as guloseimas e os vinhos da sobremesa. O diplomata, como homem de espírito, fez um sinal ao duque e à bailarina logo que ouviu ressoarem os disparates que anunciaram nesses homens inteligentes as cenas grotescas pelas quais findam as orgias, e desapareceram os três. Quando Camusot perdeu completamente a cabeça, Corália e Luciano, que durante toda a ceia se haviam comportado como namorados aos quinze anos, fugiram escada abaixo e se meteram num fiacre. Como Camusot estivesse debaixo da mesa, Matifat pensou que ele houvesse saído em companhia da atriz. Deixou seus hóspedes fumando, bebendo, rindo e discutindo e seguiu Florina quando esta se foi deitar.

O dia surpreendeu os combatentes, ou antes Blondet, bebedor intrépido, o único que ainda podia falar e que propôs aos adormecidos um brinde à aurora dos dedos de rosa.

XIX – UMA CASA DE ATRIZ

Luciano não tinha o hábito das orgias parisienses; conservava ainda lucidez perfeita ao descer as escadas, mas o ar livre fê-lo sentir sua embriaguez, que foi hedionda. Corália e a criada de quarto foram obrigadas a amparar o poeta até o primeiro andar da bela casa da Rue de Vendôme, onde morava a atriz. Na escada, Luciano quase desmaiou, e mostrou-se ignobilmente indisposto.

— Depressa, Berenice — gritou Corália —, um chá! Faze um chá!

— Isto não é nada, é o ar — dizia Luciano. — E, depois, eu nunca

havia bebido tanto.

— Pobrezinho, é inocente como um cordeiro! — disse Berenice, gorda normanda, tão feia quanto Corália era linda.

Luciano foi posto, afinal, sem o saber, na cama de Corália.

Ajudada por Berenice, a atriz havia desvestido, com o cuidado e o amor de uma mãe pelo filho pequenino, o seu poeta, que dizia sempre:

— Não é nada! É o ar. Obrigado, mamãe.

— Como ele diz bem “mamãe”! — exclamou Corália, beijando-lhe o cabelo.

— Que prazer amar um anjo assim, senhorita. E onde o pescou? Eu não acreditava que pudesse existir homem tão bonito quanto a patroa é bela — disse Berenice.

Luciano queria dormir, não sabia onde estava e nada via. Corália o fez beber várias taças de chá e depois deixou que dormisse.

— A porteira ou alguma outra pessoa não nos terá visto? — perguntou Corália.

— Não, eu a esperava.

— Vitória de nada sabe?

— Só faltava! — disse Berenice.

Dez horas depois, lá pelo meio-dia, Luciano acordou, sob os olhos de Corália, que velava o seu sono. E ele compreendeu aquilo, o poeta! A atriz trazia ainda o belo vestido abominavelmente manchado e do qual iria fazer uma relíquia. Luciano reconheceu o devotamento, as finuras do amor que queria sua recompensa: olhou para Corália. Corália num instante estava despida e deslizou como uma cobra para junto dele. Às cinco horas o poeta dormia embalado por divinas voluptuosidades. Havia entrevisto o quarto da atriz, uma arrebatadora criação do luxo, todo branco e rosa, um mundo de maravilhas e de graciosos requintes que ultrapassava tudo o que já havia admirado em casa de Florina. Corália estava de pé. Para representar seu papel de andaluza, deveria estar no teatro às sete horas. Havia contemplado o seu poeta adormecido no prazer, havia-se embriagado sem se poder saciar desse nobre amor que confundia os sentidos com o coração e o coração com os sentidos para simultaneamente os exaltar. Essa divinização, que permite ser dois aqui na terra para sentir e um só no céu para amar,

era a sua absolvição. A quem, aliás, a beleza sobre-humana de Luciano não serviria de escusa? Ajoelhada ante o leito, feliz pelo amor em si mesmo, a atriz se sentia santificada.

Essas delícias foram perturbadas por Berenice.

— Camusot está aí, e sabe que a senhora está aqui! — exclamou ela.

Luciano levantou-se, pensando com inata generosidade em não comprometer Corália. Berenice levantou uma cortina. Luciano entrou num delicioso quarto de vestir, para onde Berenice e sua patroa levaram com incrível presteza as roupas de Luciano. Mal o negociante aparecera, as botas do poeta feriram o olhar de Corália. Berenice havia-as colocado diante do fogo para aquecê-las, depois de as ter lustrado às escondidas. Tanto a criada como a patroa haviam esquecido as botas acusadoras. Berenice saiu depois de haver trocado com sua patroa um olhar de inquietação. Corália estendeu-se no sofá e disse a Camusot que se sentasse numa “gôndola” à sua frente. O honrado homem, que adorava Corália, olhava para as botas e não ousava levantar os olhos para a amante.

“Devo acaso dar o cavaco por causa desse par de botas e deixar Corália? Seria zangar-me por pouca coisa. Há botas por toda parte. Aquelas ali estariam mais bem colocadas nas prateleiras de um sapateiro ou nos bulevares a passear nas pernas de um homem. Entretanto, aqui, sem pernas, elas dizem várias coisas contrárias à fidelidade. Tenho cinquenta anos, é verdade; devo ser tão cego como o amor.”

Esse covarde monólogo não tinha escusa. O par de botas não era dessas botas que se usam hoje e que até certo ponto um homem distraído poderia não ver; era das que a moda de então ordenava que se usassem: um par de botas inteiras, muito elegantes, com borlas, que reluziam sobre as calças colantes, quase sempre de cor clara, e onde se refletiam os objetos como num espelho. Por isso, as botas feriam os olhos do honesto negociante de sedas, e, para dizer tudo, feriam-lhe também o coração.

— Que tem? — perguntou-lhe Corália.

— Nada — respondeu ele.

— Toque a campainha — pediu Corália, sorrindo da covardia de Camusot. — Berenice — disse ela à normanda, quando esta entrou —, arranje-me logo abotoadores para eu calçar outra vez essas malditas botas. Não esqueça de os levar esta noite ao meu camarim.

— Como?... Suas botas?... — disse Camusot, respirando mais à vontade.

— Eh! que é que você pensava então? — perguntou ela com ar arrogante. — Bobalhão, não vai acreditar... Oh! ele acreditaria! — disse ela a Berenice. — Faço um papel de homem na peça de Fulano, e nunca me havia vestido de homem. O sapateiro do teatro trouxe-me essas botas aí para ensaiar a andar, enquanto espero o par para o qual me tomou as medidas. Ele mas calçou, porém me fizeram sofrer tanto que as tirei. E, no entanto, é preciso que as torne a calçar.

— Não as calce mais se elas a incomodam — disse Camusot, a quem as botas tanto haviam incomodado.

— Seria melhor — disse Berenice — se, em vez de se martirizar como ainda há pouco... ela chorava, meu senhor!... e, se eu fosse homem, nunca uma mulher que eu amasse choraria!... seria melhor se as usasse

de marroquim bem delicado. Mas a administração é tão ladra! Senhor, deveria ir encomendá-las...

— Sim, sim — disse o negociante. — Vai levantar-se? — perguntou a Corália.

— Daqui a um momento; só vim para casa às seis horas, depois de o ter procurado por toda parte. Você me fez ficar com o fiacre durante sete horas. E assim é que me trata, esquecendo-me por garrafas! Devo cuidar-me, eu que vou representar agora todas as noites, enquanto *O alcaide* der dinheiro. Não tenho vontade de desmerecer o artigo daquele rapaz!

— Como é belo aquele menino! — disse Camusot.

— Acha? Não gosto de homens assim, eles se parecem muito com uma mulher; e, depois, não sabem amar como vocês, velhas bestas do comércio. Vocês se aborrecem tanto!

— O senhor janta com a patroa? — perguntou Berenice.

— Não. Tenho a boca pastosa.

— Você ficou lindamente *puf*, ontem. Ah! Papai Camusot, antes de tudo: não gosto dos homens que bebem...

— Farás um presente a esse moço — disse o negociante.

— Ah! Sim, prefiro pagá-los desse modo a fazer o que faz Florina. Vamos, raça ruim que a gente ama, vá-se embora ou então me dê uma carruagem, para que eu não perca mais tempo.

— Há de tê-la amanhã para jantar com o seu diretor no Rocher de Cancale. Não representarão domingo a nova peça.

— Venha, vou jantar — disse Corália, levando Camusot.

Uma hora depois, Luciano foi libertado por Berenice, companheira de infância de Corália, criatura tão sutil, tão fina de espírito quanto pesada de corpo.

— Fique aqui, Corália voltará sozinha; pretende até mandar embora Camusot, se ele o incomoda — disse Berenice a Luciano. — Mas, querido filho do seu coração, o senhor se parece demais com um anjo para ter a coragem de arruiná-la. Ela mo disse; está decidida a tudo abandonar, a sair deste paraíso para ir viver na sua mansarda. Oh! Os ciumentos, os invejosos vieram logo explicar que o senhor não tinha eira nem beira, e que vivia no Quartier Latin! Eu o seguiria, pode estar

certo, cuidaria de sua casa. Mas acabo de consolar a pobre criança. Não é verdade, senhor, que tem bastante inteligência para não cometer uma asneira assim? Ah! O senhor há de ver que o outro ricaço não possui mais que o cadáver e que o senhor é que é o querido, o bem-amado, a divindade à qual se abandona a alma. Se soubesse como Corália é graciosa quando eu a faço repetir os papéis! Que amor de criança! Bem merecia que Deus lhe enviasse um de seus anjos; ela estava enfadada com a vida. Foi tão infeliz com a mãe, que lhe batia e que a vendeu! É verdade, meu senhor, uma mãe! A própria filha! Se eu tivesse uma filha, haveria de servi-la como faço com a minha pequena Corália, de quem fiz minha filha. São estas as primeiras horas felizes que a vejo passar, a primeira vez que é realmente aplaudida. Parece que, à vista do que o senhor escreveu, organizaram uma formidável claqué para a segunda representação. Enquanto o senhor dormia, Braulard veio trabalhar com ela.

— Quem? Braulard? — perguntou Luciano, a quem esse nome não parecia desconhecido.

— É o chefe da claqué; veio combinar com ela as passagens da representação em que há de ser aplaudida. Apesar de se dizer sua amiga, Florina poderia querer pregar-lhe uma peça e tomar tudo para si. Todo o bulevar está em agitação por causa do seu artigo. Que leito preparado para os amores de um príncipe!... — disse ela, pondo sobre a cama uma coberta para os pés, toda guarnecida de rendas.

Acendeu depois as velas, e, à sua luz, Luciano, aturdido, acreditou-se deveras num palácio do Gabinete das Fadas.[267] Os mais ricos estofos do Casulo de Ouro haviam sido escolhidos por Camusot para as tapeçarias e as cortinas das janelas. O poeta andava sobre um tapete real. O jacarandá captava nos entalhes de suas esculturas reflexos de luzes, que neles cintilavam. A lareira, de mármore branco, resplandecia com os mais caros bibelôs. A colcha era de pluma de cisne debruada de marta. Chinelinhas de veludo negro, forradas de seda púrpura, falavam ali dos prazeres que esperavam o poeta das *Boninas*. Um delicioso lustre pendia do teto forrado de seda. Por toda a parte maravilhosas jardineiras ostentavam flores escolhidas, lindas urzes brancas e camélias sem perfume. Viam-se em tudo imagens da inocência.

Como imaginar ali uma atriz e os costumes do teatro?

Berenice notou o assombro de Luciano.

— Não é mesmo bonito? — perguntou ela com voz acariciadora. — Não estarão melhor aqui para amar do que numa água-furtada? Impeça a sua cabeçada — continuou ela, trazendo para a frente de Luciano uma magnífica mesinha redonda carregada de iguarias tiradas do jantar de sua ama, a fim de que a cozinheira não desconfiasse da presença de um amante.

Luciano juntou muito bem, servido por Berenice em baixela de prata esculpida, em pratos pintados a um luís a peça. Esse luxo agia sobre a sua alma como uma rapariga das ruas age sobre um ginásiano com a carne nua e as meias brancas bem esticadas.

— Como é feliz esse Camusot! — exclamou ele.

— Feliz?! — tornou Berenice. — Ah! Ele daria toda a sua fortuna para estar no lugar do senhor e trocar seus velhos cabelos grisalhos pela sua cabeleira loura.

Insistiu com Luciano, a quem deu o mais delicioso vinho que Bordeaux já produziu para o mais rico dos ingleses, para que se tornasse a deitar enquanto esperava Corália, para que dormisse um pouquinho; e Luciano tinha, de fato, desejos de estender-se naquele leito que tanto admirava. Berenice, que lera esse desejo nos olhos do poeta, sentia-se feliz por sua ama.

Às dez e meia Luciano acordou sob um olhar saturado de amor. Corália ali estava na mais voluptuosa das *toilettes* de noite. Luciano havia dormido; já não estava ébrio senão de amor. Berenice retirou-se, perguntando:

— A que horas, amanhã?

— Onze horas; tu nos trarás o almoço na cama. Não estarei em casa para ninguém antes das duas horas.

Às duas horas do dia seguinte a atriz e seu amante estavam vestidos e um em frente ao outro como se o poeta tivesse vindo fazer uma visita à sua protegida.

Corália havia banhado, penteado, vestido Luciano. Havia mandado procurar na casa Colliau para ele doze belas camisas, doze gravatas, doze lenços, uma dúzia de luvas numa caixa de cedro. Quando ouviu o

ruído de uma carruagem à porta, precipitou-se para a janela com Luciano. Ambos viram Camusot, que descia de um cupê magnífico.

— Eu não acreditava — disse ela — que se pudesse odiar tanto a um homem e ao luxo...

— Sou pobre demais para consentir que você se arruíne — disse Luciano, passando assim sob as forcas caudinas.[\[268\]](#)

— Pobre gatinho! — disse ela apertando Luciano contra o coração. — Tu me amas muito, então?

— Convidei este senhor — disse ela, mostrando Luciano a Camusot — para me vir ver esta manhã, pensando que iríamos passear nos Champs-Élysées para inaugurar a carruagem.

— Vão sozinhos — disse Camusot tristemente. — Não janto com os dois, é dia do aniversário de minha mulher; havia-me esquecido.

— Pobre Musot! Como te irás aborrecer... — disse ela, saltando ao pescoço do negociante.

Sentia-se ébria de alegria ao pensar que estrearia só com Luciano o belo cupê, que iria sozinha com ele ao bosque, e, no seu acesso de alegria, parecia amar Camusot, a quem fez mil carícias.

— Quisera poder dar-lhe uma carruagem todos os dias — disse o pobre homem.

— Vamos, senhor, são duas horas — disse a atriz a Luciano, que ela viu envergonhado e a quem consolou com um gesto adorável.

Corália precipitou-se pelas escadas arrastando Luciano, que ouvia o negociante arrastando-se como uma foca atrás deles sem os poder alcançar. O poeta sentiu o mais embriagador dos gozos: Corália, a quem a felicidade tornava sublime, oferecia a todos os olhos encantados uma indumentária cheia de gosto e elegância.

A Paris dos Champs-Élysées admirou os dois amantes. Numa das alamedas do Bois de Boulogne, o cupê passou pela caleça das sras. d'Espard e de Bargeton, que olharam para Luciano com ar assombrado, mas às quais ele lançou o olhar de desprezo do poeta que pressente sua glória e vai usar o seu poder. O momento em que pôde atirar, num relance de olhos, àquelas duas mulheres alguns dos pensamentos de vingança que elas lhe haviam posto no coração para o roer foi um dos mais doces de sua vida e decidiu, talvez, o seu destino.

Luciano foi de novo tomado pelas fúrias do orgulho: desejou reaparecer no mundo e ali tomar uma estrondosa desforra, e todas as ninharias sociais, há pouco calcadas aos pés do estudioso, do amigo do cenáculo de novo lhe entraram na alma. Compreendeu então todo o alcance do ataque feito por Lousteau por sua causa: Lousteau acabava de servir suas paixões, ao passo que o cenáculo, esse mentor coletivo, parecia querer abatê-las em benefício de enfadonhas virtudes e de trabalhos que Luciano começava a julgar inúteis. Trabalhar! Não é acaso a morte para as almas ávidas de gozo? Com que facilidade, aliás, os escritores resvalam para o *far niente*, para a boa vida e as delícias da existência luxuosa das atrizes e das mulheres fáceis! Luciano sentiu um desejo irresistível de continuar a vida desses dois dias loucos.

O jantar no Rocher de Cancale foi esplêndido. Luciano encontrou os convivas de Florina, menos o ministro, o duque e a bailarina, e menos Camusot, substituídos por dois atores célebres e por Heitor Merlin, acompanhado pela amante, uma deliciosa mulher que se fazia chamar sra. du Val-Noble,^[269] a mais bela, a mais elegante das mulheres que formavam então em Paris o mundo excepcional das criaturas que hoje, decentemente, são chamadas de *lorettes*. Luciano, que havia quarenta e oito horas vivia num paraíso, soube do êxito de seu artigo. Vendo-se festejado, invejado, o poeta aprumou-se: seu espírito cintilou; tornou-se o Luciano de Rubempré que durante vários meses brilharia na literatura e no mundo dos artistas. Finot, homem de incontestável habilidade para adivinhar o talento e que o farejava como um ogre fareja carne fresca, adulou Luciano, tentando introduzi-lo no grupo de jornalistas por ele comandados. Luciano mordeu a isca dessas lisonjas. Corália observou o manejo daquele consumidor de inteligências e quis colocar Luciano de sobreaviso contra ele.

— Não tomes compromissos, meu filho — disse ela ao poeta —; espera, eles te querem explorar, falaremos sobre isso esta noite.

— Bah! — respondeu Luciano. — Eu me sinto bastante forte para ser tão mau e tão astuto quanto eles o podem ser.

Finot, que sem dúvida não brigara com Heitor Merlin por causa das linhas em branco, apresentou Merlin a Luciano e Luciano a Merlin. Corália e a sra. du Val-Noble fraternizaram, cumularam-se de carícias e

de atenções. A sra. du Val-Noble convidou Luciano e Corália para um jantar. Heitor Merlin, o mais perigoso dos jornalistas presentes a esse jantar, era um homenzinho seco, de lábios contraídos, chocando uma ambição desmesurada, de uma inveja sem limites, feliz com todo o mal que se fizesse em torno dele, aproveitador das separações que fomentava. Tinha muita inteligência e pouca energia, mas substituiu a vontade pelo instinto que dirige os filhos da fortuna para os lugares iluminados pelo ouro e pelo poder. Ele e Luciano desagradaram-se mutuamente. Não é difícil explicar por quê: Merlin teve a desgraça de dizer em voz alta aquilo que Luciano pensava baixinho. À sobremesa, laços da mais tocante amizade pareciam unir aqueles homens que se acreditavam todos superiores um ao outro. Luciano, o recém-chegado, era objeto de suas amabilidades. Falava-se com o coração aberto. Só Heitor Merlin é que não ria. Luciano perguntou-lhe o motivo dessa reserva.

— Mas eu o vejo entrando cheio de ilusões no mundo literário e jornalístico. Acredita em amigos. Nós somos, todos, amigos ou inimigos segundo as circunstâncias. Nós somos os primeiros a nos ferir com a arma que não nos deveria servir senão para ferir os outros. O senhor perceberá dentro em pouco que nada poderá obter por meio dos sentimentos elevados. Se o senhor é bom, faça-se mau. Seja intratável por cálculo. Se ninguém lhe falou ainda nessa lei suprema, confio-lha eu e não lhe terei feito uma confidência sem importância. Para ser amado, não se separe jamais de sua amante sem que a tenha antes feito chorar um pouco; para fazer fortuna na literatura, vá ferindo todo o mundo, mesmo aos seus amigos. Faça chorar o amor-próprio de todos: receberá homenagens de um e outro lado.

Heitor Merlin sentiu-se feliz quando viu pelo ar de Luciano que suas palavras entravam no neófito como a lâmina de um punhal num coração. Jogaram; Luciano perdeu todo o dinheiro que tinha. Foi levado por Corália, e as delícias do amor fizeram-no esquecer as tremendas emoções do jogo, que, mais tarde, deveria encontrar nele uma de suas vítimas. No dia seguinte, ao sair da casa dela de volta para o Quartier Latin, encontrou na bolsa o dinheiro que havia perdido. Essa atenção a princípio o entristeceu; quis voltar à casa da artista e lhe

devolver uma dádiva que o humilhava, mas estava já na Rue de La Harpe e continuou seu caminho para o Hotel de Cluny. Meditou, ao andar, esse cuidado de Corália, e nele viu uma prova do amor maternal que essa espécie de mulheres mistura às paixões. Nelas, a paixão comporta todos os sentimentos. De pensamento em pensamento, Luciano acabou por encontrar uma razão para aceitar, dizendo-se:

— Eu a amo, viveremos juntos como marido e mulher, e não a deixarei nunca!

XX – ÚLTIMA VISITA AO CENÁCULO

A menos que fosse Diógenes, quem não compreenderia então as sensações de Luciano ao subir a escada enlameada e malcheirosa de seu hotel, fazendo ranger a fechadura de sua porta, revendo os ladrilhos sujos e a miserável chaminé de seu quarto horrível de miséria e de nudez? Sobre a mesa encontrou o manuscrito de seu romance e estas palavras de Daniel d'Arthez:

Nossos amigos estão quase satisfeitos com a sua obra, caro poeta. Poderá apresentá-la com mais confiança, dizem eles, a seus amigos e a seus inimigos. Lemos o seu encantador artigo sobre o Panorama-Dramatique. Você deve ter excitado tanta inveja na literatura como pesar entre nós.

DANIEL

— Pesar! Que será que ele quer dizer? — exclamou Luciano, surpreso com o tom de polidez que imperava no bilhete. Era então um estranho para o cenáculo? Depois de haver devorado os frutos deliciosos que lhe proporcionara a Eva dos bastidores, fazia mais empenho ainda em guardar a estima e a amizade de seus amigos da Rue des Quatre-Vents. Ficou, durante algum tempo, mergulhado numa meditação que abarcava seu presente nesse quarto e seu futuro no de Corália. Presa de hesitações alternativamente honrosas e deprimentes, sentou-se e se pôs a examinar o estado em que os amigos lhe devolviam a obra. Que espanto foi então o seu! De capítulo em capítulo, a pena hábil e

devotada daqueles grandes homens ainda desconhecidos havia trocado suas pobreza por riquezas. Um diálogo cheio, cerrado, conciso, nervoso substituíra suas conversas, que, agora compreendia, não eram senão palavras ocas ao compará-las com os discursos onde se respirava o espírito do tempo. Seus retratos, de um desenho frouxo, tinham sido vigorosamente realçados e coloridos; todos se relacionavam aos fenômenos curiosos da vida humana por meio de observações fisiológicas, devidas sem dúvida a Bianchon, expressas com agudeza, e que os tornavam vivos. Suas descrições verbosas haviam-se tornado substanciais e vivas. Havia entregado uma criança malfeita e malvestida e encontrou uma deliciosa moça em vestes brancas, com um cinto e echarpe róseas, uma arrebatadora criação. A noite o surpreendeu com os olhos em pranto; aterrado ante aquela grandeza, compreendeu o preço de uma lição como aquela, admirando aquelas correções que lhe ensinavam mais sobre a literatura e a arte que os seus quatro anos de leituras, de comparações e de estudos. A corrigenda de um esboço mal estudado, um traço magistral sobre a própria obra dizem sempre mais do que as teorias e as observações.

— Que amigos! Que corações! Como sou feliz! — exclamava ele, apertando ao peito o manuscrito.

Levado pelo impulso próprio das naturezas poéticas e volúveis, correu à casa de Daniel. Ao subir a escada, entretanto, sentiu-se menos digno desses corações que nada poderia desviar do caminho da honra. Uma voz lhe dizia que, se Daniel houvesse amado Corália, não a teria aceitado com Camusot. Conhecia também o profundo horror do cenáculo pelo jornalismo e se sabia já um pouco jornalista.

Encontrou os amigos, menos Meyraux, que acabava de sair, invadidos por um desespero que se revelava em todos os rostos.

— Que têm vocês, meus amigos? — perguntou Luciano.

— Acabamos de saber de uma catástrofe horrível: a maior inteligência de nossa época, o nosso amigo mais amado, aquele que durante dois anos foi a nossa luz...

— Luís Lambert? — disse Luciano.

— Está num estado de catalepsia que não dá esperança alguma — disse Bianchon.

— Morrerá com o corpo insensível e a cabeça nos céus — acrescentou solenemente Miguel Chrestien.

— Morrerá como viveu — disse D'Arthez.

— O amor, jogado como uma chama no vasto império de seu cérebro, incendiou-o — disse Leão Giraud.

— Sim — confirmou José Bridau —, exaltou-o a tal ponto que o perdemos de vista.

— Nós é que devemos ser lamentados — acrescentou Fulgêncio Ridal.

— Há de curar-se, talvez! — exclamou Luciano.

— Pelo que nos disse Meyraux, a cura é impossível — respondeu Bianchon. — Seu cérebro é teatro de fenômenos sobre os quais a medicina não tem poder algum.

— Há entretanto certos agentes... — disse D'Arthez.

— Sim — disse Bianchon —, ele não está senão cataléptico, poderemos torná-lo imbecil.

— Não poder oferecer ao gênio do mal outra cabeça em substituição daquela! Eu, eu daria a minha! — exclamou Miguel Chrestien.

— E que seria da federação europeia? — perguntou D'Arthez.

— Ah! É verdade — disse Miguel Chrestien —; antes de ser de um homem, pertencemos à humanidade.

— Eu vinha aqui com o coração cheio de agradecimentos para todos vocês — disse Luciano. — Vocês transformaram a minha moeda de cobre num Luís de ouro.

— Agradecimentos! Por quem nos tomas tu? — disse Bianchon.

— O prazer foi nosso — atalhou Fulgêncio.

— Muito bem, eis-te feito jornalista? — disse-lhe Leão Giraud. — O ruído de tua estreia chegou até o Quartier Latin.

— Ainda não — respondeu Luciano.

— Ah! Tanto melhor! — disse Miguel Chrestien.

— Bem que eu lhes dizia — atalhou D'Arthez. — Luciano é um desses corações que conhecem o preço de uma consciência pura. Não é um viático fortificante pousar-se à noite a cabeça sobre o travesseiro e poder dizer: “Não julguei as obras de outrem; não causei aflição a pessoa alguma; minha inteligência não feriu como um punhal a alma

de nenhum inocente; meus gracejos não imolaram prazer algum nem mesmo perturbou a tolice feliz, não fatigou sem causa o talento; desdenhei os fáceis triunfos do epigrama; enfim, não traí as minhas convicções”?

— Mas — disse Luciano — pode-se, creio, ser assim mesmo trabalhando num jornal. Se eu não tivesse decididamente senão esse meio de subsistência, seria necessário lá chegar.

— Oh! oh! oh! — fez Fulgêncio, subindo de tom a cada exclamação. — “Nós” capitulamos.

— Ele será jornalista — disse gravemente Leão Giraud. — Ah! Luciano, se o quisesse ser conosco, que vamos publicar um jornal onde jamais a verdade e a justiça hão de ser ultrajadas, onde espalharemos as doutrinas úteis à humanidade, talvez...

— Não terão um só assinante — replicou maquiavelicamente Luciano, interrompendo Leão.

— Teremos quinhentos que hão de valer quinhentos mil — respondeu Miguel Chrestien.

— Precisarão de capital —olveu Luciano.

— Não — disse D’Arthez —, mas de devotamento.

— Dir-se-ia uma loja de perfumista! — exclamou Miguel Chrestien cheirando com gesto cômico a cabeça de Luciano. — Viram-te numa carruagem lindamente envernizada, puxada por cavalos de janota, com uma amante de príncipe: Corália.

— E então — disse Luciano —, há algum mal nisso?

— Tu dizes isso como se houvesse! — exclamou Bianchon.

— Desejaria para Luciano — disse D’Arthez — uma Beatriz, uma nobre mulher que o amparasse na vida...

— Mas, Daniel, o amor não será em toda a parte semelhante a si mesmo? — perguntou o poeta.

— Ah! — respondeu o republicano. — Nisso eu sou aristocrata. Não poderia amar uma mulher que um ator beija na face diante do público, uma mulher tuteada nos bastidores, que se inclina diante da plateia e lhe sorri, que dança levantando as saias e que se veste de homem para mostrar o que eu desejaria ser o único a ver. Se eu amasse uma mulher assim, ela deixaria o teatro, e eu a purificaria pelo meu amor.

— E se ela não pudesse deixar o teatro?

— Eu morreria de desgosto, de ciúme, de mil males. Não se pode arrancar um amor do coração como se arranca um dente.

Luciano tornou-se sombrio e pensativo.

“Quando eles souberem que tolero Camusot, hão de me desprezar”, pensava ele.

— Olha — disse-lhe o selvagem republicano com uma terrível bonomia —, poderás ser um grande escritor, mas não passarás nunca de um pequeno farsante.

Tomou o chapéu e saiu.

— Miguel Chrestien é duro — disse o poeta.

— Duro e salutar como o boticão do dentista — disse Bianchon. — Miguel vê o teu futuro e neste instante talvez chore por ti na rua.

D’Arthez foi doce, consolador, e tentou animar Luciano. Ao cabo de uma hora o poeta deixou o cenáculo, maltratado pela consciência, que lhe gritava: “Tu serás jornalista!”, como a feiticeira gritara a Macbeth: “Tu serás rei!”.[\[270\]](#)

Na rua, levantou os olhos para as janelas do paciente D’Arthez, aclaradas por uma luzinha débil, e voltou para casa com o coração entristecido e a alma inquieta. Uma espécie de pressentimento dizia-lhe que pela última vez fora apertado contra o coração de seus verdadeiros amigos.

Ao entrar na Rue de Cluny pela Place de la Sorbonne, reconheceu a carruagem de Corália.

Para vir ver o seu poeta um instante, para lhe dizer um simples boa-noite, a atriz havia franqueado o espaço que vai do Boulevard du Temple à Sorbonne. Luciano encontrou a amante em lágrimas diante do aspecto de sua mansarda, querendo ser miserável como o amante. Chorava arranjando as camisas, as luvas, as gravatas e os lenços na horrível cômoda de hotel. Esse desespero era tão verdadeiro, tão grande, exprimia tanto amor que Luciano, a quem haviam censurado por amar uma atriz, viu em Corália uma santa bem perto de cingir o cilício da miséria. Para ali chegar, a adorável criatura se havia servido do pretexto de avisar seu amigo de que a sociedade Camusot, Corália e Luciano retribuiria à sociedade Matifat, Florina e Lousteau o seu

jantar, e para perguntar a Luciano se ele tinha algum convite a fazer que lhe pudesse ser útil. Luciano respondeu que conversaria com Lousteau a respeito. A atriz, depois de algum tempo, despediu-se, escondendo a Luciano que Camusot a esperava embaixo.

XXI – UMA VARIEDADE DE JORNALISTA

No dia seguinte, às oito horas, Luciano dirigiu-se à casa de Estêvão. Não o encontrou e correu à casa de Florina. O jornalista e a atriz receberam o amigo no bonito quarto de dormir onde estavam maritalmente instalados, e almoçaram os três esplendidamente.

— Mas, meu filho — disse-lhe Lousteau, quando se puseram à mesa e Luciano lhe falou da ceia que Corália iria dar —, eu te aconselho a vir comigo ver Feliciano Vernou, a convidá-lo e a te ligares a ele tanto quanto é possível a gente se ligar a um tal patife. Feliciano te dará talvez acesso ao jornal político onde cozinha o rodapé e onde poderás florescer à vontade em grandes artigos no alto das páginas. Essa folha, como a nossa, pertence ao partido liberal. Serás liberal, é o partido popular. Aliás, se quiseses passar para o lado ministerial, para lá entrarias com tanto maiores vantagens quanto mais te houvesse feito temer. Heitor Merlin e sua sra. du Val-Noble, à casa de quem vão vários grão-senhores, os jovens elegantes e os milionários, não te pediram, a ti e a Corália, que fôsseis jantar com eles?

— Sim — respondeu Luciano —, e tu lá estarás com Florina.

Luciano e Lousteau, na sua embriaguez de sexta-feira e durante o jantar de domingo, haviam chegado a tratar-se por tu.

— Muito bem, encontraremos Merlin no jornal, é um rapaz que há de seguir Finot de perto. Farás bem em agradá-lo, em pô-lo na tua ceia com sua amante: ele te há de ser talvez útil dentro de pouco tempo, porque as pessoas que odeiam precisam de todo mundo, e ele te prestará serviços para contar com tua pena em caso de necessidade.

— A sua estreia fez sensação demais para que o senhor não encontre algum obstáculo — disse Florina a Luciano —; apresse-se em aproveitar a situação, do contrário será prontamente esquecido.

— O negócio — continuou Lousteau —, o grande negócio foi

consumado! Esse Finot, um homem sem talento algum, é diretor e redator chefe do jornal hebdomadário de Dauriat, proprietário de um sexto das cotas que nada lhe custou, e tem seiscentos francos de remuneração por mês. Sou, a partir desta manhã, meu caro, redator chefe do nosso jornalzinho. Tudo se passou como eu previra, aquela noite: Florina foi soberba, ela levaria vantagem ao príncipe de Talleyrand.

— Nós dominamos os homens pelo seu prazer — disse Florina —, os diplomatas os prendem apenas pelo amor-próprio. Os diplomatas os veem a fazer curvaturas e nós vemo-los a fazer asneiras; somos, portanto, mais fortes.

— Em conclusão — disse Lousteau —, Matifat perpetrrou o único dito de espírito que há de pronunciar em sua vida de droguista: “O negócio”, disse ele, “não sai fora de meu ramo!”.

— Suspeito que foi Florina quem lho soprou! — exclamou Luciano.

— Assim, meu amor — continuou Lousteau —, estás com o pé no estribo.

— O senhor nasceu empelicado — disse Florina. — Quantos mocinhos temos visto que rolam por Paris durante anos sem chegar a conseguir colocar um só artigo num jornal! Acontecerá ao senhor o mesmo que a Emílio Blondet. Dentro de seis meses, hei de vê-lo *fazendo a sua cabeça*^[271] — continuou ela, servindo-se de uma frase de sua gíria e lançando-lhe um sorriso zombeteiro.

— Não estou eu em Paris há três anos — disse Lousteau — e não é que só desde ontem Finot me dá trezentos francos fixos por mês como redator chefe e me paga cem sous por coluna e cem francos por página, no seu jornal hebdomadário?

— E então, o senhor não diz coisa alguma? — exclamou Florina, olhando para Luciano.

— Veremos — respondeu ele.

— Meu caro — interveio Lousteau com ar ofendido —, arranjei tudo para ti como se fosses meu irmão, mas não respondo por Finot. Ele há de ser solicitado por sessenta patifes que, daqui a dois dias, hão de vir fazer-lhe propostas com abatimento. Prometi em teu nome, mas tu lhe dirás não, se quiseres. Não fazes ideia de tua felicidade — continuou o

jornalista, depois de uma pausa. — Farás parte de um grupo cujos camaradas atacam os inimigos em vários jornais e mutuamente se prestam serviços.

— Vamos primeiramente ver Feliciano Vernou — disse Luciano, que tinha pressa de se unir a essas temíveis aves de rapina.

Lousteau mandou chamar um cabriolé, e os dois amigos foram à Rue Mandar, onde morava Vernou numa casa de entrada ao lado. Ocupava ali um apartamento no segundo andar.

Luciano ficou muito surpreso ao encontrar aquele crítico acerbo, desdenhoso e empertigado numa sala de jantar da maior vulgaridade, forrada de um papelzinho imitando ladrilhos, coberto de musgo a intervalos iguais, ornada de gravuras à água-forte em molduras douradas, sentado à mesa com uma mulher muito feia para não ser legítima e duas crianças de pouca idade empoleiradas em cadeiras de pés muito altos e com anteparos, destinados a manter nelas os pequenos travessos. Surpreso num roupão confeccionado com os restos de um vestido de chita da mulher, Feliciano mostrou ar muito descontente.

— Já almoçaste, Lousteau? — perguntou, oferecendo uma cadeira a Luciano.

— Saímos de casa de Florina — disse Estêvão — e almoçamos lá.

Luciano não cessava de examinar a sra. Vernou, que parecia uma boa e gorda cozinheira, muito branca, mas superlativamente comum. Usava um lenço de seda por cima da touca de noite, com alças de onde suas faces apertadas transbordavam. Seu roupão, sem cinto, preso na gola por um botão, descia em grandes pregas e a envolvia tão mal que era impossível deixar de compará-la a um toco de pau. De uma saúde desesperadora, tinha as faces quase violeta e mãos com dedos em forma de chouriços. Tal mulher revelou imediatamente a Luciano a atitude constrangida de Vernou na sociedade. Torturado pelo casamento, sem forças para abandonar mulher e filhos, mas bastante poeta para sofrer constantemente com eles, o escritor não podia perdoar êxito nenhum a pessoa alguma; devia sentir-se descontente com tudo, por estar sempre descontente de si próprio. Luciano compreendeu o ar amargo que gelava aquela fisionomia invejosa, a

aspereza das réplicas que o jornalista semeava na conversa, o acerbo de sua frase, sempre aguda e afiada como um estilete.

— Passemos para o meu gabinete — disse Feliciano, levantando-se —; sem dúvida se trata de assuntos literários.

— Sim e não — respondeu Lousteau. — Meu velho, trata-se de uma ceia.

— Venho — disse Luciano — pedir-lhe da parte de Corália...

A esse nome, a sra. Vernou levantou a cabeça.

— ... que vá cear conosco de hoje a oito dias — disse Luciano, continuando. — Encontrará em casa dela a sociedade que encontrou em casa de Florina, acrescentada da sra. du Val-Noble, de Merlin e de mais alguns outros. Jogaremos.

— Mas, meu amigo, nesse dia deveremos ir à casa da sra. Mahoudeau — disse a mulher.

— E que tem isso? — perguntou Vernou.

— Se não formos, ela se sentirá contrariada, e ficarás bem satisfeito de encontrá-la para descontar tuas promissórias de livraria.

— Meu caro, aqui está uma mulher que não compreende que uma ceia que começa à meia-noite não impede que se vá a uma recepção que acaba às onze horas. E trabalho a seu lado — concluiu.

— O senhor tem muita imaginação! — respondeu Luciano, que com essa única frase fez de Vernou um inimigo mortal.

— Muito bem — continuou Lousteau —, contamos contigo, mas isso não é tudo; o sr. de Rubempré tornou-se um dos nossos, assim ajuda-o no teu jornal; apresenta-o como moço capaz de fazer a alta literatura, a fim de que ele possa colocar lá ao menos dois artigos por mês.

— Sim, se ele quer ser dos nossos, atacar nossos inimigos como haveremos de atacar os seus e defender nossos amigos, eu falarei nele esta noite na Opéra — respondeu Vernou.

— Muito bem! Até amanhã, meu filho — disse Lousteau, apertando a mão de Vernou com sinais da mais viva amizade. — Quando aparecerá teu livro?

— Mas — disse o pai de família — isso depende de Dauriat, a minha parte está terminada.

— E estás satisfeito?

— Sim e não...

— Nós avivaremos o êxito — disse Lousteau, levantando-se e saudando a mulher do confrade.

Essa brusca partida tornou-se necessária à vista da gritaria das duas crianças que se assestavam golpes de colher atirando papas na cara um do outro.

— Acabas de ver, meu filho — disse Estêvão a Luciano —, uma mulher que, sem o saber, há de causar muito dano à literatura. Esse pobre Vernou não nos perdoa sua mulher. Deveríamos desembaraçá-lo dela, no interesse público, bem entendido. Evitaríamos um dilúvio de artigos atrozes, de epigramas contra todos os êxitos e contra todas as fortunas. Que se pode vir a ser com uma mulher assim acompanhada desses dois horríveis traquinas? Você viu o Rigaudin da *Casa em leilão*, [272] a peça de Picard... Pois bem, como Rigaudin, Vernou não se baterá nunca, mas há de fazer com que se batam os outros. Ele é capaz de furar um dos olhos para poder furar os dois ao seu melhor amigo. Você há de vê-lo calcando o pé em todos os cadáveres, sorrindo a todas as desgraças, atacando os príncipes, os duques, os marqueses, os nobres, porque é plebeu; atacando os vencedores celibatários por causa da mulher e falando sempre em moral, advogando as alegrias domésticas e os deveres de cidadão. Enfim, esse crítico tão moral não será amável para com ninguém, nem mesmo para com as crianças. Vive na Rue Mandar entre uma mulher que poderia fazer o Mamamouchi [273] do *Burguês gentil-homem* e dois pequenos Vernous feios como traças; e quer zombar do Faubourg Saint-Germain, onde nunca há de pôr os pés, e fará, por isso, as duquesas falarem como fala sua mulher. E é esse o homem que vai ladrar contra os jesuítas, insultar a Corte, emprestar-lhe a intenção de restabelecer os direitos feudais e o morgadio, e que pregará qualquer cruzada a favor da igualdade, ele que não se considera igual de pessoa alguma. Se fosse solteiro, se frequentasse a sociedade, se tivesse as boas maneiras dos poetas monarquistas que recebem pensões, ornados com a cruz da Legião de Honra, seria um otimista. O jornalismo tem mil pontos de partida semelhantes. É uma grande catapulta posta em movimento por pequenos ódios. Tens ainda desejos de casar? Vernou não tem mais

coração; o fel invadiu tudo. E assim é o jornalismo por excelência: um tigre com duas garras, que tudo esfaçalha, como se suas penas fossem inoculadas de raiva.

— Ele é ginóphobo — disse Luciano. — Tem talento?

— Tem inteligência, é um *articulista*. Vernou produz artigos, fará sempre artigos, nada mais que artigos. O mais obstinado trabalho não poderá jamais enxertar um livro na sua prosa. Feliciano é incapaz de conceber uma obra, de lhe dispor os elementos, de lhe reunir harmoniosamente os personagens num plano que comece, se entrelace e se desenvolva para um fato capital. Ele tem ideias, mas não conhece os fatos; seus heróis são utopias filosóficas ou liberais. Seu estilo, enfim, é de uma originalidade procurada, sua frase inflada tombaria se a crítica lhe desse um alfinetaço. Por isso tem enorme medo dos jornais, como todos os que precisam das falsidades e mentiras do elogio para se susterem em cima da água.

— Que artigo estás traçando! — exclamou Luciano.

— Estes, meu filho, é preciso que a gente os diga e jamais os escreva.

— Estás feito redator chefe — disse Luciano.

— Onde queres que eu te atire? — perguntou Lousteau.

— Em casa de Corália.

— Ah! estamos enamorados — disse Lousteau. — Que erro! Faz de Corália o que eu faço de Florina: uma boa dona de casa, mas não se amarre!

— Farias danar os santos — respondeu Luciano rindo.

— Não se fazem danar os demônios — retorquiu Lousteau.

O tom leve, brilhante de seu novo amigo, a maneira pela qual encarava a vida, seus paradoxos intercalados de verdadeiras máximas do maquiavelismo parisiense agiam sobre Luciano independentemente de sua vontade. Em teoria, o poeta reconhecia o perigo desses pensamentos, mas, na prática, achava-os úteis.

Ao chegarem ao Boulevard du Temple, os dois amigos combinaram tornar a encontrar-se entre as quatro e cinco horas na redação do jornal, onde, sem dúvida, Heitor Merlin haveria de aparecer.

Luciano estava, na realidade, preso às voluptuosidades do verdadeiro amor das cortesãs, que ligam suas gavinhas aos recantos mais ternos da alma dobrando-se com incrível flexibilidade a todos os desejos, favorecendo os hábitos de moleza de onde tiram sua força. Tinha já sede dos prazeres parisienses; amava a vida fácil, abundante e magnífica que a atriz lhe proporcionava em sua casa.

Encontrou Corália e Camusot loucos de alegria. O Gymnase propunha, para a próxima Páscoa, um contrato cujas condições, nitidamente formuladas, ultrapassavam as esperanças de Corália.

— Nós lhe devemos este triunfo — disse Camusot.

— Oh! certamente! Sem ele, *O alcaide* fracassaria — exclamou Corália. — Não teria havido artigo algum, e eu permaneceria ainda no bulevar por mais seis anos.

Ela saltou-lhe ao pescoço diante de Camusot. A efusão da artista tinha um não sei quê de macio em sua rapidez e de suave no seu arrebatamento: ela amava! Como todos os homens nas grandes dores, Camusot baixou os olhos para a terra e reconheceu ao longo da costura das botas de Luciano o fio de cor empregado pelos sapateiros célebres e que se desenhava em amarelo-escuro sobre o negro brilhante do cano. A cor original desse fio havia-o preocupado durante o seu monólogo sobre a presença inexplicável de um par de botas diante da lareira de Corália. Havia lido em letras negras impressas sobre o couro branco e suave do forro o endereço de um sapateiro famoso naquele tempo: Gay, na Rue de La Michodière.

— Senhor — disse ele a Luciano —, tem umas botas muito bonitas.

— Ele tem tudo bonito — respondeu Corália.

— Eu gostaria de ser freguês de seu sapateiro.

— Oh! — disse Corália — seria como se fosse à Rue des Bourdonnais pedir endereços de fornecedores! Vai usar botas de moço? Seria um bonito rapaz! Fique com suas botas de foles, que são as que convêm a um homem estabelecido, que tem mulher, filhos e amante.

— Mas, enfim, se este senhor quisesse tirar uma de suas botas, far-me-ia um assinalado serviço — disse o obstinado Camusot.

— Não as poderia tornar a calçar sem abotoadores — disse Luciano, corando.

— Berenice irá procurá-los, eles não serão supérfluos aqui — disse o negociante com um ar terrivelmente zombeteiro.

— Papai Camusot — disse Corália atirando-lhe um olhar cheio de atroz desprezo —, tenha a coragem de sua covardia! Vamos, diga todo o seu pensamento. Acha que as botas deste senhor se parecem com as minhas? Eu lhe proíbo de tirar as botas — disse ela a Luciano. — Sim, sr. Camusot, sim, estas botas são absolutamente aquelas mesmas que estavam como que de braços dados diante de minha lareira, outro dia, e este senhor as esperava escondido no meu quarto de vestir. Ele havia passado a noite aqui. É isto o que pensa, não? Pense! Quero que pense. É a pura verdade. Eu o engano. E depois? Isso me agrada, a mim!

Sentou-se sem cólera e com o ar mais desembaraçado do mundo, olhando Camusot e Luciano, que não ousavam olhar um para o outro.

— Não acreditarei senão no que quiser que eu acredite — disse Camusot. — Não gracieje. Eu fiz mal.

— Ou eu sou uma infame desavergonhada que num instante namoricou este senhor, ou sou uma pobre miserável criatura que sentiu pela primeira vez o amor verdadeiro atrás do qual correm todas as mulheres. Em qualquer dos casos, é preciso deixar-me ou aceitar-me tal como sou — disse ela fazendo um gesto de soberana com o qual esmagou o negociante.

— Será verdade? — perguntou Camusot, que, vendo pela atitude de Luciano que Corália não brincava, mendigava um engano.

— Eu amo Corália — disse Luciano.

Ouvindo essas palavras ditas com voz comovida, Corália saltou ao pescoço do seu poeta, apertou-o nos braços e voltou a cabeça para o negociante de sedas, mostrando-lhe o admirável par amoroso que ela fazia com Luciano.

— Pobre Musot, leva tudo o que me deste, nada quero de ti; amo como uma louca esta criança, não por sua inteligência, mas pela sua beleza. Prefiro a miséria com ele aos milhões contigo.

Camusot tombou sobre uma poltrona, pôs a cabeça entre as mãos e ficou silencioso.

— Quer que saíamos daqui? — perguntou ela com incrível ferocidade.

Luciano sentiu um frio na espinha vendo-se sobrecarregado com uma mulher, uma atriz e uma casa.

— Fica aqui, guarda tudo, Corália — disse o negociante com voz fraca e dolorosa que partia da alma. — Nada quero retomar. Há aqui seiscentos mil francos de mobiliário, mas eu não poderia imaginar a minha Corália na miséria. Por grandes que sejam os talentos deste senhor, eles não te poderão dar uma vida sem privações. Eis o que nos espera a todos, a nós outros, os velhos! Corália, deixa-me o direito de vir ver-te algumas vezes. Poderei ser-te útil. Aliás, confesso, ser-me-ia impossível viver sem ti.

A doçura do pobre homem, despojado de toda a sua felicidade no momento em que se acreditava mais venturoso, tocou vivamente Luciano, mas não Corália.

— Vem, meu pobre Musot, vem quando quiseres — disse ela. — Hei de te querer mais assim, não te enganando.

Camusot pareceu contente por não ser expulso de seu paraíso terrestre, onde iria sem dúvida sofrer, mas onde esperava tornar a entrar mais tarde na posse de todos os seus direitos, contando com os acasos da vida parisiense e com as seduições que iriam cercar Luciano. O velho negociante matreiro pensou que, cedo ou tarde, o belo rapaz haveria de permitir-se algumas infidelidades, e, para o espionar, para perdê-lo no espírito de Corália, queria continuar amigo dos dois. Essa covardia da verdadeira paixão assombrou Luciano.

Camusot convidou-os a jantar no Palais-Royal, no Véry, o que foi aceito.

— Que felicidade! — exclamou Corália quando Camusot partiu. — Nada mais de mansardas no Quartier Latin; morarás aqui. Não nos separaremos nunca. Tomarás, para conservar as aparências, um pequeno apartamento na Rue Charlot, e deixa correr o barco!

Pôs-se a dançar o seu passo espanhol com um arrebatamento que revelava sua paixão indomável.

— Posso ganhar quinhentos francos por mês trabalhando muito — lembrou Luciano.

— Eu recebo outro tanto no teatro, sem contar os extraordinários. Camusot continuará me vestindo, ele me ama! Com mil e quinhentos

francos por mês viveremos como Cresos.

— E os cavalos, e o cocheiro, e o criado? — perguntou Berenice.

— Farei dívidas — exclamou Corália.

E se pôs de novo a dançar uma jiga com Luciano.

— É preciso, desde logo, aceitar as propostas de Finot — exclamou Luciano.

— Vamos — disse Corália. — Vou-me vestir e te levo ao teu jornal. Depois te esperarei com a carruagem no bulevar.

Luciano sentou-se num sofá e ficou olhando a atriz vestir-se, entregue às mais graves reflexões. Teria preferido deixar Corália livre a ser levado às obrigações de uma tal ligação; mas via-a tão linda, tão bem-feita, tão atraente que se sentiu enlevado pelos aspectos pitorescos dessa vida de boemia e atirou a luva à face da fortuna.

Berenice teve ordem de tratar da mudança e da instalação de Luciano. Depois, a triunfante, a bela, a feliz Corália arrebatou seu amado, o seu poeta, e atravessou toda Paris para ir à Rue Saint-Fiacre.

XXIII – OS ARCANOS DO JORNAL

Luciano subiu lentamente a escada e apresentou-se como um dos donos no escritório do jornal. Colocintida, tendo sempre seu papel timbrado à cabeça, e o velho Giroudeau afirmaram-lhe, ainda mui hipocritamente, que ninguém havia chegado.

— Mas os redatores devem encontrar-se nalgum lugar para combinar o jornal — disse ele.

— Provavelmente, mas nada tenho a ver com a redação — disse o capitão da guarda imperial, que se pôs de novo a verificar suas tiras resmungando seu eterno grum! grum!

Nesse instante, por um acaso — deveríamos dizer feliz ou desgraçado? —, chegou Finot, que vinha anunciar a Giroudeau sua falsa abdicação e recomendar-lhe que velasse pelos seus interesses.

— Nada de diplomacia com este senhor, ele é do jornal — disse Finot ao tio, tomando a mão de Luciano e apertando-a.

— Ah! o senhor é do jornal — exclamou Giroudeau, surpreendido com o gesto do sobrinho. — Muito bem, senhor, não encontrou

dificuldades para entrar.

— Quero fazer aqui a sua cama para que não seja logrado por Estêvão — disse Finot olhando para Luciano com um ar malicioso. — O senhor terá três francos por coluna em todos os seus trabalhos, inclusive as críticas teatrais.

— Nunca ofereceste essas condições a ninguém — disse Giroudeau olhando com assombro para Luciano.

— Ele terá os quatro teatros do bulevar e tu cuidarás para que seus camarotes não lhe sejam abafados e para que suas entradas dos espetáculos lhe sejam remetidas. Eu o aconselho, apesar disso, a fazê-las endereçar para sua casa — continuou ele, voltando-se para Luciano. — O senhor se compromete a escrever, além da crítica, dez artigos de variedades de mais ou menos duas colunas por cinquenta francos por mês durante um ano. Serve-lhe?

— Serve — respondeu Luciano, que tinha a mão forçada pelas circunstâncias.

— Meu tio — disse Finot ao caixa —, redige o contrato que assinaremos ao descer.

— Quem é este senhor? — perguntou Giroudeau levantando-se e tirando o boné de seda negra.

— O sr. Luciano de Rubempré, autor do artigo sobre *O alcaide* — respondeu Finot.

— Moço — exclamou o velho militar, batendo na frente de Luciano —, tem aí minas de ouro. Não sou literato, mas li o seu artigo; gostei dele. Falem-me de coisas assim! Isso sim que é a alegria. Por isso eu disse “Isto nos trará assinantes!”. E trouxe. Vendemos cinquenta números.

— Do contrato com Estêvão Lousteau foram tiradas duas cópias e estão prontas para ser assinadas? — perguntou Finot ao tio.

— Sim — disse Giroudeau.

— Põe na que vou assinar com este senhor a data de ontem, a fim de que Lousteau fique sob o império destas convenções. — Finot tomou o braço de seu novo redator com um gesto de camaradagem que seduziu o poeta, e o levou para a escada, dizendo:

— Terá assim uma posição definida. Eu mesmo o apresentarei aos

meus redatores. Depois, esta noite, Lousteau o apresentará nos teatros. Poderá ganhar cento e cinquenta francos por mês no nosso pequeno jornal que Lousteau vai dirigir; procure assim viver bem com ele. Já o velhaco me vai querer mal por lhe haver atado as mãos no que lhe concerne, mas o senhor tem talento e não quero que ande a tropeçar com os caprichos de um redator chefe. Aqui entre nós: pode levar até duas páginas por mês para o meu *hebdomadário*; pagar-lhas-ei duzentos francos. Não fale a pessoa alguma a respeito deste arranjo; eu ficaria sendo a presa de todos esses amores-próprios feridos pela fortuna de um recém-chegado. Faça das suas duas páginas quatro artigos. Assine dois com o seu nome e dois com pseudônimo, a fim de não dar a impressão de estar tirando o pão dos outros. Deve a sua posição a Blondet e a Vignon, que são de opinião que o senhor tem futuro, de modo que não deve estragar sua boa situação. Sobretudo desconfie de seus amigos. Quanto a nós dois, entendamo-nos sempre bem. Sirva-me que eu lhe servirei. O senhor tem mais ou menos quarenta francos de camarotes e entradas para vender, e uns sessenta francos de livros a recuperar. Isto e mais o seu trabalho lhe dará quatrocentos e cinquenta francos por mês. Com inteligência saberá conseguir pelo menos duzentos francos entre os livreiros que lhe hão de pagar artigos e prospectos. Mas o senhor me pertence, não é? Posso contar com o senhor!

Luciano apertou a mão de Finot com um transporte de indizível alegria.

— Não demos a entender que estamos de acordo — disse-lhe Finot ao ouvido, empurrando a porta de uma mansarda no quinto andar da casa e situada ao fundo de um longo corredor.

Luciano avistou então Lousteau, Feliciano Vernou, Heitor Merlin e dois outros redatores a quem não conhecia, reunidos em torno de uma mesa coberta com um pano verde, diante de um bom fogo, instalados em cadeiras ou poltronas, fumando ou rindo. A mesa estava carregada de papéis; havia um verdadeiro tinteiro cheio de tinta, penas muito feias que, mesmo assim, serviam aos redatores. Demonstrou-se assim ao novo jornalista que ali se elaborava a grande obra.

— Senhores — disse Finot —, o objeto desta reunião é a instalação

em meu lugar e cargo do nosso caro Lousteau como redator chefe do jornal que sou obrigado a deixar. Mas, se bem que as minhas opiniões sofram a transformação necessária para que eu me possa tornar o redator chefe do semanário, cujos destinos lhes são conhecidos, minhas convicções permanecem as mesmas e continuaremos amigos. Podem contar comigo como eu conto com os senhores. As circunstâncias são variáveis. Os princípios são fixos. Os princípios são o eixo sobre o qual giram os ponteiros do barômetro político.

Todos os redatores estalaram uma gargalhada.

— Quem te forneceu essas frases? — perguntou Lousteau.

— Blondet — respondeu Finot.

— Vento, chuva, tempestade, bom tempo — disse Merlin —, tudo haveremos de atravessar juntos.

— Enfim — continuou Finot —, não nos afoguemos em metáforas: todos os que tiverem artigos para mos trazer tornarão a encontrar Finot. Este senhor — disse ele apresentando Luciano — é dos nossos. Já combinei com ele, Lousteau.

Todos cumprimentaram Finot pela sua elevação e por seus novos destinos.

— Eis-te a cavalo sobre nós e sobre os outros — disse um dos redatores desconhecidos de Luciano. — Tornaste-te Jano...

— Contanto que não seja Janot[274] — disse Vernou.

— Deixar-nos-ás atacar as nossas vítimas à vontade?

— Tudo o que quiserem! — prometeu Finot.

— Ah! mas — disse Lousteau — o jornal não pode recuar. O sr. du Châtelet incomodou-se; não o deixaremos em sossego durante uma semana.

— Que se passou? — indagou Luciano.

— Veio pedir satisfações — disse Vernou. — O ex-elegante do Império encontrou o pai Giroudeau, que, com o maior sangue-frio do mundo, apontou Felipe Bridau[275] como autor do artigo, e Felipe pediu ao barão que designasse armas e hora. O negócio ficou nisso. Estamos ocupados a apresentar escusas ao barão no número de amanhã. Cada frase é uma punhalada.

— Mordam-no firme, ele virá encontrar-me — disse Finot. —

Fingirei prestar-lhe um serviço apaziguando vocês. Ele é considerado no ministério, e nós arranharemos lá qualquer coisa, nem que seja um lugar de professor substituto ou alguma agência de venda de tabaco. Foi uma felicidade ele se ter irritado. Qual de vocês quer fazer para o meu novo jornal um artigo de fundo sobre Nathan?

— Dê a Luciano — disse Lousteau. — Heitor e Vernou escreverão artigos em seus respectivos jornais...

— Adeus, senhores, nós nos encontraremos a sós no Barbin — disse Finot a rir.

Luciano recebeu alguns cumprimentos pela sua admissão na temível corporação dos jornalistas, e Lousteau o apresentou como um homem com quem se poderia contar.

— Luciano os convida, em massa, senhores, para cearem em casa de sua amante, a bela Corália.

— Corália vai ao Gymnase — disse Luciano a Estêvão.

— Muito bem, senhores, fica combinado que ajudaremos Corália, hem? Em todos os seus jornais, ponham algumas linhas sobre o contrato e falem no seu talento. Vocês emprestarão tato e habilidade à administração do Gymnase. Poderemos dar-lhe também inteligência?

— Dar-lhe-emos inteligência — respondeu Merlin. — Frederico tem lá uma peça com Scribe.

— Oh! o diretor do Gymnase é então o mais providente e o mais perspicaz dos especuladores — disse Vernou.

— Ah, esperem! Não escrevam artigo algum sobre o livro de Nathan sem que nos acertemos. Vocês saberão por quê — disse Lousteau. — Devemos ser úteis ao nosso novo camarada. Luciano tem dois livros para colocar, uma coleção de sonetos e um romance. À força de notas, ele deve ser um grande poeta no prazo de três meses. Servir-nos-emos de suas *Boninas* para rebaixar as odes, as baladas, as meditações, toda a poesia romântica.

— Será divertido se os sonetos nada valerem — disse Vernou. — Que é que você pensa de seus sonetos, Luciano?

— Aqui, como os acha? — perguntou um dos redatores desconhecidos.

— Senhores, são bons — disse Lousteau —, palavra de honra.

— Muito bem, estou satisfeito — disse Vernou —, vou atirá-los às pernas desses poetas de sacristia que me cansam.

— Se Dauriat, esta noite, não aceitar as *Boninas*, nós lhe arrumaremos artigo sobre artigo contra Nathan.

— E Nathan, o que dirá? — exclamou Luciano.

Os cinco redatores entraram a rir a bandeiras despregadas.

— Há de ficar encantado — disse Vernou. — Verá como havemos de arranjar as coisas.

— Assim, este senhor é dos nossos? — perguntou um dos redatores, que Luciano não conhecia.

— Sim, sim, Frederico, nada de farsas. Estás vendo, Luciano — disse Estêvão ao neófito —, como é que agimos contigo. Não irás recuar chegando a ocasião. Todos nós gostamos de Nathan e vamos atacá-lo. Agora, partilhemos o império de Alexandre: Frederico, queres o Français e o Odéon?[276]

— Se os senhores consentem — respondeu Frederico.

Todos inclinaram a cabeça, mas Luciano viu brilhar olhares de inveja.

— Eu guardo a Opéra, o Italiens, e a Opéra-Comique — disse Vernou.

— Está bem, Heitor ficará com os teatros de *vaudeville* — disse Lousteau.

— E eu? Eu fico então sem teatro? — exclamou o outro redator, que Luciano não conhecia.

— Pois bem, Heitor te deixará o Variétés, e Luciano a Porte Saint-Martin[277] — disse Estêvão. — Abandona-lhe a Porte Saint-Martin, ele está louco por Fanny Beaupré — disse ele a Luciano. — Em troca, ficarás com o Cirque-Olympique.[278] Eu terei o Bobino,[279] o Funambules[280] e a sra. Saqui.[281] Que é que temos para o jornal de amanhã?

— Nada.

— Nada.

— Nada!

— Senhores, sejam brilhantes para o meu primeiro número. O barão du Châtelet e sua espinha de peixe não durarão nem oito dias. O autor

de *O solitário* já está muito surrado.

— Sosthène-Démosthène[282] não tem mais graça — disse Vernou.
— Todo mundo no-lo tomou.

— Oh! são-nos precisos novos defuntos — disse Frederico.

— Senhores, e se emprestássemos ridículos aos homens virtuosos da direita? Se disséssemos que o sr. de Bonald[283] tem os pés malcheirosos? — exclamou Lousteau.

— Começemos uma série de retratos dos oradores ministeriais? — disse Heitor Merlin.

— Faze tu isso, meu filho — respondeu Lousteau —, tu os conheces, são do teu partido, poderás assim satisfazer alguns ódios intestinos. Agarra Beugnot,[284] Siryeis de Mayrinhac[285] e outros. Os artigos podem ficar prontos com antecedência, não ficaremos embaraçados por causa do jornal.

— E se inventássemos algumas recusas de sepultura[286] com circunstâncias mais ou menos agravantes? — disse Heitor.

— Não, não vamos seguir o exemplo dos grandes jornais constitucionais com sua “página dos curas” ilustrada, cheia de boatos — respondeu Vernou.

— De boatos? — estranhou Luciano.

— Chamamos boato — respondeu-lhe Heitor — a um fato que tem a aparência de verdadeiro, mas que se inventou para tornar mais interessantes os “fatos de Paris” quando estão muito frouxos. O boato é um achado de Franklin,[287] que inventou o para-raios, o boato e a república. Esse jornalista enganou tão bem os enciclopedistas com seus boatos de ultramar que, na *História filosófica das Índias*, Raynal[288] apresentou dois deles como fatos autênticos.

— Eu não sabia disso. Quais são? — perguntou Vernou.

— A história do inglês que vendeu sua libertadora, uma negra, depois de havê-la feito mãe, a fim de valorizá-la mais. Depois, a defesa sublime da moça grávida, ganhando sua causa. Quando Franklin veio a Paris, confessou suas balelas em casa de Necker,[289] para grande confusão dos filósofos franceses. E eis aí de que maneira o novo mundo por duas vezes corrompeu o antigo.

— O jornal — disse Lousteau — toma como verdade tudo o que é

provável. Partimos daí.

— A justiça criminal não procede de outra maneira — disse Vernou.

— Muito bem, até a noite, às nove horas, aqui — disse Merlin.

Todos se levantaram e apertaram-se as mãos, e a sessão foi levantada entre testemunhos da mais tocante familiaridade.

— O que é que fizeste a Finot — perguntou Estêvão a Luciano quando desciam — para que ele houvesse feito diretamente o contrato contigo? És o único com quem ele se ligou desse modo.

— Eu, nada; ele é que me propôs — respondeu Luciano.

— Enfim, mesmo que tivesses teus arranjos com ele, eu ficaria encantado, pois assim nos tornaríamos ambos mais fortes.

No andar térreo, Estêvão e Luciano encontraram Finot, que tomou Lousteau à parte, levando-o para o gabinete ostensivo da redação.

— Assine o seu contrato para que o novo diretor acredite que a coisa foi feita ontem — disse Giroudeau ao apresentar a Luciano dois papéis timbrados.

Enquanto lia o contrato, Luciano ouviu entre Estêvão e Finot uma discussão muito viva que versava sobre os produtos em espécie do jornal. Estêvão queria sua parte nesses impostos arrançados por Giroudeau. Houve, sem dúvida, uma transação entre Finot e Lousteau, porque os dois amigos surgiram afinal inteiramente de acordo.

— Às oito horas, nas Galeries de Bois, na loja de Dauriat — disse Estêvão a Luciano.

Um rapaz se apresentou, pedindo um lugar de redator com o ar tímido e inquieto que Luciano tinha até há pouco. Luciano viu com secreto prazer Giroudeau praticar com o neófito os mesmos gracejos com que o velho militar o havia enganado. Seu interesse fê-lo compreender perfeitamente a necessidade desse manejo, que punha barreiras quase intransponíveis entre os estreantes e a mansarda onde só penetravam os eleitos.

— Já não há muito dinheiro para os redatores — disse ele a Giroudeau.

— Se fossem em maior número, cada qual ficaria com menos ainda — respondeu o capitão. — Portanto!

O antigo militar fez um molinete com a bengala ferrada e saiu

grumgrumando. Pareceu ficar estupefato ao ver Luciano subir à bela carruagem que estacionava no bulevar.

— Vocês são agora os militares e nós os paisanos — disse-lhe o soldado.

XXIV – REDAURIAT

— Palavra de honra, esses rapazes parecem-me ser as melhores criaturas do mundo — disse Luciano a Corália. — Eis-me jornalista, com a certeza de poder ganhar seiscentos francos por mês, trabalhando como um cavalo; mas hei de colocar meus dois primeiros livros e hei de escrever outros. Meus amigos vão-me organizar um êxito de estrondo! Assim é que digo como tu, Corália: deixa correr o barco!

— Hás de triunfar, meu filho; mas não deves ser tão bom como és bonito; estarias perdido. É preciso que sejas mau com os homens; é boa política.

Corália e Luciano foram passear pelo Bois de Boulogne. De novo ali encontraram a marquesa d’Espard, a sra. de Bargeton e o barão du Châtelet. A sra. de Bargeton olhou para Luciano com um arzinho sedutor que poderia passar por um cumprimento.

Camusot havia encomendado o melhor jantar do mundo. Corália, sabendo-se livre dele, foi tão encantadora para com o pobre negociante de sedas que ele não se lembrou de a ter visto tão graciosa nem tão atraente durante os catorze meses de sua ligação.

— Vamos — pensou ele —, fiquemos com ela, *apesar dos pesares*.

[290]

Camusot propôs secretamente a Corália uma inscrição de seis mil libras de renda no livro-razão, que sua mulher não conhecia, se ela quisesse continuar sua amante, consentindo em fechar os olhos aos seus amores com Luciano.

— Trair um anjo assim?... mas olha bem para ele, pobre chimpanzé, e olha para ti! — disse ela, mostrando-lhe o poeta, que Camusot havia ligeiramente aturdido, fazendo-o beber.

Camusot resolveu esperar que a miséria lhe restituísse a mulher que a miséria lhe havia entregue.

— Serei então apenas teu amigo — disse ele, beijando-a na fronte.

Luciano deixou Corália e Camusot para dirigir-se às Galeries de Bois. Que mudança produzira em seu espírito a iniciação nos mistérios do jornal! Misturou-se sem medo à multidão que ondulava nas galerias, assumiu ares impertinentes porque tinha uma amante, entrou em casa de Dauriat com ar desembaraçado porque agora era um jornalista. Encontrou lá grande número de pessoas; deu a mão a Blondet, a Nathan, a Finot, a toda a literatura com a qual fraternizava havia uma semana. Imaginou-se todo um personagem e persuadiu-se de que sobrepujava aos camaradas. A leve dose de vinho que o animava serviu-lhe maravilhosamente; foi espirituoso e mostrou que sabia ser lobo entre lobos. Não obteve, entretanto, as aprovações tácitas, mudas ou faladas, com que contava. Percebeu um primeiro movimento de inveja nesse mundo talvez menos inquieto que curioso por saber que lugar iria tomar essa nova notabilidade e quanto iria abocanhar na partilha geral das vantagens da imprensa.

Finot, que encontrava em Luciano uma mina a explorar, e Lousteau, que pensava possuir direitos sobre ele, foram os únicos que o poeta viu sorridentes. Lousteau, que assumira já os modos de um redator chefe, bateu vivamente nas vidraças do gabinete de Dauriat.

— Um momento, meu amigo — respondeu-lhe o livreiro, levantando a cabeça acima das cortinas verdes e reconhecendo-o.

O momento durou uma hora, só após a qual Luciano e o amigo entraram no santuário.

— E então? Pensou no negócio do nosso amigo? — perguntou o novo redator chefe.

— Certamente — disse Dauriat recostando-se sultanescamente na poltrona. — Li os seus versos e os fiz ler por um homem de gosto, por um bom juiz, porque não tenho a pretensão de ser um conhecedor. Eu, meu amigo, compro a glória já feita como aquele inglês comprava o amor. O senhor é tão grande poeta quanto bonito rapaz, meu filho — disse Dauriat. — Palavra de homem honesto, não digo de livreiro!, seus sonetos são magníficos, não se sente neles o labor, o que é raro quando se tem inspiração e estro. Enfim, o senhor sabe rimar, uma das qualidades da nova escola. Suas *Boninas* são um belo livro, mas não

um negócio, e eu só me posso ocupar de vastos empreendimentos. Em consciência, não posso ficar com os seus sonetos; ser-me-ia impossível lançá-los; não há neles a ganhar o suficiente para cobrir as despesas do lançamento. Além disso, o senhor não vai continuar com a poesia; seu livro é um livro isolado. O senhor é muito jovem, meu jovem amigo! Traz-me a eterna coleção dos primeiros versos, que todos os homens de letras fazem ao sair do colégio, e que a princípio é tudo para eles, embora deles se riam mais tarde. Lousteau, o seu amigo, deve ter também algum poema escondido entre as meias velhas. Não tens um poema no qual acreditaste, Lousteau? — perguntou Dauriat lançando a Estêvão um olhar matreiro, de cúmplice.

— Eh! como poderia eu escrever em prosa, se não o tivesse? — disse Lousteau.

— Está vendo? E ele nunca me falou nisso. Mas nosso amigo conhece o comércio de livros e os negócios. A questão, para mim — continuou Dauriat lisonjeando Luciano —, não é saber se é um grande poeta. O senhor tem muito, mas muito mérito. Se eu fosse um novato em livraria, cometeria o erro de editá-lo. Entretanto, hoje, meus comanditários e fornecedores me cortariam o crédito. Bastou que eu houvesse perdido mais de vinte mil francos no ano passado para que nem queiram ouvir falar em poesia; e eles são os meus chefes. Entretanto, a questão não é essa. Admito que o senhor seja um grande poeta; mas será fecundo? Desovará com regularidade os seus sonetos? Chegará a dez volumes? Será o senhor um negócio? Pois bem, não. Será um delicioso prosador; tem muito espírito para estragá-lo com rípios. Poderá ganhar trinta mil francos por ano nos jornais e não irá trocá-los por três mil francos, que, com dificuldade, lhe darão os seus hemistíquios, suas estrofes e versalhadas!

— Você sabia, Dauriat, que Luciano é do jornal? — perguntou Lousteau.

— Sim — respondeu Dauriat —, li seu artigo; e, no seu próprio interesse, bem entendido, é que recuso as *Boninas*! Sim, senhor, em seis meses lhe terei pago mais pelos artigos que lhe pedir do que pela sua poesia invendável!

— Mas e a glória? — exclamou Luciano.

Dauriat e Lousteau puseram-se a rir.

— Ora essa! — disse Lousteau — este conserva ilusões.

— A glória — respondeu Dauriat — são dez anos de persistência e uma alternativa de cem mil francos de lucros ou perdas para o livreiro. Se encontrar algum louco que imprima suas poesias, daqui a um ano há de sentir estima por mim, ao ver o resultado da operação.

— Tem aí o manuscrito? — perguntou Luciano friamente.

— Aqui está ele, meu amigo — respondeu Dauriat, cujas maneiras para com Luciano se haviam já singularmente adoçado.

Luciano tomou o rolo sem olhar o estado em que estava o cordão, tanto Dauriat infundia a impressão de haver lido as *Boninas*. Saiu com Lousteau sem parecer consternado nem descontente. Dauriat acompanhou os dois amigos até a loja falando em seu jornal e no de Lousteau. Luciano brincava negligentemente com o manuscrito das *Boninas*.

— Acreditas que Dauriat tenha lido ou feito ler teus sonetos? — perguntou-lhe Estêvão ao ouvido.

— Acredito — respondeu Luciano.

— Olha para o cordão e a marca.

Luciano viu a tinta e o cordão a concordarem perfeitamente.

— Qual dos sonetos lhe agradou mais particularmente? — perguntou Luciano ao livreiro, empalidecendo de cólera e de raiva.

— São todos notáveis, meu amigo — respondeu Dauriat —, mas aquele sobre a margarida é delicioso, termina com um pensamento sutil e delicado. Foi aí que compreendi o êxito que sua prosa há de obter. Por isso, imediatamente recomendei-o a Finot. Escreva-nos artigos, havemos de pagá-los bem. Olhe aqui: quer pensar na glória, muito bem; mas não esqueça a parte sólida e aceite tudo o que se apresentar. Quando for rico, então escreva versos.

O poeta saiu bruscamente para as galerias para não estourar. Estava furioso.

XXV – A PRIMEIRA LUTA

— Então, criança — disse Lousteau, que o seguia —, acalma-te, aceita

os homens pelo que realmente são: meros instrumentos. Queres tomar vingança?

— Custe o que custar — respondeu o poeta.

— Aqui está um exemplar do livro de Nathan que Dauriat acaba de me dar. A segunda edição aparecerá amanhã. Relê a obra e rabisca um artigo demolindo-a. Feliciano Vernou não pode suportar Nathan, cuja vitória prejudica, segundo pensa, o futuro êxito de suas obras. Uma das manias desses espíritos tacanhos é a de imaginar que sob o sol não há lugar para dois êxitos. Fará, por isso, com que teu artigo saia no jornal em que trabalha.

— Mas que é que se pode dizer contra ele? É um belo livro — exclamou Luciano.

— Ora essa! Meu caro, aprende teu ofício — respondeu rindo Lousteau. — Qualquer livro, mesmo uma verdadeira obra-prima, deve tornar-se sob a tua pena uma estólida bobagem, uma obra perigosa e malsã.

— Mas como?

— Transformarás as belezas em defeitos.

— Sou incapaz de tal esforço.

— Meu caro, um jornalista é um acrobata, é preciso que te habitues aos inconvenientes da função. Olha, como bom camarada, vou indicar-te a maneira de proceder em casos como este. Presta atenção, meu filho. Começarás por achar bela a obra e podes te dar o gosto de escrever então tudo o que pensas. O público pensará: “Este crítico não tem inveja, sem dúvida há de ser imparcial”. Desde então o público há de considerar a tua uma crítica conscienciosa. Depois de haver conquistado a estima do leitor, lamentarás ter de reprovar o sistema para o qual semelhantes livros vão fazer entrar a literatura francesa. A França, dirás, não orienta acaso a inteligência do mundo inteiro? Até hoje, século após século, os escritores franceses têm mantido a Europa no caminho da análise, do exame filosófico, pela pujança do estilo e pela forma original das ideias. Aqui colocas, para o burguês, um elogio de Voltaire, de Rousseau, de Diderot, de Montesquieu, de Buffon. Explicarás como na França a língua é impiedosa, provarás que é um verniz distendido sobre o pensamento. Deixarás escapar alguns

axiomas, como: “Um grande escritor, em França, é sempre um grande homem, ele é forçado pela natureza da língua a pensar sempre, o que não acontece nos outros países” etc. Demonstrarás tua assertiva comparando Rabener,[291] um moralista satírico alemão, a La Bruyère.[292] Não há nada para dar autoridade a um crítico como falar de um autor estrangeiro desconhecido. Kant[293] é o pedestal de Cousin.[294] Firmado nesse terreno, lanças uma palavra que resume e explica aos tolos o sistema dos nossos homens de gênio do último século, chamando a sua literatura de “literatura de ideias”. Armado dessa expressão, jogas todos os mortos ilustres à cabeça dos autores vivos. Explicarás então que em nossos dias surge uma nova literatura na qual se abusa do diálogo (a mais fácil das formas literárias) e das descrições que dispensam a ideia. Oporás os romances de Voltaire, de Diderot, de Sterne, de Lesage, tão substanciais e incisivos, ao romance moderno, em que tudo se traduz por meio de imagens, e que Walter Scott *dramatizou* em demasia. Em tal gênero, não há lugar senão para o inventor. O romance à moda de Walter Scott é um gênero, não um sistema, dirás tu. Fulminarás esse gênero funesto no qual se diluem as ideias, no qual elas são passadas num laminador; gênero acessível a todas as inteligências, gênero no qual qualquer um se pode transformar num escritor sem grande custo, gênero enfim que denominarás “literatura de imagens”. Farás incidir essa argumentação sobre Nathan, demonstrando que é um imitador e que tem apenas a aparência do talento. Dirás que falta ao seu livro o grande estilo compacto do século XVIII; provarás que o autor substituiu nele os sentimentos pelos acontecimentos. O movimento não é a vida, o quadro não é a ideia! Formula sentenças assim, e o público as repetirá. Apesar do seu mérito, a obra te parecerá então fatal e perigosa, por abrir para a multidão o templo da glória. Deixarás entrever ao longe um exército de autores de segunda ordem, ansiosos por imitar a sua forma. Nessa altura poderás entregar-te então a estrondosas lamentações a respeito da decadência do bom gosto, e insinuarás o elogio dos srs. Étienne,[295] Jouy,[296] Tissot,[297] Gosse,[298] Duval,[299] Jay,[300] Benjamin Constant,[301] Aignan,[302] Baour-Lormian,[303] Villemain,[304] os corifeus do partido liberal

napoleônico, sob cuja proteção se encontra o jornal de Vernou. Mostrarás essa gloriosa falange resistindo à invasão dos românticos, batendo-se pela ideia e pelo estilo contra a imagem e o palavreado, continuando a escola voltaireana e se opondo à escola inglesa e alemã, tal como os dezessete oradores da esquerda combatem pela nação contra os ultras da direita. Protegido por esses nomes venerados pela imensa maioria dos franceses, que hão de ser sempre pela oposição da esquerda, podes esmagar Nathan, cuja obra, apesar de conter belezas superiores, dá em França direito de cidadania a uma literatura sem ideias. Desde então, não se trata mais de Nathan nem de seu livro, compreendes?, mas da glória da França. O dever das penas honestas e corajosas é opor-se vivamente a essas importações estrangeiras. Aí, tu lisonjearás o assinante. Dirás que a França é muito esperta e que não é fácil surpreendê-la. Se o livreiro, por motivos nos quais não podes penetrar, escamoteia um grande livro, o verdadeiro público faz imediatamente justiça aos erros causados pelos quinhentos simplórios que constituem sua vanguarda. Dirás que, depois de ter tido a felicidade de vender uma edição desse livro, o livreiro é bem audacioso ao tirar segunda, e lamentarás que tão hábil editor conheça tão pouco os instintos do país. Aí tens o arcabouço. Polvilha-me de espírito esse arrazoadado, aviva-lhe o sabor com um fio de vinagre, e Dauriat estará frito na panela dos artigos. Não esqueças, porém, de terminar com ar de quem lamenta em Nathan o erro de um homem ao qual, se ele abandonar esse caminho, a literatura contemporânea deverá belas obras.

Luciano sentiu-se estupefato ao ouvir Lousteau falar: a palavra do jornalista tirava-lhe a venda dos olhos, descobria verdades literárias de que não havia sequer suspeitado.

— Mas isso que estás dizendo — exclamou ele — é cheio de razão e de verdade.

— Sem isso, poderias acaso atacar o livro de Nathan? — respondeu Lousteau. — Aí está, meu filho, a primeira forma de artigo que se usa para demolir uma obra. É a picareta do crítico. Há, porém, muitas outras fórmulas! Tua educação há de fazer-se. Quando te vires absolutamente obrigado a falar a respeito de um homem de quem não

gostes (algumas vezes os proprietários e os redatores chefes de um jornal têm a mão forçada), desenvolverás a negação daquilo a que chamamos um artigo de fundo. Põe-se no alto, no cabeçalho do artigo, o título do livro do qual mandam que te ocupes. Começa-se por considerações gerais nas quais se pode falar dos gregos e dos romanos, depois se diz no fim: “Estas considerações nos levam ao livro do senhor fulano, que será matéria de um próximo artigo”. E o segundo artigo não aparecerá jamais. Mata-se assim o livro entre duas promessas. No caso, não vais escrever um artigo contra Nathan, mas contra Dauriat. É preciso um golpe de picareta. Numa bela obra, a picareta não faz moossa alguma, mas num mau livro entra até ao âmago. No primeiro caso, não fere senão o livreiro, e no segundo presta um serviço ao público. Estas formas de crítica literária empregam-se igualmente na crítica política.

A cruel lição de Estêvão instalou-se na imaginação de Luciano, que compreendeu admiravelmente o ofício.

— Vamos ao jornal — convidou Lousteau —, encontraremos lá nossos amigos e combinaremos uma carga a fundo contra Nathan. Isso os fará rir, vais ver.

Chegados à Rue Saint-Fiacre, subiram juntos à mansarda onde se fazia o jornal, e Luciano sentiu-se tão surpreendido como encantado ao ver a espécie de alegria com que seus camaradas concordaram em demolir o livro de Nathan. Heitor Merlin tomou um quadrado de papel e escreveu estas linhas para levar ao seu jornal:

Anuncia-se uma segunda edição do livro do sr. Nathan. Pretendíamos guardar silêncio sobre essa obra, mas a aparência de êxito nos obriga a publicar um artigo, menos sobre a obra em si que sobre a tendência da nossa jovem literatura.

Iniciando os gracejos para o número do dia seguinte, Lousteau pôs estas palavras:

O livreiro Dauriat publica uma segunda edição do livro do sr. Nathan? Não conhecerá acaso o provérbio palaciano non bis in idem?^[305] *Honra à coragem infeliz!*

As palavras de Estêvão foram como um rastilho para Luciano, em quem o desejo de vingar-se de Dauriat tomou o lugar da consciência e da inspiração. Três dias depois, durante os quais não saíra do quarto de Corália, onde trabalhava junto à lareira, servido por Berenice e acariciado em seus momentos de lassitude pela atenta e silenciosa amante, Luciano passou a limpo um artigo de crítica de cerca de três colunas, no qual se elevou a alturas surpreendentes. Correu ao jornal, às nove horas da noite; encontrou lá os redatores e leu-lhes o trabalho. Foi escutado em silêncio. Feliciano não disse uma só palavra; pegou o artigo e precipitou-se escada abaixo.

— Que mosca o mordeu? — exclamou Luciano.

— Ele leva teu artigo para a tipografia! — respondeu Heitor Merlin.

— É uma obra-prima onde não há uma única palavra a suprimir, nem uma linha a acrescentar.

— Vês? Não é preciso mais que te mostrar o caminho! — afirmou Lousteau. — Gostaria de ver a cara que Nathan vai fazer amanhã ao ler isso — disse outro redator, em cuja fisionomia brilhava uma doce satisfação.

— Vai ser preciso sermos seus amigos — afirmou Heitor Merlin.

— Acha então que está bem? — perguntou vivamente Luciano.

— Blondet e Vignon vão ficar doentes — disse Lousteau.

— Aqui está um artiguete — continuou Luciano — que alinharei para vocês e que pode, caso agrade, fornecer uma série de composições semelhantes.

— Leia-nos isso — disse Lousteau.

Luciano leu-lhes então um dos deliciosos artigos que fizeram depois a fortuna do jornalzinho, e nos quais, em duas colunas, se pintavam detalhes íntimos da vida parisiense, um personagem, um tipo, um acontecimento normal, ou algumas singularidades. A amostra, intitulada *Os transeuntes de Paris*,^[306] fora escrita de certa maneira nova e original na qual a ideia resultava sobretudo do choque das palavras, na qual o tilintar dos advérbios e adjetivos despertava a atenção. O artigo era tão diferente do grave e profundo trabalho sobre Nathan como as *Cartas persas*^[307] diferem de *O espírito das leis*.

^[308]

— Nasceste jornalista — disse-lhe Lousteau. — Isto sairá amanhã. Escreve tantos quantos quiseses desse gênero.

— Ah, sabem? — disse Merlin. — Dauriat está furioso com os dois obuses que jogamos na loja. Venho de sua casa; gritava imprecações e se lançava contra Finot, que lhe afirmava te haver vendido o jornal. Chamei-o de parte e lhe escorreguei estas palavras ao ouvido: “As *boninas* vão lhe custar caro! Aparece-lhe um homem de talento e você o manda passear, enquanto nós, ao contrário, o acolhemos de braços abertos”.

— Dauriat será fulminado pelo artigo que acabamos de ouvir — disse Lousteau a Luciano. — Estás vendo, meu rapaz, o que é o jornal? Mas tua vingança continua! O barão du Châtelet veio esta manhã pedir teu endereço, apareceu hoje um artigo terrível contra ele; o ex-elegante tem a cabeça a estalar, está desesperado. Não leste o jornal? O artigo é engraçado! Vê! “O enterro do Socó chorado pela Espinha de Peixe.” A sra. de Bargeton é claramente cognominada “Espinha” na sociedade e Du Châtelet só é chamado como “barão Socó”.

Luciano tomou o jornal e não pôde deixar de rir ao ler a pequena obra-prima de humorismo devida a Vernou.

— Eles vão capitular — afirmou Heitor Merlin.

Luciano tomou parte alegremente nalgumas das piadas e sátiras com que em geral se terminava a feitura do jornal, conversando e fumando, a contar as aventuras do dia, os ridículos dos camaradas, ou algum novo pormenor sobre seu caráter. Essa conversa eminentemente espirituosa, zombeteira e maldosa pôs Luciano a par dos costumes e do pessoal da literatura.

— Enquanto se compõe o jornal — disse Lousteau —, vou dar uma volta contigo, apresentar-te a todos os controles e aos bastidores dos teatros onde terás entradas. Iremos depois encontrar Florina e Corália no Panorama-Dramatique, onde faremos loucuras com elas em seus camarins.

Saíram ambos de braços dados, e foram de teatro em teatro; Luciano foi entronizado como redator, cumprimentado pelos diretores, binoculado pelas atrizes, que todas sabiam da importância que um único artigo dele acabava de dar a Corália e a Florina, contratadas, uma

para o Gymnase por doze mil francos anuais, e a outra por oito mil francos para o Panorama. Foram outras tantas pequenas ovações que elevaram Luciano a seus próprios olhos e lhe deram a medida de seu poder. Às onze horas os dois amigos chegaram ao Panorama-Dramatique, onde Luciano assumiu um ar desembaraçado que obrou maravilhas. Nathan lá estava. Nathan estendeu a mão a Luciano, que a tomou e apertou.

— Mas então! mestres — disse ele olhando para Luciano e Lousteau —, querem mesmo enterrar-me?

— Espera até amanhã, meu caro, vais ver como Luciano te pegou! Palavra de honra! Vais ficar contente. Quando a crítica é tão séria como essa, um livro só tem a ganhar com ela.

Luciano estava vermelho de vergonha.

— É muito duro? — perguntou Nathan.

— É grave — respondeu Lousteau.

— Mas não há nela então nada de mal? — insistiu Nathan. — Heitor Merlin dizia no saguão do Vaudeville que eu estava liquidado.

— Deixe-o dizer e espere — exclamou Luciano, que se escapou para o camarim de Corália, seguindo a artista no momento em que ela deixava a cena em seu atraente costume.

XXVI – O LIVREIRO EM CASA DO AUTOR

No dia seguinte, Luciano almoçava com Corália quando ouviu, nítido, o ruído de um cabriolé, ruído que naquela rua deserta anunciava elegante viatura, cujo cavalo tinha o andar desembaraçado e a maneira de parar que trai a raça pura. De sua janela, Luciano percebeu, de fato, o magnífico cavalo inglês de Dauriat e o próprio Dauriat, que entregava as rédeas ao *groom* antes de descer.

— É o livreiro — gritou Luciano à amante.

— Manda esperar — disse imediatamente Corália a Berenice.

Luciano sorriu do desembaraço daquela jovem que tão admiravelmente se identificava com os seus interesses, e voltou para beijá-la com verdadeira efusão: ela tivera presença de espírito. A presteza do impertinente livreiro, a súbita humilhação daquele

príncipe dos charlatães provinha de circunstâncias quase que inteiramente esquecidas na atualidade, tanto e tão completamente se transformou o comércio de livros nestes últimos quinze anos. De 1816 a 1827, época em que os gabinetes literários, estabelecidos a princípio para a leitura de jornais, começaram a oferecer à leitura os livros novos, mediante retribuição, e em que a agravação das leis fiscais em relação à imprensa periódica fez criar o anúncio, os livreiros não dispunham de outros meios de publicidade além dos artigos inseridos ora nos suplementos ora no corpo dos jornais. Até 1822, os jornais franceses apareciam em folhas de formato tão reduzido que os grandes jornais mal ultrapassavam as dimensões dos pequenos jornais dos nossos dias. Para resistir à tirania dos jornalistas, Dauriat e Ladvocat (foram eles os primeiros) inventaram os cartazes por meio dos quais captaram a atenção de Paris, neles ostentando caracteres de fantasia, coloridos bizarros, vinhetas, e, mais tarde, as litografias que fizeram dos cartazes um poema para os olhos e, muitas vezes, uma decepção para a bolsa dos amadores. Os cartazes tornaram-se tão originais que um desses maníacos chamados *coleccionadores* possui uma coleção completa de cartazes parisienses. Esse meio de anunciar, restrito, de começo, às vitrines das lojas e às exposições de mercadoria dos bulevares, e mais tarde espalhado por toda a França, foi substituído pelo anúncio. O cartaz, entretanto, que atrai ainda os olhos mesmo depois de o anúncio e muitas vezes a própria obra estarem esquecidos, subsistirá sempre, sobretudo depois que se encontraram os meios de pintá-los nas paredes. O anúncio, acessível a todos mediante pagamento, e que converteu a quarta página dos jornais num campo tão fértil para o fisco como para os especuladores, nasceu sob os rigores do selo, do correio e das cauções. Essas restrições inventadas ao tempo do sr. de Villèle,^[309] que poderia então haver matado os jornais vulgarizando-os, criaram, pelo contrário, uma espécie tal de privilégio que tornava a fundação de um periódico coisa quase impossível. Em 1821, tinham pois os jornais direitos de vida e de morte sobre as concepções do pensamento e os empreendimentos editoriais. Uma notícia de algumas linhas inserta nos “fatos de Paris” pagava-se terrivelmente caro. As intrigas multiplicavam-se de tal modo no

interior das salas de redação e, à noite, no campo de batalha das tipografias, à hora em que a *paginação* decidia sobre a admissão ou recusa deste ou daquele artigo, que as grandes livrarias tinham a seu soldo um homem de letras para redigir essas pequenas notas em que era preciso se colocarem muitas ideias em poucas palavras. Esses jornalistas obscuros, pagos somente após a publicação, ficavam muitas vezes durante a noite nas tipografias para ver postos no prelo ora os grandes artigos (obtidos sabe Deus como!) ora essas poucas linhas, que tomaram depois o nome de *reclamos*. Atualmente, os costumes da literatura e da livraria mudaram tanto que muita gente dirá que são invenções os imensos esforços, as seduções, as covardias, as intrigas, que a necessidade de obter esses reclamos inspirava aos livreiros, aos autores, aos mártires da glória, a todos os forçados condenados ao êxito perpétuo. Jantares, lisonjas, presentes, de tudo se lançava mão junto aos jornalistas. A seguinte anedota explicará melhor do que todas as asserções a estreita aliança entre a crítica e o comércio de livros.

Um escritor de alto estilo e com miras a tornar-se homem de Estado, e, naquele tempo, jovem, galante e redator de um grande jornal, tornara-se o preferido de famosa livraria. Certo dia, um domingo, no campo, onde o opulento livreiro festejava os principais redatores dos jornais, a dona da casa, então jovem e bonita, acompanhava pelo parque o ilustre escritor. O gerente, um alemão frio, grave e metódico, que só pensava em negócios, passeava de braço dado a um folhetinista, conversando a respeito de certa iniciativa sobre a qual este o consultava. A conversa levou-os para além do parque; atingiram o bosque. Ao fundo de um maciço, o alemão viu qualquer coisa que se assemelhava à sua patroa; pegou da luneta, fez sinal ao jovem redator para que se calasse, para que se fosse, e voltou, também ele com precaução, sobre seus passos.

— Que foi que viu? — perguntou-lhe o escritor.

— Quase nada — respondeu ele. — Nosso grande artigo sairá. Amanhã teremos pelo menos três colunas no *Debates*.

Outro fato explicará esse poder dos artigos. O livro de Chateaubriand sobre o último dos Stuart encalhara nas prateleiras de uma livraria em estado de “rouxinol”. Um único artigo escrito por um

rapaz no *Jornal de Debates* fez com que a edição fosse vendida numa semana.

Numa época em que para ler um livro era preciso comprá-lo e não alugá-lo, vendiam-se dez mil exemplares de certas obras liberais, elogiadas por todas as folhas da oposição; é que, também, a contrafação belga[310] não existia ainda. Os ataques preparatórios dos amigos de Luciano e o seu artigo tinham pois o poder de sustentar a venda do livro de Nathan. Este não sofria senão em seu amor-próprio; nada mais tinha a perder, porque já havia sido pago; mas Dauriat poderia perder trinta mil francos. Com efeito, o comércio de livros chamado de *novidades* resume-se neste teorema comercial: uma resma de papel em branco vale quinze francos; impresso, vale, segundo o êxito, cem *sous* ou cem escudos.

Um artigo pró ou contra, naquele tempo, decidia muitas vezes essa questão financeira. Dauriat, que tinha quinhentas resmas para vender, corria pois a capitular diante de Luciano.

De sultão o livreiro se transformava em escravo. Depois de haver esperado algum tempo, a murmurar, a fazer o maior barulho possível e a parlamentar com Berenice, conseguiu falar com Luciano. O orgulhoso livreiro assumiu o ar sorridente dos cortesãos quando penetraram na Corte, mas entremeado de suficiência e de bonomia.

— Não se incomodem, meus caros amores! — disse. — Como são gentis estes dois pombinhos! Vocês me dão a impressão de duas rolas! Quem diria, senhorita, que este homem com o seu ar de moça fosse um tigre de garras de aço que estraçalham uma reputação como devem estraçalhar os seus penteadores quando a senhora demora em tirá-los? — E se pôs a rir sem acabar o gracejo. — Meu filho... — continuou, sentando-se perto de Luciano. — Senhorita, eu sou Dauriat — disse ele interrompendo-se.

Julgara necessário disparar o tiro de pistola de seu nome, não se considerando bem recebido por Corália.

— O senhor já almoçou? Quer fazer-nos companhia? — perguntou a atriz.

— Mas certamente, conversaremos melhor à mesa — respondeu Dauriat. — Aliás, aceitando seu almoço, ficarei com o direito de

convidá-la para jantar assim como ao meu amigo Luciano, porque deveremos agora tornar-nos tão amigos como a mão e a luva.

— Berenice! Ostras, limões, manteiga fresca e champanha — ordenou Corália.

— O senhor é muito inteligente para não saber o que aqui me traz — insinuou Dauriat, olhando para Luciano.

— Vem para comprar meu livro de sonetos?

— Precisamente — respondeu Dauriat. — Antes de tudo, deponhamos as armas de parte a parte.

Tirou do bolso uma elegante carteira, tomou três notas de mil francos, colocou-as num prato e apresentou-as a Luciano com maneiras de cortesia, dizendo:

— Está satisfeito?

— Sim — respondeu o poeta, que se sentiu inundado de desconhecida beatitude à vista daquela soma inesperada.

Luciano conteve-se, mas tinha vontade de cantar, de pular. Acreditava na lâmpada maravilhosa, nos encantamentos; acreditava, enfim, no seu gênio.

— Assim, *As boninas* me pertencem? — perguntou o livreiro. — Neste caso o senhor não atacará jamais nenhuma das minhas publicações.

— *As boninas* pertencem-lhe, mas eu não posso comprometer minha pena; ela está a serviço dos meus amigos, assim como a deles ao meu.

— Mas, enfim, o senhor será um dos meus autores. Todos os meus autores são meus amigos. Assim, não prejudicará a meus negócios sem que eu seja advertido dos ataques, a fim de que os possa prevenir.

— De acordo.

— À sua glória! — brindou Dauriat, levantando o copo.

— Bem vejo que o senhor leu mesmo *As boninas* — disse Luciano.

Dauriat não se desconcertou.

— Meu filho, comprar *As boninas* sem as conhecer é a mais bela lisonja que um livreiro se pode permitir. Dentro de seis meses, o senhor será um grande poeta. Hão de escrever muitos artigos a seu respeito, temem-no, nada precisarei fazer para vender o seu livro. Sou

hoje ainda o mesmo negociante de há quatro dias. Não fui eu quem mudou, foi o senhor; a semana passada, seus sonetos eram para mim como folhas de couve, hoje sua posição fez deles *Messênicas*.^[311]

— Muito bem — respondeu Luciano, a quem o prazer sultanesco de possuir uma bela amante e a certeza do triunfo tornavam zombeteiro e adoravelmente impertinente —, se o senhor não leu meus sonetos, leu o meu artigo.

— Sim, meu amigo, não fosse isso teria eu vindo tão depressa? Infelizmente é de grande beleza, esse terrível artigo. Ah! tem um imenso talento, meu filho. Acredite-me: aproveite a maré — aconselhou ele com bonomia que dissimulava a profunda impertinência da expressão. — Mas recebeu o jornal, leu-o?

— Ainda não — respondeu Luciano —, e no entanto é esta a primeira vez que publico um trecho regular de prosa. Mas Heitor há de tê-lo mandado para minha casa, na Rue Charlot.

— Aqui o tens, lê — declamou Dauriat, imitando Talma em *Mânlio*.^[312]

Luciano tomou a folha, mas Corália arrancou-lha das mãos.

— Pertencem-me as primícias de sua pena, bem sabe — disse ela rindo.

Dauriat mostrou-se estranhamente lisonjeiro e cortesão; temia Luciano. Convidou-o, pois, assim como a Corália, para um grande almoço que ofereceria aos jornalistas no fim da semana. Levou o manuscrito de *As boninas* dizendo ao seu poeta que, quando lhe aprovesse, passasse pelas Galeries de Bois para assinar o contrato, que já estaria lavrado. Sempre fiel às maneiras régias por meio das quais tentava impor-se às pessoas superficiais e passar mais por um mecenas que por um livreiro, deixou os três mil francos sem recibo, recusou, com gesto indolente, a quitação oferecida por Luciano, e partiu beijando a mão de Corália.

— E então, meu amor, terias visto muitos desses papeizinhos aí, se tivesses continuado no teu buraco da Rue de Cluny a catar coisas nos livros velhos da biblioteca Sainte-Geneviève? — perguntou Corália a Luciano, que lhe havia contado toda a sua vida. — Olha, os teus amiguinhos da Rue des Quatre-Vents me dão a impressão de serem

uns grandes basbaques!

Seus irmãos do cenáculo eram uns basbaques! E Luciano ouviu a rir essa sentença. Havia lido o seu artigo impresso, acabava de saborear essa inefável alegria dos escritores, esse primeiro prazer do amor-próprio que não acaricia o espírito mais que uma única vez. Lendo e relendo o artigo, saboreava melhor a extensão de seu alcance e poder. A letra de fôrma é para os manuscritos o que o teatro é para as mulheres, põe em relevo as belezas e os defeitos; tanto mata como faz viver. Um defeito salta então aos olhos tão nitidamente como os belos pensamentos. Luciano, embriagado, nem pensava mais em Nathan. Nathan era o seu degrau. Nadava em felicidade; via-se rico. Para um menino que outrora descia modestamente as rampas de Beaulieu a Angoulême e voltava, no Houmeau, para o sótão de Pastel onde toda a família vivia com duzentos francos por ano, a soma trazida por Dauriat era o Potosi.[313] Uma lembrança bem viva ainda, mas que os gozos contínuos da vida parisiense deveriam apagar, levou-o à Place du Mûrier. Lembrou-se de sua bela, sua nobre irmã Eva, de seu David e de sua pobre mãe.

Imediatamente mandou Berenice trocar uma das notas, enquanto escrevia uma cartinha à família; depois, despachou Berenice à posta, com receio de não poder, se se demorasse, remeter os quinhentos francos que enviava a sua mãe.

Para ele e para Corália essa restituição parecia ser uma boa ação. A atriz beijou Luciano, achou-o o modelo dos filhos e dos irmãos. Encheu-o de carícias, porque rasgos como esse encantam essas boas raparigas, que têm, todas, o coração nas mãos.

— Temos agora — disse-lhe ela — um jantar por dia durante uma semana. Vamos fazer um pequeno carnaval; trabalhaste bastante.

Corália, como mulher que deseja gozar a beleza de um homem que todas as outras lhe invejariam, levou-o de novo à casa de Staub. Não achava ainda Luciano suficientemente bem-vestido. De lá, os dois amantes foram ao Bois de Boulogne e voltaram para jantar em casa da sra. du Val-Noble, onde Luciano encontrou Rastignac, Bixiou,[314] Des Lupeaulx, Finot, Blondet, Vignon, o barão de Nucingen,[315] Beaudenord,[316] Felipe Bridau, Conti,[317] o grande músico, todo o

mundo dos artistas, dos especuladores, das criaturas que querem opor grandes emoções a grandes trabalhos. Todos acolheram maravilhosamente Luciano. Este, seguro de si, mostrou seu espírito como se dele não fizesse comércio, e foi proclamado *homem forte*, elogio que estava então em moda entre aqueles semicamaradas.

— Oh! ele ainda há de mostrar como são os seus bofes — disse Teodoro Gaillard a um dos poetas protegidos pela Corte e que sonhava fundar um pequeno jornal monarquista, chamado mais tarde *A Alvorada*.

XXVII – ESTUDO SOBRE A ARTE DE CANTAR A PALINÓDIA

Depois do jantar, os dois jornalistas acompanharam as amantes à Opéra, onde Merlin tinha um camarote e para onde foi todo o grupo. Desse modo, Luciano reaparecia triunfante lá onde meses antes caíra pesadamente. Apresentou-se no saguão dando o braço a Merlin e a Blondet, encarando os janotas que não há muito o haviam mistificado. Tinha Du Châtelet aos seus pés! De Marsay, Vandenesse, Manerville, os leões daquela época, conservaram ainda certos ares insolentes para com ele. Com certeza falou-se do belo, do elegante Luciano, no camarote da sra. d'Espard, no qual Rastignac fez demorada visita, porque a marquesa e a sra. de Bargeton assestaram as lunetas em Corália. Excitaria Luciano algum pesar no coração da sra. de Bargeton? Esse pensamento preocupava o poeta: ao ver a Corina[318] de Angoulême, um desejo de vingança agitou-lhe o coração tal como no dia em que sofrera o desprezo daquela mulher e de sua prima nos Champs-Élysées.

— Você trouxe da província algum amuleto? — perguntou Blondet a Luciano, entrando, alguns dias após, às onze horas, em casa deste, que não estava ainda levantado. — Sua beleza — disse ele mostrando Luciano a Corália e beijando-a na fronte — produz estragos da adega até as águas-furtadas, de alto a baixo. Venho requisitá-lo, meu caro — disse apertando a mão do poeta. — Ontem, no Italiens, a sra. condessa de Montcornet[319] mostrou-se desejosa de que eu o apresentasse em sua casa. Você não vai decerto recusar o convite de uma mulher

encantadora, jovem, e em casa de quem há de encontrar a nata do mundo elegante?

— Se Luciano quizer ser gentil — atalhou Corália —, não irá à casa dessa sua condessa. Que necessidade tem ele de arrastar os pés pela alta sociedade? Ele se entediaria lá.

— Quer conservá-lo em cárcere privado? — perguntou Blondet. — Tem ciúmes das mulheres distintas?

— Sim — exclamou Corália —, são piores do que nós.

— Como é que você sabe disso, minha gatinha? — perguntou Blondet.

— Pelos seus maridos — respondeu ela. — Esquece que estive com De Marsay durante seis meses?

— Acredita, minha filha — continuou Blondet —, que eu faça muita questão de introduzir em casa da sra. de Montcornet um homem tão belo como o seu? Se você se opõe a isso, façamos como se eu nada houvesse dito. Mas creio que se trata menos de mulheres do que de obter a paz e a misericórdia de Luciano para um pobre-diabo, alvo das zombarias de seu jornal. O barão du Châtelet comete a tolice de tomar a sério os artigos. A marquesa d'Espard, a sra. de Bargeton e o salão da condessa de Montcornet se interessam pelo Socó, e prometi reconciliar Laura e Petrarca, a sra. de Bargeton e Luciano.

— Ah! — exclamou Luciano, cujas veias receberam ondas de sangue novo, e que sentiu o gozo embriagador da vingança satisfeita —; tenho então o pé sobre o ventre deles! Você faz-me adorar minha pena, adorar meus amigos, adorar o poder fatal da imprensa! Eu nada escrevi ainda sobre a “Espinha e o Socó”. Irei, meu pequeno — prometeu ele tomando Blondet pela cintura —, sim, irei, mas depois que esse parzinho tenha sentido o peso desta coisa tão leve! — Apanhou e brandiu a pena com que havia escrito o artigo sobre Nathan. — Amanhã eu lhes lançarei à cabeça dois palmos de coluna. Depois veremos. Não te inquietes com coisa alguma, Corália; não se trata de amor, mas de vingança, e eu a quero completa.

— Eis um homem! — exclamou Blondet. — Se soubesses, Luciano, como é raro encontrar uma explosão assim neste mundo embotado de Paris, tu mesmo te apreciarias. Serás um sujeito formidável — afirmou

ele servindo-se de uma expressão um pouco mais enérgica —; estás na estrada que conduz ao poder.

— E lá há de chegar — concluiu Corália.

— Mas já andou um bom trecho em seis semanas.

— E quando ele não estiver separado de algum cetro senão pela distância de um cadáver, poderá fazer um degrau do corpo de Corália.

— Vocês se amam como no tempo da idade do ouro — disse Blondet.

— Minhas felicitações pelo teu grande artigo — continuou, olhando para Luciano —; está cheio de coisas novas. Estás consagrado mestre.

Lousteau veio, com Heitor Merlin e Vernou, ver Luciano, que se sentiu prodigiosamente lisonjeado por ser objeto de tais atenções. Feliciano entregou cem francos a Luciano em paga de seu artigo. O jornal havia sentido a necessidade de retribuir um trabalho tão bem-feito, a fim de ligar a si o autor.

Corália, ao ver entrar esse capítulo de jornalistas, mandara encomendar um almoço ao Cadran Bleu,^[320] o restaurante mais próximo. Quando Berenice lhe veio dizer que tudo estava pronto, convidou todos a passar para a bela sala de jantar. Em meio da refeição, quando a champanha havia já subido às cabeças, revelou-se o motivo da visita que seus camaradas faziam a Luciano.

— Queres mesmo — perguntou Lousteau — fazer de Nathan um inimigo? Nathan é jornalista, tem amigos, ele te pregaria uma boa peça na tua primeira publicação. Não tens *O arqueiro de Carlos ix* para vender? Vimos Nathan esta manhã, está desesperado; mas tu vais escrever um artigo em que lhe borrifarás elogios pela cara.

— Como! depois do meu artigo contra seu livro, vocês querem... — perguntou Luciano.

Emílio Blondet, Heitor Merlin, Estêvão Lousteau, Feliciano Vernou, todos, enfim, interromperam Luciano com um acesso de riso.

— Tu o convidaste para cear aqui depois de amanhã! — lembrou-lhe Blondet.

— Teu artigo — disse Lousteau — não foi assinado. Feliciano, que não é novato como tu, não esqueceu de pôr-lhe ao pé um “C.”, com o qual poderás, de agora em diante, assinar teus artigos em seu jornal, que é esquerda pura. Todos nós somos da oposição. Feliciano teve a

delicadeza de não comprometer tuas futuras opiniões. Na loja de Heitor, cujo jornal é de centro-direita, poderás assinar com um “L.”. Fica-se anônimo no ataque, mas assina-se, e muito bem, o elogio.

— As assinaturas não me inquietam — disse Luciano —, mas não vejo o que se possa dizer a favor do livro.

— Pensavas então aquilo que escreveste? — perguntou Heitor a Luciano.

— Sim.

— Ah! meu filho — atalhou Blondet —, eu te julgava mais forte! Não, palavra de honra, olhando tua fronte eu te dotava de uma onipotência semelhante à dos grandes espíritos, todos eles assaz poderosamente constituídos a fim de serem capazes de considerar todas as coisas sob o seu duplo aspecto. Em literatura, meu filho, todas as ideias têm direito e avesso; ninguém pode arcar com a responsabilidade de dizer qual o avesso. Tudo é bilateral no domínio do pensamento. As ideias são binárias. Jano é o mito da crítica e o símbolo do talento. Triangular não há senão Deus! O que eleva Molière e Corneille acima dos outros não é a faculdade de fazer Alceste dizer *sim* e Filinto, Otávio e Cina, *não*? [321] Rousseau, na *Nova Heloísa*, [322] escreveu uma carta a favor e outra contra o duelo; ousarias assumir a responsabilidade de determinar qual a sua verdadeira opinião? Quem de nós poderia pronunciar-se entre Clarissa e Lovelace, entre Heitor e Aquiles? Qual é o herói de Homero? Qual foi a intenção de Richardson? A crítica deve contemplar as obras sob todos os seus aspectos. Nós somos, enfim, uns grandes enredadores.

— Você liga então importância às coisas que escreve? — perguntou-lhe Vernou com ar de zombaria. — Mas nós somos negociantes de frases e vivemos de nosso comércio. Quando você quiser fazer uma grande e bela obra, um livro, enfim, poderá colocar nele os seus pensamentos, sua alma, amá-lo, defendê-lo; mas artigos, lidos hoje e amanhã esquecidos, esses não valem a meus olhos senão aquilo que por eles nos pagam. Se você dá tanta importância a tais bobagens, fará então o sinal da cruz e invocará o Espírito Santo para escrever um prospecto?

Pareciam todos assombrados de encontrar em Luciano tais

escrúpulos, e acabaram de rasgar-lhe a toga pretexta[323] para vestir-lhe a túnica viril dos jornalistas.

— Sabes com que palavras Nathan se consolou depois de haver lido o teu artigo? — perguntou Lousteau.

— Como poderia saber?

— Nathan bradou: “Os pequenos artigos passam, as grandes obras permanecem!”. Esse homem virá cear aqui dentro de dois dias, e deverá prosternar-se a teus pés, beijar tuas esporas e te dizer que és um grande homem.

— Seria engraçado — admitiu Luciano.

— Engraçado? — continuou Blondet. — É necessário.

— Meus amigos, bem que o desejaria — concedeu Luciano, já um pouco embriagado —, mas como fazer?

— Bem — respondeu Lousteau —, escreve para o jornal de Merlin três belas colunas onde te refutes a ti mesmo. Depois de haver gozado o furor de Nathan, acabamos de lhe dizer que dentro em pouco ele nos haveria de agradecer pela polémica cerrada, com a ajuda da qual iríamos fazer seu livro ser vendido em oito dias. Neste momento és, a seus olhos, um espião, um canalha, um tolo; depois de amanhã serás um grande homem, uma cabeça forte, um varão de Plutarco! Nathan te abraçará, considerando-te o seu melhor amigo. Dauriat veio ver-te e tens três notas de mil francos; a peça foi pregada. Faltam-te agora a estima e a amizade de Nathan. Somente o livreiro deve ser apanhado. Só devemos imolar e perseguir os nossos inimigos. Se se tratasse de um homem que tivesse conquistado nome sem o nosso auxílio, de um talento incômodo que fosse necessário anular, não faríamos semelhante réplica; mas Nathan é um dos nossos amigos, Blondet o fez atacar no *Mercure* para dar-se o prazer de responder no *Debates*. Desse modo, a primeira edição do livro se esgotou!

— Meus amigos, palavra de homem honesto, sou incapaz de escrever duas palavras de elogio a esse livro...

— Terás mais cem francos — disse Merlin —, assim Nathan já te haverá rendido dez luíses, sem contar um artigo que poderás escrever para o semanário de Finot e que te será pago a cem francos por Dauriat e cem francos pela revista. Total: vinte luíses!

— Mas que hei de dizer? — perguntou Luciano.

— Escuta aqui, de que modo podes te arranjar, meu filho — respondeu Blondet concentrando-se. — Dirás: “A inveja, que persegue todas as belas obras como o verme aos bons frutos, tentou morder este livro. Para conseguir encontrar-lhe defeitos, a crítica foi obrigada a inventar teorias com o propósito de distinguir duas literaturas: a que se entrega às ideias e a que recorre às imagens”. Aí chegado, meu pequeno, dirás que a última perfeição da arte literária é exprimir a ideia pela imagem. Procurando provar que a imagem é toda a poesia, lamentarás ser tão pouca a poesia que a nossa língua comporta. Falarás nas censuras que nos são feitas pelos estrangeiros sobre o *positivismo* do nosso estilo, e louvarás Canalis e Nathan pelos serviços que prestam à França poetizando a sua língua. Combate tua argumentação precedente, fazendo ver que evoluímos do século XVIII para cá. Inventa o *progresso*! (uma admirável mistificação destinada aos burgueses). Nossa jovem literatura procede por quadros em que se concentram todos os gêneros: a comédia e o drama, descrições, caracteres, diálogos, ligados pelos laços brilhantes de um enredo interessante. O romance, que requer sentimento, estilo e imagens, é a maior das criações modernas. Sucede à comédia, que, entre os costumes modernos, não é mais possível com suas velhas leis. Ele entrelaça o fato e a ideia num enredo que exige o espírito de La Bruyère e sua moral incisiva, os caracteres tratados como os entendia Molière, os grandes recursos cênicos de Shakespeare, e a pintura dos mais delicados matizes da paixão, único tesouro que nos legaram os nossos predecessores. Por isso, é o romance muito superior à discussão fria e matemática, à seca análise do século XVIII. O romance, dirás tu, sentenciosamente, é uma epopeia divertida. Cita *Corina*, apoia-te na Madame de Staël. O século XVIII pôs em equação todos os assuntos; o século XIX, encarregado de tirar as conclusões, optou pelas realidades, porém realidades que vivem e andam; ele põe, enfim, em jogo a paixão, elemento desconhecido de Voltaire. Cabe aí uma tirada contra Voltaire. Quanto a Rousseau, não fez senão vestir raciocínios e sistemas. Júlia e Clara são enteléquias,[324] não têm carne nem ossos. Podes insistir nesse tema e dizer que devemos à paz, aos Bourbon, uma literatura

moça e original, pois estarás escrevendo para um jornal do centro-direita. Zomba dos fazedores de sistemas. Podes enfim bradar num belo movimento: “Quantos erros aí estão, quantas mentiras, no artigo do nosso confrade! E para quê? Para depreciar uma bela obra, para enganar o público e chegar a esta conclusão: um livro que se vende, não se vende. *Proh pudor!*”^[325] Brada *Proh pudor!* Essa honesta exclamação servirá para animar o leitor. Anuncia, finalmente, a decadência da crítica. Conclusão: existe uma única literatura, a dos livros interessantes. Nathan segue por uma estrada nova; compreendeu a sua época e corresponde às suas necessidades. A necessidade da nossa época é o drama. O drama é a aspiração de um século no qual a política é uma tragicomédia perpétua. Não vimos nós em vinte anos, perguntarás, os quatro dramas da Revolução, do Diretório, do Império e da Restauração? Desse ponto em diante, descambarás pelo ditirambo do elogio, e a segunda edição voará. Ouve de que maneira! Sábado próximo encherás uma página do nosso semanário e assinarás DE RUBEMPRÉ com todas as letras. Nesse último artigo, dirás: “É próprio das belas obras levantar amplas discussões. Nesta semana, tal jornal disse tal coisa do livro de Nathan, e tal outro deu-lhe uma vigorosa resposta”. Criticarás a ambos os críticos — C. e L. —; dirás, de passagem, duas palavras polidas a meu respeito, a propósito do primeiro artigo que escrevi no *Debates*, e terminarás afirmando que o livro de Nathan é o mais belo da época. É como se nada disseses, porque isso se diz de todos os livros. Terás ganhado quatrocentos francos nesta semana, além do prazer de haver escrito a verdade nalgum lugar. As pessoas sensatas hão de dar razão a C. ou a L. ou a Rubempré, ou, talvez, a todos os três! A mitologia, que é uma das maiores invenções humanas, colocou a verdade no fundo de um poço; para a tirar não são precisos baldes? Terás fornecido três, em vez de um, ao público. Aí está, meu filho. Vamos! — Luciano estava aturdido. Blondet beijou-o nas duas faces, dizendo:

— Vou para a minha loja.

Cada qual foi para a sua loja. Para aqueles homens fortes, o jornal não passava de uma loja. Todos deveriam tornar a encontrar-se à noite nas Galeries de Bois, onde Luciano iria assinar o contrato com Dauriat.

Florina e Lousteau, Luciano e Corália, Blondet e Finot jantavam no Palais-Royal, onde Du Bruel banqueteara o diretor do Panorama-Dramatique.

— Eles têm razão! — exclamou Luciano, quando ficou a sós com Corália —; os homens devem ser instrumentos nas mãos dos seres fortes. Quatrocentos francos por três artigos! Doguereau mos daria, depois de muito regatear, por um livro que me custou dois anos de trabalho.

— Faze crítica — disse Corália —, diverte-te! Não serei esta noite uma andaluza? Amanhã não me transformarei em cigana e no dia seguinte em homem? Faze como eu, dá-lhes caretas pelo seu dinheiro, e vivamos felizes!

Luciano, seduzido pelo paradoxo, fez com que seu espírito montasse essa caprichosa mula, filha de Pégaso e da burra de Balaão. Pôs-se a galopar pelos campos do pensamento, durante o passeio pelo bosque, e descobriu belezas originais na tese de Blondet. Jantou como costumam jantar as criaturas felizes. Assinou em casa de Dauriat um contrato mediante o qual lhe cedia a plena propriedade do manuscrito das *Boninas*, sem ver nisso qualquer inconveniente. Foi em seguida dar uma volta até o jornal, onde rabiscou duas colunas, e voltou para a Rue de Vendôme. No dia seguinte pela manhã sentiu que as ideias da véspera haviam germinado em seu cérebro, como acontece com todas as inteligências cheias de seiva cujas faculdades tenham sido pouco usadas. Sentiu prazer em meditar o novo artigo e atirou-se a ele com ardor. Sob sua pena surgiram as belezas que a contradição faz nascer. Foi espirituoso e zombeteiro, abalançou-se mesmo a novas considerações sobre o sentimento e a imagem na literatura. Engenhoso e fino, encontrou, para fazer o elogio de Nathan, suas primeiras impressões da leitura do livro no gabinete literário no pátio do Comércio. De contundente e áspero crítico, de satírico, tornou-se poeta nas frases finais que se balançaram majestosamente como um incensório carregado de perfumes se balança frente ao altar.

— Cem francos, Corália! — lembrou ele, mostrando as oito tiras de papel escritas enquanto ela se vestia.

Na boa disposição em que estava, escreveu logo em duas penadas o

terrível artigo, prometido a Blondet, contra Du Châtelet e a sra. de Bargeton. Gozou naquela manhã um dos mais vivos prazeres íntimos do jornalista: o de aguçar um epigrama, polir-lhe a lâmina fria que há de ter por bainha o coração da vítima, deixando o cabo esculpido para os leitores. O público admira o trabalho artístico do punhal, não compreende a malícia, ignora que o aço da frase espirituosa, corrompido pela vingança, mergulha num amor-próprio alvejado com requinte, ferido por mil golpes. Este horrível prazer, sombrio e solitário, degustado sem testemunhas, é como um duelo com um ausente, ferido a distância com a haste de uma pena, como se o jornalista possuísse o poder fantástico concedido aos desejos daqueles que, nos contos árabes, possuem talismãs. O epigrama é a inteligência do ódio, do ódio que é herdeiro de todas as más paixões do homem, tal como o amor concentra todas as suas boas qualidades. Aliás, não há um só homem que não se julgue inteligente quando se vinga, pela mesma razão por que não há um só a quem o amor não proporcione gozos.

Apesar da facilidade, da vulgaridade dessa espécie de espírito na França, ele é sempre bem acolhido. O artigo de Luciano deveria elevar, e elevou, ao auge a reputação de malícia e de maldade do jornal. Penetrou até o âmago de dois corações, feriu profundamente a sra. de Bargeton, sua ex-Laura, e o barão Du Châtelet, seu rival.

— Bem, vamos dar um passeio pelo bosque, os cavalos estão atrelados e se impacientam — disse-lhe Corália —; não é preciso a gente se matar.

— Levemos o artigo sobre Nathan à casa de Heitor. Decididamente, o jornal é como a lança de Aquiles, que curava as feridas que havia feito — disse Luciano corrigindo uma ou outra frase.

Os amantes partiram e se mostraram em seu esplendor a essa Paris que, havia pouco, renegara Luciano e agora começava a dar-lhe atenção.

Ocupar a atenção de Paris, quando se compreende a imensa extensão da cidade e o quanto é difícil ser nela alguma coisa, causa embriagadoras alegrias, que embebedaram Luciano.

— Meu coração — disse a atriz —, passemos pelo teu alfaiate para

apressar teus trajes ou experimentá-los, se estiverem prontos. Se tens de ir à casa de tuas belas damas, quero que seja para fazer desaparecer esse monstro de De Marsay, o pequeno Rastignac, os Vandenesse,[326] os D’Ajuda-Pinto,[327] os Máximo de Trailles,[328] todos os elegantes enfim. Lembra-te de que tua amante é Corália! Mas não me pregues peça alguma, hem?

XXVIII – GRANDEZAS E MISÉRIAS DO JORNAL

Dois dias depois, na véspera do jantar oferecido por Luciano e Corália a seus amigos, o Ambigu levava uma nova peça cuja crítica deveria ser feita por Luciano. Depois do jantar, Luciano e Corália foram a pé da Rue de Vendôme ao Panorama-Dramatique, pelo Boulevard du Temple, pelo lado do Café Turco que, nesse tempo, era um lugar de passeio em voga. Luciano ouviu elogiar a beleza da amante e a sua felicidade. Diziam uns que Corália era a mais bela mulher de Paris, outros achavam que Luciano era digno dela. O poeta sentia-se em seu clima. Aquela vida era a sua vida. Mal se recordava do cenáculo. Perguntava-se agora se aqueles grandes espíritos, que tanto admirava dois meses atrás, não seriam um pouco ingênuos nas suas ideias e no seu puritanismo. A palavra “basbaques”, dita ao acaso por Corália, havia germinado no espírito de Luciano e já começava a dar frutos. Levou Corália ao camarim, flanou pelos bastidores do teatro, onde passeava como um sultão, onde todas as atrizes o acariciavam com olhares ardentes ou palavras lisonjeiras.

“É preciso que eu vá ao Ambigu cumprir minha obrigação”, pensou ele.

A sala estava cheia, no Ambigu. Não havia lugar para Luciano, que foi aos bastidores e queixou-se amargamente por não ter lugar. O administrador, que não o conhecia ainda, respondeu que haviam enviado dois camarotes ao seu jornal, e o mandou passear.

— Falarei da peça segundo o que tiver ouvido — disse Luciano com ar irritado.

— Mas você está louco? — perguntou a jovem *première* ao administrador. — É o amante de Corália!

Imediatamente o administrador voltou-se para Luciano e lhe disse:

— Um momentinho, senhor, vou falar com o diretor.

E, assim, até os menores detalhes provavam a Luciano o poder imenso do jornal e afagavam sua vaidade. O diretor apareceu e obteve do duque de Rhétoré e de Túlia, a primeira atriz, e que se achavam num camarote do proscênio, que aceitassem Luciano na sua companhia. O duque consentiu ao reconhecer Luciano.

— O senhor lançou duas pessoas ao desespero — disse-lhe o moço referindo-se ao barão du Châtelet e à sra. de Bargeton.

— Que acontecerá então amanhã? — perguntou Luciano. — Até agora meus amigos se lançaram contra eles como fuzileiros; mas eu atiro com artilharia esta noite. Amanhã, verá por que zombamos de Potelet. O artigo se intitula: “*Potelet de 1811 a Potelet de 1821*”. Du Châtelet será o tipo das criaturas que renegaram seu benfeitor, ao se ligarem aos Bourbon. Depois de haver feito sentir tudo o que posso, irei à casa da sra. de Montcornet.

E entabulou com o jovem duque uma palestra cintilante de inteligência. Estava ansioso de provar àquele aristocrata o quanto as sras. d’Espard e de Bargeton se haviam grosseiramente enganado ao desprezá-lo. Mostrou, porém, a ponta da orelha ao tentar estabelecer seus direitos ao uso do nome de Rubempré, quando, por malícia, o duque de Rhétoré o chamou Chardon.

— O senhor deveria — disse-lhe o duque — fazer-se monarquista. Mostrou-se homem de inteligência; mostre-se agora homem de bom senso. A única maneira de obter um decreto real que lhe devolva o título e nome de seus ancestrais maternos é solicitá-los como recompensa a serviços prestados ao palácio. Os liberais não o poderão fazer conde nunca! Olhe, a Restauração acabará por dominar a imprensa, único poder a que teme. Já se esperou demais; ela deveria estar amordaçada. Aproveite os seus últimos momentos de liberdade para se tornar temido. Dentro de alguns anos, um nome e um título serão, na França, riquezas mais seguras que o talento. Poderá assim possuir tudo: nobreza, inteligência e beleza. Chegará aonde quiser. Não seja, pois, liberal neste momento senão para vender com vantagem o seu monarquismo.

O duque pediu a Luciano que aceitasse o convite para jantar, que lhe deveria ser enviado pelo ministro com quem havia ceado em casa de Florina. Luciano sentiu-se num instante seduzido pelas reflexões do gentil-homem, e encantado por ver se abrirem à sua frente as portas dos salões de onde, poucos meses antes, se acreditara banido para sempre. Admirou o poder do pensamento. A imprensa e a inteligência eram então a alavanca da sociedade presente.

Luciano compreendeu que talvez Lousteau se arrependesse de lhe haver aberto as portas do Templo; sentia já, por sua própria conta, a necessidade de opor barreiras difíceis de franquear às ambições daqueles que se lançavam da província à conquista de Paris. Se um poeta viesse a ele agora, como ele se havia atirado aos braços de Estêvão, não ousava perguntar-se que acolhimento lhe faria. O jovem duque percebeu em Luciano os indícios de uma profunda meditação e não se enganou ao procurar-lhe a causa: havia descerrado àquele ambicioso, sem vontade fixa, mas não sem desejo, todo o horizonte político, tal como os jornalistas lhe haviam mostrado, do alto do templo, como o demônio a Jesus, o mundo literário e as suas riquezas.

Luciano ignorava a pequena conspiração urdida contra ele pelas pessoas a quem nesse momento o jornal feria, e da qual Rhétoré era cúmplice. O jovem duque havia assombrado a sociedade da sra. d'Espard falando-lhes na inteligência de Luciano. Encarregado pela sra. de Bargeton de sondar o jornalista, esperava encontrá-lo no Ambigu-Comique. Nem a sociedade nem os jornalistas eram profundos; não acrediteis em traições premeditadamente urdidas. Nem uns nem outros forjavam planos; seu maquiavelismo, por assim dizer, seguia ao sabor das circunstâncias e consistia em estar sempre prontos para tudo, prontos a se aproveitar tanto do mal como do bem, à espreita do momento em que a paixão lhes entregasse um homem. Durante o jantar de Florina, o jovem duque se permitira estudar o caráter de Luciano e acabava de prendê-lo pela vaidade, ensaiando-se sobre ele em sua futura profissão de diplomata. Terminada a peça, Luciano correu à Rue Saint-Fiacre para ali escrever a sua nota. A crítica foi, por cálculo, áspera e mordente. Divertiu-se a experimentar o seu poder. O melodrama valia mais que o do Panorama-Dramatique; mas

queria saber se poderia, como lhe haviam dito, matar uma boa peça e fazer triunfar uma má. No dia seguinte, almoçando com Corália, desdobrou o jornal, depois de lhe haver dito que desancava o Ambigu-Comique. Não foi pequeno o assombro de Luciano ao ler, depois do seu artigo sobre a sra. de Bargeton e Du Châtelet, a crítica sobre a peça do Ambigu tão bem suavizada durante a noite que, conservando-lhe a análise espirituosa, chegava a uma conclusão favorável. A peça deveria encher o caixa do teatro. Não se pode descrever o seu furor; decidiu logo dizer duas palavras a Lousteau. Acreditava-se já necessário, e a si mesmo prometeu que não se deixaria dominar, explorar como um tolo. Para estabelecer definitivamente o seu poder, escreveu o artigo em que resumia e dava balanço a todas as opiniões emitidas sobre o livro de Nathan para o semanário de Dauriat e Finot. Depois, já que estava com a mão na massa, escreveu um de seus artigos de variedades para o pequeno jornal. Na primeira efervescência, os jovens jornalistas lançam os artigos com amor, entregando assim, imprudentemente, todas as suas flores. O diretor do Panorama-Dramatique dava a primeira representação de um *vaudeville*, a fim de deixar a Florina e a Corália sua noite de descanso. A representação devia realizar-se antes da ceia. Lousteau veio buscar o artigo de Luciano, feito de antemão, sobre a pequena peça da qual assistira ao ensaio geral, a fim de não dificultar a composição do número subsequente do jornal.

Após ouvir Luciano ler um desses pequenos e encantadores artigos sobre as peculiaridades da vida parisiense, que fizeram a popularidade da folha, Estêvão beijou-o nos dois olhos e o chamou de providência dos jornais.

— Por que então te divertes a mudar o espírito de meus artigos? — perguntou Luciano, que havia feito aquele tópico brilhante só para dar mais força a suas queixas.

— Eu! — exclamou Lousteau.

— Claro, quem alterou então a minha crônica?

— Meu caro — respondeu Estêvão, rindo —, não estás ainda a par dos negócios. O Ambigu nos toma vinte assinaturas, das quais apenas nove são entregues ao diretor, ao chefe da orquestra, ao administrador, às suas amantes, e a três coproprietários do teatro. Cada um dos

teatros do bulevar paga assim oitocentos francos ao jornal. Há igual quantia em camarotes dados a Finot, sem contar as assinaturas dos atores e autores. O patife ganha pois oito mil francos no bulevar. Pelos pequenos teatros, julga o que será com os grandes! Compreendes? Somos obrigados a muita indulgência.

— Compreendo é que não tenho a liberdade de escrever o que penso...

— E isso o que te importa, desde que caves o teu milho? — perguntou Lousteau. — Além disso, meu caro, que queixa tens do teatro? É preciso que tenhas uma razão para desancar a peça de ontem. Desancando só por desancar, comprometeríamos o jornal. Quando atacasse com justiça, não produziria mais efeito algum. O diretor portou-se mal contigo?

— Não me reservou lugar.

— Bom — disse Lousteau. — Mostrarei teu artigo ao diretor, e direi que te amanei; será ainda melhor para ti do que se tivesse sido publicado. Pede-lhe entradas amanhã, ele te dará quarenta em branco todos os meses, e eu te levarei à casa de uma pessoa com quem combinarás a colocação delas. Ser-te-ão adquiridas com cinquenta por cento de desconto sobre o preço marcado. Faz-se com as entradas de espetáculo o mesmo negócio que com os livros. Verás um outro Barbet, um chefe de claqué. Não mora longe daqui; temos tempo. Vem.

— Mas, meu caro, Finot tem um ofício infame, lançando assim contribuições indiretas sobre o campo do pensamento. Mais cedo ou mais tarde...

— Ora essa! De onde é que tu vens? — exclamou Lousteau. — Por quem tomas Finot? Sob a sua falsa bonomia, sob aquele ar de Turcaret, [329] sob a sua ignorância e estupidez, esconde toda a argúcia do negociante de chapéus de quem descende. Não viste na sua gaiola, no escritório do jornal, o velho soldado do Império, tio de Finot? O tal tio não é só um homem honrado; tem ainda a felicidade de passar por tolo. É o homem comprometido em todas as transações pecuniárias. Em Paris, qualquer ambicioso é rico quando tem junto de si uma criatura que consente em ser comprometida. Há na política, como no jornalismo, um sem-número de casos em que os chefes nunca devem

ser envolvidos. Se Finot se tornasse um personagem político, o tio passaria a seu secretário e receberia por sua conta as contribuições que se lançam aos grandes negócios. Giroudeau, que à primeira vista se toma por um tolo, tem bastante finura para ser um comparsa indecifrável. Está de sentinela para evitar que sejamos agredidos pela gritaria, pelos estreantes e pelas reclamações. E não creio que haja igual em outro jornal.

— Representa bem o seu papel — afirmou Luciano —; já o vi em cena.

XXIX – O BANQUEIRO DOS AUTORES DRAMÁTICOS

Estêvão e Luciano dirigiram-se à Rue du Faubourg-du-Temple, onde o redator chefe parou diante de uma casa de bela aparência.

— O sr. Braulard está? — perguntou ao porteiro.

— Como! Senhor? — estranhou Luciano. — O chefe da claqué é então um *senhor*?

— Meu caro, Braulard tem vinte mil libras de renda, tem a chancela dos autores dramáticos do bulevar, que têm, todos, conta corrente em sua casa, como num banco. As entradas de autor e de favor se vendem. E desse negócio é Braulard quem se encarrega. Faze um pouco de estatística, ciência muito útil quando dela não se abusa: a cinquenta entradas de favor, por noite, em cada espetáculo, encontrarás duzentos e cinquenta entradas por dia; se, umas pelas outras, valem quarenta *sous*, Braulard paga cento e vinte e cinco francos por dia aos autores e tem a probabilidade de ganhar outro tanto. Desse modo somente as entradas dos autores lhe proporcionam perto de quatro mil francos por mês, num total de quarenta e oito mil francos por ano. Supõe vinte mil francos de perdas, porque nem sempre consegue colocar todas as entradas.

— Por quê?

— Ah! as pessoas que pagam suas entradas na bilheteria fazem concorrência aos portadores de entradas de favor, pois estas não têm lugares reservados. Enfim, o teatro conserva os seus direitos de locação. Há os dias de bom tempo e de maus espetáculos. Braulard

ganha, assim, talvez trinta mil francos por ano, com este ramo de comércio. Depois, tem a sua claque, outra indústria. Florina e Corália são suas tributárias; se não o subvencionassem, não seriam aplaudidas em todas as entradas e saídas.

Lousteau dava essas explicações em voz baixa, enquanto subiam a escada.

— Paris é um lugar bem singular — disse Luciano, que começava a ver o interesse escondido em cada canto.

Uma criada muito limpa introduziu os dois jornalistas no gabinete do sr. Braulard. O negociante de entradas, que estava sentado numa cadeira giratória diante de uma grande secretária cilíndrica, levantou-se ao ver Lousteau. Braulard, envolto numa sobrecasaca de alpaca parda, usava calças de presilha e chinelos vermelhos, exatamente como um médico ou um advogado.

Luciano nele reconheceu o homem do povo enriquecido: rosto comum, olhos cinzentos cheios de esperteza, mãos de *claqueur*, uma tez pela qual as orgias haviam passado como a chuva sobre os telhados, cabelos grisalhos e voz abafada.

— Vem, sem dúvida, pela srta. Florina, e o senhor pela srta. Corália — disse ele —, conheço-os bem. Fique tranquilo, senhor — disse a Luciano —, compro a clientela do Gymnase; cuidarei de sua amante e adverti-la-ei das peças que lhe quiserem pregar.

— Isto não é coisa que se recuse, meu caro Braulard — respondeu Lousteau —, mas desta vez aqui estamos pelas entradas do jornal em todos os teatros dos bulevares: eu, como redator chefe, e este senhor, como redator de cada teatro.

— Ah! sim, Finot vendeu o jornal. Soube do negócio. Finot vai bem. Ofereço-lhe um jantar no fim desta semana. Se os senhores me quiserem dar a honra e a satisfação de comparecer, poderão vir com as suas esposas, haverá núpcias e festins. Teremos Adèle Dupuis, Ducange, Frédéric Dupetit-Méré, e a srta. Millot, minha amante.[\[330\]](#) Riremos muito! Beberemos ainda mais!

— Ducange deve estar aborrecido, perdeu o processo.

— Emprestei-lhe dez mil francos. O sucesso de *Calas* nos vai restituir. Também, de que modo o animei! Ducange é homem

inteligente, tem recursos...

Luciano julgava sonhar ouvindo aquele tipo a julgar o talento dos escritores.

— Corália ganhou — disse-lhe Braulard num tom de juiz competente. — Se se mostrar boa menina, hei de ampará-la secretamente contra a cabala, na sua estreia no Gymnase. Escutem! Para ela, colocarei homens bem-vestidos nas galerias, que hão de sorrir e lançar pequenas exclamações a fim de animar os aplausos. É um manejo que agrada às atrizes. Gosto de Corália, e o senhor deve estar contente com ela. A pequena tem coração. Ah! posso fazer cair quem eu quiser...

— Mas arranjemos primeiro o negócio das entradas — interrompeu Lousteau.

— Muito bem, irei buscá-las à sua casa, senhor, nos primeiros dias de cada mês. Este senhor é seu amigo, tratá-lo-ei do mesmo modo. Tem cinco teatros, hão de lhe dar trinta entradas. Será qualquer coisa assim como setenta e cinco francos por mês. Desejam talvez algum adiantamento? — perguntou o negociante de entradas, voltando à secretária e pegando uma caixa cheia de escudos.

— Não, não — atalhou Lousteau —, guardaremos esse recurso para os maus dias...

— Senhor — continuou Braulard, dirigindo-se a Luciano —, irei trabalhar com Corália por estes dias, e nos entenderemos.

Luciano olhava com profundo espanto o gabinete de Braulard, onde via uma biblioteca, algumas gravuras e mobiliário adequado. Ao passar pela sala, notou a mobília que, como a do gabinete, distava tanto da mesquinharia como do luxo excessivo. A sala de jantar pareceu-lhe a peça mais bem posta. Gracejou a respeito.

— Mas Braulard é um gastrônomo — explicou Lousteau. — Seus jantares, citados na literatura dramática, estão em harmonia com o seu cofre.

— Tenho bons vinhos — respondeu modestamente Braulard. — Vamos, aí estão meus acendedores de entusiasmo — exclamou ele, ouvindo vozes roucas e o ruído de estranhos passos na escada.

Ao sair, Luciano viu desfilarem diante dele a malcheirosa malta dos

claqueurs e vendedores de entradas, todos de bonés à cabeça, calças usadas, sobrecasacas puídas, de caras patibulares, azuladas, esverdeadas, sujas, macilentas, de longas barbas e de olhos ferozes e hipócritas ao mesmo tempo; população horrível que vive e pulula nos bulevares de Paris, que, pela manhã, vende correntes de segurança, joias “de ouro” a vinte e cinco *sous*, e que à noite bate palmas sob os lustres; que se dobra, enfim, a todas as baixas necessidades de Paris.

— Eis aí os romanos! — disse Lousteau rindo. — Eis a glória dos artistas e dos autores dramáticos! Vista de perto, não é mais bela que a nossa.

— É difícil — respondeu Luciano, enquanto voltavam para casa — ter ilusões sobre o que quer que seja, em Paris. Há impostos aqui sobre tudo. Tudo aqui se vende, tudo aqui se fabrica, até mesmo o êxito.

XXX – O BATISMO DO JORNALISTA

Os convivas de Luciano eram Dauriat, o diretor do Panorama, Matifat e Florina, Camusot, Lousteau, Finot, Nathan, Heitor Merlin e a sra. du Val-Noble, Feliciano Vernou, Blondet, Vignon, Felipe Bridau, Marieta, Giroudeau, Cardot e Florentina, Bixiou. Convidara também os amigos do cenáculo. Túlia, a bailarina, que, segundo se dizia, não era nada indiferente a Du Bruel, também foi à festa, mas sem o seu duque, assim como os proprietários dos jornais onde trabalhavam Nathan, Merlin, Vignon e Vernou.

Formavam uma assembleia de trinta pessoas; a sala de jantar de Corália não comportava maior número. Às oito horas, à luz dos lustres acesos, os móveis, os reposteiros, as flores daquele aposento apresentavam esse ar de festa que dá ao luxo parisiense a aparência de um sonho. Luciano sentiu indescritível sentimento de felicidade, de vaidade satisfeita e de esperança, vendo-se senhor daqueles domínios. Não sabia explicar a si mesmo como, nem por quem, fora desferido aquele golpe de varinha de condão. Florina e Corália, vestidas com o apurado gosto artístico e a louca magnificência das atrizes, sorriam ao poeta da província como dois anjos encarregados de lhe abrirem as portas do palácio dos sonhos. Luciano como que sonhava. Em poucos

meses sua vida havia mudado tão bruscamente de aspecto, tão rapidamente havia passado da extrema miséria à extrema opulência, que em certos instantes era tomado de inquietações, tal como as pessoas que, sonhando, sabem que estão dormindo. Seus olhos exprimiam, entretanto, à vista da bela realidade, uma confiança a que os invejosos teriam dado o nome de fatuidade. Ele próprio mudara. Diuturnamente feliz, suas cores haviam empalidecido, e tinha o olhar embebido de úmida languidez. Enfim, segundo palavras da sra. d'Espard, tinha *ares de ser amado*. Sua beleza ganhara com isso. A consciência do seu poder e de sua força transparecia de sua fisionomia iluminada pelo amor e pela experiência.

Contemplava enfim face a face o mundo literário e a sociedade, contando poder percorrer a ambos como um dominador. A esse poeta, que só podia refletir sob o peso da desgraça, o presente parecia sem cuidados. O triunfo inflava as velas de seu barco; tinha às suas ordens os instrumentos necessários a seus projetos: uma casa montada, uma amante que toda a Paris lhe invejava, carruagem, e, enfim, somas incalculáveis ao dispor de sua pena. Sua alma, seu coração e sua inteligência haviam-se igualmente metamorfoseado: não pensava mais em discutir os meios diante de tão belos resultados. Tal padrão de vida parecerá tão justamente suspeito às pessoas econômicas, com prática da vida parisiense, que não será inútil mostrar em que bases, embora frágeis, repousava a felicidade material da atriz e do seu poeta. Sem se comprometer, Camusot fizera com que os fornecedores de Corália lhe concedessem crédito por três meses ao menos. Cavalos, criados, tudo deveria pois continuar como por encanto ao dispor daquelas duas crianças ávidas de gozos e que de tudo gozavam com delícia. Corália veio tomar Luciano pela mão e apresentou-lhe aquele espetáculo teatral da sala de jantar ornamentada de esplêndida baixela e de candelabros carregados com quarenta velas, contando-lhe os régios requintes do cardápio e das sobremesas, obra de Chevet.[331] Luciano beijou Corália na frente, apertando-a contra o coração.

— Hei de triunfar, minha adorada — disse-lhe —, para te recompensar tanto amor e tanto devotamento.

— Bah! — fez ela. — Estás contente?

— Seria bem exigente se não o estivesse.

— Pois bem, esse sorriso tudo paga — respondeu ela levando, com um movimento elástico de serpente, seus lábios aos lábios de Luciano.

Encontraram Florina, Lousteau, Matifat e Camusot a arrumar as mesas de jogo. Os amigos de Luciano iam chegando, pois que toda aquela gente se intitulava já amiga de Luciano.

Das nove à meia-noite jogou-se. Felizmente para ele, Luciano não conhecia jogo algum; Lousteau, porém, perdeu mil francos e os pediu emprestado a Luciano, que julgou não poder recusar-se à solicitação. Era o amigo que lhos pedia. Pelas dez horas, mais ou menos, Miguel, Fulgêncio e José se apresentaram a Luciano, que os reuniu a um canto para conversar. Achou suas fisionomias muito frias e sérias, para não dizer contrafeitas. D'Arthez não pudera vir; estava a terminar seu livro. Leão Giraud ocupava-se com a publicação do primeiro número de sua revista. O cenáculo enviara seus três artistas que decerto se encontrariam menos constrangidos que os outros no cenário de uma orgia.

— E então, meus filhos — disse Luciano, ostentando um tonzinho de superioridade —, vocês vão ver que o *pequeno farsante* pode vir a ser um *grande político*.

— Nada mais desejo do que me haver enganado — respondeu Miguel.

— Vives com Corália esperando coisa melhor? — perguntou Fulgêncio.

— Sim — respondeu Luciano num tom que desejava tornar ingênuo. — Corália tinha um pobre velho negociante que a adorava, e o pôs na rua. Sou mais feliz que teu irmão Felipe, que não sabe como governar Marieta — continuou ele olhando para José Bridau.

— Enfim — disse Fulgêncio —, és agora um homem como os outros. Abrirás teu próprio caminho.

— Um homem que para vocês continuará sempre o mesmo, em qualquer situação que se encontre — respondeu Luciano.

Miguel e Fulgêncio entreolharam-se trocando um sorriso zombeteiro que Luciano percebeu e que lhe fez compreender o ridículo da frase.

— Corália é admiravelmente linda — exclamou José Bridau. — Que magnífico retrato a fazer!

— E boa — acrescentou Luciano. — Palavra, é angélica; farás, sim, o seu retrato. Poderás tomá-la por modelo, se quiseres, para a tua veneziana levada ao senador por uma alcoviteira.

— Todas as mulheres que amam são angélicas — sentenciou Miguel

Chrestien.

Naquele instante Raul Nathan precipitou-se para Luciano com amizade furiosa, tomou-lhe as mãos e as apertou:

— Meu bom amigo, não somente é um grande homem, mas ainda tem coração, o que hoje em dia é mais raro que o gênio — disse ele. — É devotado a seus amigos. Enfim, estarei sempre ao seu dispor, para a vida e para a morte; nunca hei de esquecer o que fez por mim esta semana.

Luciano, no auge da alegria por se ver lisonjeado por um homem de tanto renome, olhou para os amigos do cenáculo com certa superioridade. Aquela entrada de Nathan era devida à comunicação que Merlin lhe fizera da prova do artigo a favor de seu livro, e que appareceria no jornal do dia seguinte.

— Não consenti em escrever o ataque — respondeu Luciano ao ouvido de Nathan — senão sob a condição de o responder eu mesmo. Sou dos seus.

Voltou de novo para os três amigos do cenáculo, encantado com uma circunstância que justificava a frase da qual Fulgêncio havia rido.

— Vai apparecer o livro de D'Arthez, e estou em condições de lhe ser útil. Só esta oportunidade me obrigaria a continuar nos jornais.

— E és livre como jornalista? — perguntou Miguel.

— Tanto quanto se pode ser quando se é indispensável — respondeu Luciano com falsa modéstia.

À meia-noite os convivas foram para a mesa e a orgia teve início. As palestras foram mais livres em casa de Luciano do que na de Matifat, porque ninguém suspeitava da divergência de sentimentos que havia entre os três deputados do cenáculo e os representantes dos jornais. Aqueles jovens espíritos, depravados pelo hábito do pró e do contra, travaram batalha e trocaram os mais terríveis axiomas da jurisprudência que o jornalismo começava então a dar à luz.

Cláudio Vignon, que desejava conservar-se à crítica um caráter augusto, levantou-se contra a tendência dos pequenos jornais para o terreno pessoal, afirmando que não tardava já o dia em que os escritores haveriam de chegar a se desconsiderar a si próprios. Lousteau, Merlin e Finot tomaram então abertamente a defesa desse

sistema, chamado na gíria do jornalismo de *blague*, sustentando que isso seria como um punção com o qual se haveria de marcar o talento.

— Todos os que resistirem a semelhante prova serão homens realmente fortes — afirmou Lousteau.

— Aliás — exclamou Merlin —, com o coro de elogios aos grandes homens, é preciso também em torno deles, como sucedia junto aos triunfadores romanos, um concerto de injúrias.

— Ah! então — respondeu Luciano —, todos aqueles de quem se zombar acreditarão em seu triunfo!

— Dir-se-ia que isso te afeta! — exclamou Finot.

— E os nossos sonetos? — perguntou Miguel Chrestien. — Não nos valeriam o triunfo de Petrarca?

— Laura já apareceu por aí — disse Dauriat, cujo trocadilho[332] despertou aclamações gerais.

— *Faciamus experimentum in anima vili*[333] — respondeu Luciano, sorrindo.

— E aí daqueles a quem o jornal não discutir e a quem atirar coroas logo na estreia! Esses hão de ficar relegados como os santos nos seus nichos, e ninguém lhes há de prestar a menor atenção — concluiu Vernou.

— A esses se dirá como Champcenetz[334] ao marquês de Genlis, que lhe olhava amorosamente para a mulher: “Passe adiante, amigo, pois já recebeu seu quinhão” — acrescentou Blondet.

— Em França, o êxito mata — afirmou Finot. — Somos muito invejosos uns dos outros para não querer esquecer e fazer com que sejam esquecidos os triunfos alheios.

— Efetivamente, na literatura, a contradição é a vida — afirmou Cláudio Vignon.

— Como na própria natureza, onde ela resulta de dois princípios que se combatem — exclamou Fulgêncio —; o triunfo de um sobre o outro é a morte.

— Como na política — acrescentou Miguel Chrestien.

— Acabamos de prová-lo — disse Lousteau. — Dauriat venderá esta semana dois mil exemplares do livro de Nathan. Por quê? Só porque o livro atacado vai ser bem defendido.

— Como é que um artigo como este — disse Merlin tomando a prova do seu jornal do dia seguinte — não haveria de fazer esgotar uma edição?

— Leia-me o artigo — pediu Dauriat. — Sou livreiro em toda parte, até mesmo ceando.

Merlin leu o triunfante artigo de Luciano, que foi aplaudido por toda a assembleia.

— Este artigo poderia ter sido escrito se não existisse o primeiro? — perguntou Lousteau.

Dauriat por sua vez tirou do bolso a prova do terceiro artigo e o leu. Finot seguiu com atenção a leitura desse artigo destinado ao segundo número do semanário, e, na sua qualidade de redator chefe, exagerou seu entusiasmo.

— Senhores — disse ele —, se Bossuet[335] vivesse em nosso século, não teria escrito outra coisa.

— Acredito — respondeu Merlin —; Bossuet, em nossa época, seria jornalista.

— A Bossuet !! — disse Cláudio Vignon erguendo a taça e saudando Luciano ironicamente.

— Ao meu Cristóvão Colombo! — respondeu Luciano levantando um brinde a Dauriat.

— Bravo! — gritou Nathan.

— É um apelido? — perguntou Merlin maldosamente, olhando ao mesmo tempo para Finot e para Luciano.

— Se continuarem assim — disse Dauriat —, não os poderemos seguir, e estes senhores — acrescentou mostrando Matifat e Camusot — não os poderão mais compreender. A ironia é como o algodão, que, fiado muito fino, rebenta, disse Bonaparte.

— Senhores — disse Lousteau —, somos testemunhas de um fato grave, inconcebível, inaudito, deveras surpreendente. Não os admira a rapidez com que nosso amigo se transformou de provinciano em jornalista?

— Ele nasceu jornalista — afirmou Dauriat.

— Meus filhos — disse então Finot, levantando-se com uma garrafa de champanha na mão —, todos nós protegemos e encorajamos a

estreia do nosso jovem anfitrião na carreira em que sobrepujou as nossas esperanças. Venceu em dois meses com os belos artigos que conhecemos. Proponho, pois, que o batizemos autêntico jornalista.

— Uma coroa de rosas, a fim de celebrar a sua dupla vitória! — gritou Bixiou, olhando para Corália.

Corália fez um sinal a Berenice, que saiu à procura de velhas flores artificiais nas caixas da atriz. Uma coroa de rosas foi imediatamente tecida, tão logo a gorda criada de quarto trouxe as flores com as quais se enfeitaram grotescamente os que estavam mais bêbados. Finot, o grande sacerdote, derramou algumas gotas de champanha na bela cabeça loura de Luciano, pronunciando com deliciosa gravidade estas palavras sacramentais:

— Em nome do Selo, da Fiança e da Multa, eu te batizo jornalista. Que teus artigos te sejam leves!

— E pagos sem descontar as linhas em branco! — acrescentou Merlin.

Luciano percebeu, nesse momento, as fisionomias entristecidas de Miguel Chrestien, de José Bridau e de Fulgêncio Ridal, que tomaram os chapéus e saíram em meio de um coro de imprecações.

— Ali vão uns singulares cristãos! — comentou Merlin.

— Fulgêncio era um bom rapaz — continuou Lousteau —, mas *eles* o perverteram com moral.

— Quem? — perguntou Cláudio Vignon.

— Uns moços sisudos que se reúnem numa igreja filsofica e religiosa da Rue des Quatre-Vents, onde se inquietam com o sentido geral da humanidade... — respondeu Blondet.

— Oh! oh! oh!

— ... onde se procura saber se ela gira sobre si mesma — continuou Blondet — ou se progride. Sentem-se muito indecisos entre a linha reta e a linha curva; e, encontrando certo contrassenso no triângulo bíblico, apareceu-lhes não sei que profeta que se pronunciou pela espiral.

— Alguns homens reunidos podem inventar tolices mais perigosas do que essas! — exclamou Luciano, que desejava defender o cenáculo.

— Tomas essas teorias como palavras ociosas — atalhou Feliciano Vernou —, mas chega um momento em que elas se transformam em

tiros de fuzil ou em guilhotina.

— Por enquanto — disse Bixiou — cuidam apenas de procurar o pensamento providencial encerrado na champanha, o sentido humanitário das calças, e o bichinho que faz o mundo andar. Levantam grandes homens caídos, como Vico, Saint-Simon, Fourier.[336] Tenho muito receio de que virem a cabeça do meu pobre José Bridau.

— São eles a causa — disse Lousteau — por que Bianchon, meu conterrâneo e companheiro de colégio, me trata friamente...

— Será que eles ensinam a ginástica e a ortopedia do espírito? — perguntou Merlin.

— É bem possível — respondeu Finot —, visto que Bianchon acredita nos sonhos deles.

— Bah! — exclamou Lousteau. — Mesmo assim há de ser um grande médico.

— O seu chefe visível não é D'Arthez, um rapazinho que nos deve engolir a todos? — perguntou Nathan.

— É um homem de gênio! — afirmou Luciano.

— Pois prefiro um copo de xerez — disse Cláudio Vignon, sorrindo.

A partir daí, cada qual procurava explicar o próprio caráter ao vizinho. Quando pessoas inteligentes chegam a querer explicar-se a si mesmas, a pretender dar a chave de seu coração, é certo que a embriaguez os leva na garupa. Uma hora depois, todos os convivas, que se haviam tornado os melhores amigos do mundo, chamavam-se uns aos outros grandes homens, homens fortes, pessoas a quem o futuro pertencia. Luciano, na sua qualidade de dono da casa, conservara certa lucidez de espírito: escutou sofismas que o impressionaram e concluíram a obra de sua desmoralização.

— Meus filhos — disse Finot —, o partido liberal vê-se obrigado a reavivar a sua polêmica, porque neste momento nada tem a dizer contra o governo, e vocês compreendem em que embaraço se encontra a oposição. Qual de vocês quer escrever uma brochura pedindo o restabelecimento do direito de primogenitura,[337] a fim de levantar protestos contra os ocultos desígnios da Corte? A brochura será bem paga.

— Eu — respondeu Heitor Merlin —; está de acordo com as minhas

opiniões.

— Teu partido diria que tu o comprometes — replicou Finot. — Feliciano, encarrega-te dessa brochura. Dauriat a editará, e nós guardaremos o segredo.

— Quanto pagam? — perguntou Vernou.

— Seiscentos francos! Assinarás: *Conde C...*

— Está certo! — concordou Vernou.

— Vão então elevar o boato até a política? — interrogou Lousteau.

— É o negócio de Chabot[338] transportado para a esfera das ideias — explicou Finot. — Atribuem-se ao governo certas intenções, e se desencadeia contra ele a opinião pública.

— Mergulharei no mais profundo assombro se vir o governo abandonar a direção das ideias a malandros como nós — observou Cláudio Vignon.

— Se o ministério cometer a tolice de descer à arena — replicou Finot —, acometê-lo-emos a toque de caixa. Se se irritar, envenenar-se-á a questão intrigando-o com as massas. O jornal nunca arrisca nada onde o poder tudo tem a perder.

— A França permanecerá aniquilada enquanto o jornal não for posto fora da lei — afirmou Cláudio Vignon. — Vocês progridem de hora em hora, serão jesuítas, tendo de menos a fé, o pensamento fixo, a disciplina e a união.

Voltaram todos para as mesas de jogo. A luz da aurora, logo depois, fez as velas empalidecerem.

— Teus amigos da Rue des Quatre-Vents estavam tristes como condenados à morte — disse Corália ao amante.

— Eram os juízes — respondeu o poeta.

— Os juízes são mais divertidos que eles — disse Corália.

XXXI – A SOCIEDADE

Durante um mês Luciano viu seu tempo tomado por ceias, jantares, almoços e festas, e foi arrastado por uma torrente invencível num turbilhão de prazeres e de trabalho fácil. Não fazia mais cálculos. O poder do cálculo em meio às complicações da vida é como que o selo

das grandes vontades, que os poetas, as criaturas fracas ou puramente espirituais jamais podem imitar. Como a maior parte dos jornalistas, Luciano viveu imprevidentemente gastando o dinheiro à medida que o ganhava, sem pensar absolutamente nas exigências periódicas da vida parisiense, esmagadoras para tais boêmios. Suas roupas e modo de vida rivalizavam com os dos mais notados leões da moda. Corália, como todos os fanáticos, adorava enfeitar seu ídolo; arruinava-se para dar a seu querido poeta a requintada indumentária dos elegantes que ele tanto havia desejado no seu primeiro passeio pelas Tuileries. Luciano teve então maravilhosas bengalas, uma encantadora luneta, botões de diamantes, prendedores para as gravatas, solitários, além de coletes miríficos e em grande número para poder combinar com as cores dos trajes. Depressa foi proclamado dândi. No dia em que atendeu ao convite do diplomata alemão, sua metamorfose excitou uma espécie de inveja contida entre os jovens que ali se encontravam e que ocupavam os mais altos postos no reino da elegância, tais como De Marsay, Vandenesse, D'Ajuda-Pinto, Máximo de Trailles, Rastignac, o duque de Maufrigneuse, Beaudenord, Manerville etc.

Os homens de sociedade têm ciúmes uns dos outros, tal como as mulheres. A condessa de Montcornet e a marquesa d'Espard, a quem era oferecido o jantar, ficaram com Luciano entre elas e o cumularam de amabilidades.

— Por que motivo abandonou a sociedade? — perguntou-lhe a marquesa —, ela estava tão disposta a acolhê-lo e festejá-lo. Tenho uma queixa a lhe fazer: o senhor me deve uma visita e a espero até hoje. Vi-o outro dia na Opéra, e não se dignou ver-me nem me cumprimentar.

— Sua prima, senhora, despediu-me de um modo tão positivo...

— Não conhece as mulheres — respondeu a sra. d'Espard, interrompendo-o. — O senhor feriu o coração mais angélico e a mais nobre alma que conheço. Ignora tudo o que Luísa desejou fazer pelo senhor e quanta delicadeza pôs em seu plano. Oh! ela teria sido bem-sucedida — afirmou ao ver o gesto de mudo protesto de Luciano. — Seu marido, agora morto como deveria morrer, de uma indigestão, não lhe iria devolver, mais cedo ou mais tarde, a liberdade? Acredita que ela pudesse desejar ser a sra. Chardon? O título de condessa de Rubempré,

sim, valeria bem a pena ser conquistado. Saiba que o amor é uma grande vaidade que se deve combinar, sobretudo no casamento, com todas as outras vaidades. Eu poderia amá-lo até a loucura, isto é, a ponto de me casar com o senhor, e me haveria de ser bastante duro chamar-me sra. Chardon. Não concorda? Hoje, que conhece as dificuldades da vida em Paris, sabe quantas voltas é preciso dar para chegar a um fim; pois bem, confesse que, para um desconhecido sem futuro, Luísa aspirava a um favor quase impossível; precisava pois não negligenciar coisa alguma. O senhor tem muita inteligência, mas nós, quando amamos, temo-la muito mais do que o homem mais talentoso. Minha prima queria empregar esse ridículo Du Châtelet... Devo-lhe um prazer, seus artigos contra ele me têm feito rir muito! — disse ela, interrompendo-se.

Luciano não sabia o que pensar. Iniciado nas traições e perfídias do jornalismo, ignorava as da sociedade; e por isso, apesar de sua perspicácia, deveria receber rudes lições.

— Como, senhora! — perguntou o poeta, com a curiosidade vivamente despenada. — Não protege o Socó?

— Mas na sociedade somos forçados a tratar com polidez aos mais cruéis inimigos, a parecer divertir-nos com os enfadonhos e muitas vezes sacrificamos, aparentemente, os amigos para melhor os servir. É ainda tão ingênuo assim? Como! O senhor que quer escrever ignora os ardis correntes na sociedade? Se minha prima pareceu sacrificá-lo ao Socó, não o fazia ao acaso, pois isso era necessário para pôr a sua influência em campo pelo senhor, visto que o nosso homem é muito bem visto pelo atual ministério. Desse modo, demonstramos a ele que até certo ponto seus ataques lhe eram úteis, com o fito de os poder harmonizar ainda algum dia. Du Châtelet foi indenizado das suas perseguições, pois como dizia Des Lupeaulx aos ministros: “Enquanto os jornais ridicularizam Du Châtelet, deixam o ministério em paz”.

— O sr. Blondet deu-me a esperança de ter o prazer de vê-lo em minha casa — disse a condessa de Montcornet num intervalo de tempo em que a marquesa abandonara Luciano às suas reflexões. — Lá encontrará alguns artistas, escritores, e uma mulher que tem o mais vivo desejo de o conhecer, a srta. des Touches, [339] um desses talentos

raros em nosso sexo, e à casa de quem o senhor haverá de ir sem dúvida. A srta. des Touches, Camille Maupin, se quiser, possui um dos salões mais interessantes de Paris. É prodigiosamente rica. Disseram-lhe que o senhor é tão belo como inteligente, e ela morre de desejo de o conhecer.

Luciano só pôde confundir-se em agradecimentos. Lançou a Blondet um olhar de inveja. Havia tamanha diferença entre uma mulher do gênero e da qualidade da condessa de Montcornet e de Corália, como entre Corália e uma mulher das ruas. A condessa, jovem, bela e inteligente, tinha como traço de beleza predominante a excessiva brancura das mulheres do norte; sua mãe nascera princesa de Scherbellof. Também o ministro, antes do jantar, prodigalizara-lhe as mais respeitosas atenções. A marquesa havia já acabado de chupar desdenhosamente uma asa de frango.

— A minha pobre Luísa — começou ela dirigindo-se a Luciano — tinha tanta afeição pelo senhor! Eu era confidente do belo futuro que ela sonhava para o senhor. Ela teria suportado muitas coisas, mas quanto desprezo o senhor lhe demonstrou devolvendo-lhe as cartas! Perdoamos crueldades — é preciso crer ainda em nós para nos ferir. Mas a indiferença! A indiferença é como a neve dos polos, mata tudo. Vamos, terá de convir em que perdeu tesouros por sua própria culpa. Para que um rompimento? Mesmo que houvesse sido desdenhado, não tem acaso sua fortuna a fazer, seu nome a reconquistar? Luísa pensava em tudo isso.

— Por que nada me disse então? — perguntou Luciano.

— Mas, meu Deus! Fui eu mesma que lhe dei o conselho de nada confiar ao senhor. Ouça, aqui entre nós, ao vê-lo tão pouco afeito ao mundo, eu o temia — tinha medo de que sua inexperiência e seu inconsiderado ardor destruíssem ou atrapalhassem seus cálculos e nossos planos. Pode neste momento lembrar-se de si mesmo? Confesse que seria de minha opinião se visse hoje seu sócia. Não se parece mais com o senhor mesmo. Foi esse o único erro que cometemos; mas, entre mil, encontra-se acaso um único homem que reúna a tanta inteligência tão maravilhosa possibilidade de adaptar-se? Não julguei que constituísse tão surpreendente exceção. A metamorfose foi tão rápida,

o senhor iniciou-se tão facilmente nos hábitos parisienses, que não o reconheci no Bois de Boulogne, há um mês.

Luciano escutava a grande dama com um prazer inexprimível: ela aliava às palavras lisonjeiras um ar tão confiante, tão teimoso, tão ingênuo, parecia interessar-se tão profundamente por ele que acreditou nalgum prodígio semelhante ao de sua primeira noite no Panorama-Dramatique. A partir daquela noite feliz, todo o mundo lhe sorria. Ele atribuía à sua mocidade um poder talismânico. Quis então pôr à prova a marquesa, prometendo porém a si mesmo que não se deixaria surpreender.

— Quais eram então, senhora, esses planos hoje transformados em quimeras?

— Luísa queria obter do rei um decreto que lhe permitisse usar o nome e o título De Rubempré. Queria enterrar o Chardon. Esse primeiro êxito, tão fácil de obter então, e que atualmente suas opiniões tornam quase impossível, seria para o senhor uma fortuna. Chamará essas ideias de visões e bagatelas, mas conhecemos alguma coisa da vida e sabemos tudo o que há de sólido num título de conde usado por um elegante, por um rapaz encantador. Anuncie aqui diante de alguns jovens milionários ingleses ou diante de ricas herdeiras: “*Sr. Chardon*” ou “*O sr. conde de Rubempré*” e haverá dois movimentos muito diferentes. Mesmo cheio de dívidas, o conde encontraria os corações abertos. Sua beleza, posta em relevo, seria como um brilhante em rico engaste. O sr. Chardon nem sequer seria notado. Essas ideias não foram criadas por nós, encontramos-as reinando por toda a parte, mesmo entre os burgueses. Neste momento o senhor está voltando as costas à fortuna. Olhe aquele rapaz ali, o visconde Félix de Vandenesse, é um dos dois secretários particulares do rei. O rei gosta muito dos jovens de talento, e esse ali, quando chegou de sua província, não trazia bagagem mais vultosa do que a sua, e o senhor tem mil vezes mais inteligência que ele. Mas pertence acaso a uma grande família? Tem um nome? Conhece Des Lupeaulx? Seu nome se assemelha ao seu, chama-se Chardin; mas não venderia por um milhão sua propriedade rural Des Lupeaulx; ele será qualquer dia conde des Lupeaulx, e seu neto talvez ainda venha a ser um grande senhor. Se o senhor continuar

pela falsa estrada por onde se encaminhou, estará perdido. Veja como o sr. Emílio Blondet é mais prudente que o senhor: pertence a um jornal que apoia o poder, é bem-visto por todas as potências atuais e pode, sem perigo, conviver com os liberais; ele pensa bem. Por isso, mais cedo ou mais tarde há de triunfar. Soube escolher suas opiniões e seus protetores. Essa linda criatura, sua vizinha, é uma nobre De Troisville que tem na família dois pares de França e dois deputados. Fez um casamento rico devido ao nome. Recebe muito. Terá influência e há de revolver o mundo político por esse pequeno Emílio Blondet. A que o leva uma Corália? A se encontrar perdido de dívidas e fatigado de prazeres daqui a alguns anos. Emprega mal o seu amor e arranja mal a sua vida. Eis o que me dizia outro dia, na Opéra, a mulher que o senhor sente prazer em ferir. Deplorando o uso que faz de seu talento e de sua bela juventude, ela não pensava em si, mas no senhor.

— Ah! se fosse verdade, senhora! — exclamou Luciano.

— Que interesse teríamos em lhe mentir? — perguntou a marquesa, lançando a Luciano um olhar altivo e frio que o tornou a mergulhar no caos.

Luciano, interdito, não retomou a conversa; a marquesa, ofendida, não mais lhe falou. Sentia-se melindrado, mas reconheceu que tinha havido inabilidade de sua parte e tencionou repará-la. Voltou-se para a sra. de Montcornet e lhe falou em Blondet, exaltando o mérito do jovem escritor. Foi bem recebido pela condessa, que, a um sinal da sra. d'Espard, convidou-o para a sua próxima recepção, perguntando-lhe se não teria prazer em ver ali a sra. de Bargeton, que, apesar do luto, compareceria; não se tratava de uma grande festa, era sua reunião cotidiana, estariam entre amigos.

— A senhora marquesa — respondeu Luciano — pretende que todos os erros estão do meu lado; não será a vez de sua prima de ser amável comigo?

— Faça cessar os ridículos ataques de que ela é alvo, e que, aliás, tanto a comprometem com um homem de quem ela zomba, e o senhor terá em seguida a paz assinada. Julgou-se enganado por ela, segundo me disseram; entretanto eu a vi bem triste com o seu abandono. É verdade que ela deixou sua província com o senhor e por sua causa?

Luciano olhou para a condessa sorrindo sem ousar responder.

— Como podia desconfiar de uma mulher que fez tais sacrifícios pelo senhor? Aliás, bela e inteligente como é, ela devia ser amada *apesar dos pesares*. A sra. de Bargeton amava-o menos pelo senhor que pelo seu talento. Acredite-me, as mulheres amam o espírito antes de amar a beleza física — disse ela olhando furtivamente para Emílio Blondet.

Luciano conheceu no palácio do ministro as diferenças existentes entre a alta sociedade e o mundo excepcional em que vivia há algum tempo. Essas duas magnificências não tinham similitude alguma, ponto algum de contato. A altura e a disposição das peças naquele apartamento — um dos mais ricos do Faubourg Saint-Germain —, os antigos dourados dos salões, a grandiosidade das decorações, a grave riqueza dos acessórios, tudo lhe era novo e estranho. Mas o hábito das coisas de luxo, tão rapidamente adquirido, impediu Luciano de parecer admirado. Sua atitude manteve-se tão distanciada do convencimento e da fatuidade como da lisonja e do servilismo. O poeta mostrou boas maneiras e agradou àqueles que não tinham razão alguma para lhe ser hostis, como os jovens a quem sua repentina introdução na alta-roda, seus êxitos e beleza haviam despertado ciúmes.

Ao sair da mesa, ofereceu o braço à sra. d'Espard, que o aceitou. Ao ver Luciano cortejado pela marquesa d'Espard, Rastignac veio lembrar-lhe sua qualidade de conterrâneo e recordar sua primeira entrevista em casa da sra. du Val-Noble. O jovem fidalgo pareceu querer ligar-se ao grande homem de sua província convidando-o a almoçar em sua casa qualquer dia e se oferecendo para fazê-lo conhecer os rapazes da moda.

Luciano aceitou a proposta.

— O caro Blondet lá também estará — disse Rastignac.

O ministro veio juntar-se ao grupo formado pelo marquês de Ronquerolles, o duque de Rhétoré, De Marsay, o general Montriveau, Rastignac e Luciano.

— Muito bem — disse ele a Luciano com sua bonomia alemã sob a qual escondia temível argúcia —; fez as pazes com a sra. d'Espard, que está encantada com senhor; e todos nós sabemos — disse ele, olhando

os homens em torno — o quanto é difícil agradar-lhe.

— É verdade, porém ela adora a inteligência — afirmou Rastignac —, e aqui o meu ilustre compatriota a tem para dar e vender.

— Ele não tardará a reconhecer o mau negócio que faz — atalhou vivamente Blondet. — Há de vir para nós; será dentro em breve um dos nossos.

Houve então em torno de Luciano um coro sobre esse tema. Os homens graves lançaram algumas frases profundas em tom despótico; os moços zombaram do partido liberal.

— Ele jogou cara ou coroa, tenho certeza — disse Blondet —, pela esquerda ou pela direita; agora é que vai realmente escolher.

Luciano pôs-se a rir lembrando-se da cena no Luxembourg com Lousteau.

— Ele tomou por cornaca — continuou Blondet — um tal Estêvão Lousteau, um aventureiro de jornaleco que numa coluna vê apenas uma peça de cem *sous*, cuja política consiste em acreditar na volta de Napoleão e, o que me parece ainda mais parvo, no reconhecimento, no patriotismo dos senhores da esquerda. Como um Rubempré, os pendores de Luciano devem ser aristocratas; como jornalista, deve ser pelo poder, ou não há de ser nunca nem Rubempré nem secretário-geral.

Luciano, a quem o diplomata oferecera cartas para jogar o uíste, excitou a mais viva surpresa confessando que não sabia jogar.

— Meu amigo — disse-lhe Rastignac ao ouvido —, vá cedo a minha casa no dia em que se dispuser a aceitar meu mau almoço; eu lhe ensinarei o uíste. O senhor desonra nossa real cidade de Angoulême, e repetirei um dito de Talleyrand dizendo que quem não sabe esse jogo está preparando uma velhice bem infeliz.

Anunciaram Des Lupeaulx, um referendário em pleno fastígio, que prestava serviços secretos ao ministério, homem sagaz e ambicioso que se insinuava por toda a parte.

Cumprimentou Luciano, com o qual já se havia encontrado em casa da sra. du Val-Noble, e mostrou em seu cumprimento modos amáveis que deveriam enganar Luciano. Encontrando o jovem jornalista, aquele homem, que se fazia em política amigo de todo mundo a fim de

não ser tomado desprevenido por ninguém, compreendeu que Luciano iria obter na sociedade triunfo igual ao que tivera na literatura. Viu no poeta um ambicioso e o cercou de protestos e testemunhos de amizade e de interesse, de maneira a consolidar relações e a enganar Luciano quanto ao valor de suas promessas e palavras. Des Lupeaulx tinha por princípio conhecer bem aqueles de quem se queria desfazer, quando neles encontrava rivais.

Luciano foi, assim, bem acolhido pela sociedade. Compreendeu tudo o que devia ao duque de Rhétoré, ao ministro, à sra. d'Espard, à sra. de Montcornet. Foi conversar durante alguns instantes com cada um deles antes de partir e ostentou para eles toda a graça de seu espírito.

— Quanta fatuidade! — comentou Des Lupeaulx para a marquesa, mal Luciano a deixou.

— Ele se estragará antes de amadurecer — observou De Marsay à marquesa, sorrindo. — A senhora deve ter razões ocultas para lhe fazer a cabeça andar assim à roda.

Luciano encontrou Corália no fundo de sua carruagem, no pátio; tinha vindo esperá-lo. Ficou comovido com a atenção e contou-lhe o que se passara durante a noite. Para seu grande espanto, a atriz aprovou as novas ideias que martelavam já na cabeça de Luciano e o aconselhou com empenho a se alistar sob a bandeira ministerial.

— Com os liberais só terás golpes a receber. Eles conspiram. Mataram o duque de Berry. Chegarão a derrubar o governo? Jamais! Com eles nunca hás de chegar a coisa alguma; enquanto, do outro lado, te tornarás conde de Rubempré. Podes prestar serviços, ser nomeado par de França, desposar uma mulher rica. Torna-te um ultra. Aliás, é o bom gênero — acrescentou, lançando a palavra que para ela era a razão suprema.

— A Du Val-Noble, em casa de quem fui jantar, disse-me que Teodoro Gaillard vai decididamente fundar seu pequeno jornal realista chamado *A Alvorada*,^[340] a fim de ripostar aos remoques do de vocês e aos do *Espelho*.^[341] Segundo diz ela, o sr. de Villèle e seu partido estarão no ministério antes de um ano. Trata de te aproveitar dessa mudança tornando-te um dos do grupo enquanto nada são ainda. Nada digas, porém, a Estêvão nem aos teus amigos, que seriam capazes de te

pregar alguma peça.

Oito dias depois, Luciano apresentou-se em casa da sra. de Montcornet, onde sentiu a mais violenta agitação ao rever a mulher que tanto havia amado, e cujo coração ferira com suas caçoadas. Luísa também se havia metamorfoseado! Tornara-se o que teria sido sempre sem a estada na província — uma grande dama. Tinha no luto a graça e o requinte que revelam uma viúva feliz. Luciano julgou-se em parte causa daquela garridice e não se enganava. Mas havia, como um ogre, provado carne fresca e permaneceu, durante toda a recepção, indeciso entre a bela, a amorosa, a voluptuosa Corália e a seca, a ativa, a cruel Luísa. Não pôde tomar a decisão de sacrificar a atriz à grande dama.

A sra. de Bargeton, que tornava agora a sentir amor por Luciano ao vê-lo tão inteligente e tão belo, esperou por esse sacrifício durante toda a noite; gastou em vão suas palavras insidiosas, seus modos sedutores, e saiu do salão com um irrevogável desejo de vingança.

— E então, caro Luciano — disse ela com uma bondade cheia de graça parisiense e de nobreza —, você que deveria ser o meu orgulho me escolheu, no entanto, para sua primeira vítima. Perdoei-lhe, meu filho, ao pensar que havia ainda um resto de amor numa vingança assim.

A sra. de Bargeton retomava sua posição com essa frase acentuada pela atitude soberana que assumiu ao pronunciá-la. Luciano, que acreditava ter mil vezes razão, encontrou-se culpado. Não se falou na terrível carta que ele escrevera por ocasião do rompimento, nem nos motivos deste. As mulheres da alta-roda têm um talento maravilhoso para diminuir seus erros gracejando. Podem e sabem tudo apagar com um sorriso, com uma pergunta que finge surpresa. Não se lembram de nada, explicam tudo, assombram-se, interrogam, comentam, ampliam, brigam e acabam por fazer desaparecer suas faltas assim como se tira qualquer mancha com uma ensaboadela: são negras, mas num momento tornam-se brancas e inocentes. Quanto a nós, é o caso de nos julgarmos bem felizes se não formos acusados de um crime irremissível. Num instante Luciano e Luísa haviam readquirido todas as ilusões recíprocas e falavam a linguagem da amizade. Luciano, porém, embriagado de vaidade satisfeita, embriagado de Corália, que

— digamo-lo — lhe tornava a vida fácil, não soube responder nitidamente à pergunta que Luísa acompanhou com um suspiro de hesitação:

— É feliz?

Um “não” melancólico teria sido a sua sorte. Pensou ser inteligente explicando Corália. Disse que era amado por si mesmo, disse enfim todas as tolices de um homem enamorado. A sra. de Bargeton mordeu os lábios. Tudo fora dito. A sra. d’Espard veio para junto da prima com a sra. de Montcornet. Luciano viu-se transformado, por assim dizer, no herói da noite: foi acariciado, mimado pelas três mulheres que o embrulharam com arte infinita. Seu triunfo nessa bela e brilhante sociedade não foi pois menor que no seio do jornalismo. A linda srta. des Touches, célebre sob o pseudônimo de Camille Maupin, e a quem as sras. d’Espard e de Bargeton apresentaram Luciano, convidou-o para um de seus jantares de quarta-feira e pareceu impressionada por aquela beleza tão justamente famosa.

Luciano tentou demonstrar que era ainda mais inteligente do que bonito. A srta. des Touches exprimiu sua admiração com essa ingênua graça e esse furioso empenho da amizade superficial na qual se deixam prender todos aqueles que não conhecem a fundo a vida parisiense, onde o hábito e a continuidade dos gozos fazem todos tão ávidos de novidades.

— Se eu lhe agradasse tanto quanto ela me agrada — confessou Luciano a Rastignac e a De Marsay —, abreviaríamos o romance...

— Vocês ambos sabem muito bem escrevê-los para quererem vivê-lo — respondeu Rastignac. — Entre escritores pode acaso existir o amor? Chega sempre um certo momento em que se dizem mutuamente palavrinhas mordazes.

— Não seria para você um mau sonho — disse De Marsay rindo. — Essa encantadora moça tem trinta anos, é verdade, mas tem perto de oitenta mil francos de renda. É adoravelmente caprichosa e o seu gênero de beleza deverá conservar-se assim por muito tempo. Corália é uma tolinha, meu caro, boa apenas para o pôr em evidência, já que é preciso que um bonito rapaz não deixe de ter uma amante; mas, se você não fizer uma bela conquista na sociedade, a atriz com o correr do

tempo acabará por prejudicá-lo. Vamos, meu caro, suplante Conti, que vai cantar com Camille Maupin. Em todos os tempos a poesia teve primazia sobre a música.

Quando Luciano ouviu a srta. des Touches e Conti, suas esperanças se desvaneceram.

— Conti canta muito bem — confessou a Des Lupeaulx, e voltou para junto da sra. de Bargeton, que o conduziu ao salão em que se achava a marquesa d'Espard.

— E então, não quer interessar-se por ele? — perguntou a sra. de Bargeton à prima.

— Sim, desde que o sr. Chardon se coloque em posição de ser protegido sem inconveniente para seus protetores — respondeu a marquesa com ar impertinente e doce ao mesmo tempo. — Se quer obter o decreto que lhe permita trocar o triste nome de seu pai pelo de sua mãe, não deve ao menos ser dos nossos?

— Antes de dois meses terei tudo arranjado — prometeu Luciano.

— Pois bem — disse a marquesa —, falarei com meu pai e meu tio, que estão a serviço do rei. Eles falarão do senhor ao chanceler.

O diplomata e essas duas mulheres haviam adivinhado bem o ponto sensível em Luciano. O poeta, deslumbrado com os esplendores aristocráticos, sentia indizíveis mortificações ao se ouvir chamar Chardon, quando só via terem entrada nos salões homens que ostentavam nomes sonoros encastoados em títulos. Esse constrangimento repetiu-se em todos os lugares que frequentou por vários dias. Sentia aliás uma sensação desagradável ao tornar a descer aos afazeres de sua profissão, após ter ido, na véspera, à alta sociedade, onde se apresentava convenientemente com a carruagem e os criados de Corália. Aprendeu a montar a cavalo para poder galopar junto à portinhola das carruagens da sra. d'Espard, da srta. des Touches e da condessa de Montcornet, privilégio que tanto invejara por ocasião de sua chegada a Paris. Finot sentia-se encantado em conseguir para o seu melhor redator uma entrada de favor na Opéra, onde Luciano perdeu muitas noites. Pertencia, porém, agora ao mundo especial dos elegantes da época. E se soube oferecer a Rastignac e a seus amigos da alta sociedade um esplêndido almoço, cometeu a falta de realizá-lo em

casa de Corália, porque era muito jovem, muito poeta e muito confiante para conhecer certos matizes de procedimento. Uma atriz, excelente menina mas sem educação, poderia acaso ensiná-lo a viver? O provinciano provou da maneira mais evidente àqueles rapazes, cheios de malévolas disposições a seu respeito, a existência de um conluio de interesses entre ele e a atriz, conluio que todo rapaz secretamente inveja e que todos verberam. Quem, nessa mesma noite, mais cruelmente o ridicularizou foi Rastignac, que, apesar de se manter na sociedade por idênticos meios, guardava tão bem as aparências que podia tachar de calúnia qualquer maledicência.

Luciano havia aprendido rapidamente o uíste. O jogo tornou-se para ele uma paixão. Corália, para evitar rivais, longe de desaprovar Luciano, antes favorecia suas dissipações com a cegueira peculiar aos sentimentos absorventes que nada mais veem além do presente e que tudo sacrificam, até mesmo o futuro, ao gozo do momento. O caráter do verdadeiro amor oferece constantes similitudes com a infância: tem dela a irreflexão, a imprudência, a dissipação, o riso e as lágrimas.

XXXII – OS VIVEDORES

Por essa época florescia uma sociedade de jovens, ricos ou pobres, todos desocupados, chamados *vivedores*, e que, efetivamente, viviam com uma despreocupação incrível. Eram comedores intrépidos e bebedores mais intrépidos ainda. Perdulários todos, uniam as mais rudes brincadeiras àquela existência que não era louca, mas alucinada, e não recuavam diante de impossibilidade alguma; vangloriavam-se até de seus defeitos, contidos, entretanto, dentro de certos limites. O espírito mais original encobria suas escorregadelas, tornando impossível não as perdoar. Nenhum outro fato demonstra como esse tão claramente o hilotismo a que a Restauração condenara a juventude. Os rapazes, que não sabiam em que empregar suas forças, não as lançavam apenas no jornalismo, nas conspirações, na literatura e na arte; dissipavam-nas nos excessos mais extravagantes, tal a abundância de seiva e de poder luxuriante que existia na jovem França. Trabalhadora, aquela galharda juventude desejava o poder e o prazer;

artista, desejava tesouros; ociosa, queria animar suas paixões; de qualquer modo, queria um lugar, e a política não lho oferecia em parte alguma. Os vivedores eram criaturas dotadas, quase todas, de faculdades eminentes. Alguns perderam-nas nessa vida enervante, outros resistiram. O mais celebrado desses vivedores, Rastignac, o mais inteligente, terminou entrando, conduzido por De Marsay, para uma carreira séria, na qual se distinguiu. As troças a que se entregavam esses rapazes tornaram-se tão famosas que forneceram assunto para vários *vaudevilles*.

Luciano, lançado por Blondet nessa sociedade de dissipadores, ali brilhou ao lado de Bixiou, um dos espíritos mais perversos e o mais infatigável forjador de zombarias daquela época. Durante todo o inverno, a vida de Luciano foi uma longa embriaguez intercalada de fáceis trabalhos do jornalismo. Continuou a série dos seus pequenos artigos e fez enormes esforços para produzir de quando em vez algumas belas páginas de crítica maduramente pensada.

O estudo era, porém, uma exceção; o poeta só se entregava a ele premido pela necessidade. Os almoços, os jantares, as diversões, as reuniões sociais e o jogo tomavam-lhe todo o tempo. Corália devorava o resto. Luciano proibia-se de pensar no amanhã. Via, aliás, seus pretensos amigos conduzirem-se todos como ele, sustentando-se por meio de prospectos de livraria pagos a bom preço ou de gratificações outorgadas a certos artigos indispensáveis a especulações temerárias, comendo de qualquer modo e pouco se preocupando com o futuro.

Uma vez admitido no jornalismo e na literatura num pé de igualdade, Luciano percebeu as enormes dificuldades a vencer no caso de querer elevar-se: todos consentiam em tê-lo como igual; ninguém o queria como superior. Insensivelmente renunciou, pois, à glória literária acreditando o sucesso político mais fácil de obter.

— A intriga desperta menor número de paixões contrárias do que o talento; seus meneios surdos não chamam a atenção de ninguém — disse-lhe um dia Châtelet, com quem Luciano se havia reconciliado. — A intriga é, aliás, superior ao talento: do nada faz alguma coisa, enquanto, na maior parte do tempo, os imensos recursos do talento servem apenas para fazer a desgraça do homem.

Através dessa vida exuberante, cercada de luxo, em que o amanhã marchava invariavelmente nas pegadas da véspera numa perpétua orgia e sem encetar nunca o trabalho prometido, Luciano perseguia seu fito principal: era assíduo na sociedade, cortejava a sra. de Bargeton, a marquesa d'Espard, a condessa de Montcornet, e não faltava a uma só das recepções da srta. des Touches. Apresentava-se na sociedade ora antes de uma farra, ora depois de algum almoço oferecido pelos escritores ou pelos livreiros. Deixava os salões por um jantar, fruto de uma aposta qualquer. Os gastos da palestra parisiense e o jogo absorviam o pouco de ideias e de forças que seus excessos lhe deixavam. O poeta ia perdendo aos poucos a lucidez de inteligência e a frieza de julgamento necessárias para observar em torno de si, para desenvolver esse tato requintado que os aventureiros devem empregar a todo o instante. Foi-lhe impossível reconhecer os momentos em que a sra. de Bargeton se voltava para ele ou dele se afastava ferida, em que o perdoava ou de novo o condenava.

Châtelet percebeu as possibilidades que restavam ao rival e tornou-se amigo de Luciano para mantê-lo na dissipação onde sua energia se dispersava. Rastignac, invejoso do conterrâneo, e encontrando, além disso, no barão um aliado mais seguro e mais útil que Luciano, esposou a causa de Châtelet. Fora desse modo que, poucos dias após a entrevista do Petrarca com a Laura de Angoulême, Rastignac pudera reconciliar o poeta com o velho elegante do Império, numa ceia magnífica no Rocher de Cancale. Luciano, que só entrava em casa pela manhã e se levantava no meio do dia, não sabia resistir a um amor a domicílio e sempre bem-disposto. Assim, a mola de sua vontade, sempre amolentada por uma preguiça que o tornava indiferente às belas resoluções tomadas nos momentos em que entrevia sua posição com clareza, tornou-se nula, e, aos poucos, passou a não responder às mais fortes pressões da miséria.

Depois de se haver sentido muito feliz ao ver Luciano divertir-se, depois de o haver encorajado, vendo naquela dissipação um penhor de duração de sua ligação e laços nas necessidades que ela criava, a terna e doce Corália teve a coragem de recomendar ao amante que não esquecesse o trabalho, e muitas vezes viu-se obrigada a observar-lhe

que pouco havia ganho durante o mês. Endividaram-se ambos com assustadora rapidez. Os mil e quinhentos francos restantes do preço pago pelas *Boninas* e os primeiros quinhentos francos ganhados por Luciano com os seus artigos haviam sido rapidamente esbanjados. Em três meses, seus escritos renderam apenas mil francos ao poeta que, no entanto, pensava ter trabalhado enormemente. Mas Luciano havia adotado já a jurisprudência zombeteira dos vivedores com respeito às dívidas. As dívidas são interessantes nos rapazes de vinte e cinco anos; mais tarde, ninguém lhas perdoará. É de notar que certas almas verdadeiramente poéticas, mas de vontade fraca, ocupadas em sentir para devolver suas sensações em imagens, são essencialmente falhas do senso moral que deve acompanhar toda observação. Os poetas preferem receber em si mesmos as impressões a penetrar nos outros e neles estudar o mecanismo dos sentimentos. Luciano nunca se lembrou de pedir contas aos vivedores daqueles entre eles que desapareciam; não via o futuro desses pretensos amigos que tinham, uns uma herança, outros esperanças certas, estes reconhecido talento, aqueles a fé mais intrépida no seu destino e o desígnio premeditado de torcer as leis. Luciano acreditou em seu futuro fiando-se nestes profundos axiomas de Blondet: “Tudo acaba por se arranjar. — Nada se perde em casa das pessoas que nada têm. — Só podemos perder a fortuna que buscamos! — Deixando-se levar pela correnteza, a gente acaba por chegar a alguma parte. — Um homem inteligente com ingresso na sociedade faz fortuna quando quer!”.

Aquele inverno, tão cheio de prazeres, foi gasto por Teodoro Gaillard e Heitor Merlin à procura do capital que a fundação do *Alvorada* exigia. Seu primeiro número só apareceu em março de 1822. As negociações foram celebradas em casa da sra. du Val-Noble, a elegante e espirituosa cortesã que dizia, mostrando seus magníficos aposentos: “Eis aqui as contas das *Mil e uma noites!*”.

Exercia ela certa influência sobre os banqueiros, os fidalgos e os escritores do partido monarquista, habituados todos a se reunirem em seu salão para tratar de negócios que só ali poderiam ser tratados. Heitor Merlin, a quem estava prometido o cargo de redator chefe do *Alvorada*, deveria ter como braço direito Luciano, que se tornara seu

amigo íntimo e a quem fora igualmente prometido o folhetim de um dos jornais ministeriais. Essa mudança na posição de Luciano preparava-se silenciosamente através dos prazeres de sua vida. Aquela criança acreditava-se grande político ao dissimular esse golpe teatral, e contava com as larguezas ministeriais para dar um jeito em suas contas, e, assim, mitigar as secretas atribulações de Corália. A atriz, sempre sorridente, escondia sua angústia; mas Berenice, mais ousada, esclarecia Luciano. Como todos os poetas, aquele grande homem em embrião impressionava-se por momentos com os desastres e tomava a resolução de trabalhar, mas esquecia logo após a resolução e afogava nas orgias a preocupação passageira. No dia em que Corália percebia uma nuvem na frente do amante, ralhava com Berenice e afirmava ao seu poeta que tudo se haveria de arranjar.

A sra. d’Espard e a sra. de Bargeton esperavam a conversão de Luciano para, diziam elas, fazer com que Châtelet pedisse ao ministro a ordenança tão desejada para a mudança de nome. Luciano prometera dedicar *As boninas* à marquesa d’Espard, que parecia lisonjeada com uma distinção que os autores tornaram rara depois que se tornaram um poder. Sempre que Luciano ia, à noite, à casa do livreiro e perguntava pelo livro, Dauriat apresentava-lhe excelentes razões para retardar a sua entrada no prelo. Tinha esta ou aquela operação em andamento que lhe tomava o tempo todo; iam publicar um novo livro de Canalis, contra o qual era preciso não se interpor; as segundas *Meditações*[342] de Lamartine estavam no prelo, e dois importantes livros de poesia não deviam sair ao mesmo tempo. O autor deveria, de resto, fiar-se na habilidade de seu livreiro.

As necessidades de Luciano tornaram-se entretanto tão prementes que ele teve de recorrer a Finot para que lhe adiantasse alguma coisa por futuros artigos.

Quando certa noite, numa ceia, o poeta-jornalista explicou a situação a seus amigos vivedores, estes trataram de lhe afogar os escrúpulos em ondas de champanha gelada em gracejos. As dívidas! Não existe homem forte sem dívidas! As dívidas representam necessidades satisfeitas, vícios exigentes. Ninguém triunfa senão acossado pela mão de ferro da necessidade.

— Aos grandes homens, a casa de penhores reconhecida! [343] — gritou-lhe Blondet.

— Tudo querer é tudo dever — afirmava Bixiou.

— Não! Tudo dever é tudo ter tido! — respondia Des Lupeaulx.

Os vivedores sabiam provar àquele criança que suas dívidas seriam o agulhão de ouro com o qual ele haveria de incitar os cavalos atrelados ao carro da sua fortuna. Depois vinha sempre à tona César com seus quarenta milhões de dívidas, e Frederico II recebendo do pai um ducado por mês; sempre os famosos, os corruptores exemplos dos grandes homens mostrados em seus vícios mas não no imenso poder de sua coragem e de suas concepções!

Finalmente a carruagem, os cavalos e a mobília de Corália foram tomados por vários credores por dívidas num total de quatro mil francos. Luciano recorreu então a Lousteau para lhe pedir os mil francos que lhe emprestara, mas este mostrou-lhe mandados que demonstravam que a casa de Florina estava em condições análogas à de Corália. Lousteau, porém, reconhecido, propôs-lhe dar os passos necessários para colocar *O arqueiro de Carlos IX*.

— De que maneira Florina chegou a isso? — perguntou Luciano.

— Matifat assustou-se — respondeu Lousteau. — Perdemo-lo. Mas, se Florina quiser, ele há de pagar caro sua traição! Eu te contarei a história.

XXXIII – QUINTA VARIEDADE DE LIVREIRO

Três dias depois da inútil tentativa de Luciano junto a Lousteau, os dois amantes almoçavam tristemente, ao pé do fogo, em seu lindo quarto de dormir. Berenice preparara-lhes alguns ovos ao prato na lareira, porque a cozinheira, o cocheiro, e os criados se haviam despedido. Era-lhes impossível dispor da mobília sequestrada. Não havia mais em casa um único objeto de ouro ou de prata, ou qualquer coisa que possuísse valor intrínseco; tudo estava, aliás, representado por cautelas de penhor que formavam pequeno volume in-octavo muito instrutivo. Berenice havia conservado dois talheres. O jornal prestava inapreciáveis serviços a Luciano e Corália conservando-lhes o

alfaiate, a modista e a costureira, temerosos todos de descontentar um jornalista capaz de desacreditar-lhes os estabelecimentos. Lousteau appareceu à hora do almoço a gritar:

— Urra! Viva *O arqueiro de Carlos ix*. Eu cavei cem francos de livros, meus filhos, repartamos!

Deu cinquenta francos a Corália e mandou Berenice à procura de um almoço substancial.

— Ontem eu e Heitor Merlin jantamos com livreiros, e através de sábias insinuações preparamos a venda de teu romance. Estás em negócios com Dauriat, mas Dauriat é avaro e não quer dar mais de quatro mil francos por dois mil exemplares, e tu queres seis mil. Fizemos-te duas vezes maior do que Walter Scott. Oh! tens no ventre romances incomparáveis! Não ofereces um livro, mas um grande negócio; não és o autor de um romance mais ou menos engenhoso, serás uma coleção! A palavra coleção fez um grande efeito. Convém, assim, que não esqueças teu papel; tens na pasta: *A grande mademoiselle ou A França sob Luís xiv*. — *Saiote I ou Os primeiros dias de Luís xv*. — *A rainha e o cardeal ou Quadro de Paris sob a Fronda*. — *O filho de Concini ou Uma intriga de Richelieu*... Esses romances serão anunciados na capa. Chamamos a essa manobra “mantear” o triunfo. A gente faz saltar os seus livros na capa até que se tornem célebres, e assim se fica, em consequência, muito maior pelas obras que não se escreveu do que pelas publicadas. O *no prelo* é a hipoteca literária! Vamos! um pouco de alegria! Aqui temos champanha. Tu comprehendes, Luciano, os nossos homens abriram olhos tão grandes como os teus pires... Tens ainda os teus pires?

— Estão penhorados — respondeu Corália.

— Compreendo e continuo — disse Lousteau. — Os livreiros acreditarão em todos os teus manuscritos, se virem um deles. Em negócios editoriais pede-se um manuscrito para ver, tem-se a pretensão de o ler. Deixemos aos livreiros essa fatuidade: não leem jamais livro algum. Se assim não fosse, não publicariam tantos! Eu e Heitor demos a entender que por cinco mil francos cederias três mil exemplares, em duas edições. Dá-me o manuscrito do *Arqueiro*; depois de amanhã almoçaremos com os livreiros e os forcaremos a aceitar.

— Quem são eles? — perguntou Luciano.

— Dois bons rapazes, associados, muito francos em negócios, chamados Fendant e Cavalier. Um é antigo primeiro caixeiro da casa Vidal e Porchon, outro é o mais hábil viajante do Quai des Augustins. Ambos estabeleceram-se há um ano. Depois de haverem perdido algum dinheiro a publicar romances traduzidos do inglês, os meus sabidos querem agora explorar os romances nativos. Corre o boato de que esses negociantes de papel rabiscado somente arriscam capitais alheios, mas para ti é indiferente, suponho, saber a quem pertence o dinheiro que te não de dar.

Dois dias após, foram os dois jornalistas convidados para almoçar na Rue Serpente, na antiga região de Luciano, onde Lousteau conservava sempre o seu quarto da Rue de La Harpe. Luciano, que ali foi buscar o amigo, notou que tudo se achava no mesmo estado da noite de sua introdução no mundo literário. Agora, porém, isso já não o surpreendia: sua educação o havia iniciado nas vicissitudes da vida de jornalista, na qual tudo se pode conceber. O grande homem da província havia recebido, jogado, perdido o preço de mais um artigo, perdendo também, assim, a vontade de os escrever. Havia escrito mais de uma coluna de acordo com os engenhosos processos que Lousteau lhe descrevera quando desciam da Rue de La Harpe para o Palais-Royal. Tendo caído na dependência de Barbet e de Braulard, traficava com livros e entradas de teatro. Não recuava, enfim, diante de nenhum elogio nem de nenhum ataque. Experimentava mesmo naquele momento certa alegria em tirar de Lousteau todo o partido possível antes de voltar as costas aos liberais, a quem se propunha atacar tanto melhor quanto mais de perto os havia estudado. Lousteau, por sua vez, recebia, com prejuízo de Luciano, uma soma de quinhentos francos de Fendant e Cavalier, a título de comissão, por ter conseguido um futuro Walter Scott para os dois livreiros, que andavam à procura de um Scott francês.

A casa Fendant e Cavalier era uma dessas livrarias estabelecidas sem capital algum, como muitas daquela época, e como se não de estabelecer sempre enquanto os papeleiros e impressores continuarem a fornecer crédito aos livreiros pelo tempo necessário à jogada de sete

ou oito cartadas chamadas edições. Naquele tempo, como ainda hoje, as obras eram compradas aos autores mediante promissórias a vencer em seis, nove e doze meses, pagamento baseado na natureza da venda, que se liquida, no ramo, através de valores a prazos mais longos ainda. Os livreiros pagavam na mesma moeda aos papaleiros e aos impressores, que tinham assim em mãos pelo espaço de um ano, praticamente de graça, verdadeira livraria composta de uma dúzia ou de uma vintena de obras. Admitindo-se dois ou três êxitos, o produto dos bons negócios cobria os maus e a empresa se ia sustentando a tentar livro após livro. Se as operações eram todas duvidosas ou se, para sua desgraça, encontravam bons livros que só se podiam vender depois de saboreados e julgados pelo verdadeiro público; se os descontos de seus valores eram onerosos, se chegavam à falência, assinavam tranquilamente seus balanços sem temor algum, preparados que estavam de antemão para tal resultado. Assim, todas as probabilidades ficavam a seu favor. Jogavam sobre o grande pano verde da especulação os fundos alheios, não os próprios. Fendant e Cavalier encontravam-se exatamente nessa situação. Cavalier entrara para o negócio com a sua experiência; Fendant a isso acrescentara a sua indústria. O fundo social merecia eminentemente este título, pois que consistia nalguns milhares de francos de economias penosamente feitas pelas suas amantes e sobre os quais um e outro se haviam atribuído consideráveis ordenados, muito escrupulosamente dispendidos em jantares a jornalistas e escritores, e em espetáculos nos quais, segundo eles, se faziam os negócios. Esses semipatifes passavam ambos por hábeis; Fendant, porém, era mais esperto que Cavalier. Digno de seu nome, Cavalier viajava. Fendant dirigia os negócios em Paris. Tal sociedade era o que sempre há de ser entre dois livreiros: um duelo. Os associados ocupavam uma loja num velho edifício da Rue Serpente, tendo o escritório ao fundo de vastos salões transformados em lojas.

Haviam já publicado muitos romances, entre eles: *A torre do norte*, *O mercador de Benares*, *A fonte do sepulcro* e *Tekeli*, romances de Galt,^[344] autor inglês que na França não teve êxito. O triunfo de Walter Scott despertou de tal modo a atenção dos livreiros sobre os

produtos ingleses que, como bons normandos que eram, estavam todos preocupados com a conquista da Inglaterra. Procuravam entre estes um Walter Scott como mais tarde se deveria procurar asfalto nos terrenos pedregosos, betume nos pântanos, e realizar lucros com estradas de ferro em projeto. Uma das maiores ingenuidades do comércio parisiense consiste no querer encontrar o triunfo nos análogos quando ele está nos contrários. Em Paris, principalmente, o triunfo mata o triunfo. Assim, sob o título de *Os Strelitz ou A Rússia há cem anos*, Fendant e Cavalier haviam acrescentado em grandes letras: “no gênero de Walter Scott”. Tinham sede de um triunfo. Um bom livro poderia servir-lhes para dar saída às suas pilhas de pacotes, pois haviam-se deixado engodar com a perspectiva de obter artigos laudatórios nos jornais, condição essencial para a venda, naquele tempo, em que era extremamente raro um livro ser comprado só pelo seu valor. Quase sempre, eram publicados por alguma razão estranha ao mérito da obra. Fendant e Cavalier viam em Luciano o jornalista, e no seu livro uma fornada cuja primeira venda lhes facilitaria pelo menos uma prestação aos credores. Os jornalistas encontraram os sócios em seus gabinetes, com o contrato preparado e as promissórias assinadas. Aquela rapidez maravilhou Luciano. Fendant era um homenzinho magro, dono de uma fisionomia sinistra; tinha a aparência de um calmuco, cabecinha chata, nariz reentrante, boca apertada, dois olhinhos negros, espertos, os contornos do rosto atormentados, uma cor doentia, uma voz de sino rachado, todo o exterior enfim de um consumado velhaco. Compensava, porém, tais desvantagens com o tom meloso dos discursos; atingia a seus fins por meio da conversa. Cavalier, um rapaz redondo a quem se tomaria antes por um condutor de diligência que por um livreiro, tinha os cabelos de um louro suspeito, a fisionomia iluminada, a aparência tosca e a eterna parolagem do caixeiro-viajante.

— Não discutiremos — disse Fendant, dirigindo-se a Luciano e a Lousteau. — Li a obra; é muito literária e nos convém tanto que já mandei o manuscrito para a tipografia. O contrato está redigido segundo as bases convencionadas. Aliás, nós não nos apartamos jamais das condições que estipulamos. Nossas letras são a seis, nove e doze

meses. O senhor as descontará facilmente e nós o indenizaremos do desconto. Reservamo-nos o direito de dar outro título à obra. Não gostamos de *O arqueiro de Carlos ix*, não provoca bastante a curiosidade dos leitores. Houve muitos reis com o nome de Carlos, e na Idade Média havia tantos arqueiros! Ah! se o senhor dissesse *O soldado de Napoleão*! Mas *O arqueiro de Carlos ix*?... Cavalier seria obrigado a fazer um curso de história da França para colocar cada exemplar na província.

— Se o senhor conhecesse as pessoas com quem temos negócio! — exclamou Cavalier.

— *A noite de São Bartolomeu* ficaria melhor — continuou Fendant.

— *Catarina de Médicis*^[345] ou *A França no tempo de Carlos ix* — lembrou Cavalier — assemelha-se mais a um título de Walter Scott.

— Enfim, nós o fixaremos logo que o livro esteja impresso — disse Fendant.

— Como quiserem — respondeu Luciano, — contanto que o título me convenha.

Lido e assinado o contrato, cada qual de posse duma via, Luciano pôs as notas promissórias no bolso com uma satisfação sem igual. Subiram depois, os quatro, até a casa de Fendant, onde comeram o mais vulgar dos almoços: ostras, bifes, rins com champanha e queijo brie; mas os pratos eram acompanhados de magníficos vinhos, devidos a Cavalier, que conhecia um viajante do comércio de vinhos. No instante em que se punham à mesa, apareceu o impressor a quem estava confiada a impressão do romance, para surpreender Luciano entregando-lhe as provas das duas primeiras folhas do livro.

— Queremos andar com rapidez — explicou Fendant. — Contamos com o seu livro e temos diabólica necessidade de êxito.

O almoço, começado ao meio-dia, só terminou às cinco horas.

— Onde encontrar dinheiro? — perguntou Luciano a Lousteau.

— Vamos procurar Barbet — respondeu Estêvão.

Os dois amigos desceram, algo aquecidos e avinhados, em direção ao Quai des Augustins.

— Corália mostra-se surpreendida a mais não poder com a perda que Florina acaba de sofrer. Florina só ontem lhe contou tudo atribuindo-te toda a sua infelicidade. Parecia exasperada a ponto de pensar em te abandonar — confidenciou-lhe Luciano.

— É verdade — respondeu Lousteau, que não pôde mais conservar a sua reserva e se abriu com Luciano. — Meu amigo, porque és meu amigo, tu, Luciano, que me emprestaste mil francos e não mos pediste senão uma vez, desconfia do jogo. Se eu não jogasse, seria feliz. Devo a Deus e ao diabo. Neste momento tenho os oficiais de diligências nos meus calcanhares. Sou forçado, desse modo, ao me dirigir ao Palais-Royal, a dobrar cabos perigosos.

Na linguagem dos vivedores, *dobrar um cabo em Paris* era fazer voltas, quer para não passar diante de um credor, quer para evitar o local onde poderia encontrar-se um deles. Luciano, que não andava indiferentemente por qualquer rua, conhecia a manobra sem lhe conhecer o nome.

— Deves muito, então?

— Uma miséria — respondeu Lousteau. — Mil escudos me salvariam. Pretendi comportar-me, não jogar mais, e, para concluir, fiz um pouco de chantagem.

— Que é chantagem? — perguntou Luciano, para quem a palavra era desconhecida.

— A chantagem é uma invenção da imprensa inglesa que a França recentemente importou. Os chantagistas são criaturas colocadas de modo a poder dispor dos jornais. Jamais um diretor de jornal ou um redator chefe será apanhado como cúmplice da chantagem. Há para isso os Giroudeau, os Felipe Bridau. Esses *bravi*^[346] saem à procura de um homem que, por qualquer razão, não deseja que os jornais se ocupem dele. Muitas são as pessoas que têm na consciência pecadilhos mais ou menos originais. Há muitas fortunas suspeitas em Paris, obtidas por vias mais ou menos legais, e muitas vezes por meio de manobras criminosas, que forneceriam deliciosas anedotas, como a da polícia de Fouché, que, composta de secretas que não estavam no segredo do fabrico dos falsos bilhetes do banco inglês, ia prender os impressores clandestinos protegidos pelo ministro; a história dos

brilhantes do príncipe Galathione; o caso Maubreuil; a sucessão Pombretón[347] etc. O chantagista, conseguindo obter qualquer peça, qualquer documento importante, solicita uma entrevista ao homem enriquecido. Se a pessoa comprometida não entrega logo uma soma qualquer, o chantagista lhe fala da imprensa pronta a cair sobre ele e a revelar seus segredos. O ricaço fica com medo e paga. A trapaça está feita. Se alguém se entrega a uma operação perigosa, que pode malograr ante uma série de artigos, mandam-lhe um chantagista que lhe propõe o resgate dos artigos. Há ministros a quem se enviam chantagistas que com eles estipulam a condição de o jornal atacar seus interesses políticos mas não a eles pessoalmente, ou que entregam sua própria pessoa e pedem graça para a amante. Des Lupeaulx, esse bonito referendário que conheces, está perpetuamente ocupado com essa espécie de negociações com os jornalistas. O velhaco arranjou através de suas relações uma posição maravilhosa junto do poder: é ao mesmo tempo o mandatário da imprensa e o embaixador dos ministros. Trafica com amores-próprios; estende mesmo esse comércio aos casos políticos; obtém dos jornais seu silêncio a respeito de tal ou qual empréstimo, ou de determinada concessão obtida sem concorrência nem publicidade, transações nas quais se dá uma parte aos agiotas da bancada liberal. Tu mesmo fizeste um pouco de chantagem com Dauriat, que te deu mil escudos para te impedir de desacreditar Nathan. No século XVIII, quando o jornalismo estava ainda nos cueiros, a chantagem era feita por meio de panfletos cuja destruição era comprada pelos favoritos e pelos grandes senhores. O inventor da chantagem foi Aretino, um grande italiano, que taxava os reis como em nossos dias este ou aquele jornal taxa os atores.

— Que fizeste contra Matifat para conseguir os mil escudos?

— Fiz com que atacassem Florina em seis jornais, e Florina queixou-se a Matifat, o qual pediu a Braulard que descobrisse o motivo de tais ataques. Braulard foi enganado por Finot, em benefício de quem eu praticava a chantagem; disse ele ao droguista que tu desacreditavas Florina em benefício de Corália. Giroudeau foi dizer confidencialmente a Matifat que tudo se arranjaría se ele quisesse vender a sexta parte de que era proprietário no semanário de Finot, por dez mil francos. Finot

me daria mil escudos, no caso de êxito. Matifat ia fazer o negócio, feliz de reaver dez mil francos dos trinta mil que lhe pareciam estar correndo risco, porque havia dias Florina lhe vinha dizendo que o semanário de Finot não pegava. Em vez de um dividendo a receber, seria o caso de uma nova chamada de capital. Antes, porém, de realizar o seu balanço, o diretor do Panorama-Dramatique precisou negociar alguns títulos de favor, e, para os fazer colocar por Matifat, preveniu-o da peça que Finot lhe ia pregar. Matifat, comerciante finório, abandonou Florina, conservou a sua sexta parte e agora nos persegue. Finot e eu urramos de desespero. Tivemos a desgraça de atacar um homem que não se importa com a amante, um miserável sem alma nem coração. Desgraçadamente, o negócio que Matifat faz não está na alçada da justiça da imprensa. É inatacável em seus interesses. Não se critica um droguista como se criticam chapéus, coisas da moda, teatros ou negócios de arte. O cacau, a pimenta, as tintas, as madeiras de tinturaria, o ópio não se podem depreciar. Florina está em apuros; o Panorama fecha amanhã e ela não sabe o que fazer.

— Em consequência do fechamento do teatro, Corália estreará dentro de poucos dias no Gymnase — disse Luciano. — Ela poderá ser útil a Florina.

— Jamais! — respondeu Lousteau. — Corália não é inteligente, mas também não é tão burra que vá arranjar uma rival! Nossos negócios estão completamente estragados! Mas Finot tem tamanha pressa de resgatar aquela sexta parte...

— Mas por quê?

— O negócio é excelente, meu caro. Existe a possibilidade de vender o jornal por trezentos mil francos. Finot teria então um terço, mais uma comissão, concedida pelos sócios e que ele repartiria com Des Lupeaulx. Daí a proposta de um golpe de chantagem.

— Mas a chantagem é então a bolsa ou a vida?

— Muito melhor — respondeu Lousteau. — É a bolsa ou a honra! Anteontem, um pequeno jornal, a cujo proprietário haviam recusado um crédito, noticiou que o relógio de repetição cercado de brilhantes pertencente a uma das notabilidades da capital fora visto de maneira bizarra entre as mãos de um soldado da guarda real, e prometia o

relato dessa aventura digna das *Mil e uma noites*. Tal notabilidade apressou-se a convidar o redator chefe para almoçar. É certo que o redator chefe ganhou alguma coisa, mas a história contemporânea perdeu a anedota do relógio. Toda vez que vires a imprensa encarniçada contra qualquer pessoa poderosa, fica sabendo que há por trás disso algum desconto recusado, algum favor que não quiseram prestar. A chantagem relativa à vida privada é o que mais temem os ricos ingleses, e que contribui com boa cota para os lucros da imprensa britânica, infinitamente mais depravada do que a nossa. Nós somos umas crianças! Na Inglaterra, compra-se uma carta comprometedora por cinco ou seis mil francos, para a revender.

— Que meio encontre para ferir Matifat? — perguntou Luciano.

— Meu caro — respondeu Lousteau —, esse vil especieiro escreveu as mais curiosas cartas a Florina: ortografia, estilo, pensamento, tudo é de um cômico rematado. Matifat teme muito a mulher. Poderemos, sem o nomear, sem que ele se possa queixar, atingi-lo nos seus lares e nos seus penates, onde se julga em segurança. Imagina o seu furor ao ler o primeiro artigo de um pequeno romance de costumes intitulado *Os amores de um droguista*, após ter sido lealmente prevenido do acaso que pôs entre as mãos dos redatores de tal jornal cartas em que ele fala do pequeno Cupido, onde escreveu *cenpre* em vez de sempre, onde afirma a Florina que ela o ajuda a atravessar o deserto da vida, o que pode fazer acreditar que ele a considera um camelo. Enfim, há com que desopilar o fígado dos assinantes durante quinze dias em tal correspondência eminentemente divertida. Far-lhe-iam temer uma carta anônima que pusesse a mulher a par do gracejo. Será que Florina vai concordar em parecer perseguir Matifat? Ela ainda conserva alguns princípios, isto é, algumas esperanças. Talvez guarde as cartas para si mesma e queira uma parte nos lucros. É astuciosa; é minha aluna. Mas quando souber que o oficial de diligências não é brincadeira, quando Finot lhe houver feito um presente em condições ou lhe houver dado a esperança de um contrato, há de me entregar as cartas, que darei a Finot em troca dos escudos. Finot entregará a correspondência ao tio, e Giroudeau fará o droguista capitular.

Aquela confidência desembriagou Luciano e o fez pensar. Pensou

em primeiro lugar que tinha amigos extremamente perigosos; refletiu depois que era melhor não se inimizar com eles, porque poderia precisar da terrível influência deles, caso a sra. d'Espard, a sra. de Bargeton e Châtelet faltassem à palavra. Estêvão e Luciano haviam chegado, a palestrar, ao cais e estavam diante da miserável loja de Barbet.

XXXV – OS DESCONTADORES

— Barbet — disse Estêvão ao livreiro —, temos cinco mil francos de Fendant e Cavalier, a seis, nove e doze meses; quer descontar-nos as letras?

— Fico com elas por mil escudos — respondeu Barbet com calma imperturbável.

— Mil escudos![\[348\]](#) — exclamou Luciano.

— Os senhores não os conseguirão em nenhuma outra casa — afirmou o livreiro. — Esses senhores abrirão falência antes de três meses; mas eu conheço em casa deles algumas boas obras de venda demorada. Sei que não podem esperar e as comprarei à vista entregando-lhes as próprias letras. Desse modo terei dois mil francos de abatimento na mercadoria.

— Queres perder dois mil francos? — perguntou Estêvão a Luciano.

— Não! — exclamou Luciano, indignado com essa primeira oferta.

— Fazes mal — respondeu Estêvão.

— Os senhores não negociarão esses papéis em parte alguma — afirmou Barbet. — O livro deste senhor é a última cartada de Fendant e Cavalier. Não o podem imprimir senão deixando os exemplares em depósito em casa do impressor. Um êxito não os salvará senão por seis meses, porque, mais cedo ou mais tarde, terão que saltar! Essa gente bebe copinhos em maior número do que os livros que vende! Para mim seus títulos representam um bom negócio, e os senhores podem por isso conseguir um valor superior ao que dariam os cambistas, que indagam quanto valem as assinaturas. O negócio do cambista consiste em saber se três assinaturas darão cada uma trinta por cento em caso de falência. Aliás, os senhores não oferecem senão duas assinaturas, e

cada uma delas não vale nem dez por cento.

Os dois rapazes trocaram um olhar, atônitos por ouvirem sair da boca daquele pedante uma análise em que se encontrava em poucas palavras todo o espírito dos bancos de desconto.

— Chega de frases, Barbet! — atalhou Lousteau. — À casa de que cambista nos devemos dirigir?

— O pai Chaboisseau, no Quai Saint-Michel, os senhores sabem, facilitou o último “fim de mês” a Fendant. Se recusam minha proposta, podem ir à casa dele. Mas hão de voltar a mim e não lhes darei então mais de dois mil e quinhentos francos.

Estêvão e Luciano foram ao cais, a uma pequena casa com passadiço lateral, onde morava o tal Chaboisseau, um dos prestamistas de livraria, e o encontraram no segundo andar, num apartamento mobiliado da maneira mais original. Aquele banqueiro subalterno, e, não obstante, milionário, amava o estilo grego. A cornija do quarto era grega. Guarnecido com um estofado de púrpura e disposto à grega, ao longo da parede, como fundo de um quadro de David, o leito, de uma linha muito pura, datava do tempo do Império, quando tudo era fabricado nesse gosto. As poltronas, as mesas, as lâmpadas, os lustres, os menores acessórios, escolhidos sem dúvida com paciência em casa dos negociantes de móveis, respiravam a graça fina e delicada, mas elegante, da Antiguidade. Esse conjunto mitológico e gracioso formava um contraste bizarro com os costumes do cambista. É de notar que se encontram homens dos mais bizarros entre as pessoas dedicadas ao comércio do dinheiro. Tais pessoas são, de certo modo, os libertinos do pensamento. Enfardados de tudo, por isso que tudo podem possuir, fazem um esforço enorme para sair de sua indiferença. Quem os souber estudar há de encontrar-lhes sempre alguma mania, um canto qualquer do coração por onde se mostrem acessíveis. Chaboisseau parecia entrincheirado na Antiguidade como num campo inexpugnável.

— Ele é, sem dúvida, digno da sua moldura — observou Estêvão sorrindo.

Chaboisseau, homenzinho de cabelos empoados, de sobrecasaca esverdeada, colete cor de avelã, decorado com umas calças pretas

terminadas por meias variegadas e sapatos que rangiam sob os pés, tomou as letras, examinou-as, e, a seguir, entregou-as gravemente a Luciano.

— Os srs. Fendant e Cavalier são uns moços encantadores, jovens cheios de inteligência, mas eu me encontro sem dinheiro — disse com voz doce.

— Meu amigo será razoável com o desconto — explicou Estêvão.

— Não ficaria com esses valores por vantagem alguma — disse o homenzinho, e suas palavras deslizaram pela proposição de Lousteau como a lâmina da guilhotina pela cabeça de um homem.

Os amigos retiraram-se. Ao atravessarem a antecâmara, até onde prudentemente os reconduziu Chaboisseau, Luciano viu uma pilha de alfarrábios que o prestamista, antigo livreiro, havia comprado, e entre os quais brilhou imediatamente aos olhos do romancista a obra do arquiteto Ducerceau[349] sobre os palácios reais e os castelos célebres da França, cujas plantas vêm desenhadas nesse livro com grande exatidão.

— Pode ceder-me esta obra? — perguntou Luciano.

— Sim — respondeu Chaboisseau, que de prestamista se transformou em livreiro.

— Qual é o preço?

— Cinquenta francos.

— É caro, mas me faz falta; também, não teria para pagar senão os valores que o senhor não quer aceitar.

— O senhor tem uma letra de quinhentos francos a seis meses; ficarei com ela — respondeu Chaboisseau, que sem dúvida devia soma equivalente a Fendant e Cavalier por algum saldo de fatura.

Os rapazes voltaram para o quarto grego, onde Chaboisseau preencheu um rol em que se consignava seis por cento de desconto e seis por cento de comissão, produzindo no total uma dedução de trinta francos. Acrescentou ao desconto os cinquenta francos, preço do Ducerceau, e tirou do cofre, cheio de belos escudos, quatrocentos e vinte francos.

— Ora essa, sr. Chaboisseau! As letras são todas boas ou todas más, por que não nos desconta as outras?

— Não estou descontando; estou me pagando de uma venda — respondeu o homenzinho.

Estêvão e Luciano riam-se ainda de Chaboisseau, sem o terem compreendido, quando chegaram à casa de Dauriat, onde Lousteau pediu a Gabusson que lhe indicasse um prestamista. Dali tomaram ambos um cabriolé à hora e foram ao Boulevard Poissonnière, munidos de uma carta de recomendação que Gabusson lhes havia dado, anunciando-lhes o mais bizarro e mais estranho dos *agiotas*, segundo sua expressão.

— Se Samanon não ficar com suas letras — dissera Gabusson —, ninguém mais as descontará.

Alfarrabista no rés do chão, negociante de roupas no primeiro andar, vendedor de gravuras proibidas no segundo, Samanon era ainda prestamista sob penhor. Personagem algum dos introduzidos nos romances de Hoffmann, nenhum dos sinistros aventos de Walter Scott poderia ser comparado ao que a natureza social e parisiense se havia permitido criar naquele homem, se, acaso, Samanon era homem. Luciano não pôde reprimir um movimento de susto ao ver aquele velhote pequeno e seco, cujos ossos pareciam querer furar o couro perfeitamente curtido, manchado por numerosas placas verdes ou amarelas, como uma pintura de Ticiano ou de Paolo Veronese vista de perto. Samanon tinha um dos olhos imóvel e frio, o outro vivo e brilhante. O avaro, que parecia servir-se daquele olho morto quando fazia os descontos, e empregar o outro para vender suas gravuras obscenas, usava uma pequena peruca chata, cujo negro puxava a vermelho, e sob a qual se eriçavam cabelos brancos. A fronte macilenta tinha aparência ameaçadora; as faces eram encaixilhadas nos ângulos retos das saliências dos maxilares; os dentes, ainda brancos, pareciam sair dos lábios, como os de um cavalo que relincha. O contraste daqueles olhos com o trejeito da boca, tudo lhe dava aspecto nitidamente feroz. Os pelos da barba, duros e eriçados, deveriam picar como alfinetes. Uma curta sobrecasaca puída, que já atingira o estado de completa ruína, uma gravata negra desbotada, raspada pela barba, e que deixava entrever o pescoço enrugado como o de um peru, não demonstravam sequer o desejo de disfarçar pela indumentária aquela

fisionomia sinistra. Os jornalistas encontraram esse homem sentado a um balcão extremamente sujo e ocupado em colar etiquetas no dorso de livros velhos comprados em leilão.

Depois de uma troca de olhares em que resumiram as mil perguntas sugeridas pela existência de tal personagem, Luciano e Lousteau o cumprimentaram apresentando-lhe a carta de Gabusson e os títulos de Fendant e Cavalier. Enquanto Samanon lia, entrou na escura loja um dos representantes da alta intelectualidade da época, paramentado com uma velha sobrecasaca que parecia ter sido cortada numa folha de zinco, de tal modo se via solidificada pela mistura de mil substâncias diferentes.

— Preciso da minha casaca, de minha calça preta e de meu colete de cetim — disse ele a Samanon, apresentando um cartão numerado.

Mal Samanon puxara o botão de cobre de uma campainha, surgiu uma mulher que pela frescura de sua rica carnação parecia normanda.

— Empresta a este senhor as suas roupas — disse ele, estendendo a mão ao escritor. — É um prazer trabalhar com o senhor; mas um dos seus amigos me trouxe um rapazote que me passou a perna sem cerimônias!

— Passaram-lhe a perna! — exclamou o artista, dirigindo-se aos dois jornalistas e mostrando-lhes Samanon com um gesto profundamente cômico.

E o grande homem pagou, como pagam os *lazzaroni* para reaver por um dia da casa de penhores as suas roupas de festa, trinta *sous*, que a mão amarela e encarquilhada do agiota apanhou e deixou cair no caixa do balcão.

— Que negócio singular o que fazes! — observou Lousteau ao notável artista, que não passava de uma presa do ópio e que, detido pela contemplação em palácios encantados, nada queria ou nada podia criar.

— Este homem empresta muito mais do que a casa de penhores sobre os objetos penhoráveis e tem, além disso, a assombrosa caridade de no-los devolver nas ocasiões em que é preciso que estejamos vestidos — respondeu ele. — Vou esta noite jantar em casa dos Keller[350] com a minha amante. É mais fácil, para mim, conseguir

trinta sous que duzentos francos, e venho assim buscar meu guarda-roupa, que nos últimos seis meses já rendeu cem francos a este caridoso usurário. Samanon já devorou a minha biblioteca, livro a livro.

— E vintém a vintém — disse rindo Lousteau.

— Dou-lhe mil e quinhentos francos — disse Samanon a Luciano.

Luciano deu um salto como se o agiota lhe houvesse enterrado no coração um estilete de ferro em brasa.

Samanon examinava as letras com atenção, fixando-se nas datas.

— E ainda assim — continuou o negociante — preciso ver Fendant, que me deverá dar um penhor de livros. Do senhor sei que não vale grande coisa — disse a Luciano —, o senhor vive com Corália, e seus móveis foram penhorados.

Lousteau olhou para Luciano, que retomou os títulos e saltou da loja para a rua dizendo:

— Será que ele é o diabo?

O poeta contemplou por instantes a lojinha, diante da qual os transeuntes deviam sorrir, de tal forma era miserável, tão mesquinhas e sujas eram as pequenas estantes de livros etiquetados, pensando: “Que negócio se fará aí?”.

Instantes após, o grande desconhecido, que deveria assistir dali a dez anos ao empreendimento imenso mas sem base dos saint-simonianos, saiu muito bem-vestido, sorriu aos jornalistas e com eles se dirigiu para o beco dos Panoramas, para ali completar sua arrumação mandando lustrar as botas.

— Quando se vê Samanon entrar em casa de um livreiro, de um negociante de papel ou de um impressor, é que estão perdidos — disse o escritor aos jornalistas. — Samanon representa então o gato-pingado que vai tomar as medidas do ataúde.

— Não descontarás mais tuas letras — disse então Estêvão a Luciano.

— O que Samanon recusa — disse o escritor — ninguém mais aceita, porque ele é a *ultima ratio*! É um dos agentes de Gignonnet, de Palma e Werbrust, de Gobseck[351] e de outros crocodilos que nadam na praça de Paris, e com os quais todo o homem cuja fortuna está por se fazer ou

se desfazer deve encontrar-se mais cedo ou mais tarde.

— Se não podes descontar teus títulos a cinquenta por cento — recomendou Estêvão —, será preciso trocá-los por escudos.

— Mas como?

— Dá-os a Corália, ela os apresentará a Camusot. Tu te revoltas? — continuou Lousteau, a quem Luciano interrompera num sobressalto. — Que criancice! Podes pôr na balança o teu futuro e uma tal ninharia?

— De qualquer modo vou levar o resto do dinheiro a Corália — disse Luciano.

— Outra tolice! — exclamou Lousteau. — Não mitigarás coisa alguma com quatrocentos francos onde são precisos quatro mil. Guardemos o necessário para nos embriagarmos em caso de perda, e joga o resto!

— O conselho é bom — disse o grande desconhecido.

A quatro passos do Frascati,^[352] aquelas palavras tiveram efeito magnético. Os dois amigos despediram o cabriolé e subiram para o jogo. A princípio ganharam três mil francos, voltaram a quinhentos e tornaram a ganhar três mil e setecentos. Retombaram depois em cem sous, subiram a dois mil francos e os arriscaram no par, para os duplicar em um só golpe. Não havia dado par nas últimas cinco jogadas, e puseram nele a soma toda; saiu ainda ímpar. Luciano e Lousteau atiraram-se então escadas abaixo daquele célebre pavilhão, após terem consumido duas horas em emoções dilacerantes. Havia guardado cem francos. Já nos degraus do peristilo de duas colunas que sustinham exteriormente o reduzido alpendre de zinco que mais de um par de olhos já contemplou com amor ou desespero, Lousteau disse, vendo o olhar inflamado de Luciano:

— Não queimemos mais de cinquenta francos.

Tornaram a subir. Numa hora chegaram a ganhar mil escudos; puseram-nos então sobre o vermelho, que havia saído cinco vezes, contando com o acaso ao qual deviam a perda anterior. Saiu o negro. Eram seis horas.

— Queimem-se ainda vinte e cinco francos, não mais — disse Luciano.

A nova tentativa pouco durou; os vinte e cinco francos foram

perdidos em dez jogadas. Luciano atirou raivosamente seus últimos vinte e cinco francos sobre o número de sua idade, e ganhou: nada poderia pintar a tremura de suas mãos quando tomou a pá para retirar os escudos que o banqueiro lhe atirou um a um.

Deu dez luíses a Lousteau e lhe disse:

— Corre ao Véry!

Lousteau compreendeu e foi encomendar o jantar.

Luciano, tendo ficado só no jogo, pôs seus trinta luíses no vermelho e ganhou. Animado pela voz secreta que os jogadores às vezes ouvem, pôs ainda tudo no vermelho e ganhou. Seu ventre tornou-se então um braseiro! Apesar do aviso, tornou a botar os cento e vinte luíses sobre o negro, e perdeu. Sentiu então na própria carne a sensação deliciosa que sucede, nos jogadores, às suas terríveis agitações, quando, nada mais tendo para arriscar, deixam o palácio ardente onde se passam seus sonhos fugazes. Foi ao encontro de Lousteau no Véry, onde chafurdou na cozinha, segundo a expressão de La Fontaine, e afogou as preocupações no vinho.

Às nove horas estava tão completamente embriagado que não compreendeu por que a porteira da Rue de Vendôme o mandou para a Rue de la Lune.

— A srta. Corália deixou o apartamento e se instalou na casa cujo endereço está escrito neste papel.

Luciano, muito bêbado para se espantar com o que quer que fosse, tomou novamente o fiacre que o trouxera e se fez conduzir à Rue de la Lune, murmurando para si mesmo trocadilhos sobre o nome da rua. Naquela manhã fora declarada a falência do Panorama-Dramatique. A atriz, aterrorizada, apressou-se a vender todo o seu mobiliário, com o consentimento dos credores, ao pequeno pai Cardot, que, para não mudar o destino do apartamento, lá colocou Florentina.

Corália tudo havia pago, tudo liquidado, e satisfeito o proprietário. No espaço de tempo tomado por essa operação, que ela chamou *uma alvejada*, Berenice guarnecia, com os móveis indispensáveis comprados de segunda mão, um apartamento de três peças no quarto andar duma casa da Rue de la Lune, a dois passos do Gymnase. Corália ali esperava por Luciano, tendo salvo do naufrágio seu amor sem

mácula e uma bolsa com duzentos francos. Luciano, na sua embriaguez, contou suas desgraças a Corália e Berenice.

— Fizeste bem, meu anjo — disse-lhe a atriz apertando-o nos braços.
— Berenice saberá dar um jeito para negociar tuas letras com Braulard.

XXXVI – MUDANÇA DE FRENTE

No dia seguinte, Luciano acordou na encantadora felicidade que Corália lhe prodigalizava. A atriz redobrou de amor e de ternura, como que para compensar com os mais ricos tesouros do coração a indigência do novo lar. Estava radiante de beleza, os cabelos escapando de sob um lenço de seda torcido, branca e fresca, de olhos risonhos e palavra alegre como o raio de sol nascente que entrava pela janela para dourar aquela encantadora miséria. O quarto, ainda decente, era forrado de papel verde-água com cercadura vermelha, ornado com dois espelhos, um na lareira, outro em cima da cômoda. Um tapete de segunda mão, comprado por Berenice com o seu próprio dinheiro, apesar das ordens de Corália, disfarçava o assoalho nu e frio. O guarda-roupa dos dois amantes ficava num armário de espelho e na cômoda. Os móveis de mogno eram guarnecidos de azul. Berenice salvara do desastre uma pêndula e dois vasos de porcelana, quatro talheres de prata e seis colherinhas. A sala de jantar, que ficava antes do quarto de dormir, parecia a de um empregado que ganhasse mil e duzentos francos. A cozinha fazia face ao patamar. Por cima dela ficava a mansarda onde Berenice dormia. O aluguel não ia além de cem escudos. A casa, horrível, tinha uma falsa porta para carros. O porteiro alojava-se num dos cubículos condenados, de onde através de uma janelinha gradeada vigiava dezessete locatários. Tais cortiços chamavam-se casas de renda na linguagem dos notários. Luciano viu uma escrivaninha, uma poltrona, tinta, penas e papel. A alegria de Berenice, que contava com a estreia de Corália no Gymnase, e a da atriz, que olhava para o seu papel, um caderno atado com a fita de seda azul, afastaram a tristeza e as inquietações do poeta já livre da ressaca.

— Contanto que na sociedade nada se saiba desta derrocada, nós nos arranjarremos — disse ele. — Afinal de contas, temos quatro mil e

quinhentos francos diante de nós! Vou explorar minha nova posição nos jornais monarquistas. Amanhã, inauguraremos o *Alvorada*, e agora já entendo de jornalismo; poderei fazê-lo!

Corália, que nada mais viu, a não ser amor, nessas palavras, beijou os lábios que as haviam pronunciado. Nesse meio-tempo, Berenice havia posto a mesa junto ao fogo e acabava de servir um modesto almoço, composto de ovos mexidos, duas costeletas e café com creme. Bateram. Três amigos sinceros, D'Arthez, Leão Giraud e Miguel Chrestien, apareceram ante os olhos espantados de Luciano, que, vivamente tocado, convidou-os a partilharem do almoço.

— Não — disse D'Arthez. — Vimos para coisas mais sérias que simples consolações, porque tudo sabemos; estivemos na Rue de Vendôme. Você conhece minhas opiniões, Luciano. Em quaisquer outras circunstâncias, eu me rejubilaria ao ver que você adotava minhas convicções políticas; mas, na situação em que você se colocou, escrevendo nos jornais liberais, não poderá passar para as fileiras dos ultras sem tisonar para sempre o seu caráter e enodoar sua vida. Vimos para o conjurar, em nome da nossa amizade, por mais enfraquecida que ela esteja, a que não se macule desse modo. Você atacou os românticos, a direita e o governo; você não pode agora defender o governo, a direita e os românticos.

— As razões que me levam a assim agir são motivadas numa ordem superior de pensamentos; o fim justificará tudo — respondeu Luciano.

— Você não está compreendendo talvez a situação em que nos encontramos — disse Leão Giraud. — O governo, a Corte, os Bourbon, o partido absolutista, ou, se você quiser tudo englobar numa expressão geral, o sistema oposto ao sistema constitucional, e que se divide em várias facções divergentes no que respeita aos meios a empregar para sufocar a Revolução, está entretanto de acordo quanto à necessidade de suprimir a imprensa. A fundação do *Alvorada*, de *O Clarão*,^[353] de *A Flâmula Branca*,^[354] todos jornais destinados a responder às calúnias, às injúrias, às zombarias da imprensa liberal, coisa que não aprovo, porque esse desconhecimento da grandeza do nosso sacerdócio é precisamente o que nos levou a publicar um jornal digno e grave cuja influência será, dentro em pouco, reconhecida e respeitada, imponente

e digna — disse ele fazendo um parêntese. — Pois bem, essa artilharia monarquista e ministerial é uma primeira tentativa de represálias, empreendida para devolver aos liberais flechada por flechada, ferida por ferida. Que pensa que irá acontecer, Luciano? Os assinantes são, na maioria, da esquerda. Na imprensa, como na guerra, a vitória se colocará ao lado dos grandes batalhões! Vocês hão de ser infames, mentirosos, inimigos do povo; os outros serão defensores da pátria, pessoas honradas, mártires, apesar de serem mais hipócritas e mais pérfidos talvez do que vocês. Isso há de aumentar a influência perniciosa da imprensa, legitimando e consagrando suas mais odiosas violências. A injúria e os casos pessoais tornar-se-ão um de seus direitos públicos, adotado a fim de aumentar o número dos assinantes, e passará à categoria de coisa julgada por consenso mútuo. Quando o mal se tiver revelado em toda a sua extensão, as leis restritivas e proibitivas, a censura, estabelecida a pretexto do assassinio do duque de Berry e levantada desde a abertura das câmaras, tudo isso voltará. E você sabe qual é a conclusão que o povo francês há de tirar desse debate? Admitirá as insinuações da imprensa liberal, acreditará que os Bourbon querem atacar as conquistas materiais da Revolução; há de levantar-se um belo dia e expulsar os Bourbon. Você, assim, não apenas enodoaria a sua vida, mas iria encontrar-se um dia fazendo parte do partido derrotado. Você é muito jovem, muito novo na imprensa; conhece pouco as suas manhas secretas, os seus estratagemas; você excitou muitas invejas no jornalismo para poder resistir à *grita* geral que se levantará contra você nos jornais liberais. Há de ser arrastado pelo furor dos partidos, que estão ainda nos paroxismos da febre; só que sua febre passou, das ações brutais de 1815-1816, para o domínio das ideias, das lutas orais na Câmara e nos debates da imprensa.

— Meus amigos — respondeu Luciano —, não sou o leviano, o poeta que vocês querem ver em mim. Aconteça o que acontecer, terei conquistado uma vantagem que nunca o triunfo do partido liberal me poderia dar. Quando vocês chegarem à vitória, minha causa já estará ganha.

— Nós te cortaremos... os cabelos — disse rindo Miguel Chrestien.

— Já terei filhos então — respondeu Luciano —, e cortar-me a cabeça será como nada cortar.

Os três amigos não compreenderam Luciano, cujas relações com a alta-roda haviam desenvolvido ao mais alto grau o orgulho nobiliárquico e as vaidades aristocráticas. O poeta via, aliás com razão, uma imensa fortuna em sua beleza e inteligência apoiadas no nome e no título de conde de Rubempré. A sra. d'Espard, a sra. de Bargeton e a sra. de Montcornet prendiam-no por esse fio tal como uma criança sujeita um besouro. Luciano não mais voava senão num círculo determinado. As palavras: “É um dos nossos, ele pensa bem!”, ditas três dias antes no salão da srta. des Touches, haviam-no embriagado, assim como as felicitações que recebera dos duques de Lenoncourt, de Navarreins e de Grandlieu, de Rastignac, de Blondet, e da bela duquesa de Maufrigneuse, do conde d'Esgrignon, de Des Lupeaulx, das pessoas mais influentes e mais chegadas à Corte do partido monarquista.

— Vamos! tudo já está dito — respondeu D'Arthez. — Para ti será mais difícil que para qualquer outro te conservares puro e possuíres tua própria estima. Eu te conheço. Vais sofrer muito quando te vires desprezado por aqueles mesmos aos quais te houveres devotado.

Os três amigos disseram adeus a Luciano sem lhe estenderem amigavelmente a mão.

Luciano ficou por alguns instantes pensativo e triste.

— Ora, deixa esses tolos! — disse Corália sentando-se nos joelhos de Luciano e pondo-lhe em torno do pescoço os belos braços frescos. — Eles tomam a vida a sério e a vida é uma caçoadá. Aliás, hás de ser o conde Luciano de Rubempré. Farei, se for preciso, agrados à chancelaria. Sei como levar esse libertino do Des Lupeaulx, que há de fazer com que assinem o teu decreto. Já não te disse que, quando te for preciso um degrau a mais para alcançares tua presa, hás de ter o cadáver de Corália?

No dia seguinte, Luciano consentiu em que pusessem o seu nome entre os dos colaboradores do *Alvorada*. Seu nome foi anunciado como uma conquista no prospecto que, graças aos cuidados especiais do ministério, foi distribuído em cem mil exemplares. Luciano compareceu ao banquete triunfal, que durou nove horas, no Robert, a

dois passos de Frascati, e ao qual assistiram os corifeus da imprensa monarquista; Martainville, Auger, Destains[355] e uma multidão de escritores ainda vivos, que, naquele tempo, *faziam a monarquia e a religião*, segundo expressão consagrada.

— Vamos dar aos liberais o que eles merecem! — exclamou Heitor Merlin.

— Senhores — respondeu Nathan, que se havia alistado sob a mesma bandeira, julgando, com razão, que seria melhor ter a autoridade a seu favor do que contra na exploração do teatro com que sonhava —, se lhes vamos fazer guerra, façamo-la seriamente. Não troquemos balas de cortiça! Ataquemos todos os escritores clássicos e liberais sem distinção de idade nem de sexo; passemos-os ao fio do escárnio sem lhes dar quartel.

— Sejam honrados, não nos deixemos subornar por alguns volumes, por presentes ou dinheiro dos livreiros. Façamos a restauração do jornalismo.

— Bem! — exclamou Martainville — *Justum et tenacem propositi virum!*[356] Sejam implacáveis e mordazes. Eu farei de Lafayette o que ele em verdade é: Gilles![357]

— Por mim — disse Luciano —, eu me encarrego dos heróis do *Constitucional*, do sargento Mercier,[358] das obras completas do sr. de Jouy, dos ilustres oradores da esquerda!

Uma guerra de morte foi resolvida e votada por unanimidade, à uma hora da manhã, pelos redatores que afogavam todas as suas diferenças de tons e todas as suas ideias num ponche flamejante.

— Metemo-nos em famosos calções monárquicos e religiosos — disse à soleira da porta um dos escritores mais em evidência da literatura romântica.

Esse dito histórico, revelado por um dos livreiros que assistia ao jantar, apareceu no dia seguinte no *Espelho*. E essa revelação foi atribuída a Luciano. Tal defecção foi o sinal para espantoso alvoroço nos jornais liberais. Luciano tornou-se a principal vítima deles e viu-se difamado do modo mais cruel: contaram os infortúnios de seus sonetos; tornaram público que Dauriat preferia perder mil escudos a imprimir o livro; chamaram-no poeta sem sonetos![359]

Certa manhã, no mesmo jornalzinho em que Luciano havia estreado tão brilhantemente, encontrou as linhas seguintes escritas unicamente para ele, dado que o público quase nada poderia compreender da zombaria:

Se o livreiro Dauriat persiste em não publicar os sonetos do futuro Petrarca francês, vamos agir como inimigos generosos, abrindo nossas colunas a esses poemas que devem ser picantes, a julgar por este que nos foi dado por um amigo do autor.

E, sob o temível exórdio, o poeta leu este soneto,[\[360\]](#) que o fez chorar ardentes lágrimas:

*Uma planta de pobre aspecto macilento
Nasceu certa manhã num canteiro de flores;
Ao que dizia, em breve as mais flamantes cores
Daríam fé de sua estirpe e valimento.*

*Foi tolerada, pois! Em reconhecimento
Eis que insulta as irmãs com ares superiores;
Estas, feridas nos mais íntimos pudores,
Reptaram-na a provar seu nobre nascimento.*

*Floriu então. Mas, oh! jamais nenhum farsante
Já se vaiou como vaiou naquele instante
Todo o jardim o chocho cálice vulgar!*

*Era um cardo! Era um cardo ignóbil! Chega o dono,
Quebra-o. A noite, no sepulcro em abandono,
Somente um asno — que oração! — veio zurrar.*

Vernou falou da paixão de Luciano pelo jogo e assinalou antecipadamente *O arqueiro* como obra antinacional, em que o autor retomava o partido dos degoladores católicos contra as vítimas calvinistas. Em apenas oito dias, a querela se azedou.

Luciano contava com seu amigo Lousteau, que lhe devia mil francos, e com o qual tinha estabelecido convenções secretas; mas Lousteau

tornou-se logo inimigo jurado de Luciano. Eis como. Havia três meses que Nathan amava Florina e não sabia como tomá-la de Lousteau, para quem aliás ela era a providência. Na miséria e no desespero em que se encontrava a atriz que se via sem contrato, Nathan, o colaborador de Luciano, foi visitar Corália e pediu-lhe que oferecesse a Florina um papel numa peça dele, garantindo que obteria um contrato condicional do Gymnase para a atriz sem teatro. Florina, inebriada de ambição, não hesitou. Havia tido tempo para observar Lousteau. Nathan era literato e político ambicioso, homem que tinha tantas energias quanto necessidades, ao passo que em Lousteau os vícios matavam a vontade. A atriz, que desejava reaparecer cercada de novo esplendor, entregou as cartas do droguista a Nathan, que fez com que Matifat as resgatasse dando em troca a sexta parte do jornal cobiçada por Finot. Florina teve então magnífico apartamento na Rue Hauteville e tomou Nathan por protetor à face de todo o jornalismo e do mundo teatral. Lousteau sentiu-se tão cruelmente ferido por esse acontecimento que chorou ao fim de um jantar que os amigos lhe ofereceram para o consolar. Nessa orgia, os convivas acharam que Nathan dera o seu golpe. Certos jornalistas, como Finot e Vernou, sabiam da paixão do dramaturgo por Florina; mas, na opinião de todos, Luciano, mancomunando-se na empresa, faltara às mais santas leis da amizade. O espírito de partido e o desejo de servir a seus novos amigos tornavam o novo monarquista indesculpável.

— Nathan foi levado pela lógica da paixão, ao passo que o grande homem da província, como diz Blondet, cedeu apenas aos cálculos! — exclamou Bixiou.

Desse modo, a perda de Luciano, do intruso, do pequeno tolo que queria devorar todo mundo, foi unanimemente resolvida e profundamente meditada. Vernou, que odiava Luciano, encarregou-se de não lhe dar tréguas. Para não ter de pagar mil escudos a Lousteau, Finot acusou Luciano de o haver impedido de ganhar cinquenta mil francos comunicando a Nathan o segredo da operação contra Matifat.

Nathan, aconselhado por Florina, negociara o apoio de Finot, vendendo-lhe seu *pequeno sexto* por quinze mil francos. Lousteau, que perdia mil escudos, não perdoou a Luciano essa enorme lesão de seus interesses. As feridas do amor-próprio tornam-se incuráveis quando o óxido de prata nelas penetra. Nenhuma expressão, descrição alguma poderá dar ideia da raiva que se apodera dos escritores quando seu amor-próprio sofre nem da energia que encontram no momento em que se sentem picados pelas flechas envenenadas da zombaria. Aqueles cuja energia e resistência só são estimuladas pelo ataque sucumbem logo. As pessoas calmas cujo tema só se fixa depois do profundo esquecimento em que tomba um artigo injurioso, essas manifestam a verdadeira coragem literária. Desse modo, à primeira vista, os fracos parecem ser os fortes; mas a sua resistência não é longa. Nos primeiros quinze dias, Luciano, enraivecido, fez chover um granizo de artigos nos jornais monarquistas onde compartilhava o poder da crítica com Heitor Merlin. Diariamente, da muralha do *Alvorada*, fez fogo com toda a sua inteligência, apoiado, aliás, por Martainville, o único que o servia sem intenções ocultas, pois que não havia sido posto a par dos convênios secretos assinados pelas zombarias avinhadas ou firmados nas Galeries de Bois, em casa de Dauriat e nos bastidores dos teatros, entre os jornalistas de ambos os partidos, que a camaradagem unia secretamente. Se Luciano aparecia no saguão do Vaudeville, não era tratado como amigo. Unicamente as pessoas que pertenciam ao seu partido lhe estendiam a mão, enquanto Nathan, Heitor Merlin e Teodoro Gaillard fraternizavam, sem constrangimento, com Finot, Lousteau, Vernou e mais alguns desses jornalistas decorados com o nome de *bons rapazes*. Nessa época, o saguão do Vaudeville era o quartel-general das maledicências literárias, uma espécie de toucador onde se viam pessoas de todos os partidos, políticos e magistrados. Depois de uma reprimenda feita em reunião do tribunal, o presidente, que havia censurado a um de seus colegas o varrer os bastidores de teatro com sua toga, encontrava-se, toga a toga, com o repreendido, no saguão do Vaudeville. Ali, Lousteau acabou por dar a mão a Nathan. Finot ali era visto quase todas as noites. Dispondo de tempo, Luciano ia até lá para estudar as disposições de seus inimigos, e o infeliz rapaz

neles via sempre uma implacável frieza.

Naquele tempo o espírito de partido engendrava ódios muito mais sérios do que hoje. Agora, com o correr do tempo, tudo se suavizou dada a tensão excessivamente forte das molas. Hoje, a crítica, após haver imolado o livro de alguém, estende-lhe a mão. A vítima deve abraçar o verdugo sob pena de ser fustigada pelos açoites do escárnio. Em caso de recusa, o escritor passa por insociável, intratável, saturado de amor-próprio, inabordável, rancoroso, odiento. Hoje, o escritor apunhalado pelas costas à traição, se se livra das ciladas que lhe armam com infame hipocrisia, se suporta os piores procedimentos, ouve os seus assaltantes lhe desejarem bom-dia, manifestando pretensões à sua estima e até mesmo à sua amizade. Tudo se desculpa e justifica numa época em que se transformou a virtude em vício, tal como se erigiram certos vícios em virtudes. A camaradagem tornou-se a mais santa das liberdades. Os chefes das opiniões mais contrárias falam-se com palavras embotadas, com alusões cortesias. Naquele tempo, tanto quanto nos podemos lembrar, era preciso coragem aos escritores monarquistas e aos escritores liberais para que se encontrassem no mesmo teatro. Ouviam-se as provocações mais odientas. Os olhares eram carregados como pistolas; a menor faísca poderia fazer partir o tiro de uma discussão. Não era então raro surpreenderem-se imprecações de um vizinho à entrada de alguns dos homens mais especialmente visados pelos ataques recíprocos dos partidos. Havia apenas dois partidos: o monarquista e o liberal, o dos românticos e o dos clássicos. O mesmo ódio sob duas formas. Um ódio que fazia com que se justificassem os cadafalsos da Convenção. Luciano, que se havia tornado monarquista e romântico furioso, de liberal e voltaireano extremado que havia sido desde sua estreia, viu-se assim sob o peso das inimizades que pairavam sobre a cabeça do homem mais detestado nessa época pelos liberais: de Martainville, o único que o defendeu e prezou. Tal solidariedade foi prejudicial a Luciano. Os partidos são ingratos para com os seus guardas avançados e abandonam de bom grado os filiados que se desgarram. Em política, sobretudo, é necessário, aos que desejam triunfar, que marchem com o grosso do exército. A maldade principal dos pequenos jornais consistiu

em jungir Luciano a Martainville. O liberalismo lançou-os um nos braços do outro. Essa amizade, falsa ou verdadeira, valeu a ambos artigos escritos com fel por Feliciano, que via com desespero o êxito de Luciano na alta sociedade, e acreditava, como todos os antigos camaradas do poeta, na sua próxima ascensão. Sua pretendida traição foi de pronto envenenada e acrescida de circunstâncias agravantes. Luciano foi apelidado de pequeno Judas, e Martainville de grande Judas, pois Martainville era, com ou sem razão, acusado de haver entregue a Pont du Pecq[361] aos exércitos estrangeiros. Luciano respondeu rindo a Des Lupeaulx que, quanto a ele, seguramente havia entregue uma ponte aos asnos.[362]

O luxo de Luciano, se bem que oco e fundado em esperanças, revoltava os velhos amigos, que não lhe perdoavam nem a carruagem (porque supunham que a possuía ainda) nem os esplendores da Rue de Vendôme. Sentiam todos instintivamente que um homem moço e belo, inteligente e corrompido por eles, tudo conseguiria. Daí empregarem todos os meios para derrubá-lo.

Dias antes da estreia de Corália no Gymnase, Luciano apareceu de braço dado com Heitor Merlin no saguão do Vaudeville. Merlin repreendia o amigo por haver auxiliado Nathan no caso de Florina.

— Você fez de Lousteau e de Nathan inimigos mortais. Dei-lhe conselhos e você não os aproveitou. Distribuiu elogios e espalhou benefícios; há de ser cruelmente castigado pelas suas boas ações. Florina e Corália jamais hão de viver em harmonia; encontrando-se no mesmo palco, cada qual há de mais querer sobressair. Você tem apenas os nossos jornais para defender Corália. Nathan, além da vantagem que lhe dá o seu ofício de fazedor de peças, dispõe dos jornais liberais em assuntos de teatro e está no jornalismo há mais tempo que você.

Essas palavras correspondiam ao íntimo receio de Luciano, que não percebia em Nathan nem em Gaillard a franqueza a que tinha direito. Mas não se podia queixar; estava convertido havia tão pouco tempo! Gaillard atormentava Luciano afirmando que os novatos deviam, por muito tempo, dar garantias antes que o partido neles pudesse confiar. O poeta encontrava no seio dos jornais monarquistas e ministeriais uma inveja com que não contara, a inveja que se declara entre

quaisquer homens na presença de um bolo a dividir, e que os torna comparáveis a cães a disputar uma presa: veem-se nuns e noutros as mesmas atitudes, os mesmos caracteres, o mesmo rosnar. Esses escritores pregavam-se secretamente as piores peças para se prejudicarem uns aos outros perante o poder; acusavam-se de tibieza, e, para se desfazerem de um concorrente, inventavam as mais pérfidas maquinações. Os liberais não tinham motivo algum para debates internos, visto que estavam longe do poder e de suas graças. Ao entrever esse inextricável emaranhado de ambições, Luciano não teve coragem bastante para tirar a espada a fim de lhe cortar os nós, nem se sentiu com paciência bastante para os desenredar. Não podendo ser nem o Aretino nem o Beaumarchais nem o Fréron[363] de sua época, limitou-se a um único desejo: conseguir o seu decreto, compreendendo que essa restauração lhe valeria um bom casamento. Sua fortuna não dependeria então mais que de um acaso que teria a ajuda de sua beleza. Lousteau, que lhe havia dado provas de tanta confiança, tinha seu segredo. O jornalista sabia onde ferir de morte o poeta de Angoulême. No dia mesmo em que Merlin conduzia o poeta ao Vaudeville, Estêvão preparara horrenda cilada, em que Luciano, criança como sempre, deveria cair de modo irremediável.

— Lá está o nosso belo Luciano — disse Finot levando Des Lupeaulx, com quem conversava, para junto do poeta cuja mão tomou com enganosos trejeitos de amizade. — Não conheço outro exemplo de fortuna tão rápida como a sua — disse Finot olhando ora para Luciano, ora para o referendário. — Em Paris, a fortuna pode ser de duas espécies: há a fortuna material, a do dinheiro, que todo mundo pode amontoar, e a fortuna moral das relações da posição, do acesso a uma certa sociedade inatingível para muitos, seja qual for a sua riqueza material, e o meu amigo...

— Nosso amigo — corrigiu Des Lupeaulx, voltendo para Luciano um olhar acariciador.

— Nosso amigo — continuou Finot, dando tapinhas amáveis na mão de Luciano que tinha entre as suas — fez, sob este último aspecto, uma fortuna brilhante. Em verdade, Luciano possui mais meios, mais talento, mais espírito que todos os seus invejosos; depois, é de uma

beleza deslumbrante. Seus velhos amigos não lhe perdoam o êxito, dizem que ele teve sorte.

— Essa espécie de sorte, porém — disse Des Lupeaulx —, nunca chega aos tolos nem aos incapazes. Eh! pode-se chamar de sorte o destino de Bonaparte? Havia vinte generais antes dele para comandar os exércitos da Itália, assim como há cem rapazes neste momento que desejariam ser recebidos em casa da srta. des Touches, que na sociedade já lhe dão por esposa, meu caro! — disse Des Lupeaulx, batendo no ombro de Luciano. — Ah! você goza de muito prestígio. A sra. d’Espard, a sra. de Bargeton e a sra. de Montcornet são loucas por você. Não vai esta noite à recepção da sra. Firmiani e amanhã à festa da duquesa de Grandlieu?[364]

— Sim — respondeu Luciano.

— Permita-me que lhe apresente um jovem banqueiro, o sr. Du Tillet, homem digno de você. Soube fazer uma bela fortuna e em pouco tempo.

Luciano e Du Tillet saudaram-se, puseram-se a conversar e o banqueiro convidou Luciano para jantar. Finot e Des Lupeaulx, dois homens de igual profundidade e que se conheciam sobejamente para não continuarem amigos, pareciam prosseguir numa conversa interrompida. Deixaram Luciano, Merlin, Du Tillet e Nathan em palestra e se dirigiram para um dos divãs que mobiliavam o saguão do Vaudeville.

— Ah! escute, caro amigo — disse Finot a Des Lupeaulx —, diga-me a verdade: Luciano é realmente protegido? Porque ele se tornou o alvo de todos os meus redatores, e, antes de lhes favorecer a conspiração, quis consultá-lo para saber se não será melhor frustrá-la e servir o rapaz.

Nesta altura, o referendário e Finot olharam um para o outro com profunda atenção, numa breve pausa.

— Como é que você, meu caro — respondeu Des Lupeaulx —, pôde imaginar que a marquesa d’Espard, Châtelet e a sra. de Bargeton, que obteve para o barão o cargo de prefeito de Charente e o título de conde a fim de vê-lo reentrar triunfalmente em Angoulême, perdoem a Luciano os seus ataques? Atraíram-no ao partido monarquista a fim de

o anular. Andam agora à procura de motivos para recusar o que prometeram a essa criança. Será você capaz de encontrar algum? Prestaria imenso serviço a essas duas mulheres, e um dia ou outro haveriam de lembrá-lo. Possuo o segredo dessas duas damas: odeiam a esse rapazinho a tal ponto que me surpreenderam. Esse Luciano teria podido desembaraçar-se de sua mais cruel inimiga, a sra. de Bargeton, só cessando os ataques sob condições que todas as mulheres gostam de executar, compreende? Ele é belo, é jovem, teria afogado aquele ódio em torrentes de amor. Seria então conde de Rubempré; a Espinha lhe teria obtido um lugar na casa do rei, sinecuras! Luciano seria um bonito leitor para Luís XVIII; teria sido bibliotecário não sei onde, referendário para divertir-se, diretor de qualquer coisa nalguma repartição de fantasia. Esse tolinho deixou falhar o golpe. Talvez seja isso o que não lhe perdoaram. Em vez de impor condições, ele as recebeu. No dia em que Luciano se deixou prender à promessa do decreto, o barão Châtelet deu um grande passo. Foi Corália quem perdeu esse menino. Se não tivesse a atriz por amante, teria tornado a querer a Espinha, e esta seria sua.

— Então, podemos abatê-lo — concluiu Finot.

— Por que meio? — perguntou negligentemente Des Lupeaulx, que queria prevalecer-se desse serviço junto da marquesa d'Espard.

— Ele firmou contrato que o obriga a trabalhar no pequeno jornal de Lousteau. Obrigá-lo-emos a escrever, escrever muitos artigos, tanto mais que está sem um vintém. Se o ministro da Justiça se suscetibilizar com algum tópico engraçado e lhe provarmos que Luciano é o seu autor, há de encará-lo como indigno dos favores do rei. Para que o grande homem da província perca um pouco a cabeça, estamos preparando a queda de Corália: há de ver a amante vaiada e sem papéis. Uma vez adiado o decreto indefinidamente, zombaremos de suas pretensões aristocráticas; falaremos da mãe parteira e do pai boticário. Luciano não tem senão coragem de epiderme, há de sucumbir; mandá-lo-emos de volta para o lugar de onde veio. Nathan fez com que Florina me vendesse a sexta parte do semanário que Matifat possuía. Consegui comprar a parte do papeleiro. Estou só, com Dauriat. Poderemos entender-nos, você e eu, para converter o jornal

aos interesses da Corte. Só protegi Florina e Nathan com a condição de que me fosse restituído o *meu* sexto. Eles mo cederam, devo servi-los; mas, antes, desejava conhecer as possibilidades de Luciano...

— O senhor é digno de seu nome — confessou Des Lupeaulx a rir. — Arre!... gosto das pessoas como o senhor...

— Muito bem; poderá o senhor conseguir para Florina um contrato definitivo? — perguntou Finot.

— Sim; mas desembarace-nos de Luciano, porque Rastignac e De Marsay não querem nem sequer ouvir falar nele.

— Durmam em paz — respondeu Finot. — Nathan e Merlin terão sempre preferência em artigos que se dirá serem exigidos por Gaillard. Luciano não poderá publicar sequer uma linha. Nós lhe cortaremos assim os víveres. Só contará com o jornal de Martainville para se defender e defender Corália. Um jornal contra todos, será impossível resistir.

— Eu lhe direi quais os pontos sensíveis do ministro, mas terá de me entregar o manuscrito do artigo que Luciano escrever — respondeu Des Lupeaulx, que se absteve cuidadosamente de dizer a Finot que o decreto prometido a Luciano era apenas brincadeira.

Des Lupeaulx deixou o saguão. Finot aproximou-se de Luciano e, naquele tom de bonomia que tinha cativado tantas criaturas, explicou-lhe que não podia renunciar à redação que lhe fora entregue. Finot fingiu recuar diante da ideia de um processo que iria comprometer as esperanças que o amigo depositava no partido monarquista. Gostava, disse, dos homens bastante fortes para mudar ousadamente de opinião. Ele e Luciano não deveriam acaso tornar a encontrar-se na vida? Não tinham então mil pequenos serviços a prestar um ao outro? Luciano precisava de alguém bem firmado no partido liberal para fazer atacar os ministeriais ou os ultras que se recusassem a servi-lo.

— Se o desprezassem, que haveria de fazer? — perguntou Finot, para terminar. — Se algum dos ministros, acreditando tê-lo preso pelo cabresto da apostasia, perder o receio a ponto de o mandar passear, não seria necessário lançar-lhe alguns cães para lhe morderem as pernas? Pois bem, você está mortalmente inimizado com Lousteau, que pede a sua cabeça. Você e Feliciano nem se falam mais. Somente eu

fiquei a seu lado! Uma das leis da minha profissão é viver em boa inteligência com os homens verdadeiramente fortes. Poderá prestar-me, na sociedade a que vai pertencer, o equivalente dos serviços que lhe prestarei na imprensa. Mas os negócios antes de tudo! Mande-me artigos literários; eles não o comprometerão, e você terá executado nossas convenções.

Luciano não viu mais que amizade unida a sábios cálculos nas proposições de Finot, cujas lisonjas, somadas às de Des Lupeaulx, o haviam posto de bom humor. Agradeceu.

XXXVIII – A SEMANA FATAL

Na vida dos ambiciosos e de todos quantos não podem triunfar senão com a ajuda dos homens e das coisas, segundo um plano de ação mais ou menos bem estabelecido, observado e mantido, há um momento cruel em que não sei que poder os submete a rudes provas: tudo falha ao mesmo tempo, por todos os lados os fios se rompem ou se emaranham, a desgraça surge de todos os cantos. Se um homem perde a cabeça em meio dessa desordem moral, está perdido. Os que sabem resistir a essa primeira revolta das circunstâncias, que se conservam firmes deixando passar a tormenta, que fogem, subindo, por meio de um espantoso esforço, à esfera superior, esses são os homens realmente fortes. Todo homem, a menos que tenha nascido rico, enfrenta assim o que é preciso chamar a sua semana fatal. Para Napoleão, essa semana foi a da retirada de Moscou.

Esse cruel momento havia chegado para Luciano. Tudo havia sucedido com demasiada felicidade para ele, tanto na sociedade como na literatura; havia sido feliz demais; teria, pois, de ver os homens e as coisas voltarem-se contra ele. A primeira dor foi a mais viva e a mais cruel de todas, atingindo-o justamente lá onde ele se acreditava invulnerável: no seu coração e no seu amor. Corália podia não ser inteligente; era, porém, dotada de uma bela alma, tinha a faculdade de exteriorizá-la por meio desses impulsos repentinos que fazem as grandes atrizes. Esse estranho fenômeno, enquanto não se torna hábito pelo uso constante, submete-se aos caprichos do caráter e muitas vezes

a um admirável pudor que domina as atrizes ainda moças. Interiormente ingênua e tímida, mas, na aparência, ousada e lesta como deve ser uma comediante, Corália mesmo no amor sentia a reação de seu coração de mulher contra a máscara de comediante. A arte de representar os sentimentos, essa sublime falsidade, não havia ainda triunfado nela sobre a natureza. Tinha vergonha de dar ao público aquilo que só pertencia ao amor. Tinha, além disso, a fraqueza peculiar às mulheres verdadeiras. Sabendo-se destinada a reinar no palco como soberana, tinha necessidade do triunfo. Incapaz de afrontar uma plateia com a qual não simpatizasse, tremia sempre ao entrar em cena, momento em que a frieza do público podia enregelá-la. Essa terrível emoção fazia-a ver em cada novo papel uma nova estreia. Os aplausos causavam-lhe uma espécie de embriaguez, inútil ao seu amor-próprio, mas indispensável à sua coragem. Um murmúrio de desaprovação ou o silêncio de um público distraído anulavam-lhe os recursos. Uma sala cheia, atenta, olhares de admiração e benevolência a eletrizavam; punha-se então em comunhão com as qualidades nobres de todas aquelas almas e sentia-se dotada do poder de as elevar e comover. Esse duplo efeito demonstrava bem a natureza nervosa e a constituição do gênio, traindo por outro lado a fragilidade e a ternura da pobre menina. Luciano acabara por apreciar os tesouros que aquele coração encerrava; havia compreendido o quanto a amante era inocente. Inábil nas falsidades das atrizes, Corália era incapaz de se defender das rivalidades e das manobras dos bastidores, que eram a força de Florina, rapariga tão perigosa, tão depravada já, quanto a amiga era simples e generosa. Os papéis deviam vir ao encontro de Corália; era muito altiva para os implorar aos autores e suportar-lhes condições desonrosas, ou para se entregar ao primeiro jornalista que a ameaçasse com seu amor e sua pena. O talento, já tão raro na arte extraordinária do comediante, é apenas uma das condições do triunfo. O talento é mesmo por muito tempo prejudicial se não se fizer acompanhar de um certo jeito para a intriga, que faltava absolutamente a Corália.

Prevendo os sofrimentos que aguardavam a amante na estreia no Gymnase, Luciano quis a todo custo assegurar-lhe o triunfo. O dinheiro

que restava da mobília vendida, o que Luciano ganhava, tudo havia sido empregado nas vestimentas, no arranjo do camarim, em todas as despesas de uma primeira representação. Dias antes desta, Luciano deu um passo humilhante a que foi levado pelo amor: pegou as letras de Fendant e Cavalier, foi à Rue des Bourdonnais, ao Casulo de Ouro, para propor a Camusot que as descontasse. Não estava ainda bastante corrompido a ponto de poder lançar-se friamente ao assalto. Espalhou muitas dores pelo caminho, juncou-o dos mais terríveis pensamentos, dizendo para si mesmo, alternativamente: — Sim!... Não!... Chegou, entretanto, ao pequeno gabinete escuro e frio, que recebia luz de um pátio interior, onde imperava gravemente não mais o enamorado de Corália, o bonachão, o desocupado, o libertino, o incrédulo Camusot que ele conhecia, mas o grave pai de família, o negociante lardeado de manhas e virtudes, mascarado no puritanismo judiciário de magistrado do Tribunal de Comércio e defendido pela frieza patronal de um chefe de firma, cercado de auxiliares, de caixas, de pastas verdes de faturas e de amostras, encorajado por sua mulher, acompanhado por uma filha trajada com simplicidade. Luciano fremiu da cabeça aos pés ao abordá-lo, porque o digno negociante atirou-lhe um olhar de insolente indiferença, idêntico ao que ele já havia lido nos olhos dos cambistas.

— Aqui estão alguns valores, senhor; ficar-lhe-ia muitíssimo obrigado se quisesse descontá-los — disse ele conservando-se de pé à frente do negociante sentado.

— O senhor tomou-me alguma coisa, lembro-me bem — respondeu Camusot.

Luciano explicou então a situação de Corália, em voz baixa e falando ao ouvido do negociante de sedas, que pôde perceber as palpitações do poeta humilhado. Não fazia parte das intenções de Camusot que Corália sofresse uma queda. Enquanto escutava, o negociante olhava as assinaturas e sorria. Ele era juiz no Tribunal do Comércio; conhecia a situação dos livreiros. Deu quatro mil e quinhentos francos a Luciano, com a condição de pôr no endosso: *valor recebido em sedas*. Luciano dirigiu-se imediatamente a Braulard e arranjou muito bem as coisas a fim de assegurar a Corália um êxito completo. Braulard prometeu comparecer e compareceu ao ensaio geral a fim de combinar as

ocasiões em que a claque empregaria suas manzorras para apoiar o triunfo. Luciano deu o resto do dinheiro a Corália, escondendo-lhe a diligência junto a Camusot. Acalmou as inquietações da atriz e de Berenice, que não sabiam mais como sustentar a casa. Martainville, que era um dos homens desse tempo que melhor conheciam o teatro, viera muitas vezes fazer Corália ensaiar o papel. Luciano obtivera de vários redatores monarquistas a promessa de artigos favoráveis, não desconfiava da desgraça.

Na véspera da estreia de Corália, aconteceu algo funesto a Luciano. Saíra o livro de D'Arthez. O redator chefe do jornal de Heitor Merlin deu a obra a Luciano como ao homem mais capaz de criticá-la; devia sua fatal reputação no gênero aos artigos que escrevera sobre Nathan. Havia muita gente no jornal, todos os redatores lá se encontravam. Martainville lá estava para entender-se quanto a um ponto da polêmica geral adotada pelos jornais monarquistas contra os liberais. Nathan, Merlin, todos os colaboradores do *Alvorada* ali conversavam sobre a influência do jornal semi-hebdomadário de Leão Giraud, influência tanto mais perniciosa quanto a linguagem dele era prudente, moderada e sábia. Começava-se a falar no cenáculo da Rue des Quatre-Vents; chamaram-no uma convenção. Havia-se decidido que os jornais monarquistas fariam guerra de morte sistemática àqueles perigosos adversários, que se tornaram de fato os executores da Doutrina, seita fatal que viria a derrubar os Bourbon, no dia em que a mais mesquinha das vinganças iria conduzir o mais brilhante dos escritores monarquistas[365] a uma aliança com ela. D'Arthez, cujas opiniões absolutistas eram desconhecidas, envolvido no anátema lançado contra o cenáculo, iria ser a primeira vítima.

Seu livro deveria ser *desancado*, segundo a palavra clássica. Luciano recusou-se a escrever o artigo. Essa recusa suscitou enorme escândalo entre os homens eminentes do partido monarquista presentes à reunião. Declarou-se claramente a Luciano que um recém-convertido não tinha vontade própria. Se não lhe conviesse pertencer à monarquia e à religião, podia voltar ao seu primeiro campo. Merlin e Martainville chamaram-no à parte e lhe fizeram ver que ele entregava Corália ao ódio que os jornais liberais lhe votavam, e que ela não teria mais os

jornais monarquistas para se defender. A atriz iria sem dúvida dar lugar a uma polêmica ardente que lhe valeria a fama por que suspiram todas as mulheres de teatro.

— Você não conhece nada dessas coisas — disse Martainville. — Ela representará por três meses em meio dos fogos cruzados de nossos artigos e conseguirá trinta mil francos na província durante os três meses de férias. Por um desses escrúpulos que o impedirão de ser um político e que a gente calca aos pés, você vai matar Corália e o seu próprio futuro. Vai jogar fora o seu ganha-pão.

Luciano viu-se forçado a escolher entre D'Arthez e Corália. Sua amante estaria perdida se ele não agredisse a D'Arthez no grande jornal e no *Alvorada*. O pobre poeta foi para casa com a morte na alma. Sentou-se junto à lareira, no quarto, e leu o livro — um dos mais belos da literatura moderna. Semeou lágrimas de página em página. Hesitou por muito tempo, mas escreveu enfim um artigo cheio de humor, como tão bem sabia fazer. Tratou o livro tal como as crianças que pegam de um belo pássaro para o depenar e martirizar. Suas terríveis zombarias iriam causar dano ao livro. Relendo a bela obra, todos os bons sentimentos de Luciano acordaram: atravessou Paris à meia-noite, chegou à casa de D'Arthez, viu através dos vidros tremeluzir a casta e tímida luz que tantas vezes contemplara com o sentimento de admiração que a nobre constância daquele verdadeiro grande homem merecia. Não se sentiu com forças para subir, ficou parado junto a um marco durante alguns instantes. Finalmente, impellido por seu anjo bom, bateu. Encontrou D'Arthez a ler e sem fogo.

— Que lhe aconteceu? — perguntou o jovem escritor ao ver Luciano e adivinhando que somente uma horrível desgraça o poderia ameaçar.

— Teu livro é sublime! — exclamou Luciano com os olhos cheios de lágrimas. — E eles me mandam atacá-lo!

— Pobre criança, comes um pão bem duro! — observou D'Arthez.

— Só lhe peço um favor: guarde segredo quanto a esta visita e me deixe no meu inferno com as minhas ocupações de condenado. Talvez não seja possível chegar-se a coisa alguma sem ter feito calos nos pontos mais sensíveis do coração.

— Sempre o mesmo! — disse D'Arthez.

— Acredita que eu seja um covarde? Não, D'Arthez, não; sou uma criança ébria de amor.

E lhe explicou sua posição.

— Vejamos o artigo — disse D'Arthez, comovido com tudo o que Luciano acabava de lhe contar sobre Corália.

Luciano estendeu-lhe o manuscrito. D'Arthez leu e não pôde deixar de sorrir:

— Que fatal emprego da inteligência! — exclamou.

Calou-se, porém, ao ver Luciano numa poltrona, acabrunhado por uma dor verdadeira.

— Quer deixá-lo para que eu o corrija? Mando-o amanhã — disse ele. — A zombaria desonra uma obra; uma crítica séria e grave é às vezes um elogio. Saberei deixar o seu artigo mais honroso para você e para mim. Aliás, somente eu conheço bem as minhas deficiências.

— Ao subir uma encosta árida, algumas vezes se encontra um fruto para apaziguar os ardores de horrível sede. Encontrei esse fruto, aqui está! — disse Luciano, que se jogou nos braços de D'Arthez, neles chorou, e disse beijando-lhe a fronte:

— Parece-me que eu lhe confio a minha consciência para que ma devolva um dia!

— Considero o arrependimento periódico uma grande hipocrisia — declarou solenemente D'Arthez —; o arrependimento converte-se desse modo num prêmio outorgado às más ações. O arrependimento é uma virgindade que nossa alma deve a Deus. O homem que se arrepende duas vezes é, pois, um horrível sicofanta. Receio muito que não vejas senão absolvições nos teus arrependimentos.

Essas palavras fulminaram Luciano, que voltou a passos lentos para a Rue de la Lune. No dia seguinte o poeta levou ao jornal o artigo, recomposto por D'Arthez, mas sentiu-se desse dia em diante devorado por uma melancolia que não soube mais disfarçar. Quando, à noite, viu a sala do Gymnase cheia, sentiu as terríveis emoções que se experimenta numa estreia de teatro, e que nele eram aumentadas por toda a força de seu amor. Todas as suas vaidades estavam em jogo. Seu olhar abarcava todas as fisionomias, como o de um acusado abarca os

rostos dos jurados e dos juizes. Um murmúrio fazia-o estremecer; um pequeno incidente em cena, as entradas e saídas de Corália, as menores inflexões de voz faziam-no sobressaltar-se desmesuradamente. A peça em que Corália estreava era dessas que caem, mas que se erguem depois; e a peça tombou. Ao entrar em cena, Corália não foi aplaudida e se sentiu ferida pela frieza da plateia. Nos camarotes, não teve outros aplausos além dos de Camusot. Pessoas colocadas no balcão e nas galerias fizeram calar o negociante por meio de chitões repetidos. As galerias impuseram silêncio à claque quando esta se entregou a palmas evidentemente exageradas. Martainville aplaudia corajosamente, e a hipócrita Florina, Nathan e Merlin o imitavam. No final, diante do fracasso da peça, apresentou-se uma multidão no camarim de Corália, mas essa multidão agravou o mal com as palavras de consolo que lhe diziam. A atriz entregou-se ao desespero, menos por ela que por Luciano.

— Fomos traídos por Braulard — exclamou ele.

Corália foi presa de uma febre horrível, tinha sido atingida no coração. No dia seguinte foi-lhe impossível representar. Viu assim a carreira interrompida. Luciano escondeu-lhe os jornais, que abriu na sala de jantar. Todos os cronistas atribuíam a Corália a queda da peça. Havia superestimado as suas forças; ela, que fazia as delícias dos bulevares, estava deslocada no Gymnase; havia sido guindada até lá por uma louvável ambição, mas não avaliara seus recursos, não havia valorizado convenientemente o papel. Luciano leu ainda a respeito de Corália crônicas compostas pelo sistema hipócrita de seus artigos sobre Nathan. Uma raiva digna de Milão de Crotona, [366] quando sentiu as mãos presas no carvalho que ele mesmo havia aberto, enfureceu Luciano. Empalideceu. Seus amigos davam a Corália, numa fraseologia admirável de bondade, de interesse e complacência, os mais pérfidos conselhos. Ela deveria limitar-se, diziam, justamente aos papéis que os pérfidos autores das notas infames sabiam ser inteiramente contrários ao seu talento. Assim eram os jornais monarquistas industriados sem dúvidas por Nathan. Quanto aos liberais e aos pequenos jornais, desenvolviam as perfídias, as zombarias que Luciano havia praticado. Corália ouviu um ou dois soluços, saltou do leito, correu para Luciano,

percebeu os jornais, quis vê-los e leu. Depois, foi de novo deitar-se e guardou silêncio.

Florina fazia parte da conspiração, havia-lhe previsto o desenlace, e sabia o papel de Corália; tivera Nathan por ensaiador. A administração, que estava interessada na peça, entendeu dar o papel de Corália a Florina. O diretor foi procurar a pobre atriz, que encontrou abatida e a chorar. Mas, ao ouvir diante de Luciano que Florina sabia o papel e que era impossível deixar de representar a peça naquela noite, levantou-se, saltou da cama.

— Eu representarei! — exclamou. E caiu desmaiada.

Florina obteve assim o papel e com ele criou reputação, pois reergueu a peça e teve uma ovação em cada jornal, tornando-se em consequência a grande atriz que todos sabem.

O triunfo de Florina exasperou Luciano no mais alto grau.

— Uma miserável, a quem deste o pão na mão! Se o Gymnase quiser, pode resgatar o teu contrato. Serei conde de Rubempré. Hei de fazer fortuna e de casar contigo.

— Que tolíce! — disse Corália, lançando-lhe um olhar mortiço.

— Tolíce? — exclamou Luciano. — Pois dentro de alguns dias hás de habitar uma bela casa, hás de ter uma carruagem, e escreverei para ti uma peça!

Tomou dois mil francos e correu a Frascati. O desgraçado lá se demorou sete horas devorado pelas fúrias, embora aparentasse na fisionomia indiferença e calma. No decorrer do dia e de uma parte da noite, sua sorte passou pelas mais diversas alternativas: chegou a possuir trinta mil francos, e saiu sem vintém. Ao regressar, encontrou Finot, que o esperava para obter *seus pequenos artigos*. Luciano cometeu o erro de queixar-se.

— Ah! nem tudo são flores — respondeu Finot. — Você fez tão brutalmente sua meia-volta à direita que tinha de perder o apoio da imprensa liberal, muito mais forte que a ministerial e monarquista. Não se deve nunca passar de um campo a outro sem antes haver preparado boa cama, na qual a gente se console das perdas que se devem prever. Em qualquer caso, porém, um homem prudente vai ver os amigos, expõe-lhes suas razões, e faz-se aconselhar por eles na sua

abjuração. Os amigos se tornam, desse modo, cúmplices; lastimam-no, mas concordam então, como Nathan e Merlin com seus camaradas, em se prestarem serviços mútuos. Lobo não come lobo. Você, neste negócio, andou com a inocência de um cordeiro. Será forçado a mostrar os dentes a seu novo partido para dele tirar coxa ou asa. Assim sendo, você foi necessariamente sacrificado a Nathan. Não lhe esconderei o barulho, o escândalo e a gritaria que seu artigo contra D'Arthez levanta. Marat é um santo, comparado com você. Preparam-se ataques contra você, nos quais o seu livro sucumbirá. Em que ponto está o seu romance?

— Aqui estão as últimas folhas — respondeu Luciano mostrando um pacote de provas.

— Atribuem-lhe os artigos não assinados dos jornais ministeriais e ultras contra esse pequeno D'Arthez. Atualmente, as alfinetadas diárias do *Alvorada* são dirigidas contra o pessoal da Rue des Quatre-Vents, e as zombarias são tanto mais ferinas quanto mais engraçadas. Há todo um corrilho político grave e sério, por trás do jornal de Leão Giraud, um corrilho a quem o poder pertencerá mais cedo ou mais tarde.

— Há oito dias que não ponho os pés no *Alvorada*.

— Pois bem, pense nos meus pequenos artigos. Faça cinquenta imediatamente, eu lhe pagarei por atacado. Faça-os, porém, na cor do jornal.

E Finot deu negligentemente a Luciano o assunto de uma sátira contra o ministro da Justiça, contando-lhe uma pretensa anedota que, segundo afirmou, corria pelos salões. Para ressarcir seu prejuízo no jogo, Luciano, apesar do abatimento, encontrou inspiração, mocidade, espírito, e compôs trinta artigos de duas colunas cada um. Terminados os artigos, Luciano dirigiu-se à livraria de Dauriat, na certeza de ali encontrar Finot, a quem os queria entregar secreta-mente. Tinha, aliás, necessidade de fazer o livreiro explicar-se quanto à não publicação das *Boninas*. Encontrou a loja cheia de inimigos. À sua entrada, fez-se um silêncio completo; as conversas cessaram. Ao se ver colocado no banco dos réus do jornalismo, Luciano sentiu a coragem dobrar, e disse consigo mesmo, como na alameda do Luxembourg: “Hei de triunfar!”.

Dauriat não foi brando nem protetor; mostrou-se chocarreiro,

encastelado nos seus direitos. Faria aparecer as *Boninas* quando bem entendesse. Esperaria até que a posição de Luciano lhe garantisse o êxito; havia comprado a plena propriedade. Quando Luciano objetou que Dauriat era obrigado a publicar suas *Boninas* em virtude da própria natureza do contrato e da qualidade dos contratantes, o livreiro sustentou o contrário e afirmou que judicialmente não podia ser constrangido a uma operação que reputava má; era ele o único juiz da oportunidade. Havia aliás uma solução que todos os tribunais admitiriam: Luciano era senhor de lhe devolver os mil escudos; de retomar o livro e de o fazer publicar por um livreiro monarquista. Luciano retirou-se mais ferido pelo tom moderado que Dauriat empregara do que o fora pela sua pompa autocrática, por ocasião de sua primeira entrevista. Assim, as *Boninas* só seriam, decerto, publicadas quando Luciano tivesse por si forças auxiliares de amizades poderosas ou se tornasse ele mesmo poderoso.

O poeta voltou para casa lentamente, presa de um desalento que o teria levado ao suicídio, se a ação tivesse acompanhado o pensamento. Viu Corália na cama, pálida e sofredora.

— Um desempenho numa peça, ou ela morre! — exclamou Berenice, enquanto ele se vestia para ir à Rue du Mont-Blanc à casa da srta. des Touches, que oferecia uma grande recepção, onde se deveriam encontrar Des Lupeaulx, Vignon, Blondet, a sra. d’Espard e a sra. de Bargeton.

A recepção era oferecida a Conti,^[367] o grande compositor que possuía uma das melhores vozes fora do teatro, a Cinti, a Pasta, a Garcia, a Levasseur^[368] e a duas ou três vozes ilustres da alta sociedade. Luciano esgueirou-se até o sítio onde a marquesa, sua prima e a sra. de Montcornet se achavam sentadas. O desgraçado rapaz assumiu ar despreocupado, contente e feliz. Gracejou, apresentou-se como era nos seus dias de esplendor. Não queria demonstrar que precisava da sociedade. Espraiou-se sobre os serviços que prestara ao partido monarquista, dando como prova os brados de ódio lançados pelos liberais.

— Será largamente recompensado por isso, meu amigo — afirmou-lhe a sra. de Bargeton, dirigindo-lhe gracioso sorriso. — Vá depois de

amanhã à chancelaria com o Socó e Des Lupeaulx; lá há de encontrar o seu decreto assinado pelo rei. O ministro da Justiça há de levá-lo amanhã ao palácio, mas, sendo dia do conselho, regressará tarde. Entretanto, se eu souber o resultado durante a noite, mandarei à sua casa. Onde mora o senhor?

— Eu virei — respondeu Luciano, com vergonha de confessar que morava na Rue de la Lune.

— Os duques de Lenoncourt e de Navarreins falaram ao rei a seu respeito — acrescentou a marquesa. — Elogiaram no senhor uma dessas dedicações absolutas e completas que merecem recompensa brilhante, a fim de o vingar das perseguições do partido liberal. Aliás, o nome e o título dos Rubempré, aos quais tem direito pela sua mãe, vão se tornar ilustres no senhor. O rei ordenou à Sua Grandeza, esta noite, que lhe levasse um decreto autorizando o sr. Luciano Chardon a usar o nome e o título dos condes de Rubempré, dada a sua qualidade de neto do último conde, por parte de mãe. “Favoreçamos os pintassilgos[369] do Pindo”, disse sua majestade depois de haver lido o seu soneto sobre os lírios, do qual, por felicidade, minha prima se recordava, e que dera ao duque. “Sobretudo quando o rei pode fazer o milagre de os transformar em águias”, respondeu o sr. de Navarreins.

Luciano sentiu uma efusão tal que teria enternecido a qualquer mulher menos profundamente magoada do que o estava Luísa d’Espard de Nègrepelisse. Quanto mais belo via Luciano, tanto mais sede de vingança ela sentia. Des Lupeaulx tinha razão: faltava tato a Luciano. Não soube adivinhar que o decreto de que lhe falavam era apenas uma caçoada, como tão bem a sabia fazer a sra. d’Espard. Encorajado por esse triunfo e pela lisonjeira distinção que lhe testemunhava a srta. des Touches, demorou-se até as duas da manhã para poder falar-lhe em particular. Soubera nos meios monarquistas que a srta. des Touches colaborava secretamente numa peça em que deveria representar a grande maravilha do momento, a pequena Fay. [370] Ao ficarem desertos os salões, ele conduziu a srta. des Touches a um sofá, no toucador, e lhe contou de maneira tão tocante a desgraça de Corália e a sua própria que a ilustre hermafrodita das letras prometeu-lhe fazer com que o papel principal fosse dado a Corália.

No dia seguinte à recepção, no momento em que Corália, feliz com a promessa da srta. des Touches a Luciano, voltava à vida e almoçava com o seu poeta, Luciano leu no jornal de Lousteau, no qual fora publicada, a narrativa epigramática da anedota inventada sobre o ministro da Justiça e sua mulher. A mais negra das maldades se escondia ali sob o espírito mais incisivo. O rei Luís XVIII era admiravelmente posto em cena e ridicularizado, sem que a justiça pudesse intervir. Eis o fato ao qual o partido liberal procurava dar visos de verdade, mas que serviu apenas para aumentar o número de suas espirituosas calúnias.

A paixão de Luís XVIII por uma correspondência galante e almiscarada, cheia de madrigais e de centelhas, era ali interpretada como a última expressão do seu amor que se estava tornando verbalístico: passara, dizia-se, do fato à ideia. A ilustre amante, tão cruelmente atacada por Béranger[371] sob o pseudônimo de Otávia, armara-se, por isso, dos mais sérios receios. A retribuição de suas expressões esmorecia. Quanto mais Otávia desenvolvia inteligência, tanto mais o amante se mostrava frio e fraco. Otávia acabara por descobrir a causa de seu desfavor. Seu poder estava ameaçado pelas primícias e pelo picante de uma nova correspondência do régio escritor com a esposa do ministro da Justiça. A excelente senhora era tida como incapaz de escrever um bilhete. Deveria ser, assim, pura e simplesmente a editora responsável de alguma ambição audaz. Quem poderia estar escondido por trás daquelas saias? Depois de algum tempo de observação, Otávia descobrira que o rei se correspondia com o seu ministro. Urdiu um plano. Auxiliada por um amigo fiel, reteve um dia o ministro na Câmara graças a uma discussão tempestuosa e conseguiu uma entrevista na qual irritou o amor-próprio do rei com a revelação do embuste. Luís XVIII foi tomado por um acesso de cólera bourbônica e real. Explode contra Otávia; duvida. Otávia oferece-lhe a oportunidade de uma prova imediata pedindo-lhe que escrevesse um bilhete que exigisse, formalmente, uma resposta. Atônita, a desgraçada mulher manda chamar o marido na Câmara. Tudo, porém, fora previsto: naquele momento ele ocupava a tribuna. A mulher suou sangue e lágrimas, fez apelo a toda a sua inteligência, e respondeu de

conformidade com a inteligência que encontrou. “Seu ministro dir-lhe-á o resto”, exclamou Otávia, rindo do desapontamento do rei.

Apesar de mentiroso, o artigo feriu vivamente o ministro da Justiça, a sua esposa e o rei. Finot guardou invariável segredo; dizia-se, porém, que fora Des Lupeaulx quem inventara a anedota. Esse artigo espirituoso e mordaz fez a alegria dos liberais e do partido de Monsieur.[372] Luciano também com ele se divertiu, nele vendo apenas um boato engraçado. No dia seguinte foi buscar Des Lupeaulx e o barão du Châtelet. O barão ia agradecer a sua grandeza. O sr. de Châtelet, nomeado conselheiro de Estado em serviço extraordinário, havia sido feito conde com a promessa da prefeitura de Charente logo que o então prefeito tivesse completado os poucos meses necessários para obter o máximo de sua aposentadoria. O conde de Châtelet, porque o *du* fora inserido no decreto, fez Luciano subir para a sua carruagem e o tratou em pé de igualdade. Sem os artigos de Luciano, talvez não houvesse subido tão rapidamente; a perseguição dos liberais fora para ele como que um pedestal. Des Lupeaulx estava no ministério, no gabinete do diretor-geral. Ao avistar Luciano, esse funcionário deu um salto de admiração e olhou para Des Lupeaulx.

— Como! O senhor ousa vir aqui? — disse o diretor-geral a Luciano estupefato. — Sua Grandeza rasgou o seu decreto já lavrado; ei-lo aqui. — E mostrou o primeiro papel que encontrou à mão rasgado em quatro. — O ministro quis conhecer o autor do assombroso artigo de ontem, e aqui está o seu autógrafo — acrescentou o diretor-geral apresentando a Luciano os originais. — O senhor se diz monarquista, cavalheiro!, e é colaborador desse infame jornal que faz embranquecer os cabelos dos ministros, que magoa o centro e o arrasta para o abismo? O senhor almoça *Corsário*,[373] *Espelho*, *Constitucional*, *Correio*;^[374] janta *O Diário e Alvorada*; e ceia com Martainville, o mais terrível antagonista do ministério, que vive a impelir o rei para o absolutismo, coisa que nos levaria a uma revolução, tão seguramente como se ele se entregasse à extrema esquerda. O senhor é um jornalista muito inteligente, mas jamais há de ser um político. O ministro denunciou-o como autor do artigo ao rei, e este, na sua cólera, repreendeu o sr. duque de Navarreins, seu primeiro gentil-homem de

serviço. O senhor criou inimigos tanto mais poderosos quanto mais lhe eram favoráveis! Aquilo que pareceria natural da parte de um inimigo é espantoso da parte de um amigo.

— Mas você é então uma criança, meu caro? — exclamou Des Lupeaulx. — Você me comprometeu! As sras. d'Espard e de Bargeton, a sra. de Montcornet, que haviam respondido por você, devem estar furiosas. O duque terá de fazer recair a sua cólera sobre a marquesa, e a marquesa terá de repreender a prima. Não vá à casa delas! Espere.

— Aí vem sua grandeza, saia! — disse o diretor-geral.

Luciano viu-se na Place Vendôme, estonteado como se acabasse de receber na cabeça um golpe de maça. Regressou a pé, pelos bulevares, procurando julgar-se. Sentiu-se joguete de indivíduos invejosos, ávidos e perversos. Quem era ele nesse mundo de ambições? Uma criança que corria atrás dos prazeres e gozos da vaidade, sacrificando-lhes tudo; um poeta sem reflexão profunda, dirigindo-se de uma luz para outra luz como uma borboleta, sem plano fixo, escravo das circunstâncias, pensando bem e agindo mal. Sua consciência foi-lhe um carrasco impiedoso. Por fim, não tinha mais dinheiro e se sentia esgotado pelo trabalho e pela dor. Seus artigos não apareciam senão depois dos de Merlin e de Nathan. Caminhava à aventura, perdido nas suas reflexões. Ao passar por alguns gabinetes literários, que começavam a fornecer livros além dos jornais, viu um cartaz em que, sob um título bizarro, completamente desconhecido para ele, brilhava seu nome: *Pelo sr. Luciano Chardon de Rubempré*. Seu livro aparecera, e ele de nada soubera, os jornais calavam-se. Ficou ali, com os braços caídos, imóvel, sem perceber um grupo de moços dos mais elegantes, entre os quais se achavam Rastignac, De Marsay e outros seus conhecidos. Não notou Miguel Chrestien e Leão Giraud, que se dirigiam para ele.

— É o sr. Chardon? — perguntou-lhe Miguel, num tom que fez vibrarem como cordas as entranhas de Luciano.

— Não me conhece? — perguntou, empalidecendo.

Miguel cuspiu-lhe no rosto.

— Aí vão os honorários dos seus artigos contra D'Arthez. Se todos imitassem o meu proceder, em causa própria ou na dos amigos, a imprensa se tornaria o que dever ser: um sacerdócio respeitável e

respeitado!

Luciano, que cambaleara, apoiou-se em Rastignac, dizendo-lhe, assim como a De Marsay:

— Senhores, não se recusarão decerto a ser minhas testemunhas. Mas vou primeiro tornar a partida igual e o caso sem remédio.

E deu vivamente uma bofetada em Miguel, que não a esperava. Os jovens elegantes e os amigos de Miguel jogaram-se entre o republicano e o monarquista, a fim de evitar que a luta tomasse aspecto plebeu. Rastignac agarrou Luciano e o conduziu para sua casa, na Rue Taitbout, a dois passos da cena, que tivera lugar no Boulevard de Gand, à hora do almoço. Essa circunstância evitou os ajuntamentos usuais nesses casos. De Marsay veio buscar Luciano, a quem os dois janotas forçaram a almoçar alegremente, acompanhando-o ao Café Inglês, onde se embriagaram.

— Você é forte na espada? — perguntou De Marsay.

— Nunca peguei numa.

— Na pistola? — perguntou Rastignac.

— Em toda a minha vida nunca dei um tiro.

— Você tem o acaso a seu favor, você é um adversário terrível, pode matar o seu homem — afirmou De Marsay.

XXXIX – JOÍSMO

Por felicidade, Luciano encontrou Corália na cama e dormindo. A atriz havia representado numa pequena peça, de improviso, e conseguira uma desforra, obtendo aplausos legítimos e não estipendiados. Essa noite, não esperada pelos seus inimigos, fez com que o diretor resolvesse dar-lhe o papel principal na peça de Camille Maupin, pois acabara por descobrir a causa do insucesso de Corália na estreia. Encolerizado com as intrigas de Florina e de Nathan para fazer fracassar uma atriz a quem considerava, o diretor prometera a Corália a proteção da administração. Às cinco horas da manhã, Rastignac veio procurar Luciano.

— Meu caro, você está alojado conforme o sistema de sua rua — disse ele por todo cumprimento. — Sejamos os primeiros a chegar ao

lugar do encontro, na estrada de Clignancourt; é de bom gosto, e devemos dar bons exemplos.

— O programa é este — disse De Marsay logo que o fiacre rodou pelo Faubourg Saint-Denis. — Batem-se a pistola, a vinte e cinco passos, caminhando à vontade um para o outro, até a distância de quinze passos. Cada um tem cinco passos e três tiros a dar, nada mais que isso. Haja o que houver, vocês se comprometem ambos a ficar nisso. Carregaremos as pistolas do adversário e as testemunhas dele carregarão as suas. As armas foram escolhidas pelas quatro testemunhas reunidas num armeiro. Asseguro-lhe que ajudamos o acaso: você vai ter pistolas de cavalaria.

Para Luciano, a vida tornara-se um sonho mau; era-lhe indiferente viver ou morrer. A coragem peculiar ao suicida serviu-lhe então para aparecer forrado de bravura aos olhos dos espectadores do duelo. Permaneceu em seu lugar, sem avançar. Essa despreocupação passou por frio cálculo; acharam que o poeta era muito forte. Miguel Chrestien avançou até o seu limite. Os dois adversários fizeram fogo ao mesmo tempo, porque os insultos haviam sido considerados iguais. Ao primeiro tiro, a bala de Chrestien aflorou o queixo de Luciano, e a bala deste passou a dez pés acima da cabeça do adversário. Ao segundo tiro, a bala de Miguel se alojou na gola da sobrecasaca do poeta, a qual, por felicidade, era acolchoada e guarnecida de entretela. Ao terceiro tiro, Luciano recebeu a bala no peito e caiu.

— Está morto? — perguntou Miguel.

— Não — respondeu o cirurgião —, há de curar-se.

— Tanto pior! — respondeu Miguel.

— Oh, sim, tanto pior — repetiu Luciano, deixando correr as lágrimas.

Ao meio-dia, a desgraçada criança encontrava-se no seu quarto e no seu leito. Havia sido necessárias cinco horas e grandes cuidados para o transportar para ali. Apesar de seu estado não oferecer perigo, exigia precauções: a febre poderia trazer complicações desagradáveis. Corália abafou seu desespero e aflição. Durante todo o tempo em que o amante esteve em perigo, ela passou as noites com Berenice decorando o novo papel. A fase de perigo durou dois meses. A pobre criatura representou

por vezes papéis que exigiam alegria, enquanto pensava consigo mesma: “O meu Luciano querido talvez esteja morrendo neste instante!”.

Durante esse tempo, Luciano foi cuidado por Bianchon. Deveu a vida ao devotamento desse amigo tão cruelmente ofendido, mas a quem D’Arthez confiara o segredo do caso de Luciano, para justificar o infeliz poeta. Num momento de lucidez — porque Luciano teve uma febre nervosa gravíssima — Bianchon, que suspeitava certa generosidade em D’Arthez, interrogou o seu doente. Luciano disse-lhe que não escrevera nenhum outro artigo com respeito ao livro de D’Arthez a não ser o trabalho sério e grave inserido no jornal de Heitor Merlin.

No fim do primeiro mês, a casa Fendant e Cavalier abriu falência. Bianchon aconselhou à atriz que ocultasse a Luciano esse terrível golpe.

O famoso romance *O arqueiro de Carlos ix*, publicado sob um título bizarro, não obtivera o menor êxito. Para arranjar dinheiro, antes de declarada a falência, Fendant, sem que Cavalier soubesse, vendera a obra, em bloco, a merceeiros que a ofereciam a baixo preço através de vendedores ambulantes. O livro de Luciano passara a guarnecer o parapeito das pontes e dos cais de Paris. A livraria do Quai des Augustins, que tomara certa quantidade de exemplares do romance, perdeu uma soma considerável com a queda súbita do preço: os quatro volumes in-12 que adquirira por quatro francos e cinquenta eram oferecidos a cinquenta *sous*. O comércio lançava altos brados, e os jornais continuavam a guardar o mais profundo silêncio. Barbet não previra essa *lavagem*, pois acreditava no talento de Luciano. Contra seus hábitos, havia-se abalançado à compra de duzentos exemplares, e a perspectiva de uma perda o deixava louco. Dizia horrores de Luciano. Barbet tomou afinal um partido heroico: pôs seus exemplares a um canto da loja, por uma teimosia peculiar aos avaros, e deixou que seus confrades se desembaraçassem dos seus a preço vil. Mais tarde, em 1824, quando o belo prefácio de D’Arthez, o mérito do próprio livro e dois artigos escritos por Leão Giraud restituíram a essa obra o seu valor, Barbet vendeu seus exemplares, um a um, ao preço de dez

francos.

Apesar das precauções de Berenice e de Corália, foi-lhes impossível impedir Heitor Merlin de vir ver o amigo que supunha moribundo. E ele lhe fez beber gota a gota a taça amarga daquele *caldo*, palavra então em uso nas livrarias para descrever a operação funesta a que se haviam entregado Fendant e Cavalier, publicando o livro de um principiante. Martainville, o único fiel a Luciano, escreveu magnífico artigo a favor do livro; mas a exasperação era tal, quer entre os liberais, quer entre os ministeriais, contra o redator chefe do *Aristarco*,^[375] de *Auriflama*^[376] e do *Flâmula Branca*, que os esforços daquele corajoso atleta, que pagava com dez cada um dos insultos do liberalismo, só prejudicaram a Luciano.

Nenhum jornal levantou a luva da polêmica, por mais vivos que tivessem sido os ataques do bravo monarquista. Corália, Berenice e Bianchon fecharam a porta a todos os pretensos amigos de Luciano, não obstante seus vivos protestos. Foi, porém, impossível fechá-la aos oficiais de diligências. A falência de Fendant e Cavalier tornara suas letras cobráveis em virtude de uma das disposições do código comercial, das mais atentatórias aos direitos de terceiros, que são assim privados dos benefícios do prazo estabelecido. Luciano viu-se vigorosamente perseguido por Camusot. Ao ouvir aquele nome, a atriz compreendeu a terrível e humilhante diligência que tivera de fazer o seu poeta, para ela tão angélico. Amou-o por isso dez vezes mais e não quis implorar a Camusot. Quando os oficiais apareceram em busca do prisioneiro, encontraram-no na cama e recuaram ante a ideia de o conduzir. Foram à casa de Camusot antes de pedir ao presidente do tribunal que indicasse a casa de saúde à qual devessem recolher o devedor. Camusot correu imediatamente à Rue de la Lune. Corália desceu e tornou a subir trazendo consigo as peças do processo que, devido ao endosso, declarava Luciano comerciante. Como obtivera esses papéis de Camusot? Que promessa lhe teria feito? Guardou o mais sombrio silêncio, mas tornara a subir quase morta.

Corália representou na peça de Camille Maupin e muito contribuiu para o triunfo da ilustre hermafrodita literária. A criação desse papel foi o último clarão daquela bela lâmpada. Na vigésima representação,

no momento em que Luciano, restabelecido, começava a passear, a se alimentar e falava em retomar seus trabalhos, Corália caiu doente. Um pesar secreto a devorava. Berenice acreditou sempre que, para salvar Luciano, houvesse ela prometido voltar para Camusot. A atriz sofreu a mortificação de ver dar o seu papel a Florina. Nathan ameaçou declarar guerra ao Gymnase, caso Florina não sucedesse a Corália. Representando o papel até o último instante para que a rival não o tomasse, Corália ultrapassou as possibilidades de suas forças. O Gymnase fizera-lhe alguns adiantamentos durante a moléstia de Luciano, e ela nada mais podia pedir no caixa do teatro. Apesar de sua boa vontade, Luciano encontrava-se ainda incapaz de trabalhar. Cuidava, além disso, de Corália, a fim de aliviar Berenice. O pobre casal chegou então à miséria absoluta. Teve, no entanto, a felicidade de encontrar em Bianchon um médico hábil e dedicado, que lhe abriu crédito numa farmácia. A situação de Corália e de Luciano tornou-se logo conhecida dos fornecedores e do proprietário. Os móveis foram embargados. A costureira e o alfaiate, não mais temendo o jornalista, perseguiram a todo o transe os dois boêmios. Enfim, não havia ninguém mais que fornecesse crédito às duas infelizes crianças, além do farmacêutico e do salsicheiro. Luciano, Berenice e a doente viram-se obrigados durante cerca de uma semana a comer apenas porco, sob todas as formas engenhosas e variadas que os salsicheiros lhe dão. A carne de porco, muito indigesta por natureza, agravou o mal da atriz. Luciano, afinal, viu-se constrangido pela miséria a ir à casa de Lousteau reclamar os mil francos que o antigo amigo, aquele traidor, lhe devia. Foi essa, em meio de suas desgraças, a diligência que mais lhe custou. Lousteau já nem mais podia entrar em sua casa na Rue de La Harpe. Dormia em casa dos amigos, era perseguido, cercado como uma lebre. Luciano só pôde encontrar seu fatal introdutor no mundo literário no Flicoteaux. Lousteau almoçava na mesma mesa onde Luciano o havia encontrado, para sua desgraça, no dia em que se afastara de D'Arthez.

Lousteau convidou-o a almoçar, e Luciano aceitou! Quando, ao saírem juntos do Flicoteaux, Cláudio Vignon, que ali comera naquele dia, Lousteau, Luciano e o grande escritor desconhecido que mantinha

o guarda-roupa em casa de Samanon quiseram ir ao Voltaire tomar café, não conseguiram completar trinta sous, reunindo todo o troco que retinha em seus bolsos. Flanaram pelo Jardin du Luxembourg, esperando encontrar por ali um livreiro, e, de fato, viram um dos mais famosos editores daquele tempo, ao qual Lousteau pediu quarenta francos, obtendo-os. Lousteau dividiu a soma em quatro partes iguais, ficando cada escritor com uma.

A miséria havia matado toda altivez e todo sentimento em Luciano; chorou diante dos três artistas contando-lhes sua situação. Mas cada um dos seus camaradas tinha também um drama tão cruelmente horrível a contar que, ao acabarem de parafrasear a sua própria tragédia, o poeta se considerou o menos desgraçado dos quatro. Todos eles tinham necessidade de esquecer tanto sua infelicidade como o pensamento que duplicava essa infelicidade.

Lousteau correu ao Palais-Royal para ali jogar os nove francos que lhe restavam dos dez. O grande desconhecido, apesar de possuir uma amante divina, foi a uma vil casa suspeita espojar-se na lama de voluptuosidades perigosas. Vignon foi ao Petit Rocher du Cancale com a intenção de ali beber duas garrafas de vinho de Bordeaux para obnubilar a razão e a memória. Luciano deixou Cláudio Vignon à porta do restaurante, recusando a sua parte na ceia. O aperto de mão que o grande homem da província deu ao único jornalista que não lhe havia sido hostil foi acompanhado de um horrível aperto de coração.

— Que fazer? — perguntou.

— Guerra é guerra — respondeu-lhe o grande crítico. — O seu livro é belo, mas lhe criou invejosos. Sua luta há de ser longa e difícil. O talento é uma moléstia horrível. Todo escritor nutre no coração um monstro que, semelhante à tênia no intestino, devora os sentimentos à medida que desabrocham. Quem triunfará? A doença do homem ou o homem da doença? É preciso ser um grande homem para obter o equilíbrio entre a inteligência e o caráter. O talento cresce, o coração seca. A menos que se seja um colosso, a menos que se tenha espáduas de Hércules, acaba-se ou sem coração ou sem talento. Você é pequeno e franzino, você há de sucumbir — concluiu ele, entrando para o restaurante.

Luciano voltou para casa meditando na horrível sentença cuja profunda verdade lhe revelava de vez a vida literária.

— Dinheiro! — gritava-lhe uma voz.

Sem perda de tempo encheu, à sua ordem, três letras de mil francos cada uma, a um, dois e três meses de prazo, imitando com admirável perfeição a assinatura de David Séchard; endossou-as e, no dia seguinte, levou-as a Métivier, o negociante de papel da Rue Serpente, que as descontou sem dificuldade alguma. Luciano escreveu algumas linhas ao cunhado para o prevenir desse ataque a seu caixa, prometendo-lhe, segundo o uso, efetuar o pagamento ao fim dos prazos. Pagas as dívidas de Corália e de Luciano, sobraram trezentos francos, que o poeta pôs nas mãos de Berenice, dizendo-lhe que nada lhe desse se ele lhe pedisse dinheiro: tinha medo de ser empolgado pelo desejo de jogar.

XL - DESPEDIDAS

Luciano, animado de cólera sombria, fria e taciturna, pôs-se a escrever os mais espirituosos artigos à luz de uma lâmpada, vigiando Corália. Enquanto reunia ideias, via aquela adorada criatura, branca como uma porcelana, linda, com a beleza dos moribundos, sorrindo-lhe com os lábios pálidos, mostrando-lhe os olhos brilhantes como são os de todas as mulheres que sucumbem tanto de doença como de pesar. Luciano mandava artigos aos jornais; mas como não podia ir às redações para atormentar os redatores chefes, os artigos não apareciam. Quando se decidia a dirigir-se ao jornal, Teodoro Gaillard, que lhe havia dado dinheiro adiantado e que mais tarde aproveitou aqueles diamantes literários, recebia-o friamente.

— Tome cuidado, meu caro, você não tem mais espírito; não se deixe abater, tenha imaginação! — dizia ele.

— Este pequeno Luciano só trazia na cachola o seu romance e os primeiros artigos — exclamavam Feliciano Vernou, Merlin e todos quanto o odiavam, quando se falava nele em casa de Dauriat ou no Vaudeville. — Ele nos manda coisas deploráveis.

Nada mais ter na cachola!, expressão consagrada na gíria do

jornalismo, constitui uma sentença soberana da qual é difícil apelar, desde que pronunciada. Essa expressão, espalhada por toda a parte, matava Luciano, sem que ele o soubesse, pois tinha então aborrecimentos acima de suas forças. Em meio de trabalhos acabrunhadores, foi açoitado pelas letras de David Séchard e recorreu à experiência de Camusot. O ex-amigo de Corália teve a generosidade de proteger Luciano. Essa horrível situação durou dois meses, que foram entremeados de muito papel timbrado, que, segundo a recomendação de Camusot, Luciano mandava a Desroches,^[377] amigo de Bixiou, de Blondet e de Des Lupeaulx.

No começo do mês de agosto, Bianchon avisou ao poeta que Corália estava perdida. Não tinha mais que alguns dias de vida.

Berenice e Luciano passaram esses dias fatais a chorar, sem poder esconder suas lágrimas à pobre moça, desesperada por morrer por causa de Luciano. Por estranha mudança, Corália exigiu que Luciano lhe trouxesse um sacerdote. A artista quis reconciliar-se com a Igreja e morrer em paz. Teve um fim cristão, seu arrependimento foi sincero. Essa agonia e essa morte acabaram de tirar a Luciano a força e a coragem. O poeta permaneceu num abatimento completo, sentado numa poltrona, ao pé do leito de Corália, não cessando de olhar para ela até o momento em que viu os olhos da atriz fechados pela mão da morte. Eram então cinco horas da manhã. Um passarinho veio pousar num dos vasos de flor que estavam do lado de fora da janela e gorjeou alguns trinos.

Berenice, ajoelhada, beijava a mão de Corália, que esfriava sob as suas lágrimas. Havia ainda onze sous sobre a lareira. Luciano saiu, impellido por um desespero que lhe aconselhava a pedir esmola para enterrar a amante, ou a ir-se atirar aos pés da marquesa d'Espard, do conde du Châtelet, da sra. de Bargeton, da srta. des Touches ou do terrível janota De Marsay. Não sentia mais nem orgulho nem forças. Para conseguir algum dinheiro, ter-se-ia alistado como soldado! Andou, com esse jeito curvado e descomposto que os desgraçados conhecem, até o palacete de Camille Maupin; entrou sem prestar atenção à desordem de suas vestes e mandou-lhe pedir que o recebesse.

— A senhorita deitou-se às três horas da manhã e ninguém ousaria entrar em seus aposentos antes de ela ter chamado — respondeu o criado de quarto.

— A que horas ela chama?

— Nunca antes das dez.

Luciano escreveu então uma dessas cartas assombrosas em que os mendigos elegantes não medem mais coisa alguma. Certa noite, havia posto em dúvida a possibilidade de tal aviltamento, quando Lousteau lhe falava nos pedidos feitos a Finot por alguns rapazes de talento, e eis que sua pena o levava talvez além dos limites a que o infortúnio arrastara seus predecessores. Voltando, imbecilizado, pelos bulevares, sem suspeitar da horrível obra-prima que o desespero acabava de lhe ditar, encontrou Barbet.

— Barbet, quinhentos francos? — disse ele, estendendo-lhe a mão.

— Não, duzentos — respondeu o livreiro.

— Ah, o senhor tem então um coração!

— Sim, mas tenho negócios também. O senhor me fez perder bom dinheiro — acrescentou depois de lhe haver contado o caso da falência de Fendant e Cavalier —; faça-me agora ganhar.

Luciano estremeceu.

— O senhor é poeta, deve saber fazer toda sorte de versos. Neste momento, preciso de canções apimentadas para intercalar a outras tomadas a diferentes autores, a fim de não ser perseguido como contrafator e poder vender nas ruas uma bela coleção de canções a dez sous. Se quiser mandar-me amanhã dez boas canções para beberrões, ou divertidas... hum... o senhor sabe!... darei duzentos francos.

Luciano voltou para casa. Encontrou Corália estendida, direita e rígida, sobre um catre, envolta numa pobre mortalha que Berenice cosia a chorar. A gorda normanda havia acendido quatro velas aos cantos do leito. No rosto de Corália brilhava essa flor de beleza que tão alto fala aos vivos apontando-lhes a calma absoluta. Parecia-se a uma dessas meninas que trazem no rosto a palidez doentia da clorose. Dir-se-ia que aqueles dois lábios violeta iam abrir-se e murmurar o nome de Luciano, que, junto ao nome de Deus, havia precedido seu último suspiro.

Luciano disse a Berenice que fosse encomendar à casa funerária um carro que não custasse mais de duzentos francos, incluindo também o serviço na pobre igreja de Bonne-Nouvelle.

Mal Berenice saíra, o poeta sentou-se à mesa, junto ao corpo de sua pobre amiga, e ali compôs as dez canções que deveriam ter ideias alegres e ritmo folgazão. Sofreu penas inenarráveis antes de poder trabalhar; mas acabou por colocar a sua inteligência a serviço da necessidade, como se não houvesse padecido.

Cumpria já a terrível sentença de Cláudio Vignon a respeito da separação que se processa entre coração e cérebro. Que noite aquela em que o pobre menino se esfalfou à procura de poesias para oferecer aos bebedores, escrevendo à luz dos círios, ao lado do padre que rezava por Corália! No dia seguinte, pela manhã, Luciano, que terminara a última canção, tentou cantá-la com uma música então em voga. Ouvindo-o cantar, Berenice e o padre receberam que ele tivesse enlouquecido:

Amigos, moral em canção

Me aborrece e me cansa;

Deverá invocar a razão

Quem ao prazer se lança?

Aliás é bom todo refrão,

Diz Epicuro, num pifão

De alegres comensais.

Nunca Apolo procuraremos,

Se com Baco nos entretemos;

Riamos! bebamos! zombemos

De tudo mais.

Hipócrates ao bebedor

Cem anos prometia.

Que nos importa a nós o amor?

Que a perna bamba e fria

Não possa ir atrás de um brotinho?

Basta que a mão, virando o vinho,

Não demore demais!

Desde que aos sessenta cheguemos

Bebendo assim, que mais queremos?

Riamos! bebamos! zombemos

De tudo mais.

Saber dizer donde nós vimos

A toda a gente cabe;

Mas dizer aonde todos imos,

Ah, isso ninguém sabe!

Sem nos preocuparmos, enfim,

Tiremos proveito até o fim

Das graças celestiais!

É bem certo que morreremos;

Mas não menos é que vivemos:

Riamos! bebamos! zombemos

De tudo mais.[\[378\]](#)

No momento em que o poeta cantava esta última e espantosa estrofe, Bianchon e D'Arthez entraram e vieram encontrá-lo no paroxismo do abatimento. Derramava uma torrente de lágrimas e não tinha mais força para passar a limpo as canções.

Quando, através dos soluços, acabou de explicar sua situação, viu lágrimas nos olhos dos que o escutavam.

— Isto — disse D'Arthez — redime muitas faltas!

— Felizes os que encontram o inferno aqui embaixo! — disse gravemente o padre.

O espetáculo daquela linda morta sorrindo à eternidade, a vista do amante comprando-lhe a sepultura com versos licenciosos, de Barbet pagando um ataúde, daquelas quatro velas em torno do corpo de uma atriz cuja vasquinha e cujas meias vermelhas com extremos verdes faziam outrora palpar toda uma sala; afinal, do padre que a havia reconciliado com Deus e que ia já na porta, volvendo à igreja para lá dizer uma missa por aquela que tanto havia amado; todas aquelas grandezas e aquelas infâmias, aquelas dores esmagadas sob a necessidade, gelaram o grande escritor e o grande médico, que se sentaram sem poder proferir uma só palavra.

Um criado apareceu e anunciou a srta. des Touches. A bela e

sublime moça tudo compreendeu. Adiantou-se vivamente para Luciano, apertou-lhe a mão e nela deixou duas notas de mil francos.

— Agora é tarde — disse ele pondo nela uns olhos de moribundo.

D'Arthez, Bianchon e a srta. des Touches só deixaram Luciano depois de haver tentado mitigar-lhe o desespero com as mais doces palavras. Todas as molas, porém, estavam quebradas nele.

Ao meio-dia, o cenáculo (menos Miguel Chrestien, que, no entanto, havia sido elucidado quanto à não culpabilidade de Luciano) encontrava-se na igreja de Bonne-Nouvelle, bem como Berenice e a srta. des Touches, dois comparsas do Gymnase, a caracterizadora de Corália e o desgraçado Camusot. Todos os homens acompanharam a atriz até o cemitério do Père-Lachaise. Camusot, que chorava lágrimas ardentes, jurou solenemente a Luciano que compraria uma sepultura perpétua e nela mandaria construir uma pequena coluna, sobre a qual seria gravado: CORÁLIA, e abaixo: *Morta aos dezenove anos* (agosto de 1822).

Luciano ficou sozinho até o pôr do sol sobre aquela colina de onde seus olhos abarcavam Paris.

— Por quem hei de ser amado? — interrogava ele a si mesmo. — Meus verdadeiros amigos me desprezam. Fosse o que fosse o que eu fizesse, tudo em mim parecia nobre e bom àquela que ali está! Não tenho mais que minha irmã, David e minha mãe! Que pensarão eles de mim?

O pobre grande homem da província voltou à Rue de la Lune, onde suas impressões foram tão vivas ao rever o apartamento vazio que se foi alojar num pobre hotel da mesma rua. Os dois mil francos da srta. des Touches pagaram todas as dívidas, acrescentados que foram com o produto da venda da mobília. Berenice e Luciano ficaram com cem francos, que foram suficientes para viverem durante dois meses passados por Luciano num abatimento doentio. Não podia escrever nem pensar; deixava-se levar pela dor. Berenice teve piedade dele.

— Se voltasse para a sua terra, de que modo iria? — contestou ela a uma exclamação de Luciano, que pensava na irmã, na mãe e em David Séchard.

— A pé.

— Será preciso também comer e dormir, durante a jornada. Se fizer doze léguas por dia, precisará de, pelo menos, vinte francos.

— Eu os terei — disse ele.

Pegou em seus trajes e em sua bela roupa de baixo, reservando para si apenas o estritamente necessário, e foi à casa de Samanon, que lhe ofereceu cinquenta francos por todo o espólio.

Suplicou ao usurário que lhe desse o bastante para tomar a diligência, mas não conseguiu comovê-lo. Na sua raiva, Luciano subiu com passos impetuosos ao Frascati. Tentou a fortuna e voltou sem um cobre. Quando se encontrou em seu miserável quarto, na Rue de la Lune, pediu a Berenice o xale de Corália. Pelo seu modo de olhar, a boa moça compreendeu, depois da confissão que Luciano lhe fez da perda no jogo, qual o intento do pobre poeta desesperado: queria enforcar-se.

— Está louco, meu senhor? — disse ela. — Vá passear e volte à meia-noite; terei ganho seu dinheiro. Mas fique nos bulevares, não vá para o cais.

Luciano passeou pelos bulevares, embrutecido de dor, olhando para as carruagens e os passantes, achando-se diminuído, sozinho, naquela multidão que turbilhonava, fustigada pelos mil interesses parisienses. Revendo em pensamento as margens do seu Charente, sentiu sede das alegrias da família. Sentiu então um desses relâmpagos de força que enganam todas essas naturezas meio femininas. Não quis abandonar a partida antes de haver descarregado o coração no de David Séchard e pedido conselhos aos três anjos que lhe restavam.

Caminhando ao acaso, viu Berenice endomingada, a conversar com um homem, no enlameado Boulevard Bonne-Nouvelle, onde estava parada à esquina da Rue de la Lune.

— Que fazes aí? — perguntou Luciano, apavorado com as suspeitas que concebeu ao aspecto da normanda.

— Aqui estão vinte francos que talvez custem caro, mas o senhor partirá — respondeu ela colocando quatro moedas de cem sous na mão do poeta.

Berenice fugiu sem que Luciano pudesse saber por onde havia passado, porque, é preciso que se diga em seu louvor, aquele dinheiro lhe queimava a mão e ele queria devolvê-lo.

Foi, porém, forçado a guardá-lo como o último estigma da vida parisiense.

TERCEIRA PARTE

OS SOFRIMENTOS DO INVENTOR

INTRODUÇÃO

I – TRISTE CONFISSÃO DE UM FILHO DO SÉCULO[379]

No dia seguinte, Luciano mandou visar o passaporte, comprou uma bengala de azevinho, tomou na praça da Rue d'Enfer uma diligência que, por dez *sous*, o deixou em Longjumeau. Como primeira etapa, pousou na estrebria de uma quinta, a duas léguas de Arpajon. Ao atingir Orléans, já se achava bastante alquebrado, bastante exausto; mas, por três francos, um barqueiro o transportou a Tours e, durante o trajeto, só gastou dois francos de alimento. De Tours a Poitiers, caminhou durante cinco dias. Muito além de Poitiers, não possuía mais que cem *sous*, mas reuniu um resto de forças para prosseguir caminho. Uma vez, surpreendido pela noite em pleno campo, resolvera dormir ao relento quando, ao fundo de uma baixada, viu uma caleça que subia a encosta. Sem que o postilhão, os viajantes e um laçao postado à boleia o notassem, pôde alojar-se atrás entre dois fardos, e adormeceu, acomodando-se de modo a resistir aos solavancos. De manhã, despertado pelo sol que lhe feria os olhos e por um rumor de vozes, reconheceu Mansle, aquela cidadezinha onde, dezoito meses antes, fora esperar a sra. de Bargeton, com o coração cheio de amor, de esperança e de alegria. Ao ver-se coberto de poeira, no meio de um círculo de curiosos e de postilhões, compreendeu que devia ser objeto de alguma acusação; ergueu-se imediatamente e ia falar quando dois

viajantes que apearam da caleça lhe cortaram a palavra: viu o novo prefeito de Charente, o conde Sixto du Châtelet, e sua esposa, Luísa de Nègrepelisse.

— Se soubéssemos que companheiro o acaso nos deu! — disse a condessa. — Suba conosco, senhor.

Luciano saudou friamente aquele casal, lançando-lhe um olhar ao mesmo tempo humilde e ameaçador, meteu-se por uma estrada transversal adiante de Mansle, a fim de alcançar alguma granja onde pudesse almoçar pão e leite, repousar e deliberar em silêncio sobre o futuro. Tinha ainda três francos. O autor das *Boninas*, impelido pela febre, correu durante muito tempo; desceu o curso do rio, examinando a disposição dos lugares, que se tornavam cada vez mais pitorescos. Pelo meio-dia, atingiu um local onde o lençol d'água, cercado de salgueiros, formava uma espécie de lago. Parou para contemplar aquele fresco e espesso bosque, cuja graça campestre lhe tocou a alma. Uma casa, pegada a um moinho assente num braço do rio, mostrava entre os cimos das árvores o seu teto de colmo ornado de saião. A singela fachada tinha como únicos ornamentos algumas moitas de jasmim, madressilva e lúpulo, e em redor brilhavam as flores do flox e das mais esplêndidas plantas carnosas. Sobre o empedrado retido por uma paliçada grosseira, que mantinha a calçada acima das maiores cheias, avistou umas redes estendidas ao sol. Patos nadavam no claro tanque que se encontrava além do moinho, entre as duas correntes de água que marulhavam nas comportas. O moinho fazia ouvir seu rumor irritante. Assentada num banco rústico, o poeta avistou uma boa e gorda dona de casa que fazia tricô, enquanto vigiava um menino que perseguia as galinhas.

— Minha boa comadre — disse Luciano, avançando —, estou muito cansado, tenho febre, e só possuo três francos; não quer alimentar-me a broa e leite e deixar-me dormir na palha durante uma semana? Nesse ínterim, terei tempo para escrever a meus parentes que me mandarão dinheiro ou virão procurar-me.

— Pois não! — disse ela —, contanto que meu marido consinta. Vem cá, homenzinho!

O moleiro saiu, contemplou Luciano e tirou o cachimbo da boca

para dizer:

— Três francos por uma semana? É o mesmo que não cobrar nada.

“Talvez termine ajudante de moleiro”, pensou o poeta, contemplando aquela deliciosa paisagem, antes de se deitar no leito que lhe preparou a moleira e onde dormiu de modo a assustar os hospedeiros.

— Courtois, vai ver se esse rapaz está morto ou vivo, já faz catorze horas que está deitado, não me animo a ir até lá — disse a moleira no dia seguinte, por volta do meio-dia.

— Creio — disse o moleiro à mulher, acabando de preparar sua rede e petrechos de pesca — que esse lindo rapaz bem poderá ser algum bonifrate de comediante, sem vintém.

— Por que dizes isso, homenzinho? — indagou a moleira.

— Ora! não é nem um príncipe nem um ministro, nem deputado nem bispo; por que então as suas mãos são brancas como as de um homem que não faz nada?

— É muito de espantar então que a fome não o desperte — disse a moleira, que acabava de preparar um almoço para o hóspede que o acaso lhes enviara na véspera. — Um ator? — tornou ela. — Aonde iria? Ainda não é tempo de feira em Angoulême.

Nem o moleiro nem a moleira podiam imaginar que, além do ator, do príncipe e do bispo, há um homem ao mesmo tempo príncipe e ator, um homem revestido de um magnífico sacerdócio, o poeta, que parece não fazer nada e que todavia reina sobre a humanidade, quando bem a sabe interpretar.

— Quem será então? — disse Courtois à mulher.

— Haverá perigo em abrigá-lo? — perguntou a moleira.

— Qual! Os ladrões são mais sabidos do que esse; senão já estaríamos roubados — tornou o moleiro.

— Não sou nem príncipe nem ladrão, nem bispo nem ator — disse tristemente Luciano, que apareceu de súbito e que decerto ouvira pela janela o colóquio do casal. — Sou um pobre rapaz cansado, vindo a pé de Paris. Chamo-me Luciano de Rubempré e sou filho do sr. Chardon, predecessor de Postel, farmacêutico do Houmeau. Minha irmã casou com David Séchard, o impressor da Place du Mûrier em Angoulême.

— Espere! — exclamou o moleiro. — Esse impressor não é filho do velho espertalhão que explora a sua propriedade de Marsac?

— Precisamente — respondeu Luciano.

— Que diabo de pai! — prosseguiu Courtois. — Dizem que faz vender tudo o que o filho tem em casa, quando possui mais de duzentos mil francos de bens, sem contar com o pé-de-meia.

Quando alma e corpo se alquebraram em longa e dolorosa luta, à hora em que as forças são ultrapassadas e seguida da morte, ou de um aniquilamento igual à morte, mas em que as naturezas capazes de resistir recuperam então as forças, Luciano, sob uma crise desse gênero, pareceu prestes a sucumbir no momento em que soube, embora vagamente, de uma catástrofe acontecida a David Séchard, seu cunhado.

— Oh! minha irmã! — exclamou. — Que fiz eu, meu Deus? Sou um infame.

Depois deixou-se cair num banco de madeira, com a prostração e a palidez de um moribundo; a moleira apressou-se em trazer-lhe uma jarra de leite, que o forçou a beber; mas ele rogou ao moleiro que o ajudasse a meter-se no leito, pedindo-lhe perdão de lhe causar o incômodo de sua morte, pois julgou que era chegado o último instante. Ao avistar o fantasma da morte, aquele gracioso poeta foi tomado de ideias religiosas: quis chamar o cura, confessar-se e receber os sacramentos. Tais queixumes, exalados em flébil voz por um jovem de rosto encantador e tão bem-apesoado como Luciano, comoveram vivamente a sra. Courtois.

— Anda, homenzinho, monta a cavalo e vai chamar o dr. Marron, o médico de Marsac; ele verá o que tem esse rapaz, que não me parece em bom estado, e trará também o cura. Talvez saibam melhor do que tu o que há com esse impressor da Place du Mûrier, visto que Postel é genro do dr. Marron.

Depois que Courtois partiu, a moleira, convencida, como toda gente do campo, de que doença exige alimentação, tratou de restaurar as forças de Luciano, que obedeceu, entregue a violentos remorsos que o salvaram do abatimento com a revulsão que produz essa espécie de tópico moral.

O moinho de Courtois achava-se a uma légua de Marsac, cabeça de cantão, situado a meio caminho de Mansle e de Angoulême: assim, o bravo moleiro trouxe logo o médico e o cura de Marsac. Esses dois personagens tinham ouvido falar da ligação de Luciano com a sra. de Bargeton e, como todo o departamento de Charente falava naquele momento no consórcio dessa dama e na sua volta a Angoulême com o novo prefeito, o conde Sixto du Châtelet, ao saberem que Luciano se achava em casa do moleiro, o médico e o cura sentiram fortes desejos de saber as razões que tinham impedido a viúva do sr. de Bargeton de desposar o jovem poeta com quem fugira, e informar-se se ele voltava à terra para socorrer ao seu cunhado, David Séchard. A curiosidade, a humanidade, tudo se conjugava, pois, para trazer pronto socorro ao poeta moribundo. Assim, duas horas depois da partida de Courtois, Luciano ouviu na calçada do moinho o barulho de ferragens que fazia o velho cabriolé do médico de aldeia. Os srs. Marron apresentaram-se em seguida, pois o médico era sobrinho do cura, de modo que Luciano via naquele momento pessoas tão ligadas ao pai de David Séchard como o podem ser vizinhos num pequeno burgo vinhateiro. Depois que examinou o moribundo, e lhe tomou o pulso e observou a língua, o médico olhou para a moleira, sorrindo de modo a dissipar qualquer inquietação.

— Se a senhora — disse ele — tem na adega, como não duvido, uma boa garrafa de vinho e no tanque uma boa enguia, queira servi-las ao seu doente, que sofre apenas de esgotamento. Feito isto, o nosso grande homem logo estará de pé.

— Ah! senhor — disse Luciano —, o meu mal não é do corpo, mas da alma, e essa boa gente me disse uma coisa que me matou, ao anunciar-me catástrofes em casa de minha irmã, a sra. Séchard! Em nome de Deus, o senhor que, pelo que diz a sra. Courtois, casou sua filha com Postel, deve saber algo dos negócios de David Séchard!

— Mas ele deve estar na prisão — respondeu o médico; — o pai recusou-se a socorrê-lo...

— Na prisão! — exclamou Luciano. — E por quê?

— Por causa de promissórias enviadas de Paris e que Séchard decerto havia esquecido, pois ele passa por não saber muito bem o que

faz — respondeu o dr. Marron.

— Peço que me deixem com o sr. cura — disse o poeta, cuja fisionomia se alterou gravemente.

O médico, o moleiro e a mulher se retiraram. Quando ficou a sós com o velho padre, Luciano exclamou:

— Bem mereço a morte que sinto aproximar-se, senhor, e sou um grande miserável a quem só resta lançar-se nos braços da religião. Eu, senhor, é que sou o carrasco de minha irmã e de meu irmão, pois David Séchard é um verdadeiro irmão para mim! Eu assinei as letras que David não pôde pagar... Arruinei-o. Na horrível miséria em que caí, até esquecia esse crime. As providências legais a que deram lugar essas letras foram sanadas com a intervenção de um milionário, e eu pensava que ele as tivesse pago; quer dizer que nada disso aconteceu?!

E Luciano contou os seus males. Terminado que foi tal poema, numa ardente narrativa, verdadeiramente digna de um poeta, suplicou ao cura que fosse a Angoulême e se informasse com Eva, sua irmã, e com sua mãe, a sra. Chardon, do verdadeiro estado das coisas, a fim de saber se ainda lhes podia remediar.

— Até a sua volta, senhor — disse ele, chorando copiosamente, — eu poderei viver. Se minha mãe, se minha irmã, se David não me repelirem, eu não morrerei.

A eloquência de parisiense, as lágrimas daquele terrível arrependimento, aquele belo jovem pálido e quase a morrer de desespero, a narrativa de infortúnios que ultrapassavam as forças humanas, tudo despertou a piedade, o interesse do cura.

— Tanto na província como em Paris, senhor — disse-lhe este, — só se deve crer na metade do que dizem; não se atemorize com um rumor que, a três léguas de Angoulême, deve ser bastante infiel. O velho Séchard, nosso vizinho, deixou Marsac há poucos dias; provavelmente está tratando de dar um jeito nos negócios do filho. Vou a Angoulême e voltarei para lhe dizer se pode regressar ao seio de sua família, junto à qual as suas confissões e o seu arrependimento me ajudarão a defender a sua causa.

O cura não sabia que Luciano se arrependera tantas vezes naqueles dezoito últimos meses que o seu arrependimento, por mais violento

que fosse, não tinha mais valor do que uma cena perfeitamente representada e, ainda mais, representada de boa-fé! Ao cura seguiu-se o médico. Reconhecendo no enfermo uma crise nervosa cujo perigo começava a passar, o sobrinho mostrou-se tão animador quanto o tio, e acabou convencendo o seu cliente a tratar-se.

II – O COICE DO ASNO

O cura, que conhecia a terra e os seus costumes, fora a Mansle, por onde não devia tardar a passar a diligência de Ruffec a Angoulême, na qual conseguiu um lugar. Pretendia o velho padre pedir informações sobre David Séchard a seu sobrinho-neto Postel, farmacêutico do Houmeau e antigo rival do impressor junto à bela Eva. Pelas precauções que tomou o pequeno farmacêutico para ajudar o velho a apelar do horrível calhambeque que então fazia o percurso de Ruffec a Angoulême, o mais obtuso observador teria adivinhado que o casal Postel hipotecava todo o seu bem-estar sobre a herança do velho tio.

— Já almoçou? Não quer alguma coisa? Não o esperávamos, foi uma agradável surpresa...

Eram mil perguntas ao mesmo tempo. A sra. Postel nascera mesmo para mulher de um farmacêutico do Houmeau. Da estatura do pequeno Postel, tinha o rosto vermelho de uma rapariga criada no campo; seu porte era comum, e toda a sua beleza consistia numa grande frescura. A cabeleira ruiva implantada muito baixo na fronte, as maneiras, a linguagem apropriada à simplicidade das feições de um rosto redondo, os olhos quase amarelos, tudo nela indicava que a haviam desposado por interesse. Apenas com um ano de casada, já era ela quem mandava, e parecia haver-se tornado senhora absoluta de Postel, que se dava por muito feliz de ter encontrado aquela herdeira. A sra. Leôncia Postel, nascida Marron, criava um filho que era o amor do velho cura, do médico e de Pastel, um horrível menino que se parecia com o pai e a mãe.

— E então, meu tio, que vem fazer em Angoulême — disse Leôncia, — visto que não quer comer nada e já fala em partir, mal chegou?

Logo que o digno eclesiástico pronunciou o nome de Eva e de David

Séchar, Postel enrubesceu e Leônia lançou ao homenzinho esse obrigatório olhar de ciúme que uma mulher inteiramente dona do marido nunca deixa de manifestar quanto ao passado, no interesse do futuro.

— Mas que foi que essa gente lhe fez, meu tio, para que o senhor se meta nos seus assuntos? — disse Leônia, com visível acrimônia.

— Eles são infelizes, minha filha — respondeu o cura, que descreveu a Postel o estado em que se encontrava Luciano no moinho dos Courtois.

— Oh! em que equipagem volta ele de Paris! — exclamou Postel. — E no entanto possuía talento, e era ambicioso! Ia buscar lã e volta tosquiado. Mas que vem fazer aqui? A irmã está na última miséria, pois todos esses gênios, tanto esse David como Luciano, nada entendem de comércio. Tratamos dele no tribunal, e eu, como juiz, tive de assinar a sentença... Isso me fez um mal! Não sei se Luciano poderá, nas atuais circunstâncias, ir para casa da irmã; mas, em todo caso, o quartinho que ele ocupava aqui está vago, e eu lho ofereço de boa vontade.

— Está bem, Postel — disse o padre, colocando o tricórnio e dispondo-se a deixar a botica, depois de ter beijado o menino que dormia nos braços de Leônia.

— Está visto que vai jantar conosco, meu tio — disse a sra. Postel, — pois não acabará tão cedo se quiser desembrulhar os negócios daquela gente. Meu marido o levará na sua carriola.

Os dois esposos ficaram a olhar o seu precioso tio-avô que se dirigia para Angoulême.

— Ele ainda está bastante forte para a idade que tem — observou o farmacêutico.

Enquanto o venerável eclesiástico sobe as encostas de Angoulême, não será inútil explicar a trama de interesses em que vai meter os pés.

HISTÓRIA DE UMA DILIGÊNCIA JUDICIÁRIA

III – O PROBLEMA A RESOLVER

Depois da partida de Luciano para Paris, David Séchar, esse

verdadeiro boi, corajoso e inteligente como aquele que os pintores deram de companheiro ao evangelista, resolveu fazer a grande e rápida fortuna que almejava, menos para si que para Eva e Luciano, uma noite em que Eva e ele estavam sentados à margem do Charente, e em que ela lhe dera a mão e o coração.

Colocar a mulher na esfera de elegância e riqueza em que devia viver, sustentar com o possante braço a ambição de Luciano, tal foi o programa que se lhe desenhcou a letras de fogo ante os olhos. Os jornais, a política, o imenso desenvolvimento editorial e literário, o incremento das ciências, a tendência para a discussão pública de todos os problemas do país, todo o movimento social que se manifestou quando a Restauração pareceu assente ia exigir uma produção de papel quase dez vezes maior, comparada com a quantidade sobre a qual especulou o famoso Ouvrard[380] no início da Revolução, guiado por semelhantes motivos. Mas, em 1821, as fábricas de papel eram demasiado numerosas na França para que alguém pensasse em monopolizá-las, como fez Ouvrard, que se apoderou das principais fábricas depois de haver açambarcado a sua produção. David não possuía, aliás, nem a audácia nem os capitais que tais especulações demandavam.

Naquele momento, começava a funcionar na Inglaterra a máquina de fabricar papel contínuo. Nada mais necessário, pois, que adaptar o fabrico às necessidades da civilização francesa, que ameaçava estender a discussão a tudo e repousar na perpétua manifestação do pensamento individual, uma verdadeira calamidade, pois os povos que deliberam agem muito pouco.

Assim — coisa estranha! —, enquanto Luciano entrava nas engrenagens da imensa máquina do jornalismo, com o risco de ali deixar a honra e a inteligência em frangalhos, David Séchard, do fundo da sua tipografia, empenhava-se no movimento da imprensa periódica em suas consequências materiais. Desejava colocar os meios em harmonia com o resultado a que tendia o espírito do século. Via tão claro ao procurar fortuna no fabrico de papel barato que os acontecimentos lhe justificaram as previsões. Durante os quinze últimos anos, a repartição de patentes de invenção recebeu mais de

cem requerimentos de supostas descobertas de substâncias a introduzir na fabricação do papel.

Mais certo do que nunca da utilidade dessa descoberta sem espalhafato mas de proveito imenso, David, após a partida do cunhado para Paris, viveu na constante preocupação que devia causar tal problema a quem quisesse resolvê-lo. Como tinha esgotado todos os seus recursos para casar-se e para subvencionar as despesas da viagem de Luciano a Paris, viu-se, no princípio do casamento, na mais profunda miséria. Guardara mil francos para as necessidades da sua tipografia, e devia uma promissória de igual soma ao farmacêutico Postel. Assim, para aquele profundo pensador, era duplo o problema: era preciso inventar um papel de baixo custo, e inventar imediatamente; era preciso enfim adaptar os proveitos da descoberta às necessidades de seu lar e de seu comércio. Ora, que epíteto dar ao cérebro capaz de sacudir as cruéis preocupações causadas por uma indigência que procura ocultar, pelo espetáculo de uma família sem pão, e pelas exigências de uma profissão tão meticulosa quanto a de impressor, ao mesmo tempo que percorre os domínios do desconhecido, com o ardor e a embriaguez do sábio na perseguição de um segredo que dia a dia escapa às mais sutis pesquisas? Infelizmente, como se vai ver, os inventores têm ainda muitos outros males que suportar, sem contar a ingratidão das massas, a quem dizem os ociosos e os incapazes a respeito de um homem de gênio: “Ele tinha nascido para inventor, não podia fazer outra coisa. Ninguém lhe deve agradecer a descoberta, como não se agradece a um homem o ter nascido príncipe! Exerce faculdades naturais! E, aliás, encontrou a sua recompensa no próprio trabalho”.

IV – UMA MULHER DE CORAGEM

O casamento causa a uma rapariga profundas perturbações morais e físicas; mas ao casar-se nas condições burguesas da classe média, deve ainda estudar interesses inteiramente novos, e iniciar-se em negócios; daí, para ela, uma fase em que necessariamente permanece em observação, sem nada fazer. O amor de David retardou infelizmente a

educação da mulher, pois não se atreveu a contar-lhe o estado de coisas, nem no dia seguinte ao casamento nem nos outros. Apesar da profunda penúria a que o condenava a avareza do pai, não teve coragem de estragar a lua de mel com a triste aprendizagem de sua laboriosa profissão e as lições necessárias à esposa de um comerciante. De modo que os mil francos, seu único capital, foram devorados mais pela casa do que pela oficina. A despreocupação de David e a ignorância da mulher duraram quatro meses! Foi terrível o despertar. No vencimento da letra subscrita por David a Postel, o casal se viu sem dinheiro, e Eva conhecia bastante a causa dessa dívida para que não hesitasse em sacrificar ao seu resgate as suas joias de noiva e suas pratas. No mesmo dia em que se efetuou o pagamento, quis Eva obrigar David a falar sobre os seus negócios, pois notara que ele negligenciava a sua oficina para se entregar ao problema de que antes lhe havia falado. No segundo mês de casado, David passava a maior parte do tempo no barracão situado ao fundo do pátio, numa peça que lhe servia para fundir os rolos. Três meses depois de sua chegada a Angoulême, substituíra as bonecas de passar tinta nos tipos pelo tinturador de cilindro, em que a tinta é distribuída por meio de rolos com grude e melaço. Foi tão evidente esse primeiro aperfeiçoamento que os irmãos Cointet o adotaram logo depois que lhe viram os resultados. David encostara à parede divisória daquela espécie de cozinha uma fornalha com caldeira de cobre, sob o pretexto de gastar menos carvão para refundir os rolos, cujos moldes enferrujados eram empilhados ao longo da parede, e que não chegou a fundir duas vezes. Não só mandou pôr naquela peça uma sólida porta de carvalho, internamente chapeada de ferro, mas ainda substituiu os vidros sujos da janela por vidraças opacas, a fim de impedir que vissem de fora o objeto de suas ocupações.

À primeira frase que lhe disse Eva a respeito do futuro, David olhou-a com ar inquieto e interrompeu-a com as seguintes palavras:

— Minha filha, bem sei tudo o que te deve sugerir a vista de uma oficina deserta e a espécie de aniquilamento comercial em que me acho; mas olha — continuou ele, levando-a à janela do quarto e mostrando-lhe o reduto misterioso, — a nossa fortuna está ali...

Teremos de sofrer ainda alguns meses; mas sofram os com paciência, e deixa-me resolver o problema industrial que tu sabes e que acabará com todas as nossas misérias.

Tão bondoso era David, de tal modo o seu devotamento deveria ser acreditado sob palavra, que a pobre mulher, preocupada, como todas as esposas, com as despesas cotidianas, resolveu empenhar-se em ocultar ao marido os aborrecimentos domésticos; deixou pois o lindo quarto azul e branco onde se contentava em fazer trabalhos de agulha enquanto conversava com a mãe, e desceu para uma das duas repartições de madeira situadas ao fundo da oficina, a fim de estudar o mecanismo comercial da tipografia. Não era isso um verdadeiro heroísmo para uma mulher já grávida?

Durante aqueles primeiros meses, a inerte tipografia de David fora desertada pelos operários até então necessários para os trabalhos, e que se retiraram um por um. Repletos de serviço, os irmãos Cointet empregavam não só os operários do departamento, atraídos pela perspectiva de fazerem boas diárias no estabelecimento, mas ainda alguns de Bordeaux, de onde vinham principalmente os aprendizes que se julgavam bastante hábeis para se subtraírem às condições do aprendizado. Examinando as possibilidades da tipografia Séchard, Eva não encontrou mais que três pessoas. Primeiro Cérizet, o aprendiz que David se empenhara em ensinar na casa Didot, como fazem quase todos os mestres impressores, que se ligam mais particularmente a alguns dos seus inúmeros empregados; David trouxera esse aprendiz para Angoulême, onde se aperfeiçoara; depois havia Marion, apegada à casa como um cão de guarda; e finalmente o alsaciano Kolb, antigo operário dos Didot.

Apanhado pelo serviço militar, Kolb se encontrou por acaso em Angoulême, onde David o reconheceu numa parada, ao expirar o seu tempo de serviço. Kolb foi visitar David e se enamorou da robusta Marion, em que descobriu todas as qualidades que um homem da sua classe exige das mulheres: a vigorosa saúde que brune as faces, a força masculina que permitia a Marion erguer facilmente uma caixa de tipos, a religiosa probidade tão do agrado dos alsacianos, esse devotamento aos patrões que revela um bom caráter e finalmente essa economia a

que devia um capitalzinho de mil francos, vestidos, roupa branca e mais pertences de um asseio provinciano. Marion, que era grande e gorda e tinha trinta e seis anos, muito lisonjeada por se ver alvo das atenções de um couraceiro de cinco pés e sete polegadas de altura, de boa compleição, forte como um baluarte, sugeriu-lhe naturalmente a ideia de se tornar impressor. No momento em que lhe deram baixa, Marion e David já haviam transformado Kolb num *urso* bastante notável, embora analfabeto.

A composição dos trabalhos chamados *da cidade* não foi tão abundante, naquele trimestre, que Cérizet não bastasse para dar conta do serviço. Ao mesmo tempo compositor, paginador e chefe de tipografia, Cérizet realizava o que Kant denomina triplicidade fenomenal: compunha, corrigia a composição, atendia às encomendas e fazia as faturas; mas, sem trabalho na maior parte do tempo, lia romances no seu cubículo, à espera da encomenda de algum cartaz ou participação.

Marion, que fora ensinada pelo velho Séchard, preparava o papel, molhava-o, ajudava Kolb a imprimir-lo, estendia-o a secar, e nem por isso deixava de cozinhar e de ir ao mercado de manhã cedo.

Quando fez Cérizet prestar-lhe contas do primeiro semestre, Eva verificou que a receita era de oitocentos francos. A despesa, à razão de três francos por dia para Cérizet e Kolb, sendo dois para o primeiro e um para o último, montava a seiscentos francos. Ora, como o preço do material exigido pelas encomendas entregues subia a cento e poucos francos, tornou-se-lhe patente que, durante os seis primeiros meses de casado, David tinha perdido as rendas, os juros dos capitais representados pelo valor do material e da licença, os ordenados de Marion, e enfim os lucros que deve tirar um impressor, esse mundo de coisas expressas em linguagem de tipografia pela palavra *estofos*, expressão proveniente dos panos e sedas empregados para tornar a pressão do parafuso menos dura para os caracteres, por meio da interposição de um retângulo de estofa entre a chapa da prensa e o papel que recebe a impressão.

Depois que compreendeu sumariamente as possibilidades e os resultados da tipografia, adivinhou Eva o pouco de recursos que

oferecia aquela oficina, debilitada pela atividade avassaladora dos irmãos Cointet, ao mesmo tempo fabricantes de papel, jornalistas, impressores exclusivos do arcebispado, fornecedores do município e da prefeitura. O jornal que os Séchard pai e filho tinham vendido, dois anos antes, por vinte e dois mil francos, rendia agora dezoito mil francos anuais. Eva reconheceu os cálculos ocultos sob a aparente generosidade dos irmãos Cointet, que deixavam à tipografia Séchard trabalho suficiente para subsistir, mas não o bastante para que lhe fizesse concorrência. Tomando a direção dos negócios, começou por levantar um inventário exato de todas as existências. Empregou Kolb, Marion e Cérizet em arrumar a oficina, limpá-la e pôr tudo em ordem. Depois, numa tarde em que David voltava de uma excursão pelo campo, acompanhado de uma velha que lhe carregava um enorme embrulho, Eva lhe pediu conselhos para aproveitar os restos que lhes deixara o velho Séchard, prometendo dirigir sozinha os negócios. A conselho do marido utilizou-se de todas as sobras de papel que encontrara e classificara para imprimir em duas colunas e numa única folha dessas lendas populares coloridas que os camponeses pregam nas paredes de suas choupanas: a história do Judeu Errante, de Roberto, o Diabo, da Bela Magalona, a narrativa de alguns milagres. Eva transformou Kolb em vendedor ambulante. Cérizet não perdeu um instante; da manhã à noite compunha aquelas páginas ingênuas e seus grosseiros ornamentos. Marion bastava para os trabalhos da tiragem. A sra. Chardon encarregou-se de todos os trabalhos domésticos, pois Eva coloria as gravuras. Em dois meses, graças à atividade de Kolb e à sua probidade, a sra. Séchard vendeu, por doze léguas em redor de Angoulême, três mil folhas, que lhe custaram trinta francos de fabrico e que lhe renderam, à razão de dois *sous* o exemplar, trezentos francos. Mas, quando todas as choupanas e todas as tavernas já estavam adornadas com as referidas lendas, foi preciso pensar nalguma outra especulação, pois o alsaciano não podia viajar além do departamento. Eva, que revolia todo o estabelecimento, veio a encontrar uma série de figuras para a impressão do almanaque chamado *Dos pastores*, onde as coisas são representadas por signos e imagens, em gravuras em vermelho, preto ou azul. O velho Séchard, que não sabia ler nem

escrever, ganhara outrora muito dinheiro com a impressão deste folheto destinado aos que não sabem ler. Esse almanaque, que se vende a um *sou*, consiste em uma folha dobrada sessenta e quatro vezes, o que constitui um in-64 de cento e vinte e oito páginas. Muito satisfeita com o sucesso de suas folhas soltas, indústria a que se entregam principalmente as pequenas tipografias da província, a sra. Séchard empreendeu a publicação do *Almanaque dos pastores* em grande escala, empregando nisso todos os seus lucros. O papel do *Almanaque dos pastores*, de que anualmente são vendidos milhões de exemplares na França, é mais grosseiro que o do *Liégeois*, e que custa cerca de quatro francos a resma. Depois de impressa, essa resma, que contém quinhentas folhas, é vendida a vinte e cinco francos, à razão de um *sou* a folha. A sra. Séchard resolveu empregar cem resmas na primeira tiragem, o que importava em cinquenta mil almanaques a colocar e dois mil francos de lucro a recolher.

Embora distraído como o devia ser um homem tão profundamente ocupado, David, ao dar uma vista d'olhos à oficina, ficou surpreso ao ouvir gemer um prelo e ver Cérizet sempre de pé, compondo sob a direção da sra. Séchard. No dia em que ali entrou para vigiar as operações empreendidas por Eva, foi um belo triunfo para esta a aprovação do marido, que achou excelente o negócio do almanaque. David prometeu seus conselhos quanto ao emprego das diversas tintas que necessita a apresentação desse almanaque, em que tudo fala aos olhos. Finalmente, quis ele mesmo fundir os rolos na sua misteriosa oficina para, na medida do possível, ajudar a mulher naquela grande pequena empresa.

No princípio dessa furiosa atividade, chegaram as cartas desoladoras em que Luciano informava a mãe, a irmã e o cunhado do seu insucesso e miséria em Paris. Bem se compreende que, ao enviar trezentos francos àquela criança mimada, Eva, a sra. Chardon e David tinham oferecido ao poeta, cada um da sua parte, o mais puro do seu sangue. Acabrunhada com tais notícias e desesperada de ganhar tão pouco trabalhando com tamanha coragem, não foi sem terror que Eva acolheu o acontecimento que eleva ao cúmulo a alegria dos jovens casais. Vendo-se a ponto de ser mãe, pensou:

— Se meu querido David não alcançar o fim das suas pesquisas até a hora de meu parto, que vai ser de nós?... E quem dirigirá os negócios nascentes da nossa pobre tipografia?

V – UM JUDAS EM ESBOÇO

O *Almanaque dos pastores* deveria ficar pronto muito antes do 1º de janeiro; mas Cérizet, a quem incumbia toda a composição, fazia-o com uma lentidão tanto mais desesperadora para a sra. Séchard porquanto ela não conhecia suficientemente a matéria para que o pudesse repreender, de modo que se limitou a observar o jovem parisiense.

Criado no grande orfanato dos Enjeitados de Paris, Cérizet fora colocado como aprendiz no estabelecimento dos srs. Didot. Dos catorze aos dezessete anos, foi o Seíd[381] de Séchard, que o colocou sob a direção de um dos mais hábeis operários e fez dele o seu pupilo, seu ajudante tipógrafo; pois David se interessou naturalmente por Cérizet, ao descobrir-lhe inteligência, e conquistou a sua afeição, proporcionando-lhe algumas distrações e comodidades que a sua indigência lhe proibia. Dotado de uma bonita carinha miúda, de cabelos ruivos e olhos de um azul turvo, Cérizet importara os costumes do garoto de Paris para a capital do Angoumois. Seu espírito vivo e trocista, sua malignidade o haviam tornado temível. Menos vigiado por David em Angoulême, ou porque, com mais idade, inspirasse maior confiança a seu mentor, ou porque o impressor contasse com a influência da província, Cérizet se tornara, sem que o tutor o soubesse, o dom Juan de boné de três ou quatro pequenas operárias, e depravara-se completamente. Sua moralidade, filha das tavernas parisienses, tomou o interesse pessoal como única lei. Aliás, Cérizet, que, segundo a expressão popular, devia ser *sorteado* no ano seguinte, se viu sem carreira; de sorte que se pôs a contrair dívidas, considerando que dentro em seis meses seria soldado, e que então nenhum dos credores poderia correr no seu encalço. David conservava alguma autoridade sobre o rapaz, não a título de chefe ou porque se houvesse interessado por ele, mas porque o ex-garoto de Paris reconhecia nele uma elevada inteligência. Cérizet logo confraternizou

com os operários de Cointet, atraído por eles pelo poder do uniforme, pelo espírito de corporação em suma, mais influente talvez nas classes inferiores do que nas classes elevadas. Em tal convívio, Cérizet perdeu o pouco de boas doutrinas que David lhe incutira; todavia, quando gracejavam com ele a respeito dos *tamancos* da sua oficina, termo depreciativo dado pelos *ursos* aos velhos prelos dos Séchards, mostrando-lhe os doze magníficos prelos de ferro que funcionavam na imensa oficina dos Cointet, onde o único prelo de madeira existente apenas servia para tirar provas, Cérizet ainda tomava o partido de David e lançava orgulhosamente estas palavras à cara dos trocistas:

— Pois com os seus tamancos, o meu patrão irá mais longe que os de vocês com as suas caranguejolas de ferro de onde só saem livros de missa! Ele está procurando um segredo que há de pôr no saco todas as tipografias da França e de Navarra.

— Enquanto isto, seu tipógrafo a quarenta *sous*, tens como chefe uma engomadeira! — respondiam-lhe.

— Olhem! Ela é bonita — replicava Cérizet — e mais agradável de ver do que o focinho dos Cointet.

— Será que a vista da patroa te enche a barriga?

Da esfera da taverna ou da porta da tipografia onde surgiam essas amigáveis querelas, chegaram aos ouvidos dos irmãos Cointet alguns rumores sobre a situação da tipografia Séchard; souberam da especulação tentada por Eva, e julgaram necessário deter no início uma empresa que podia colocar a pobre mulher no caminho da prosperidade.

— Vamos dar-lhe uma pancadinha nos dedos, a fim de a desgostar do comércio — pensaram os dois irmãos.

O Cointet que dirigia a tipografia encontrou Cérizet, e propôs-lhe um serviço de revisão de provas para eles, a tanto por página, para aliviar o revisor da casa, que não podia dar conta do trabalho. Trabalhando algumas horas à noite, Cérizet ganhava mais com os irmãos Cointet do que com David Séchard durante o dia. Seguiram-se algumas relações entre os Cointet e Cérizet, no qual os primeiros reconheceram grandes méritos, lamentando achar-se ele colocado em situação tão desfavorável a seus interesses.

— Você poderia — disse-lhe uma vez um dos Cointet — ser chefe de oficina numa casa importante, a seis francos por dia, e, com a sua inteligência, acabaria tendo parte nos lucros.

— Que me adianta ser um bom profissional? — respondeu Cérizet.
— Não tenho pais, faço parte do contingente do ano que vem, e, se for sorteado, quem iria pagar um homem para o meu lugar?

— Se você souber tornar-se útil — retrucou o rico impressor, — por que não lhe adiantariam a soma necessária para a sua liberação?

— Mas não havia de ser o meu patrão... — disse Cérizet.

— Quem sabe! Talvez até lá ele tenha encontrado o segredo que procura...

Esta frase foi dita de modo a despertar os mais escusos pensamentos naquele que a ouvia, tanto assim que Cérizet lançou a Cointet um olhar que valia pela mais penetrante interrogação.

— Não sei em que é que ele se ocupa — respondeu prudentemente, vendo que o outro permanecia mudo, — mas não é homem para procurar versais na caixa baixa.[\[382\]](#)

— Olhe, meu amigo — disse-lhe o impressor, apanhando seis folhas do livro de missa da diocese e entregando-as a Cérizet —, se puder corrigir-nos isto até amanhã, terá dezoito francos. Nós não somos maus, fazemos o chefe de tipografia do nosso concorrente ganhar dinheiro! Enfim, poderíamos deixar a sra. Séchard meter-se no negócio do *Almanaque dos pastores* e arruiná-la: pois bem, permitimos que você lhe diga que nós também empreendemos a publicação de um *Almanaque dos pastores*, e que a previna de que ela não chegará em primeiro lugar no mercado...

Pode-se compreender agora por que Cérizet ia tão devagar na composição do almanaque.

Ao saber que os Cointet perturbavam a sua pobre especulaçãozinha, Eva encheu-se de terror, e preferiu ver uma prova de devotamento na comunicação assaz hipócrita de Cérizet a respeito da concorrência que a esperava; mas logo surpreendeu no seu único compositor certos indícios de uma curiosidade demasiado viva, que ainda preferiu atribuir à sua idade.

— Cérizet — disse-lhe ela um dia, — você se coloca à porta e espera a

chegada do sr. Séchard a fim de espiar o que é que ele traz, você olha para o pátio quando ele sai da oficina de fundir os rolos, em vez de terminar a composição de nosso almanaque. Isso não está direito, ainda mais quando você me vê, a mim, mulher dele, respeitar seus segredos e ter tantas canseiras para lhe deixar inteira liberdade de dedicar-se a seus trabalhos. Se você não tivesse perdido tempo, o almanaque estaria pronto, Kolb já andaria a vendê-lo e os Cointet não nos poderiam prejudicar em nada.

— Pois bem, senhora! — retrucou Cérizet, — pelos quarenta *sous* que eu ganho por dia aqui, já não acha bastante fazer-lhe cem *sous* de composição? Se eu não tivesse provas a revisar à noite para os irmãos Cointet, estaria a viver de brisas!

— Você há de ir longe, já se mostra ingrato muito cedo — respondeu Eva, atingida no coração menos pelas censuras de Cérizet que pela grosseria do seu tom, sua atitude ameaçadora e a agressividade de seus olhares.

— Poderei ir longe, mas não há de ser com uma mulher por patrão, porque então o mês nem sempre terá trinta dias.

Sentindo-se ferida em sua dignidade de mulher, Eva lançou a Cérizet um olhar fulminante e recolheu-se a seu quarto. Quando David veio jantar, ela lhe disse:

— Tens confiança nesse maroto do Cérizet?

— Cérizet! — exclamou ele. — Pois não foi meu aprendiz, meu ajudante de revisão? Ensinei-lhe a compor, deve-me enfim tudo o que sabe! É o mesmo que perguntar a um pai se tem confiança no filho...

Eva comunicou ao marido que Cérizet revisava provas por conta dos Cointet.

— Pobre rapaz! Ele tem de viver — respondeu David com a humildade de um amo que se sente em falta.

— Que seja! Mas eis a diferença que existe entre Kolb e Cérizet: Kolb faz vinte léguas todos os dias, gasta quinze ou vinte *sous*, traz-nos sete, oito, às vezes nove francos de folhas vendidas, e só me pede os seus vinte *sous*, descontadas as despesas. Kolb preferiria cortar a mão a puxar a alavanca de um prelo nos Cointet, e não iria espiar as coisas que atiras no pátio, ainda que lhe oferecessem mil escudos; ao passo

que Cérizet as apanha e examina.

As belas almas dificilmente chegam a acreditar no mal, na ingratidão; é-lhes preciso sofrer duras lições até reconhecerem a extensão da corrupção humana; depois, feita a sua educação nesse gênero, elevam-se a uma indulgência que é o mais alto grau do desprezo.

— Qual! Mera curiosidade de garoto de Paris! — exclamou pois David.

— Pois bem, meu caro, faze-me o favor de descer à oficina e examinar o que o teu garoto compôs de um mês para cá, e vê se durante esse mês não poderia ele ter concluído o nosso almanaque...

Após o jantar, David reconheceu que o almanaque poderia ter sido composto em oito dias; depois, sabendo que os Cointet preparavam um semelhante, acudiu em auxílio da mulher: fez com que Kolb interrompesse a venda das folhas de imagens e pôs-se a dirigir tudo na oficina; ele mesmo pôs na prancha uma fôrma que Kolb tirou com Marion e ele mesmo tirou a outra com Cérizet, e vigiou as impressões em tintas de diversas cores. Cada cor exige uma impressão separada. Quatro tintas diferentes exigem pois quatro impressões. Impresso quatro vezes por tiragem, o *Almanaque dos pastores* oferece tantas dificuldades que é exclusivamente impresso nas oficinas de província, em que a mão de obra e os interesses do capital empregado são quase nulos. Esse produto, por grosseiro que seja, fica pois vedado às prensas de onde saem as mais belas obras. Pela primeira vez desde a retirada do velho Séchard, viram-se dois prelos a trabalhar na velha oficina.

Embora o almanaque fosse, no gênero, uma obra-prima, Eva teve de o dar a dois *liards*[\[383\]](#) porque os irmãos Cointet deram o seu a três centimos aos revendedores; com os revendedores salvou apenas as despesas, ganhando nas vendas efetuadas diretamente por Kolb; mas foi um negócio gorado.

Ao ver-se objeto da desconfiança de sua bela patroa, Cérizet colocou-se intimamente como adversário, dizendo consigo: “Tu desconfias de mim? Pois eu me vingarei!”. O garoto de Paris é assim. Cérizet aceitou, pois, dos srs. Cointet emolumentos evidentemente demasiado fortes pela revisão das provas que ia buscar em seu

escritório todas as noites e lhes devolvia todas as manhãs. Conversando cada dia mais um pouco com eles, foi ganhando familiaridade, e acabou por perceber a possibilidade de livrar-se do serviço militar, que lhe apresentavam como engodo; e, longe de o terem de corromper, os Cointet ouviram da sua boca as primeiras palavras relativas à espionagem e exploração do segredo que David procurava.

Inquieta por ver quão pouco devia contar com Cérizet e na impossibilidade de encontrar um outro Kolb, Eva resolveu despedir seu único compositor, em quem sua segunda vista de esposa amante lhe fizera ver um traidor; mas, como isso significava a morte do seu estabelecimento, tomou uma resolução varonil: pediu por carta ao sr. Métivier, correspondente de David Séchard, dos Cointet e de quase todos os fabricantes de papel do departamento, que mandasse inserir no *Jornal da Livraria*, em Paris, o seguinte anúncio:

“Transfere-se imprensa em plena atividade, material e licença, situada em Angoulême. Dirigir-se, para as condições, ao sr. Métivier, Rue Serpente.”

VI – OS DOIS COINETET

Depois de ler o número do jornal em que se achava o referido anúncio, os Cointet pensaram:

— Essa mulherzinha não é nada tola, é tempo de nos tornarmos donos da sua tipografia, dando-lhe com o que viver; senão, poderíamos encontrar um adversário no sucessor de David e é de nosso interesse estar sempre de olho aquela oficina.

Movidos por esse pensamento, os irmãos Cointet foram falar com David Séchard. Eva, a quem os dois irmãos se dirigiram, experimentou a mais viva alegria ao ver o rápido efeito de seu estratagema, pois não ocultaram o desígnio de propor a Séchard que fizesse impressões por conta deles: estavam cheios de trabalho, seus prelos não bastavam para as encomendas, tinham mandado buscar operários de Bordeaux, e tencionavam dar serviço para os três prelos de David.

— Senhores — disse ela aos irmãos Cointet, enquanto Cérizet ia

avisar David da visita de seus confrades, — meu marido conheceu no estabelecimento dos srs. Didot excelentes profissionais, honestos e ativos, e sem dúvida escolherá um sucessor entre os melhores... Não será melhor vender o estabelecimento por uns vinte mil francos, que nos darão mil francos de renda, do que perder mil francos por ano com o negócio que os senhores nos obrigam a fazer? Por que invejaram a pobre especulaçãozinha de nosso almanaque, que aliás pertencia a esta casa?

— E por que não nos preveniu, minha senhora? Assim não nos teríamos atravessado em seu caminho — disse graciosamente aquele a quem chamavam o Cointet grande.

— Qual, meus senhores! Só principiaram o seu almanaque depois de saberem por intermédio de Cérizet que eu estava fazendo o meu.

Dizendo vivamente estas palavras, olhou para o que chamavam de Cointet grande, e fê-lo baixar os olhos. Adquiriu assim a prova da traição de Cérizet.

Esse Cointet, diretor da fábrica e dos negócios, era muito mais hábil comerciante do que o seu irmão João, que aliás conduzia a tipografia com grande inteligência, mas cuja capacidade podia comparar-se à de um coronel, ao passo que Bonifácio era um general a quem João deixava o comando supremo.

Bonifácio, sujeito seco e magro, de rosto amarelo como um círio e jaspeado de vermelho, de boca apertada e olhos de gato, jamais se arrebatava; ouvia com a calma de um devoto as mais pesadas injúrias e retrucava com voz macia. Ia à missa, confessava-se e comungava. Ocultava sob as suas maneiras blandiciosas, sob um exterior quase mole, a tenacidade, a ambição do padre e a cupidez do negociante devorado pela sede das riquezas e honrarias. Desde 1820 o Cointet grande aspirava a tudo o que a burguesia acabou por obter na Revolução de 1830. Cheio de ódio à aristocracia, indiferente em matéria de religião, foi devoto como Bonaparte foi *montanhês*.^[384] Sua espinha dorsal dobrava-se com maravilhosa flexibilidade ante a nobreza e a administração, com quem se mostrava pequeno, humilde e complacente. Enfim, para pintar esse homem com um traço cujo valor será bem apreciado pelas pessoas habituadas ao trato dos negócios,

usava óculos de vidros azuis, com que ocultava o olhar, sob o pretexto de preservar a vista da ofuscante reverberação da luz numa cidade em que a terra e as construções são brancas, em que a intensidade do sol é aumentada pela considerável altitude. Embora de estatura um pouco acima da mediana, parecia alto devido à magreza, que denotava uma natureza assoberbada de trabalho, um pensamento em contínua ebulição. Sua fisionomia jesuítica era completada por uma cabeleira lisa, grisalha, longa, cortada à maneira eclesiástica, e por sua indumentária que, havia sete anos, se compunha de calças pretas, meias pretas, colete preto e um *levita* (nome meridional da sobrecasaca) de cor marrom. Chamavam-no o Cointet grande para distingui-lo de seu irmão, denominado o Cointet gordo, com o que se exprimia o contraste existente tanto entre o físico como entre o intelecto dos dois irmãos, aliás igualmente temíveis. De fato, João Cointet, moço bonacheirão de face flamenga, brunida pelo sol do Angoumois, curto e grosso, pançudo como Sancho, sempre com o sorriso nos lábios, as espáduas largas, apresentava flagrante contraste com o irmão mais velho. João não diferia do irmão apenas pelo rosto e pela inteligência: professava opiniões quase liberais, era de centro-esquerda, só ia à missa aos domingos e entendia-se às maravilhas com os comerciantes liberais. Opinavam alguns comerciantes do Houmeau que tal divergência era uma farsa dos dois irmãos. O Cointet grande explorava habilmente a aparente bonomia do irmão, e servia-se dele como de um porrete. João encarregava-se das palavras duras, das execuções que repugnavam à mansuetude de Bonifácio. João tinha o departamento das cóleras, arrebatava-se, deixava escapar propostas inaceitáveis, que tornavam mais suaves as do irmão; e assim, cedo ou tarde, chegavam eles a seus fins.

Eva, com o tato peculiar às mulheres, logo adivinhou o caráter dos dois irmãos, de modo que se manteve em guarda na presença de tão perigosos adversários. David, já informado pela mulher, ouviu com um ar profundamente distraído as propostas de seus inimigos.

— Entendam-se com a minha esposa — disse ele aos Cointet, saindo do gabinete envidraçado para voltar ao seu pequeno laboratório. — Estou agora ocupado com um negócio que será mais lucrativo do que

este pobre estabelecimento e com o qual hei de recuperar as perdas que tive com os senhores...

— Como? — perguntou a rir o gordo Cointet.

Eva fitou o marido para lhe recomendar prudência.

— Serão meus tributários, os senhores e todos os que consomem papel — respondeu David.

— Mas que procura então? — indagou Benedito-Bonifácio Cointet.

Quando Bonifácio largou essa pergunta num tom suave e insinuante, Eva fitou de novo o marido, para induzi-lo a nada responder, ou a responder qualquer coisa sem significação.

— Procuo fabricar papel cinquenta por cento mais barato do que o atual preço de custo...

E foi-se embora, sem notar o olhar que trocavam os dois irmãos, como que a dizerem: “Esse homem deve ser mesmo um inventor; impossível ter um corpo assim e ficar na ociosidade!”. “Exploremo-lo!”, parecia dizer Bonifácio. “Mas como?”, indagava o olhar de João.

— David está fazendo com os senhores a mesma coisa que faz comigo — explicou Eva. — Quando me mostro curiosa, ele decerto desconfia de meu nome e larga-me essa frase, que afinal de contas não passa de um programa.

— Se o seu marido conseguir realizar esse programa, sem dúvida fará fortuna mais rapidamente do que com a tipografia, e não me espanto de vê-lo negligenciar este estabelecimento — replicou Bonifácio, voltando-se para a oficina deserta, onde Kolb, sentado numa prancha, esfregava o seu pão com um dente de alho —; mas não nos conviria muito ver essa tipografia em mãos de um concorrente ativo, empreendedor, ambicioso, e talvez pudéssemos chegar a entender-nos. Se, por exemplo, a senhora consentisse em arrendar seu material, por certa soma, a um operário nosso que trabalhasse para nós, sob o nome de Séchard, como se costuma fazer em Paris, daríamos a esse operário trabalho suficiente que lhe permitisse pagar um bom aluguel e tirar algum lucro...

— Isso depende da soma — respondeu Eva. — Quanto pretendem oferecer? — acrescentou, olhando para Bonifácio de maneira a dar-lhe a entender que compreendia perfeitamente o seu plano.

— Mas quais seriam as suas pretensões? — replicou vivamente João Cointet.

— Três mil francos por semestre — disse ela.

— Oh! E a senhora falava em vender a tipografia por vinte mil francos! — replicou de mansinho Bonifácio. — Os juros de vinte mil francos são apenas mil e duzentos francos, a seis por cento.

Eva permaneceu um momento interdita, reconhecendo então todo o valor da discrição em negócios.

— Os senhores se serviriam de nossos prelos, de nossos tipos, com os quais provei que ainda sabia fazer pequenos negócios — replicou ela —, e temos de pagar aluguéis ao sr. Séchard pai, que não nos cumula de presentes.

Após uma luta de duas horas, Eva obteve dois mil francos por semestre, sendo mil pagos adiantadamente. Depois que tudo ficou combinado, revelaram-lhe os dois irmãos que tencionavam transpassar a Cérizet o arrendamento dos utensílios da tipografia. Eva não pôde conter um gesto de surpresa.

— Pois não é melhor tomar alguém que esteja a par dos negócios da oficina? — disse o Cointet gordo.

Eva saudou os dois irmãos sem responder, prometendo a si mesma vigiar pessoalmente a Cérizet.

— Com que então temos os inimigos na praça? — disse rindo David à mulher, quando Eva, na hora do jantar, lhe deu a assinar os documentos.

— Ora! — disse ela. — Eu respondo pela fidelidade de Kolb e de Marion; os dois sozinhos cuidarão de tudo. De resto, fazemos quatro mil francos por ano, de um equipamento industrial que nos custava dinheiro, e tens um ano pela frente para realizares as tuas esperanças!

— Devias mesmo ser, como me disseste à margem do rio, esposa de um caçador de invenções! — exclamou Séchard, apertando ternamente a mão da mulher.

Se a casa teve o suficiente para passar o inverno, viu-se sob a vigilância de Cérizet e, sem o saber, na dependência do Cointet grande.

— Eles são nossos! — disse, ao sair, o diretor da fábrica de papel ao seu irmão impressor. — Essa pobre gente vai habituar-se a receber o

aluguel da tipografia; contarão com isso e farão dívidas. Daqui a seis meses, não renovaremos o arrendamento, e então veremos o que esse gênio está guardando no fundo do saco, pois lhe faremos a proposta de o tirar de dificuldades, associando-nos com ele na exploração da sua descoberta.

Se algum esperto comerciante pudesse ver como o Cointet grande pronunciava estas palavras, *associando-nos*, compreenderia que o perigo do consórcio é ainda menor na *mairie* do que no Tribunal de Comércio. Já não bastava que aqueles ferozes caçadores estivessem nos rastos da sua presa? David e a esposa, ajudados por Kolb e Marion, seriam capazes de resistir às manhas de um Bonifácio Cointet?

VII – A PRIMEIRA TROVOADA

Ao chegar a época do parto da sra. Séchard, a nota de quinhentos francos remetida por Luciano, juntamente com o segundo pagamento de Cérizet, permitiu atender a todas as despesas. Eva, sua mãe e David, que se julgavam esquecidos por Luciano, tiveram então uma alegria igual à que lhes deram os primeiros sucessos do poeta, cuja estreia no jornalismo fez ainda mais barulho em Angoulême do que em Paris.

Embalado numa enganadora segurança, David cambaleou ao receber do cunhado este cruel bilhete:

Meu caro David,

Descontei, com Métivier, três letras aceites por ti, em meu favor, a um, dois e três meses de prazo. Entre essa negociação e o suicídio, optei por este horrível recurso, que, sem dúvida, muito te incomodará. Explicar-te-ei as necessidades em que me encontro, e aliás tratarei de enviar-te os fundos por ocasião do vencimento.

Queima esta carta, não digas nada à minha irmã nem à minha mãe, pois confesso haver contado com o teu heroísmo, tão conhecido de teu desesperado irmão

LUCIANO DE RUBEMPRÉ

— Teu pobre irmão — disse David à mulher, que então convalescia do

parto — está em terríveis embarços, e eu remeti-lhe três letras de mil francos, a um, dois e três meses de prazo; toma nota.

Depois saiu para o campo, a fim de evitar as explicações que a mulher lhe ia pedir. Mas, ao comentar com a mãe aquela frase prenhe de desgraças, Eva, já muito inquieta com o silêncio do irmão nos últimos seis meses, teve tão maus pressentimentos que, para os dissipar, resolveu dar um desses passos que o desespero aconselha. O sr. de Rastignac filho viera passar alguns dias com a família, e tinha falado de Luciano em termos tão desabonadores que essas novas de Paris, comentadas por todas as línguas que as tinham repetido, chegaram aos ouvidos da irmã e da mãe do jornalista. Eva foi à casa da sra. de Rastignac e solicitou uma entrevista com o filho, a quem comunicou todos os seus temores, pedindo-lhe que dissesse a verdade sobre a situação de Luciano em Paris. Num momento, soube Eva da ligação de Luciano com Corália, de seu duelo com Miguel Chrestien, causado por sua traição para com D'Arthez, em suma, todas as circunstâncias da vida de Luciano, envenenadas por um dândi de espírito que soube dar à sua inveja e ao seu ódio as aparências da piedade, a forma amistosa do patriotismo alarmado com o futuro de um grande homem e as cores de uma admiração sincera pelo talento de um filho de Angoulême, agora tão cruelmente comprometido. Falou dos erros que Luciano cometera e que acabavam de lhe retirar a proteção das mais altas personagens e fazer com que se anulassem um decreto que lhe conferia o brasão e o nome de Rubempré.

— Minha senhora, se o seu irmão tivesse sido bem aconselhado, estaria hoje no caminho das honrarias e seria esposo da sra. de Bargeton. Mas que quer? Ele abandonou-a, insultou-a. Ela se tornou, com grande pesar seu, a sra. condessa Sixto du Châtelet, pois amava a Luciano.

— Será possível? — exclamou a sra. Séchard.

— O seu irmão é uma pequena águia a quem cegaram os primeiros raios do luxo e da glória. Quando uma águia tomba, quem pode saber no fundo de que precipício se deterá? A queda de um grande homem está sempre em proporção da altura a que chegou.

Eva voltou aterrorizada com esta última frase, que lhe atravessou o

coração como uma flecha. Ferida nas mais sensíveis cordas de sua alma, guardou em casa o mais profundo silêncio; mais de uma lágrima, porém, rolou pelas faces e pela fronte do filho que ela amamentava. Tão difícil é renunciar às ilusões que o espírito de família autoriza e que nascem com a vida, que Eva desconfiou de Eugênio de Rastignac e quis ouvir a palavra de um verdadeiro amigo. Escreveu pois uma comovedora carta a D'Arthez, cujo endereço lhe fora dado por Luciano quando era entusiasta do cenáculo; eis a resposta que recebeu:

Minha senhora,

Pede-me a verdade sobre a vida que leva em Paris o senhor seu irmão, e deseja ser esclarecida quanto ao seu futuro, e, para induzir-me a responder-lhe francamente, repete-me o que disse o sr. de Rastignac, perguntando-me se tais fatos são verdadeiros.

No que me concerne, senhora, cumpre retificar, em favor de Luciano, as confidências do sr. de Rastignac. Seu irmão teve remorsos, e veio mostrar-me a crítica de meu livro, dizendo que não podia resolver-se a publicá-la, apesar do perigo que a desobediência às ordens de seu partido fazia correr a uma pessoa muito cara. Infelizmente, senhora, a tarefa de um escritor é conceber paixões, pois sua glória consiste em expressá-las: compreendi pois que entre uma amante e um amigo, o amigo devia ser sacrificado. Facilitei o crime a seu irmão, eu próprio revisei esse artigo *libelica*, e aprovei-o completamente.

Pergunta-me se Luciano conservou minha estima e amizade. Aqui, a resposta é difícil. Seu irmão está num caminho em que se perderá. Agora, ainda o lamento; em breve o terei voluntariamente esquecido, não tanto pelo que ele já fez como pelo que deve ainda fazer. O seu Luciano é um homem de poesia e não um poeta, sonha e não pensa, agita-se e não cria. E, permita-me que o diga, uma mulherzinha que gosta de aparecer, o principal vício do francês. Assim Luciano sacrificará sempre o melhor de seus amigos ao prazer de alardear espírito. De bom grado assinaria amanhã um pacto com o demônio, se esse pacto lhe desse por alguns anos uma vida brilhante e luxuosa. Já não fez pior, trocando o seu futuro pelas passageiras delícias de sua vida pública com uma atriz? Neste momento, a mocidade, a beleza, a dedicação dessa mulher, pois ela o adora, lhe ocultam os perigos de uma situação que nem a glória, nem o sucesso, nem a fortuna fazem com que a sociedade a admita. Pois bem, a cada nova tentação, o seu irmão só há de ver, como hoje, apenas os prazeres do momento. Tranquelize-se, Luciano jamais irá até o crime, não teria forças para tal; mas aceitaria um crime já consumado, participaria dos seus proveitos sem

ter participado dos perigos: o que parece horrível a todo o mundo, até aos celerados. Sentirá desprezo por si mesmo, arrepender-se-á; mas, voltando a necessidade, começará tudo de novo, pois falta-lhe vontade, não tem forças contra os engodos da volúpia, contra a satisfação de suas mínimas ambições. Preguiçoso como todos os homens de poesia, julga-se muito hábil quando escamoteia as dificuldades em vez de as vencer. Terá coragem em determinada hora, mas em tal outra será covarde. E não se lhe deve louvar a coragem nem tampouco censurar a covardia: Luciano é uma harpa cujas cordas se retesam ou relaxam ao sabor das variações atmosféricas. Poderá fazer um belo livro numa fase de cólera ou de felicidade e mostrar-se insensível ao sucesso depois de o ter desejado.

Desde os primeiros dias de sua chegada a Paris caiu sob o domínio de um jovem sem moralidade, mas cuja astúcia e experiência em meio às dificuldades da vida literária o deixaram deslumbrado. Esse prestidigitador seduziu completamente Luciano, arrastou-o a uma existência sem dignidade sobre a qual, infelizmente para ele, o amor lançou o seu fascínio. Quando concedida *muito* facilmente, a admiração é um sinal de fraqueza: não se deve pagar na mesma moeda um dançarino de corda e um poeta. Sentimo-nos todos melindrados com a preferência dada à intriga e ao charlatanismo literário, em detrimento da coragem e da honra dos que aconselhavam a Luciano que aceitasse o combate em vez de surrupiar o sucesso, que se lançasse na arena em vez de se fazer um dos clarins da banda.

A sociedade, minha senhora, é, por singular capricho, plena de indulgência para com os jovens dessa natureza; ama-os, deixa-se enlevar pela bela aparência de seus dotes exteriores; deles, nada exige, desculpa todas as suas faltas, concede-lhes os benefícios das naturezas completas, só enxergando as suas vantagens; transforma-os, em suma, em meninos mimados. Pelo contrário, é de uma severidade sem limites para com as naturezas fortes e completas. Nesse modo de proceder, a sociedade, tão violentamente injusta na aparência, é talvez sublime. Diverte-se com os bufões, sem lhes pedir outra coisa senão prazer, e esquece-os prontamente; ao passo que, para dobrar o joelho ante a grandeza, pede-lhe divinas magnificências. Para cada coisa, a sua lei: o diamante eterno deve ser sem mácula, a criação momentânea da moda tem o direito de ser leviana, esquisita e sem consistência. Assim, apesar de seus erros, talvez Luciano triunfe às mil maravilhas, basta-lhe aproveitar uma veia feliz, ou achar-se em boa companhia; mas, se encontra um anjo mau, irá até o fundo do inferno. É um brilhante conjunto de belas qualidades bordadas sobre um fundo demasiado frágil; a idade carrega as flores, e lá um dia não resta mais que o tecido; e, se o tecido é mau, só se vê um trapo. Enquanto for jovem, Luciano

agradará; mas, aos trinta anos, em que posição estará ele? Tal a pergunta que se devem fazer aqueles que o estimam sinceramente. Se eu fosse o único a pensar desse modo a respeito de Luciano, teria talvez evitado desgostá-la tanto com a minha sinceridade; mas, além de que contornar com banalidades as perguntas formuladas por sua solicitude me parecia indigno da senhora, cuja carta é um brado de angústia, e indigno de mim, de quem faz tão alta estima, os meus amigos que conheceram Luciano são unânimes neste juízo: vi pois o cumprimento de um dever na manifestação da verdade, por mais terrível que seja.

Tudo se pode esperar de Luciano, tanto no bem como no mal. Tal o nosso pensamento, numa única frase em que esta carta se resume.

Se os acasos da sua vida, agora tão miserável e precária, levarem o poeta para junto da senhora, use de toda a sua influência para conservá-lo no seio da família; pois, até que seu caráter tenha adquirido firmeza, Paris será sempre perigosa para ele. Luciano os chamava, à senhora e a seu marido, de seus anjos da guarda, e sem dúvida os esqueceu; mas se lembrará dos dois no momento em que, acossado pela tempestade, só terá para asilo a sua família; conserve-lhe pois o seu afeto, minha senhora, de que ele há de ter necessidade.

Aceite, senhora, as sinceras homenagens de um homem de quem são conhecidas as suas preciosas qualidades e que muito respeita as suas maternais inquietações para aqui oferecer-lhe os seus préstimos, confessando-se seu dedicado servidor

D'ARTHEZ

Dois dias depois de recebida essa resposta, Eva foi obrigada a contratar uma ama, pois seu leite secara. Depois de ter feito um deus de seu irmão, via-o depravado pelo exercício das mais belas faculdades; para ela, em suma, ele rolava na lama. A nobre criatura não sabia transigir com a probidade, com a delicadeza, com todas as religiões domésticas cultivadas no lar da família, ainda tão puro e radiante no fundo da província. David tivera pois razão em suas previsões. Quando as preocupações que lhe obscureciam a fronte tão branca foram confiadas por Eva ao marido, numa dessas límpidas conversações em que duas criaturas amantes podem tudo dizer, David pronunciou consoladoras palavras. Embora tivesse os olhos rasos d'água ao ver o belo seio da mulher estancado pela dor e aquela mãe desesperada por não poder cumprir seu dever maternal, tranquilizou a esposa, dando-lhe algumas

esperanças.

— Bem, minha filha, teu irmão pecou pela imaginação. É tão natural a um poeta querer as suas vestes de púrpura e azul, corre com tanta pressa aos festins... O poeta é uma ave que se deixa seduzir pelo brilho e pelo luxo com tamanha boa-fé que Deus o desculpa quando a sociedade o condena!

— Mas ele nos mata! — exclamou a pobre mulher.

— Mata-nos hoje como nos salvava há alguns meses, enviando-nos as primícias de seu ganho! — respondeu o bom David, que teve o discernimento de ver que o desespero levava sua mulher além dos limites e que ela em breve voltaria a seu amor por Luciano. Dizia Mercier em seu *Quadro de Paris*,^[385] há cerca de cinquenta anos, que a literatura, a poesia, as letras e as ciências, que as criações do cérebro não podiam jamais alimentar um homem; e Luciano, na sua qualidade de poeta, não acreditou na experiência de cinco séculos. Não se colhem as searas regadas a tinta (quando se colhem) senão dez a doze anos após a sementeira, e Luciano tomou a erva pela espiga. Pelo menos terá aprendido a vida. Depois de ter sido juguete de uma mulher, devia ser juguete do mundo e das falsas amizades. A experiência que adquiriu foi paga bastante caro, eis o que aconteceu. Diziam nossos avós: “Contanto que um filho de família volte com as duas orelhas e a honra salva, tudo está bem...”.

— A honra! — exclamou a pobre Eva. — Ai! a quantas virtudes não faltou Luciano!... Escrever contra a própria consciência!... Atacar ao melhor amigo!... Aceitar o dinheiro de uma atriz!... Mostrar-se com ela!... Deixar-nos na miséria!...

— Oh! isso, isso não é nada!... — exclamou David, que se deteve a tempo.

Ia escapar-lhe o segredo da falsificação cometida pelo cunhado, e infelizmente Eva, ao perceber o seu gesto, sentiu uma vaga inquietação.

— Como nada? — retrucou ela. — E como nos arranharemos para pagar os três mil francos?

— Em primeiro lugar, teremos a renovação do arrendamento de nossa tipografia a Cérizet. Nos últimos seis meses, os quinze por cento que lhes dão os Cointet sobre os trabalhos feitos para eles lhe

renderam seiscentos francos e ele conseguiu ganhar quinhentos francos com outras encomendas.

— Se os Cointet sabem disso, talvez não renovem o arrendamento; ficarão receosos dele — disse Eva, — pois Cérizet é um homem perigoso.

— E que importa? — exclamou Séchard. — Daqui a alguns dias estaremos ricos! Uma vez Luciano rico, meu anjo, só terá virtudes...

— Ah, David, David! O que deixaste escapar! Quer dizer que Luciano, na miséria, não teria forças contra o mal? Pensas dele o mesmo que o sr. D'Arthez! Não há superioridade sem força, e Luciano é fraco... Que vale um anjo que não pode ser tentado?

— Oh! É uma natureza que só é bela no seu meio, na sua esfera, no seu firmamento. Luciano não é feito para lutar, eu lhe pouparei a luta. Olha! Já estou muito perto dos resultados para que não te inicie nos meios.

Tirou do bolso várias folhas de papel branco in-octavo, brandiu-as triunfalmente e colocou-as nos joelhos da mulher.

VIII – UMA VISTA D'OLHOS À INDÚSTRIA DO PAPEL

— Uma resma deste papel, em formato *grand-raisin*, não custará mais de cinco francos — disse ele, fazendo Eva examinar as amostras, a qual mostrava uma surpresa infantil.

— Pois bem, mas como fizeste essas experiências? — indagou ela.

— Com uma velha peneira de crina que pedi a Marion.

— E ainda não te dás por satisfeito?

— A questão não está no fabrico, e sim no preço de custo da pasta. Ah, minha filha! Sou apenas um dos últimos que entraram nessa via difícil. A sra. Masson, desde 1794, procurava converter os papéis impressos em papel branco; conseguiu-o, mas a que preço! Na Inglaterra, por volta de 1800, o marquês de Salisbury tentava, como Séguin em 1801, na França, empregar palha na fabricação do papel. Nosso caniço comum, o *Arundo phragmitis*, forneceu as folhas de papel que aí tens. Mas vou empregar as urtigas, os cardos; pois, para manter o baixo custo da matéria-prima, cumpre recorrer a substâncias

vegetais que possam dar nos pântanos e nos maus terrenos: serão então baratíssimas. Todo o segredo consiste no preparo a dar a essas plantas. Neste momento, o meu processo ainda não é bastante simples. Pois bem, apesar desta dificuldade, tenho certeza de dar ao fabrico do papel na França o privilégio de que goza a nossa literatura, fazendo dele um monopólio para o nosso país, como os ingleses têm o do ferro, o da hulha e o da olaria comum. Quero ser o Jacquart[386] da papelaria.

Eva ergueu-se, movida por um entusiasmo e admiração que a singeleza de David excitava; abriu os braços e apertou-o contra o coração, pousando a cabeça em seu ombro.

— Tu me recompensas como se eu já tivesse encontrado — disse ele.

Como única resposta, Eva mostrou seu belo rosto inundado de lágrimas, e ficou um momento sem poder falar.

— Não beijo o homem de gênio — disse ela —, mas o consolador! A uma glória tombada, opões uma glória que se eleva. Ao pesar que me causa o rebaixamento de um irmão, opões a grandeza do marido... Sim, serás grande como os Graindorge,[387] os Rouvet,[388] os Van Robais,[389] como o persa que nos deu a garança, como todos esses homens de que me falaste, cujos nomes permanecem obscuros, porque, aperfeiçoando uma indústria, fizeram o bem sem alarde.

— Que estarão eles fazendo a esta hora?... — dizia Bonifácio.

O Cointet grande passeava na Place du Mûrier com Cérizet, examinando as sombras da mulher e do marido que se desenhavam atrás das cortinas de musselina; pois vinha conversar diariamente à meia-noite com Cérizet, encarregado de vigiar os mínimos passos de seu antigo patrão.

— Com certeza ele lhe está mostrando os papéis que fabricou esta manhã — respondeu Cérizet.

— De que substâncias se serviu? — indagou o fabricante de papel.

— Impossível adivinhá-lo — respondeu Cérizet. — Fiz um buraco no telhado, espiei por cima e vi o meu homenzinho, durante a noite inteira, fervendo a pasta na caldeira de cobre; por mais que examinasse suas provisões amontoadas num canto, só o que pude notar é que as matérias-primas se pareciam com montes de filaça...

— Não vá mais longe — disse Bonifácio Cointet com voz untuosa a seu espião, — não ficaria direito!... A sra. Séchard lhe proporá a renovação do arrendamento da tipografia; diga-lhe que quer fazer-se impressor, ofereça a metade do que valem o privilégio e o material, e, se consentirem, venha procurar-me. Em todo caso, vá arrastando a coisa... Eles estão sem dinheiro?

— Sem um vintém! — respondeu Cérizet.

— Sem um vintém — repetiu o Cointet grande. “Eles são meus”, pensou ele.

A casa Métivier e a casa Irmãos Cointet reuniam a qualidade de banqueiros à sua profissão de papeleiros-impressores, título pelo qual se guardavam aliás de pagar patente. O fisco ainda não encontrou meios de controlar os negócios comerciais a ponto de forçar todos os que se fazem sub-repticiamente de banqueiros a tirar privilégio de banqueiro, o qual em Paris, por exemplo, custa quinhentos francos. Mas os irmãos Cointet e Métivier, mesmo sendo o que na Bolsa se denomina *pescadores*, não deixavam de movimentar entre si algumas centenas de mil francos por trimestre, nas praças de Paris, de Bordeaux e de Angoulême. Ora, na mesma tarde a casa Irmãos Cointet recebera de Paris os três mil francos de letras falsificadas por Luciano. O Cointet grande imediatamente construíra sobre essa dívida uma formidável máquina dirigida, como se vai ver, contra o paciente e pobre inventor.

IX – DOS PROCURADORES DE PROVÍNCIA EM GERAL E DE MESTRE PETIT-CLAUD EM PARTICULAR

No dia seguinte, às sete da manhã, passeava Bonifácio Cointet ao longo da represa que alimentava sua vasta fábrica de papel, e cujo ruído cobria o das vozes. Esperava-o um homem dos seus vinte e nove anos, há seis semanas solicitador junto ao Tribunal de Primeira Instância de Angoulême, e chamado Pedro Petit-Claud.

— O senhor não cursou o colégio de Angoulême ao mesmo tempo que David Séchard? — indagou o Cointet grande, saudando o jovem procurador, que bem cuidara de não faltar à chamada do rico

fabricante.

— Sim, senhor — respondeu Petit-Claud, ajustando o passo pelo do Cointet grande.

— E reataram as relações.

— Encontramo-nos quando muito umas duas vezes depois do seu regresso. Não podia ser de outro modo: eu vivia mergulhado no cartório ou no tribunal; e nos domingos ou feriados estudava para completar minha instrução, pois esperava tudo de mim mesmo...

Cointet abanou a cabeça aprovativamente.

— Quando nos tornamos a encontrar, David perguntou-me o que fazia eu. Disse-lhe que, depois de cursar direito em Poitiers, me tornara primeiro escrevente do sr. Olivet, a quem esperava um dia suceder... Tinha maiores relações com Luciano Chardon, que agora se faz chamar De Rubempré, o amante da sra. de Bargeton, o nosso grande poeta, o cunhado, enfim, de David Séchard.

— Pode então ir participar sua nomeação a David e oferecer-lhe os seus serviços — disse Cointet.

— Não é costume — respondeu o jovem solicitador.

— Ele nunca teve processos e não tem solicitador, o senhor bem pode procurá-lo — respondeu Cointet, que examinava o pequeno solicitador ao abrigo das suas lentes escuras.

Filho de um alfaiate do Houmeau, desdenhado por seus companheiros de colégio, Pedro Petit-Claud parecia ter certa porção de fel extravasada no sangue. Seu rosto oferecia uma dessas colorações de tons sujos e confusos que acusam doenças antigas, as vigílias da miséria e, quase sempre, maus sentimentos. O estilo familiar oferece uma expressão que pode pintar esse jovem em duas palavras: ele era desabrido e áspero. Sua voz rachada harmonizava-se com o azedume da face, com o seu aspecto raquítico e com a cor indecisa de seus olhos de pega. Os olhos de pega, segundo uma observação de Napoleão, são um índice de improbidade. “Repare em fulano”, dizia ele a Las Cases[390] em Santa Helena, falando de um de seus confidentes que fora forçado a despachar por malversações, “não sei como pude enganar-me por tanto tempo; ele tem olhos de pega.” Assim, depois de ter bem examinado o pequeno solicitador magricela, picado de bexiga,

de cabelos raros, cuja fronte já se confundia com o crânio, quando o viu já a dar-se ares, com o punho no quadril, o Cointet grande disse consigo: “Eis o meu homem”. De fato, Petit-Claud, farto de desprezos, devorado por um corrosivo desejo de triunfar, tivera a audácia, embora sem fortuna, de comprar o lugar de seu antecessor por trinta mil francos, contando com algum casamento para saldar a dívida; e, conforme o costume, fiava-se no patrão para lhe conseguir uma esposa, pois o predecessor tem sempre interesse em casar o sucessor, para que lhe paguem o seu cargo. Petit-Claud contava ainda mais consigo mesmo, pois não deixava de possuir certa superioridade, rara na província, mas que tinha origem no seu rancor. Grande ódio, grandes esforços.

Há grande diferença entre os solicitadores de Paris e os da província, e o Cointet grande era muito esperto para que não se aproveitasse das pequenas paixões a que obedecem esses pequenos solicitadores. Em Paris, um solicitador notável, e existem muitos, comporta um pouco das qualidades que distinguem um diplomata: o número dos negócios, a grandeza dos interesses, a amplitude das questões que lhe são confiadas dispensam-no de ver no processo um meio de fortuna. Arma ofensiva ou defensiva, o processo não é para ele, como outrora, objeto de lucro. Na província, pelo contrário, os solicitadores cultivam o que nos cartórios de Paris se denomina de *miudezas*, essa multidão de pequenas formalidades que aumentam as custas e consomem papel timbrado. Tais bagatelas ocupam o solicitador da província, que não vê senão custas onde o solicitador de Paris só se preocupa com os honorários. Os honorários são o que o constituinte deve, além das custas, ao solicitador, pela conduta mais ou menos hábil do seu caso. O fisco fica com a metade das custas, ao passo que os honorários são totalmente para o solicitador. Digamo-lo com franqueza: os honorários pagos raramente estão em harmonia com os honorários pedidos e devidos pelos serviços que presta um bom solicitador. Os solicitadores, advogados e médicos de Paris, como as cortesãs com os seus amantes ocasionais, são excessivamente prevenidos contra a gratidão de seus clientes. O cliente antes e depois do processo poderia constituir dois admiráveis quadros de costumes

dignos de Meissonier,[391] e que seriam sem dúvida encarecidos pelos solicitadores honorários. Existe mais outra diferença entre o solicitador de Paris e o da província. O de Paris raramente advoga, às vezes faz alegações verbais no tribunal; mas, em 1822, na maioria dos departamentos (depois os advogados pulularam) os solicitadores eram advogados e eles mesmos pleiteavam as suas causas. Dessa dupla vida resulta um duplo trabalho que dá ao solicitador de província os vícios intelectuais do advogado, sem lhe tirar as pesadas obrigações do solicitador. O solicitador de província se torna tagarela e perde essa lucidez de julgamento tão necessária à conduta dos negócios. Quando assim se desdobra, um homem superior muita vez encontra em si mesmo dois homens medíocres. Em Paris, o solicitador, não se desperdiçando em palavras no tribunal, não advogando muitas vezes o pró e o contra, pode conservar retidão nas ideias. Se prepara a balística do Direito, se revolve o arsenal dos recursos que apresentam as contradições da jurisprudência, conserva a sua convicção sobre o processo ao qual se esforça por preparar uma vitória. Em suma, o pensamento embriaga muito menos que a palavra. À força de falar, um homem acaba por acreditar no que diz; ao passo que se pode agir contra o próprio pensamento sem viciá-lo e ganhar uma causa má sem sustentar que seja boa, como o faz o advogado ao pleitear. É assim que um velho solicitador de Paris pode dar um bom juiz, muito melhor do que o seria um velho advogado. Um solicitador de província tem pois razões bastantes para ser um homem medíocre: esposa pequenas paixões, conduz pequenas causas, vive descobrindo custas, abusa do código de processo e pleiteia! Numa palavra, tem muita doença junta. Assim, quando se encontra entre os solicitadores de província um homem notável é que é verdadeiramente superior.

— Eu supunha, senhor, que me mandara chamar para os seus negócios — respondeu Petit-Claud, fazendo com essa observação um epigrama com o olhar que lançou às impenetráveis lentes do Cointet grande.

— Nada de rodeios — replicou Bonifácio Cointet. — Escute-me...

Depois dessa frase, prenhe de confidências, Cointet foi sentar-se num banco, convidando Petit-Claud a imitá-lo.

— Quando o sr. du Hautoy passou por Angoulême em 1804, a caminho de Valência, na qualidade de cônsul, aqui travou relações com a atual sra. de Sénonches, então srta. Zeferina, e dela teve uma filha — disse Cointet em voz baixa ao ouvido de seu interlocutor. — Sim — continuou, ante um gesto de surpresa de Petit-Claud —, o casamento da srta. Zeferina com o sr. de Sénonches efetuou-se logo depois desse parto clandestino. A filha, criada no campo em casa de minha mãe, é a srta. Francisca de La Haye, de quem cuida a sra. de Sénonches, que, segundo o costume em tais casos, é sua madrinha. Como minha mãe, caseira da velha sra. de Cardanet, avó de Zeferina, sabia o segredo da única herdeira dos Cardanet e dos Sénonches do ramo mais antigo, fui encarregado de aplicar a pequena soma que o sr. Francis du Hautoy destinou naquela época à sua filha. Minha fortuna se fez com esses dez mil francos, que montam hoje a trinta mil. A sra. de Sénonches sempre dará o enxoval, a baixela e alguma mobília à sua afilhada; mas eu posso conseguir-lhe a menina, meu rapaz — acrescentou Cointet, batendo no joelho de Petit-Claud. — Desposando Francisca de La Haye, o senhor aumentará a sua clientela com grande parte da aristocracia de Angoulême. Essa aliança pela mão esquerda lhe oferece magnífico futuro... A posição de advogado-solicitador parecerá suficiente: não se exige mais, eu o sei.

— Mas o que é preciso fazer? — indagou avidamente Petit-Claud —, pois o senhor tem mestre Cachan como solicitador...

— Também não deixarei bruscamente Cachan pelo senhor; só mais tarde há de ter a minha clientela — disse finalmente o Cointet grande. — O que deve fazer, pergunta o amigo? Oh! mas os negócios de David Séchard. Esse pobre-diabo tem mil escudos de letras a pagar-nos; não pagará; o senhor o defenderá contra as diligências de modo a aumentar enormemente as custas... Não se preocupe, mexa-se, acumule incidentes... Doublon, meu oficial de diligências, que será encarregado de intimá-lo, sob a direção de Cachan, não irá com panos quentes. A bom entendedor, meia palavra basta. Agora, meu rapaz...

Fez-se uma pausa eloquente, enquanto aqueles dois homens se entrefitaram.

— Nós nunca nos vimos — tornou Cointet —, eu não lhe disse nada,

o senhor não sabe coisa alguma a respeito do sr. du Hautoy, nem da sra. de Sénonches, nem da srta. de La Haye; apenas, quando for tempo, dentro de dois meses, o senhor pedirá a mão da referida jovem. Quando tivermos de nos ver, venha aqui à noite. Não nos escrevamos.

— Pretende então arruinar a Séchard? — indagou Petit-Claud.

— Não inteiramente; mas é preciso mantê-lo algum tempo em prisão...

— E com que fim?

— Julga-me tão tolo que o diga? Se tiver a esperteza de adivinhar, terá também a de calar-se.

— O velho Séchard é rico — disse Petit-Claud, já penetrando nas ideias de Bonifácio e divisando uma causa de insucesso.

— Enquanto for vivo, o pai não dará um *liard* ao filho; e o velho tipógrafo ainda não tem desejos de passar desta para melhor...

— Está combinado! — disse Petit-Claud, que se decidiu prontamente. — Não lhe peço garantias, sou solicitador; se o senhor me enganasse, teríamos de ajustar contas.

“O velhaco irá longe”, pensou Cointet, despedindo-se de Petit-Claud.

X – CURSO PÚBLICO E GRATUITO DAS CONTAS DE RECÂMBIO PARA OS QUE NÃO ESTÃO EM CONDIÇÕES DE PAGAR AS SUAS PROMISSÓRIAS

No dia seguinte ao dessa conferência, 30 de abril, os irmãos Cointet mandaram apresentar a primeira das três letras falsificadas por Luciano. Por desgraça, o documento foi entregue à pobre sra. Séchard, que, reconhecendo a imitação da assinatura de seu marido por Luciano, chamou David e disse-lhe à queima-roupa:

— Não assinaste esta letra...

— Não. Teu irmão tinha tanta pressa que assinou por mim...

Eva devolveu a letra ao cobrador da casa Irmãos Cointet, dizendo-lhe:

— Não estamos prevenidos.

Depois, sentindo-se desfalecer, subiu para o quarto, aonde David a

seguiu.

— Meu amigo — disse Eva em voz moribunda —, corre à casa dos srs. Cointet, eles terão consideração contigo; pede-lhes que esperem; de resto, observa-lhes que, na renovação do arrendamento de Cérizet, te deverão mil francos.

David dirigiu-se imediatamente à casa de seus inimigos. Um tipógrafo pode sempre tornar-se impressor, mas nem sempre existe um negociante num hábil tipógrafo; assim, David, pouco conhecendo de negócios, ficou confuso perante o Cointet grande, quando depois de lhe apresentar atrapalhadamente as desculpas e formular o pedido, com a garganta apertada e o coração palpitante, recebeu esta resposta:

— Isto não é conosco, foi Métivier quem nos remeteu a letra, e Métivier nos pagará. Dirija-se ao sr. Métivier.

— Oh! — disse Eva ao saber dessa resposta —, uma vez que a letra voltar ao sr. Métivier, podemos ficar descansados.

No dia seguinte, Vítor Angelo Hermenegildo Doublon, oficial de diligências dos srs. Cointet, fez o protesto às duas horas, momento em que a Place du Mûrier está cheia de gente, e apesar do cuidado que teve de conversar à porta de entrada com Marion e Kolb, o protesto não era menos sabido por todo o comércio de Angoulême nessa mesma noite. E acaso poderiam as maneiras hipócritas de Doublon, a quem o Cointet grande recomendara as maiores considerações, salvar Eva e David da ignomínia comercial que resulta de uma suspensão de pagamento? Imaginem! Aqui, as prolixidades vão parecer demasiado breves. Noventa por cento dos leitores serão atraídos pelos seguintes pormenores como pela novidade mais picante. Ficará assim mais uma vez provada a verdade deste axioma: não há nada menos conhecido do que aquilo que todo mundo deve saber, A LEI!

Por certo, para a imensa maioria dos franceses, o mecanismo de uma das engrenagens bancárias, bem descrito, oferecerá o interesse de um capítulo de viagem por um país estrangeiro. Quando um negociante envia da cidade onde tem o seu estabelecimento uma das suas letras a uma pessoa residente noutra cidade, como se presumia que fizera David para obsequiar a Luciano, transforma a operação tão simples, de uma letra passada entre negociantes da mesma terra para

fins comerciais, a algo parecido com a letra de câmbio sacada de uma praça para outra. Assim, tomando a Luciano as três letras, Métivier era obrigado, para receber-lhes a importância, a remetê-las aos srs. Cointet, seus correspondentes. Daí, uma primeira perda para Luciano, designada sob o nome de *comissão por câmbio de praça* e que se traduzira nuns tantos por cento abatidos em cada letra, fora o desconto. As letras Séchard tinham portanto passado para a categoria dos negócios bancários. Não poderiam imaginar até que ponto a qualidade de banqueiro, a par do título augusto de credor, transforma a condição do devedor! Assim, em *transações bancárias* (notem bem esta expressão), logo que uma letra transmitida da praça de Paris para a praça de Angoulême fica insolável, os banqueiros colocam-se na obrigação de trocar o que a lei denomina uma *conta de recâmbio*. Trocadilhos à parte, mas na verdade nunca os romancistas inventaram conto mais inverossímil do que esse; pois eis aqui as engenhosas manigâncias à moda de Mascarilho[392] que certo artigo do código comercial autoriza e cuja elucidação lhes demonstrará o que de atrocidades não se oculta sob esta palavra terrível: a *Legalidade*!

Logo que Doublon mandou registrar seu protesto, foi pessoalmente levá-lo aos srs. Cointet. O oficial tinha conta corrente com esses lince de Angoulême, e concedia-lhes um crédito de seis meses que o Cointet grande elevava para um ano pela maneira como o saldava, apenas dizendo de mês em mês àquele sublince: “Doublon, não precisas de dinheiro?”. E ainda não é tudo! Doublon favorecia com o desconto aquela poderosa casa, que ganhava assim alguma coisa em cada diligência, um nada, uma miséria, um franco e cinquenta centimos por protesto. Cointet grande sentou-se tranquilamente à secretária, apanhou um papel timbrado de trinta e cinco centimos, enquanto conversava com Doublon de modo a informar-se da verdadeira situação dos comerciantes.

— E então, está satisfeito com o Gannerac?

— Ele não vai mal. Pudera! uma empresa de transportes...

— O fato é que ele tem fôlego! Disseram-me que a mulher lhe dava muitas despesas...

— A ele? — exclamou Doublon com ar finório.

E o lince, que acabava de ajustar o papel, escreveu em *ronde* o sinistro título sob o qual lançou a conta seguinte (*sic*):

CONTA DE RECÂMBIO E CUSTAS

De uma letra de 1.000 francos, datada de Angoulême a 10 de fevereiro de 1822, aceite por SÉCHARD FILHO, à ordem de LUCIANO CHARDON, chamado DE RUBEMPRÉ, passada à ordem de MÉTIVIER, e à nossa ordem, vencida a 30 de abril, protestada por DOUBLON, oficial de diligências, a 1º de maio de 1822.

<i>Principal.....</i>	<i>1.000,00</i>
<i>Protesto.....</i>	<i>12,35</i>
<i>Comissão de meio %.....</i>	<i>5</i>
<i>Comissão do corretor, de um quarto %.....</i>	<i>2,50</i>
<i>Selo de nosso retorno e do presente.....</i>	<i>1,35</i>
<i>Juros e porte de cartas.....</i>	<i>3</i>
	<i>1.024,20</i>

<i>Câmbio de praça a um e um quarto % sobre o</i>	
<i>total acima.....</i>	<i>13,25</i>
<i>Total.....</i>	<i>1.037,45</i>

Mil e trinta e sete francos e quarenta e cinco centimos, soma da qual nos reembolsamos em nossa letra à vista contra o sr. Métivier, Rue Serpente, Paris, à ordem do sr. Gannerac, do Houmeau.

Angoulême, 2 de maio de 1822.
COINTET, Irmãos

Abaixo dessa pequena conta, extraída com toda a facilidade de um profissional, pois não deixara de falar com Doublon, Cointet escreveu a seguinte declaração:

Nós, abaixo-assinados, Postel, farmacêutico no Houmeau, e Gannerac, comissário de transportes, negociantes nesta cidade, certificamos que o câmbio de nossa praça sobre Paris é de um e um quarto por cento.

Angoulême, 3 de maio de 1822.

— Olha, Doublon, faça-me o favor de ir a Postel e a Gannerac pedir-lhes que assinem esta declaração, e traga-ma amanhã de manhã.

E Doublon, a par daqueles instrumentos de tortura, lá se foi, como se se tratasse da coisa mais simples do mundo. Evidentemente, ainda que o protesto fosse entregue em envelope fechado, como se faz em Paris, toda Angoulême devia estar ciente da infeliz condição em que se encontravam os negócios do pobre Séchard. E de quantas acusações não foi alvo a sua apatia! Uns diziam-no perdido pelo excessivo amor que tinha à mulher; acusavam-no outros de demasiada afeição ao cunhado. E que atrozes conclusões tirava cada qual de tais premissas! Jamais se devia perfilhar os interesses do próximo! Aprovavam a dureza do velho Séchard para com o filho, admiravam-no!

Agora, vós todos que, por quaisquer motivos, esqueceis de *honrar os vossos compromissos*, examinai bem os processos, perfeitamente legais, por meio dos quais, em dez minutos, se faz um capital de mil francos render 28 francos de juros:

O primeiro artigo dessa conta de recâmbio é a única coisa incontestável.

O segundo artigo contém o quinhão do fisco e do oficial de diligências. Os seis francos que o Tesouro percebe, registrando o pesar do devedor e fornecendo o papel timbrado, farão persistir o abuso, ainda por muito tempo! Como aliás já sabeis, esse artigo dá um lucro de um franco e cinquenta cêntimos ao banqueiro, em consequência do desconto feito por Doublon.

A comissão de meio por cento, objeto da terceira verba, é baseada no engenhoso pretexto de que não receber um pagamento equivale, em assuntos bancários, a descontar uma letra. Embora seja absolutamente o contrário, nada é tão semelhante a dar mil francos como não os receber. Quem quer que haja apresentado letras a desconto sabe que, além dos seis por cento legalmente devidos, o banqueiro percebe, sob o modesto nome de comissão, uns tantos por cento que representam os juros que lhe dá, acima da taxa legal, o gênio com que valoriza os seus fundos. Quanto mais dinheiro pode ganhar, mais exige de vós. Por isso é preciso escolher banqueiro não muito esperto, pois sai mais barato. Mas será que há banqueiros pouco espertos?

A lei obriga o banqueiro a mandar certificar por um agente de câmbio a respectiva taxa. Nas praças assaz desgraçadas para não terem Bolsa, é o agente de câmbio substituído por dois negociantes. A comissão chamada de corretagem devida ao agente é fixada em um quarto por cento da soma constante da letra protestada. Estatuiu-se o costume de considerar tal comissão entregue aos comerciantes que substituem o agente, e o banqueiro a guarda sem mais nem menos no seu caixa. Daí, o terceiro artigo dessa indizível conta.

O quarto artigo compreende o custo do papel timbrado em que é redigida a conta de recâmbio e o do selo daquilo que é tão engenhosamente chamado *conta de recâmbio*, isto é, a nova letra sacada pelo banqueiro contra o seu colega para se reembolsar.

O quinto artigo compreende o preço do porte de cartas e os juros legais da quantia durante todo o tempo em que possa faltar no caixa do banqueiro.

Enfim, o câmbio da praça, que constitui o próprio objeto dos negócios bancários, vem a ser o que custa obter pagamento de uma praça para outra.

Agora, destrinchem essa conta, em que, conforme a maneira de calcular do polichinelo da canção napolitana tão bem interpretada por Lablache,^[393] 15 e 5 são 22! Evidentemente, a assinatura dos srs. Postel e Gannerac era uma questão de complacência: quando necessário, os Cointet certificavam para Gannerac o que Gannerac certificava para os Cointet. Era a realização prática do conhecido provérbio “Uma mão lava a outra”. Tendo os irmãos Cointet conta corrente com Métivier, uma letra devolvida não tinha outro efeito senão uma linha a mais no *deve* ou no *haver*.

Essa conta fantástica reduzia-se pois na verdade aos mil francos devidos, ao protesto de treze francos e a meio por cento de juros por um mês de atraso, talvez uns mil e dezoito francos ao todo.

Se um banco tem todos os dias, em média, uma conta de recâmbio sobre um valor de mil francos, percebe diariamente 28 francos por graça de Deus e da constituição bancária, formidável realeza inventada pelos judeus no século XII e que hoje domina os tronos e os povos.

Em outros termos, mil francos rendem então nesse estabelecimento

28 francos por dia ou 10.220 francos por ano. Triplicai a média das contas de recâmbio e encontrareis um rendimento de 30.000 francos, produzido por esses capitais fictícios. Assim, nada mais amorosamente cultivado do que as contas de recâmbio.

Se David Séchard fosse pagar sua letra a 3 de maio, ou mesmo no dia seguinte ao do protesto, os srs. Cointet lhe diriam: “Devolvemos sua letra ao sr. Métivier”, mesmo que esta se encontrasse sobre a sua secretária. A conta de recâmbio é válida na própria tarde do protesto.

Isto, em linguagem de banco de província, se *chama fazer suar os escudos*. Só o porte de cartas produz uns 20.000 francos à Casa Keller, que corresponde com o mundo inteiro; e as contas de recâmbio pagam o camarote da Opéra, a carruagem e a *toilette* da sra. baronesa de Nucingen.[394] O porte de cartas é um abuso tanto mais terrível, visto que os banqueiros se ocupam de dez negócios semelhantes em dez linhas de uma mesma carta.

Coisa estranha! O fisco tem o seu nessa taxa arrancada à desgraça, e o Tesouro Público assim se locupleta com os infortúnios comerciais. Quanto ao banco, lança ao devedor, do alto do seu balcão, esta frase cheia de bom senso: “Por que não se achava prevenido?” e à qual o desgraçado nada pode retrucar. Destarte, a conta de recâmbio é um conto cheio de terríveis peripécias pelo qual os devedores que refletirem sobre esta instrutiva página sentirão doravante um salutar terror.

A 4 de maio, Métivier recebeu dos srs. Cointet a conta de recâmbio, com ordem de perseguir sem trégua em Paris o sr. Luciano Chardon, conhecido por De Rubempré.

XI – ONDE SE VÊ QUE UM SELO DE CINQUENTA CÊNTIMOS FAZ O MESMO QUE UM OBUS EM TRAJETÓRIA E ESTRAGOS

Alguns dias depois, Eva recebeu, em resposta à sua carta ao sr. Métivier, o seguinte bilhete, que a tranquilizou completamente:

Recebi em tempo sua carta de 5 do corrente. Inferi, de suas explicações relativamente à letra de 30 de abril passado, que quis o senhor obsequiar a seu cunhado, o sr. de Rubempré, o qual faz bastantes despesas para que obrigá-lo a pagar constitua um serviço prestado ao senhor: acha-se ele em situação de não se deixar perseguir por muito tempo. Se o seu digno cunhado não pagasse, eu me fiaria na lealdade da sua velha casa. E, sem mais, subscrevo-me, como sempre, seu devotado servidor

MÉTIVIER

— Pois bem — disse Eva a David —, meu irmão saberá por essa diligência que não pudemos pagar.

Que transformação não anunciava esta frase em Eva? O crescente amor que lhe inspirava o caráter de David, cada vez mais bem conhecido, tomava em seu coração o lugar do afeto fraternal. Mas a quantas ilusões não dizia ela adeus!

Vejamos agora todo o caminho que percorreu a conta de recâmbio na praça de Paris. Um terceiro portador, nome comercial daquele que possui uma letra por transmissão, é livre, nos termos da lei, de perseguir, entre os diversos devedores da referida letra, unicamente aquele que lhe ofereça maiores probabilidades de pronto pagamento. Em virtude de tal faculdade, Luciano foi perseguido pelo agente do sr. Métivier. Eis quais foram as fases dessa diligência, aliás completamente inútil. Métivier, atrás do qual se ocultavam os Cointet, bem sabia da insolvência de Luciano; mas, sempre dentro do espírito da lei, a insolvência *de fato* não existe *em direito* senão depois de ter sido verificada.

A impossibilidade de obter de Luciano o pagamento da letra foi pois verificada da seguinte maneira:

O agente de Métivier denunciou a Luciano no dia 5 de maio a conta de recâmbio e o protesto de Angoulême, citando-o para ouvir no Tribunal de Comércio de Paris uma infinidade de coisas, entre outras que seria condenado à prisão como negociante.

Quando lia aquela geringonça, no meio da sua vida de animal acuado, Luciano recebia a notificação de uma sentença obtida à revelia

contra ele no Tribunal de Comércio. Sua amante Corália, ignorando de que se tratava, imaginou que Luciano prestara algum favor ao cunhado; deu-lhe todos os papéis juntos, demasiado tarde. Uma atriz costuma ver tantos atores no papel de oficial de diligências em *vaudevilles* que não acredita em papel timbrado.

Luciano sentiu lágrimas nos olhos, compadeceu-se de Séchard, envergonhou-se de sua falsificação e pretendeu pagar. Naturalmente, foi consultar os amigos sobre o que deveria fazer para ganhar tempo. Mas, quando Lousteau, Blondet, Bixiou, Nathan informaram Luciano do pouco-caso que um poeta devia fazer do Tribunal de Comércio, jurisdição estabelecida para vendeiros, já o poeta se achava às voltas com uma penhora. Via à sua porta aquele pequeno edital amarelo cuja cor desbota os reposteiros, que tem a virtude mais adstringente sobre o crédito, que leva o terror ao coração dos mais modestos fornecedores e que sobretudo gela o sangue nas veias dos poetas bastante sensíveis para criar afeição a esses pedaços de madeira, a esses trapos de seda, a esses retalhos de lã pintalgada, a essas bugigangas denominadas mobília.

Quando vieram carregar os móveis de Corália, o autor das *Boninas* foi procurar um amigo de Bixiou, Desroches, solicitador, que se pôs a rir ao ver Luciano assustado com tão pouca coisa.

— Não é nada, meu caro... Quer ganhar tempo?

— O máximo possível.

— Pois bem, ponha embargos à execução da sentença. Vá falar com um de meus amigos, o solicitador Masson; leve-lhe os seus papéis, ele renovará o embargo, se apresentará em seu lugar e impugnará a competência do Tribunal de Comércio. Isso não apresentará a mínima dificuldade, pois o senhor é um jornalista bastante conhecido. Se for citado perante o tribunal do cível, venha ver-me, que isso é comigo: encarrego-me de mandar passear os que querem aborrecer a bela Corália.

A 28 de maio, Luciano, citado perante o tribunal do cível, foi condenado mais prontamente do que esperava Desroches, pois perseguiam Luciano a todo transe. Autorizada nova penhora, quando o edital amarelo foi mais uma vez dourar os umbrais da porta de Corália

e quiseram carregar os móveis, Desroches, um pouco desapontado por deixar o colega *passar-lhe a perna* (tal foi a sua expressão), opôs-se, alegando, aliás com razão, que o mobiliário pertencia à srta. Corália. Diante disso, o presidente do tribunal mandou ouvir as partes em audiência, sendo então, por sentença, adjudicada à atriz a propriedade dos móveis. Métivier, que apelou dessa sentença, viu a mesma confirmada a 30 de julho.

A 7 de agosto, Cachan recebeu pela diligência um enorme dossiê intitulado:

MÉTIVIER CONTRA SÉCHARD FILHO

E LUCIANO CHARDON

A primeira peça era a linda notinha seguinte, cuja exatidão é garantida, pois foi copiada textualmente:

Letra de 30 de abril, aceite por Séchard

Filho, ordem Luciano de Rubempré

(2 de maio). Conta de recâmbio.....1.037,45 frs.

5 de maio. — Apresentação da conta de

recâmbio e do protesto, com intimação

perante o Tribunal de Comércio

de Paris, para 7 de maio.....8,75

7 de maio. — Julgamento, condenação à

revelia, com mandado de prisão35

10 de maio. — Intimação da sentença.....8,50

12 de maio. — Execução.....5,50

14 de maio. — Auto de penhora.....16

18 de maio. — Auto de afixação de editais.....15,25

19 de maio. — Inserção na imprensa.....4

24 de maio. — Auto de balanço dos objetos a arrestar,

e contendo embargos à execução da sentença

pelo sr. Luciano de Rubempré.....12

27 de maio. — Julgamento do Tribunal,

que, em vista do embargo, envia as

partes perante o tribunal do cível.....35

28 de maio. — Intimação a breve prazo por

<i>Métivier perante o tribunal do cível,</i> <i>com constituição de solicitador.....</i>	<i>6,50</i>
<i>2 de junho. — Julgamento desfavorável</i> <i>que condena Luciano Chardon à conta de</i> <i>recâmbio e deixa a cargo do autor as</i> <i>custas do processo commercia.....</i>	<i>150</i>
<i>6 de junho. — Notificação da sentença.....</i>	<i>10</i>
<i>15 de junho. — Execução.....</i>	<i>5,50</i>
<i>19 de junho. — Auto de penhora, e contendo</i> <i>embargos à mesma pela srta. Corália,</i> <i>que alega pertencer-lhe o mobiliário e</i> <i>solicita comparecer em audiência no</i> <i>caso de prosseguir a penhora.....</i>	<i>20</i>
<i>19 de junho. — Despacho do juiz, que</i> <i>manda ouvir as partes em audiência.....</i>	<i>40</i>
<i>19 de junho. — Sentença que adjudica</i> <i>a propriedade dos móveis à referida</i> <i>srta. Corália.....</i>	<i>250</i>
<i>20 de junho. — Apelação de Métivier</i>	<i>17</i>
<i>30 de junho. — Sentença confirmativa</i> <i>do julgamento em primeira instância.....</i>	<i>250</i>
<i>Total.....</i>	<i>889</i>

<i>Letra de 31 de maio, conta de recâmbio.....</i>	<i>1.037,45 frs.</i>
<i>Intimação a Luciano.....</i>	<i>8,75</i>
<i>Total.....</i>	<i>1.046,20 frs.</i>

<i>Letra de 30 de junho, conta de recâmbio.....</i>	<i>1.037,45 frs.</i>
<i>Intimação a Luciano.....</i>	<i>8,75</i>
<i>Total.....</i>	<i>1.046,20 frs.</i>

Estes documentos vinham acompanhados de uma carta em que Métivier dava ordem ao sr. Cachan de perseguir David Séchard por todos os meios legais. Vítor Angelo Hermenegildo Doublon intimou pois David Séchard, a 3 de julho, perante o Tribunal de Comércio de Angoulême, a fim de efetuar o pagamento da soma total de quatro mil e dezoito francos e oitenta e cinco cêntimos, total das três letras e das despesas feitas. No mesmo dia em que deviam entregar-lhe a intimação

de pagar essa quantia enorme para as suas posses, Eva recebeu esta carta fulminante de Métivier:

SR. SÉCHARD FILHO, IMPRESSOR. — ANGOULÊME

O seu cunhado, sr. Chardon, é um homem de má-fé que colocou sua mobília em nome de uma atriz com quem vive, e o senhor deveria ter-me prevenido lealmente dessas circunstâncias, para não permitir que eu intentasse diligências inúteis, pois não respondeu à minha carta de 10 de maio último. Não estranhe pois que eu lhe solicite imediatamente o reembolso das três letras e de todos os meus gastos.

Com as minhas saudações,

MÉTIVIER

Como não tivesse ouvido falar de mais nada, Eva, pouco entendida em direito comercial, pensava que o irmão havia reparado o seu crime, pagando as letras falsificadas.

— Meu amigo — disse ela ao marido —, corre antes de mais nada à casa de Petit-Claud, explica-lhe a nossa posição e consulta-o.

XII – O QUE SE CHAMA FOGO NOS NEGÓCIOS

— Meu amigo — disse o pobre impressor, entrando no gabinete do condiscípulo, a cuja casa correra precipitadamente —, eu não sabia, quando vieste participar-me tua nomeação e oferecer-me teus serviços, que tão cedo teria necessidade deles.

Petit-Claud estudou a bela face de pensador que lhe apresentava aquele homem sentado numa poltrona à sua frente, pois não prestava atenção aos detalhes de negócios que conhecia muito melhor do que aquele que lhos explicava. Ao ver entrar David aflito, dissera consigo: “Feito o golpe!”.

Tal cena é assaz frequente em gabinetes de solicitadores. “Por que será que os Cointet o perseguem?...”, indagava consigo Petit-Claud.

É do gênio dos solicitadores penetrarem tão bem na alma dos constituintes como na dos adversários: devem conhecer tanto o direito como o avesso da trama judiciária.

— Queres ganhar tempo — respondeu afinal Petit-Claud, quando Séchard terminou a sua exposição. — Que tempo precisas? Uns três ou quatro meses?

— Quatro meses! Oh! Estou salvo! — exclamou David, a quem Petit-Claud se afigurava um anjo.

— Pois bem, não tocarão em nenhum de teus móveis, e não poderão prender-te antes de três ou quatro meses... Mas isso vai sair-te caro — respondeu Petit-Claud.

— E que me importa?! — exclamou Séchard.

— Esperas dinheiro? Estás bem certo disso?... — perguntou o solicitador, quase surpreso da facilidade com que o seu cliente mordida a isca.

— Dentro de três meses estarei rico — retrucou o inventor, com a segurança própria dos inventores.

— Teu pai ainda não está no campo-santo e se empenha em permanecer entre as vinhas — respondeu Petit-Claud.

— E então vou eu contar com a morte de meu pai?! — disse David. — Estou na pista de um segredo industrial que me permitirá fabricar sem um fio de algodão um papel tão sólido como o papel da Holanda, e por metade do atual custo do papel de algodão...

— É uma fortuna! — exclamou Petit-Claud, que compreendeu então o plano de Cointet.

— Uma grande fortuna, meu amigo, pois será preciso, daqui a dez anos, dez vezes mais papel do que se gasta hoje. O jornalismo será a loucura da nossa época!

— Ninguém sabe do teu segredo?

— Ninguém, exceto minha mulher.

— Não falaste no teu projeto, no teu programa a alguém... aos Cointet, por exemplo?

— Falei-lhes, mas vagamente, creio eu.

Um relâmpago de generosidade fulgiu na alma envenenada de Petit-Claud, que tentou conciliar tudo, os interesses dos Cointet, os seus e os de Séchard.

— Escuta, David, nós somos camaradas de colégio, eu te defenderei; mas é bom que saibas que essa defesa contra a lei vai custar-te de cinco

a seis mil francos!... Não comprometas a tua fortuna. Creio que serás obrigado a dividir os benefícios de tua invenção com algum dos nossos fabricantes. Terás de ponderar muito antes de comprar ou mandar construir uma fábrica... Será preciso, aliás, obter patente de invenção. Tudo isso demanda tempo e dinheiro. Os oficiais de diligências cairão sobre ti talvez demasiado cedo, apesar das voltas que vamos dar para despistá-los...

— O meu segredo está garantido! — respondeu David com a ingenuidade dos sábios.

— Pois bem, teu segredo será a tua tábua de salvação — continuou Petit-Claud, repellido na sua primeira e leal intenção de evitar um processo com uma transação —, e eu não quero saber dele. Mas ouve-me bem: trata de trabalhar nas entranhas da terra, que ninguém te veja nem possa suspeitar teus meios de execução, senão te roubariam a tábua debaixo dos pés... Um inventor tem muito de ingênuo! Vocês pensam muito em seus segredos para que possam cogitar de tudo. Acabarão por desconfiar do objeto de tuas pesquisas, estás cercado de fabricantes. Cada fabricante, um inimigo! Eu te vejo como um castor no meio dos caçadores; não lhes entregues a tua pele...

— Obrigado, meu bom amigo, já pensei em tudo isso — exclamou Séchard —, mas fico-te agradecido por tanta prudência e solicitude! Não se trata da minha pessoa neste caso. A mim me bastariam mil e duzentos francos de renda, e meu pai deve deixar-me, algum dia, três vezes mais do que isso... Eu vivo pelo amor e pelo pensamento... uma vida celeste!... Trata-se de Luciano e de minha esposa, é para eles que eu trabalho...

— Vamos, assina-me esta procuração, e trata só da tua descoberta. No dia em que for preciso te esconderes por causa da ordem de prisão, eu te avisarei na véspera, pois convém prever tudo. E permite-me que recomende que não deixes entrar em tua casa senão pessoas em quem confies como em ti mesmo.

— Cérizet não quis renovar o arrendamento de minha tipografia, e vieram daí os nossos contratempos financeiros. Lá em casa só me resta portanto Marion, Kolb, um alsaciano que me é dedicado como um cão, minha mulher e minha sogra...

— Escuta — disse Petit-Claud —, cautela com o cão...

— É que tu não o conheces! — exclamou David. — Kolb é como se fosse eu mesmo.

— Deixas que eu o experimente?

— Pois não.

— Bem, então manda-me a bela sra. Séchard, pois é indispensável que ela me passe uma procuração. E pensa bem, meu amigo, que há fogo em teus negócios — disse Petit-Claud ao condiscípulo, prevenindo-o assim de todas as desgraças judiciárias que iam abater-se sobre ele.

“Eis-me acendendo uma vela a Deus, outra ao diabo”, pensou Petit-Claud, depois de acompanhar seu amigo Séchard até a porta do escritório.

Entregue aos cuidados que causa a falta de dinheiro e ao desgosto que lhe provocava o estado da mulher, sucumbida com a infâmia de Luciano, continuava David, apesar de tudo, a martelar no seu problema; ora, enquanto se dirigia da sua casa ao escritório de Petit-Claud, mastigava distraidamente uma haste de urtiga que pusera para amolecer dentro d’água e fazer a maceração utilizada como material para a sua massa. Queria substituir por processos equivalentes as diversas triturações operadas pela maceração, tecelagem ou desgaste de tudo o que se transforma em fio ou trapo. Quando regressava, muito satisfeito da conferência com seu amigo Petit-Claud, deu com uma bolinha de massa na boca; deitou-a na palma da mão, estendeu-a e viu uma pasta superior a todas as composições que já tinha obtido; pois o principal inconveniente das pastas provenientes de vegetais era a falta de uma liga. Assim, a palha dá um papel quebradiço, quase metálico e sonoro. Tais acasos só são encontrados pelos audazes pesquisadores das causas naturais!

“Vou substituir”, pensava ele, “pela ação de uma máquina e de um agente químico a operação que acabo de fazer maquinamente.”

E apareceu ante a mulher com toda a alegria da sua crença na vitória.

— Oh! Não te preocupes, meu anjo — disse David, ao ver que a mulher havia chorado. — Petit-Claud garante-nos alguns meses de

tranquilidade. Haverá gastos; mas, como me disse ele à despedida, “todos os franceses têm o direito de fazer seus credores esperarem, contanto que acabem por lhes pagar o capital, os juros e as custas!”. Pois bem, nós pagaremos...

— E como nos sustentaremos? — disse a pobre Eva, que pensava em tudo.

— Ah! é verdade! — respondeu David, levando a mão à orelha num gesto inexplicável e familiar a quase todas as pessoas embaraçadas.

— Minha mãe tomará conta do nosso pequeno Luciano e eu então poderei trabalhar — disse ela.

— Eva! Ó minha querida Eva! — exclamou David, apertando a mulher contra o peito. — Eva, a dois passos daqui, em Saintes, no século XVI, um dos maiores homens da França, pois não foi somente o inventor dos esmaltes, foi também o glorioso precursor de Buffon e de Cuvier, descobrindo antes deles a geologia, esse bom homem, Bernard de Palissy,[395] em suma, sofria a paixão dos buscadores de segredos, mas via contra si a mulher, os filhos, um bairro inteiro. A mulher vendia os seus utensílios... Ele vagueava pelos campos, incompreendido!... perseguido, apontado a dedo!... Mas eu, eu sou amado...

— Bem-amado! — respondeu Eva, com a plácida expressão do amor seguro de si mesmo.

— Pode-se então sofrer tudo o que sofreu esse pobre Bernard de Palissy, autor das faianças de Écouen, e que Carlos IX excetuou da São Bartolomeu,[396] que deu enfim, à face da Europa, velho, rico e cheio de honrarias, cursos públicos sobre a sua *ciência das terras*, como a chamava ele.

— Enquanto meus dedos tiverem forças para empunhar um ferro de engomar, nada te faltar! — exclamou a pobre mulher, no tom do mais profundo devotamento. — Quando eu era primeira empregada do estabelecimento da sra. Prieur, tinha como amiga uma mocinha de muito senso, Basine Clerget, prima de Postel; pois Basine acaba de participar-me, ao trazer-me a roupa, que vai ficar com a casa da sra. Prieur; eu irei trabalhar com ela...

— Ah! Não há de ser por muito tempo! — respondeu Séchard. — Eu

descobri...

Pela primeira vez, a sublime crença no sucesso, que ampara os inventores e lhes dá coragem de penetrar avante na floresta virgem do país das descobertas, foi acolhida por Eva com um sorriso quase triste, e David baixou a cabeça num gesto fúnebre.

— Ah, meu amigo! Eu não zombo, não rio, não duvido! — exclamou a bela Eva, ajoelhando-se diante do esposo. — Mas vejo como tinhas razão em guardar o mais profundo silêncio sobre as tuas experiências, sobre as tuas esperanças. Sim, meu amigo, os inventores devem ocultar a penosa gestação da sua glória a todo o mundo, até mesmo às suas mulheres!... Uma mulher é sempre mulher. A tua Eva não pôde deixar de sorrir ao ouvir-te dizer “Eu descobri!” pela décima sétima vez nos últimos trinta dias.

David pôs-se a rir de si mesmo com tanta franqueza que Eva lhe tomou a mão e beijou-a santamente. Foi um momento delicioso, uma dessas rosas de amor e de ternura que desabrocham à beira dos mais áridos caminhos da miséria e às vezes no fundo dos precipícios.

XIII – O PAI E OS DOIS CRIADOS

Eva redobrou de coragem ao ver a desgraça redobrar de fúria. A grandeza do marido, a sua ingenuidade de inventor, as lágrimas que por vezes surpreendeu nos olhos daquele homem de coração e de poesia, tudo contribuiu para desenvolver nela uma inaudita resistência. Mais uma vez recorreu ao meio que já lhe dera tão bons resultados. Escreveu ao sr. Métivier para que anunciasse a venda da tipografia, propondo-se a pagar do preço que obtivesse e pedindo-lhe que não arruinasse David com custas inúteis. Diante dessa carta sublime, Métivier se fez de morto; seu primeiro empregado respondeu que, na ausência do sr. Métivier, não poderia assumir a responsabilidade de fazer parar a ação, pois tal não era o costume de seu patrão em negócios. Eva propôs a reforma das letras, pagando todas as custas, e o empregado consentiu, contanto que o pai de David Séchard desse a sua garantia por meio de um aval. Eva dirigiu-se então a pé a Marsac, acompanhada de sua mãe e de Kolb. Enfrentou o velho vinhateiro, fez-

se amável, conseguiu desanuviar aquela velha face; mas, quando, com o coração a saltar, falou no aval, viu uma súbita e completa mudança naquele rosto *ebriográfico*.

— Se eu deixasse a meu filho a liberdade de pôr a mão em meus lábios, à beira de meu caixão, ele a mergulharia até o fundo de minhas entranhas e esvaziaria tudo! — exclamou. — Os filhos avançam todos da mesma forma na bolsa paterna. E eu, como foi que fiz? Nunca custei um *liard* a meus pais. A sua imprensa se acha deserta. Impressões, só as fazem os ratos... Você, sim, eu a estimo; é uma mulher trabalhadeira e cuidadosa; mas o meu filho!... Sabe o que é meu filho? É um sabichão mariola. Se o tivesse *sovado*, como a mim me *sovaram* sem pensar em letras, e o tivesse tornado um *urso*, como o seu pai, ele agora teria rendas... Oh! é a minha cruz esse rapaz! E, por desgraça, é filho único, pois não haverá segunda *tiragem*! E ainda por cima torna você desgraçada...

Eva protestou num gesto de enérgica negação.

— Sim — continuou ele, em resposta a esse gesto, — você foi obrigada a tomar uma ama, o desgosto lhe secou o leite. Eu sei de tudo! Vocês estão às voltas com a justiça e apregoados por toda a cidade. Eu não passava de um *urso*, não sou sábio, não trabalhei com os Didot, a glória da tipografia; mas nunca fui citado! Sabe o que penso, quando ando pelas minhas vinhas, a cuidar delas e tratando de meus pequenos negócios?... Eu digo a mim mesmo: “Pobre velho, tens tanto trabalho, juntas escudo por escudo, deixarás bom dinheiro... e para quem?... para os oficiais de diligências, para os solicitadores... ou para as fantasias, para as ideias...”. Olha, minha filha, você é mãe desse pequeno, que me pareceu ter a cara de seu avô quando o fui batizar com a sra. Chardon; pois bem, pense menos em David do que nesse garotinho... Só tenho confiança em você... Você poderia impedir a dissipação de meus bens... de meus pobres bens...

— Mas, meu caro papai Séchard, o seu filho há de ser a sua glória, e o senhor o verá um dia rico por sua própria conta e com a cruz da Legião de Honra ao peito...

— E que fará ele para isso? — perguntou o vinhateiro.

— Ainda verá! Mas, enquanto espera, acha que mil escudos

poderiam arruiná-lo?... Com mil escudos, o senhor deteria a ação da justiça... Pois bem, se não tem confiança nele, empreste-os a mim, que eu lhos devolverei; hipoteco-lhe o meu dote, o meu trabalho...

— Então David Séchard está sendo processado?! — exclamou o vinhateiro, espantado ao ouvir aquilo que até então supusera uma calúnia. — Aí está o que é saber assinar o nome!... E os meus alugueis!... Oh! é preciso, minha filhinha, que eu vá a Angoulême informar-me e consultar Cachan, meu solicitador... Você fez muito bem em vir... Um homem avisado vale por dois!

Após uma luta de duas horas, Eva se viu obrigada a retirar-se, batida por este argumento invencível: “As mulheres nada entendem de negócios”. Tendo ido com uma vaga esperança de vitória, Eva voltou de Marsac para Angoulême quase aniquilada. Chegou em casa precisamente a tempo de receber a notificação da sentença que condenava Séchard a pagar tudo a Métivier. Na província, a presença de um oficial de diligências à porta de uma casa é um acontecimento; mas fazia algum tempo que Doublon ia ali muito seguido para que a vizinhança deixasse de rumorejar. De modo que Eva não se atrevia mais a sair de casa por medo de ouvir cochichos.

— Ah, meu irmão, meu irmão! — exclamou a pobre Eva, precipitando-se pelo corredor e subindo a escada. — Eu só te poderia perdoar isto se se tratasse de...

— Sim — disse Séchard, que vinha ao seu encontro —, tratava-se de evitar o suicídio de Luciano!

— Nunca mais falemos nisso — respondeu ela suavemente. — A mulher que o levou para aquele abismo de Paris é bem criminosa!... E teu pai, meu David, é implacável!... Soframos em silêncio.

Uma discreta batida à porta embargou alguma terna frase nos lábios de David, e Marion apresentou-se rebocando o grande e gordo Kolb.

— Minha senhora — disse ela —, Kolb e eu soubemos que o patrão e a patroa andavam muito aflitos; e, como temos mil e seiscentos francos de economias, pensamos que não podiam estar mais bem colocados do que em mãos da senhora...

— *Ta zenhora*[397] — repetiu Kolb com entusiasmo.

— Kolb — exclamou David Séchard —, jamais nos separaremos!

Leva mil francos por conta ao solicitador Cachan, mas pede-lhe recibo; guardaremos o resto. Kolb, que nenhum poder humano te arranque uma palavra sobre o que eu faço, sobre as minhas horas de ausência, sobre o que poderás ver-me trazer, e, quando eu te mandar buscar ervas, que nenhum olhar humano te veja... Procurarão seduzir-te, meu bom Kolb, hão de oferecer-te talvez mil, dez mil francos para falares...

— *Nem por tez milhons eu tiria uma palavra! Entom non conheçou a tisciplina militar?*

— Estás avisado, anda, e vai pedir ao sr. Petit-Claud que assista à entrega desse dinheiro ao sr. Cachan.

— *Eu ainta echperou zer um tia bachtante ricou para tar uma liçon àquele homem* — disse o alsaciano. — *Non vou com a cara tele.*

— É um bom homem, senhora — disse a gorda Marion. — Forte como um turco e manso como um cordeiro. Eis aí um que faria a felicidade de uma mulher! Foi ele quem teve a ideia de aplicar assim nossos ordenados! Pobre homem! Fala mal, mas pensa bem, e afinal de contas eu o entendo. Tenciona ir trabalhar fora para não nos ser pesado...

— Devíamos enriquecer só para poder recompensar a essa boa gente — disse Séchard, olhando para a mulher.

Eva achava aquilo tudo muito simples, não se espantava de encontrar almas à altura da sua. Essa atitude bastaria para explicar toda a beleza de seu caráter às criaturas mais estúpidas, e até a um indiferente.

— Será rico, meu caro senhor! — exclamou Marion. — Seu pão está quentinho, pois seu pai acaba de comprar uma granja e lhe está preparando rendas...

Em tais circunstâncias, essas palavras ditas por Marion para diminuir de algum modo o mérito de seu gesto não denotavam acaso uma grande delicadeza de sentimentos?

XIV – DESCRIÇÃO DO INCÊNDIO ALIMENTADO POR PETIT-CLAUD E CACHAN COM A ASSISTÊNCIA DE DOUBLON

Como todas as coisas humanas, o código de processo francês tem os

seus defeitos; mas, como arma de dois gumes, tanto serve para a defesa como para o ataque. Por outro lado, tem isso de divertido que, se dois solicitadores se entendem (e podem entender-se sem necessidade de trocar duas palavras, compreendem-se pela simples marcha do processo!), um processo se assemelha então à guerra como a fazia o primeiro marechal de Biron,[398] a quem o filho propunha, no cerco de Rouen, um meio de tomar a cidade em dois dias: “Tens então muita pressa de ir plantar as nossas couves?”, perguntou ele.

Dois generais podem eternizar a guerra sem chegar a nada de decisivo e poupando as suas tropas, segundo o método dos generais austríacos, a quem o Conselho Áulico jamais censura de terem feito gorar uma combinação para que os soldados pudessem comer seu rancho descansadamente. Cachan, Petit-Claud e Doublon portaram-se ainda melhor que generais austríacos, tomaram por modelo a um austríaco da Antiguidade, Fábio Cunctator![399]

Petit-Claud, malicioso como um mulo, logo reconheceu todas as vantagens da sua posição. Como o pagamento das custas estava garantido pelo Cointet grande, resolveu negacear com Cachan e brilhar aos olhos do fabricante, criando incidentes que retumbassem em Métivier.

Mas, infelizmente para a glória desse jovem Fígaro da chicana, deve o historiador passar pelo terreno das suas façanhas como se andasse sobre brasas. Um único memorial de custas, como o de Paris, basta sem dúvida para a história dos costumes contemporâneos. Imitemos o estilo dos boletins do Grande Exército; pois, para inteligência da narrativa, quanto mais rápido o enunciado das ações e gestos de Petit-Claud, melhor ficará esta página exclusivamente judiciária.

Intimado a 3 de julho a comparecer perante o Tribunal de Comércio de Angoulême, David faltou; a sentença foi-lhe imposta a 8. A 10, Doublon executou-o, e tentou a 12 uma penhora à qual Petit-Claud se opôs, intimando Métivier a apresentar-se no prazo de quinze dias. Métivier, por sua vez, achou que era tempo demasiado e, entrando novamente em ação no dia seguinte, obteve, a 19, uma sentença que anulou a oposição de Séchard. Essa sentença intimada a 21 autorizou execução para 22, intimação de captura a 23 e auto de arresto a 24.

Esse furor de penhora foi embargado por Petit-Claud, que apelou para a Corte real. Essa apelação, reiterada a 15 de julho, levava Métivier a Poitiers.

“Bem!”, pensou Petit-Claud. “Ficaremos por aqui durante algum tempo.”

Uma vez encaminhada a tempestade para Poitiers, a um solicitador da Corte real a quem Petit-Claud dera instruções, esse defensor bifronte fez intimar a breve prazo David Séchard, em nome da sra. Séchard, para uma ação de separação de bens. Segundo a expressão do foro, *diligenciou* de modo a obter a sentença de separação a 28 de julho, inseriu-a no *Correio de Charente*, notificou-a devidamente, e, a 1º de agosto, fazia-se perante o tabelião uma liquidação da parte da sra. Séchard, constituindo-a credora do marido pela pequena soma de dez mil francos que o enamorado David lhe reconhecera em dote nas escrituras de casamento e para cujo pagamento lhe abandonou os móveis da imprensa e do domicílio conjugal. Enquanto punha assim a salvo os bens do casal, Petit-Claud fazia triunfar em Poitiers a pretensão sobre a qual apoiara a sua apelação. A seu ver, David era tanto menos passível das custas feitas em Paris contra Luciano de Rubempré quanto era positivo que o tribunal do Sena, em sentença, as lançara a cargo de Métivier.

Esse sistema, adotado pela Corte, foi consagrado num acórdão que confirmou as condenações pronunciadas na sentença do Tribunal de Comércio de Angoulême contra Séchard filho, deduzindo uma soma de seiscentos francos em que importavam as custas de Paris, que ficavam por conta de Métivier, e compensando certas custas entre as partes, em vista do acidente que motivara a apelação de Séchard.

Esse acórdão, notificado a 17 de agosto a Séchard filho, traduziu-se, a 18, numa intimação para pagar capital, juros e custas, seguida de um auto de penhora a 20. Neste ponto, Petit-Claud interveio em nome da sra. Séchard e reivindicou o mobiliário como pertencente à esposa, devidamente separado. De resto, Petit-Claud fez intimar Séchard pai, que se tornara seu cliente.

Eis o motivo:

No dia seguinte ao da visita que lhe fez a nora, o lavrador fora visitar

seu solicitador de Angoulême, o sr. Cachan, a quem perguntou como recuperar os arrendamentos comprometidos na embrulhada em que seu filho se metera.

— Eu não posso representar o pai quando persigo o filho — disse Cachan —, mas vá procurar Petit-Claud, que é muito hábil, e talvez o atenda melhor do que eu o poderia fazer...

No tribunal, disse Cachan a Petit-Claud:

— Mandei-te o velho Séchard; encarrega-te dele por mim, que me encarregarei do outro por ti.

É comum trocarem-se tais serviços entre solicitadores, tanto na província como em Paris.

No dia seguinte àquele em que Séchard pai entregou seu caso a Petit-Claud, o Cointet grande foi procurar seu cúmplice e lhe disse:

— Trate de dar uma lição ao velho Séchard! Ele é homem para jamais perdoar ao filho um prejuízo de mil francos; e esse desembolso lhe secará no coração qualquer sentimento generoso, se é que algum dia o teve!

— Volte para as suas vinhas — disse Petit-Claud ao novo cliente —, seu filho vai mal, não acabe de roê-lo comendo em casa dele. Eu mandarei chamá-lo quando for tempo.

Portanto, em nome de Séchard, Petit-Claud alegou que os prelos, estando selados, se tornavam bens imóveis por destinação, tanto mais que a casa servia de tipografia desde o reinado de Luís XIV. Cachan, indignado por conta de Métivier, que, depois de encontrar em Paris os móveis de Luciano como pertencentes a Corália, vinha ainda encontrar em Angoulême os móveis de David pertencentes à mulher e ao pai (a esse respeito se disseram lindas coisas em audiência), intimou pai e filho, a fim de repelir tais pretensões.

— Queremos — exclamou ele — desmascarar as fraudes desses homens que assentam as mais temíveis fortificações da má-fé; que dos artigos mais inocentes e mais claros do Código fazem cavalos de frisa para se defenderem! E de quê? De pagar três mil francos! Saídos de onde?... Do cofre do pobre Métivier! E ainda há quem ouse acusar aos que descontam letras! Em que tempo estamos vivendo!... Enfim, dir-se-ia que só se trata de ver quem mais tira do bolso do vizinho... Não,

vós não sancionareis uma pretensão que transferiria a imoralidade para o seio da justiça!

O tribunal de Angoulême, comovido com o belo discurso de Cachan, pronunciou uma sentença contraditória entre todas as partes, que atribuiu a propriedade dos móveis domésticos unicamente à sra. Séchard e repeliu as pretensões de Séchard pai, condenando-o a pagar quatrocentos e trinta e quatro francos e sessenta e cinco centimos de custas.

— Boa bisca o velho Séchard! — disseram a rir os solicitadores. — Quis meter a sua colher, agora que se lamba!

A 26 de agosto foi essa sentença notificada, para que se pudesse arrestar os prelos e demais acessórios a 28 de agosto. Afixaram os editais!

Obteve-se autorização para que se realizasse a hasta pública no próprio local. Foi publicado nos jornais o anúncio do leilão, e Doublon contava já proceder ao balanço e à venda no dia 2 de setembro. A essa altura David Séchard devia, por sentença em regra e por executórias, muito legalmente, a Métivier a soma total de cinco mil e duzentos e setenta e cinco francos e vinte e cinco centimos, fora os juros. Devia a Petit-Claud mil e duzentos francos e os honorários, cuja importância estava indeterminada, segundo a nobre confiança dos cocheiros que fazem dar voltas inúteis ao freguês, à sua generosidade. A sra. Séchard devia a Petit-Claud cerca de trezentos e cinquenta francos, mais os honorários. O velho Séchard devia os seus quatrocentos e trinta e quatro francos e sessenta e cinco centimos, e Petit-Claud lhe pedia cem escudos de honorários. Assim, o total podia orçar por uns dez mil francos.

Sem falar na utilidade desses documentos para as nações estrangeiras, que neles poderão ver em exercício a artilharia judiciária da França, é necessário que o legislador, se é que o legislador tem tempo de ler, conheça até onde pode ir o abuso do processo. Não se deveria arranjar uma leizinha que, em certos casos, proibisse aos solicitadores ultrapassar *em custas* a soma que constitui o objeto do processo? Não há qualquer coisa de ridículo em submeter uma propriedade de um centiare às formalidades que regem uma terra de

um milhão? Compreender-se-á, por esta perfunctória exposição de todas as fases por que passava o debate, o valor destas palavras: *formalidades, justiça, custas!* e de que não suspeita a imensa maioria dos franceses. Eis o que se chama, em gíria forense, atear fogo nos negócios de alguém. Os caracteres da tipografia, que pesavam cinco mil libras, valiam, fundidos, dois mil francos. Os três prelos valiam seiscentos francos. O resto do material seria vendido como ferro-velho e tábuas velhas. O mobiliário doméstico daria, quando muito, mil francos. Assim, de valores pertencentes a Séchard filho e representando uma soma de quatro mil francos, Cachan e Petit-Claud tinham feito pretexto para sete mil francos de custas, sem contar o futuro, cuja flor prometia frutos assaz formosos, como se verá. É claro que os rábulas da França e de Navarra, até mesmo os da Normandia, hão de conceder sua estima e admiração a Petit-Claud; mas as pessoas de sentimentos não concederão uma lágrima de simpatia a Kolb e a Marion?

Durante aquela guerra, Kolb, sentado numa cadeira à entrada da casa, quando David não precisava dele, preenchia os deveres de um cão de guarda. Recebia os papéis judiciais, sempre vigiado aliás por um escrevente de Petit-Claud. Quando editais anunciavam a venda do material de uma tipografia, Kolb os arrancava logo que os pregavam e corria pela cidade a tirá-los, exclamando:

— *Patifes! Atormentarem um homem tam bom! É istou a justiça?!*

Marion ganhava, pela manhã, uma moeda de dez sous para tocar a roda de uma máquina numa fábrica de papel e empregava-a nas despesas da casa. A sra. Chardon recomeçara sem murmurar as fatigantes vigílias do seu ofício de enfermeira e trazia à filha o seu salário no fim de cada semana.

Já fizera duas novenas, espantando-se de encontrar Deus surdo às suas orações e cego para a luz dos círios que ela Lhe acendia.

XV – O APOGEU DAS PERSEGUIÇÕES

A 2 de setembro recebeu Eva a única carta que Luciano escreveu depois daquela em que anunciara o desconto das três letras ao cunhado e que

David ocultara à mulher. “É a terceira carta que tenho dele depois que partiu!”, pensou a pobre irmã, hesitando em abrir o fatal papel.

Naquele momento, dava de mamar ao filho com uma mamadeira, pois se vira obrigada a despachar a ama por economia. Pode-se imaginar em que estado não a deixou a leitura da carta seguinte, assim como a David, que ela tirou da cama. Depois de ter passado a noite a fabricar papel, o inventor se deitara ao raiar do dia.

Paris, 29 de agosto.

Minha querida irmã,

Há dois dias, às cinco da madrugada, recebi o último suspiro de uma das mais belas criaturas de Deus, a única mulher que podia amar-me como tu me amas, como me amam David e minha mãe, juntando a esses sentimentos tão desinteressados o que uma mãe e uma irmã não poderiam dar: todas as venturas do amor! Depois de me haver sacrificado tudo, talvez a pobre Corália tenha morrido por mim! Por mim que neste momento não tenho com que lhe fazer o enterro... Ela me consolaria da vida; só vós, meus anjos queridos, podereis consolar-me da sua morte. Essa inocente rapariga, creio eu, foi absolvida por Deus, porque morreu cristãmente. Oh! Paris!... Minha Eva, Paris é ao mesmo tempo toda a glória e toda a infâmia da França, aqui perdi muitas ilusões, e ainda vou perder mais outras, mendigando o pouco dinheiro que preciso para enterrar em chão sagrado o corpo de um anjo!

Teu desgraçado irmão

LUCIANO

P.S. Devo ter-te causado muitos desgostos com a minha leviandade; um dia saberás tudo e me desculparás. Aliás, podes ficar tranquila: ao ver-nos tão atormentados, a Corália e a mim, um honrado negociante, o sr. Camusot, a quem causei cruéis dissabores, encarregou-se, pelo que diz, de arranjar este assunto.

— A carta ainda está úmida das suas lágrimas! — disse ela a David com um olhar tão compassivo que deixava transparecer alguma coisa da sua antiga afeição a Luciano.

— Pobre rapaz, deve ter sofrido muito, se era amado como diz! — exclamou o feliz esposo de Eva.

E tanto o marido como a mulher esqueceram todas as suas dores ante o grito daquela dor suprema. Nesse momento, Marion entrou a correr, dizendo:

— Senhora, aí vêm eles!... aí vêm eles!...

— Eles quem?

— Doublon e seus homens, o diabo! Kolb se bate com eles. Vieram para fazer o leilão.

— Não, não venderão coisa alguma, podem ficar tranquilos! — exclamou Petit-Claud, cuja voz ressoou na peça que precedia ao quarto de dormir. — Acabo de fazer uma apelação. Não podemos ficar sob o peso de uma sentença que nos inquina de má-fé. Não tratei de defender-me aqui. Para ganhar tempo, deixei Cachan tagarelar, pois estou certo de triunfar mais uma vez em Poitiers...

— Mas quanto custará esse triunfo? — indagou a sra. Séchard.

— Meus honorários se ganharmos e mil francos se perdermos.

— Meu Deus! — exclamou a pobre Eva. — Mas o remédio não é pior do que o mal?...

Ao ouvir esse grito da inocência esclarecida ao fogo judiciário, Petit-Claud sentiu-se confuso, tão bela lhe pareceu Eva.

Nesse meio tempo chegava o velho Séchard, a chamado de Petit-Claud. A presença do velho no quarto dos filhos, onde o seu neto, no berço, sorria para a desgraça, tornou completa a cena.

— Papai Séchard — disse o jovem solicitador —, o senhor me deve setecentos francos por serviços profissionais; mas o senhor os recuperará com seu filho, acrescentando-os aos arrendamentos em débito.

O velho vinhateiro sentiu a mordente ironia que Petit-Claud pôs no tom de voz e na fisionomia ao dirigir-lhe tal frase.

— Saía-lhe menos caro se tivesse caucionado o seu filho!... — disse-lhe Eva, deixando o berço para ir abraçar o velho. David, acabrunhado com o ajuntamento que se formara diante da casa, onde a luta de Kolb com o pessoal de Doublon atraíra o povo, estendeu a mão ao pai, sem lhe dizer palavra.

— E como posso eu dever-lhe setecentos francos? — perguntou o velho a Petit-Claud.

— Ora! Porque eu, em primeiro lugar, o representei. Como se trata de seus arrendamentos, o senhor é, perante mim, solidário com o seu devedor. Se seu filho não me pagar essas custas, o senhor mas pagará... Mas isto não é nada: daqui a duas horas, virão prender David. O senhor vai deixar que o metam na cadeia?

— Quanto deve ele?

— Alguma coisa assim como cinco a seis mil francos, sem contar o que ele deve ao senhor e à esposa.

O velho, agora todo desconfiança, contemplou o comovente quadro que se apresentava a seus olhos naquele quarto azul e branco: uma formosa mulher em pranto ao lado de um berço, David vergando enfim ao peso da desgraça, o solicitador, que talvez o tivesse atraído para ali como a uma ratoeira; o *urso* julgou então que estavam explorando a sua paternidade e teve medo de ser ludibriado. Foi olhar e acariciar o neto, que lhe estendeu as mãozinhas. No meio de tantas preocupações, o menino, cuidado como o filho de um par da Inglaterra, tinha à cabeça uma touca bordada, com forro cor-de-rosa.

— Que David se arranje como puder! Eu só penso é neste menino — exclamou o velho avô —, e sua mãe me aprovará. David é tão sábio que deve saber como pagar as suas dívidas.

— Vou traduzir-lhe em bom francês os seus sentimentos — disse-lhe o solicitador com ar zombeteiro. — Olhe, papai Séchard, o senhor tem inveja de seu filho. Escute a verdade! O senhor colocou David na posição em que ele está, vendendo-lhe a sua tipografia pelo triplo do valor e arruinando-o para fazê-lo pagar esse preço usurário. Não, não abane a cabeça, o jornal vendido aos Cointet, e cujo preço de venda o senhor embolsou todo, era o único valor da sua tipografia... O senhor odeia a seu filho não só porque o espoliou, mas ainda porque fez dele um homem acima do senhor. O senhor se dá ares de querer prodigiosamente a seu netinho para mascarar a sua bancarrota de sentimentos perante o filho e a nora, que lhe custariam dinheiro *hic et nunc*,^[400] ao passo que seu neto só precisa da sua afeição *in extremis*.^[401] O senhor ama a esse garotinho para parecer que ama a alguém da sua família e não ser tachado de insensível. Eis o fundo de seu surrão, tio Séchard...

— Foi para me dizer isso que me mandou chamar? — disse o velho num tom ameaçador, olhando sucessivamente para o solicitador, para a nora e para o filho.

— Mas, pelo amor de Deus — exclamou a pobre Eva, dirigindo-se a Petit-Claud —, o senhor jurou a nossa ruína?! Meu marido nunca se queixou de seu pai...

O vinhateiro olhou para a nora com ar manhoso.

— O que ele muitas vezes me tem dito é que o senhor o estima à sua maneira — explicou ela ao velho, compreendendo-lhe a desconfiança.

Segundo as instruções do Cointet grande, Petit-Claud acabava de indispor o pai com o filho, a fim de que o pai não fizesse David sair da cruel posição em que se encontrava.

— No dia em que tivermos David na prisão — dissera na véspera Cointet a Petit-Claud —, o senhor será apresentado em casa da sra. de Sénonches.

A inteligência que proporciona o afeto esclarecera a sra. Séchard, que adivinhava aquela inimizade de encomenda, como já sentira a traição de Cérizet. Facilmente se poderá imaginar o ar surpreso de David, que não podia compreender que Petit-Claud lhe conhecesse tão bem o pai e os negócios deste. O leal impressor não sabia das ligações de seu defensor com os Cointet e ignorava, aliás, que os Cointet estivessem na pele de Métivier. O silêncio de David era uma afronta para o velho vinhateiro; o solicitador aproveitou o mudo espanto de seu cliente para deixar o local.

— Adeus, meu caro David; ficas avisado de que a prisão não pode ser suspensão por apelação nenhuma; só resta esse caminho a teus credores, e eles vão segui-lo. Trata de fugir!... Ou melhor, se queres seguir o meu conselho, vai falar com os irmãos Cointet, que possuem capitais; e, se a tua descoberta está feita, se confirmar as suas promessas, associa-te com eles; afinal de contas, são excelentes sujeitos...

— Que descoberta? — indagou o velho Séchard.

— Então o senhor acha o seu filho tão tolo que abandonasse a tipografia sem ter alguma coisa em mente? — exclamou o solicitador.

— Disse-me ele que estava em caminho de descobrir o meio de fabricar

por três francos a resma de papel que atualmente custa dez...

— Mais outra maneira de me apanharem! — exclamou o velho Séchard. — Vocês aqui estão todos combinados, como ladrões na feira. Se David descobriu isso, não tem necessidade de mim, está milionário. Adeus, meus amiguinhos, passem bem.

E lá se foi o velho pela escada.

— Trate de ocultar-se — disse a David Petit-Claud, que correu atrás do velho Séchard, para exasperá-lo ainda mais. O solicitador encontrou o vinhateiro a resmungar na Place du Mûrier, acompanhou-o até o Houmeau e deixou-o ameaçando de o mandar executar pelas custas que lhe eram devidas, se não fosse pago naquela mesma semana.

— Eu lhe pago se o senhor descobrir um meio de deserdar meu filho sem prejudicar meu neto e minha nora!... — disse o velho Séchard, deixando bruscamente Petit-Claud.

— Como o Cointet grande conhece bem a gente com quem lida!... Ah, bem me dizia ele: esses setecentos francos a dar impedirão o pai de pagar os sete mil francos do filho! — exclamava o solicitador, voltando para Angoulême. — Contudo, não nos deixemos embair por esse velho finório, é tempo de lhe pedir outra coisa além de palavras.

— E então, meu David, que pretendes fazer? — disse Eva ao marido, depois que o velho Séchard e o solicitador os deixaram.

— Põe a tua maior marmita no fogo — exclamou David, olhando para Marion —, eu já descobri o que buscava!

Ao ouvir esta frase, Eva pôs o chapéu, o xale e os sapatos, com uma febril vivacidade.

— Vista-se, meu amigo — disse ela a Kolb —, você vai acompanhar-me, pois é preciso que eu saiba se existe um meio de sair deste inferno...

— Senhor — exclamou Marion depois que Eva saiu —, seja razoável, ou a patroa morrerá de desgosto. Ganhe dinheiro para pagar o que deve, e depois então poderá procurar seus tesouros à vontade...

— Cala-te, Marion — respondeu David. — A última dificuldade será vencida. Conseguirei ao mesmo tempo uma patente de invenção e uma patente de aperfeiçoamento.

O privilégio de aperfeiçoamento constitui o inferno dos inventores

na França. Gasta a gente dez anos de vida a procurar um segredo industrial, uma máquina, uma invenção qualquer, tira patente, julga-se dono do que é seu, e depois vem um concorrente que, por meio de um parafuso, aperfeiçoa o invento, arrancando-o assim de nossas mãos. Inventada, pois, para o fabrico de papel, uma pasta mais barata, ainda não estava tudo feito! Outros poderiam aperfeiçoar o processo. David Séchard queria prever tudo, para que não lhe extorquissem uma fortuna buscada em meio de tantas atribulações.

O papel da Holanda (nome que se continua a dar ao papel de linho, embora a Holanda não mais o fabrique) é ligeiramente colado; mas cola-se folha a folha, por uma mão de obra que encarece o papel. Se fosse possível colar a pasta na cuba, e com uma cola pouco dispendiosa (o que aliás se faz hoje em dia, mas ainda imperfeitamente), não restaria mais nenhum aperfeiçoamento que buscar. Fazia um mês que David procurava por isso colar na cuba a pasta de seu papel. Visava ao mesmo tempo dois segredos.

Eva foi procurar a mãe. Por um favorável acaso, a sra. Chardon estava a cuidar da mulher do delegado, que acabava de dar um herdeiro presuntivo aos Milaud de Nevers.^[402] Eva, desconfiada de todos os oficiais ministeriais, resolvera consultar sobre a sua situação o defensor legal das viúvas e dos órfãos e perguntar-lhe se poderia libertar David mediante a venda de seus direitos; mas esperava também saber a verdade sobre a conduta ambígua de Petit-Claud. O magistrado, surpreso com a beleza da sra. Séchard, recebeu-a não somente com as atenções devidas a uma mulher, mas ainda com uma espécie de cortesia a que Eva não estava habituada. A pobre mulher viu enfim nos olhos do magistrado essa expressão que, desde o casamento, só encontrara em Kolb, e que para as mulheres formosas como Eva é o critério com que julgam os homens. Quando uma paixão, o interesse ou a idade gelam nos olhos do homem o brilho da obediência absoluta que neles arde na juventude, a mulher põe-se então em guarda contra esse homem e começa a observá-lo. Os Cointet, Petit-Claud, Cérizet, todas as pessoas em que Eva adivinhara inimigos a tinham fitado com um olhar seco e frio; sentiu-se pois à vontade com o delegado, que, acolhendo-a graciosamente, todavia destruiu em poucas palavras todas

as suas esperanças.

— Não é certo, minha senhora, que a segunda instância possa reformar a sentença que restringe aos móveis domésticos o abandono que seu marido lhe fez de tudo quanto possuía, para a indenizar do seu dote. O seu privilégio não pode servir para cobrir uma fraude. Mas, como a senhora será admitida na qualidade de credora à partilha dos objetos arrestados, como seu sogro deve fazer valer também seu privilégio quanto à soma dos arrendamentos em débito, uma vez proferida a sentença, haverá matéria para outras contestações, a propósito do que chamamos, em termos de direito, uma *contribuição*.

— Mas então o sr. Petit-Claud nos está arruinando?! — exclamou Eva.

— A conduta de Petit-Claud — tornou o magistrado — é conforme o mandato passado por seu marido, que quer ganhar tempo, segundo o seu solicitador. A meu ver, talvez fosse melhor desistir da apelação, e comprarem em leilão, a senhora e seu sogro, os utensílios mais necessários para o seu negócio, a senhora no limite do que lhe deve caber, ele em proporção aos seus arrendamentos... Mas seria ir muito depressa ao fim. Os solicitadores devoram-nos!...

— Eu ficaria então nas mãos de meu sogro, a quem deveria o aluguel dos utensílios e o da casa; e meu marido não deixaria de ficar à mercê do sr. Métivier, que não teria recebido quase nada...

— Sim, minha senhora.

— E então a nossa posição seria pior do que a atual.

— A força da lei, minha senhora, pertence em definitivo ao credor. Receberam três mil francos, é preciso forçosamente pagá-los.

— Oh! senhor, julga-nos porventura capazes de...

Eva conteve-se, vendo o perigo a que sujeitaria Luciano com a sua explicação.

— Oh! eu bem sei — tornou o magistrado — que este caso é obscuro, tanto da parte dos devedores, que são sérios, honrados, grandes até... como do lado do credor, que não passa de um testa de ferro...

Eva, aterrada, olhou para o magistrado com ar pasmo.

— Bem compreende a senhora — disse ele, lançando-lhe um olhar cheio de finura — que nós dispomos, para refletir sobre tudo o que se

passa à nossa vista, de todo o tempo em que ficamos sentados a ouvir os discursos dos senhores advogados.

Eva despediu-se, desesperada com a sua inutilidade.

Às sete da noite, Doublon entregou a ordem de prisão. À essa hora, portanto, chegou a perseguição ao apogeu.

— A partir de amanhã — disse David —, só poderei sair durante a noite.

Eva e a sra. Chardon romperam em pranto. Ocultar-se, para elas, era uma desonra.

XVI – DE COMO A PRISÃO POR DÍVIDAS QUASE NÃO EXISTE NA PROVÍNCIA

Ao saberem que estava ameaçada a liberdade de seu patrão, Kolb e Marion se alarmaram, tanto mais que de há muito o julgavam destituído de qualquer malícia; tanto temeram por ele que foram procurar a sra. Chardon, Eva e David, sob o pretexto de saber no que lhes poderia ser útil a sua dedicação. Chegaram no momento em que aquelas três criaturas, para quem a vida até então fora tão simples, choravam ante a necessidade de terem de ocultar David. Mas como escapar aos espiões invisíveis que dali por diante deviam observar os mínimos passos daquele homem, infelizmente tão distraído?

— *Ze a zeniora quiser echperar um pequenou quartou de hora, eu vou fazer um reconhecimentou no campou inimigou* — disse Kolb —, *e verá que ententou tissou, empora tenha cheito de alemon; comou sou um vertateiro francês, tenhou tampém esperteza.*

— Deixe-o ir, senhora — disse Marion —; Kolb só pensa em salvar o patrão, não tem outra ideia. Kolb não é um alsaciano: é... como direi?... um verdadeiro cão terra-nova.

— Vai, meu bom Kolb — disse-lhe David —, ainda temos tempo de tomar algum partido.

Kolb correu à casa do oficial de diligências, onde os inimigos de David, reunidos em conselho, estudavam um meio de apoderar-se dele.

A prisão de devedores é, na província, um fato exorbitante, anormal, se alguma vez aconteceu. Antes de tudo, todos se conhecem muito,

para que possa alguém empregar um meio tão odioso.

Credores e devedores se encontram cara a cara toda a vida. E depois, quando um comerciante, um bancarroteiro, para nos servirmos das expressões da província, que não transige com essa espécie de roubo legal medita uma vasta falência, Paris lhe serve de refúgio.

Paris é uma espécie de Bélgica da província: ali se encontram retiros quase impenetráveis, e o mandado do oficial de diligências expira nos limites da sua jurisdição. Por outro lado, há outros impedimentos quase dirimentes. Assim, a lei que consagra a inviolabilidade do domicílio reina sem exceção na província; o oficial de diligências não tem direito, como em Paris, de penetrar em casa de terceiro para prender o devedor. O legislador julgou que deveria excetuar Paris, em vista da reunião constante de várias famílias na mesma casa. Mas na província, para violar o domicílio do próprio devedor, o oficial deve apresentar-se acompanhado do juiz de paz.

Ora, o juiz de paz, que tem sob sua jurisdição os oficiais de diligências, está quase no direito de conceder ou recusar o seu concurso. Em louvor dos juizes de paz, cumpre dizer que tal obrigação lhes é penosa; não querem servir a paixões cegas ou a vinganças. Existem ainda outras dificuldades não menos graves, que tendem a modificar a crueldade inteiramente inútil da lei sobre a prisão por dívidas, por força dos costumes, que muitas vezes modificam as leis a ponto de as anular. Nas grandes cidades, há muitos miseráveis, gente sem fé nem lei, que se prestam a servir de espíões; mas nas cidades pequenas todos se conhecem muito para que se possam colocar a soldo de um oficial de diligências. Qualquer indivíduo da classe ínfima que se prestasse a esse gênero de degradação seria obrigado a deixar a cidade.

Assim, não sendo a prisão do devedor, como em Paris ou nos grandes centros populosos, objeto da indústria privilegiada dos guardas de comércio, torna-se uma ação judiciária extremamente difícil, um combate de esperteza entre o devedor e o oficial de diligências, e cujas peripécias têm às vezes fornecido divertidíssimo assunto à seção policialesca dos jornais parisienses. O Cointet mais velho não quisera mostrar-se; mas o Cointet gordo, que se dizia encarregado do negócio por Métivier, fora procurar Doublon em

companhia de Cérizet, agora seu chefe de tipografia, e cuja cooperação fora conseguida com a promessa de uma nota de mil francos. Doublon contaria com dois de seus rábulas. De modo que os Cointet tinham já três sabujos para vigiar sua presa. No momento da prisão, aliás, poderia Doublon empregar a gendarmaria, que, nos termos das sentenças, deve prestar auxílio ao oficial de diligências que a requisitar. Essas cinco pessoas se achavam, pois, naquele mesmo instante, reunidas no gabinete de Doublon, situado no andar térreo da casa, em seguida ao cartório.

Entrava-se no cartório por um longo corredor pavimentado que formava uma espécie de aleia. A casa tinha um simples postigo, ornado de cada lado dos emblemas ministeriais dourados em cujo centro se lia em letras negras: OFICIAL DE DILIGÊNCIAS. As duas janelas do cartório que davam para a rua eram defendidas por fortes barras de ferro. Do gabinete se gozava a vista de um quintal, onde o oficial de diligências, amante de Pomona,^[403] cultivava com sucesso umas latadas. A cozinha defrontava o cartório, e por detrás da cozinha ficava a escada que dava acesso ao andar superior. A casa se encontrava numa pequena rua, atrás do novo tribunal, então em construção e que só foi terminado em 1830. Tais pormenores não são inúteis à compreensão do que sucedeu a Kolb. O alsaciano imaginara apresentar-se ao oficial sob o pretexto de lhe vender o seu patrão, para saber desse modo as armadilhas que lhe preparariam e defendê-lo das mesmas. Quando a cozinheira lhe veio abrir a porta, Kolb manifestou o desejo de falar com o sr. Doublon, a negócios. Contrariada por a terem interrompido enquanto lavava a louça, a mulher abriu a porta do cartório, dizendo a Kolb, que lhe era desconhecido, que esperasse pelo patrão, de momento em conferência no gabinete. Depois foi prevenir Doublon de que um homem lhe desejava falar. Essa expressão *um homem* tão bem significava um campônio que Doublon disse:

— Que espere!

Kolb sentou-se junto à porta do gabinete.

— Bem, como pensam fazer? Se pudéssemos pegá-lo amanhã de manhã, ganharíamos bastante tempo — dizia o Cointet gordo.

— Nada mais fácil! — exclamou Cérizet. — Não é de balde que o

chamam de Bobo.

Ao reconhecer a voz de Cointet gordo, mas principalmente ao ouvir essas duas frases, Kolb logo adivinhou que se tratava de seu patrão, e seu espanto ainda mais cresceu quando distinguiu a voz de Cérizet.

— *Um rapaz que comeu o pan tele!* — resmungou aterrado.

— Meus filhos — disse Doublon —, eis o que se deve fazer. Escalonaremos a nossa gente a grandes intervalos, desde a Rue de Beaulieu à Place du Mûrier, de modo a seguir o Bobo... esse apelido me agrada... sem que ele o perceba; não o abandonaremos enquanto não entrar na casa onde se julgará oculto; lá o deixaremos alguns dias em segurança, e um belo dia o encontraremos antes do nascer ou do pôr do sol.

— Mas que está ele fazendo agora? Pode escapar-nos — disse Cointet.

— Está em casa — disse Doublon. — Se sáísse, eu logo o saberia. Tenho um dos meus práticos em observação na Place du Mûrier, outro na esquina do tribunal e outro a trinta passos de minha casa. Se o nosso homem sáísse, eles assobiariam; e não daria ele dois passos que eu já o ficaria sabendo por meio dessa comunicação telegráfica.

Os oficiais de diligências dão a seus beleguins o nome honrado de “práticos”. Kolb não contava com um acaso tão favorável e saiu cautelosamente do cartório, dizendo à criada:

— O sr. Doublon está muito ocupado; voltarei amanhã cedo.

O alsaciano, na sua qualidade de antigo soldado de cavalaria, tivera uma ideia que imediatamente foi executar. Correu a um alquilador de cavalos seu conhecido, escolheu um bom animal, mandou-o encelar e voltou a toda pressa à casa do patrão, onde encontrou Eva no mais profundo desespero.

— Que há, Kolb? — indagou o impressor, ante o ar ao mesmo tempo alegre e assustado do alsaciano.

— *Eston zercatos de canalhas. Ou mais zegurou é esconter ou patrono. A zeniora já pensou nalgum lugar onde ou colocar?*

Depois que o honrado Kolb explicou a traição de Cérizet, as circunvalações traçadas em torno da casa, a parte que tomava o Cointet gordo em tal negócio, fazendo pressentir as ciladas que estariam

preparando aqueles homens contra o seu patrão, os mais fatais clarões esclareceram a situação de David.

— São os Cointet que te perseguem — exclamou a pobre Eva, aniquilada —, e eis por que Métivier se mostrava tão duro!... Eles são papaleiros, querem o teu segredo.

— Mas que fazer para lhes escapar? — exclamou a sra. Chardon.

— *Ze a zeniora tem algum lugarzinho onde possa meter ou senior* — disse Kolb —, *prometou contuzilou zem que ninguém ou tescupra.*

— Entrem só de noite em casa de Basine Clerget — respondeu Eva —, vou combinar tudo com ela. Nestas circunstâncias, Basine é como se fosse eu mesma.

— Os espões te seguirão — disse afinal David, que recobrou alguma presença de espírito. — É preciso achar um meio de prevenir Basine sem que nenhum de nós vá até lá.

— *A zeniora pote ir* — disse Kolb. — *O meu planou é echte: eu zaiou com o zenior e levamos atrás te nós os assopiatos. Nesse meiu tempou a zeniora vai à casa da srta. Clerche zem zer zeguida. Teniou um cavalou, levou ou zenior à carupa; e o tiapou que nos apanie!*

— Então, adeus, meu amigo! — exclamou a pobre mulher, lançando-se nos braços do marido.

— Nenhum de nós irá visitar-te, pois poderíamos fazer com que te prendessem. Temos de nos despedir por todo o tempo que durar essa prisão voluntária. Nós nos corresponderemos pelo correio; Basine porá na caixa as tuas cartas, e eu te escreverei em seu nome.

Ao saírem, David e Kolb ouviram os assobios e levaram os espões até a porte Palet, onde residia o alquilador. Ali Kolb pôs o patrão à garupa, recomendando-lhe que se agarrasse bem.

— *Assopiem, assopiem, meus pons amigos* — exclamou Kolb —, *que eu estou rinto te vocês! Não é assim que ze pega um veliou cavalariano.*

E o velho cavalariano partiu pelo campo em disparada tal que devia deixar, e deixou, os dois espões na impossibilidade de segui-los e de saber aonde iam.

Eva foi visitar Postel sob o pretexto assaz engenhoso de o consultar. Depois de ter sofrido os insultos dessa piedade que só é pródiga em

palavras, deixou o casal Postel e pôde alcançar, sem ser vista, a casa de Basine, a quem confiou seus padecimentos, pedindo-lhe socorro e proteção.

Basine, que, para maior discrição, levava Eva para o quarto de dormir, abriu a porta de um salão contíguo, cuja luz vinha de uma claraboia e para dentro do qual ninguém poderia olhar. As duas amigas destaparam um pequeno fogão cuja chaminé acompanhava a do fogão da oficina onde as operárias faziam fogo para os seus ferros. Eva e Basine estenderam cobertas velhas no soalho para abafar os ruídos que David pudesse fazer involuntariamente; arranjaram-lhe um catre, um forno para as suas experiências, uma mesa e uma cadeira para sentar e escrever. Basine prometeu dar-lhe de comer à noite, e, como ninguém jamais penetrava em seu quarto, podia David desafiar todos os seus inimigos, e até a polícia.

— Enfim — disse Eva, beijando a amiga —, está ele em segurança.

Eva voltou à casa de Postel para esclarecer certa dúvida que, disse ela, a trazia de novo ante um juiz tão competente do Tribunal de Comércio, e fez com que ele a conduzisse até em casa, ouvindo-lhe as queixas.

— Se tivesse casado comigo, estaria agora em tal situação?...

Era esse o sentimento que estava no fundo de todas as frases do pequeno farmacêutico. No regresso, Postel encontrou a mulher enciumada da admirável beleza da sra. Séchard e furiosa com a polidez de seu marido. Leôncia ficou tranquilizada com a opinião que o farmacêutico alegou ter quanto à superioridade das mulheres baixas e ruivas sobre as mulheres altas e morenas, que, a seu ver, eram como belos cavalos, eternamente na estrebaria. Decerto deu algumas provas de sinceridade, pois no dia seguinte a sra. Postel se mostrava muito carinhosa.

— Podemos ficar tranquilas — disse Eva a sua mãe e a Marion, a quem encontrou ainda *estuporadas*, segundo a expressão da própria Marion.

— Oh! eles partiram — disse Marion quando Eva olhou maquinalmente para o seu quarto.

**XVII – DUAS EXPERIÊNCIAS,
UMA QUE NÃO ATINGIU O CORAÇÃO PATERNO
E OUTRA QUE ATINGIU O SEU FIM**

— *Para onde tivemos tirichir-nos?* — perguntou Kolb, depois de avançarem uma légua na estrada de Paris.

— Para Marsac — respondeu David. — Já que me puseste neste caminho, vou fazer uma última tentativa sobre o coração de meu pai.

— *Eu preferia assaltar uma pateria de canions, pois ou zenior zeu pai non tem coração.*

O velho impressor não acreditava no filho; julgava-o, como julga o povo, segundo os resultados. Primeiro, não julgava haver espoliado David; e, depois, sem atentar na diferença das épocas, dizia consigo: “Coloquei-o à frente de uma tipografia, como eu mesmo estive; e ele, que sabia mil vezes mais do que eu, não soube ir avante!”.

Incapaz de compreender o filho, condenava-o, e arrogava-se sobre aquela alta inteligência uma espécie de superioridade, pensando:

— Eu lhe guardo o pão.

Jamais conseguirão os moralistas fazer com que se compreenda toda a influência que os sentimentos exercem sobre os interesses. Essa influência é tão poderosa como a dos interesses sobre os sentimentos. Todas as leis da natureza têm duplo efeito, em sentido inverso. David compreendia o pai e tinha a sublime caridade de escusá-lo. Chegando às oito horas em Marsac, Kolb e David surpreenderam o velho no fim do jantar, que se aproximava forçosamente da hora de se meter na cama.

— Só te vejo por força da justiça — disse o pai ao filho, com um amargo sorriso.

— *Mas como podem os tois encontrar-se* — exclamou Kolb, indignado —, *se ele anta nas nuvens e o zenior zempre nas zuas vinhas?!... Pague, pague! É a zua oprigaçon te pai.*

— Anda, Kolb, vai-te embora; leva o cavalo para a estrebaria da sra. Courtois, para que não dê incômodo a meu pai, e fica sabendo que os pais têm sempre razão.

Kolb retirou-se, rosnando como um cão com que o dono ralha para que se aquiete e que protesta embora obedecendo. David, sem revelar

os seus segredos, ofereceu-se então ao pai para lhe dar a prova mais evidente da sua descoberta, propondo-lhe um interesse no negócio em troca das somas que lhe eram necessárias, tanto para se livrar imediatamente das dívidas como para entregar-se à exploração de seu segredo.

— E como me provarás que podes fazer com coisa nenhuma um bom papel que não custa nada? — perguntou o antigo tipógrafo, lançando ao filho um olhar avinhado, mas fino, curioso, ávido.

Dir-se-ia um relâmpago saindo de uma nuvem chuvosa, pois o velho Urso, fiel às suas tradições, nunca se deitava “sem pôr a touca de dormir”. Sua touca consistia em duas garrafas de excelente vinho velho que, segundo a sua expressão, ele *bebericava*.

— Nada mais simples — disse David. — Não tenho papel comigo, vim por aqui para fugir de Doublon; e, vendo-me na estrada de Marsac, pensei que bem poderia conseguir com o senhor as facilidades que conseguiria com um usurário. Só tenho a roupa do corpo. Encerre-me num local bem fechado, onde ninguém possa penetrar, onde ninguém me possa ver, e...

— Como! — exclamou o velho, lançando ao filho um terrível olhar. — Então não me deixarás assistir às tuas operações?

— Meu pai — respondeu David —, o senhor me provou que não há pai em negócios...

— Ah! com que então desconfias de quem te deu a vida!

— Não, mas de quem me tirou os meios de vida.

— Tens razão, cada um por si! — disse o velho. — Está bem, vou pôr-te no meu celeiro.

— Entro lá com Kolb; o senhor me dará uma caldeira para fazer a pasta — continuou David, sem perceber o olhar que lhe lançou o pai —, depois irá conseguir-me talos de alcachofras, de espargos, urtigas e caniços, que cortará à margem de seu arroio. Amanhã de manhã sairei de seu celeiro com um papel magnífico.

— Se for possível! — exclamou o urso, deixando escapar um arrote —, eu talvez te dê... isto é, verei se posso dar-te... digamos aí uns vinte e cinco mil francos, com a condição de que me faças ganhar outro tanto por ano...

— Ponha-me à prova, eu consinto! — exclamou David. — Kolb, monta a cavalo, vai até Mansle, compra-me uma peneira de crina e cola, e volta a toda pressa.

— Toma, bebe!... — disse o pai, colocando diante do filho uma garrafa de vinho, pão e restos de carne fria. — Toma forças, que eu vou conseguir-te a tua provisão de trapos verdes, pois que são verdes os teus trapos! Tenho até medo de que sejam demasiado verdes.

Duas horas depois, pelas onze da noite, o velho encerrava o filho e Kolb numa pequena peça contígua ao celeiro, coberta de telha-vã, e onde se achavam os utensílios necessários para queimar os vinhos do Angoumois, que fornecem, como é sabido, todas as aguardentes chamadas de Cognac.

— Oh! mas estou aqui como numa fábrica!... há lenha e caldeiras! — exclamou David.

— Pois bem, até amanhã — disse o velho Séchard —, eu vou encerrá-los, e soltarei os meus dois cachorros; estou certo de que ninguém trará papel a vocês. Mostra-me umas folhas amanhã, e declaro que serei teu sócio; os negócios serão então claros e bem conduzidos...

Kolb e David deixaram-se encerrar e passaram cerca de duas horas a triturar e preparar os talos, servindo-se de dois paus. O fogo ardia, a água fervia. Pelas duas da madrugada, Kolb, menos atarefado do que David, ouvindo um suspiro que mais se parecia com um arroto de bêbado, tomou uma das candeias e pôs-se a olhar por toda parte: avistou então o rosto violáceo do velho Séchard, que enchia uma pequena abertura quadrada no alto da porta que dava para o celeiro que se achava encoberta com pipas vazias. O finório do velho introduzira o filho e Kolb na peça do alambique pela porta exterior que servia para fazer sair os produtos. A porta interna permitia rolar as pipas do celeiro para o alambique sem dar a volta do pátio.

— *Ah!, mas istou non está tireito!* — exclamou Kolb. — *Anta querentou encanar zeu filiou... Zabe ou que faz quanto pepe uma carrafa de pom vinhou? O zenior empempeta um pom velhacou.*

— Meu pai! — exclamou David.

— Eu vinha ver se vocês não precisavam de alguma coisa — disse o vinhateiro, quase sóbrio.

— *E foi por nossou interesse que arranjou uma escatínia?* — perguntou Kolb, que abriu a porta depois de afastar as pipas e encontrou o velho de camisola, trepado numa escada de mão.

— Arriscar assim a saúde! — exclamou David.

— Creio que sou sonâmbulo — disse o velho, envergonhado, descendo da escada. — Tua falta de confiança em teu pai me fez sonhar, eu pensava que te entendias com o diabo para realizar o impossível.

— *Ou tiapou é zua paixon pelas moedas amarelínias!* — exclamou Kolb.

— Vá deitar-se, meu pai — disse David. — Encerre-nos se assim o quer, mas poupe-se o trabalho de voltar: Kolb vai ficar de sentinela.

No dia seguinte às quatro horas, depois de fazer desaparecer todos os vestígios das suas operações, David saiu de seu reduto e foi apresentar ao pai umas trinta folhas de papel cuja fineza, alvura, consistência e força nada deixavam a desejar, e que tinha como filigrana as marcas dos fios da peneira, mais grossos uns do que os outros. O velho tomou das amostras e passou-lhes a língua, como *urso* que era, habituado desde moço a fazer do paladar um experimentador de papel; manejou-as, amassou-as, dobrou-as, submeteu-as a todas as provas por que os tipógrafos fazem passar os papéis para lhes reconhecer as qualidades, e, embora nada tivesse que objetar, não quis confessar-se vencido.

— Resta saber o que isto dará no prelo!... — disse ele, para se dispensar de louvar o filho.

— *Que zucheitou!* — exclamou Kolb.

O velho, de novo impassível, cobriu com a dignidade paterna uma irresolução fingida.

— Não quero enganá-lo, meu pai, esse papel ainda me parece muito caro, e eu pretendo resolver o problema de o colar na pasta... É a única vantagem que me resta conseguir...

— Ah! querias apanhar-me!

— Ora!, colar, eu colo, mas por enquanto a cola não penetra igualmente a pasta, e dá ao papel a aspereza de uma escova.

— Pois bem, aperfeiçoa essa colagem, e poderás contar com meu

dinheiro.

— *Meu patron nunca há de ver a cor tesse tinheirou!* — apartou Kolb.

Evidentemente, o velho queria vingar-se da vergonha que passara na noite anterior, de modo que passou a tratar mais do que friamente a David.

— Meu pai — disse David, que mandara Kolb retirar-se —, eu nunca lhe quis mal por haver avaliado exorbitantemente a sua tipografia e tê-la vendido a mim nessa base; sempre o considerei como um pai. Disse comigo: “Deixemos um velho que muito lidou, e que decerto me educou muito melhor do que devia, gozar em paz e à sua maneira do fruto de seus trabalhos”. Abandonei-lhe até a herança materna e encetei sem murmurar a vida afanosa que me destinou. Resolvi enriquecer sem importuná-lo. Pois bem, este segredo, eu o descobri, com os pés no fogo, sem pão em casa, atormentado por dívidas que não contrái... Sim, lutei pacientemente até que minhas forças se esgotassem. Talvez esteja o senhor na obrigação de socorrer-me!... mas não pense em mim, veja uma mulher e uma criancinha... (aqui David não pôde conter as lágrimas) e lhes dê auxílio e proteção. Ficaria o senhor abaixo de Marion e de Kolb, que me deram as suas economias? — exclamou o filho, vendo o pai frio como uma pedra de prelo.

— E essas economias não te bastaram? — exclamou o velho desavergonhadamente. — Serias capaz de devorar a França inteira!... Temos conversado! Sou muito ignorante para me meter em explorações em que o único explorado seria eu. O *símio* não comerá o *urso* — disse ele, fazendo alusão aos apelidos do ofício. — Sou vinhateiro, não banqueiro... E, depois, isto de negócios entre pai e filho não dá ponto. Olha, vamos jantar, não hás de dizer que eu não te dou nada!...

David era uma dessas criaturas de coração profundo, onde podem ocultar os sofrimentos de modo que se tornem secretos para os que lhe são queridos; neles, quando a dor transborda dessa forma, é esse o seu supremo esforço. Eva bem compreendera aquele belo caráter de homem. Mas o pai apenas viu, naquela onda de dor trazida do fundo para a superfície, a queixa vulgar dos filhos que querem *apanhar o pai*,

e tomou a humilhação do filho pela vergonha do insucesso. Pai e filho separaram-se brigados. David e Kolb regressaram cerca da meia-noite para Angoulême, onde entraram a pé com tanta cautela como ladrões que fossem cometer um roubo. Pela uma da madrugada, David foi introduzido, sem testemunhas, na residência da srta. Basine Clerget, impenetrável asilo que a esposa lhe preparara. Ali entrando, David ia ser guardado pela mais engenhosa de todas as piedades, a de uma *grisette*. No dia seguinte de manhã, Kolb gabou-se de ter feito o patrão escapular a cavalo, e de só o ter deixado depois que o metera numa carroça que o devia levar para as imediações de Limoges. Armazenou-se no porão de Basine grande quantidade de provisões, de modo que Kolb, Marion, a sra. Séchard e sua mãe puderam prescindir de quaisquer relações com a srta. Clerget.

XVIII – NA DISPUTA DA PRESA, QUANDO OS CÃES SE ENTREOLHAM

Dois dias depois da cena com o filho, o velho Séchard, que dispunha ainda de vinte dias antes de se entregar aos trabalhos da vindima, correu à casa da nora, levado pela cupidez. Já nem podia dormir, queria saber se a descoberta oferecia alguma probabilidade de sucesso e pensava em cuidar do bolo, segundo a sua expressão. Foi morar acima dos aposentos da nora, num dos dois quartos que reservara para si na água-furtada, e ali viveu, fechando os olhos à penúria que afligia o lar do filho. Deviam-lhe aluguéis, bem podiam alimentá-lo! Não achava nada de mais que se servissem de talheres de estanho.

— Comecei assim — respondeu à nora quando esta se desculpou por não o servir com talher de prata.

Marion viu-se obrigada a ficar de fiadora, junto ao comércio, por tudo quanto se consumia em casa. Kolb trabalhava de pedreiro, a vinte *sous* por dia. Afinal, em breve não restavam mais que dez francos à pobre Eva, que, no interesse do filho e de David, sacrificava os últimos recursos para bem acolher o vinhateiro. Esperava sempre que seus agrados, seu respeitoso afeto, sua resignação acabariam por enternecer o avaro; mas encontrava-o sempre insensível. Enfim, vendo nele o

olhar frio dos Cointet, de Petit-Claud e de Cérizet, quis observar o seu caráter e sondar as suas intenções; mas foi tudo trabalho perdido! O velho Séchard permanecia impenetrável, embora estivesse sempre entre dois vinhos. A embriaguez é um duplo véu. Por trás da sua meia bebedeira, tantas vezes fingida quanto real, o homenzinho tentava arrancar a Eva os segredos de David. Ora acariciava, ora assustava a nora. Quando Eva lhe respondia que ignorava tudo, ele dizia:

— Vou beber tudo o que tenho, porei meus bens em usufruto...

Essas desonrosas lutas fatigavam a pobre vítima que, para não faltar com o respeito ao sogro, acabara por guardar silêncio. Um dia, não podendo mais, ela lhe disse:

— Mas, meu pai, há uma maneira muito simples de conseguir o que deseja: pague as dívidas de David, ele voltará para casa e os dois se entenderão.

— Ah, então é isso que querem de mim?! — exclamou ele. — É bom que eu saiba...

O velho Séchard, que não acreditava no filho, acreditava nos Cointet. Os Cointet, a quem foi consultar, o deslumbraram de propósito, dizendo-lhe que as pesquisas empreendidas por seu filho eram coisa de render milhões.

— Se David conseguir demonstrar que obteve sucesso, não hesitarei em tomá-lo como sócio em partes iguais na minha fábrica de papel, para exploração da sua descoberta — disse-lhe o Cointet grande.

Tantas informações tomou o desconfiado velho, bebendo traguinhos com os operários, interrogou tão bem a Petit-Claud, fingindo-se de tolo, que acabou por suspeitar os Cointet de se ocultarem atrás de Métivier; atribuiu-lhes o plano de arruinar a tipografia Séchard e apanhar o dinheiro dele com o engodo da descoberta, pois o velho homem do povo não podia adivinhar a cumplicidade de Petit-Claud nem nas tramas urdidas para se apoderarem algum dia daquele belo segredo industrial. Um dia, afinal, exasperado por não poder vencer o silêncio da nora nem ao menos saber por ela o paradeiro do filho, o velho resolveu forçar a porta da peça onde se fundiam os rolos, depois de ter enfim sabido que era ali que David fazia as suas experiências. Desceu de madrugada e pôs-se a bulir na fechadura.

— Que é que está fazendo aí, tio Séchard? — gritou Marion, que se levantava ao raiar do dia para ir para a fábrica e que aconteceu logo.

— Pois não estou em minha casa?! — disse ele confuso.

— Sim, senhor! Quer dizer que depois de velho deu para ladrão? Mas isto não fica assim. Vou agora mesmo contar tudo à senhora.

— Cala-te, Marion — disse o velho, tirando do bolso dois escudos de seis francos. — Toma...

— Calo-me, mas não faça mais isso — disse Marion, ameaçando-o com o dedo —, senão vou contá-lo a toda Angoulême!

Logo que o velho se retirou, Marion foi ter com a patroa.

— Tome, senhora, estes doze francos que tirei de seu sogro...

— Mas como?

— Pois não é que ele queria examinar as caldeiras e as provisões do patrão, para pilhar o segredo?! Bem sabia eu que não havia mais nada lá, mas alarmei-o como se ele estivesse a roubar o filho, e então o velho me deu dois escudos para me fazer calar a boca...

Naquele momento, Basine trazia alegremente à amiga uma carta de David, escrita em magnífico papel, que lhe entregou em segredo:

Eva adorada,

Escrevo a ti em primeiro lugar na primeira folha de papel que obtenho com os meus processos. Consegui resolver o problema da colagem na cuba. A libra de pasta, mesmo supondo o cultivo especial de bons terrenos para os produtos que emprego, sai a cinco sous. Assim, uma resma de doze libras gastará três francos de massa com cola. Tenho certeza de que poderei diminuir em metade o peso dos livros. Este envelope, a carta e as amostras são de fabricações diferentes. Beijo-te, seremos felizes pela riqueza, a única coisa que nos faltava.

— Olhe — disse Eva ao sogro, estendendo-lhe as amostras —, dê para seu filho o rendimento da colheita deste ano, que ele lhe devolverá dez vezes mais, pois alcançou completo sucesso!...

O velho Séchard correu em seguida à casa dos Cointet. Ali, cada amostra foi experimentada e meticulosamente examinada: umas tinham cola, outras não; todas traziam o preço marcado, de três a dez francos a resma; umas eram de pureza metálica, outras macias como papel da China; havia-as de todas as nuances possíveis do branco.

Judeus que examinassem diamantes não teriam uns olhos mais animados do que os Cointet e o velho Séchard.

— Seu filho está em bom caminho — disse o Cointet gordo.

— Então paguem as dívidas dele — retrucou o velho impressor.

— Com muito gosto, se ele nos tomar como sócios — respondeu o Cointet grande.

— Vocês são uns finórios! — exclamou o *urso* aposentado. — Processam meu filho por detrás de Métivier, e querem que eu lhes pague, não é? Nessa não caio eu!...

Os dois irmãos se entreolharam, mas souberam conter a surpresa que lhes causava a perspicácia do avaro.

— Ainda não somos milionários para nos divertirmos descontando letras — replicou o Cointet gordo —; seríamos muito felizes se pudéssemos pagar nossos trapos à vista, e ainda assinamos letras para o nosso fornecedor.

— É preciso tentar uma experiência em grande escala — respondeu friamente o Cointet grande —, pois o que sai bem numa marmita pode fracassar numa fábrica. Liberte primeiro o seu filho.

— Sim, mas será que meu filho, uma vez livre, irá admitir-me como sócio? — indagou o velho Séchard.

— Isso não é conosco — disse o Cointet gordo. — Acha então que, depois de ter dado dez mil francos a seu filho, nada mais será preciso? Uma patente de invenção custa dois mil francos e tem-se de fazer viagens a Paris; de resto, antes de entrar em ação nesse sentido, é prudente fabricar mil resmas, como diz meu irmão, arriscar cubas inteiras para ver no que dá. Olhe, não há nada de que se deva desconfiar tanto como dos inventores.

— Comigo — disse o Cointet grande — é tudo às claras.

O velho passou a noite a ruminar este dilema: “Se pago as dívidas de David, ele está livre e, uma vez livre, não precisa de mim como sócio. Bem sabe que o embrulhei em nossa primeira sociedade e não há de querer fazer uma segunda. Meu interesse, portanto, seria mantê-lo preso, na desgraça”.

Os Cointet conheciam bastante o velho Séchard para saber que caçariam juntos. Pensavam, pois, os três: “Para constituir uma

sociedade baseada no segredo, é preciso fazer experiências; e, para fazer experiências, é preciso libertar David Séchard. David em liberdade nos escapa”.

Além disso, cada qual tinha a sua ideia oculta. Petit-Claud considerava: “Depois de meu casamento, faço o que quero com os Cointet; mas, até lá, fico com eles”.

Pensava o Cointet grande: “Preferia ter David nas grades, aí então mandaria eu”.

E o velho Séchard, por sua vez: “Se lhe pago as dívidas, meu filho dá-me um adeusinho, e mais nada”.

Eva, atacada, ameaçada pelo vinhateiro de ser posta no olho da rua, não queria revelar o asilo do marido nem lhe propor um salvo-conduto. Não estava certa de poder ocultá-lo uma segunda vez tão bem como da primeira, e respondia, pois, ao sogro:

— Liberte seu filho, e saberá tudo.

Nenhum dos quatro interessados, que se achavam todos como ante uma mesa bem servida, ousava tocar nos pratos, por medo de que o vizinho fosse mais rápido; e todos se observavam, desconfiando uns dos outros.

XIX – O FUTURO DE PETIT-CLAUD

Alguns dias depois da reclusão de Séchard, Petit-Claud fora falar com o Cointet grande na fábrica.

— Fiz o mais que pude — disse-lhe ele. — David colocou-se voluntariamente numa prisão que desconhecemos, e onde procura em paz algum aperfeiçoamento. Se o senhor não conseguiu seus fins, a culpa não foi minha. Está disposto a cumprir sua promessa?

— Por certo, se triunfamos — respondeu Cointet. — O velho Séchard, que anda por aqui há alguns dias, veio fazer-nos perguntas sobre o fabrico do papel; o velho avarento farejou a invenção do filho e quer aproveitar-se; há portanto esperanças de uma sociedade. Você é solicitador do pai e do filho...

— Tenha então o espírito santo de entregá-los — concluiu Petit-Claud sorrindo.

— Sim — respondeu Cointet. — Se você conseguir meter David na prisão ou em nossas mãos por uma escritura de sociedade, será marido da srta. de La Haye.

— É esse então seu *ultimatum*? — perguntou Petit-Claud.

— Yes — disse Cointet —, já que estamos a falar estrangeiro.

— Eis agora o meu em bom francês — replicou Petit-Claud em tom seco.

— Ah! sim? Vejamos — voltou Cointet com um ar curioso.

— Apresente-me amanhã à sra. de Sénonches, faça com que haja algo de positivo para mim, cumpra em suma a sua promessa, ou então eu pago a dívida de Séchard e me associo com ele, vendendo o meu cargo. Não quero que me enganem. O senhor me falou claro, sirvo-me da mesma linguagem. Já dei minhas provas, dê o senhor as suas. O senhor tem tudo, e eu, nada. Se não recebo garantias de sua sinceridade, empato-lhe as cartadas.

O Cointet grande tomou o seu chapéu, o seu guarda-chuva, o seu ar de jesuíta e saiu, dizendo a Petit-Claud que o acompanhasse.

— Verá, meu caro amigo, se eu não preparei o caminho! — disse o negociante ao solicitador.

Num momento, o fino e astuto papeleiro reconhecera o perigo da sua posição e vira em Petit-Claud um desses homens com quem é preciso jogar jogo franco. Para estar em condições e por descargo de consciência, sob o pretexto de apresentar um apanhado da situação financeira da srta. de La Haye, já tinha ele lançado algumas palavras ao ouvido do antigo cônsul-geral.

— Tenho o que convém a Francisca, pois hoje em dia, com trinta mil francos de dote — disse ele a sorrir —, não pode uma moça ser exigente.

— Falaremos nisso — respondeu Francis du Hautoy. — Depois da partida da sra. de Bargeton, a posição da sra. de Sénonches está muito mudada: podemos casar Francisca com algum velho fidalgo provinciano.

— E ela se portará mal — disse o papeleiro, reassumindo o seu ar frio. — Qual nada! Case-a com um jovem capaz, ambicioso, a quem o senhor protegerá e que elevará a mulher a uma bela posição.

— Veremos — repetiu Francis. — Primeiramente é preciso consultar a madrinha.

Após a morte do sr. de Bargeton, Luísa de Nègrepelisse resolvera pôr a venda o palacete da Rue du Minage. A sra. de Sénonches, que então se achava modestamente alojada, induziu o sr. de Sénonches a comprar a referida casa, berço das ambições de Luciano e onde começou esta cena. Zeferina de Sénonches concebera o plano de suceder à sra. de Bargeton na espécie de realeza que esta exercera, de ter um salão, de fazer-se, em suma, grande dama.

Ocorrera uma cisão na alta sociedade de Angoulême, por ocasião do duelo do sr. de Bargeton com o sr. de Chandour, entre os que se pronunciaram pela inocência de Luísa de Nègrepelisse e os que acreditaram nas calúnias de Estanislau de Chandour. A sra. de Sénonches se declarou pelos Bargeton e conquistou de início todos os desse partido. Depois, instalada que foi em seu palacete, aproveitou-se dos hábitos de muita gente que ali tinha vindo jogar durante anos. Deu recepção todas as noites, levando decidida vantagem sobre Amélia de Chandour, que se apresentara como sua antagonista.

As esperanças de Francis du Hautoy, que se viu em plena aristocracia de Angoulême, iam até o desejo de casar Francisca com o velho sr. de Séverac, que a sra. du Brossard não pudera capturar para a sua filha. O regresso da sra. de Bargeton, agora como primeira-dama do prefeito de Angoulême, aumentou as pretensões de Zeferina para a sua querida afilhada. Dizia consigo que a condessa Sixto du Châtelet poria em jogo sua influência em prol daquela que se constituíra seu paladino. O papeleiro, que conhecia a sua Angoulême na ponta dos dedos, pesou num relance todas as dificuldades; mas resolveu sair de tal impasse por uma dessas audácias que só Tartufo[404] se teria permitido. O pequeno solicitador, bastante surpreso com a lealdade de seu comendatário em chicana, deixava-o entregue às suas preocupações no trajeto da fábrica de papel ao palacete da Rue du Minage, em cujo patamar os dois intrusos foram detidos com estas palavras:

— O senhor e a senhora estão almoçando.

— Anuncie-nos assim mesmo — respondeu o Cointet grande.

E o devoto comerciante, logo introduzido, apresentou-o à enfatuada Zeferina, que almoçava com o sr. Francis du Hautoy e a srta. de La Haye. O sr. de Sénonches fora, como sempre, inaugurar a estação de

caça nas propriedades do sr. de Pimentel.

— Eis aqui, minha senhora, o jovem advogado-solicitador de quem lhe falei, e que se encarregará da emancipação da sua formosa pupila.

O antigo diplomata examinou Petit-Claud, o qual, por sua vez, olhava a furto para a *formosa pupila*. Quanto à surpresa de Zeferina, a quem jamais Cointet nem Francis haviam falado de tal assunto, foi tamanha que o garfo lhe tombou das mãos.

A srta. de La Haye, espécie de pega de cara azeda, desgraciosa de corpo, magra, cabelos de um loiro desbotado, era, apesar do seu arzinho aristocrático, excessivamente difícil de casar. Estas palavras: “Pais desconhecidos”, de seu registro de nascimento, lhe vedavam na realidade a esfera em que a amizade da madrinha e de Francis a queria introduzir. A srta. de La Haye, ignorando a sua situação, fazia-se de difícil: ela rejeitaria o mais rico comerciante do Houmeau. A careta assaz significativa inspirada à srta. de La Haye pelo aspecto do magro solicitador encontrou-a também Cointet nos lábios de Petit-Claud. A sra. de Sénonches e Francis pareciam consultar-se sobre a maneira de despedir Cointet e seu protegido. Cointet, que notara tudo, pediu ao sr. du Hautoy que lhe concedesse um momento de audiência e passou para o salão com o diplomata.

— O senhor — disse-lhe Cointet sem rodeios — deixa-se cegar pela paternidade. Dificilmente poderá casar a sua filha; e, no interesse de todos, coloquei-o na impossibilidade de recuar; pois estimo Francisca como se estima uma pupila. Petit-Claud sabe de tudo!... Sua desmedida ambição garante a felicidade de sua querida filha. Primeiramente, Francisca fará do marido tudo o que quiser; mas o senhor, auxiliado pela prefeita que nos chega, poderá fazê-lo solicitador da Coroa. O sr. Milaud está positivamente transferido para Nevers. Petit-Claud venderá o cargo, o senhor lhe obterá facilmente o lugar de segundo delegado, e ele em breve será solicitador da Coroa, depois presidente do tribunal, deputado...

Voltando à sala de jantar, Francis mostrou-se amabilíssimo para com o pretendente da filha. Fitou de maneira significativa a sra. de Sénonches, e acabou aquela cena de apresentação convidando Petit-Claud para jantar no dia seguinte para tratarem de negócios. Depois

acompanhou o negociante e o solicitador até o pátio, dizendo a Petit-Claud que, em vista da recomendação de Cointet, estava disposto, bem como a sra. de Sénonches, a confirmar tudo quanto o zelador da fortuna da srta. de La Haye teria disposto a bem da felicidade daquele anjinho.

— Ah! como é feia! — exclamou Petit-Claud. — Fui caçado!...

— Ela tem um ar distinto — respondeu Cointet. — Mas, se fosse bonita, decerto não lha dariam... Olhe, meu caro, há mais de um pequeno proprietário a quem trinta mil francos e a proteção da sra. de Sénonches e da condessa du Châtelet iriam às maravilhas; tanto mais que o sr. Francis du Hautoy nunca se casará, e essa pequena é sua herdeira... Seu casamento está garantido!...

— Mas como?

— Eis o que acabo de dizer — tornou Cointet, contando ao solicitador o seu golpe de audácia. — Meu caro, dizem que o sr. Milaud vai ser nomeado solicitador da Coroa em Nevers; você venderá seu cargo e, dentro de dez anos, será chanceler. É bastante audacioso para não recuar diante de nenhum dos serviços que a Corte lhe pedir.

— Pois bem, encontre-me amanhã às quatro e meia na Place du Mûrier — respondeu o solicitador, fanatizado com as probabilidades daquele futuro. — Terei falado com o velho Séchard, e chegaremos a uma sociedade em que o pai e o filho ficarão pertencendo ao *Espírito Santo* dos Cointet.

XX – UMA FRASE DE CURA

No momento em que o velho cura de Marsac subia as ladeiras de Angoulême para ir informar Eva do estado em que se encontrava seu irmão, fazia onze dias que David estava oculto a duas portas daquela que o digno sacerdote acabava de deixar.

Ao entrar na Place du Mûrier, o padre Marron ali encontrou três homens, notáveis cada qual no seu gênero, que forçavam com todo o seu peso o futuro e o presente do pobre prisioneiro voluntário: o velho Séchard, o Cointet grande e o pequeno solicitador magricela. Três homens, três cobiças, mas três cobiças tão diferentes como os homens!

Um havia planejado vender o filho; o outro, o seu cliente; e o Cointet grande comprava essas infâmias, muito satisfeito de nada desembolsar na transação. Eram cerca de cinco horas, e a maioria dos que voltavam para jantar em casa parava a contemplar por um momento aqueles três homens.

— Que diabo têm a dizer-se o velho Séchard e o Cointet grande?... — pensavam os mais curiosos.

— Tratam decerto desse pobre coitado que deixa a mulher, o filho e a sogra na miséria — respondiam.

— É no que dá mandar os filhos aprender em Paris! — dizia um espírito forte provinciano.

— Olá! Que vem fazer aqui, senhor cura?! — exclamou o vinhateiro, ao avistar o padre Marron logo que surgiu na praça.

— Venho pelos seus — respondeu o cura.

— Mais alguma ideia de meu filho!... — exclamou o velho Séchard.

— Muito pouco lhe custaria tornar a todos felizes — disse o padre, indicando as janelas onde a sra. Séchard entremostrava atrás das cortinas a sua bela cabeça.

Naquele momento estava Eva a ver se acalmava o filho, fazendo-o saltar e cantando para ele.

— Traz-me notícias de meu filho — disse o pai — ou dinheiro, o que seria melhor?

— Nada disso; trago à irmã notícias do irmão.

— De Luciano?!... — exclamou Petit-Claud.

— Sim. O pobre rapaz veio de Paris a pé. Encontrei-o nos Courtois, morrendo de cansaço e miséria. Oh! ele é bem infeliz!

Petit-Claud despediu-se do padre e pegou Cointet pelo braço, dizendo em voz alta:

— Jantamos em casa da sra. de Sénonches; já é tempo de nos prepararmos!...

E dois passos adiante lhe disse ao ouvido:

— Quando se tem o filho, logo se tem a mãe. David agora é nosso...

— Já o casei, agora case-me — disse Cointet, deixando escapar um sorriso.

— Luciano foi meu colega de estudo, éramos *camaradas*!... Em oito

dias, saberei alguma coisa por ele. Faça com que se publiquem o casamento, que eu respondo pela prisão de David. Minha missão acaba com o registro da entrada dele na prisão.

— Ah! — suspirou Cointet —, o grande negócio seria tirar a patente em nosso nome!

Ao ouvir esta última frase, o esgrouvinhado solicitador estremeceu.

Naquele momento via Eva entrarem em sua casa o sogro e o padre Marron, que, com uma única frase, acabava de dar desenlace ao drama judiciário.

— Olhe, sra. Séchard — disse o velho Urso à nora —, aqui está o nosso cura, que decerto vem contar boas coisas de seu irmão.

— Oh! — exclamou a pobre Eva, atingida no coração. — Que mais lhe terá acontecido?

Tal exclamação denunciava tantas dores passadas, tantas e tão variadas apreensões, que o padre Marron apressou-se a dizer:

— Tranquilize-se, senhora, ele está vivo!

— Pode ter a bondade, meu pai — disse Eva ao velho vinhateiro —, de ir procurar minha mãe? Ela ouvirá o que o padre Marron tem a dizer-nos de Luciano.

O velho foi chamar a sra. Chardon, a quem disse:

— A senhora terá pano para mangas com o padre Marron, que é bom homem, *apesar de padre*. O jantar decerto vai atrasar-se. Voltarei daqui a uma hora.

E o velho, insensível a tudo o que não soasse ou reluzisse a ouro, deixou a velha senhora sem ver o efeito do golpe que acabava de lhe desferir. A desgraça que pesava sobre os seus dois filhos, o ruir das esperanças assentadas em Luciano, a mudança tão imprevista de um caráter que por tanto tempo haviam julgado enérgico e probo, todos os acontecimentos, enfim, daqueles últimos dezoito meses tinham tornado irreconhecível a sra. Chardon. Não era apenas nobre de raça, era-o também de coração, e adorava os filhos; sofrera assim mais naqueles seis meses que desde a sua viuvez. Luciano tivera a oportunidade de se tornar Rubempré por decreto real, de recomeçar aquela família, fazer-lhe reviver o título e os brasões, de engrandecer-se! E tombara na lama! Pois, mais severa para com ele do que Eva,

considerara Luciano como perdido desde o dia em que soube do caso das letras. As mães querem às vezes enganar-se; mas sempre conhecem bem os filhos que criaram, que nunca perderam de vista; e, nas discussões que provocavam entre David e a mulher as oportunidades de Luciano em Paris, a sra. Chardon, embora parecendo partilhar as ilusões de Eva a respeito de Luciano, temia que David tivesse razão, pois ele falava como ela ouvia falar a sua consciência de mãe. Conhecia muito a sensibilidade da filha para que lhe confessasse os seus sentimentos; era pois obrigada a devorá-los nesse silêncio que apenas são capazes de guardar as mães que sabem amar a seus filhos. Eva, por seu lado, seguia com terror as devastações que os desgostos provocavam em sua mãe, via-a passar da velhice para a decrepitude, e sem parar! Mãe e filha, portanto, diziam uma à outra dessas nobres mentiras que não enganam. Na vida daquela mãe, a frase do feroz vinhateiro foi a gota d'água que devia encher a taça das aflições; a sra. Chardon sentiu-se ferida em pleno coração.

Assim, quando Eva disse ao padre: “Aqui está minha mãe!”, quando o sacerdote contemplou aquele rosto macerado como o de uma velha religiosa, emoldurado pelos cabelos completamente embranquecidos, mas embelezado pelo ar suave e calmo das mulheres piedosamente resignadas e que seguem, como se diz, à mercê de Deus, compreendeu toda a vida daquelas duas criaturas. O padre não teve mais piedade do carrasco, de Luciano; estremeceu, adivinhando todos os suplícios sofridos pelas vítimas.

— Minha mãe — disse Eva, enxugando os olhos —, meu pobre irmão está bem perto de nós, está em Marsac.

— E por que não aqui? — perguntou a sra. Chardon.

O padre Marron contou tudo o que Luciano lhe dissera das misérias de sua viagem e das desgraças de seus últimos dias em Paris. Descreveu as angústias que agitaram o poeta ao saber quais tinham sido os efeitos de suas imprudências no seio da família e suas apreensões quanto ao acolhimento que poderia esperá-lo em Angoulême.

— Chegou até a duvidar de nós? — disse a sra. Chardon.

— O desgraçado veio a pé para casa, sofrendo as mais terríveis

privações, e volta disposto a entrar nos mais humildes caminhos da vida... a reparar suas faltas.

— Senhor — disse Eva —, apesar do mal que ele nos fez, eu amo meu irmão, como se ama o corpo de uma criatura que não mais existe; e amá-lo assim é amá-lo ainda mais do que muitas irmãs amam seus irmãos. Ele nos tornou muito pobres; mas que venha, partilhará do mísero pedaço de pão que nos resta, do que nos deixou, enfim. Ah! se ele não nos tivesse deixado, senhor, não teríamos perdido os nossos mais caros tesouros.

— E veio na carruagem da mulher que no-lo arrebatou! — exclamou a sra. Chardon. — Partiu na caleça da sra. de Bargeton, a seu lado, e voltou na traseira do carro!

— Em que lhes posso ser útil na situação em que se acham? — indagou o bravo cura, que procurava uma frase de despedida.

— Oh! dizem que chaga de dinheiro não é mortal; mas essas chagas só o próprio doente as pode curar — respondeu a sra. Chardon.

— Se o senhor tivesse influência bastante para convencer meu sogro a ajudar o filho, salvaria uma família inteira — disse a sra. Séchard.

— Ele não crê na senhora e pareceu-me muito exasperado contra seu marido — disse o cura, a quem as paráfrases do vinhateiro tinham feito considerar os negócios de Séchard como uma casa de marimbondos onde não convinha mexer.

Finda a sua missão, foi o padre jantar em casa de seu sobrinho-neto Postel, que dissipou o pouco de boa vontade de seu velho tio, dando, como toda Angoulême, razão ao pai contra o filho.

— Com os dissipadores ainda há recurso — terminou o pequeno Postel —, mas com os que fazem experiências, é ruína na certa.

O TIPO FATAL DA FAMÍLIA

XXI – A VOLTA DO FILHO PRÓDIGO

A curiosidade do cura de Marsac estava inteiramente satisfeita, o que, em todas as províncias da França, é o fim principal do extraordinário interesse que demonstram uns pelos outros. A noite, informou o poeta

de tudo o que se passava com os Séchard, apresentando-lhe a sua viagem como uma missão ditada pela mais pura caridade.

— O senhor endividou sua irmã e seu cunhado em dez a doze mil francos — concluiu ele —, e ninguém, meu caro senhor, tem essa bagatela para emprestar ao vizinho. No Angoumois não somos ricos. Eu julgava que se tratasse de muito menos quando o senhor me falava de suas letras.

Depois de agradecer as bondades do velho, disse-lhe o poeta:

— A palavra de perdão que o senhor me traz é para mim o verdadeiro tesouro.

No dia seguinte Luciano partiu muito cedo de Marsac para Angoulême, aonde chegou pelas nove horas, de bengala, com uma pequena sobrecasaca muito estragada pela viagem e umas calças pretas desbotadas nalguns pontos. As botas gastas diziam aliás significativamente que ele pertencia à desgraçada classe dos pedestres, de modo que não alimentava ilusões quanto ao efeito que devia produzir em seus conterrâneos o contraste entre o seu regresso e a sua partida. Mas, com o coração ainda abalado pelos remorsos que lhe causara a narrativa do velho padre, aceitava no momento aquela punição, disposto a afrontar os olhares dos conhecidos. Dizia com os seus botões: “Eu sou mesmo heroico!”.

Essas naturezas de poeta principiam todas por se enganar a si mesmas. À medida que avançava Houmeau adentro, sua alma lutava entre a vergonha daquele regresso e a poesia de suas recordações. Seu coração palpitou ao passar pela porta de Postel, onde, muito felizmente para ele, Leôncia Marron se encontrava a sós na loja com o filho. Viu com prazer (tamanha era ainda a força da vaidade) que fora apagado da fachada o nome do pai. Depois de casado, Postel mandara repintar a botica, e pusera-lhe em cima, como se usava em Paris, a denominação: FARMÁCIA. Ao subir a ladeira da porte Palet, Luciano, experimentando a influência do ar natal, não mais sentiu o peso de seus infortúnios, e pensou com delícia: “Vou tornar a vê-los!”.

Chegou à Place du Mûrier sem ter encontrado ninguém: uma ventura que mal esperava, ele que outrora passeava pela sua cidade como um triunfador! Marion e Kolb, de sentinela à porta,

precipitaram-se pela escada, gritando:

— Aqui está ele!

Luciano reviu a velha oficina e o velho pátio, encontrou na escada a irmã e a mãe, e beijaram-se, esquecendo por um instante naquelas efusões todas as suas desventuras. Em família, a gente sempre se acomoda com a desgraça; faz-se dela um leito, e a esperança faz aceitar a sua dureza. Se Luciano apresentava a imagem do desespero, também lhe apresentava a poesia: o sol das estradas lhe tisonara a pele; e a melancolia profunda que trazia impressa nas feições ensombrecia a sua fronte de poeta. Tantos sofrimentos denunciava essa mudança que, ao aspecto dos vestígios deixados pela miséria em sua fisionomia, o único sentimento possível era a compaixão. A fantasia, partindo do seio da família, vinha encontrar na volta as mais tristes realidades. Eva teve, no meio da sua alegria, o sorriso das santas no martírio. A dor torna sublime o rosto das mulheres formosas. A gravidade, que substituíra na face da irmã a completa inocência que lhe vira ao partir para Paris, falava com muita eloquência a Luciano para que ele não recebesse uma impressão dolorosa. Assim, à primeira efusão dos sentimentos, tão viva, tão natural, seguiu-se, em ambas as partes, uma reação: cada qual temia falar. Luciano, entretanto, não pôde deixar de procurar com os olhos aquele que faltava à reunião. Esse olhar, bem compreendido, fez Eva cair em pranto, e também Luciano. Quanto à sra. Chardon, continuou pálida e aparentemente impassível. Eva ergueu-se, desceu para poupar ao irmão uma palavra dura e foi dizer a Marion:

— Luciano gosta muito de morangos, é preciso consegui-los!...

— Oh! eu logo vi que a senhora havia de querer festejar a vinda do sr. Luciano. Fique descansada, que há de ter um lindo almoço, e um bom jantar também.

— Luciano — disse a sra. Chardon ao filho —, tens muito que reparar aqui. Tendo partido para ser um motivo de orgulho para tua família, tu nos mergulhaste na miséria. Quase quebraste nas mãos de teu cunhado o instrumento da riqueza, na qual ele só pensava para proveito da sua nova família. E não quebraste apenas isso...

Fez-se uma terrível pausa, e o silêncio de Luciano implicou a aceitação daquelas censuras maternas.

— Entra num caminho de trabalho — continuou brandamente a sra. Chardon. — Não te censuro por teres tentado fazer reviver a nobre família de que descendo; mas para tais empresas é preciso antes de tudo uma fortuna e altivez de sentimentos: nada disso tiveste. À confiança fizeste suceder em nós a desconfiança. Destruíste o sossego desta família trabalhadora e resignada, que seguia um penoso caminho. Às primeiras faltas, deve-se perdoar. Mas não recomeces. Encontramo-nos em circunstâncias difíceis, sê prudente, escuta a tua irmã. O infortúnio é um mestre, cujas lições, bem duramente dadas, frutificaram nela: Eva tornou-se séria, é mãe, carrega todo o fardo dos encargos da casa por dedicação ao nosso querido David; tornou-se, enfim, por culpa tua, o meu único consolo.

— Podia ser mais severa — disse Luciano, beijando a mãe. — Aceito o seu perdão, por ser o único que terei de receber.

Eva voltou; e, pela atitude humilhada do irmão, compreendeu que a sra. Chardon havia falado. Sua bondade lhe pôs um sorriso nos lábios, a que Luciano respondeu com lágrimas reprimidas. A presença possui como que um encantamento, transforma as disposições mais hostis tanto entre amantes como no seio das famílias, por mais fortes que sejam os motivos de queixa. Será que o afeto traça, nos corações, caminhos que nos é grato percorrer de novo? Pertencerá esse fenômeno à ciência do magnetismo? Diz a razão que a gente nunca mais deve tornar a ver-se, ou então perdoar, não é assim? Seja ao raciocínio, a uma causa física ou à alma que tal efeito pertença, cada qual deve ter experimentado que os olhares, o gesto, a ação de uma criatura amada encontram naqueles a quem mais ofendeu, mortificou ou maltratou, vestígios de ternura. Se o espírito esquece dificilmente, se o interesse ainda sofre, o coração, apesar de tudo, retorna à escravidão. Assim, a pobre irmã, ouvindo até a hora do almoço as confidências de Luciano, não foi senhora de seus olhos quando o encarou, nem de sua voz quando deixou falar o coração. Compreendendo as condições do meio literário de Paris, compreendeu como Luciano pudera sucumbir na luta. A alegria do poeta ao acariciar o filho da irmã, as suas criancices, a felicidade de rever a sua terra e os seus, mesclada ao profundo pesar de saber David escondido, as

palavras de melancolia que escaparam a Luciano, seu enternecimento, quando Marion serviu os morangos, ao ver que, na situação em que se achava, a irmã ainda se lembrara de suas preferências, tudo, até a obrigação de alojar o irmão pródigo e ocupar-se dele, fez daquele dia uma festa. Foi como que uma pausa na miséria. Até o velho Séchard fez as duas mulheres contrariarem o impulso de seus sentimentos, dizendo:

— Vocês o festejam como se ele lhes trouxesse mundos e fundos!...

— Mas que fez meu irmão para não ser festejado?! — exclamou a sra. Séchard, zelosa de ocultar a vergonha de Luciano.

Todavia, passadas as primeiras ternuras, a verdade começou a transparecer. Luciano logo percebeu em Eva a diferença entre a afeição atual e a que ela outrora lhe dedicava. David era profundamente respeitado, ao passo que Luciano era amado *apesar de tudo*, e como se ama a uma amante, apesar dos transtornos que ela causa. A estima, fundo necessário a nossos sentimentos, é o sólido estofo que lhes dá não sei que certeza, que segurança de que vivemos, e que faltava entre a sra. Chardon e seu filho, entre a irmã e o irmão. Luciano sentiu-se privado dessa inteira confiança que teriam nele se não tivesse faltado à honra. A opinião escrita por D'Arthez a seu respeito, e que se tornara a de sua irmã, traía-se nos gestos, nos olhares, na voz. Luciano era lamentado! Mas, quanto a ser a glória, a nobreza da família, o herói do lar doméstico, todas essas belas esperanças haviam fugido para sempre. Temiam a sua leviandade a ponto de lhe ocultarem o asilo em que vivia David. Eva, insensível às carícias de que veio acompanhada a curiosidade de Luciano, que queria ver o cunhado, não era mais a Eva do Houmeau para quem outrora um único olhar de Luciano era uma ordem irresistível. Luciano falou de reparar suas faltas, gabando-se de poder salvar David. Eva respondeu-lhe:

— Não te metas nisso; temos como adversários os indivíduos mais pérfidos e mais hábeis daqui.

Luciano abanou a cabeça como se dissesse: “Eu combati contra parisienses...”. A irmã replicou-lhe com um olhar que significava: “E foste vencido”.

“Já não sou amado”, pensou Luciano. “Para a família, como para a

sociedade, é preciso, pois, triunfar.”

Desde o segundo dia, procurando explicar-se a pouca confiança da mãe e da irmã, ocorreu-lhe um pensamento, não de ódio, mas de pesar. Aplicou as medidas da vida parisiense àquela casta vida provinciana, esquecendo que a mediocridade paciente daquele interior sublime de resignação era obra sua.

“São burguesas, não podem compreender-me”, pensou ele, desligando-se assim da irmã, da mãe e de David, a quem não mais podia iludir quanto ao seu caráter, nem quanto ao seu futuro.

Eva e a sra. Chardon, cujo senso divinatório fora despertado por tantos choques e desgraças e que espiavam os mais secretos pensamentos de Luciano, sentiam-se mal julgadas e o viam isolar-se delas.

“Paris mudou-o muito!”, pensaram ambas.

Colhiam enfim o fruto do egoísmo que elas próprias haviam cultivado. De um lado e de outro, aquela tênue levedura devia fermentar, e fermentou; mas principalmente em Luciano, que se julgava tão censurável. Quanto a Eva, era bem dessas irmãs que sabem dizer a um irmão em falta: “Perdoa-me os *teus* erros...”. Quando a união das almas foi perfeita, como no início da vida entre Eva e Luciano, o mais leve golpe a esse belo ideal do sentimento torna-se mortal. Enquanto criminosos se acomodam após uma troca de punhaladas, os amorosos se desavêm irrevogavelmente por um olhar, uma palavra. Nessa lembrança da quase perfeição da vida sentimental se encontra o segredo de separações muitas vezes inexplicáveis. Pode-se viver com uma desconfiança no coração quando o passado não oferece o quadro de uma afeição pura e sem nuvens; mas, para duas criaturas outrora perfeitamente unidas, quando a palavra e o olhar exigem explicações, a vida se torna insuportável. Assim os grandes poetas fazem morrer os seus Paulos e Virgínias[405] ao saírem da adolescência. Compreenderíeis Paulo e Virgínia de mal um com o outro?... Notemos, para honra de Eva e de Luciano, que os interesses, tão fortemente atingidos, não avivavam tais desinteligências: na irmã irrepreensível, como no poeta culposos, tudo era sentimento; de modo que o menor mal-entendido, a mínima querela, um novo deslize de

Luciano poderia desuni-los ou inspirar uma dessas questões que irrevogavelmente dividem as famílias. Em assuntos de dinheiro, tudo se arranja; mas os sentimentos são implacáveis.

XXII – UM TRIUNFO INESPERADO

No dia seguinte, Luciano recebeu um número do jornal de Angoulême e empalideceu de prazer ao ver-se como assunto de um dos primeiros *Premiers-Angoulême* que se permitia aquela estimável folha, que, semelhante às academias de província, no dizer de Voltaire, como donzela bem-educada, jamais dava que falar de si:

Que o Franco-Condado se orgulhe de ter dado à luz Victor Hugo, Charles Nodier e Cuvier; a Bretanha, a Chateaubriand e a Lamennais; a Normandia, a Casimir Delavigne; a Touraine, ao autor de *Eloá*;[406] hoje, o Angoumois, onde já sob Luís XIII o ilustre Guez,[407] mais conhecido sob o nome de Balzac, se fez nosso compatriota, nada mais tem que invejar nem a essas províncias nem ao Limousin, que produziu Dupuytren,[408] nem ao Auvergne, pátria de Montlosier,[409] nem a Bordeaux, que teve a felicidade de ver nascerem tantos grandes homens; também nós possuímos um poeta! O autor dos belos sonetos intitulados *As boninas* acrescentou à glória do poeta a do prosador, pois se lhe deve igualmente magnífico romance intitulado *O arqueiro de Carlos IX*. Um dia os nossos descendentes se orgulharão de ter por compatriota a Luciano Chardon, um rival de Petrarca!!!...

Nos jornais provincianos daqueles tempos os pontos de exclamação se assemelhavam aos hurras com que se acolhem os *speeches* dos *meetings* na Inglaterra.

Apesar de seus brilhantes sucessos em Paris, lembrou-se o nosso jovem poeta de que o palácio de Bargeton fora o berço de seus triunfos, que a aristocracia do Angoumois aplaudira em primeiro lugar as suas poesias; que a esposa do sr. conde du Châtelet, prefeito do nosso departamento, animara os seus primeiros passos na carreira das musas, e ei-lo que volta para o meio de nós!... O Houmeau inteiro se alvoroçou quando ontem apareceu o nosso Luciano de Rubempré. A noticia de seu regresso causou por toda a parte a mais viva sensação. É certo que a cidade de Angoulême não se deixará preceder pelo

Houmeau nas honras que se tencionam prestar àquele que, tanto na imprensa como na literatura, tão gloriosamente representou a nossa cidade em Paris. Luciano, ao mesmo tempo poeta religioso e monarquista, afrontou o furor dos partidos; veio, ao que dizem, repousar das fadigas de uma luta que cansaria a atletas mais fortes ainda do que homens de poesia e de meditação. Por uma ideia eminentemente política, a qual aplaudimos e que, segundo se diz, partiu da sra. condessa du Châtelet, pensa-se em restituir ao nosso grande poeta o título e o nome da ilustre família dos Rubempré, cuja única herdeira é a sra. Chardon, sua mãe. Remoçar assim, com talentos e glórias novas, as velhas famílias prestes a extinguir-se constitui, no imortal autor da Carta,^[410] mais uma prova do seu constante desejo expresso nestas palavras: *União e Esquecimento*. O nosso poeta está residindo em casa de sua irmã, a sra. Séchard.

Sob a rubrica de Angoulême vinham as notícias seguintes:

“Nosso prefeito, o sr. conde du Châtelet, já nomeado gentil-homem ordinário da Câmara de Sua Majestade, acaba de ser feito conselheiro de Estado em serviço extraordinário.

“Ontem todas as autoridades foram apresentar-se ao sr. prefeito.

“A sra. condessa Sixto du Châtelet receberá às quintas-feiras.

“O *maire* de Escarbas, sr. de Nègrepelisse, representante do ramo segundo dos D’Espard, pai da sra. du Châtelet, recentemente nomeado conde, par de França e comendador da real ordem de São Luís, está designado, pelo que dizem, para presidir o grande colégio eleitoral de Angoulême nas próximas eleições”.

— Olha! — disse Luciano à irmã, entregando-lhe o jornal.

Depois de ler atentamente o artigo, Eva devolveu o jornal a Luciano com um ar pensativo.

— Que dizes disso? — indagou Luciano, espantado de uma prudência que mais parecia frieza.

— Meu caro — respondeu ela —, este jornal pertence aos Cointet, que são absolutamente senhores de inserir ou não inserir artigos, e só podem ser coagidos pela Prefeitura ou pelo arcebispado. Julgas o teu antigo rival, hoje prefeito, tão generoso para entoar assim os teus louvores? Esqueces que os Cointet nos perseguem sob o nome de Métivier e querem sem dúvida obrigar David a deixá-los aproveitar-se

das suas descobertas?... De qualquer parte que esse artigo provenha, acho-o inquietante. Aqui só provocavas ódios e invejas; caluniavam-te, em vista do provérbio de que ninguém é profeta em sua terra, e agora tudo muda num abrir e fechar de olhos!

— Tu não conheces o amor-próprio das cidades da província — respondeu Luciano. — Num lugarejo do sul, chegaram a ir receber em triunfo, às portas da cidade, a um jovem que obtivera o primeiro prêmio no concurso geral, vendo nele um grande homem em projeto!

— Escuta, meu caro Luciano, eu não quero pregar-te sermões, direi apenas isto: aqui, debes desconfiar das menores coisas.

— Tens razão — respondeu Luciano, surpreso de encontrar a irmã tão pouco entusiástica.

O poeta achava-se no auge da alegria ao ver mudada num triunfo a sua mesquinha e vergonhosa entrada em Angoulême.

— Não acreditam nem no pouco de glória que tão caro nos custa! — exclamou Luciano, após uma hora de silêncio, durante a qual se acumulou como que uma tempestade em seu coração.

Como única resposta, Eva olhou para Luciano, e esse olhar envergonhou-o da sua acusação.

Alguns instantes após o jantar, um contínuo da Prefeitura trouxe uma carta endereçada ao sr. Luciano Chardon, e que pareceu dar ganho de causa à vaidade do poeta, que o mundo disputava à família.

Era o convite seguinte:

O sr. conde Sixto du Châtelet e a sra. condessa du Châtelet têm a honra de convidar para jantar o sr. Luciano Chardon, a 15 de setembro próximo.

Pede-se resposta

Ao convite vinha junto o seguinte cartão de visita:

CONDE SIXTO DU CHÂTELET

Gentil-homem ordinário da Câmara do rei

Prefeito de Charente

Conselheiro de Estado.

— Você está de maré — disse o velho Séchard —, é falado aí na cidade

como um grande personagem... Brigam entre Angoulême e o Houmeau para ver quem lhe fará coroas.

— Minha querida Eva — disse Luciano ao ouvido da irmã —, encontro-me exatamente como no Houmeau, no dia em que devia ir à casa da sra. de Bargeton: não tenho roupa para o jantar do prefeito.

— Pretendes então aceitar esse convite?! — exclamou a sra. Séchard, alarmada.

Sobre a questão de ir ou não ir à Prefeitura, travou-se uma polêmica entre os dois irmãos. O bom senso de provinciana dizia a Eva que a gente só se deve mostrar em sociedade com cara alegre, indumentária apropriada e aspecto irrepreensível; mas o seu verdadeiro pensamento era o seguinte: “Aonde o levará o jantar do prefeito? Que poderá fazer por Luciano a alta sociedade de Angoulême? Não estarão maquinando alguma coisa contra ele?”.

Luciano acabou por dizer à irmã antes de ir deitar-se:

— Então não sabes da minha influência? A mulher do prefeito teme o jornalista; aliás, na condessa du Châtelet sempre existe Luísa de Nègrelisse! Uma mulher que acaba de obter tantos favores bem pode salvar David. Contar-lhe-ei a descoberta que fez meu cunhado, e para ela não custará nada conseguir um auxílio de dez mil francos do ministério.

Às onze da noite, Luciano, sua irmã, sua mãe, o velho Séchard, Marion e Kolb foram despertados pela banda de música da cidade, à qual se reunira a da guarnição, e viram a Place du Mûrier cheia de gente. Era uma serenata que os jovens de Angoulême davam a Luciano de Rubempré. Luciano chegou à janela da irmã e disse, no meio do mais profundo silêncio, após o último trecho:

— Agradeço a meus conterrâneos a honra que me fazem, e tratarei de a merecer; não de perdoar-me que não lhes diga mais; minha emoção é tão forte que eu não poderia continuar.

— Viva o autor do *Arqueiro de Carlos* ix!... Viva o autor das *Boninas*! Viva Luciano de Rubempré!...

Depois dessas três salvas gritadas por algumas vozes, foram habilmente lançadas dentro da janela do aposento três coroas e três ramalhetes. Dez minutos depois a Place du Mûrier estava deserta e o

silêncio ali reinava.

— Eu por mim preferia dez mil francos — disse o velho Séchard, examinando as flores com um ar profundamente malicioso. — Mas você lhes deu margaridas, eles lhe devolvem ramalhetes: com vocês fica tudo em flores.

— Eis o apreço que dá o senhor às honras que me conferem os meus concidadãos! — exclamou Luciano, com uma expressão já sem nenhuma melancolia e radiante de satisfação. — Se o senhor conhecesse os homens, papai Séchard, veria que não sucedem dois instantes como este na vida. Só a um entusiasmo verdadeiro é que se podem dever semelhantes triunfos!... Isto, minha querida mãe e minha boa irmã, isto consola de muitos dissabores.

Luciano abraçou a irmã e a mãe como a gente se abraça nesses momentos em que a alegria transborda de tal maneira que é preciso lançá-la no coração de um amigo. “Na falta de um amigo”, dizia Bixiou, “um autor embriagado de sucesso abraça o seu porteiro.”

— Mas por que estás chorando, minha querida? — disse ele a Eva. — Ah? é de alegria...

— Ah! — disse Eva para a mãe, antes de voltar ao leito e quando se viram a sós —, num poeta, penso eu, há sempre uma bonita mulher da pior espécie...

— Tens razão — respondeu a mãe, sacudindo a cabeça —, Luciano já esqueceu tudo, não só as suas desgraças, mas também as nossas.

Mãe e filha se separaram, sem se atreverem a trocar todos os seus pensamentos.

XXIII – AS ENGRENAGENS DO TRIUNFO

Nos países devorados pelo sentimento de insubordinação social oculto sob a palavra *igualdade*, todo triunfo é um desses milagres que não se realizam, como aliás certos milagres, sem a cooperação de hábeis maquinistas. Em dez ovações obtidas por dez homens vivos e conferidas no seio da pátria há nove cujas causas são estranhas ao glorioso homenageado. O triunfo de Voltaire nos tablados do Théâtre-Français não era acaso o da filosofia do seu século? Na França, só se

pode triunfar quando toda a gente se coroa a si mesma na cabeça do triunfador. Assim, as duas mulheres tinham razão em seus pressentimentos. O sucesso do grande homem de província era muito antipático aos costumes imóveis de Angoulême para não ter sido posto em cena por interesses ou por um maquinista apaixonado, colaborações igualmente pérfidas. Eva, como de resto a maioria das mulheres, desconfiava por sentimento, sem que pudesse justificar a si mesma a sua desconfiança. Dizia consigo ao adormecer: “Quem poderá estimar tanto a meu irmão para assim alvoroçar a terra?... *As boninas* aliás ainda não estão publicadas... Como poderão felicitá-lo por um futuro sucesso?”.

Esse triunfo era, com efeito, obra de Petit-Claud. No dia em que o cura de Marsac lhe anunciou o regresso de Luciano, o solicitador jantava pela primeira vez em casa da sra. de Sénonches, que devia receber oficialmente o pedido da mão de sua pupila. Foi um desses jantares de família em que a solenidade se mostra mais pelos vestuários do que pelo número de convivas. Embora em família, sabe-se que se está representando, e em todas as atitudes transparecem as intenções. Francisca estava como que em exposição. A sra. de Sénonches arvorara os pavilhões das suas *toilettes* mais pretensiosas. O sr. du Hautoy achava-se de casaca preta. O sr. de Sénonches, a quem a mulher escrevera comunicando a chegada da sra. du Châtelet, que devia aparecer pela primeira vez em casa deles, bem como a apresentação oficial de um pretendente de Francisca, voltara da propriedade do sr. de Pimentel. Cointet, na sua mais bela casaca castanha de corte eclesiástico, ostentava aos olhares de todos, no peitilho da camisa, um diamante de seis mil francos, vingança de rico comerciante sobre a aristocracia pobre. Petit-Claud, barbeado, penteado, ensaboado, não pudera desfazer-se do seu arzinho seco. Era impossível não comparar aquele magro solicitador, entalado na sua casaca, a uma víbora inteiriçada pelo frio; mas a esperança de tal modo aumentava a vivacidade de seus olhos de pega, tamanha frieza imprimiu ele à fisionomia, empertigou-se tanto, que atingiu justamente a dignidade de um ambicioso procuradorzinho do rei. A sra. de Sénonches pedira aos íntimos que não dissessem palavras sobre

a primeira entrevista de sua pupila com um pretendente, nem sobre o aparecimento da mulher do prefeito, de forma que esperava ver cheios os seus salões. Realmente, o senhor prefeito e a esposa tinham feito as visitas oficiais por cartão, reservando como um meio de ação a honra das visitas pessoais. Assim, achava-se a sociedade de Angoulême tomada de tamanha curiosidade que várias pessoas partidárias de Chandour resolveram comparecer ao palácio de Bargeton, pois teimavam em não chamar aquela casa de palácio de Sénonches. As provas da influência da condessa du Châtelet haviam despertado muitas ambições; e aliás a diziam de tal modo mudada em vantagem própria que cada qual queria julgá-la por seus próprios olhos. Ao saber, em caminho, por intermédio de Cointet, o grande favor que Zeferina obtivera da prefeita para lhe apresentar o futuro esposo da sua querida Francisca, Petit-Claud resolveu tirar partido da posição canhestra em que o regresso de Luciano colocava Luísa de Nègrepelisse.

O sr. e a sra. de Sénonches tinham tomado compromissos tão pesados ao comprar a casa que, como bons provincianos, não pensaram em lhe fazer a mínima mudança. Assim, a primeira frase de Zeferina, ao anunciarem Luísa, quando se dirigiu a seu encontro, foi a seguinte:

— Minha querida Luísa, veja... você aqui ainda está em sua casa. — E mostrava-lhe o pequeno lustre com pendentes, os forros da sala e o mobiliário que outrora haviam fascinado a Luciano.

— É o que eu menos quero lembrar, minha querida — disse graciosamente a mulher do prefeito, lançando um olhar em torno de si para examinar a assembleia.

Todos confessaram que Luísa de Nègrepelisse não parecia a mesma. A sociedade parisiense onde vivera durante dezoito meses, as primeiras felicidades do casamento, que transformaram tanto a mulher como Paris transformara a provinciana, a espécie de dignidade que o poder confere, tudo fazia da condessa du Châtelet uma mulher que se assemelhava à sra. de Bargeton como uma rapariga de vinte anos se assemelha à sua mãe. Trazia um encantador chapéu de rendas e flores, negligentemente pregado com um alfinete de diamante. Seus cabelos à inglesa lhe acompanhavam a linha do rosto e o rejuvenesciam,

ocultando-lhe os contornos. Usava um vestido de seda, com o corpete em ponta, deliciosamente franjado, e cujo corte, devido à famosa Vitorina, lhe realçava muito bem o talhe. Os ombros, cobertos por um fichu, eram apenas visíveis sob a manta de gaze habilmente enrolada ao pescoço muito longo. Brincava, enfim, com essas lindas bagatelas cujo manejo é o escolho das provincianas: uma bonita caçoula pendia-lhe do bracelete por uma corrente; numa das mãos trazia o leque e o lenço enrolado, sem embarçar-se com eles. O refinado bom gosto dos mínimos detalhes, a atitude e maneiras copiadas à sra. d'Espard revelavam em Luísa um sábio estudo do Faubourg Saint-Germain. Quanto ao velho janota do Império, o casamento o amadurecera, como a esses melões que, de verdes ainda na véspera, se tornam amarelos da noite para o dia. Ao descobrir na face radiante da esposa o verdor que Sixto perdera, fizeram-se, de ouvido para ouvido, gracejos provincianos, tanto mais que todas as mulheres estavam furiosas com a nova superioridade da antiga rainha de Angoulême; e o tenaz intruso teve de pagar pela mulher. Excetuados o sr. de Chandour e esposa, o falecido Bargeton, o sr. de Pimentel e os Rastignac, o salão se achava mais ou menos tão concorrido como no dia em que Luciano ali fizera a sua leitura, pois chegara o sr. bispo, acompanhado de seus vigários-gerais. Petit-Claud, impressionado com o espetáculo da aristocracia do Angoumois, em cujo seio desesperava de jamais encontrar-se quatro dias antes, sentiu apaziguar-se o seu ódio contra as classes superiores. Achou encantadora a condessa du Châtelet, dizendo consigo: “Aí está a mulher que me pode fazer nomear substituto!”.

Pelo meio da noite, depois de ter conversado o mesmo tempo com cada uma das mulheres, variando o tom da palestra segundo a importância da pessoa e a conduta que tivera a mesma a propósito da sua fuga com Luciano, Luísa retirou-se para o toucador com o sr. arcebispo. Zeferina tomou então o braço de Petit-Claud, cujo coração palpitou, e levou-o para aquele gabinete onde haviam começado os infortúnios de Luciano, e onde eles se iam consumir.

— Apresento-te o sr. Petit-Claud, minha querida, e tanto mais vivamente to recomendo porque tudo o que fizeres por ele reverterá sem dúvida em benefício da minha pupila.

— O senhor é solicitador? — disse a augusta filha dos Nègrepelisse, medindo de alto a baixo Petit-Claud.

— Infelizmente!, *senhora condessa*.

Jamais o filho do alfaiate do Houmeau tivera em toda a sua vida uma única ocasião de servir-se dessas duas palavras: encheu então a boca com elas.

— Mas — continuou ele — o meu progresso depende da sra. condessa. Dizem que o sr. Milaud vai para Nevers...

— Mas não se principia como segundo delegado — observou a condessa — passando depois para primeiro? Eu desejaria vê-lo imediatamente como primeiro delegado... Para ocupar-me de si e obter-lhe esse favor, quero ter alguma certeza da sua dedicação à legitimidade, à religião, e principalmente ao sr. de Villèle.

— Ah! minha senhora — disse Petit-Claud, aproximando-se de seu ouvido —, eu sou homem de obedecer absolutamente ao rei.

— É disso que *nós* precisamos hoje — replicou ela, recuando um pouco para lhe dar a entender que não mais queria saber de conversas ao ouvido. — Se o senhor continuar a ser do agrado da sra. de Sénonches, pode contar comigo — acrescentou, fazendo um gesto régio com o leque.

— Minha senhora — disse Petit-Claud, vendo Cointet assomar à porta do gabinete —, Luciano está na cidade.

— E daí, senhor?... — respondeu a condessa num tom que faria parar qualquer palavra na garganta de um homem comum.

— A sra. condessa não me compreende — tornou Petit-Claud, servindo-se da fórmula mais respeitosa —, eu pretendo dar uma prova da minha dedicação à sua pessoa. Como quer a sra. condessa que seja recebido em Angoulême o grande homem a quem fez? Não há meio-termo: ele deve ser objeto de desprezo ou de glorificação.

Luísa de Nègrepelisse não pensara nesse dilema, em que estava evidentemente interessada, mais pelo passado do que pelo presente. Ora, dos sentimentos que a condessa atualmente dedicava a Luciano dependia o sucesso do plano concebido pelo solicitador para a captura de Séchard.

— Sr. Petit-Claud — disse ela, tomando uma atitude de altivez e

dignidade —, o senhor quer pertencer ao governo. Pois saiba que o primeiro princípio do governo deve ser o de jamais haver errado, e que as mulheres têm ainda mais do que os governos o instinto do poder e o sentimento da sua dignidade.

— Era isso mesmo o que eu pensava, senhora — respondeu ele prontamente, observando a condessa com uma atenção tão profunda como pouco visível. — Luciano chega aqui na maior miséria. Mas se deve ele receber uma ovação, posso também constrangê-lo, por causa dessa mesma ovação, a deixar Angoulême, onde a sua irmã e o seu cunhado David Séchard estão agora sob severa ação da justiça...

Luísa de Nègrepelisse deixou transparecer na fisionomia altiva um leve movimento provocado pela repressão do prazer que sentira. Surpreendida de ser tão bem adivinhada, olhou para Petit-Claud, abrindo o leque, pois vinha entrando Francisca de La Haye, o que lhe deu tempo para encontrar uma resposta.

— Senhor — disse ela com um sorriso significativo —, brevemente chegará a procurador do rei...

Não era dizer tudo sem se comprometer?

— Ah, senhora! — disse Francisca, vindo agradecer à prefeita —, eu lhe ficarei devendo a felicidade de minha vida!

E disse-lhe ao ouvido, inclinando-se para a sua protetora num gesto de menina:

— Eu morreria a fogo lento se me visse casada com um solicitador de província...

Se Zeferina assim se lançara sobre Luísa, é que fora impelida por Francis, a quem não faltava certo conhecimento do mundo burocrático.

— Nos primeiros dias de qualquer advento, seja o de um prefeito, de uma dinastia, ou de uma exploração — disse o antigo cônsul-geral à sua amiga —, mostra-se o estreante muito zeloso em prestar serviços; mas em breve reconhece os inconvenientes da proteção e torna-se de gelo. Hoje, Luísa fará por Petit-Claud coisas que daqui a seis meses não faria pelo sr. de Sénonches.

— A sra. condessa já pensou em tudo a que nos obriga o triunfo de nosso poeta? — disse Petit-Claud. — A sra. condessa deveria receber Luciano durante a semana que durar o nosso entusiasmo.

A mulher do prefeito fez um sinal de cabeça a fim de despedir Petit-Claud e ergueu-se para ir conversar com a sra. de Pimentel, que assomou a cabeça à porta do gabinete. Assombrada com a elevação do velho de Nègrepelisse ao pariato, a marquesa julgara necessário vir festejar uma mulher bastante hábil para aumentar a sua influência quando praticava quase uma falta.

— Diga-me, minha querida, por que se deu ao trabalho de colocar a seu pai na Câmara alta — segredou a marquesa em meio de uma conversa confidencial, em que quase se ajoelhava ante a superioridade da *sua querida* Luísa.

— Minha querida, esse favor me foi concedido facilmente porque meu pai não tem filhos e há de votar sempre com a Coroa; mas, se eu tiver filhos, espero que meu primogênito suceda ao avô no título, nos brasões e no pariato...

A sra. de Pimentel viu com desgosto que não poderia empregar no seu desejo de elevar o sr. de Pimentel ao pariato uma mãe cuja ambição se estendia aos filhos vindouros.

— Tenho a mulher do prefeito comigo — dizia Petit-Claud a Cointet, ao saírem —, e prometo-lhe a sua escritura de sociedade... Daqui a um mês serei primeiro delegado e o senhor terá Séchard em suas mãos. Trate agora de conseguir-me um sucessor para o meu cartório; em cinco meses fiz dele o primeiro de Angoulême...

— Bastava pôr-lhe os pés nos estribos — disse Cointet, quase invejoso da sua obra.

Todos podem agora compreender a causa do triunfo de Luciano em sua terra. À maneira desse rei da França que não vingava o duque de Orléans, Luísa não queria lembrar-se das injúrias recebidas em Paris pela sra. de Bargeton. Queria patrocinar Luciano, esmagá-lo com a sua proteção e livrar-se dele *decentemente*. A par de toda a intriga de Paris pelos mexericos, Petit-Claud bem adivinhara o ódio vivaz que têm as mulheres ao homem que não soube amá-las quando elas desejaram ser amadas.

No dia seguinte à ovação que justificava o passado de Luísa de Nègrelisse, Petit-Claud, para acabar de inebriar a Luciano e dominá-lo, apresentou-se em casa da sra. Séchard à frente de seis jovens da cidade, todos antigos camaradas de Luciano no colégio de Angoulême.

Essa delegação era enviada ao autor das *Boninas* e do *Arqueiro de Carlos ix* pelos seus condiscípulos, a fim de lhe pedirem que comparecesse ao banquete que desejavam oferecer ao grande homem saído dos seus bancos escolares.

— Oh! tu por aqui, Petit-Claud! — exclamou Luciano.

— O teu regresso — disse-lhe Petit-Claud — estimulou o nosso amor-próprio; encaprichamo-nos, cotizamo-nos e te preparamos um magnífico jantar. O nosso diretor e nossos professores comparecerão; e, pela maneira como vão as coisas, teremos sem dúvida a presença das autoridades.

— E para que dia? — indagou Luciano.

— Domingo próximo.

— Isso me seria impossível — respondeu o poeta —, só posso aceitar para daqui a dez dias... Mas então será da melhor vontade...

— Pois bem, estamos às tuas ordens — disse Petit-Claud —, seja para daqui a dez dias.

Luciano mostrou-se muito amável para com seus antigos colegas, que lhe testemunharam uma admiração quase respeitosa. Conversou durante uma meia hora com bastante espírito, pois se via sobre um pedestal e queria justificar a opinião da terra; meteu os dedos nas cavas do colete, falando tal qual um homem que vê as coisas da altura a que o guindaram os seus concidadãos. Foi modesto e lhano, como um gênio em chinelas. Mostrou-se como um atleta farto das lutas em Paris, e principalmente desencantado; felicitou seus camaradas por não haverem deixado a sua boa província etc. Deixou-os encantados com ele. Depois tomou Petit-Claud à parte e perguntou-lhe a verdade sobre os negócios de David, incriminando-o do estado de sequestro em que se encontrava o cunhado. Luciano queria plantar os verdes com Petit-Claud. Petit-Claud esforçou-se por incutir em seu antigo colega a opinião de que ele, Petit-Claud, era um pobre solicitadorzinho de província, sem lábia alguma. A constituição atual das sociedades,

infinitamente mais complicada em suas engrenagens que a das sociedades antigas, teve por efeito subdividir as faculdades de homem. Outrora, as pessoas eminentes, forçadas a ser universais, apareciam em pequeno número e como fanais no meio das nações antigas. Mais tarde, se as faculdades se especializaram, a qualidade ainda se dirigia ao conjunto das coisas. Assim, um homem *rico em cautela*, como se disse de Luís XI, podia aplicar sua esperteza a tudo; mas hoje a própria qualidade está subdividida. Por exemplo, tantas profissões, quantas manhas diferentes. Um astuto diplomata será muito bem engazopado num negócio, no interior de uma província, por um solicitador medíocre ou um camponês. O mais hábil jornalista pode ser bastante simplório em matéria de interesses comerciais, e Luciano devia ser, como foi, um joguete nas mãos de Petit-Claud. O manhoso advogado era quem havia naturalmente escrito o artigo em que a cidade de Angoulême, comprometida com o seu bairro do Houmeau, se via na obrigação de homenagear a Luciano. Os conterrâneos de Luciano que compareceram à Place du Mûrier eram os operários da tipografia e da fábrica de papel dos Cointet, acompanhados dos escreventes de Petit-Claud, de Cachan e de alguns camaradas de colégio. Voltando a ser para o poeta o camarada do colégio, pensava com razão o solicitador que seu camarada deixaria escapar, em dado momento, o segredo do retiro de David. E se David caía por culpa de Luciano, Angoulême não seria mais sustentável para o poeta. Assim, para melhor garantir a sua influência, apresentou-se como inferior a Luciano.

— Como não faria eu o máximo possível? — disse Petit-Claud a Luciano. — Tratava-se da irmã de meu camarada; mas, perante os tribunais, há posições em que é forçoso capitular. David me pediu, a 1º de junho, que garantisse a sua tranquilidade durante três meses; só perigou em setembro, mas ainda assim consegui subtrair todos os seus haveres aos credores; pois ganharei o processo na Corte real; farei decidir que o privilégio da mulher é absoluto e que, no caso vigente, não oculta nenhuma fraude... Quanto a ti, voltas infeliz, mas és um homem de gênio...

Luciano fez o gesto de quem sente chegar-lhe o incenso demasiado perto do nariz.

— Sim, meu caro — respondeu Petit-Claud —, eu li *O arqueiro de Carlos ix*, e é mais que uma obra, é um livro! O prefácio só podia ter sido escrito por dois homens, Chateaubriand ou tu!

Luciano aceitou o elogio, sem dizer que o prefácio tinha sido escrito por D'Arthez. Em cem autores franceses, noventa e nove teriam agido da mesma forma.

— Pois bem, aqui pareciam não te conhecer — continuou Petit-Claud, fingindo indignação. — Quando vi a indiferença geral, resolvi revolucionar toda essa gente. Escrevi o artigo que leste...

— Como! foste tu quem?... — exclamou Luciano.

— Eu mesmo!... Angoulême e o Houmeau se viram em pé de rivalidade, reuni uns jovens, teus antigos camaradas de colégio, e organizei a serenata de ontem. Depois, dado o primeiro impulso, abrimos a subscrição para o banquete. “Se David se acha escondido, ao menos que Luciano seja celebrado!”, disse eu comigo. Fiz ainda melhor — continuou Petit-Claud —, fui visitar a condessa du Châtelet e dei-lhe a entender que ela se devia a si mesma o gesto de tirar David da sua situação; ela pode e deve fazê-lo. Se David realmente encontrou o segredo de que me falaram, o governo não se arruinará amparando-o, e que glória para um prefeito ter parte na responsabilidade de tamanha descoberta, pela feliz proteção concedida ao inventor! Todos fariam dele como de um administrador esclarecido... Tua irmã assustou-se com a nossa fuzilaria judiciária, teve medo da fumaça... A guerra nos tribunais sai tão caro como nos campos de batalha; mas David manteve a sua posição; é senhor do seu segredo; não podem prendê-lo, não o prenderão!

— Agradeço-te, meu caro, e vejo que posso confiar-te o meu plano e que me ajudarás a realizá-lo.

Petit-Claud olhou para Luciano, dando a seu nariz em pua o aspecto de um ponto de interrogação.

— Quero salvar Séchard — disse Luciano, com certo ar de importância —, fui causador da sua desgraça, repararei tudo... Tenho mais império sobre Luísa...

— Quem, Luísa?

— A condessa du Châtelet!...

Petit-Claud fez um gesto.

— Tenho sobre ela mais império do que ela própria pensa — continuou Luciano. — Apenas, meu caro, se tenho poder sobre o governo, falta-me roupa...

Petit-Claud fez outro gesto, como para lhe oferecer a bolsa.

— Obrigado — disse Luciano, apertando a mão de Petit-Claud.

— Daqui a dez dias irei fazer uma visita à senhora primeira-dama, e pagar a tua.

Separaram-se, apertando-se as mãos como camaradas.

— Ele deve ser poeta — disse Petit-Claud com os seus botões —, pois é louco.

“Digam o que disserem”, pensava Luciano, voltando para a casa da irmã, “em matéria de amigos, não há como os amigos de colégio.”

— Meu Luciano — disse Eva —, que te prometeu Petit-Claud para lhe testemunhares tanta amizade? Cuidado com ele!

— Com ele?! — exclamou Luciano. — Escuta, Eva — continuou, parecendo obedecer a uma reflexão —, tu não acreditas mais em mim, desconfias de mim, bem podes desconfiar de Petit-Claud; mas espera uns dez ou quinze dias, e mudarás de opinião — acrescentou ele, com um arzinho fátuo.

XXV – LUCIANO TOMA A SÉRIO A SUA GLÓRIA DISTRITAL

Luciano subiu para o quarto, onde escreveu a carta seguinte a Lousteau:

Meu amigo, de nós dois, só eu posso lembrar-me dos mil francos que te emprestei: mas sei muito bem a situação em que estarás ao receber minha carta, e assim vou logo dizendo que não tos peço em ouro ou em prata; não, eu tos peço em crédito, como se poderiam pedir a Florina em prazer. Temos o mesmo alfaiate; podes, pois, mandar-me confeccionar o mais depressa possível um vestuário completo. Sem que esteja precisamente em trajes de Adão, o fato é que não posso aparecer a ninguém. Aqui, com grande espanto meu, esperavam-me as honrarias distritais devidas a sumidades parisienses. Sou o herói de um banquete, nem mais nem menos que um deputado da esquerda; compreendes a necessidade de uma casaca preta? Promete o pagamento, encarrega-te dele,

movimenta o reclamo; inventa enfim uma cena inédita de Dom Juan com o sr. Domingos,[411] pois é preciso endomingar-me a todo custo. Só tenho trapos: parte daí! Estamos em setembro, faz um tempo magnífico; *ergo*, trata de fazer com que eu receba, para o fim desta semana, um belo vestuário matinal: pequena sobrecasaca verde-bronze carregado, três coletes, um cor de enxofre, outro de fantasia, gênero escocês, o terceiro inteiramente branco; e mais, três calças *pega-mulher*, uma branca de pano inglês, outra nanquim, a terceira de leve casimira preta; enfim, uma casaca preta e um colete de cetim preto para a noite. Se tornaste a encontrar uma Florina qualquer, fio-me nela para a escolha de duas gravatas de fantasia. Isto não é nada, conto contigo, com a tua habilidade: o alfaiate pouco me inquieta. Meu caro amigo, muitas vezes o temos deplorado: a inteligência da miséria, sem dúvida o mais ativo veneno que pode minar o homem por excelência, o parisiense!, essa inteligência, cuja atividade surpreenderia a Satã, ainda não encontrou um meio de conseguir um chapéu a crédito! Quando pusermos em moda chapéus que valham mil francos, os chapéus serão acessíveis; mas, até lá, deveremos ter bastante ouro no bolso para comprar um chapéu. Ah! que mal nos fez a Comédie-Française com aquele *Lafleur*, não te esqueças de pôr-me ouro nos bolsos![412] Sinto pois profundamente todas as dificuldades da execução deste pedido: junta-me à encomenda do alfaiate um par de botas, um par de sapatos, um chapéu e seis pares de luvas! É pedir o impossível, bem o sei. Mas a vida literária não é o impossível explorado com regularidade?... Só te digo uma coisa: opera esse prodígio fazendo um grande artigo ou alguma pequena infâmia, que te passo quitação da tua dívida. E é uma dívida de honra, meu caro, tem doze meses de assentamento: tu corarias com isso, se ainda pudesses corar. Mas, deixando de brincadeira, meu caro Lousteau, acho-me em circunstâncias graves. Avalia por isto: a Espinha engordou, é hoje esposa do Socó, e o Socó é prefeito de Angoulême. Esse terrível par pode fazer muito por meu cunhado, a quem pus numa situação terrível e que está escondido e sob a ação da justiça por causa daquela letra!... Trata-se de reaparecer aos olhos da senhora primeira-dama e recuperar algum domínio sobre ela a qualquer preço. Não é horrível pensar que a sorte de David Séchard depende de um lindo par de botas, de meias abertas de seda gris (não vás esquecê-las) e de um chapéu novo?!... Vou fingir-me de doente e indisposto, meter-me na cama como Duvicquet[413] para dispensar-me de responder à solicitude de meus concidadãos. Meus concidadãos me deram, meu caro, uma bela serenata. Começo a perguntar-me quantos tolos serão precisos para compor esta expressão: *meus concidadãos*, depois que soube que o entusiasmo da capital de Angoumois fora provocado por alguns dos meus camaradas de colégio.

Se pudessem inserir nos “fatos de Paris” algumas linhas sobre a minha recepção, tu me farias crescer aqui em muitos saltos de botas. Por outro lado, eu faria sentir à Espinha que tenho, senão amigos, pelo menos alguma influência na imprensa de Paris. Como não renuncio a nenhuma das minhas esperanças, hei de retribuir-te tudo isso. Se precisares de um bom artigo para uma revista qualquer, tenho tempo de sobra para o meditar. Não te digo mais que uma coisa, meu caro amigo: conto contigo, como podes contar com aquele que se declara teu

LUCIANO DE R.

P.S. — Manda-me tudo pela diligência, à posta-restante.

Essa carta, em que Luciano reassumia o tom de superioridade que o seu sucesso lhe dava interiormente, lembrou-lhe Paris. Aprisionado desde seis dias pela calma absoluta da província, seu pensamento reportou-se às suas boas misérias, sentiu vagos pesares e ficou toda uma semana preocupado com a condessa du Châtelet; ligou, enfim, tamanha importância ao seu reaparecimento que, quando desceu ao Houmeau, ao cair da noite, para procurar no escritório das diligências as encomendas que esperava de Paris, experimentava todas as angústias da incerteza, como uma mulher que depositou suas últimas esperanças numa *toilette* e que desespera de a conseguir.

— Ah! Lousteau! eu te perdoo todas as tuas traições — disse ele consigo, ao notar pela forma dos volumes que a encomenda devia conter tudo quanto ele pedira.

Encontrou a seguinte carta na caixa de chapéu:

Do salão de Florina,

Meu querido filho,

O alfaiate portou-se muito bem; mas, como o teu profundo golpe de vista retrospectivo te fazia pressentir, as gravatas, o chapéu e as meias de seda trouxeram grande transtorno a nossos corações, pois nada havia que transtornar em nossa bolsa. É o que dizíamos com Blondet: far-se-ia uma fortuna abrindo uma casa onde os jovens encontrassem artigos baratos. Pois acabamos pagando muito caro o que não pagamos. Aliás o grande Napoleão, detido no caminho das Índias por falta de um par de botas, já o dizia: *Negócios*

fáceis não se fazem nunca! De modo que tudo ia às maravilhas, exceto o teu calçado... Eu via-te vestido e sem chapéu! de colete e sem sapatos, e pensava em enviar-te um par de mocassins, que um americano deu como curiosidade a Florina. Florina ofereceu um maço de quarenta francos para serem jogados em teu benefício. Nathan, Blondet e eu fomos tão felizes não jogando mais por nossa conta que ganhamos bastante dinheiro até para levar a cear a Torpedo, [414] a antiga amiguinha de Des Lupeaulx. Frascati bem que nos devia isso. Florina encarregou-se das aquisições; acrescentou três belas camisas. Nathan oferece-te uma bengala. Blondet, que ganhou trezentos francos, envia-te uma corrente de ouro. A Torpedo acrescentou-lhe um relógio de ouro, do tamanho de uma moeda de quarenta francos, que um imbecil lhe deu e que não funciona: “É pura carregaço!”, disse-nos ela. Bixiou, que veio ter conosco ao Rocher de Cancale, quis entrar com um vidro de água-de-colônia na remessa que te faz Paris. O nosso primeiro cômico disse: “Se isso puder fazer a sua felicidade, que assim seja!...” com essa voz de baixo e essa importância burguesa que ele tão bem imita. Tudo isso, meu filho, há de provar-te quanto nós gostamos de nossos amigos na desgraça. Florina, a quem tive a fraqueza de perdoar, pede-te que nos envies um artigo sobre a última obra de Nathan. Adeus, meu filho! Não posso deixar de lamentar-te de haveres voltado para o buraco de onde saías quando te fizeste um velho camarada de teu amigo

ESTÊVÃO L.

“Pobres rapazes! Foram jogar por mim!”, pensou ele, comovido.

Vêm das terras insalubres, ou daquelas onde mais se sofreu, baforadas que se assemelham aos perfumes do paraíso. Numa vida quieta, a lembrança dos sofrimentos é como um indefinível gozo. Eva ficou estupefata quando o irmão desceu de vestuário novo; não o reconhecia.

— Posso agora ir passear em Beaulieu — exclamou ele. — Não dirão de mim: “Voltou em farrapos!”. Olha, aqui está um relógio que eu te darei, pois é bem meu; e de resto se parece comigo: não regula.

— Que criança tu és!... — disse Eva. — Ninguém pode querer-te mal por coisa alguma.

— Achas então, minha querida filha, que eu tenha mandado buscar tudo isso com o tolo pensamento de brilhar aos olhos de Angoulême, que me importa tanto como isto?! — disse ele, fustigando o ar com a sua bengala de castão de ouro lavrado. — Quero reparar o mal que fiz, e

cingi as minhas armas.

O sucesso de Luciano como elegante constituiu o único sucesso real que obteve, mas foi imenso. A inveja desata tantas línguas como a admiração as prende. As mulheres encantaram-se dele, os homens lhe maldisseram, e ele pôde excluir como o cançonetista: “Ó roupa minha, quanto te agradeço!”. Foi deixar dois cartões na prefeitura e fez igualmente uma visita a Petit-Claud, a quem não encontrou. No dia seguinte, o do banquete, os jornais de Paris continham todos, sob a rubrica de Angoulême, as linhas seguintes:

“*angoulême*. A volta de um jovem poeta, cuja estreia foi tão brilhante, autor do *Arqueiro de Carlos ix*, o único romance histórico escrito em França sem imitar o gênero de Walter Scott, e cujo prefácio é um acontecimento literário, foi assinalada por uma consagração tão lisonjeira para a cidade como para o sr. Luciano de Rubempré. A cidade empenhou-se em oferecer-lhe um banquete patriótico. O novo prefeito, que acaba de tomar posse, associou-se à manifestação pública, festejando o autor das *Boninas*, cujo talento foi tão vivamente animado em seus primórdios pela sra. condessa du Châtelet.”

Em França, uma vez dado o impulso, já ninguém pode detê-lo. O coronel do regimento de guarnição ofereceu a sua banda. O *maître d'hôtel* de *O Sino*, cujas expedições de perus trufados vão até a China, dentro das mais notáveis porcelanas, o famoso estalajadeiro do Houmeau encarregado do banquete, decorara a sala de honra com panejamentos sobre os quais as coroas de louros entremeadas com ramalhetes faziam magnífico efeito. Às cinco horas, quarenta pessoas ali se achavam reunidas, todas com traje de cerimônia. Uma multidão de cento e poucos habitantes, atraídos sobretudo pela presença dos músicos no pátio, representava os concidadãos.

— Angoulême em peso está aqui! — exclamou Petit-Claud, chegando à janela.

— Não compreendo nada — dizia Postel à mulher, que comparecera para ouvir a música. — Como! O prefeito, o recebedor-geral, o coronel, o diretor da fábrica de pólvora, o nosso deputado, o *maire*, o reitor, o diretor da fundição de Ruelle, o juiz, o procurador do rei, o sr. Milaud, todas as autoridades acabam de chegar!...

Ao sentarem-se à mesa, a banda militar principiou por variações sobre o hino de *Viva o rei, viva a França!*[415] que não conseguiu tornar-se popular. Eram cinco da tarde. Às oito horas, uma sobremesa de sessenta e cinco pratos, notável por um Olimpo de merengue encimado por uma França de chocolate, deu o sinal para os brindes.

— Senhores — disse o prefeito, erguendo-se —, ao rei!... à legitimidade! Pois não é à paz que nos deram os Bourbon que nós devemos a geração de poetas e de pensadores que mantém nas mãos da França o cetro da literatura?!...

— Viva o rei! — gritaram os convivas, entre os quais se achavam em maioria os ministeriais.

O venerável diretor do colégio ergueu-se.

— Ao jovem poeta — disse ele —, ao herói do dia, que soube aliar à graça e à poesia de Petrarca, num gênero que Boileau declarava tão difícil, o talento do prosador.

— Bravo! Bravo!

O coronel ergueu-se.

— Meus senhores, ao legitimista!, pois o herói desta festa teve a coragem de defender os bons princípios!

— Bravo! — disse o prefeito, dando o tom aos aplausos.

Petit-Claud ergueu-se.

— Todos os colegas de Luciano, à glória do liceu de Angoulême, ao venerável diretor que nos é tão caro e a quem devemos devolver tudo o que lhe pertence em nossos sucessos!...

O velho diretor, que não esperava por esse brinde, enxugou os olhos. Luciano ergueu-se: reinou o mais profundo silêncio, e o poeta tornou-se lívido. Naquele momento, o velho diretor, que se encontrava à sua esquerda, lhe depôs sobre a fronte uma coroa de louros. Bateram palmas. Luciano teve lágrimas nos olhos e na voz.

— Ele está embriagado — disse a Petit-Claud o futuro procurador do rei de Nevers.

— Não foi o vinho que o embriagou — respondeu o solicitador.

— Meus caros compatriotas, meus caros colegas — disse afinal Luciano —, eu desejaria ter a França inteira como testemunha desta cena. É assim que se elevam os homens e se obtêm em nossa terra as

grandes obras e as grandes ações. Mas, em vista do pouco que fiz e da grande honra que recebo, só posso achar-me confuso e entregar ao futuro o cuidado de justificar o acolhimento de hoje. A lembrança desse momento me dará forças no meio de novas lutas. Permiti-me indicar às vossas homenagens aquela que foi a minha primeira musa e a minha protetora e também erguer a taça em honra da minha cidade natal: brindo, pois, à bela condessa Sixto du Châtelet e à nobre cidade de Angoulême.

— Ele não se saiu mal — disse o procurador do rei, acenando afirmativamente com a cabeça —, pois os nossos brindes foram preparados, e o dele improvisado. Às dez horas os convivas se retiraram por grupos. David Séchard, ao ouvir aquela música extraordinária, perguntou a Basine:

— Que se passa no Houmeau?

— Dão uma festa ao seu cunhado, Luciano...

— Estou certo de que ele deverá ter lamentado não ver-me entre os presentes!

À meia-noite, Petit-Claud acompanhou Luciano até a Place du Mûrier. Disse então Luciano ao solicitador:

— Agora, entre nós, meu caro, é para a vida e para a morte...

— Amanhã — disse o solicitador —, será assinado o meu contrato de casamento, em casa da sra. de Sénonches, com a srta. Francisca de La Haye, sua pupila; dá-me o prazer da tua presença; a sra. de Sénonches me pediu que te levasse, e lá encontrarás a primeira-dama, que estará muito lisonjeada com o teu brinde, pois sem dúvida lhe vão falar a respeito.

— Eu tinha cá as minhas ideias — disse Luciano.

— Oh! tu hás de salvar David.

— Tenho certeza — respondeu o poeta.

Naquele momento, David apareceu como por encanto. Eis como.

XXVI - HABILIDADES DE CÉRIZET

Achava-se David numa situação assaz difícil: a mulher lhe proibia terminantemente receber Luciano e comunicar-lhe o local de seu

esconderijo, ao passo que Luciano lhe escrevia as cartas mais afetuosas, dizendo que dentro em poucos dias teria reparado todo o mal que causara. Ora, a srta. Clerget entregara a David as duas cartas seguintes, dizendo-lhe o motivo da festa cuja música lhe chegava aos ouvidos:

Meu amigo,

Faze como se Luciano aqui não estivesse: não te preocupes com coisa alguma, e grava em tua querida cabeça o seguinte: a nossa segurança repousa inteiramente na impossibilidade em que estão os teus inimigos de saber onde te encontras. Sou tão desgraçada, que tenho mais confiança em Kolb, em Marion e em Basine do que em meu irmão. Infelizmente, o meu Luciano já não é o cândido e terno poeta que nós conhecemos. Precisamente por querer meter-se em teus assuntos e ter a presunção de liquidar as nossas dívidas (por orgulho, meu David!...) é que eu o temo. Recebeu ele de Paris belas roupas e cinco moedas de ouro numa bonita bolsa. Colocou-as à minha disposição, e desse dinheiro nós vivemos. Temos enfim um inimigo a menos: teu pai nos deixou, e devemos sua partida a Petit-Claud, que destrinçou as intenções do pai Séchard e logo as anulou, dizendo-lhe que tu não farias mais nada sem ele, Petit-Claud; que ele não te deixaria ceder coisa alguma da tua descoberta sem prévia indenização de trinta mil francos: primeiro quinze mil de liquidação de contas, e mais quinze mil que receberias em qualquer caso, de sucesso ou insucesso. Para mim, Petit-Claud é incompreensível. Beijo-te como pode uma mulher beijar o seu marido na desgraça. O nosso pequeno Luciano vai bem. Que espetáculo o dessa flor que vai tomando cor e crescendo em meio de nossas tempestades domésticas! Minha mãe, como sempre, roga a Deus por ti e abraça-te quase tão carinhosamente como a tua

EVA

Petit-Claud e os Cointet, assustados com a esperteza campônia do velho Séchard, tinham-se descartado dele, como se vê, tanto mais que as vindimas o chamavam às suas vinhas de Marsac.

A carta de Luciano, inclusa na de Eva, era assim concebida:

Meu caro David,

Tudo vai bem. Estou armado de ponto em branco; hoje entro em campanha e, dentro em dois dias, já terei avançado bastante. Com que prazer te abraçarei

quando estiveres livre e quite das minhas dívidas! Mas sinto-me profundamente magoado, e para sempre, com a desconfiança que minha irmã e minha mãe continuam a testemunhar-me. Como se eu já não soubesse que te ocultas em casa de Basine! Todas as vezes em que Basine vem aqui em casa tenho notícias tuas e resposta às minhas cartas. É aliás evidente que minha irmã só poderia contar com a sua amiga de *atelier*. Hoje, estarei bem perto de ti e cruelmente mortificado por não poder fazer com que assistas à festa que me oferecem. O amor-próprio de Angoulême valeu-me um pequeno triunfo que, daqui a alguns dias, estará completamente esquecido, mas em que a tua alegria teria sido a única sincera. Enfim, mais alguns dias, e tudo perdoarás àquele que considera mais que todas as glórias do mundo a de ser teu irmão

LUCIANO

David sentiu o coração vivamente atenuado por aquelas duas forças, embora fossem desiguais: pois adorava a mulher, e sua amizade a Luciano perdera um pouco em estima. Mas, na solidão, a força dos sentimentos muda inteiramente. O homem solitário, e cheio de preocupações como as que devoravam David, cede a pensamentos contra os quais encontraria pontos de apoio no meio ordinário da vida. Assim, ao ler a carta de Luciano entre as fanfarras daquele triunfo inesperado, sentiu-se profundamente comovido quando viu nela expresso o desgosto com que contava. As almas extremosas não resistem a esses pequenos choques sentimentais, que julgam tão poderosos nas outras como em si mesmas. Não é mesmo a gota d'água que transborda da taça cheia?... Assim, pela meia-noite, nem todas as súplicas de Basine puderam impedir que David fosse ver Luciano.

— Ninguém passeia a estas horas pelas ruas de Angoulême — disse ele —, não me verão, não podem prender-me de noite; e, no caso em que me encontrem, posso servir-me do meio inventado por Kolb para voltar a meu esconderijo. E, depois, faz tanto tempo que não beijo minha mulher e meu filho...

Basine cedeu ante todas essas razões, assaz plausíveis, e deixou sair David, que gritava: “Luciano!” no momento em que Luciano e Petit-Claud se despediam. E os dois irmãos lançaram-se um nos braços do outro, a chorar.

Não há muitos momentos como esse na vida. Luciano sentia a

efusão de uma dessas amizades incondicionais, com as quais nunca se conta e que a gente lamenta haver ludibriado. David experimentava a necessidade de perdoar. O generoso e nobre inventor queria principalmente aconselhar Luciano e dissipar as nuvens que velavam o afeto da irmã e do irmão. Diante dessas considerações de sentimento, haviam desaparecido todos os perigos engendrados pela falta de dinheiro.

Petit-Claud disse a seu cliente:

— Vá até a casa, aproveite ao menos a sua imprudência, beije sua mulher e seu filho... e tenha cuidado que ninguém o veja!

“Que azar!”, pensou Petit-Claud, quando se viu a sós na Place du Mûrier. “Ah! se eu tivesse aqui Cérizet...”

No momento em que o solicitador assim falava consigo mesmo ao longo do cercado de tábua construído em torno da praça onde hoje se ergue orgulhosamente o edifício do tribunal, ouviu baterem atrás de si numa tábua, como quando alguém bate com o nó dos dedos numa porta.

— Aqui estou eu — disse Cérizet, cuja voz passava pela frincha de duas pranchas mal unidas. — Vi David sair do Houmeau. Já começava a suspeitar do lugar de seu retiro, mas agora tenho certeza, e sei onde agarrá-lo. Mas para lhe armar a ratoeira, é necessário que eu saiba alguma coisa dos projetos de Luciano, e o senhor acaba de fazê-los voltar a casa! Ao menos fique por aqui sob um pretexto qualquer. Quando David e Luciano saírem, traga-os para perto de mim; eles se julgarão a sós, e ouvirei o que disserem ao despedir-se.

— És um diabo perfeito! — disse baixinho Petit-Claud.

— Pudera! — exclamou Cérizet —, o que não se faria para apanhar o que me prometeram!

Petit-Claud afastou-se do cercado e foi passear pela Place du Mûrier, contemplando as janelas do quarto onde se achava reunida a família e pensando no seu futuro, para incutir-se coragem; pois a habilidade de Cérizet lhe permitia desferir o último golpe. Petit-Claud era um desses homens profundamente astutos e traiçoeiramente falsos, que nunca se deixam levar pelos engodos do presente nem pelos laços de nenhuma amizade, depois de ter observado as mudanças do coração humano e a

estratégia dos interesses. De modo que a princípio pouco contara com Cointet. No caso em que a manobra de seu casamento houvesse falhado sem que ele tivesse o direito de acusar ao Cointet grande de traição, tomara as devidas cautelas para prejudicá-lo; mas, depois do seu sucesso no palácio de Bargeton, Petit-Claud jogava jogo franco. Sua trama, agora inútil, era perigosa para a situação política a que aspirava. Eis as bases em que pretendia assentar sua importância futura. Gannerac e alguns grandes comerciantes começavam a formar no Houmeau um comitê liberal que se ligava pelo lado comercial com os chefes da oposição. O advento do ministério Villèle, aceito por Luís XVIII moribundo, era sinal de mudança de rumo dos oposicionistas, que, desde a morte de Napoleão, haviam renunciado ao perigoso recurso das conspirações. O partido liberal organizava no fundo das províncias o seu sistema de resistência legal: esforçou-se por assenhorear-se do eleitorado, para chegar a seus fins por intermédio da doutrinação das massas. Liberal furioso e filho do Houmeau, Petit-Claud foi o promotor, a alma e o conselho secreto da oposição da cidade baixa, oprimida pela aristocracia da cidade alta. Foi quem primeiro deu a perceber o perigo de deixar os Cointet se utilizarem sozinhos da imprensa no departamento de Charente, onde a oposição devia possuir um órgão, a fim de não ficar atrás das outras cidades.

— Dê cada um de nós quinhentos francos a Gannerac, e ele terá vinte e poucos mil francos para comprar a tipografia Séchard, de que então seremos donos, segurando o proprietário por um empréstimo — disse Petit-Claud.

O solicitador fez com que se adotasse essa ideia, a fim de corroborar sua dupla posição relativamente a Cointet e Séchard, e lançou naturalmente as vistas para um maroto da força de Cérizet para fazer dele um devotado servidor do partido.

— Se conseguires descobrir o teu antigo patrão e entregá-lo em minhas mãos — disse ele ao antigo chefe de oficina de Séchard —, nós te emprestaremos vinte mil francos para comprares a sua tipografia, e provavelmente ficarás na direção de um jornal. Mexe-te, pois.

Mais seguro da atividade de um homem como Cérizet do que da de todos os Doublon do mundo, Petit-Claud prometera então ao Cointet

grande a captura de Séchard. Mas, desde que começara a acariciar a esperança de entrar para a magistratura, previa Petit-Claud a necessidade de voltar as costas aos liberais. Ele tinha trabalhado de tal modo os ânimos no Houmeau que logo se reuniram os fundos necessários para a aquisição da tipografia. Petit-Claud resolveu deixar as coisas seguirem o seu curso natural.

“Ora!”, considerou ele. “Cérizet cometerá algum delito de imprensa, e eu aproveitarei a ocasião para mostrar os meus talentos...”

Dirigiu-se à porta da tipografia e disse a Kolb, que estava de sentinela:

— Vai avisar a David que aproveite a ocasião para retirar-se, e tenham cautela. Eu vou andando, que já é uma hora...

Quando Kolb deixou o portal, Marion veio substituí-lo. Luciano e David desceram; Kolb seguia cem passos à sua frente, e Marion cem passos atrás. Quando os dois cunhados passavam ao longo do cercado, Luciano dizia animadamente a David:

— Meu amigo, o meu plano é de uma simplicidade extrema. Mas como falar nisso diante de Eva, que jamais lhe compreenderia os meios? Estou certo de que Luísa conserva no fundo do coração um desejo que eu saberei despertar. Eu a quero unicamente para me vingar daquele imbecil do prefeito. Se nos amarmos ainda que seja por uma semana, eu farei com que ela peça ao ministério um auxílio de vinte mil francos para ti. Amanhã, tornarei a ver aquela criatura no pequeno toucador onde os nossos amores começaram, e onde, segundo Petit-Claud, nada está mudado: ali representarei a comédia. Assim, depois de amanhã, pela manhã, mando-te por Basine um bilhete para te dizer se fui pateado... Quem sabe... talvez então já estejas livre!... Compreendes agora por que queria eu vestuários de Paris? Não se pode desempenhar em farrapos o papel de galã. Às seis da manhã, Cérizet foi ter com Petit-Claud.

— Amanhã, ao meio-dia, Doublon pode preparar o golpe; ele apanhará o nosso homem; respondo por isso — afiançou o parisiense.
— Disponho de uma das operárias da srta. Clerget, compreende?...

Depois de ouvir o plano de Cérizet, Petit-Claud correu à casa de Cointet.

— Faça de modo com que esta tarde o sr. du Hautoy se resolva a dar a Francisca a propriedade de seus bens, e dentro de dois dias o senhor assinará um contrato de sociedade com Séchard. Só me casarei oito dias depois do contrato; estaremos assim dentro dos termos das nossas combinações: *toma lá, dá cá*. Mas espiemos o que se vai passar esta noite em casa da sra. de Sénonches, entre Luciano e a sra. condessa du Châtelet, pois disso depende tudo... Se Luciano tem esperança de triunfar junto à primeira-dama, tenho David nas mãos.

— O senhor ainda acabará ministro da Justiça — disse Cointet.

— E por que não? O sr. de Peyronnet[416] não o é? — replicou Petit-Claud, que ainda não despira de todo a pele de liberal.

XXVII – DESFORRA DE LUCIANO NO PALÁCIO DE BARGETON

A situação duvidosa da srta. de La Haye valeu-lhe a presença da maioria dos fidalgos de Angoulême à assinatura de seu contrato. A pobreza do futuro casal avivava o interesse que a sociedade gosta de manifestar; pois acontece com a beneficência o mesmo que acontece com os triunfos: gosta-se de uma caridade que satisfaz o amor-próprio. Assim, a marquesa de Pimentel, a condessa du Châtelet, o sr. de Sénonches e dois ou três convivas da casa deram a Francisca alguns presentes de que muito se falava na cidade. Essas lindas bagatelas, reunidas ao enxoval preparado havia um ano por Zeferina, às joias do padrinho e aos presentes costumeiros do noivo, consolaram Francisca e espicaçaram a curiosidade de várias mães, que levaram consigo as filhas.

Petit-Claud e Cointet já haviam notado que os nobres de Angoulême os toleravam no seu Olimpo como uma necessidade: um era o regedor dos bens, o subtutor de Francisca; o outro era indispensável à assinatura do contrato como o enforcado a uma execução; mas, no dia seguinte ao do casamento, se a sra. Petit-Claud conservava o direito de frequentar a casa da madrinha, o esposo dificilmente ali se via admitido, e propunha-se a si mesmo impor-se àquela roda orgulhosa. Envergonhado de sua família obscura, o solicitador fizera com que sua mãe permanecesse em Mansle, para onde se retirara, e pediu-lhe para

que se fizesse de doente e mandasse seu consentimento por escrito. Muito humilhado de se ver sem parentes, sem protetores, sem testemunhas da sua parte, Petit-Claud achava-se pois muito feliz em apresentar no homem famoso um amigo aceitável e a quem a condessa desejava rever. Assim sendo, foi ele buscar Luciano de carro.

Para aquela noite memorável, o poeta preparara uma *toilette* que lhe deveria dar incontestável superioridade sobre todos os outros homens. A sra. de Sénonches havia aliás anunciado o herói do momento, e a entrevista dos dois amantes desavindos era uma dessas cenas de que se é particularmente guloso na província. Luciano passara para o estado de *leão*: diziam-no tão belo, tão mudado, tão maravilhoso, que todas as mulheres da nobreza de Angoulême tinham veleidades de revê-lo. Segundo a moda daquela época, a que se deve a transição dos antigos calções de baile para as ignóbeis calças atuais, pusera ele uma calça negra ajustada. Os homens ainda desenhavam as suas formas, com grande desespero dos magros ou malfeitos; e as de Luciano eram *apolíneas*. Suas meias de seda gris abertas, seu colete de cetim negro, sua gravata, tudo foi escrupulosamente amoldado, colado por assim dizer sobre ele. A loira e abundante cabeleira frisada lhe evidenciava a fronte branca, em torno à qual se erguiam os caracóis com uma graça procurada. Suas pequenas mãos de mulher, belas dentro das luvas, não deviam deixar-se ver desnudas. Copiou sua atitude da De Marsay, o famoso dândi parisiense, levando numa das mãos a bengala e o chapéu, que não abandonou, e servindo-se da outra para fazer raros gestos com que comentava as suas frases.

Bem desejaria Luciano entrar sub-repticiamente no salão, à maneira dessas pessoas célebres que, por falsa modéstia, se abaixam ao passar pela Porte Saint-Denis.^[417] Mas Petit-Claud, que tinha apenas um amigo, dele abusou. Foi quase pomposamente que levou Luciano à presença da sra. de Sénonches, ao meio da reunião. De passagem, ouviu o poeta murmúrios que outrora lhe teriam feito perder a cabeça, e que o encontraram insensível; estava certo de que valia, sozinho, todo o Olimpo de Angoulême.

— Minha senhora — disse ele à sra. de Sénonches —, já felicitei a meu amigo Petit-Claud, que é da massa de que se fazem os ministros

da Justiça, por ter a felicidade de ficar pertencendo a esta casa, por mais fracos que sejam os laços entre uma madrinha e a sua afilhada. (Isso foi dito com um ar epigramático muito bem notado por todas as mulheres, que escutavam dissimuladamente.) Mas, da minha parte, bendigo uma circunstância que permite apresentar-lhe os meus respeitos.

Tais palavras foram ditas sem embaraço e numa atitude de grão-senhor em visita a gente humilde. Luciano ouviu a complicada resposta que lhe deu Zeferina, e ao mesmo tempo lançava um olhar de circum-navegação pela sala, a fim de preparar o seu efeito. Pôde assim saudar com graça, e nuançando os sorrisos, a Francis du Hautoy e ao prefeito, que lhe responderam; encaminhou-se depois para a sra. du Châtelet, só então fingindo vê-la.

De tal forma constituía aquele encontro o grande acontecimento da noite que foi esquecido o contrato de casamento que as pessoas notáveis iam assinar, levadas até o quarto de dormir pelo tabelião ou por Francisca. Luciano deu alguns passos para Luísa de Nègrepelisse; e, com aquela graça parisiense, para ela em estado de recordação desde a sua chegada, disse-lhe bem alto:

— E à senhora que devo o convite que me proporciona o prazer de jantar depois de amanhã na Prefeitura?...

— O senhor apenas o deve à sua glória — replicou secamente Luísa, um pouco melindrada com a forma agressiva da frase estudada por Luciano para ferir o orgulho de sua antiga protetora.

— Ah! sra. condessa — disse Luciano com um ar ao mesmo tempo fino e enfatuado —, é-me impossível levar-lhe o homem, se ele perdeu as suas boas graças.

E, sem esperar pela resposta, voltou-se ao divisar o bispo, a quem saudou muito nobremente.

— Vossa eminência foi quase profeta — disse ele com voz encantadora —, e eu vou fazer o possível para que o seja completamente. Sinto-me feliz de ter vindo aqui esta noite, pois lhe posso apresentar meus respeitos.

Luciano teve com o sr. arcebispo uma conversação que durou dez minutos. Todas as mulheres olhavam Luciano como um fenômeno. Sua

inesperada impertinência deixara a sra. du Châtelet sem voz nem resposta. Vendo Luciano objeto da admiração de todas as mulheres, seguindo de grupo em grupo a narrativa que faziam, ao ouvido, das frases trocadas, nas quais Luciano como que a aniquilara, aparentando desdenhá-la, ela sentiu no coração um sobressalto de amor-próprio.

“E que escândalo, se depois dessa frase ele não comparecer à Prefeitura!”, pensou ela. “De onde lhe vem essa altivez? Estará a srta. des Touches enamorada dele?... Ele é tão belo! Dizem que ela correu à sua casa, em Paris, logo depois da morte da atriz!... Talvez tenha vindo salvar o cunhado e, se se encontrava atrás da nossa caleça, em Mansle, era por um acidente de viagem. Luciano lançou-nos um olhar tão singular, naquela manhã, a Sixto e a mim!”

Foi uma multidão de pensamentos e, infelizmente para Luísa, deixava-se arrastar por eles com os olhos em Luciano, que conversava com o bispo como se fosse o rei do salão: não saudava a ninguém e esperava que viessem ter com ele, passeando o olhar com uma variedade de expressões, uma segurança digna de De Marsay, seu modelo. Não deixou o prelado para ir cumprimentar o sr. de Sénonches, que aparecera a pouca distância. Passados dez minutos, Luísa não se conteve. Ergueu-se, caminhou até o bispo e perguntou-lhe:

— E então, que dizem a monsenhor, para que sorria tão seguidamente?

Luciano recuou alguns passos, para deixar discretamente a sra. du Châtelet com o prelado.

— Ah! sra. condessa! Como tem espírito esse jovem!... Explicava-me como lhe devia toda a sua força.

— Eu não sou um ingrato, minha senhora!... — disse Luciano, lançando um olhar de censura que encantou a condessa.

— Entendamo-nos — disse ela, chamando Luciano com um gesto de leque —, venha com monsenhor, por aqui!... Sua reverendíssima será o nosso juiz.

E mostrou o toucador, levando consigo o prelado.

— Lindo papel destina ela ao monsenhor — disse uma dama do partido dos Chandour, bastante alto para ser ouvida.

— Nosso juiz?... — repetiu Luciano, fitando alternativamente o prelado e a primeira-dama. — Há então um culpado?

Luísa de Nègrepelisse sentou-se no canapé de seu antigo toucador. Depois de fazer Luciano e o bispo sentarem cada um a seu lado, começou a falar.

Luciano deu à sua amiga de outros tempos a honra, a surpresa e a ventura de não escutar. Teve a atitude e os gestos da Pasta em *Tancredo*^[418] quando vai dizer: *O patria!*... Cantou na sua fisionomia a famosa cavatina *del Rizzo*. Enfim, o discípulo de Corália conseguiu fazer com que lhe viessem algumas lágrimas aos olhos.

— Ah! Luísa, como eu te amava! — disse-lhe ele ao ouvido, sem se preocupar com o prelado nem com a conversação, quando notou que as suas lágrimas tinham sido vistas pela condessa.

— Enxugue os olhos, ou me comprometeria, aqui, mais uma vez — disse ela, voltando-se para Luciano num aparte que scandalizou o bispo.

— E basta uma — replicou vivamente Luciano. — Essa frase da prima da sra. d'Espard secaria todas as lágrimas de uma Madalena. Meu Deus! Eu reencontrei por um momento minhas recordações, minhas ilusões, os meus vinte anos, e...

Monsenhor voltou bruscamente para o salão, compreendendo que a sua dignidade poderia ficar comprometida entre os dois antigos amantes. Todos fizeram questão de deixar a primeira-dama e Luciano sozinhos no toucador. Mas, quinze minutos depois, o prefeito, a quem haviam desagradado as falas, risos e passeios à porta do toucador, ali entrou mais do que preocupado e encontrou Luciano e Luísa em grande animação.

— A senhora — disse Sixto ao ouvido da esposa —, que conhece Angoulême melhor do que eu, não acha que deveria pensar na senhora primeira-dama e no governo?

— Meu caro — disse Luísa, medindo o seu editor responsável com um ar de altivez que o fez tremer —, eu conversei com o sr. de Rubempré sobre coisas importantes para o senhor. Trata-se de salvar um inventor prestes a ser vítima das mais vis manobras, e o senhor nos ajudará... Quanto ao que essas damas possam pensar de mim, vai ver

como me vou portar para coalhar o veneno em suas línguas.

Saiu do toucador apoiada ao braço de Luciano e levou-o para assinar o contrato, ostentando-o com uma audácia de grande dama.

— Assinemos juntos — disse ela oferecendo a pena a Luciano.

Luciano esperou que ela lhe mostrasse o lugar onde acabava de assinar, a fim de que suas duas assinaturas ficassem uma junto da outra.

— Sr. de Sénonches, não teria reconhecido o sr. de Rubempré? — disse a condessa, forçando o impertinente caçador a cumprimentar Luciano.

Conduziu Luciano ao salão, colocando-o entre si e Zeferina, no temível canapé do centro. Depois, como uma rainha em seu trono, começou, primeiro em voz baixa, uma conversação evidentemente epigramática, a que se vieram juntar alguns de seus velhos amigos e várias mulheres que a cortejavam. Luciano, feito herói daquela roda, foi levado pela condessa a falar sobre a vida de Paris, e ele improvisou com incrível espírito uma sátira semeada de anedotas sobre as pessoas famosas, verdadeiras gulodices de conversação de que são muito ávidos os provincianos.

Admiraram o espírito como já haviam admirado o homem. A sra. condessa triunfava tão pacientemente de Luciano, manjava-o tão bem como mulher encantada com o seu instrumento, dava-lhe a réplica com tamanha oportunidade, buscava-lhe aprovações com olhares tão comprometedores que muitas mulheres começaram a ver na coincidência da volta de Luísa e de Luciano um profundo amor, vítima de algum duplo equívoco. Talvez algum despeito provocara o desasado enlace com Du Châtelet, contra o qual agora se reagia.

— Bem — disse Luísa a Luciano, à uma hora da manhã e em voz baixa, antes de retirar-se —, depois de amanhã faça-me o favor de ser pontual...

A primeira-dama separou-se de Luciano com uma inclinação de cabeça excessivamente amigável e foi dizer algumas palavras ao marido, que procurava o chapéu.

— Se o que a condessa acaba de dizer é verdade, meu caro Luciano, conte comigo — disse o prefeito, correndo atrás da esposa, que ia

saindo sem ele, como em Paris. — Desde esta noite, o seu cunhado pode considerar-se livre.

— O sr. conde bem me devia isso — disse Luciano, sorrindo.

— Estamos fritos! — disse Cointet ao ouvido de Petit-Claud, testemunha daquela despedida.

Petit-Claud, fulminado com o sucesso de Luciano, estupefato com o fulgor do seu espírito e a sua graça, olhava para Francisca de La Haye, cuja fisionomia, cheia de admiração por Luciano, parecia dizer a seu noivo: “Seja como o seu amigo”.

Um clarão de alegria iluminou o rosto de Petit-Claud.

— O jantar do prefeito é para depois de amanhã. Temos um dia inteiro a nosso dispor. Eu respondo por tudo.

— Pois bem, meu caro — disse Luciano a Petit-Claud, às duas da madrugada, quando voltavam a pé —, vim, vi, venci! Dentro de poucas horas David será muito feliz.

“Eis o que eu queria saber”, pensou Petit-Claud.

— Eu só te julgava poeta, e tu és também Lauzun,^[419] isto é, duas vezes poeta — respondeu ele, dando-lhe um aperto de mão que devia ser o último.

XXVIII – O CÚMULO DA DESOLAÇÃO

— Minha querida Eva — disse Luciano, acordando a irmã —, uma boa notícia! Daqui a um mês, David não terá mais dívidas!

— Mas como!

— Pois bem, a sra. du Châtelet ocultava por baixo da saia a minha antiga Luísa; ama-me mais do que nunca, e vai fazer um relatório ao Ministério do Interior, por intermédio do marido, em favor da nossa descoberta!... Assim, não temos mais que um mês para sofrer, o suficiente para me vingar do prefeito e torná-lo o mais feliz dos esposos.

Eva julgou que continuava um sonho ao ouvir o irmão.

— Ao rever o salãozinho cinzento onde há dois anos eu tremia como uma criança, ao examinar aqueles móveis, as pinturas e as fisionomias, tombava-me uma venda dos olhos! Como Paris nos muda as ideias!

— Será uma felicidade isso?... — disse Eva, compreendendo afinal o irmão.

— Bem, estás a cair de sono; amanhã conversaremos depois do almoço — disse Luciano.

O plano de Cérizet era de extrema simplicidade. Embora pertencente às artimanhas dos beleguins da província para prender os devedores, e de sucesso hipotético, devia dar resultado, pois se baseava tanto no conhecimento dos caracteres de Luciano e de David como nas suas esperanças.

Entre as pequenas operárias de quem era o Don Juan e a quem governava opondo-as umas às outras, o chefe da tipografia dos Cointet, agora em serviço extraordinário, distinguira uma das engomadeiras de Basine Clerget, uma jovem quase tão bela como a sra. Séchard, chamada Henriqueta Signol, e cujos pais eram modestos vinhateiros que moravam na sua propriedade, a duas léguas de Angoulême, na estrada de Saintes. Os Signol, como toda gente de campo, não se julgavam suficientemente ricos para conservar consigo a sua única filha e a tinham destinado a entrar para uma casa, isto é, a tornar-se criada de quarto. Na província, uma criada de quarto tem de saber lavar e engomar. Tal era a reputação da sra. Prieur, a quem Basine sucedia, que os Signol colocaram a filha como aprendiz no seu estabelecimento, pagando alimentação e aluguel. A sra. Prieur pertencia a essa raça de velhas patroas que, nas províncias, se julgam substitutas dos pais. Vivia em família com suas aprendizes, levava-as à missa e vigiava-as conscienciosamente.

Henriqueta Signol, bela morena bem-feita, de olhar atrevido, cabeleira forte e longa, era branca como são brancas as filhas do Sul, da brancura de uma flor de magnólia. Por isso foi Henriqueta uma das primeiras operárias que Cérizet visou; mas, como pertencia a uma família de *honrados cultivadores*, só cedeu vencida pelo ciúme, pelo mau exemplo e por esta frase sedutora: “Eu casarei contigo!”, que lhe disse Cérizet logo que se viu segundo tipógrafo dos Cointet. Ao saber que os Signol possuíam de dez a doze mil francos de vinhas e uma pequena casa assaz habitável, o parisiense apressou-se em colocar Henriqueta na impossibilidade de se tornar esposa de outro. Estavam

nesse ponto os amores da bela Henriqueta e do pequeno Cérizet quando Petit-Claud lhe falou em torná-lo proprietário da tipografia Séchard, acenando-lhe com uma espécie de comandita de vinte mil francos que devia ser um cabresto. Esse futuro deslumbrou o tipógrafo, virou-lhe a cabeça, a pequena Signol pareceu-lhe um obstáculo às suas ambições e ele foi negligenciando a pobre rapariga. Desesperada, Henriqueta se afeiçoou tanto mais a Cérizet quanto ele parecia querer abandoná-la. Descobrimos que David se ocultava em casa da srta. Clerget, o parisiense mudou de ideia a respeito de Henriqueta, mas não mudou de procedimento, pois tencionava utilizar em proveito próprio a espécie de loucura que ataca a uma moça quando, para ocultar a sua desonra, se vê na contingência de casar com o sedutor. Durante a manhã do dia em que Luciano devia reconquistar a sua Luísa, Cérizet comunicou a Henriqueta o segredo de Basine e disse-lhe que a fortuna de ambos e o seu casamento dependiam da descoberta do local onde se ocultava David. Uma vez informada, Henriqueta não teve dificuldade em reconhecer que o impressor só poderia estar no quarto de vestir da srta. Clerget; não julgou que fizesse o menor mal ao dedicar-se a essa espionagem, mas já Cérizet a envolvera na traição com esse começo de cumplicidade.

Ainda Luciano dormia quando Cérizet, que fora saber o resultado do sarau, ouvia no gabinete de Petit-Claud a narrativa dos grandes pequenos acontecimentos que deviam agitar Angoulême.

— Luciano não lhe escreveu um bilhete na volta? — perguntou o parisiense, depois de ter sacudido a cabeça em sinal de satisfação quando Petit-Claud terminou.

— É só o que eu tenho — disse o solicitador, estendendo-lhe as poucas linhas que Luciano escrevera no papel de cartas da irmã.

— Bem — disse Cérizet —, que dez minutos antes do anoitecer fique Doublon de emboscada à porte Palet, esconda os gendarmes e disponha a sua gente, e o senhor terá o nosso homem.

— Tens tanta certeza assim? — disse Petit-Claud, observando Cérizet.

— Confio no acaso — respondeu o ex-garoto de Paris —, mas o acaso é um grande velhaco, e não gosta de gente honrada.

— Não se pode falhar — disse o solicitador, num tom seco.

— Não falharei — disse Cérizet. — Mas, já que o senhor me empurrou para esta lama, bem podia dar-me umas notas de banco para me limpar... Mas, senhor — continuou ele, surpreendendo uma expressão que não lhe agradou na fisionomia de Petit-Claud —, se anda a enganar-me, e não me comprar a imprensa dentro de oito dias... pois bem, deixará uma jovem viúva — acrescentou baixinho o malandro de Paris, com um olhar assassino.

— Se pegarmos David às seis horas, podes ir às nove à casa do sr. Gannerac, e resolveremos o teu assunto — respondeu peremptoriamente o solicitador.

— Está combinado: o senhor será atendido, *patrão!* — disse Cérizet.

Cérizet conhecia já a indústria de lavar o papel e que põe hoje em perigo os interesses do fisco. Lavou as quatro linhas escritas por Luciano e substituiu-as por estas, imitando a letra com uma perfeição desoladora para o futuro social do chefe de tipografia:

Meu caro David,

Podes ir sem receio à casa do prefeito, que o teu negócio está combinado. Aliás, a esta hora podes sair; irei a teu encontro para te explicar como deves conduzir-te com o prefeito.

Teu irmão

LUCIANO

Ao meio-dia Luciano escreveu uma carta a David, comunicando-lhe o sucesso da noite passada e dando-lhe a certeza da proteção do prefeito, que, dizia ele, fazia naquele mesmo dia um relatório ao ministro sobre a descoberta, de que era entusiasta.

No momento em que Marion levava essa carta à srta. Basine, sob o pretexto de lhe dar camisas de Luciano a engomar, Cérizet, informado por Petit-Claud da probabilidade da referida carta, levou a srta. Signol a passear com ele à margem do Charente. Houve sem dúvida um combate em que a honestidade de Henriqueta se defendeu por muito tempo, pois o passeio durou duas horas. Não só estavam em jogo os interesses de uma criança, mas ainda todo um futuro de felicidade, uma fortuna, e o que Cérizet pedia era uma bagatela; ele de resto evitou

dizer-lhe as consequências. Só que o preço exorbitante dessa bagatela assustava Henriqueta. Todavia, Cérizet acabou por obter da amante que se prestasse a seu stratagema. Às cinco horas Henriqueta devia sair e voltar, dizendo à srta. Clerget que a sra. Séchard mandava chamá-la imediatamente. Um quarto de hora depois da saída de Basine, ela iria bater à porta do gabinete, entregando a David a falsa carta de Luciano. Depois Cérizet tudo esperava do acaso.

Pela primeira vez em mais de um ano, sentiu Eva afrouxar-se o círculo de ferro em que a cingia a necessidade. Teve enfim esperanças. Também ela quis desfrutar o irmão, mostrar-se ao braço do homem festejado na sua pátria, adorado pelas mulheres, amado pela altiva condessa du Châtelet. Preparou-se e resolveu ir passear em Beaulieu, após o jantar, de braço dado com o irmão. No mês de setembro, àquela hora, toda Angoulême vai tomar a fresca.

— Oh! é a bela sra. Séchard — disseram algumas vozes, à passagem de Eva.

— Eu não esperava isso dela — disse uma mulher.

— O marido se esconde e a mulher se mostra — disse a sra. Postel bastante alto para que a pobre mulher a ouvisse.

— Oh! vamos voltar para casa, eu fiz mal — disse Eva ao irmão.

Minutos antes do pôr do sol subiu da ladeira do Houmeau o burburinho de um ajuntamento. Luciano e a irmã, tomados de curiosidade, dirigiram-se para aquelas bandas, pois ouviram algumas pessoas que vinham do Houmeau a falar entre si, como se tivesse havido algum crime.

— Decerto é algum ladrão que acabam de prender... Ele vem pálido como um defunto — disse um transeunte aos dois irmãos, vendo-os ir ao encontro daquela crescente multidão.

Nem Luciano nem Eva sentiram a mínima apreensão. Olharam para as trinta e poucas crianças e velhas, para os operários de volta do trabalho, que precediam os gendarmes, cujos chapéus agaloados brilhavam no meio do grupo principal. Aquele grupo, seguido de uma multidão de cerca de cem pessoas, avançava como uma nuvem de tempestade.

— Ah! — disse Eva. — É o meu marido!

— David! — exclamou Luciano.

— É a mulher dele! — disse a multidão, abrindo passagem.

— Mas que foi que te fez sair?

— A tua carta — respondeu David, lívido.

— Eu bem sabia! — disse Eva, tombando desfalecida.

Luciano ergueu a irmã, que duas pessoas o ajudaram a transportar até em casa, onde Marion a deitou. Kolb correu à procura de um médico. À chegada deste, Eva ainda não recuperara os sentidos. Luciano viu-se então forçado a confessar à mãe que era a causa da prisão de David, visto que não podia compreender o equívoco provocado pela carta falsa. Luciano, fulminado por um olhar de sua mãe, carregado de maldição, correu a encerrar-se no quarto.

XXIX – O ADEUS SUPREMO

Quem ler esta carta escrita noite adentro e interrompida de momento a momento adivinhará, pelas frases lançadas como que uma a uma, todas as angústias de Luciano:

Minha irmã bem-amada,

Vimo-nos há pouco pela última vez. Minha resolução é inabalável. Eis o motivo: em muitas famílias, encontra-se uma criatura fatal que é para as mesmas uma espécie de doença. Eu sou essa criatura para vós. Não é minha esta observação, mas de um homem que muito conheceu o mundo. Ceávamos uma noite entre *amigos*, no Rocher de Cancale. Entre os mil gracejos que então se trocaram, disse-nos aquele diplomata que certa jovem a quem viam com espanto continuar solteira estava *doente de seu pai*. Desenvolveu-nos então a sua teoria sobre as doenças de família. Explicou-nos como, sem tal mãe, tal casa teria prosperado, como tal filho arruinara o pai, como tal pai destruíra o futuro e a consideração dos filhos. Embora sustentada a rir, essa tese social foi apoiada em dez minutos com tantos exemplos que fiquei impressionado. Essa verdade compensava todos os paradoxos insensatos, mas espiritualmente demonstrados, com que os jornalistas se divertem entre si, quando não têm a quem mistificar. Pois bem, eu sou a criatura fatal da nossa família. Com o coração cheio de ternura, procedo como um inimigo. A todos os vossos devotamentos tenho correspondido com males. Embora involuntariamente desferido, o último golpe foi o mais cruel de todos. Enquanto eu levava em Paris

uma vida sem dignidade, cheia de prazeres e de misérias, tomando a camaradagem por amizade, deixando a verdadeiros amigos por gente que queria e devia explorar-me, esquecendo-vos e só me lembrando de vós para causar-vos mal, seguíeis a humilde vereda do trabalho, encaminhando-vos penosa mas seguramente para a fortuna que eu tentava tão loucamente apanhar de surpresa. Enquanto vos tornáveis melhores, eu introduzia em minha vida um elemento funesto. Sim, tenho ambições desmesuradas, que me impedem de aceitar uma vida humilde. Tenho gostos e prazeres cuja lembrança envenena as alegrias que estão a meu alcance e que outrora me teriam satisfeito. Ah, minha querida Eva, julgo-me com mais severidade do que ninguém, pois me condeno sem remissão e sem piedade para comigo mesmo. A luta em Paris exige uma força constante, e minha vontade só marcha por acessos: meu cérebro é intermitente. O futuro tanto me assusta que não quero futuro, e o presente me é insuportável. Desejei rever-vos, quando teria feito melhor expatriar-me para sempre. Mas o exílio, sem meios de vida, seria uma loucura, e eu não a acrescentarei às restantes. A morte parece-me preferível a uma vida incompleta; e, em qualquer posição em que me suponha, sei que minha excessiva vaidade me faria cometer tolices. Certas criaturas são como zeros, é-lhes preciso um algarismo que as preceda, e o seu nada adquire então um valor décuplo. Só posso adquirir valor por um casamento com alguma vontade forte, inabalável. A sra. de Bargeton era mesmo a mulher para mim, e eu pus a perder a minha vida não abandonando Corália por ela. David e tu, poderíeis ambos ser excelentes pilotos para mim; mas não sois bastante fortes para domar minha fraqueza, que de certo modo se furta à dominação. Gosto de uma vida fácil, sem aborrecimentos; e, para desembaraçar-me de uma contrariedade, sou de uma covardia que pode levar-me muito longe. Nasci príncipe. Tenho mais destreza de espírito do que é preciso para vencer, mas só a tenho por um momento, e o prêmio, numa carreira percorrida por tantos ambiciosos, pertence àquele que apenas desenvolve a destreza necessária e que ainda se encontra com bastante ao fim da jornada. Faria o mal, como acabo de o fazer aqui, com as melhores intenções do mundo. Há homens-carvalhos, e eu talvez não seja mais que um arbusto elegante, com pretensões a cedro. Eis aí o meu balanço. Esse desacordo entre meus recursos e meus desejos sempre há de anular todos os meus esforços. Há muitos desses caracteres na classe letrada, devido a contínuas desproporções entre a inteligência e o caráter, entre o querer e o desejo. Qual seria o meu destino? Posso vê-lo de antemão ao lembrar-me de algumas velhas glórias parisienses que encontrei inteiramente esquecidas. Ao limiar da velhice, estarei mais velho que os meus anos, sem fortuna e sem consideração. Todo o meu ser atual repele semelhante velhice: não quero ser um farrapo social.

Querida irmã, adorada tanto por teus últimos rigores como tuas primeiras ternuras, se pagamos caro o prazer que tive em tornar a ver-te, e a David, considerareis talvez mais tarde que nenhum preço era demasiado elevado para as derradeiras venturas de um pobre ente que vos amava!... Não procureis saber de mim nem de meu destino; ao menos me terá servido a minha inteligência para a execução de meus desejos. A resignação, meu anjo, é um suicídio cotidiano; mas eu só tenho resignação para um dia, eu vou aproveitá-la hoje...

Duas horas.

Sim, está definitivamente resolvido. Adeus, pois, para sempre, minha querida Eva. Sinto certa doçura em pensar que não viverei senão em vossos corações. Ai será meu túmulo... não quero outro. Mais uma vez, adeus!... É o último de teu irmão

LUCIANO

Depois de escrever esta carta, Luciano desceu sem fazer o mínimo rumor, colocou-a sobre o berço do sobrinho, depôs na frente da irmã adormecida um derradeiro beijo embebido de lágrimas e saiu. Apagou a vela ao amanhecer e, depois de contemplar pela última vez aquela velha casa, abriu suavemente a porta do corredor; mas, apesar de suas precauções, despertou Kolb, que dormia numa enxerga na oficina.

— *Quem fem lá?*... — exclamou ele.

— Sou eu — disse Luciano —, eu vou-me embora, Kolb.

— *Teria feito melhor se nunca tivesse vintou* — disse Kolb consigo mesmo, mas bastante alto para que Luciano o ouvisse.

— Eu teria feito melhor se não tivesse vindo a este mundo — respondeu Luciano. — Adeus, Kolb, não te quero mal por um pensamento que também é meu. Dirás a David que meu último pensamento foi o pesar de não poder abraçá-lo.

Quando o alsaciano chegou a vestir-se, já Luciano tinha fechado a porta da casa e descia rumo ao Charente, pelo passeio de Beaulieu, trajado como se fosse para uma festa, pois resolvera usar de mortalha o seu traje parisiense e seu belo aparato de dândi.

Impressionado com o tom e as últimas palavras de Luciano, Kolb quis ir ver se a sua patroa sabia da partida do irmão e se este se havia despedido; mas, ao ver que a casa estava mergulhada em profundo silêncio, pensou que decerto a partida já estaria combinada e tornou a

deitar-se.

XXX – UM ENCONTRO DE ESTRADA

Em relação à gravidade do assunto, muito pouco se tem escrito sobre o suicídio, nem tem sido devidamente observado. Talvez não seja essa uma doença suscetível de observação.

O suicídio é efeito de um sentimento que denominaremos, se quiserem, a *estima de si mesmo*, para não confundi-lo com a palavra “honra”. No dia em que o homem se despreza, no dia em que se vê desprezado, no momento em que a realidade da vida está em desacordo com as suas esperanças, mata-se, e presta assim satisfação à sociedade, perante a qual não quer ficar despojado de suas virtudes ou de seu esplendor. Por mais que se diga, entre os ateus (cumpre excetuar os cristãos do suicídio), só os covardes aceitam uma vida desonrada.

O suicídio é de três naturezas: primeiro o suicídio que não é mais que o último acesso de uma longa enfermidade e que sem dúvida pertence à patologia; depois o suicídio por desespero; e, finalmente, o suicídio por raciocínio.

Luciano queria matar-se por desespero e raciocínio, as duas espécies de suicídio de que se pode voltar atrás, porque de irrevogável só há o suicídio patológico; mas às vezes as três causas se reúnem, como em Rousseau.[\[420\]](#)

Uma vez tomada a resolução, começou Luciano a procurar os meios de executá-la, e o poeta quis findar poeticamente. Primeiro pensara apenas em atirar-se às águas do Charente; mas, ao descer pela última vez a ladeira de Beaulieu, ouviu antecipadamente o barulho que provocaria o seu suicídio, viu o terrível espetáculo de seu corpo vindo à tona na água, deformado, e objeto de inquérito policial: sentiu, como alguns suicidas, um amor-próprio póstumo.

Durante a estada no moinho de Courois, passeara ao longo do rio e notara, não longe do moinho, um desses lagos redondos, como se encontram nos pequenos cursos d'água, e cuja considerável profundidade é anunciada pela calma da superfície. A água já não é

verde nem azul, nem clara nem amarela; é como um espelho de aço polido. As bordas daquela taça não apresentavam mais nem gládios, nem flores azuis, nem as largas folhas dos nenúfares. A relva marginal era curta e densa, os salgueiros choravam em redor, todos pitorescamente situados. Adivinhava-se facilmente um precipício cheio d'água. Aquele que tivesse a coragem de encher os bolsos de pedras devia ali achar uma morte inevitável, e jamais seria encontrado.

— Eis aqui — dissera consigo o poeta, admirando aquela bonita paisagem — um lugar que nos traz água à boca para um afogamento.

Voltou-lhe aquilo à memória no momento em que alcançava o Houmeau. Encaminhou-se pois para Marsac, entregue a seus derradeiros e fúnebres pensamentos, e na firme intenção de preservar assim o segredo da sua morte, de não ser objeto de um inquérito, de não ser enterrado, de não ser visto no horrível estado em que se mostram os afogados quando voltam à tona.

Chegou em breve ao pé de uma dessas encostas que tão frequentemente se deparam nas estradas da França, sobretudo entre Angoulême e Poitiers. Aproximava-se rapidamente a diligência de Bordeaux a Paris, e os viajantes iam sem dúvida descer para galgar a pé aquela longa encosta. Luciano, que não queria ser visto, meteu-se por um atalho e pôs-se a colher flores numa vinha. Quando voltou à estrada real, trazia na mão um grande ramalhete de *sedum*, flor amarela que nasce entre o pedregulho dos vinhedos, e foi sair precisamente nas costas de um viajante todo de preto, cabelos empoados, sapatos com fivelas de prata, escuro de rosto e com cicatrizes como se tivesse caído ao fogo em pequeno. Esse viajante, de aspecto tão eclesiástico, andava lentamente e fumava um charuto.

Ao ouvir Luciano saltar da vinha para a estrada, o desconhecido voltou-se, parecendo impressionado com a beleza profundamente melancólica do poeta, com o seu ramo simbólico e o seu elegante vestuário. O viajante assemelhava-se a um caçador que encontra uma presa longa e inutilmente procurada. Deixou Luciano aproximar-se e retardou o passo, fingindo olhar o sopé da encosta. Luciano, que fez a mesma manobra, avistou ali uma pequena caleça atrelada de dois cavalos e um postilhão a pé.

— O cavalheiro deixou partir a diligência e vai perder o seu lugar, a não ser que queira subir na minha caleça para alcançá-la, pois as postas andam mais depressa que os carros públicos — disse o viajante a Luciano, pronunciando tais palavras com um sotaque acentuadamente espanhol e empregando no seu oferecimento uma extrema polidez.

Sem esperar pela resposta de Luciano, o espanhol tirou do bolso um estojo de charutos e estendeu-o aberto a Luciano, para que se servisse de um.

— Eu não sou viajante — respondeu Luciano — e estou demasiado próximo do fim de minha jornada para que me permita o prazer de fumar...

— O senhor é muito severo consigo mesmo — retrucou o espanhol. — Embora cônego honorário da catedral de Toledo, eu de tempos em tempos me permito um charutinho. Deus nos deu o fumo para adormecer nossas paixões e nossas dores... O senhor me parece ter um pesar, pelo menos traz o seu símbolo na mão, como o triste deus do himeneu. Tome... todos os seus pesares se dissiparão com o fumo...

E o padre tornou a apresentar a charuteira de palha, com uma espécie de sedução, lançando a Luciano olhares animados de caridade.

— Perdão, meu padre — replicou secamente Luciano —, não há charutos que possam dissipar os meus pesares...

Ao dizer isso, os olhos de Luciano encheram-se de lágrimas.

— Oh! meu jovem, foi então a Divina Providência que fez com que eu desejasse sacudir com um pouco de exercício a pé o sono que acomete os viajantes pela manhã, para que, consolando-o, pudesse eu obedecer à minha missão neste mundo?... E que grandes pesares se pode ter na sua idade?

— As suas consolações, meu padre, seriam de todo inúteis: o senhor é espanhol, eu sou francês; o senhor acredita nos mandamentos da Igreja, eu sou ateu...

— *Santa Virgem del Pilar!* O senhor é ateu! — exclamou o padre, tomando do braço de Luciano com maternal solicitude. — Pois eis aí uma das curiosidades que eu tencionava observar em Paris! Na Espanha, não acreditamos nos ateus... Só mesmo na França é que pode alguém ter tais ideias aos dezenove anos.

— Oh! eu sou um ateu completo; não creio nem em Deus, nem na sociedade, nem na ventura. Olhe-me bem, meu padre, pois daqui a algumas horas eu não mais existirei... Eis o meu último sol!... — disse Luciano, com certa ênfase, apontando para o céu.

— Hum! Que fez para morrer? Quem o condenou à morte?

— Um tribunal soberano: eu mesmo!

— Criança! — exclamou o padre. — Matou algum homem? Espera-o o cadafalso? Raciocinemos um pouco. Se quer voltar para o nada, na sua opinião, tudo lhe é indiferente neste mundo, não é?

Luciano inclinou a cabeça em sinal de assentimento.

— Pois bem, pode então contar-me as suas penas?... Trata-se sem dúvida de alguns amoricos que não vão bem, não é assim?

Luciano deu de ombros muito significativamente.

— Quer então matar-se para evitar a desonra ou porque desespera da vida? Pois bem, poderá matar-se tanto em Poitiers como em Angoulême, tanto em Tours como em Poitiers. As areias movediças do Loire não devolvem a sua presa...

— Não, meu padre — respondeu Luciano —, tenho o que me serve. Há vinte dias, vi a mais encantadora enseada em que possa aportar ao outro mundo um homem desgostoso deste...

— Ao outro mundo? O senhor não é ateu!

— Oh! o que eu entendo por outro mundo é a minha futura transformação em animal ou em planta...

— Tem alguma doença incurável?

— Sim, meu padre...

— Ainda bem que chegamos a algo de positivo; e que doença é?

— A pobreza.

O padre olhou para Luciano, sorrindo, e disse-lhe com uma graça infinita e um sorriso quase irônico:

— O diamante ignora o seu valor.

— Só um padre poderia lisonjear um pobre que vai morrer!... — exclamou Luciano.

— Não morrerá! — disse o espanhol com autoridade.

— Já ouvi dizer — retrucou Luciano — que roubavam as pessoas na estrada, mas que as enriquecessem eu não sabia.

— Vai sabê-lo — disse o padre, depois de verificar se a distância a que se encontravam do carro ainda lhes permitia darem alguns passos a sós.

XXXI – HISTÓRIA DE UM FAVORITO

— Escute — disse o padre, mastigando o charuto —, a sua pobreza não é razão para morrer. Tenho necessidade de um secretário, o meu acaba de falecer em Barcelona. Acho-me na situação em que se viu o barão de Goertz,[421] o famoso ministro de Carlos XII, que chegou sem secretário a uma pequena cidade, quando ia a caminho da Suécia, como eu a caminho de Paris. O barão encontrou o filho de um ourives, notável por uma beleza que decerto não podia comparar-se à do senhor... O barão descobre inteligência naquele jovem, como eu descubro poesia na sua fronte; ele toma-o no seu carro, como eu vou tomá-lo no meu; e, daquele menino condenado a brunir talheres e a fabricar joias numa cidadezinha de província como Angoulême, faz dele o seu favorito, como o senhor vai ser o meu. Chegado que foi em Estocolmo, instala o seu secretário e cumula-o de trabalho. O jovem secretário passa as noites a escrever; e, como todos os grandes trabalhadores, adquire um hábito, põe-se a mastigar papel. O falecido sr. de Malesherbes,[422] esse soltava baforadas nas ventas das pessoas e, entre parênteses, deu uma a não sei que personagem cujo processo dependia de seu relatório. O nosso belo jovem começa por papel em branco, mas afinal o enjoa e passa para os papéis escritos, que acha mais saborosos. Naquele tempo ainda não se fumava como hoje. Assim, de gosto em gosto, chega o pequeno secretário a mastigar pergaminhos e a comê-los. Cogitava-se então, entre a Rússia e a Suécia, de um tratado de paz que os Estados impunham a Carlos XII, tal como em 1814 se queria forçar Napoleão a um tratado de paz. A base das negociações era o tratado assente entre as duas potências a propósito da Finlândia. Goertz confia o original ao seu secretário; mas, quando se tratou de submeter o projeto aos Estados, surge o pequeno contratempo de não o encontrarem. Os Estados imaginam que o ministro, para servir às paixões do rei, resolvera dar sumiço ao

documento, acusam o barão de Goertz, e o seu secretário confessa então que comeu o tratado... Abre-se inquérito, o fato fica provado, e o secretário é condenado à morte. Mas, como o senhor ainda não chegou a esse ponto, tome este charuto e fume-o enquanto esperamos a nossa caleça.

Luciano tomou o charuto e acendeu-o, como se faz na Espanha, no charuto do companheiro, dizendo consigo: “Ele tem razão, não falta tempo para eu me matar”.

— Muitas vezes — continuou o espanhol —, precisamente quando os jovens mais desesperam do futuro, é que a sua fortuna principia. Eis o que eu queria dizer-lhe, preferi prová-lo com um exemplo. O belo secretário se achava numa situação tanto mais desesperada visto que o rei da Suécia não lhe podia conceder perdão, porque a sentença fora proferida pelos Estados da Suécia; mas fechou os olhos a uma evasão. O belo secretário escapa de barco com alguns escudos no bolso e chega à Corte da Curlândia, com uma carta de recomendação de Goertz para o duque, a quem o ministro sueco explicava a aventura e a mania do seu protegido. O duque coloca o belo menino como secretário de seu intendente. O duque era um dissipador, tinha uma mulher bonita e um intendente, três causas de ruína. Se acredita que aquele lindo homem, condenado à morte por haver comido o tratado relativo à Finlândia, se corrige de seu gosto depravado, é que o senhor não conhece o império do vício sobre o homem; a pena de morte não o detém quando se trata de um prazer que ele criou para si! De onde provém esse poder do vício? De uma força que lhe é própria ou da fraqueza humana? Haverá gostos que estejam colocados nos limites da loucura? Não posso deixar de rir dos moralistas que querem combater tais doenças com belas frases!... Houve um momento em que o duque, alarmado com a recusa que lhe fizera o intendente a um pedido de dinheiro, exigiu prestação de contas, uma tolice! Nada mais fácil que fazer uma escrita, não é aí que está a dificuldade. O intendente entregou todos os documentos ao secretário para estabelecer o orçamento da lista civil da Curlândia. No meio do seu trabalho e da noite em que o estava concluindo, o nosso comedor de papel repara que está mastigando um recibo de considerável soma assinado pelo duque: amedronta-se, para em meio

da assinatura, corre a lançar-se aos pés da duquesa, explicando-lhe a sua mania, implorando a proteção da sua soberana, e implorando-a no meio da noite. A beleza do jovem secretário causou tamanha impressão naquela mulher que ela o desposou logo que ficou viúva. Assim, em pleno século XVIII, num país onde reinavam os brasões, o filho de um ourives chegou a príncipe soberano... Chegou a algo de melhor!... Foi regente por morte da primeira Catarina, governou a imperatriz Ana e quis ser o Richelieu da Rússia. Pois fique sabendo de uma coisa, jovem: se o senhor é mais bonito do que Biren,[423] eu, apesar de simples cônego, valho muito mais do que o barão de Goertz. Ande, suba, que lhe arranjaremos um ducado da Curlândia em Paris, e, na falta do ducado, sempre havemos de conseguir a duquesa!

O espanhol pegou Luciano por debaixo do braço, forçou-o literalmente a subir em seu carro, e o postilhão fechou a portinhola.

— Agora fale, que eu escuto — disse o cônego de Toledo a Luciano, estupefato. — Sou um velho padre a quem pode tudo dizer sem perigo. Sem dúvida não comeu ainda senão o seu patrimônio ou o dinheiro da sua mamãe. Teremos fugido às pressas sem pagar as nossas dívidas e temos honra até as pontas de nossas lindas botas... Vamos, confesse-se abertamente, que será o mesmo que se falasse consigo próprio.

Luciano encontrava-se na situação daquele pescador de não sei que conto árabe, que, querendo afogar-se em pleno oceano, tomba no meio de plagas submarinas, onde se torna rei.

O padre espanhol parecia tão sinceramente afetuoso que o poeta não hesitou em abrir-lhe o seu coração; contou-lhe, pois, de Angoulême a Ruffec, toda a sua vida, sem omitir nenhuma das faltas cometidas, terminando pela catástrofe que acabava de causar. No momento em que terminava essa narrativa, tanto mais poeticamente relatada, visto que era a terceira vez que a contava em quinze dias, chegava Luciano ao local onde, junto à estrada, se encontra o solar da família Rastignac, cujo nome, logo que o pronunciou, provocou no espanhol um gesto de surpresa.

— Eis de onde partiu — disse Luciano — o jovem Rastignac, que decerto não vale tanto como eu, mas que foi mais feliz.

— Ah!

— Sim, esse esquisito solar é a casa de seu pai. Ele tornou-se, como eu lhe dizia, amante da sra. de Nucingen, esposa do famoso banqueiro. Eu deixei-me arrastar pela poesia; ele, mais hábil, pendeu para o lado positivo...

O padre mandou parar o carro e quis, por curiosidade, percorrer a pequena avenida que ia da estrada até a casa, e examinou tudo com mais interesse do que Luciano esperava de um padre espanhol.

— Conhece então os Rastignac?... — perguntou-lhe Luciano.

— Conheço Paris inteira — respondeu o espanhol, tornando a subir para o carro.

XXXII – CURSO DE HISTÓRIA PARA USO DOS AMBICIOSOS POR UM DISCÍPULO DE MAQUIAVEL

— Quer dizer então que ia matar-se por falta de uns dez ou doze mil francos? Que criança! Não conhece nem os homens nem as coisas. Um destino vale exatamente aquilo em que o homem o avalia, e o senhor apenas avalia o seu futuro em doze mil francos; pois bem, eu o comprarei por mais, e imediatamente. Quanto à prisão de seu cunhado, é uma ninharia. Se esse estimável sr. Séchard fez uma descoberta, há de enriquecer. Os ricos nunca foram presos por dívidas. O senhor não me parece forte em história. Há duas histórias: a história oficial, mentirosa, que se ensina, a história *ad usum Delphini*;[\[424\]](#) depois a história secreta, onde estão as verdadeiras causas dos acontecimentos, uma história vergonhosa. Deixe-me contar-lhe, em duas palavras, outra historietta que o senhor não conhece. Um ambicioso, padre e jovem, quer entrar nos negócios públicos, e faz-se o sabujo de um favorito, o favorito de uma rainha. O favorito se interessa pelo padre e dá-lhe categoria de ministro, com voz no Conselho. Uma noite, um desses homens que julgam prestar serviço (nunca preste um serviço que não lhe solicitaram!) escreve ao jovem ambicioso que a vida de seu benfeitor se acha ameaçada. Tendo-se o rei zangado por possuir um senhor, no dia seguinte o favorito deve ser morto se for ao palácio. Pois bem, meu jovem, que faria o senhor ao receber essa carta?...

— Iria imediatamente avisar meu protetor! — exclamou vivamente Luciano.

— Bem se vê que é ainda a criança que se revela na narrativa da sua existência — observou o padre. — O nosso homem disse consigo: “Se o rei vai até o crime, o meu benfeitor está perdido; é necessário que eu tenha recebido esta carta demasiado tarde!”. E dormiu até a hora em que matavam o favorito...

— É um monstro! — disse Luciano, que suspeitou no padre a intenção de experimentá-lo.

Todos os grandes homens são monstros; esse de quem lhe falo chamava-se cardeal de Richelieu, e seu benfeitor tinha o nome de marechal d’Ancre.^[425] Bem se vê que não conhece a história da França. Não tinha eu razão em dizer-lhe que a HISTÓRIA ensinada nos colégios é uma coleção de datas e de fatos, antes de tudo muito duvidosa, mas sem o mínimo alcance? De que lhe serve saber que Joana d’Arc existiu? Nunca tirou daí a conclusão de que, se a França tivesse então aceitado a dinastia angevina dos plantagenetas, os dois povos reunidos teriam hoje o império do mundo, e que as duas ilhas em que se forjam as perturbações políticas do continente seriam duas províncias francesas?... Não estudou os meios pelos quais os Médicis, de simples negociantes, chegaram a grão-duques de Toscana?

— Um poeta, na França, não tem obrigação de ser um beneditino — disse Luciano.

— Pois bem, meu jovem, eles se tornaram grão-duques como Richelieu se tornou ministro. Se tivesse procurado na história as causas humanas dos acontecimentos, em vez de aprender-lhes de cor as etiquetas, o senhor obteria preceitos para a sua conduta. De que acabo de tomar ao acaso na coleção dos fatos verdadeiros, resulta a seguinte lei: não veja nos homens, e principalmente nas mulheres, senão instrumentos; mas não deixe que eles o percebam. Adore como ao próprio Deus aquele que, colocado acima do senhor, lhe pode ser útil, e não o abandone até que ele lhe tenha pago bem caro a sua servidão. No comércio do mundo, seja, em suma, duro como o judeu e vil como ele: faça pelo poder o que faz ele pelo dinheiro. Mas também preocupe-se tanto com o homem que caiu como se ele jamais tivesse existido. Sabe

por que deve proceder assim?... O senhor quer dominar o mundo, não é? Pois é preciso começar por obedecer ao mundo e estudá-lo bem. Os sábios estudam os livros, os políticos estudam os homens, seus interesses, as causas geradoras de seus interesses, as causas geradores de suas ações. Ora, o mundo, a sociedade, os homens tomados em conjunto são fatalistas; eles adoram o acontecimento. Não sabe por que lhe faço esse pequeno curso de história? É que o julgo de uma ambição desmedida...

— Sim, meu padre!

— Bem o vi — tornou o cônego. — Mas, neste momento, diz o senhor com os seus botões: “Esse cônego espanhol inventa anedotas e espreme a história para me provar que eu fui demasiado virtuoso...”.

Luciano começou a sorrir ao ver tão bem adivinhados os seus pensamentos.

— Pois bem, meu jovem, tomemos fatos que tenham virado banalidades. Um dia, a França está quase conquistada pelos ingleses, e ao rei não resta mais que uma província. Do seio do povo erguem-se então duas criaturas: uma pobre rapariga, essa mesma Joana d’Arc de que falávamos, e um burguês chamado Jacques Coeur.[\[426\]](#) Uma dá o seu braço e o prestígio de uma virgindade, o outro dá o seu ouro: o reino é salvo. Mas a rapariga é aprisionada!... O rei, que pode resgatá-la, deixa que a queimem viva. Quanto ao heroico burguês, o rei consente que seja acusado de crimes capitais pelos seus cortesãos, que se apoderam de todos os seus bens. Os despojos do inocente, acossado, cercado, abatido pela justiça, enriquecem cinco casas nobres... E o pai do arcebispo de Bourges sai do reino para não mais voltar, sem um sou de seus bens na França, não tendo de seu senão o dinheiro que confiara aos árabes e sarracenos no Egito. Ainda poderá objetar-me: “Esses exemplos são muito velhos, todas essas ingratidões contam trezentos anos de instrução pública, e os esqueletos dessa época são já fabulosos”. Pois bem, meu jovem, acredita no último semideus da França, em Napoleão? Ele conservou um de seus generais em desvalimento, só o fez marechal a contragosto, nunca se serviu dele de bom grado. Esse marechal chama-se Kellermann. E sabe por que tudo isso?... Kellermann salvou a França e o primeiro-cônsul em Marengo,

com uma audaciosa carga que foi aplaudida em meio do sangue e do fogo. Essa carga heroica nem sequer foi citada em ordem do dia. A causa da frieza de Napoleão para com Kellermann é também a causa do desvalimento de Fouché, do príncipe de Talleyrand: é a ingratidão de Carlos VII, de Richelieu, a ingratidão de...

— Mas, meu padre, na hipótese de que o senhor me salvasse a vida e fizesse a minha fortuna, tornaria a minha gratidão muito fraca.

— Maroto! — disse o padre sorrindo e torcendo a orelha de Luciano com uma familiaridade quase régia. — Se fosse ingrato comigo, seria então um homem forte, e eu me dobraria diante de si; mas ainda não chegou a esse ponto, porque, de simples colegial, quis o senhor passar muito cedo a mestre. É o defeito dos franceses nesta época. Ficaram todos estragados com o exemplo de Napoleão. Demitem-se quando não podem obter as ambicionadas dragonas... Mas o senhor encaminhou todos os desejos, todos os seus atos para uma ideia?...

— Infelizmente não! — disse Luciano.

— O senhor foi o que os ingleses chamam *inconsistent* — tornou o cônego, sorrindo.

— Que importa o que eu tenha sido, se não posso ser mais nada! — replicou Luciano.

— Cumpre que se encontre por detrás de todas as suas belas qualidades uma força *semper virens*^[427] — disse o padre, para mostrar que também sabia o seu latim —, e nesse caso nada lhe resistirá no mundo. Já o estimo bastante...

Luciano sorriu com ar incrédulo.

— Sim — continuou o desconhecido, respondendo ao sorriso de Luciano —, o senhor me interessa como se fosse meu filho, e eu sou bastante poderoso para lhe falar de coração aberto, como acaba de falar-me. Sabe o que é que me agrada no senhor? É que fez tábua rasa de si mesmo, e pode então ouvir um curso de moral que não se leciona em parte alguma; pois os homens, reunidos em grupo, são ainda mais hipócritas do que quando o seu interesse os obriga a representar uma comédia. Passa-se assim boa parte da vida a arrancar o que se deixou crescer no coração durante a adolescência. Chama-se a essa operação adquirir experiência.

Luciano, ouvindo o padre, dizia consigo: “Eis aí algum velho político encantado de poder divertir-se em viagem. Distrai-se em fazer mudar de opinião a um pobre rapaz que se encontra às portas do suicídio, e vai largar-me ao terminar a sua brincadeira... Mas na verdade é entendido em paradoxos, e parece-me tão forte como Blondet ou Lousteau”.

Apesar dessas judiciosas reflexões, a corrupção tentada pelo diplomata penetrava fundo naquela alma, assaz predisposta a recebê-la, e tanto mais estrago fazia por se apoiar em exemplos famosos. Seduzido pelo encanto daquela conversação cínica, Luciano ainda com mais ardor se apegava à vida, pois se sentia trazido à tona do suicídio por um braço poderoso.

Nesse ponto, o padre evidentemente triunfava. Tanto assim que, de tempos em tempos, acompanhava seus gracejos históricos com um malicioso sorriso.

XXXIII – CURSO DE MORAL POR UM DISCÍPULO DE R. P. ESCOBAR[428]

— Se a sua maneira de tratar a moral se parece com a sua maneira de encarar a história — disse Luciano —, eu bem desejaria saber qual é neste momento a causa de sua aparente caridade.

— Isso, jovem, é o último ponto de minha homilia e há de permitir-me que o guarde em reserva, pois então não nos separaremos hoje — respondeu ele com a finura de um padre que vê a sua malícia triunfar.

— Pois bem, fale-me de moral — disse Luciano, que pensou consigo: “Vou fazê-lo pavonear-se”.

— A moral, meu jovem, começa na lei. Se apenas se tratasse da religião, as leis seriam inúteis: os povos religiosos têm poucas leis. Acima da lei civil está a lei política. Pois quer saber o que, para um político, está escrito na frente do vosso século XIX? Os franceses inventaram, em 1793, uma soberania popular que terminou nas mãos de um imperador absoluto. Isso quanto à vossa história nacional. Quanto aos costumes: a sra. Tallien[429] e a sra. de Beauharnais[430] tiveram a mesma conduta. Napoleão desposa uma, torna-a vossa

imperatriz, e jamais consentiu em receber a outra, embora fosse princesa. *Sans-culotte*[431] em 1793, Napoleão cinge a coroa de ferro em 1804. Os ferozes amantes da *Igualdade ou Morte* de 1792 tornam-se, a partir de 1806, cúmplices de uma aristocracia legitimada por Luís XVIII. No estrangeiro, a aristocracia, que pompeia hoje no seu Faubourg Saint-Germain, fez pior: foi usurária, foi negociante, fabricou pastéis, foi cozinheira, granjeira, guardadora de rebanhos. Na França, pois, tanto a lei política como a lei moral consistem em que todos têm desmentido o ponto de partida no ponto da chegada, as suas opiniões com a conduta, ou a conduta com as opiniões. Não houve lógica, nem no governo nem entre os particulares. De modo que não tendes mais moral. Hoje, entre vós, o sucesso é a razão suprema de todas as ações quaisquer que sejam elas. O fato não é pois mais nada por si mesmo, consiste inteiramente na ideia que os outros formam a seu respeito. Vem daí, jovem, o segundo preceito: tenha um belo exterior! Esconda o avesso da sua vida e apresente um direito muito brilhante. A discrição, essa divisa dos ambiciosos, é a da nossa ordem; adote-a como sua. Os grandes cometem quase tantas covardias como os miseráveis; mas cometem-nas na sombra e fazem ostentação das suas virtudes; permanecem grandes. Os pobres exercem suas virtudes na sombra e expõem suas misérias ao sol: são desprezados. O senhor ocultou as suas grandezas e deixou ver as suas chagas. Teve publicamente por amante a uma atriz, viveu em casa dela, com ela; o senhor não era absolutamente repreensível, cada qual considerava a ambos perfeitamente livres; mas rompia assim com as leis do mundo e não teve a consideração que o mundo concede aos que obedecem às suas leis. Se tivesse deixado Corália com esse sr. Camusot, se tivesse ocultado as suas relações com ela, teria desposado a sra. de Bargeton, seria prefeito de Angoulême e marquês de Rubempré. Mude de proceder: ponha do lado de fora a sua beleza, as suas graças, o seu espírito, a sua poesia. Se se permitir pequenas infâmias, que seja entre quatro paredes. E então não será mais culpado de enodoar o cenário desse grande teatro a que se chama o mundo. Napoleão chama a isso *lavar a roupa suja em casa*. Do segundo preceito decorre este corolário: tudo reside na forma. Compreenda bem o que é que eu

chamo de forma. Há pessoas sem instrução que, levadas pela necessidade, tomam uma soma qualquer a outrem, por violência; são chamados ladrões e veem-se forçados a prestar contas à justiça. Um pobre homem de gênio descobre um segredo cuja exploração equivale a um tesouro, emprestam-se-lhe três mil francos (como esses Cointet, que se encontraram com os seus três mil francos nas mãos e que vão despojar seu cunhado), atormentam-no de maneira a fazê-lo ceder todo ou parte do segredo, e neste caso só têm de prestar contas à consciência, e a consciência nunca leva ninguém ao banco dos réus. Os inimigos da ordem social aproveitam esse contraste para bradar contra a justiça e indignar-se em nome do povo pelo fato de se mandar para as galés um ladrão de galinhas que age de noite num lugar habitado, ao passo que se põe na prisão apenas por alguns meses a um homem que arruína famílias, abrindo falência fraudulenta; mas esses hipócritas bem sabem que os juízes, condenando o ladrão, mantêm a barreira entre os pobres e os ricos, a qual, derrubada, traria o fim da ordem social; ao passo que o bancarroteiro, o hábil captor de heranças, um banqueiro que arruína uma empresa em seu proveito só produzem deslocamentos de fortuna. Assim, meu filho, a sociedade é obrigada a distinguir por conta própria o que eu lhe estou fazendo distinguir por sua conta. A grande questão é a gente igualar-se à sociedade. Napoleão, Richelieu, os Médicis igualaram-se ao seu século. E o senhor avalia-se em doze mil francos!... A vossa sociedade não mais adora o verdadeiro Deus, mas o bezerro de ouro! Tal é a religião da vossa Carta Magna, que, em política, só leva em conta a propriedade. Não é o mesmo que dizer a todos os súditos: “Tratem de enriquecer”? Quando, depois de arranjar legalmente uma fortuna, o senhor for rico e marquês de Rubempré, poderá permitir-se o luxo da honra. Professará então tamanhos escrúpulos que ninguém ousará acusá-lo de não os ter tido algum dia, se por acaso não os tiver tido ao fazer fortuna, o que eu jamais lhe aconselharia — disse o padre, tomando a mão de Luciano e dando-lhe palmadinhas. — Que deve pois meter nessa bela cabeça?... Unicamente o tema seguinte: colimar um fito brilhante e ocultar os meios de vencer, os passos dados na sua direção. O senhor procedeu como uma criança! Seja homem, seja bom caçador, ponha-se à

espreita, fique de tocaia no mundo parisiense, aguarde uma presa e uma ocasião, não poupe nem a sua pessoa nem o que se chama a dignidade; pois obedecemos todos a alguma coisa, a um vício, a uma necessidade; mas observe a lei suprema: o segredo!

— O senhor me assusta, padre! — exclamou Luciano. — Isso mais me parece uma teoria de estrada real.

— Tem razão — disse o padre —, mas não é minha. Foi assim que raciocinaram os intrusos, tanto a casa de Áustria como a casa de França. O senhor não tem nada. Está na situação dos Médicis, de Richelieu, de Napoleão, quando do início da sua ambição. Esses, meu pequeno, avaliaram o seu futuro ao preço da ingratidão, da traição e das contradições mais violentas. É preciso tudo ousar para tudo ter. Raciocinemos. Quando o senhor se assenta a uma mesa de jogo, acaso lhe discute as condições? As regras ali estão, o senhor aceita-as.

“Bem”, pensou Luciano, “ele conhece jogo.”

— Que faz o senhor à mesa de jogo? — indagou o padre. — Pratica ali a mais bela das virtudes, a franqueza? Não somente oculta o seu jogo, mas ainda trata de dar a entender, quando está certo de ganhar, que vai perder tudo. Dissimula, em suma, não é verdade? Mente para ganhar cinco luíses!... Que diria o senhor de um jogador bastante generoso para prevenir aos outros de que tem o trunfo? Pois bem, o ambicioso que quer lutar auxiliado pelos preceitos da virtude, numa carreira em que os seus antagonistas os põem de lado, é uma criança a quem os velhos políticos diriam o que dizem os jogadores àquele que não aproveita os seus trunfos: “Senhor, não jogue nunca...”. É acaso o senhor quem faz as regras no jogo da ambição? Por que lhe disse eu que se igualasse à sociedade?... É que hoje, meu jovem, a sociedade insensivelmente se arrogou tantos direitos sobre os indivíduos que o indivíduo se vê obrigado a combater a sociedade. Não há mais leis, só há costumes, isto é, macaquices, sempre a forma.

Luciano fez um gesto de espanto.

— Ah! meu filho — disse o padre, receando haver escandalizado a candura de Luciano —, esperava encontrar o anjo Gabriel num padre carregado de todas as iniquidades da contradiplomacia de dois grandes reis (pois sou intermediário entre Fernando VII e Luís XVIII, dois

grandes... reis que devem ambos a Coroa a profundas... combinações)? Creio em Deus, mas creio muito mais na nossa ordem, e a nossa ordem só crê no poder temporal. Para tornar bastante forte o poder temporal, a nossa ordem mantém a Igreja apostólica, católica e romana, isto é, o conjunto dos sentimentos que trazem o povo em obediência. Somos os templários modernos, temos uma doutrina. Como o Templo, nossa ordem foi dissolvida pelas mesmas razões: igualara-se ao mundo. Quer ser soldado? Serei o seu capitão. Obedeça-me como uma esposa ao marido, como um filho à mãe, e eu lhe garanto que em menos de três anos será marquês de Rubempré, desposará uma das mais nobres moças do Faubourg Saint-Germain e assentará um dia nas bancadas do pariato. Que seria do senhor neste momento, se eu não o tivesse distraído com a minha conversa? Um cadáver para sempre oculto num profundo leito de vasa. Bem, faça um esforço de poesia!...

Nesse ponto Luciano olhou com curiosidade para o seu protetor.

— O jovem que se encontra sentado aqui, nesta caleça, ao lado do padre Carlos Herrera, cônego honorário do capítulo de Toledo, enviado secreto de S. M. Fernando VII a S. M. o rei de França, para lhe entregar um despacho onde talvez esteja escrito: “Quando me houver libertado, [432] mande enforcar a todos aqueles a quem bafejo neste momento, mas principalmente a meu enviado, para que ele seja deveras secreto”, esse jovem — disse o padre — nada mais tem de comum com o poeta que acaba de morrer. Eu o pesquei, devolvi-o à vida, e o senhor me pertence como a criatura ao criador, como, nos contos de fadas, pertence o afrita[433] ao gênio, como o icoglã[434] pertence ao sultão, como o corpo pertence à alma! Eu o ampararei com mão poderosa no caminho do poder, e prometo-lhe, ainda mais, uma vida de prazeres, de honras, de festas contínuas... Jamais lhe faltará dinheiro... O senhor brilhará e pompeará, enquanto, curvado na lama dos alicerces, eu assegurarei o brilhante edifício da sua fortuna. Amo o poder pelo poder! Sempre me sentirei feliz com os seus prazeres, que me são proibidos. Enfim, serei o senhor!... Pois bem, no dia em que esse pacto de homem com demônio, de criança com diplomata não mais lhe convenha, sempre poderá o senhor ir procurar um lugarzinho como aquele de que me falava, para afogar-se: há de estar um pouco mais ou

menos tão infeliz ou desonrado como hoje.

XXXIV – PERFIL DO ESPANHOL

— Isso não é uma homilia do arcebispo de Granada! — exclamou Luciano, vendo parar o carro numa estação de muda.

— Não sei que nome dá a esta instrução sumária, meu filho, pois o adoto como tal e o farei meu herdeiro; mas é o código da ambição. Os eleitos de Deus são muito poucos. Não há que escolher: ou ir para o fundo de um claustro (e ali encontrará muitas vezes o mundo em miniatura) ou aceitar esse código.

— Talvez fosse melhor não ser tão sábio — disse Luciano, tentando sondar a alma daquele terrível padre.

— Como! — tornou o padre. — Então, depois de ter jogado sem conhecer as regras do jogo, abandona a partida no momento em que se torna forte, em que se apresenta com um padrinho sólido... e sem ao menos sentir desejo de tomar desforra? Como! Não tem vontade de cavalgar aqueles que o escorraçaram de Paris?

Luciano estremeceu como se algum instrumento de bronze, um gongo chinês, fizesse ouvir esses terríveis sons que arrepiam os nervos.

— Eu não passo de um humilde padre — continuou aquele homem, deixando transparecer uma horrível expressão no rosto acobreado pelo sol da Espanha —, mas, se me tivessem humilhado, vexado, torturado, traído, vendido, como o senhor o foi pelos velhacos de que me falou, eu seria como o árabe do deserto!... Sim, eu consagraria meu corpo e minha alma à vingança. Pouco me importaria acabar a vida amarrado a um pelourinho, no garrote, empalado, guilhotinado como entre vós; mas eu não deixaria que me tirassem a cabeça antes de haver esmagado os meus inimigos com os pés.

Luciano conservava-se em silêncio. Já não tinha vontade de se divertir à custa do padre.

— Uns descendem de Abel, outros de Caim — disse o cônego, concluindo. — Eu sou de sangue cruzado: Caim para os inimigos, Abel para os amigos. E ai de quem desperte Caim!... Afinal, o senhor é francês e eu sou espanhol e, ainda por cima, cônego!...

“Que natureza de árabe!”, pensou Luciano, examinando o protetor que o Céu acabava de enviar-lhe.

O padre Carlos Herrera nada apresentava em si que revelasse um jesuíta, nem sequer um religioso. Baixo e gordo, de mãos grandes, largo busto, força hercúlea, olhar terrível mas suavizado por uma mansuetude de encomenda, uma tez de bronze que nada deixava passar de dentro para fora, tudo isso inspirava mais antipatia que atração. Longos e belos cabelos empoados à moda do príncipe de Talleyrand davam àquele singular diplomata o ar de um bispo, e a fita azul debruada de branco da qual pendia uma cruz de ouro indicava, aliás, um dignitário eclesiástico. Suas meias de seda modelavam pernas de atleta. O vestuário, de singular asseio, revelava esse meticuloso cuidado da sua pessoa que nem sempre têm os simples padres, principalmente na Espanha. Um tricórnio se achava pousado no banco da frente da carruagem, onde se viam as armas de Espanha. Apesar de tantas causas de repulsa, as suas maneiras ao mesmo tempo violentas e untuosas atenuavam o efeito da fisionomia; e, para com Luciano, o padre evidentemente se mostrara fascinante, caricioso, quase felino. Luciano pesava as menores coisas com um ar preocupado. Sentia que se tratava, nesse momento, de viver ou de morrer, pois se encontrava na segunda muda de cavalos após Ruffec. As últimas frases do padre espanhol tinham ferido muitas cordas em seu coração; e, digamo-lo para vergonha de Luciano e do padre, que, com olhar perspicaz, estudava as belas feições do poeta, essas cordas eram as piores, as que vibram ao toque dos sentimentos depravados. Luciano revia Paris, recuperava as rédeas do domínio que suas mãos inábeis haviam largado, vingava-se enfim! A comparação que acabava de fazer entre a vida de Paris e a da província, e que era a mais importante das causas de seu suicídio, desaparecia: ia encontrar-se no seu verdadeiro meio, mas protegido por um político profundo até a perversidade de Cromwell.[435]

“Eu estava sozinho, agora seremos dois”, pensava ele.

Quanto mais faltas revelara na sua conduta passada, mais interesse lhe mostrava o padre. A caridade daquele homem crescera na razão direta dos males, e ele de nada se espantava. Contudo, Luciano pôs-se

a indagar consigo qual seria o móvel daquele intermediário de intrigas reais. Contentou-se primeiro com uma razão vulgar: os espanhóis são generosos! Afinal de contas, o espanhol é tão generoso como o italiano é envenenador e ciumento, como o francês é leviano, como o alemão é franco, como o judeu é ignóbil, como o inglês é nobre. Invertei essas proposições, e estareis com a verdade. Os judeus monopolizam o ouro, escrevem *Roberto, o Diabo*,^[436] representam *Fedra*, cantam o *Guilherme Tell*, encomendam quadros, edificam palácios, escrevem os *Reisebilder*^[437] e admiráveis poesias, são mais poderosos do que nunca, sua religião é aceita, e, enfim, emprestam dinheiro ao papa! Na Alemanha, para as menores coisas, perguntam a um estrangeiro: “Tem um contrato?”, de tal modo aquela gente é chicaneira. Na França, desde uns cinquenta anos para cá se vêm aplaudindo nos teatros verdadeiras tolices nacionais, continuam a usar chapéus inexplicáveis, e o governo só muda com a condição de continuar sendo o mesmo!... A Inglaterra mostra à face do mundo perfídias cujo horror só se pode comparar com a sua avidez. O espanhol, depois de ter tido o ouro das duas Índias, nada mais possui. Não há país no mundo em que haja menos envenenamentos do que na Itália, e onde os costumes sejam mais simples e mais cortesês. Os espanhóis têm vivido muito à custa da reputação dos mouros.

Quando subiu para a caleça, o espanhol disse ao ouvido do postilhão:

— Depressa, que ganharás três francos de gorjeta.

Como Luciano hesitasse em subir, o padre disse-lhe:

— Vamos lá!

E Luciano subiu, sob o pretexto de lhe lançar um argumento *ad hominem*.^[438]

— Padre, um homem que acaba de desenvolver com o mais belo sangue-frio do mundo máximas que muitos burgueses taxariam de profundamente imorais...

— E que o são — disse o padre. — Por isso é que Jesus Cristo queria que houvesse escândalo, meu filho, e eis por que o mundo manifesta tamanho horror ao escândalo.

— Um homem da sua têmpera não se espantará da pergunta que lhe

vou fazer?

— Ande, meu filho! Bem se vê que não me conhece... — disse Carlos Herrera. — Pensa que eu tomaria um secretário antes de saber que ele tem princípios suficientemente seguros para que não me lese em nada? Estou contente consigo. O senhor tem ainda toda a inocência de quem se mata aos vinte anos. Qual é a sua pergunta?

— Por que se interessa por mim? Por que preço exige a minha obediência.... Por que me dá tudo? Qual é a sua parte?

O espanhol olhou para Luciano e pôs-se a sorrir.

— Esperemos uma encosta, nós a subiremos a pé e falaremos ao ar livre. O fundo de uma caleça é indiscreto.

Durante algum tempo reinou silêncio entre os dois companheiros, e a rapidez da corrida contribuiu, por assim dizer, para a embriaguez moral de Luciano.

— Padre, eis a subida — disse Luciano, despertando como de um sonho.

— Pois bem, andemos — disse o padre, e gritou com voz forte para o cocheiro que parasse. E os dois tomaram pela estrada.

XXXV – POR QUE OS CRIMINOSOS SÃO ESSENCIALMENTE CORRUPTORES

— Criança — disse o padre, tomando Luciano pelo braço —, já meditaste sobre a *Veneza salva*^[439] de Otway? Compreendes-te aquela amizade profunda, de homem para homem, que une Pedro a Jaffier, que para eles faz de uma mulher uma bagatela, e que inverte entre eles todos os termos sociais?... Aí tem para o poeta.

“O cônego também conhece teatro”, pensou Luciano.

— O senhor já leu Voltaire? — perguntou-lhe.

— Faça melhor — respondeu o cônego —, ponho-o em prática.

— Não acredita em Deus?...

— Bem, agora eu é que sou ateu! — disse o padre, sorrindo. — Vamos ao que é positivo — prosseguiu ele, enlaçando-o pela cintura. — Tenho quarenta e seis anos, sou filho natural de um grão-senhor, sem família por assim dizer, e tenho coração... Pois fica sabendo, grava-o no

teu cérebro ainda tenro: o homem tem horror à solidão. E, de todas as solidões, a que mais o amedronta é a solidão moral. Os primeiros anacoretas viviam com Deus, habitavam o mais povoado dos mundos, o mundo espiritual. Os avarentos habitam o mundo da fantasia e dos prazeres. O avarento tem tudo no cérebro, até o sexo. O primeiro pensamento do homem, leproso ou forçado, infame ou enfermo, é obter um cúmplice para o seu destino. Para satisfazer a esse sentimento, que é a própria vida, emprega todas as suas forças, todo o seu poder, o sumo da sua vida. A não ser esse desejo soberano, teria Satã encontrado companheiros?... Há todo um poema por fazer, que seria o preâmbulo do *Paraíso perdido*,^[440] o qual é apenas a apologia da revolta.

— Esse seria a *Ilíada* da corrupção — observou Luciano.

— Pois bem, eu sou sozinho, vivo sozinho! De monge, se tenho o hábito, não tenho o coração. Gosto de dedicar-me, é o meu vício. Vivo pela dedicação, e por isso é que sou padre. Não temo a ingratidão, e sou reconhecido. A Igreja, para mim, nada mais é que uma ideia. Devotei-me ao rei da Espanha; mas não se pode amar ao rei da Espanha; ele protege-me, paira acima de mim. Quero amar a minha criatura, afeiçoá-la, amoldá-la para mim, para que a possa amar como um pai ama a seu filho. Serei eu que andarei no teu tálburi, meu rapaz; alegrar-me-ei com teus sucessos junto às mulheres; pensarei: “Aquele belo jovem sou eu! Esse marquês de Rubempré fui eu que o criei e introduzi no mundo aristocrático; sua grandeza é obra minha, à minha voz ele cala-se ou fala; consulta-me em tudo”. O padre de Vermont^[441] era isso para Maria Antonieta.

— E levou-a ao cadafalso!

— Ele não amava a rainha. Ele só amava ao padre de Vermont.

— Devo deixar atrás de mim a desolação? — disse Luciano.

— Tenho tesouros, de que te utilizarás.

— O que eu não faria neste momento para pôr Séchard em liberdade! — replicou Luciano num tom em que já não havia resquícios de ideias suicidas.

— Dize uma palavra, meu filho, e ele receberá amanhã de manhã a soma necessária para a sua libertação.

— Como! o senhor me daria doze mil francos?!...

— Pois não vês, criança, que estamos fazendo quatro léguas por hora? Vamos jantar em Poitiers. Lá, se quiseses assinar o pacto, e dar-me uma única prova de obediência, prova que eu desejo grande, pois bem, a diligência de Bordeaux levará quinze mil francos para a tua irmã...

— Onde estão?

O padre espanhol nada respondeu e Luciano pensou: “Apanhei-o, ele estava era divertindo-se à minha custa”.

Um instante depois, o espanhol e o poeta subiam silenciosamente para o carro. Também silenciosamente o padre meteu a mão na bolsa do carro e dali tirou esse saco de couro com três compartimentos que os viajantes tão bem conhecem; três vezes mergulhou a mão, trazendo-a de cada vez cheia de ouro, ao todo umas cem peças portuguesas.

— Padre, pode dispor de mim — disse Luciano, ofuscado com aquela inundação de ouro.

— Criança! — disse o padre, beijando com ternura a fronte de Luciano —, isso é apenas o terço do ouro que se encontra nesta bolsa, uns trinta mil francos, sem contar o dinheiro da viagem.

— E viaja sozinho?! — exclamou Luciano.

— Isso não é nada. Tenho mais de cem mil escudos de letras sobre Paris. Um diplomata sem dinheiro é o mesmo que tu eras há pouco: um poeta sem vontade.

XXXVI – O INSTANTE EM QUE SE LARGA A PRESA

No momento em que Luciano subia para o carro com o suposto diplomata espanhol, Eva erguia-se para alimentar o filho, encontrava a carta fatal e lia-a. Um suor frio gelou-lhe a tepidez que dá o sono da manhã, sentiu uma tontura, chamou Marion e Kolb.

À pergunta: “Meu irmão saiu?”, Kolb respondeu:

— *Zim, zeniora, antes to amaniecer.*

— Guardem o mais profundo segredo sobre o que lhes confio — disse Eva aos dois criados. — Meu irmão com certeza saiu para se matar. Vão vocês dois, tomem informações com cautela e vigiem o

curso do rio.

Eva ficou sozinha num terrível estado de estupor. Foi no meio da perturbação em que ela se encontrava que, pelas sete horas, Petit-Claud se apresentou para lhe falar de negócios. Nesses momentos, atende-se a todo o mundo.

— Minha senhora — disse o solicitador —, o nosso pobre David está preso, e chega à situação que eu previ logo no início deste assunto. Aconselhava-o então a associar-se, na exploração de sua descoberta, com os seus concorrentes, os Cointet, que têm os meios para executar o que, em mãos de seu marido, se acha em estado de concepção. Assim, na noite passada, logo que soube da sua prisão, que fiz eu? Fui procurar os srs. Cointet, na intenção de obter deles concessões que a pudessem satisfazer. Se quiser defender essa descoberta, sua vida vai continuar o que é: uma vida de chicanas em que sucumbirão, em que acabarão, exaustos e moribundos, por fazer, talvez em seu prejuízo, com algum argentário, o que eu quero vê-los fazer, em seu benefício, hoje mesmo, com os irmãos Cointet. Pouparão assim as privações, as angústias da luta do inventor contra a avidez do capitalista e a indiferença da sociedade. Vejamos! Se os srs. Cointet pagam as suas dívidas... se, pagas essas dívidas, lhes dão ainda uma soma, qualquer que seja o mérito, o futuro ou a possibilidade da descoberta, sempre lhes concedendo, está visto, certa parte nos lucros da exploração, não ficariam contentes?... A senhora fica proprietária do material da tipografia, e sem dúvida o venderá, o que dará uns vinte mil francos; garanto desde já um comprador por esse preço. Recebendo quinze mil francos por uma escritura de sociedade com os srs. Cointet, ficam com uma fortuna de trinta e cinco mil francos, que, pela taxa atual, lhes dariam dois mil francos de renda... Vive-se com dois mil francos de renda na província. E, note bem, minha senhora, que ainda têm as eventualidades da associação com os srs. Cointet. Digo eventualidades porque sempre é necessário considerar o insucesso. Pois bem, eis o que estou em condições de obter: primeiro a liberdade integral de David, depois quinze mil francos a título de indenização por suas experiências, sem que jamais os srs. Cointet possam reclamá-los a qualquer título, mesmo que a descoberta se mostrasse improdutiva; enfim, um

contrato de sociedade entre David e os srs. Cointet para exploração de um privilégio de invenção a conseguir, após uma experiência, feita em comum e secretamente, do seu processo de fabricação, nas bases seguintes: os srs. Cointet farão todas as despesas, David entra com o privilégio e terá um quarto dos lucros. A senhora, que tem tanto juízo e bom senso, o que não acontece muito seguido com mulheres bonitas, queira pensar sobre estas propostas, e há de achá-las bastante aceitáveis...

— Ah, senhor! — exclamou a pobre Eva em desespero e rompendo em pranto —, por que não veio ontem à noite propor-me essa transação? Teríamos evitado a desonra e... o que é muito pior...

— Minha discussão com os Cointet, que, como a senhora já deve ter desconfiado, se ocultam por trás de Métivier, só terminou à meia-noite. Mas o que aconteceu depois que seja pior do que a prisão do nosso pobre David? — perguntou Petit-Claud.

— Aqui está a terrível notícia que encontrei ao despertar — respondeu ela, alcançando a Petit-Claud a carta de Luciano. — Como o senhor me prova neste momento que se interessa por nós, que é amigo de David e de Luciano, não preciso pedir-lhe segredo...

— Pode ficar sem cuidados — disse Petit-Claud, devolvendo a carta depois de lê-la. — Luciano não se matará. Depois de ter sido o causador da prisão de seu cunhado, precisava de uma razão para deixá-los, e eu vejo nisso uma saída em estilo de teatro.

Os Cointet tinham alcançado o seu intento. Depois de torturar o inventor e sua família, aproveitavam o instante desse suplício em que a fadiga faz desejar algum repouso. Nem todos os buscadores de segredos têm o ânimo do buldogue, que morre com a presa entre os dentes, e os Cointet haviam estudado sabiamente o caráter de suas vítimas. Para o Cointet grande a prisão de David era a última cena do primeiro ato daquele drama. O segundo ato começava com a proposta que Petit-Claud acabava de fazer. Como mestre consumado, o solicitador considerou a cabeçada de Luciano como uma dessas imprevistas oportunidades que decidem da sorte de uma partida. Viu Eva tão completamente aniquilada com aquele acontecimento que resolveu aproveitar-se disso para ganhar sua confiança, pois afinal

adivinhara a influência da mulher sobre o marido. Assim, em vez de mais afundar no desespero a sra. Séchard, tentou tranquilizá-la, e muito habilmente procurou levá-la até a prisão no estado de espírito em que se encontrava, pensando que ela então decidiria David a associar-se com os Cointet.

— David me disse que só desejava fortuna por amor da senhora e de seu irmão; mas hão de estar convencidos que seria uma loucura enriquecer a Luciano. Esse rapaz devoraria três fortunas.

A atitude de Eva bem significava que já se dissipara a última das suas ilusões a respeito do irmão; assim, o solicitador fez uma pausa para converter o silêncio da cliente numa espécie de assentimento.

— De modo que nesta questão — prosseguiu ele — trata-se apenas da senhora e de seu filho. Compete à senhora resolver se dois mil francos de renda lhes bastam para ser felizes, não contando a herança do velho Séchard. Desde muito o seu sogro possui uma renda de sete a oito mil francos, sem levar em conta os juros que sabe tirar de seus capitais. Têm pois um belo futuro. Para que afligir-se?

O solicitador deixou a sra. Séchard a refletir sobre essa perspectiva, muito habilmente preparada na véspera pelo Cointet grande.

— Faça-lhes entrever a possibilidade de receberem uma quantia qualquer — dissera o usurário de Angoulême ao solicitador quando este lhe fora anunciar a prisão. — E logo que se acostumarem à ideia de embolsar uma soma, serão nossos: regatearemos e, pouco a pouco, os faremos chegar ao preço que queremos dar pelo segredo.

Essa frase continha de certo modo o argumento do segundo ato daquele drama financeiro.

Quando a sra. Séchard, com o coração partido por suas apreensões quanto à sorte do irmão, se vestiu e desceu para ir à prisão, experimentou a angústia que lhe deu a ideia de atravessar sozinha as ruas de Angoulême. Sem se preocupar com a ansiedade de sua cliente, Petit-Claud voltou no entanto para lhe oferecer o braço, trazido por um pensamento assaz maquiavélico, e teve o mérito de uma delicadeza a que Eva se mostrou extremamente sensível, pois deixou que ela lhe agradecesse sem a tirar do seu engano. Aquela pequena atenção, num homem tão duro, tão ríspido, e em tal momento, modificou os juízos

que a sra. Séchard até então formara a respeito de Petit-Claud.

— Levo-a — disse ele — pelo caminho mais longo, mas não encontraremos ninguém.

— Eis a primeira vez, senhor, que não tenho direito de andar de cabeça erguida! Bem duramente mo ensinaram ontem...

— Será a primeira e a última vez.

— Oh! eu certamente não vou ficar nesta cidade...

— Se o seu marido concordasse com as propostas que os Cointet e eu deixamos mais ou menos assentes — disse Petit-Claud a Eva, chegando à entrada da prisão — faça-me saber que eu logo voltarei com uma autorização de Cachan para David sair; e, possivelmente, ele não voltará mais à prisão...

Isso, dito defronte da cadeia, era o que os italianos chamam uma *combinação*. Entre eles, essa palavra exprime o ato indefinível em que se encontra um pouco de perfídia misturada com o direito, e a propósito de uma fraude permitida, uma velhacaria quase legítima e bem-feita; segundo eles, a São Bartolomeu é uma combinação política.

XXXVII – AS INFLUÊNCIAS DA PRISÃO

Pelas causas acima expostas, a detenção por dívidas é fato judiciário tão raro na província que, na maioria das cidades da França, não há prisão apropriada para esses casos. Em tais circunstâncias, o devedor é metido na prisão dos inculpados, dos condenados, dos acusados, dos réus. Tais são os diversos nomes que tomam legal e sucessivamente aqueles que o povo chama genericamente de criminosos. Assim foi David colocado provisoriamente numa das celas da prisão de Angoulême, de onde talvez acabava de sair algum condenado, depois de cumprido o seu tempo. Uma vez preso, com a soma decretada por lei para o sustento do prisioneiro, David encontrou-se diante de um homenzarrão que, para os cativos, se torna uma potência maior que o rei: o carcereiro! Na província, não se conhecem carcereiros magros. Primeiro, porque esse lugar é quase uma sinecura; depois um carcereiro é como um estalajadeiro que não tivesse casa a alugar e que se sustenta muito bem, sustentando muito mal a seus prisioneiros, a

quem hospeda, como aliás o faz o estalajadeiro, conforme os recursos destes. Conhecia David de nome, principalmente por causa de seu pai, e teve a amabilidade de alojá-lo bem por uma noite, embora David não tivesse um vintém.

A prisão de Angoulême data da Idade Média, e não sofreu mais alterações que a catedral. Ainda chamada casa de justiça, é contígua ao antigo tribunal. A porta, clássica, é essa porta pregueada, aparentemente sólida, gasta, baixa, e de construção tanto mais ciclópica visto que tem como que um olho único na frente, o postigo por onde o carcereiro vem reconhecer as pessoas antes de abrir. Há um corredor no rés do chão, ao longo da fachada, e para esse corredor dão vários cubículos, cujas janelas, altas e gradeadas, recebem luz do pátio. O carcereiro ocupa um alojamento separado desses cubículos por uma abóbada que divide o rés do chão em duas partes e ao fundo da qual se avista, da entrada, uma grade que fecha o pátio. David foi conduzido pelo carcereiro ao cubículo que ficava junto da abóbada e cuja porta era fronteira ao seu alojamento. O carcereiro queria vizinhar com um homem que, em vista da sua posição particular, poderia fazer-lhe companhia.

— É a melhor cela — disse ele, ao ver David estupefato com o aspecto do local.

As paredes eram de cantaria e bastante úmidas. As janelas, muito elevadas, tinham barras de ferro. As lajes de pedra exalavam um frio glacial. Ouvia-se o passo regular da sentinela de serviço que passeava pelo corredor. Aquele ruído, monótono como o da maré, lançava a cada instante este pensamento: “Prenderam-te! Já não és livre!”. Todos esses pormenores, esse conjunto de coisas influi poderosamente no moral das pessoas honradas. David avistou um leito execrável, mas na primeira noite os prisioneiros se acham em tamanha agitação que só notam a dureza da cama na segunda noite. O carcereiro mostrou-se amável, propôs naturalmente ao seu detido que passeasse no pátio até a noite. O suplício de David só começou no momento de deitar-se. Era proibido fornecer luz aos prisioneiros, e necessitava-se, pois, de uma licença do procurador régio para isentar o detido por dívidas do regulamento que evidentemente só dizia respeito aos criminosos sob a

alçada da justiça. O carcereiro na verdade admitiu David no seu alojamento, mas, à hora de recolher, era preciso encarcerá-lo. O pobre marido de Eva conheceu então os horrores da prisão e a grosseria dos seus usos, que o revoltaram. Mas, por uma dessas reações muito familiares aos pensadores, isolou-se naquela solidão, libertando-se dela por um desses sonhos que os poetas têm o poder de sonhar acordados. O infeliz acabou por dirigir as reflexões para os seus negócios. A prisão induz enormemente ao exame de consciência. David indagou consigo se teria acaso cumprido com os seus deveres de chefe de família. Em que desespero não estaria a sua mulher! Por que, como lhe dizia Marion, não ganhar dinheiro suficiente para poder dedicar-se mais tarde folgadoamente às suas experiências?

“Como ficar em Angoulême depois de tal escândalo?”, pensou. “Se saio da prisão, que vai ser de nós, para onde iremos?”

Ocorreram-lhe algumas dúvidas sobre os seus trabalhos. Foi uma dessas angústias que só podem ser compreendidas pelos próprios inventores! De dúvida em dúvida, David chegou a ver claro na sua situação, e disse a si mesmo o que os Cointet tinham dito ao velho Séchard, o que Petit-Claud acabava de dizer a Eva:

— Supondo que tudo corra bem, como não será na prática? Necessito privilégio, e isso demanda dinheiro!... Preciso de uma fábrica onde faça as minhas experiências em grande escala, e isso é revelar a minha descoberta!... Oh! como Petit-Claud tinha razão!

As prisões mais escuras deitam vivas claridades.

— Ora! — pensou David, ao adormecer sobre aquela espécie de tarimba onde se encontrava uma horrível enxerga de pano grosseiro. — Decerto amanhã de manhã poderei falar com Petit-Claud.

David estava pois bem preparado para ouvir as propostas que a mulher lhe trazia da parte de seus inimigos. Depois de beijar o marido e sentar-se ao pé da cama, pois só havia uma cadeira de pau da pior espécie, o olhar de Eva foi dar no horrendo balde que estava a um canto e nas paredes semeadas de nomes e sentenças escritas pelos predecessores de David. Então, de seus olhos avermelhados, as lágrimas recomeçaram a tombar. Tinha ainda lágrimas, depois de todas as que já vertera, ao ver o marido na situação de um criminoso.

— Eis até onde pode levar o desejo da glória!... — exclamou. — Oh, meu anjo, abandona essa carreira... Sigamos juntos ao longo da estrada batida, e não busquemos uma fortuna rápida... Basta-me pouca coisa para ser feliz, principalmente depois de ter sofrido tanto!... Se soubesses!... Essa desonrosa prisão não é a nossa maior desgraça!... Olha!

Estendeu-lhe a carta de Luciano, que David leu num momento; e, para consolá-lo, repetiu-lhe a terrível frase de Petit-Claud sobre Luciano.

— Se Luciano se matou está acabado — disse David —, mas, se não se matou até este momento, não mais o fará: ele só pode ter coragem para poucas horas....

— Mas como ficar nesta incerteza? — exclamou a irmã, que perdoava quase tudo ante a ideia da morte. Repetiu as propostas que Petit-Claud dizia haver obtido dos Cointet, e que foram em seguida aceitas por David com visível prazer.

— Teremos com que viver nalguma aldeia próxima do Houmeau, onde está situada a fábrica dos Cointet, e eu só quero tranquilidade! — exclamou o inventor. — Se Luciano se puniu matando-se, teremos dinheiro suficiente para esperar o de meu pai; e, se Luciano está vivo, o pobre rapaz saberá conformar-se com a nossa mediocridade... Os Cointet certamente se aproveitarão da minha descoberta; mas, afinal de contas, que sou eu relativamente à minha pátria?... Um homem. Se o meu segredo aproveita a todos, estarei contente! Olha, minha querida Eva, nenhum de nós dois foi feito para comerciante. Não temos o amor do lucro, nem essa dificuldade em largar qualquer dinheiro, mesmo o mais legitimamente devido, que são talvez as virtudes do negociante, pois essas duas avarezas se chamam prudência e gênio comercial!

Encantada com essa uniformidade de opiniões, uma das mais suaves flores de amor, pois os interesses e o espírito podem não estar de acordo entre duas criaturas que se amam, Eva pediu ao carcereiro para enviar a Petit-Claud um bilhete em que lhe dizia que soltasse David, anunciando-lhe o seu mútuo consentimento nas bases do arranjo projetado. Dez minutos depois, Petit-Claud entrava na horrível cela de David e dizia a Eva:

— Volte para casa, minha senhora, que lá estaremos em seguida... Com que então te deixaste apanhar, meu caro amigo! — disse ele a David. — Mas como pudeste cometer a falta de sair?

— E como poderia eu deixar de sair, em vista do que Luciano me escreveu?

David entregou a Petit-Claud a carta de Cérizet; Petit-Claud agarrou-a, leu-a, examinou-a, apalpou o papel, e pôs-se a falar de negócios enquanto dobrava a carta como que por distração e a guardava no bolso. Depois o procurador tomou David pelo braço e saiu com ele, pois o alvará de soltura tinha sido entregue ao carcereiro durante essa conversação.

Voltando a casa, David julgou-se no céu. Chorou como uma criança ao beijar o seu pequeno Luciano e ao ver-se de novo em seu quarto de dormir, após vinte dias de uma detenção cujas últimas horas eram, segundo os costumes da província, desonrosas. Kolb e Marion tinham voltado. Marion soube no Houmeau que Luciano fora visto na estrada de Paris, além de Marsac. O vestuário do dândi fora notado pelos campônios que traziam gêneros à cidade. Depois de lançar-se a cavalo estrada afora, Kolb acabara por saber em Mansle que Luciano, reconhecido pelo dr. Marron, viajava numa carruagem de posta.

— Que lhe dizia eu? — exclamou Petit-Claud. — Esse rapaz não é um poeta, é um romance sem fim.

— Viajando! — dizia Eva. — Aonde irá ele desta vez?

— Agora — disse Petit-Claud a David —, venha à casa dos srs. Cointet, que estão à sua espera.

— Ah, senhor! — exclamou a bela sra. Séchard —, rogo-lhe que defenda bem os nossos interesses, o senhor tem todo o nosso futuro nas mãos.

— Deseja, minha senhora, que a conferência tenha lugar em sua casa? — indagou Petit-Claud. — Deixo-lhe David. Aqueles senhores virão aqui esta noite; verá então a senhora se eu sei defender os seus interesses.

— Ah! o senhor me daria um grande prazer — disse Eva.

— Pois bem — disse Petit-Claud —, esta noite, aqui, às sete horas.

— Muito agradecida — respondeu Eva, com um olhar e um acento

que provaram a Petit-Claud os progressos que estava fazendo na confiança da sua cliente.

— Nada tema! Bem vê como eu tinha razão — acrescentou ele. — Seu irmão está a trinta léguas do suicídio. E, enfim, talvez tenham esta noite uma pequena fortuna. Apareceu um pretendente sério para a sua tipografia.

— Se assim é — observou Eva —, não seria melhor esperar antes de nos comprometermos com os Cointet?

— Esquece-se, minha senhora — respondeu Petit-Claud, que viu o perigo da sua confidência —, de que só poderá vender a sua tipografia depois de haver pago ao sr. Métivier, pois todos os utensílios estão penhorados.

Chegando em casa, Petit-Claud mandou chamar Cérizet. Quando o chefe de oficina chegou em seu gabinete, ele o levou para o vão de uma janela.

— Amanhã à noite serás proprietário da tipografia Séchard, e com proteção bastante para obter a transmissão do privilégio — disse-lhe ao ouvido. — Mas não queres acabar nas galés, não é?

— Como! Como! Nas galés? — exclamou Cérizet.

— Tua carta a David é uma falsificação, e eu a tenho em meu poder... Se interrogassem Henriqueta, que diria ela?... Mas eu não quero desgraçar-te — disse em seguida Petit-Claud, vendo Cérizet empalidecer.

— Quer mais alguma coisa de mim? — exclamou o parisiense.

— Pois bem, eis o que eu espero de ti — prosseguiu Petit-Claud. — Escuta bem! Serás impressor em Angoulême dentro de dois meses..., mas deverás a tua tipografia, e só a terás pago em dez anos!... Trabalharás por muito tempo para os teus capitalistas! E ainda mais, serás obrigado a ser o testa de ferro do partido liberal... Eu é que redijo a tua escritura de comandita com o Gannerac; fá-lo-ei de maneira que possas um dia ficar com a tipografia... Mas se eles fundarem um jornal e tu fores o gerente, e eu for aqui primeiro delegado, tu te entenderás com o Cointet grande para a inserção de artigos que façam com que o jornal seja apreendido e suspenso. Os Cointet te pagarão generosamente por esse serviço... Bem sei que serás condenado, que

irás para a cadeia, mas passarás por um homem importante e perseguido. Tu te tornarás um figurão do partido liberal, um sargento Mercier, um Paul-Louis Courier, um Manuel.^[442] Jamais deixarei cassarem o teu privilégio. Finalmente, no dia em que teu jornal for suprimido, queimarei esta carta diante de ti... Tua fortuna não te custará caro...

A gente do povo tem ideias muito errôneas sobre as distinções legais da falsificação, e Cérizet, que já se via no banco dos réus, respirou.

— Daqui a três anos serei procurador do rei em Angoulême — continuou Petit-Claud —, e poderás precisar de mim, não te esqueças!

— Está combinado — disse Cérizet. — Mas o senhor não me conhece: queime essa carta diante de mim, e pode confiar na minha gratidão.

Petit-Claud olhou para Cérizet. Foi um desses duelos em que o olhar daquele que observa é como um escalpelo com o qual tenta revolver a alma e em que os olhos do homem que quer demonstrar virtude são como um espetáculo.

Petit-Claud nada respondeu; acendeu uma vela e queimou a carta, dizendo consigo: “Ele tem de fazer fortuna”.

— O senhor tem a seu dispor uma alma disposta a tudo — disse o tipógrafo.

XXXVIII – UM DIA DEMASIADO TARDE

David esperava numa vaga inquietação a conferência com os Cointet: não era a discussão dos seus interesses nem da escritura a lavrar o que o preocupava, mas sim a opinião que os negociantes formariam a respeito de seus trabalhos. Achava-se na situação do autor dramático perante os seus juízes. O amor-próprio do inventor e suas ansiedades no momento de atingir o fim faziam empalidecer quaisquer outros sentimentos. Afinal, pelas sete da noite, no momento em que a sra. condessa du Châtelet se metia na cama sob o pretexto de uma enxaqueca e deixava ao marido o cuidado de fazer as honras do jantar, tão aflita se achava ela com as notícias contraditórias que corriam a respeito de Luciano, os Cointet, o gordo e o grande, entraram com

Petit-Claud na casa de seu concorrente, que se entregava a eles de pés e mãos atados. Viram-se primeiro ante uma dificuldade preliminar: como fazer uma escritura de sociedade sem conhecer os processos de David? E, divulgados os processos de David, ficaria este à mercê dos Cointet. Petit-Claud conseguiu que se fizesse antes a escritura. O Cointet grande disse então a David que lhe mostrasse alguns de seus produtos, e o inventor apresentou-lhe as últimas folhas fabricadas, garantindo o preço de custo.

— Bem, já se achou a base do contrato — disse Petit-Claud. — Com esses dados, poderão associar-se, estabelecendo uma cláusula de dissolução para o caso em que as condições do privilégio não sejam cumpridas na execução em fábrica

— Uma coisa, senhor — disse o Cointet grande a David —, uma coisa é fabricar, em ponto pequeno e em casa, com fôrma pequena, umas amostras de papel, e outra coisa é realizar uma fabricação em larga escala. Veja o senhor por um único exemplo! Fabricamos papel de cor, e compramos, para colorir, partidas de tinta idênticas. Assim, o anil para azular as nossas *coquilles* é tirado de uma caixa cujas pedras provêm todas do mesmo fabrico. Pois bem, nunca conseguimos obter duas cubas de tintas iguais... Na preparação de nossos materiais, operam-se fenômenos que nos escapam. A quantidade, a qualidade da pasta transformam imediatamente a questão. Quando o senhor tinha numa caldeira uma porção de ingredientes que não peço para conhecer, era o seu dono, podia manipulá-los uniformemente, ligá-los, sová-los, moldá-los a seu gosto, dar-lhes uma composição homogênea... Mas, quem lhe garante que numa caldeira de quinhentas resmas acontecerá o mesmo, e que os seus processos darão resultado?...

David, Eva e Petit-Claud entreolharam-se significativamente.

— Tome um exemplo que lhe ofereça uma analogia qualquer — disse o Cointet grande após uma pausa. — O senhor corta dois feixes de feno num prado e os mete bem amarrados no seu quarto, sem os deixar arejar; a fermentação opera-se, mas não causa acidentes. O senhor se apoiaria nessa experiência para empilhar dois mil feixes num barracão de madeira?... Sabe perfeitamente que o feno pegaria fogo, e que o seu

depósito arderia como um pau de fósforo. O senhor, que é um homem instruído, tire as conclusões... O senhor, até este momento, cortou dois feixes de feno, e nós receamos incendiar a nossa papelaria, armazenando lá dois mil feixes. Podemos, em outros termos, perder mais de uma caldeirada, e encontrarmo-nos sem nada nas mãos depois de ter gasto tanto dinheiro.

David estava aterrado. A prática falava sua linguagem positiva à teoria, cuja palavra está sempre no futuro.

— Com os diabos, se eu assino semelhante contrato! — exclamou brutaemente o Cointet gordo. — Podes perder o teu dinheiro, se quiseres, Bonifácio, mas eu guardo o meu... Estou disposto a pagar as dívidas do sr. Séchard, e seis mil francos... Ainda assim três mil francos em letras — continuou ele, emendando-se — a doze e quinze meses... Bastam os riscos que se correm... Temos doze mil francos a saldar com Métivier. O que perfaz um total de quinze mil francos!... É o mais que posso dar pelo segredo, para explorá-lo sozinho. Ah! era esse o grande achado de que me falavas, Bonifácio?... Muito agradecido, eu te julgava mais esperto. Não é precisamente o que se chama um bom negócio...

— A questão, para os senhores — disse então Petit-Claud, sem se assustar com a tirada —, se reduz a isto: querem arriscar vinte mil francos para adquirir um segredo que pode enriquecê-los? Mas, senhores, os riscos são sempre proporcionais aos lucros... É uma parada de vinte mil francos contra a riqueza. O jogador põe um luís para embolsar trinta e seis na roleta, mas sabe que o seu luís está perdido. Façam o mesmo.

— Quero primeiro refletir — disse o Cointet gordo —, eu não sou tão forte como o meu irmão. Sou um pobre rapaz que só sabe uma coisa: fazer um livro de missa por vinte *sous* e vendê-lo por quarenta. Numa invenção que ainda está na primeira experiência, só percebo uma causa de ruína. Hão de fazer bem a primeira caldeira, errar a segunda, continuar, deixar-se arrastar e, quando se mete o braço numas engrenagens dessas, vai em seguida o corpo...

Contou a história de um negociante de Bordeaux, arruinado por haver tentado cultivar as charnecas a conselho de um sábio; achou seis exemplos semelhantes nas redondezas, no departamento de Charente e

do Dordogne, na indústria e na agricultura; arrebatou-se, não quis ouvir mais nada, e as objeções de Petit-Claud lhe aumentavam a irritação, em vez de acalmá-lo.

— Prefiro comprar por mais dinheiro algo de mais certo do que essa descoberta, e só obter um pequeno lucro — disse ele, olhando para o irmão. — A meu ver, nada disso oferece base sólida para um negócio! — exclamou, terminando.

— Mas, afinal, os senhores vieram aqui para alguma coisa... — disse Petit-Claud. — Que é que propõem?

— Pagar as dívidas do sr. Séchard e garantir-lhe, em caso de êxito, trinta por cento dos lucros — respondeu vivamente o Cointet gordo.

— Mas, senhor — disse Eva —, com que viveremos durante todo o tempo das experiências? Já que sofreu a vergonha da prisão, pode meu marido voltar para a cadeia, e pagaremos as nossas dívidas...

Petit-Claud levou um dedo aos lábios, olhando para Eva.

— Os senhores não são razoáveis — disse ele aos dois irmãos. — Já viram o papel; o velho Séchard lhes disse que o filho, encerrado por ele, tinha fabricado numa única noite excelente papel que devia custar muito pouco... Os senhores vieram aqui para tratar da aquisição; afinal, querem ou não querem comprar?

— Olhe — disse o Cointet grande —, quer o meu irmão queira, quer não queira, arrisco-me a pagar as dívidas do sr. Séchard; dou seis mil francos, pagos à vista, e trinta por cento sobre os lucros; mas ouçam isto: se no espaço de um ano o sr. Séchard não cumprir as condições que ele próprio incluirá no contrato, ele nos devolve os seis mil francos, o privilégio fica conosco e nós nos arranjarremos como pudermos.

— Tens confiança em ti mesmo? — perguntou Petit-Claud, tomando David à parte.

— Tenho — disse David, apanhado na tática dos dois irmãos, temeroso de que o Cointet gordo interrompesse aquela conferência de que dependia o seu futuro.

— Bem, então vou redigir a escritura — disse Petit-Claud aos Cointet e a Eva —; os senhores terão uma cópia cada um esta noite e refletirão sobre o seu texto durante toda a manhã; amanhã, às quatro da tarde, à saída da audiência, poderão assinar. Retirem os srs. Cointet a ação de

Métivier. Eu escreverei mandando parar o processo na Corte real, e atestaremos as desistências recíprocas.

Eis o enunciado dos compromissos de Séchard:

“ENTRE OS ABAIXO-ASSINADOS etc.

Afirmando o sr. David Séchard filho, impressor em Angoulême, ter descoberto o meio de colar uniformemente o papel em pasta, e o meio de reduzir o preço da fabricação de qualquer espécie de papel em mais de cinquenta por cento, com a introdução de matérias vegetais na pasta, ou misturando-as aos trapos empregados até agora, ou empregando-as sem adição de mais nada, é formada uma sociedade entre o sr. David Séchard filho e os srs. Irmãos Cointet para exploração do privilégio a ser tirado para os referidos processos, e sob as cláusulas e condições seguintes...”

Um dos artigos da escritura despojava completamente David Séchard de seus direitos, no caso em que ele não cumprisse as promessas enunciadas naquele texto, cuidadosamente organizado pelo Cointet grande e admitido por David.

Ao entregar esse documento no dia seguinte, às sete e meia da manhã, Petit-Claud comunicou a David e a Eva que Cérizet oferecia pela tipografia vinte e dois mil francos, à vista. A escritura de venda poderia ser assinada naquela mesma tarde.

— Mas — disse ele —, se os Cointet soubessem dessa aquisição, seriam capazes de não assinar o seu contrato, de aborrecê-los e obrigar a fazer leilão aqui...

— Está seguro do pagamento? — indagou Eva, espantada de ver findo um negócio de que já desesperava e que, três meses antes, teria salvo tudo.

— Tenho os fundos em minha casa — respondeu ele peremptoriamente.

— Até parece mágica! — disse David, pedindo a Petit-Claud explicação daquela ventura.

— A coisa é muito simples: os negociantes do Houmeau querem fundar um jornal — disse Petit-Claud.

— Mas isso me é vedado — exclamou David.

— Mas não ao seu sucessor... Aliás, não se inquiete com coisa alguma, venda, embolse o dinheiro, e deixe Cérizet às voltas com as cláusulas da venda, ele saberá arranjar-se.

— Oh! sem dúvida — disse Eva.

— Se o senhor se comprometeu a não fazer nenhum jornal em Angoulême — tornou Petit-Claud —, os capitalistas de Cérizet o farão no Houmeau.

Eva, deslumbrada com a perspectiva de possuir trinta mil francos, de estar acima da necessidade, passou a considerar o contrato de sociedade apenas como uma esperança secundária. Também os Séchard cederam num ponto que deu azo a uma derradeira discussão. O Cointet grande exigiu a faculdade de tirar em seu nome o privilégio de invenção. Conseguiu estabelecer que, uma vez que os direitos úteis de David estavam perfeitamente definidos no contrato, o privilégio podia ficar indiferentemente em nome de um dos sócios. Seu irmão acabou por dizer:

— É ele quem dá o dinheiro do privilégio e quem faz as despesas da viagem, mais dois mil francos em suma! Que ele o tire em seu nome, ou nada feito!

O usurário triunfou, pois, em todos os pontos. O contrato de sociedade foi assinado pelas quatro e meia. O Cointet grande ofereceu galantemente à sra. Séchard uma dúzia de talheres e um belo xale de Ternaux, à guisa de alfinetes, para lhe fazer esquecer os percalços da discussão!, disse ele. Mal acabavam de trocar-se as públicas-formas, mal Cachan acabava de entregar a Petit-Claud as desistências, bem como as três terríveis letras forjadas por Luciano, quando a voz de Kolb reboou na escada, após o ruído ensurdecido de um carro da mala-posta que parara à porta da casa.

— *Zeniora! Zeniora! Quinze mil francos!* — gritou ele —, *em pom tinieirou mantatos de Poitiers pelou sr. Lucianou.*

— Quinze mil francos! — exclamou Eva, erguendo os braços.

— Sim, minha senhora — disse o carregador, apresentando-se —, quinze mil francos trazidos pela diligência de Bordeaux, que vinha bastante carregada! Tenho lá embaixo dois homens que estão transportando os sacos. Vem da parte do sr. Luciano Chardon de

Rubempré... E trago aqui um saquinho de couro, com quinhentos francos em ouro para a senhora, e parece que também uma carta.

Eva julgou estar sonhando, ao ler a carta seguinte:

Minha querida irmã,
Aí vão quinze mil francos.

Em vez de matar-me, vendi a minha vida. Já não me pertenco: sou mais que o secretário de um diplomata espanhol, pois sou criatura sua. Recomeço uma existência terrível. Talvez tenha sido melhor afogar-me. Adeus, David ficará livre, e, com quatro mil francos, poderá comprar uma pequena fábrica de papel e fazer fortuna.

Não penses mais, assim o quero, no teu pobre irmão

LUCIANO.

— Está escrito — exclamou a sra. Chardon, que viera ver amontoar os sacos — que o meu pobre filho há de ser sempre fatal, como nos disse, até quando pratica o bem.

— Escapamos de boa! — exclamou o Cointet mais velho, ao chegar à Place du Mûrier. — Uma hora mais tarde, os reflexos desse dinheiro teriam alumiado o contrato, e o nosso homem se assustaria. Dentro em três meses, como ele nos prometeu, saberemos o que se pode esperar. Às sete da noite, Cérizet comprou a tipografia e pagou-a, ficando a seu cargo o aluguel do último trimestre. No dia seguinte, Eva entregou quarenta mil francos ao recebedor-geral para comprar em nome do marido dois mil e quinhentos francos de rendimento. Depois escreveu ao sogro para que lhe conseguisse em Marsac uma pequena propriedade de dez mil francos, para base de sua fortuna pessoal.

XXXIX – HISTÓRIA DE UMA SOCIEDADE COMERCIAL

O plano do Cointet grande era de uma simplicidade formidável. À primeira vista, julgou inviável a colagem na pasta. O acréscimo de matérias vegetais pouco dispendiosas à pasta de trapo lhe pareceu o verdadeiro, o único meio de fortuna. Resolveu, pois, considerar sem importância o baixo custo da pasta, e fazer enorme questão da

colagem. Eis o motivo. As fábricas de Angoulême se ocupavam então quase unicamente dos papéis para escrever chamados *écu*, *paulet*, *écalier*, *coquille*, que, necessariamente, são todos colados. Isso constituiu durante muito tempo a glória da fabricação de papel de Angoulême. Assim, a especialidade, monopolizada de longa data pelos fabricantes de Angoulême, dava ganho de causa à exigência dos Cointet; e o papel colado, como se vai ver, não entrava na sua especulação. O fornecimento de papéis para escrever é consideravelmente limitado, ao passo que o dos papéis de impressão não colados é quase sem limites. Na viagem que fez a Paris para obter a patente em seu nome, pensava Cointet concluir negócios que determinariam grandes mudanças em seu sistema de fabricação. Alojado em casa de Métivier, Cointet lhe deu instruções para, no espaço de um ano, arrebatara o fornecimento dos jornais aos papeleiros que o exploravam, baixando o preço da resma a uma taxa a que nenhuma fábrica pudesse chegar, e prometendo a cada jornal uma brancura e qualidades superiores às mais belas até então empregadas. Como os negócios dos jornais são a prazo, fazia-se mister certo período de trabalhos subterrâneos junto às administrações para a realização de tal monopólio; mas Cointet calculou que teria tempo de se descartar de Séchard enquanto Métivier obtinha contratos com os principais jornais de Paris, cujo consumo se elevava então a duzentas resmas diárias. Cointet, naturalmente, ofereceu determinada percentagem a Métivier nesses fornecimentos, a fim de ter um representante capaz na praça de Paris e não perder tempo em viagens. A fortuna de Métivier, uma das mais consideráveis do comércio da fabricação de papel, teve por origem esse negócio. Durante dez anos teve ele, sem concorrência possível, o fornecimento dos jornais de Paris. Tranquilizado quanto às futuras vendas, Cointet voltou para Angoulême a tempo de assistir ao casamento de Petit-Claud, que vendera o cartório e esperava a nomeação de seu sucessor para tomar o lugar do sr. Milaud, prometido ao protegido da condessa du Châtelet. O segundo delegado do procurador régio de Angoulême foi nomeado primeiro delegado em Limoges, e o ministro da Justiça enviou um dos seus protegidos para Angoulême, onde o lugar de primeiro delegado esteve dois meses vago.

Esse intervalo foi a lua de mel de Petit-Claud. Na ausência de Cointet, David preparou primeiro uma caldeirada sem cola que deu um papel de jornal muito superior ao que os jornais empregavam, depois outra de magnífico papel velino, destinado às belas edições, e de que se utilizou a tipografia Cointet para uma edição do livro de missa da diocese. As matérias tinham sido preparadas pelo próprio David, em segredo, pois não quis outros operários consigo a não ser Kolb e Marion.

No regresso de Cointet, tudo mudou de figura; ele examinou as amostras do papel fabricado e mostrou-se mediocrementemente satisfeito.

— Meu caro amigo — disse então a David —, o comércio de Angoulême é o papel *coquille*. Trata-se antes de tudo de fabricar o mais belo papel para escrever por metade do custo atual.

David tentou fabricar uma caldeira de pasta colada para *coquille*, e obteve um papel áspero como escova, onde a cola se apresentava granulosa. No dia em que terminou a experiência e David teve em mão uma das folhas, foi para um canto, pois queria devorar sozinho o seu pesar; mas Cointet foi falar-lhe, e mostrou-se de uma habilidade encantadora, procurando consolar o sócio.

— Não desanime — disse Cointet —, continue sempre. Eu sou de bom gênio, e compreendo-o. Irei até o fim!

— Realmente — disse David à mulher na hora do jantar —, estamos com boa gente. Nunca supus que o Cointet grande fosse tão generoso!

E contou a conversação que tivera com o seu pérfido sócio.

Três meses se passaram em experiências. David dormia na fábrica, observava os efeitos das diversas composições da sua pasta. Ora atribuía o insucesso à mescla do trapo com os seus materiais, e fazia uma caldeirada inteiramente composta de seus ingredientes. Ora tentava colar uma caldeirada inteiramente composta de trapos. E, prosseguindo na sua obra com admirável perseverança e à vista de Cointet, de quem o pobre homem não mais desconfiava, foi indo, de matéria homogênea em matéria homogênea, até esgotar a série de seus ingredientes combinados com toda sorte de colas. Durante os seis primeiros meses do ano de 1823, David Séchard viveu na fábrica com Kolb, se acaso era viver negligenciar daquele modo o alimento, o

vestuário e sua pessoa. Tão desesperadamente se bateu contra as dificuldades que, para quaisquer outros homens que não os Cointet, seria um espetáculo sublime, pois nenhum pensamento de interesse preocupava aquele audaz lutador. Houve um momento em que não desejou nada senão a vitória. Espiava com maravilhosa sagacidade os efeitos tão estranhos das substâncias transformadas pelo homem em produtos úteis, em que a natureza é de certo modo domada nas suas resistências secretas, e deduziu belas leis industriais, observando que não se podiam obter essas espécies de criações senão obedecendo às relações ulteriores das coisas, ao que chamou a segunda natureza das substâncias. Afinal chegou, pelo mês de agosto, a obter um papel colado na pasta, absolutamente igual ao que a indústria agora fabrica, e que se emprega nas tipografias para tirar provas, mas que não tem uniformidade alguma e cuja colagem nem sempre é certa. Esse resultado, tão belo em 1823, relativamente ao estado da fábrica, custara dez mil francos, e David esperava resolver as últimas dificuldades do problema. Mas começaram então a espalhar-se por Angoulême e pelo Houmeau singulares rumores: David Séchard estava arruinando os irmãos Cointet. Depois de haver devorado trinta mil francos, obtinha enfim, diziam, um péssimo papel. Os outros fabricantes, assustados, se limitavam aos antigos processos; e, ciumentos dos Cointet, espalhavam o boato da próxima ruína daquela ambiciosa casa. O Cointet grande encomendava máquinas de fabricar papel contínuo, deixando crer que essas máquinas eram necessárias para as experiências de David Séchard. Mas o jesuíta juntava à sua pasta os ingredientes indicados por Séchard, induzindo-o sempre a só se ocupar com a colagem na pasta, e expedia a Métivier milhares de resmas de papel para jornal.

No mês de setembro, o Cointet grande chamou David Séchard à parte; e, sabendo dele que planejava uma triunfante experiência, dissuadiu-o de prosseguir em semelhante luta.

— Meu caro David, vá a Marsac visitar sua mulher e descansar dos seus trabalhos, nós não queremos arruinar-nos — disse ele amigavelmente. — O que o senhor considera como um grande triunfo é por enquanto um simples ponto de partida. Esperemos agora antes de

nos lançarmos a novas experiências. Seja justo! Veja os resultados. Nós não somos apenas fabricantes de papel, somos impressores, banqueiros, e dizem por aí que o senhor nos está arruinando...

David Séchard fez um gesto de sublime ingenuidade para protestar a sua boa-fé.

— Não são cinquenta mil francos lançados ao Charente que nos vão arruinar — disse Cointet, respondendo ao gesto de David. — Mas não queremos ser obrigados, por causa das calúnias que correm a nosso respeito, a pagar tudo à vista. Teríamos de parar com as nossas operações. Estamos nos termos de nosso contrato, cumpre refletirmos a esse respeito.

“Ele tem razão!”, pensou David, que, mergulhado nas suas experiências em grande escala, não atentara para o movimento da fábrica.

Voltou a Marsac, onde, desde uns seis meses, costumava ir ter com Eva todos os sábados à tarde, deixando-a terça-feira pela manhã. Aconselhada pelo velho Séchard, Eva comprara, precisamente defronte às vinhas do sogro, uma casa chamada Verberie, com três jeiras e um cercado de vinhas encravado nas terras do velho. Vivia muito economicamente com a mãe e Marion, pois ainda devia cinco mil francos por aquela encantadora propriedade, a mais bonita de Marsac. A casa, entre o pátio e o jardim, era de pedra lioz, coberta de ardósia e adornada de esculturas que a facilidade em talhar o lioz permite prodigar sem muita despesa. O bonito mobiliário vindo de Angoulême parecia ainda mais bonito no campo, onde ninguém ostentava o menor luxo naquela região. Diante da face que dava para o jardim, havia um renque de romeiras, laranjeiras e plantas raras, que o precedente proprietário, um velho general morto nas mãos do sr. Marron, cultivava pessoalmente. Foi debaixo dessas laranjeiras, no momento em que David brincava com a mulher e o seu pequeno Luciano, diante do pai, que o oficial de diligências de Mansle apareceu com uma intimação dos irmãos Cointet ao seu sócio para constituir um tribunal arbitral, o qual, nos termos do contrato, devia resolver as suas contestações. Os irmãos Cointet pediam a restituição dos seis mil francos e a propriedade do privilégio, bem como os futuros

contingentes de exploração, a título de indenização pelas exorbitantes despesas por eles feitas sem resultado algum.

— Dizem que tu os arruínas! — disse o vinhateiro ao filho. — Eis aí a única coisa que já fizeste de agradável para mim!

No dia seguinte, às nove horas, Eva e David se achavam na sala de espera do sr. Petit-Claud, transformado agora em defensor de viúvas e tutor de órfãos, e cujos conselhos lhes pareciam os únicos dignos de ser seguidos.

O magistrado recebeu à maravilha os seus antigos clientes e fez absoluta questão de que o casal Séchard lhe desse o prazer de almoçar com ele.

— Os Cointet lhes reclamam seis mil francos! — disse ele, sorrindo. — Quanto devem ainda pela Verberie?

— Cinco mil francos, senhor, mas eu tenho dois mil... — respondeu Eva.

— Guarde os seus dois mil francos — tornou Petit-Claud. — Cinco mil, então? Quer dizer que precisam mais dez mil francos para se instalarem convenientemente. Pois bem, dentro de duas horas os Cointet lhes trarão quinze mil francos...

Eva fez um gesto de surpresa.

— ... em paga da renúncia a todos os benefícios do contrato de sociedade, que rescindirão amigavelmente — disse o magistrado. — Está bem assim?

— E esse dinheiro será legalmente nosso? — indagou Eva.

— Muito legalmente — respondeu o magistrado, sorrindo. — Os Cointet já lhes causaram muitos dissabores, e eu quero pôr fim às suas pretensões. Escutem, hoje sou magistrado, e devo-lhes dizer toda a verdade. Pois bem, os Cointet os enganam neste momento; mas os senhores estão nas mãos deles. Poderiam ganhar a demanda que eles intentam, aceitando a batalha. Mas ainda querem andar pelos tribunais daqui a dez anos? Multiplicarão os inquéritos e arbitragens, e ficariam sujeitos aos azares das sentenças mais contraditórias... E eu — continuou ele, sorrindo — não vejo por aqui um solicitador que possa defendê-los, e o meu sucessor é um incapaz. Olhem, um mau arranjo sempre vale mais que um bom processo...

— Para mim, será bom qualquer arranjo que nos dê tranquilidade — disse David.

— Paulo! — gritou Petit-Claud ao criado —, vá chamar o sr. Ségaud, meu sucessor!... Enquanto almoçarmos, ele irá falar com os Cointet — disse ele a seus antigos clientes —, e daqui a algumas horas os senhores partirão para Marsac, arruinados, mas tranquilos. Com dez mil francos, farão mais quinhentos francos de renda, e viverão felizes na sua linda propriedade.

Duas horas depois, como o dissera Petit-Claud, Ségaud voltou com papéis em boa forma assinados pelos Cointet, e com quinze notas de mil francos.

— Nós te devemos muito — disse Séchard a Petit-Claud.

— Mas eu acabo de os arruinar — respondeu Petit-Claud a seus antigos clientes atônitos. — Eu os arruinei, repito-o, hão de ver isso com o tempo. Mas conheço-os bem e sei que preferem a ruína a uma fortuna que teriam talvez demasiado tarde.

— Não nos interessamos por tanto, senhor — disse Eva —, e muito lhe agradecemos por nos haver proporcionado os meios de viver felizes. Pode sempre contar com o nosso reconhecimento.

— Meu Deus! Não me abençoem — disse Petit-Claud —, que me dão remorsos! Mas creio haver reparado tudo hoje. Tornei-me magistrado, e isso o devo aos senhores. E, se alguém deve estar agradecido, sou eu... Adeus.

Com o tempo, o alsaciano mudou de opinião a respeito do velho Séchard, que, por seu lado, lhe tomou afeição, achando-o, como ele próprio, sem a mínima noção de leitura e de escrita e amigo do copo. O antigo *urso* ensinou ao antigo couraceiro a cuidar da vinha e vender-lhe os produtos, educando-o na intenção de deixar um homem de tino para os filhos; pois, nos seus últimos dias, era perseguido por grandes e pueris temores quanto à sorte de seus bens. Tomara o moleiro Courtois para confidente.

— Você há de ver — dizia-lhe — como andarão as coisas em casa de meus filhos, quando eu estiver na cova. Ah, meu Deus! O futuro deles me faz tremer!

Em 1829, no mês de março, morreu o velho Séchard, deixando cerca de duzentos mil francos em bens imóveis que, reunidos à Verberie, constituíram uma propriedade magnífica, já há dois anos muito bem dirigida por Kolb.

David e a mulher encontraram perto de cem mil escudos em ouro em casa do pai. A voz do povo, como sempre, aumentara de tal modo o tesouro do velho Séchard que o avaliavam em um milhão em todo o departamento de Charente. Juntando a essa herança a sua pequena fortuna, Eva e David conseguiram aproximadamente trinta mil francos de renda, pois esperaram algum tempo para empregar seus fundos, investindo-os no Estado, por ocasião da Revolução de Julho. Só então o departamento de Charente e David Séchard puderam saber qual a fortuna do Cointet grande. Com vários milhões, deputado, é hoje par de França, e dizem que será ministro do Comércio no próximo gabinete. Em 1842, desposou a filha de um dos mais influentes estadistas da dinastia, a srta. Popinot, filha do sr. Anselmo Popinot, [443] deputado de Paris e *maire* de uma circunscrição.

A descoberta de David Séchard introduziu-se na indústria francesa como o alimento num grande corpo. Graças à introdução de matérias diferentes do trapo, pôde a França fabricar papel mais barato do que qualquer outro país da Europa. Mas o papel da Holanda, segundo a previsão de David Séchard, não mais existe. Mais cedo ou mais tarde, será preciso sem dúvida fundar uma manufatura real de papel, como foram criados os Gobelins,[444] Sèvres,[445] a Savonnerie,[446] e a Imprensa Real,[447] que até hoje têm aguentado os golpes desferidos por vândalos burgueses.

David Séchard, amado pela mulher, pai de dois filhos e de uma filha, teve o bom gosto de jamais falar nas suas tentativas. Soube Eva fazê-lo renunciar à terrível vocação dos inventores, esses Moisés devorados por suas sarças ardentes. Ele cultivava as letras por desfastio, mas leva a vida feliz e preguiçosa do proprietário vivendo de suas rendas. Depois de dar um adeus definitivo à glória, alistou-se bravamente na classe dos sonhadores e dos colecionadores; dedica-se à entomologia e estuda

as transformações até agora tão secretas dos insetos, que a ciência apenas conhece em seu último estado.

Toda gente tem ouvido falar dos sucessos de Petit-Claud como procurador-geral; é rival do famoso Vinet[448] de Provins, e sua ambição é tornar-se presidente da Relação de Poitiers.

Cérizet, condenado várias vezes por delitos políticos, deu muito que falar de si. É o mais audaz dos filhos pródigos do partido liberal, e chamavam-no “o bravo Cérizet”. Obrigado pelo sucessor de Petit-Claud a vender a tipografia, procurou nos palcos da província uma nova existência que o seu talento de ator podia tornar brilhante. Uma jovem primeira atriz obrigou-o a ir à capital a fim de pedir à ciência recursos contra o amor, e ele ali tentou explorar a proteção do partido liberal.

Quanto a Luciano, sua volta a Paris é do domínio das *Cenas da vida parisiense*.

1835-1843

[1] *Victor Hugo*, de quem Balzac pretende fazer, com essa dedicatória, um aliado seu contra a imprensa, admirava o romancista e mantinha com ele relações de amizade. Seria ele que em 1850 lhe pronunciaria o discurso fúnebre, por assim dizer o primeiro reconhecimento solene da grandeza do romancista.

[2] *Castigat ridendo mores*: “corrige os costumes rindo”. Palavras do poeta neolatino Jean de Santeuil, utilizadas pelo Arlequim Dominique na inscrição do seu teatro.

[3] Em 1819.

[4] *Stanhope*: conde Charles Stanhope (1753-1816), aristocrata inglês, membro da Câmara dos Lordes, amador de mecânica e inventor de uma impressora que lhe ostenta o nome.

[5] A especialidade de Angoulême é a tipografia, sua indústria principal.

[6] *Elzevir* ou *Elzevir*: nome de uma família de tipógrafos holandeses dos séculos XVI e XVII, famosa pela perfeição de seu trabalho; *Plantin*: Christophe Plantin (1520-1589), impressor célebre, estabelecido em Antuérpia; *Aldo*: Aldo Manuzio (1449-1515), fundador de uma família de impressores estabelecida em Veneza, editor de grande número de primeiras edições impressas de clássicos latinos e gregos; *Didot*: família francesa de impressores-livreiros, cuja casa, a Librairie Firmin Didot, existe ainda hoje.

[7] Este conde de Maucombe era pai de Renata de Maucombe, casada com o conde Luís de l’Estorade (*Memórias de duas jovens esposas*).

[8] *Pantagruel*: gigante comilão e bebedor, herói de *Feitos e ditos heroicos do grande Pantagruel*, de François Rabelais (1494-1553).

[9] O nome de Séchard liga-se etimologicamente ao adjetivo *sec*, *sèche*, “seco”, e ao verbo *sécher*, “secar”. — A respeito dos ursos da América, lê-se o seguinte em *Atala*, de Chateaubriand: “Da extremidade das avenidas, percebem-se ursos embriagados por uvas e que titubeiam debaixo dos ramos dos olmos”.

[10] *Os contos* de La Fontaine são historietas licenciosas em verso; não devem ser confundidas com as fábulas do mesmo autor.

[11] *Sou*: moeda de 5 centavos. Um franco tem 20 sous. Para compreender os cálculos do velho Séchard, é preciso lembrar que um escudo equivalia a 3 francos e que, tratando-se de rendimentos ou aluguéis, o termo *libra* era usado como sinônimo de franco.

[12] *Almanach Liégeois*: almanaque dos mais populares da época. De acordo com o tamanho, era designado como simples, duplo ou tríplice.

[13] *Mairie*: na França, sede da administração comunal.

[14] *Setembristas* (em francês: *septembriseurs*): nome dado aos participantes das chacinhas de 2 a 5 de setembro de 1792, quando em Paris e noutras cidades da França o populacho invadiu as prisões e massacrou 1.200 prisioneiros “contrarrevolucionários”.

[15] *O ilustre Desplein*: grande cirurgião, protagonista de *A comédia humana*, personagem principal da novela *A missa do ateu*; para criar esta personagem, o romancista serviu-se de alguns traços de Guillaume Dupuytren [1777-1835], ilustre anatomista e cirurgião francês, que se tornou célebre por tratar das hemorroidas de Napoleão.

[16] *Grisette*: palavra que designava qualquer moça de origem modesta obrigada a trabalhar; o nome era primitivamente o de um tecido barato, de cor cinzenta, de que essas moças se trajavam de preferência.

[17] *Et nunc et semper et in secula seculorum* (em latim no original): “e agora e sempre e até os séculos dos séculos”.

[18] *Boileau*, na Sátira II, arrependido de ter adotado a difícil profissão de poeta, escreve: “Se não fora esse mister fatal ao repouso de minha vida, meus dias, cheios de lazes, escoariam sem inveja. Poderia limitar-me a cantar, rir, beber e, como um gordo cônego, satisfeito, à vontade, sem inquietações, sem negócios, passar a noite a

dormir bem e o dia a não fazer nada”.

[19] *Sileno*: deus frígio, pai dos sátiros e pai adotivo de Baco.

[20] *Jean Paul*: Jean-Paul Richter (1763-1825), escritor alemão, já citado por Balzac em *Úrsula Mirouët*. Ele e os outros, cujos nomes aqui enumera, estavam entre seus autores preferidos.

[21] *Berzélius* (1779-1848): químico sueco, inventor da notação dos corpos químicos por meio de símbolos, fundada na noção dos equivalentes.

[22] *Davy*: sir Humphry Davy (1778-1829), químico inglês, descobridor do sódio e do potássio, inventor da lâmpada usada nas minas de carvão.

[23] *Cuvier*: Georges Cuvier (1769-1832), fundador da anatomia comparada e da paleontologia, frequentemente citado por Balzac, inclusive em seu prefácio a *A comédia humana*.

[24] *Um poeta reencontrado por outro poeta...*: alusão a Henri de Latouche, amigo de Balzac, que publicou e prefaciou em 1819 os poemas de André de Chénier (1762-1794), guilhotinado durante a Revolução.

[25] Verso da “Elegia xv”; em francês: *S'ils n'ont point de bonheur, où est-il sur la terre?*

[26] Segundo seu hábito, para reforçar a aparência de verdade da sua obra, Balzac introduz nessa lista de celebridades da época uma personagem inventada por ele, o poeta Canalis, chefe da escola angélica, a quem já conhecemos em *Modesta Mignon* (volume 1 desta edição). Entre os demais nomes da lista há alguns de intelectuais pouco lembrados hoje, como Casimir Delavigne (1793-1843), poeta lírico e dramático; François Villemain (1790-1870), crítico e professor de literatura na Sorbonne, autor de um *Curso de literatura francesa*; Étienne Aignan (1773-1824), dramaturgo, tradutor da *Iliada*; Alexandre Soumet (1788-1845), poeta épico, autor da *Divina epopeia* e de *Joana d'Arc*; Pierre Tissot (1768-1854), autor de *História completa da Revolução Francesa*, de *Estudos sobre Virgílio* e tradutor de poetas latinos; Guillaume Étienne (1777-1845), dramaturgo, publicista liberal, autor de *Dois gêneros*; Charles-Joseph Loeillard d'Avrigny (1760-1823), poeta, autor da tragédia *Joana d'Arc em Rouen*; Joseph-François Michaud (1767-1839), historiador, autor de *História das Cruzadas*.

[27] *De Nègrepelisse* e *D'Espard*: duas famílias da alta nobreza inventada por Balzac. Já encontramos o conde D'Espard em *A interdição* (volume 4 desta edição); sua esposa, além de nessa novela, apareceu em *Beatriz* (volume 3), *Uma filha de Eva* (volume 2) etc., em papéis de intrigante.

[28] *Padre Rose*: Nicolas Rose (1745-1819), compositor e bibliotecário do Conservatório, autor de obras de música religiosa.

[29] *Os irmãos Faucher* : César e Constantin Faucher (1760-1815), irmãos gêmeos, generais de brigada do Exército republicano da Vendéia, condenados à morte e executados no começo da Restauração sob acusação falsa, por motivos políticos.

[30] *D'Arlincourt*: visconde Charles d'Arlincourt (1789-1856), autor de tragédias e de grande número de romances históricos, de estilo frenético e enfático; *Ipsiboé* é um deles.

[31] *Lewis*: Matthew Gregory Lewis (1775-1818), escritor inglês, um dos representantes do “romance negro” baseado na exploração excessiva do horrível; seu livro mais frenético, *O monge*, obteve êxito enorme na Inglaterra e no estrangeiro.

[32] *Lavalette*: conde Antoine-Marie Lavalette (1769-1830), político bonapartista, condenado à morte após os Cem Dias e salvo graças ao estratagema de sua esposa, sobrinha da imperatriz Josefina, a qual, entrando na prisão do marido na véspera do dia marcado para a execução, trocou trajes com ele, tornando-lhe, assim, possível a fuga. O conde Lavalette viveu no estrangeiro até 1822, quando foi indultado. Sua mulher enlouquecera de emoção.

[33] *O paxá de Janina*: Ali, paxá de Janina (1741-1822), apoderou-se da Albânia, que

governou com extraordinária crueldade até que, detido pelos soldados do sultão Mamud, foi executado.

[34] *Lady Esther Stanhope* (1776-1839): sobrinha e secretária de William Pitt; depois da morte do tio, foi viver no Líbano, onde se viu cercada de grande prestígio entre os nativos, graças às suas práticas de feiticeira e profetisa.

[35] *Mehemet-Ali* (1769-1849): vice-rei, depois paxá do Egito, país cuja vida reformou completamente. Tornou-se famoso pelo extermínio, em 1811, no desfiladeiro de El-Azab, dos mamelucos, milícia formada primitivamente de escravos e que se apoderou do governo do Egito.

[36] As obras principais do visconde Louis de Bonald (1754-1840), pensador católico, publicadas até 1821, são: *Teoria do poder político e religioso na sociedade civil* (1796); *Legislação primitiva considerada nos últimos tempos pelas Luzes só de razão* (1802); e as do conde Joseph de Maistre (1753-1821), outro defensor ultramontano do princípio de autoridade: *Considerações sobre a França* (1796); *Do papa* (1819-1821); *Serões de São Petersburgo* (1821).

[37] *Sr. de Barante*: barão Guillaume Prosper Brugière de Barante (1782-1866), diretor geral das contribuições indiretas no período da Restauração.

[38] Esta viagem do general Montriveau é lembrada em *A duquesa de Langeais* (volume 8 desta edição).

[39] *Mascate*: cidade árabe na costa sul da baía de Omã, sede de um imamedo.

[40] *Casba*: cidadela, palácio do soberano nos Estados barbarescos.

[41] *O palácio de Rambouillet*, de Paris, foi em meados do século xvii o lugar de encontro da sociedade elegante e espirituosa da França, frequentado por Voiture, Corneille, Benserade, Racan e outros escritores que desempenharam papel importante na depuração da língua.

[42] *La Quotidienne*: jornal ultramonarquista, aristocrático e clerical, órgão da extrema direita.

[43] *Apesar dos pesares* (em francês *quand même*): sob Luís Felipe, divisa dos legitimistas derrotados, adotada para significar que não se conformavam com a situação; a expressão tornou-se uma espécie de *slogan* na época e ocorre frequentemente na pena de Balzac.

[44] *Chatterton*: Thomas Chatterton (1752-1770), poeta inglês. Pastichou poesias da Idade Média, fazendo-as passar por autênticas. Amargurado pela extrema miséria em que vivia, escreveu panfletos violentos, inspirados em sua sede de desforra. Suicidou-se tomando veneno. Vigny fez dele o símbolo do poeta incompreendido, no drama *Chatterton* e numa das novelas de *Stello*.

[45] *Se fiato in corpo avete*: (em italiano no original, “Se tendes fôlego no corpo”); trecho de um dueto de *Matrimônio secreto*, de Cimarosa.

[46] *Raca*: palavra siríaca de sentido impreciso, citada no Evangelho como injúria. “Quem disser a seu irmão *raca* será réu no conselho” (Mateus, 5, 22).

[47] *Camaïeu*: pintura que imita os baixos-relevos e na qual se empregam unicamente os diversos tons de uma só cor, muito comum no século xviii.

[48] *Canalis, poeta da aristocracia*: Ver a nota 26. O poema reproduzido aqui foi publicado anteriormente pelo próprio romancista nos *Anais românticos*, almanaque literário de 1827-1828, impresso na tipografia de Balzac. A tradução é de Mario Quintana.

[49] *Outro dito de espírito*: o sr. de Brébien está fazendo um trocadilho com o nome de família de Luciano — Chardon, “cardo” — e a palavra *chardonneret*, “pintassilgo”.

[50] *Duclos, Grimm, Crébillon*: autores do século xviii. Charles Pinot Duclos (1704-1772), moralista, autor de *Considerações sobre os costumes e de Memórias decretas dos reinados de Luís xiv e Luís xv*; barão Friedrich Melchior Grimm (1723-1807), amigo dos Enciclopedistas, autor de importante correspondência literária; Claude-Prosper Jolyot de Crébillon (1707-1777), autor de contos licenciosos.

[51] Provável cochilo de Balzac, já que, em outros trechos, ele afirma que Luciano tem vinte e um anos.

[52] *Jean-Baptiste Rousseau* (1671-1741): poeta lírico francês.

[53] *Corina*: protagonista de um livro do mesmo nome da Madame de Staël, no qual a autora celebra os grandes homens e as obras-primas da Itália e conta a história de Corina, poetisa genial e infeliz.

[54] *In petto* (do italiano): “em segredo”.

[55] *Quibuscumque viis* (do latim): “por quaisquer meios”.

[56] Todas essas personagens tiveram, de fato, começos bem difíceis: *Bernard Palissy* (1510-1590), inventor do esmalte, passou a sua mocidade na miséria; *Luís xi*, mais tarde rei da França, na idade de dezessete anos, chefiou uma revolta contra o pai, Carlos VII, e casou-se contra a vontade deste com Carlota de Savoia; *George Fox* (1624-1691), fundador da seita dos *quakers* na Inglaterra, foi primitivamente sapateiro. As biografias de Napoleão, Colombo e César, bastante conhecidas, dispensam explicação.

[57] *Mário*: general romano (165-86 a.C.), chefe do partido popular, fugindo à perseguição de seu rival vitorioso, Sila, consolou-se com a vista das ruínas de Cartago.

[58] *Cuvier*: ver a nota 23.

[59] *Keller* e *Desplein*: ambos personagens de *A comédia humana*; rico banqueiro o primeiro, famoso cirurgião o segundo.

[60] *Partilha à Montgomery*: expressão proverbial que o dicionário *Litttré* explica assim: “Tudo para um, nada para outro”.

[61] *O sr. barão e a sra. baronesa de Rastignac* são os pais de Eugênio de Rastignac, um dos heróis preferidos de Balzac, protagonista de *O pai Goriot* (volume 4 desta edição). Nesse mesmo romance lemos as cartas da sra. de Rastignac e de suas filhas, oferecendo suas economias para que Eugênio pudesse vencer na vida parisiense.

[62] *Uíste*: a palavra *whist*, em inglês, usa-se também como interjeição, no sentido de “calado!”.

[63] *Iambos*: poesias satíricas de André Chénier (1762-1794) contra as violências revolucionárias, escritas pouco tempo antes de o poeta ser guilhotinado.

[64] Em francês: “*Tes vers sont doux, j’aime à les répéter*”.

[65] Este poema, escrito por Balzac em 1824 para uma moça com quem queriam casá-lo, fora publicado anteriormente ao romance no almanaque impresso na tipografia do próprio Balzac (ver a nota 48). A tradução é de Mario Quintana.

[66] *As brumas ossiânicas*: alusão à moda que tiveram na França e em toda a Europa, no fim do século XVIII, os poemas falsamente atribuídos por seu autor, Macpherson, ao legendário bardo escocês Ossian, do século III. Nesses poemas aparecem Malvina, nora de Ossian, que assiste o poeta cego na velhice e lhe decora os versos, e Fingal, pai de Ossian e rei de Morven, que se fez acompanhar do filho em suas expedições militares. As palavras finais do barão contêm uma crítica velada, mas bastante compreensível, da poesia de Lamartine que serviu de modelo para a personagem de Canalis.

[67] *Biscoitos contra vermes*: Há no texto francês um trocadilho intraduzível, baseado na homonímia das palavras *vers* (“verso” e “versos”) e *vers* (“vermes”).

[68] *Magna parens* (em latim): “grande mãe”.

[69] Esta romança, que principia pelo verso “Combien j’ai douce souvenance”, está em *Aventuras do último dos Abencerrages*.

[70] *Faust*, na realidade Johann Fust (1410-1465): ourives, segundo a tradição, colaborador ou financiador de Gutenberg; frequentemente confundido com o famoso dr. Fausto, a imortal personagem de Goethe.

[71] *Coster*: Laurens Janszoon Coster (1370-1440), a quem os holandeses atribuem erradamente o invento da impressão com caracteres móveis.

[72] *Guttemberg* ou *Gutenberg* (1400-1468), cujo verdadeiro nome é Johann Gensfleisch: erradamente considerado inventor da tipografia; na realidade aperfeiçoou a imprensa pelo desenvolvimento do sistema de caracteres móveis.

[73] *Os Aldos*: ilustre família de impressores venezianos, fundada por Aldo Manuzio (1449-1515), cuja tipografia imprimiu famosas edições *princeps* de clássicos gregos e latinos.

[74] *Vae victis!* (em latim): “Ai dos vencidos!”.

[75] *Fourier*: Charles Fourier (1772-1837), sociólogo, fundador da teoria falansteriana, que expôs em seu *Tratado de associação doméstica e agrícola* (1822); procurou realizar um falanstério socialista em Condé-sur-Vesgre.

[76] *Pierre Leroux* (1798-1871): de início operário de tipografia, depois publicista e propagador da doutrina de Saint-Simon. Deputado da extrema esquerda em 1848, teve de exilar-se depois do golpe de Estado de 2 de dezembro.

[77] *Conde de Saint-Simon*: conde Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825), fundador da doutrina filosófica, social e religiosa que lhe traz o nome, autor de *Da reorganização da sociedade moderna* e outras obras. A seita saint-simonista foi fundada por seus adeptos.

[78] *Kaempfer*: Engelbert Kaempfer (1651-1716), cirurgião da Marinha; percorreu os países do Extremo Oriente e publicou vários volumes em latim sobre suas viagens, entre os quais *Imagens seletas das plantas colhidas no Japão* (1791).

[79] *Du Halde*: Jean-Baptiste du Halde (1674-1743), jesuíta, autor de *Descrição histórica, geográfica e física do Império da China* (1735).

[80] *Marcel*: Jean-Joseph Marcel (1776-1854), orientalista eminente, participante da missão científica que acompanhou Bonaparte no Egito; autor de *Lições de línguas bíblicas*, de uma *História do Egito* etc.

[81] *Padre Grozier*: Jean-Baptiste Grozier (1743-1823), jesuíta, conservador da biblioteca do Arsenal a partir de 1817, autor de uma *Descrição geral da China*. Foi com ele que o conde d’Espard aprendeu o idioma chinês (*A interdição*, no volume 4 desta edição).

[82] *Criança sublime*: Victor Hugo.

[83] Segundo a Bíblia (Números, 22, 28-30), a burra do adivinho Balaão obteve o dom da voz para advertir seu dono da presença de um anjo que vinha barrar-lhe o caminho com uma espada.

[84] O trocadilho a que se faz alusão versa sobre o nome Tulloye e a frase *Tue l’oie*, “Mata o ganso”, que se pronunciam da mesma forma.

[85] *Hernan Cortez* (1485-1547): capitão espanhol, conquistador do México.

[86] *Os Navarreins, os Blamont-Chauvry, os Lenoncourt*: famílias da alta aristocracia inventada por Balzac.

[87] *A marechala de Carigliano*: personagem de *A comédia humana*, amante do pintor Sommerieux; a esposa deste foi visitá-la a fim de pedir sua compaixão (*Ao “Chat-qui-pelote”*, no volume 1 desta edição). A *sra. de Sérisy*, outra personagem balzaquiana, abusava também da fraqueza do marido e tinha vários amantes (*Uma estreia na vida*, no volume 2 desta edição).

[88] *O Apolo de Belvedere*: estátua antiga, considerada como o protótipo da beleza plástica; conservada no museu de Belvedere, no Vaticano.

[89] *Antínoo*: nome de um jovem escravo de grande beleza, favorito do imperador Adriano.

[90] *O Marquês d’Espard se havia retirado da sociedade*: O motivo dessa decisão é explicado em *A interdição* (volume 4 desta edição).

[91] *Rocher de Cancale*: afamado restaurante parisiense da época, frequentado pela alta roda balzaquiana; cenário de um luxuoso banquete oferecido por Jorge Marest (em *Uma estreia na vida*, no volume 2 desta edição).

[92] *Vaudeville*: Théâtre du Vaudeville, inaugurado em 1807, no Boulevard

Montmartre, para a representação de *vaudevilles* (comédias leves entremeadas de canções).

[93] Alusão à lenda de Arion, famoso poeta grego do século VII a.C., o qual, atirado ao mar pelos piratas, foi salvo por um delfim, encantado pelos acantos de sua lira; e também a uma fábula de Esopo (e de La Fontaine) em que um macaco, salvo de um naufrágio, viaja nas costas de um delfim, que o toma por homem, e se trai por uma observação tola.

[94] *As danaides*: tragédia lírica em cinco atos — com letra de Leblanc du Roullet e do barão Tschudi, música de Salieri — cujo assunto é um episódio famoso da mitologia grega: o assassinio, pelas cinquenta filhas do rei Danaus, de seus maridos, filhos do rei do Egito, e o castigo das assassinas no Inferno.

[95] *Véry*: restaurante elegante e caro no Palais-Royal, perto das Tuileries.

[96] *Terrasse des Feuillants*: nome de um logradouro entre a atual Rue Saint-Honoré e o Terrasse des Tuileries, onde Henrique III instalou o mosteiro da ordem dos Feuillants, mais tarde ocupada pela convenção; cenário do capítulo 1 de *A mulher de trinta anos* (volume 3 desta edição).

[97] *Marais*: antigo bairro de Paris, correspondente aos atuais III e IV distritos, onde ainda hoje se veem muitos edifícios antigos. O próprio Balzac morou vários anos nesse bairro, então dos mais pobres da capital: descreveu-o no começo de *Uma dupla família* (volume 2 desta edição).

[98] *Tigre*: pequeno criado de libré que os dândis da época, os “leões”, tinham às suas ordens.

[99] Deve tratar-se da condessa Maria Aurora Konigsmarck (1662-1728), favorita de Frederico-Augusto, rei da Saxônia, mulher famosa por sua beleza e sua inteligência. O episódio a que Balzac faz alusão aqui deve ser o mesmo a que se refere uma de suas personagens, a princesa de Blamont-Chauvry, em *A duquesa de Langeais*, ao dizer: “Onde encontrar um desses pajens que se deixam abater a machado e enterrar sob um assoalho para beijar o dedo enluvado de uma Konigsmarck?”.

[100] *Srta. des Touches*, muito conhecida sob o pseudônimo de Camille Maupin: protagonista do romance *Beatriz* (no volume 3 desta edição).

[101] *Sra. Firmiani*: protagonista do conto que lhe traz o nome (no volume 2 desta edição).

[102] *A pobre duquesa de Langeais, que desapareceu como uma estrela cadente*: os amores da duquesa de Langeais e do general de Montriveau são contados na *História dos Treze* (volume 8 desta edição).

[103] *A sra. de Nucingen*, uma das filhas de Goriot, era amante de Rastignac (*O pai Goriot*, no volume 4 desta edição).

[104] *O sr. de Marsay*: protagonista de *A comédia humana*, aventureiro e político de grande envergadura; desempenha papel importante em *O contrato de casamento* (volume 4), onde procura impedir, em vão, o casamento desastroso do amigo Paulo de Manerville.

[105] O amor platônico de Félix de Vandenesse à sra. de Mortsauf, perturbado por lady Arabella Dudley, é contado em *O lírio do vale* (volume 4 desta edição). Posteriores à ação desse romance são dois outros episódios da vida de De Vandenesse que já conhecemos por obras anteriores a essa: sua ligação com a condessa Natália de Manerville (*O contrato de casamento*, no volume 4) e seu casamento com Angélica Maria de Granville (*Uma filha de Eva*, volume 2).

[106] *Canalis*: personagem balzaquiana, encontrada em *Modesta Mignon* e *Memórias de duas jovens esposas* (ambos no volume 1 desta edição), onde já aparece como amante da duquesa de Chaulieu.

[107] *Ourika*: título de um romance da duquesa de Duras (1824) que obteve na época êxito enorme. A protagonista, Ourika, é uma linda moça negra, trazida na idade de dois anos à França, onde recebe educação esmerada e vive no meio da alta sociedade;

ao descobrir, porém, a inferioridade social a que a condena a sua cor e ao verificar a impossibilidade de casar com um rapaz branco por quem se apaixona, retira-se a um convento, onde morre de desgosto. O pintor Gérard é autor de um famoso retrato de Ourika.

[108] *A marquesa de Listomère* e Rastignac tiveram um início de flerte (*Estudo de mulher*).

[109] Provável alusão às amargas experiências de Rousseau, relatadas nas *Confissões* deste, com damas da alta sociedade. Distinguido pelas atenções da sra. d'Epínay, acaba sem querer por fazer dela uma inimiga, e essa inimizade se exaspera quando a sra. d'Epínay percebe que Jean-Jacques se apaixonou pela condessa d'Houdetot, cunhada dela.

[110] *Célimene*: personagem de *O misantropo*, de Molière; tipo da mulher faceira, bonita, espirituosa e desembaraçada.

[111] *Ser preterida pelas cinquenta filhas de Danaus...*: alusão à peça que se representava na cena.

[112] *Staub, o alfaiate mais célebre da época*: personagem real, o alfaiate em voga em 1834, segundo consta do *Balzac de pantufas*, de Léon Gozlan.

[113] *Verdier*: loja elegante da Paris da época; foi uma chibata comprada lá pelo marido de Luísa de Chaulieu que provocou o ciúme desta e lhe apressou o fim (*Memórias de duas jovens esposas*, no volume 1 desta edição).

[114] *Longchamps*: a planície de Longchamps, no Bois de Bologne, perto de Paris, durante o século XVIII e a primeira metade do século XIX, era, em três dias da semana santa, o alvo de verdadeira invasão da sociedade elegante, que a princípio lá ia rezar na igreja da famosa abadia, mas depois com o fim único de exibir o esplendor de suas carruagens e de seus trajes.

[115] *Fouquier-Tinville* (1746-1795): temível acusador do Tribunal Revolucionário; pediu a morte até de Camille Desmoulins, seu parente.

[116] *Eva querida etc.*: a primeira frase desta carta pode aplicar-se às relações entre Balzac e sua irmã Laure.

[117] *Sou*: ver a nota 11.

[118] *O comediógrafo Plauto* (250-184 a.C.) foi, durante algum tempo, empresário de representações públicas, ocupação em que de início enriqueceu, mas que depois o levou à falência e o tornou escravo de um de seus credores. Este forçava o infeliz devedor a rodar a mó de um moinho.

[119] *Maquiavel*, depois de reinstalados no governo de Florença os Médicis, seus inimigos, viu-se demitido do cargo de secretário da República e exilado. Segundo as próprias confissões do escritor, foi no meio de grandes privações que escreveu, em seu exílio de San Casciano, o célebre tratado *O Príncipe*, publicado em 1515.

[120] *Quartier Latin*: bairro de Paris, à margem esquerda do Sena; desde o século XII é o centro de ensino, e nele se encontra ainda hoje grande número de escolas superiores, rodeadas de hotéis baratos, moradia de grande parte dos estudantes. — O restaurante Flicoteaux existiu realmente e foi frequentado pelo próprio Balzac nos anos de sua difícil estreia.

[121] *Dias de Julho...*: subentenda-se de 1830 (alusão à Revolução de Julho).

[122] *Véry*: ver a nota 95.

[123] *Estêvão Lousteau*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, a quem já encontramos em várias obras, que, entretanto, o apresentavam em fases ulteriores de sua carreira. Em *Beatriz*, vimo-lo amante da sra. Schontz; em *Um conchego de solteiro*, desembaraçou Felipe Bridau de sua mulher, a “Gapuiadora”, atirando-a na prostituição; em *A musa do departamento*, seduziu Diná de la Baudraye, que dele teve dois filhos e a quem abandonou após uma ligação, bastante longa. Conforme se fez já ver aos leitores desta edição (no Prefácio de *Uma filha de Eva*), a ordem estabelecida por Balzac em *A comédia humana* não é cronológica, e

muitas vezes, como no caso de Lousteau, só nos inteiramos dos começos de uma personagem após a sua maturidade. Quando apareceu *Ilusões perdidas*, os jornais da época pretenderam identificar em Lousteau o crítico Jules Janin; Balzac, porém, teria declarado que o modelo era Jules Sandeau.

[124] *Ambigu-Comique*: teatro do Boulevard Saint-Martin que representava sobretudo *vaudevilles* e melodramas.

[125] *Gaité*: teatro fundado em 1760 no Boulevard du Temple, reconstruído em 1860 em outro local, onde existe ainda hoje; no tempo deste romance, especializava-se na representação de melodramas.

[126] *Panorama-Dramatique*: teatro inaugurado em 1821, onde se representaram dramas, comédias e *vaudevilles*, alguns de grande êxito. Apesar disso acabou em 1823, por motivos não elucidados, talvez por causa de algumas cláusulas desfavoráveis do “privilégio” ou licença (na cena não podia haver mais de dois atores ao mesmo tempo etc).

[127] *Biblioteca Sainte-Geneviève*: biblioteca ainda existente no Quartier Latin. Fundada em 1624, primitivamente pertenceu à abadia de Santa Genoveva; a Revolução transformou-a em biblioteca pública.

[128] *Gabinete Literário de Blosse*: era uma das salas públicas de leitura, situada na Galeria do Comércio, onde, mediante retribuição módica, se podiam ler os jornais do dia e as novidades literárias, e consultar manuais e livros escolares.

[129] *Théâtre-Français* ou *Comédie Française*: o primeiro teatro nacional francês.

[130] *Variétés* ou *Théâtre des Variétés*, inaugurado em 1807 no Boulevard Montmartre para a representação de *vaudevilles* (comédias leves entremeadas de canções).

[131] *Opéra-Comique*: teatro de Paris, destinado à representação de peças do gênero cujo nome ostenta; construído e inaugurado em 1783.

[132] *Talma*: François-Joseph Talma (1763-1826), ator trágico francês, comediante preferido de Napoleão.

[133] *Casimir Delavigne* (1793-1843): poeta lírico, comparado pelos críticos da época a Lamartine e a Hugo, teve retumbante êxito com o drama *As vésperas sicilianas* (1819), seguido de outros (*Os comediantes*, *O pária*).

[134] *Fleury*: Abraham Joseph Bénard, dito Fleury (1751-1822), famoso comediante francês, um dos melhores intérpretes das comédias de Marivaux.

[135] *Os dois Baptiste*: Baptiste Velho e Baptiste Moço, cujos verdadeiros nomes são Nicolas Anselme (1761-1835) e Paul-Eustache Anselme (1765-1839); atores irmãos, ambos membros da Comédie Française; o primeiro distinguiu-se em papéis graves, o segundo em personagens cômicas.

[136] *Michot*: Antoine Michot (1768-1826), autor cômico; destacou-se em papéis de marinheiro, artesão, burguês etc.

[137] *Visconde d'Arlincourt*: ver a nota 30. *O solitário*, romance no qual o autor pretendia dar um quadro dos costumes da Idade Média, foi publicado em 1821 e alcançou vivíssimo êxito, em parte de escândalo e troça. Em pouco tempo teve treze edições vendidas, deu assunto para uma ópera, um drama; o título tornou-se um *slogan* que se aplicava a toda a espécie de trajes, objetos, quadros etc.

[138] *Victor Ducange*: romancista e teatrólogo francês (1783-1833), autor de romances populares, o primeiro dos quais, *Ágata ou O anciãozinho de Calais* (1820), o tornou logo conhecido. Liberal e anticlerical, teve Ducange vários de seus livros apreendidos e foi condenado muitas vezes à prisão.

[139] *Kératry*: Auguste Hilarion de Kératry (1769-1859), político e escritor francês, adversário liberal da Restauração, que combateu na Câmara e nos jornais. Suas *Induções morais e fisiológicas* foram publicadas em 1817.

[140] *Sra. Radcliffe*: Ann Radcliffe (1768-1823), romancista inglesa, autora de romances terríficos, entre os quais o mais famoso é *O italiano, ou O*

confessionário dos penitentes negros.

[141] Segundo o testemunho de um contemporâneo, citado por Desnoirterres em *M. de Balzac*, o caso de Doguereau seria verdadeiro e teria acontecido a um dos editores do próprio Balzac durante a mocidade deste. O editor que ia comprar a Balzac *A última fada* — um dos romances em folhetim que o autor, conhecendo-lhes a fraqueza, publicou anonimamente —, vendo as condições miseráveis em que o jovem autor vivia, resolveu reduzir o preço que lhe pretendia oferecer de início.

[142] *Habent sua fata libelli* (Terenciano Mauro): “Os livros têm o seu destino”.

[143] Este difícil período de sua vida, o próprio Desplein o conta em *A missa do ateu* (no volume 4 desta edição). — *Teresa*: Thérèse Le Vasseur, costureira, a quem Rousseau conheceu no hotel onde se hospedou durante a sua estada em Paris e de quem fez sua companheira, desposando-a mais tarde.

[144] Os conselhos de D'Arthez a Luciano sobre o método do romance histórico são um resultado da própria experiência de Balzac. Como sabemos, ele também estreou com um romance histórico, *A Bretanha em 1799*, no qual a influência de Walter Scott era bastante forte, mas onde já introduziu as modificações aqui recomendadas, sobretudo no que diz respeito ao papel das paixões.

[145] *Clarissa Harlowe*: heroína do romance do mesmo nome de Richardson; tipo da moça ingênua, pouco ativa, vítima do primeiro sedutor.

[146] *Catarina*: Catarina de Médicis (1519-1589), esposa de Henrique II, mãe de Francisco II, de Carlos IX e de Henrique III; regente durante a menoridade de Carlos IX; principal responsável pela carnificina da noite de São Bartolomeu. O próprio Balzac sobre ela escreveu um romance (no volume 16 desta edição).

[147] *Luís*: Luís Lambert, personagem de Balzac e título de um de seus romances (no volume 17 desta edição), onde conta sua história trágica.

[148] *Horácio Bianchon*: um dos protagonistas preferidos de Balzac, encontrado em *O pai Goriot*, *A missa do ateu* etc.

[149] *Hôtel-Dieu*: grande hospital de Paris, fundado há mais de mil anos na ilha do Sena chamada Cité; reconstruído e ampliado várias vezes.

[150] *Leão Giraud*: amigo do pintor José Bridau, cuja casa frequentava (*Um conchego de solteirão*); o modelo dessa personagem balzaquiana seria o publicista saint-simoniano Pierre Leroux (ver a nota 76).

[151] *José Bridau*: protagonista de *A comédia humana*. Vimo-lo fazer a viagem de Paris a Presles, incógnito em companhia do conde de Sérisy (*Uma estreia na vida*). Conhecemo-lo, em suas penosas lutas e sua ascensão, em *Um conchego de solteirão*. Segundo verificaram os pesquisadores, essa personagem possui muitos traços de Delacroix, o grande pintor romântico.

[152] *Hoffmann*: Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1766-1822), um dos mestres do romantismo alemão, cujos contos fantásticos e lúgubres exerceram manifesta influência sobre os *Estudos filosóficos* de Balzac.

[153] *Sterne*: Lawrence Sterne (1713-1768), escritor inglês, autor de *Vida e opiniões de Tristram Shandy* e da *Viagem sentimental*. Espirituoso e cínico, original e ao mesmo tempo rebuscador de originalidade, foi um dos autores preferidos de Balzac, que lhe evoca frequentemente os ditos faceiros e as personagens excêntricas.

[154] *Meyraux* (1790-1832): personagem real, médico, autor de uma monografia apresentada à Academia de Ciências em 1830, na qual proclamava a unidade orgânica dos seres vivos. Foi essa monografia, apresentada por Geoffroy Saint-Hilaire, que desencadeou entre este e Cuvier a célebre disputa à qual Balzac faz tão frequentes alusões.

[155] *Miguel Chrestien*: já apareceu em *Um conchego de solteirão*; amigo do pintor José Bridau, a quem serviu de modelo para o retrato de um senador romano. Os contemporâneos reconheceram sob seus traços o jornalista Armand Carrel.

[156] *Pierre Jean de Béranger* (1780-1857): poeta muito popular na época, era autor

de poesias de inspiração republicana e liberal.

[157] O filósofo *Diógenes*, o *Cínico* (413-327 a.C.), desprezava a riqueza e convenções sociais, morava num tonel e andava sempre mal trajado.

[158] *Morreu no claustro Saint-Merry*: alusão à insurreição republicana da Rue du Cloître Saint-Merry, de Paris, por ocasião das exéquias do general Lamarque (5 e 6 de junho de 1832), e que foi sufocada em sangue.

[159] *Os dois amigos*: fábula de La Fontaine (Livro VIII, fábula XI), em que o poeta conta a história de dois amigos verdadeiros. Um deles, acordando de repente, no meio da noite, corre à casa do outro, a quem desperta; este, pensando que o amigo corre algum perigo, oferece todo o auxílio possível; mas ele lhe explica que acorrera porque o amigo, em sonho, lhe aparecera triste.

[160] *La Revue Encyclopédique*: periódico científico e literário, de caráter informativo, publicado em Paris de 1819 a 1833.

[161] Segundo a mitologia antiga, *Prometeu*, filho do titã Japeto, roubou o fogo dos deuses para com ele animar os primeiros homens. Zeus castigou-o mandando-o acorrentar ao Cáucaso, onde um abutre vinha devorar-lhe o fígado, até que Hércules acabou por libertá-lo.

[162] *Protegido, como Dante, pelos louros divinos de Virgílio*: segundo narra na *Divina comédia*, Dante em sua viagem ao Inferno e ao Purgatório teve por guia o espírito do poeta Virgílio, que o acompanhou até o limite do Paraíso terrestre.

[163] *Marieta*: bailarina, irmã do notário Godeschal; já foi encontrada em *Uma estreia na vida*.

[164] *Giroudeau*: já é nosso conhecido. Foi ele quem colocou Felipe Bridau no jornal (*Um conchego de solteirão*). Amante de Florentina, assistiu ao banquete de Frederico Marest, em que Oscar Husson tomou uma bebedeira de consequências tão fatais (*Uma estreia na vida*).

[165] *Benjamin Constant* (1767-1830): o autor do magnífico romance *Adolfo* era também político. Defensor das ideias liberais, foi um dos oradores mais espirituosos e brilhantes da Câmara, de 1819 a 1830. — *O general Foy*: Maximilien-Sébastien Foy (1775-1825), general de Napoelão; distinguiu-se nas campanhas de Portugal e de Espanha; eleito deputado em 1819, tornou-se um dos chefes mais populares do partido liberal.

[166] O estilo de D'Arlincourt distinguia-se, principalmente, entre outras extravagâncias, pelas inversões mais fantásticas, particularidade que se prestava a troças e imitações como estas. O protagonista desse livro desopilante, o misterioso Solitário, vive num esconderijo do Mont Sauvage, apaixonou-se pela linda Elódia, a quem porém não pode desposar por ter assassinado o pai dela anos antes. Elódia morre de desgosto; o Solitário, que não é outro senão Carlos, o Temerário, suicida-se ao lado do cadáver.

[167] *Tabaqueiras “à Carta”*: a Carta outorgada em 1814 por Luís XVIII e revista num sentido mais liberal por Luís Felipe em 1830, era objeto permanente de comentários, troças, pilhérias, como se vê em muitas palestras das próprias personagens de Balzac; não é de admirar que se tenha tornado uma espécie de *slogan*, aproveitado também pelo comércio na propaganda e venda de diversos artigos.

[168] *O filho do outro*: Luís Felipe, filho de Felipe “Igualdade”.

[169] *Uma das protetoras de Germânico*: trata-se da tragédia *Germânico*, de Arnauld, cuja primeira representação, em 1817, no Théâtre-Français — por causa das alusões à política do dia que o público descobria nela (Arnauld estava proscrito) —, levantou verdadeira tempestade com intervenção da polícia e foi seguida de vários duelos, um deles entre o filho do autor e Manainville. É possível que Giroudeau, como “guarda-costas” do jornal liberal de Finot, tenha ido proteger *Germânico*.

[170] Segundo seu costume, Balzac mistura na mesma enumeração Canalis, personagem de sua invenção, e alguns de seus contemporâneos mais famosos.

[171] Os monarquistas são românticos, os liberais são clássicos: afirmação exata pelo menos quanto à primeira fase do romantismo. O próprio Victor Hugo foi monarquista no início de sua carreira literária.

[172] Este soneto e os seguintes não são de Balzac, que não era bom versificador. O primeiro foi escrito a pedido do romancista pela sra. de Girardin, o quarto por Théophile Gautier, os demais por Lassailly. A tradução dos quatro poemas é de Mario Quintana.

[173] Ainda hoje, os cais do Sena em Paris são o centro de intensíssimo comércio de livros usados. Os antiquários, os conhecidos *bouquinistes*, muitos dos quais não têm loja, guardam a sua mercadoria em caixas enfileiradas no parapeito.

[174] *Florina*: atriz, uma das mulheres galantes de *A comédia humana*; já a encontramos numa fase ulterior de sua vida como amante de Nathan, em *Uma filha de Eva* (volume 2 desta edição).

[175] *Nathan*: Raul Nathan, protagonista de *A comédia humana*, romancista e teatrólogo, que tentou conquistar em vão a condessa Maria de Vandenesse (*Uma filha de Eva*); parece que o modelo desta personagem foi em parte o dramaturgo Léon Gozlan, amigo de Balzac e, após a sua morte, seu biógrafo.

[176] *Mil e um dias*: coletânea de contos persas de Moclach, provavelmente imitados de *As mil e uma noites*; tradução francesa por Pétis de la Croix, revista por Alain-René Lesage. — *A princesa Turandote*, da China, só consente em casar com quem lhe responde às perguntas. O único que o consegue é o *príncipe Calaf*, enquanto seus rivais são decapitados.

[177] *Le Constitutionnel*: jornal liberal, fundado durante os Cem Dias, em 1815; de tendências bonapartistas, preparou com suas campanhas contra os Bourbon a Revolução de 1830.

[178] *La Quotidienne*: ver a nota 42.

[179] *Journal des Débats*: primitivamente simples registro das assembleias revolucionárias; durante a Restauração, tornou-se órgão de centro-esquerda, de tendências semiliberais.

[180] *Heitor Merlin*: personagem inventada por Balzac.

[181] *Rivalizar com o Registro Civil*: isto é, criar personagens que parecem tão vivas como as personagens reais inscritas no Registro Civil; era uma glória que Balzac várias vezes reivindicava para si.

[182] *Adolfo*, *Corina*, *Clarissa*, *Renato*, *Manon*: personagens, respectivamente, de Benjamin Constant, da Madame de Staël, de Richardson, de Chateaubriand e do Abade Prévost.

[183] *Obermann*: famoso romance de Sénancour (1804), de atmosfera melancólica e pessimista (motivo pelo qual Balzac o qualifica de *pianto*, “choro”, “queixa”). O herói é um parente francês do Werther de Goethe. O livro é constituído por uma série de cartas sem resposta a um amigo, nas quais Obermann conta as suas desilusões e a inquietação do seu espírito.

[184] *O tempo é um grande bacalhau*: tradução aproximativa de um dos frequentes trocadilhos de Balzac, da espécie dos provérbios estropiados; no texto francês lê-se: *Le temps est un grand maigre*, deformação do provérbio: *Le temps est un grand maître* (“O tempo é um grande mestre”). Esse mesmo trocadilho, como muitos outros de igual espécie, figura em *Uma estreia na vida*.

[185] *Lâmpada Carcel*: lâmpada mecânica, na qual o óleo é levantado pela distensão de uma mola que põe em movimento um mecanismo de rodas; Carcel é o nome de seu inventor.

[186] *O tubo vermelho de Fumade*: parece tratar-se de um isqueiro — Fumade é o inventor — que consistia num frasco (ou tubo?) com fósforo, com o qual se acendiam palitos de cabeça sulfurada. Os nossos fósforos de hoje ainda não eram conhecidos.

[187] *Viagem no Egito*: havia várias obras com este título. A mais famosa de todas

era a *Viagem no Egito e na Síria* (1787), de Volney, autor de *Ruínas*, obra importante na história do pré-romantismo.

[188] *Marais*: ver a nota 97.

[189] *Paul de Kock*: Charles-Paul de Kock (1794-1871), romancista francês de origem holandesa, autor de um sem-número de romances frívolos e alegres, misto de realismo e pieguice, que tiveram enorme voga durante todo o século XIX entre o grande público.

[190] *Yseult de Dôle*: crônica em dois volumes (1823) de Charles Léonard Dusillet.

[191] Deve tratar-se de *Religions de l'Antiquité, considérées principalement dans leurs formes symboliques et mythologiques* (1825).

[192] *Antes da letra e depois do artigo*: para compreender o trocadilho de Balzac é preciso lembrar que a expressão francesa *avant la lettre* se emprega em relação a uma gravura tirada antes que se lhe imprima o título.

[193] *Hipócrates recusando os presentes de Artaxerxes*: título de um quadro de Girodet (1792) que orna a Escola de Medicina de Paris.

[194] *Chevet*: personagem real, negociante de comestíveis, fornecedor da Corte.

[195] *Paul-Louis Courier* (1772-1825): escritor político, autor de panfletos liberais mordazes contra a Restauração; deve a seu estilo, modelo de clareza, vivacidade e espírito, o figurar entre os clássicos da prosa francesa.

[196] *As aventuras da filha de um rei, contadas por ela mesma*: obra anônima de Julien Vatout, publicada em 1820, e que contém, sob forma alegórica, a história da Carta dada à França por Luís XVIII (ver a nota 167).

[197] *Fontaine*: Pierre-François-Léonard Fontaine (1762-1853), célebre arquiteto, restaurador de Malmaison, das Tuileries, do Louvre.

[198] *Grisette*: ver a nota 16.

[199] *Hoffmann, o berlinês*: ver a nota 152.

[200] *Smarra ou Os demônios da noite, sonhos românticos*: obra traduzida do escravônio pelo conde Maxime Odine, Paris, 1821. Essa pretensa tradução é, na realidade, de Charles Nodier.

[201] *Pedro Schlémihl*: novela fantástica de Chamisso (1814), história dos infortúnios de um infeliz que vendeu a sombra ao diabo em troca da bolsa de Fortunatus.

[202] *Jean Sbogar*: romance de Charles Nodier (1818), história romântica de um bandido.

[203] *Jocko, episódio destacado das cartas inéditas sobre o instinto dos animais*: história sentimental da autoria de Charles Pougens (1824), cuja heroína é uma macaca e que teve extraordinário êxito; dela foi tirado, um ano depois, o drama *Jocko ou A macaca do Brasil*, representado duzentas vezes seguidas.

[204] *Vernou* já apareceu em *Um conchego de solteirão*, onde usou de sua influência para fazer estrear *Marieta* no Théâtre de la Porte Saint-Martin.

[205] *Emílio Blondet*: protagonista de *A comédia humana*, já apareceu em várias novelas e contos, a última vez em *O gabinete das antiguidades* (volume 6 esta edição), a cujos acontecimentos assistiu como adolescente, dedicando um amor platônico à srta. d'Esgriignon. Foi ele quem apresentou Nathan à condessa Félix de Vandenesse (*Uma filha de Eva*) e quem deu uma definição da mulher *comme il faut* (*Outro estudo de mulher*).

[206] *Matifat*: personagem balzaquiana que desempenhará papéis em *César Biotteau*, *A Casa Nucingen* etc.

[207] *Du Bruel*: já apareceu no banquete de Frederico Marest e na orgia que lhe seguiu em casa de Florentina (*Uma estreia na vida*), como também no meio literário descrito em *Uma filha de Eva*.

[208] *O pai Cardot*: protetor da bailarina Florentina, tio do estouvado Oscar Husson; já o encontramos em *Uma filha de Eva*.

[209] *Camusot*: comerciante de sedas, genro e sucessor de Cardot; em *Uma estreia*

na vida — cuja ação é ulterior à deste romance —, vimo-lo como protetor da atriz Fanny Beaupré; amigo do Guillaume (Ao “*Chat-qui-pelote*”).

[210] Trata-se provavelmente do semanário *La Minerve Française*, de tendência liberal, fundado em fevereiro de 1818, e que cessou de sair em março de 1820, por se ter recusado a submeter-se à censura restabelecida pelo governo da Restauração.

[211] *Eymery*: Alexis-Blaise Eymery (1774-1854), livreiro e autor de obras para a mocidade.

[212] *Conservateur*: revista fundada em 1818 por Chateaubriand, Bonald e Lamennais, de caráter clerical e ultramonarquista.

[213] *Dussault*: Jean-Joseph Dussault (1769-1824), historiador e crítico do *Journal des Débats*, onde usava o pseudônimo “Y”.

[214] *Fiévée*: Joseph Fiévée (1767-1839), jornalista espirituoso e inteligente, de grande influência, que desempenhou várias missões confidenciais de Napoleão.

[215] *Geoffroi (sic)*: Julien Louis Geoffroy (1743-1814), diretor de *L’Année littéraire*; depois crítico dramático do *Journal des Débats*.

[216] *Cláudio Vignon*: protagonista de *Beatriz*, a quem Balzac teria dado os traços de Gustave Planche, crítico de renome na época.

[217] Nesta lista, Balzac, segundo seu hábito, mistura os nomes de suas personagens inventadas (Emílio Blondet, Cláudio Vignon, Feliciano Vernou, Lousteau) aos de personagens reais, como Eugène Scribe (1791-1861), talentoso e fecundo comediógrafo, autor de *Um copo de água*; Michel-Théodore Leclercq (1777-1851), autor de provérbios dramáticos muito populares no tempo; Antoine Jay (1770-1854), político liberal, publicista e historiador da literatura, autor de um *Quadro literário do século xviii*; Victor-Joseph Étienne, dito De Jouy (1764-1846), dramaturgo, autor de crônicas reunidas sob o título de *O eremita da calçada de Antin*.

[218] *Panckoucke*: importante casa editora que publicou, entre outras obras, a *Bibliothèque Latine-Française* (obras de autores latinos em edição bilingue) em 174 volumes.

[219] *Os Beaudouin*: outra casa editora existente na época.

[220] *Teatros estrangeiros*: uma coleção em 25 volumes das obras-primas dos teatros estrangeiros, de grande aceitação na época.

[221] *Vitórias e conquistas*: importante coleção editada pelo livreiro Panckoucke, primeiro (1817-1821) em 24, depois (1828-1829) em 34 volumes.

[222] *Memórias sobre a Revolução* (em francês: *Collection de mémoires relatifs à la Révolution Française*): obra em quarenta volumes dirigida por Barrière e Berville e cuja publicação começou em 1822.

[223] *Os versos hão de devorar os livreiros*: no texto francês, *Les vers dévoreront la librairie*, há um trocadilho intraduzível, baseado nos homônimos *vers* (“versos”) e *vers* (“vermes”).

[224] *Corsário*: poema em três cantos de Byron (1814); no herói, o aventureiro Conrad, que procura o esquecimento na embriaguez do combate, o poeta pintou a si mesmo.

[225] *Lara*: título de um poema de Byron (1814) e nome do personagem principal que não é outro senão o Conrad do *Corsário*, mais desiludido e mais cruel — o qual não admite outra lei senão as suas paixões e morre cético em um combate.

[226] *Delille*: Abade Jacques Delille (1738-1813), tradutor de Virgílio e de Milton, autor de poesias campestres; bom versificador, de imensa popularidade; suas perifrases ficaram célebres.

[227] Esta obra de Benjamin Constant é intitulada *Memórias sobre os Cem Dias*.

[228] *Potemkin* (1736-1791) era favorito de Catarina II da Rússia; Benjamin Constant, por sua vez, teve uma ligação de treze anos com a Madame de Staël, a quem conheceu em 1794 e que sobre ele exerceu grande influência. Exilados os dois por Napoleão, foram ambos para a Alemanha. Muitos viram na história de *Adolfo* uma disfarçada

história da ligação dos dois.

[229] *Bouffé*: Désiré Bouffé (1800-1884), conhecido ator cômico.

[230] *Potier*: Charles Potier (1775-1837), conhecido ator cômico.

[231] *Porte Saint-Martin*: teatro do Boulevard Saint-Martin, junto ao monumento deste nome, onde mais tarde se representaria o *Vautrin*, de Balzac.

[232] Foi o próprio Maturin, autor irlandês de romances terríficos, quem tirou de um de seus romances o drama intitulado *Bertram ou O castelo de Santo Aldobrando* (1814), representado em Londres com êxito enorme, sendo que o papel principal foi desempenhado pelo famoso Kean. Em Paris a peça foi representada em tradução de Charles Nodier.

[233] *Gazette de France*: jornal monarquista, moderado, que durante a Restauração teve entre seus redatores Joseph de Maistre e Bonald.

[234] *A Pasta*: Giuditta Pasta (1798-1865), célebre cantora italiana.

[235] *Tancredo*: ópera séria com palavras de Rossi, baseadas na tragédia de Voltaire, e música de Rossini; representada pela primeira vez em 1813.

[236] *Mignon*: personagem do romance de Goethe *Anos de peregrinação de Wilhelm Meister*, filha de um monge e sua penitente, menina infeliz desde o nascer, raptada por funâmbulos que a forçam a executar acrobacias nas feiras. Wilhelm Meister toma-a consigo; a menina segue-o fielmente e termina apaixonando-se por ele.

[237] *Termo*: deus da mitologia romana, protetor dos limites, representado na extremidade dos campos sob a forma de um marco encimado de um busto.

[238] *Girodet*: Anne-Louis Girodet de Roussy (1767-1824), pintor da escola de David.

[239] Balzac faz aqui mais um trocadilho: Finot é palavra homófona de *finaud*, que significa esperto, malandro, matreiro.

[240] *Srta. Mars*: Anne Boutet, dita srta. Mars (1779-1847), célebre atriz cômica.

[241] *Bayle*: Pierre Bayle (1647-1706), autor de um *Dicionário Histórico* caracterizado por grande erudição e forte espírito crítico; predecessor de Voltaire e dos enciclopedistas.

[242] *Sainte-Pélagie*: antiga prisão de Paris, na Rue de la Clef, a qual, na época de Balzac, tinha uma seção para devedores insolventes.

[243] *Oitenta mil libras de renda*: nesta expressão, o termo “libra” é equivalente a “franco”.

[244] *Sra. Perrin*: personagem real, atriz que desempenhou o papel principal de *Fanchon ou A sanfonineira*, popular comédia *vaudeville* de Bouilly e Pain, representada pela primeira vez no Théâtre du Vaudeville de Paris, em 1800. Teve morte prematura.

[245] *Srta. Fleuriet* (1801-1823): personagem real, atriz que desempenhou seu papel mais famoso em *Miguel e Cristina, vaudeville* de Scribe e Dupin, representada pela primeira vez no Gymnase de Paris, em 1821.

[246] *Cântico dos Cânticos*: um dos livros do Antigo Testamento, atribuído a Salomão; epitalâmio simbólico, cheio de uma poesia sensual, em que o amado e a amada se exaltam reciprocamente.

[247] *De Marsay*: ver nota 104.

[248] *O chanceler Cruzoé*: alcunha dada pela imprensa liberal ao chanceler Dambray.

[249] *Bouffé*: ver a nota 229.

[250] *Raul*: Raul Nathan. — *De Cursy*: pseudônimo de Du Bruel.

[251] *Cavaleiros da vara*: alusão à profissão de Camusot, que media as peças de seda com a vara (antiga medida de comprimento).

[252] *Thomire*: firma de ourivesaria e trabalhos de bronze, existente na época de Balzac, na Rue Blanche.

[253] *Grindot*: arquiteto — inventado por Balzac — que construiu ou restaurou as residências luxuosas de várias personagens de *A comédia humana*, como as do conde

de Sêrizy (*Uma estreia na vida*), de Artur de Rochefide e de Fabiano du Ronceret (*Beatriz*).

[254] *O duque de Rhétoré*: filho mais velho do duque de Chaulieu, irmão de Luísa de Chaulieu (*Memórias de duas jovens esposas*); é ele que desposaria mais tarde a duquesa de Argaiolo (*Alberto Savarus*).

[255] *Almaviva*: aristocrata libertino, personagem de *O casamento de Fígaro*, de Beaumarchais.

[256] *Fígaro*: jornal satírico de Henri de Latouche e Nestor Roqueplan, que existiu sob a Restauração e se fez notado por violenta campanha antirromântica. (Não confundir com outro jornal deste nome, ainda existente, fundado em 1854.)

[257] *Sr. Pasquier*: barão Étienne-Denis Pasquier (1767-1862), político francês, membro de vários governos sob a Restauração, presidente da Câmara dos Pares no reinado de Luís Felipe. Como ministro da Justiça, fez votar, em 1821, uma lei restringindo a liberdade da imprensa.

[258] *Decazes*: duque Élie Decazes (1780-1860), primeiro-ministro de Luís XVIII. Assinalou-se pelas tendências liberais de seu governo, tendo abolido a censura e as leis da exceção. Caiu em consequência dos ataques dos ultramontanistas, que o responsabilizavam pelo assassinio do duque de Berry.

[259] O quinto pecado capital é a gula.

[260] *Blücher*: Gebhard-Leberecht von Blücher (1742-1819), general prussiano, um dos vencedores de Waterloo.

[261] *Saacken*: mais exatamente conde Dmitri Osten-Saacken (1790-1864), general russo que se distinguiu nas batalhas de Eylau e de Friedland.

[262] *Tartufo*: personagem de Molière, tipo de hipócrita devasso que finge devoção.

[263] *Carta*: documento constitucional outorgado por Luís XVIII em 4 de junho de 1814 e que, embora baseado na soberania real, garantia certas liberdades fundamentais ao povo (ver a nota 167).

[264] *Bobèche*: alcunha de Mardelard ou Mandelard, famoso palhaço da época.

[265] *Como diz Charlet*: provavelmente Nicolas Toussaint Charlet (1792-1845), desenhista de renome, na legenda de um de seus retratos de soldados da guarda ou de suas cenas populares.

[266] *Rasgando o ventre de sua nutriz para predizer o futuro*: alusão aos arúspices, sacerdotes romanos que prediziam o futuro pelo exame das entranhas de suas vítimas.

[267] *Gabinete das Fadas*: coletânea anônima (dirigida por Charles Joseph Mayer) de contos de fadas e outros contos maravilhosos, em 41 volumes, publicada em 1745.

[268] *Forças caudinas*: desfiladeiro do antigo país dos samnitas, onde os romanos foram obrigados a render-se incondicionalmente; em sentido figurado, concessão humilhante arrancada aos vencidos.

[269] Essa deslumbrante sra. du Val-Noble, graças a uma das metamorfoses tão frequentes no mundo galante de *A comédia humana*, não é outra senão Susana, a linda e jovem operária de Alençon, a preferida do Cavaleiro de Valois (*A solteirona*).

[270] Na peça de Shakespeare, essa profecia é a origem do crime e perdição de Macbeth.

[271] *Fazendo a sua cabeça*: “exibindo um ar satisfeito”.

[272] *A casa em leilão* (em francês: *La Maison en loterie*): comédia de Picard e Radet, que teve grande êxito na época. Balzac faz em várias de suas obras alusões a uma das personagens da peça, o intrigante Rigaudin, o qual, sentado à sua janela, sem ser visto, se diverte a criar complicações e brigas entre os vizinhos, os transeuntes etc.

[273] *Mamamouchi*: alto dignitário turco, nome forjado por Molière para designar um cargo burlesco. (O cargo de *mamamouchi* é conferido ao burguês gentil-homem pelo namorado da filha, que se travestiu de grão-turco para obter a mão da

namorada.)

[274] O trocadorio versa sobre *Jano*, antigo deus romano que sempre tinha presentes diante dos olhos o passado e o futuro, e por isso era representado com duas faces, e *Janot*, tipo cômico inventado no século XVIII por Dorvigny, e que personificava a estupidez lastimosa e grotesca.

[275] Segundo sabemos por *Um conchego de solteirão* (volume 6 desta edição), Felipe Bridau, o decaído coronel de meio-soldo, esteve algum tempo empregado no jornal de Finot precisamente para desempenhar serviços como este.

[276] *Odéon*: nome dado ao segundo Théâtre-Français (teatro nacional), fundado em 1797.

[277] *Porte Saint-Martin*: ver a nota 231.

[278] *Circo Olímpico*: o atual Cirque d'Hiver.

[279] *Bobino*: teatrinho de acrobatas fundado perto do Jardin du Luxembourg, aproximadamente em 1816, por um palhaço deste nome; autorizado mais tarde a representar *vaudevilles*, tomou o nome de Théâtre du Luxembourg.

[280] *Funambules*: o Théâtre des Funambules, fundado por volta de 1816, como o precedente, para representações acrobáticas; mais tarde se transformou em cena cômica.

[281] *Sra. Saqui* (1786-1866): famosa acrobata, de incrível popularidade, chamada por Napoleão "a primeira acrobata da França"; dirigia uma companhia.

[282] *Sosthène-Démosthène*: trata-se de pilhérias sobre o visconde Sosthène Doudeauville de la Rochefoucauld (1785-1864), político ultramonarquista que se assinalou por haver proposto a derrubada da estátua de Napoleão colocada no alto da coluna de Vendôme e por haver tomado parte pessoalmente na execução desta proposta. Nomeado pelo governo da Restauração diretor das Belas-Artes, promulgou decretos inspirados pela Congregação e que constituíam alvo permanente dos sarcasmos dos jornais liberais. Assim, obrigou as bailarinas a dançarem de saias compridas, mandou esconder sob folhas de figueira a nudez das estátuas etc.

[283] *Sr. de Bonald*: visconde Louis de Bonald (1754-1840), filósofo católico e político absolutista; autor, entre outras obras, de *Demonstração filosófica do princípio constitutivo das sociedades*.

[284] *Beugnot*: Jacques-Claude Beugnot (1761-1835), conselheiro de Estado e conde do Império; no reinado dos Bourbon, chefe da polícia; homem espirituoso, mas político versátil e de consciência elástica.

[285] *Siryeis de Mayrinhac*: Jean-Jacques Siryeis de Mayrinhac (1777-1831), político ultrarreacionário, cujos solecismos e gafes forneciam assunto permanente para as troças dos jornais liberais.

[286] Os casos de recusas de sepultura religiosa feitas por alguns sacerdotes quando se tratava de enterrar pessoas consideradas inimigos da Igreja provocavam nessa época fortes protestos da imprensa liberal.

[287] *Benjamin Franklin*: homem político, publicista e inventor do para-raios, foi à França em 1777 para negociar a aliança de Luís XVI com a nova república dos Estados Unidos da América.

[288] *Raynal*: abade Guillaume Raynal (1713-1796), jesuíta que, abandonando a Ordem, se consagrou ao jornalismo e à historiografia. Entre suas obras históricas, de caráter bastante anedótico, destaca-se a *História filosófica e política dos estabelecimentos e do comércio dos europeus nas duas Índias*, de espírito antimonárquico e anticlerical, na qual Diderot parece ter colaborado e que contribuiu para a preparação da Revolução Francesa.

[289] *Necker*: Jacques Necker (1732-1804), financista francês, ministro de Luís XVI em 1777; pai da Madame de Staël.

[290] *Apesar dos pesares*: ver a nota 43.

[291] *Rabener*: Wilhelm Rabener (1714-1771), moralista alemão, cuja sátira se dirige

principalmente contra os ridículos da classe média.

[292] *La Bruyère*: Jean de la Bruyère (1645-1696), moralista francês, autor de famosos *Caracteres*.

[293] *Kant*: Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, autor, entre outras obras, da *Crítica da razão pura*.

[294] *Cousin*: Victor Cousin (1792-1867), filósofo francês, chefe da escola espiritualista eclética, autor da obra *Do verdadeiro, do belo e do bem*.

[295] *Étienne*: ver a nota 26.

[296] *Jouy*: ver a nota 217.

[297] *Tissot*: ver a nota 26.

[298] *Gosse*: Étienne Gosse (1773-1834), autor de comédias como *A maledicência*, *Os jesuítas*, *Provérbios dramáticos*; fundador do jornal humorístico liberal *Pandore*.

[299] *Duval*: Alexandre Duval (1767-1842), autor dramático, adversário do romantismo.

[300] *Jay*: ver a nota 217.

[301] *Benjamin Constant*: ver a nota 165.

[302] *Aignan*: ver a nota 26.

[303] *Baour-Lormian*: Pierre Baour-Lormian (1770-1854), poeta e autor dramático, e tradutor de *Ossian*; escreveu algumas peças de grande êxito, como *Omasis*, *A auriflama* etc., e um diálogo intitulado *Clássico e romântico* (1825).

[304] *Villemain*: ver a nota 26.

[305] *Non bis in idem* (em latim no original): “Não [se deve julgar ninguém] duas vezes pelo mesmo crime”; axioma de jurisprudência.

[306] *Os transeuntes de Paris*: reminiscência de *A teoria do andar*, pequeno ensaio pilhérico de Balzac, publicado em 1833, e das diversas “fisiologias” tão populares na época das quais o romancista também compôs mais de uma.

[307] *Cartas persas*: obra satírica de Montesquieu (1721), sob forma de uma correspondência imaginária entre dois persas vindos à Europa e seus amigos da Pérsia, na qual eles criticam a sociedade francesa da época.

[308] *O espírito das leis*: obra capital de Montesquieu (1784) em que examina as diversas legislações no decorrer da história e sua influência sobre a prosperidade dos povos.

[309] *Sr. de Villèle*: conde Joseph de Villèle (1773-1853), primeiro-ministro de 1821 a 1828, ultramonarquista, autor de medidas reacionárias.

[310] *A contrafação belga*: nome dado às edições de obras francesas feitas clandestinamente na Bélgica logo depois da saída da edição francesa, sem que os editores belgas pagassem um tostão de direitos nem ao autor nem ao editor francês. Essa prática prejudicava bastante o próprio Balzac.

[311] *As messênicas*: coletânea de elegias patrióticas de Casimir Delavigne, de grande popularidade (1818-1822).

[312] *Acerca de Talma*, ver a nota 132. — *Mânlio*, peça de Lafosse (1698) no gênero de Corneille, e que na época do romantismo voltou a ser popular graças à interpretação do grande ator.

[313] *Potosi*: cidade da Bolívia, famosa por suas minas de prata.

[314] *Bixiou*: personagem balzaquiana, desenhista de talento, já aparecido em *Um conchego de solteirão*; neto da sra. Descoings.

[315] *Barão de Nucingen*: protagonista de *A comédia humana*, rico banqueiro casado com Delfina Goriot.

[316] *Beaudenord*: personagem balzaquiana, um dos pretendentes recusados pela srta. Emília de Fontaine (em *O baile de Sceaux*).

[317] *Conti*: personagem balzaquiana, famoso compositor, amante da srta. des Touches e, depois, da marquesa de Rochefide (*Beatriz*).

[318] *Corina*: ver a nota 53.

[319] *Condessa de Montcornet*: personagem balzaquiana, em cujo salão a condessa Félix de Vandenesse viu pela primeira vez o poeta Nathan.

[320] *Cadran Bleu*: restaurante à esquina do Boulevard du Temple e da Rue Charlot.

[321] *Alceste*: personagem intransigente, o oposto de *Filinto*, de caráter conciliador, no *Misanthropo*, de Molière. — *Otávio*: o futuro imperador Augusto, que, na tragédia *Cina*, de Corneille, perdoa generosamente ao conspirador deste nome.

[322] *A nova Heloísa*: romance epistolar de Jean-Jacques Rousseau, importantíssimo no século XVIII.

[323] *Toga pretexta*: toga branca, franjada de púrpura, usada na antiga Roma pelos mancebos das famílias patricias.

[324] *Júlia*: protagonista do romance epistolar de Rousseau, *A nova Heloísa*; *Clara*, sua prima, é sua correspondente e confidente.

[325] *Proh pudor!* (em latim no texto): “Oh vergonha!”.

[326] *Os Vandenesse*: o marquês Carlos de Vandenesse, amante de Júlia d’Aiglemont (a “Mulher de trinta anos”), e o conde Félix de Vandenesse, amante de Natália de Manerville (em *O contrato de casamento*), em seguida marido de Angélica Maria de Granville (em *Uma filha de Eva*).

[327] *D’Ajuda-Pinto*: aristocrata português, protagonista de *A comédia humana* — amante da viscondessa de Beauséant, a quem abandonou para casar com a srta. de Rochefide (ver *O pai Goriot*).

[328] *Máximo de Trailles*: protagonista de *A comédia humana*, tipo do *condottiere* moderno; já o encontramos como amante da condessa de Restaud, a quem levou à ruína (em *Gobseck*). Foi ele que reconciliou Calisto du Guénic com a esposa (em *Beatriz*).

[329] *Turcaret*: título de uma comédia de Lesage (1709) e nome do protagonista, laçao que, elevado a homem de negócios, engana os outros e é enganado. Seu nome passou, na língua francesa, a designar um homem grosseiro e de uma suficiência ridícula que enriqueceu em operações de finança.

[330] Os três primeiros convidados são personagens reais: Adèle Dupuis, atriz do Théâtre de la Gaîté; acerca de Victor Ducange, ver a nota 138; Frédéric Dupetit-Méré (1785-1821), autor de melodramas e de *vaudevilles*. A srta. Millot é personagem inventada por Balzac.

[331] *Chevet*: ver a nota 194.

[332] O trocadilho de Dauriat, intraduzível em português, versa sobre as palavras *Laure* (“Laura”) e *l’or* (“o ouro”), homofônicas em francês.

[333] *Faciamus experimentum in anima vili* (em latim no original): “Façamos uma experiência num ser vil”, locução empregada geralmente a respeito das experiências feitas em animais.

[334] *Champcenetz*: o cavaleiro Champcenetz (1760-1794), jornalista ultramonarquista, colaborador de Rivarol em seus panfletos; executado durante a Revolução Francesa.

[335] *Bossuet*: Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), prelado e orador sacro, autor de famosas *Orações fúnebres* e de obras da história eclesiástica e universal.

[336] *Vico* (1668-1744): ilustre filósofo e historiador italiano, professor da Universidade de Nápoles que teve uma vida difícil e morreu na miséria. — *Saint-Simon* (1760-1825): sociólogo, fundador da doutrina que lhe traz o nome, teve também vida acidentada e passou seus últimos anos no meio de privações; acerca de *Fourier*, ver a nota 75.

[337] *Uma brochura pedindo o restabelecimento do direito de primogenitura*: reminiscência pessoal de Balzac, pois foi ele que, quando ainda estreado, em 1824, publicou anonimamente uma brochura sobre este assunto, intitulada *Do direito de primogenitura*, e na qual defendia, contra suas convicções de então, a tese ultramonarquista a favor do restabelecimento desse direito.

[338] *Chabot*: François Chabot (1759-1794), monge capuchinho que aderiu à Revolução e fez parte da extrema-esquerda da Convenção; em 1793 casou com a irmã de um rico banqueiro, e se meteu logo depois em negócios suspeitos que o levaram ao cadafalso. Era acusado de especulações ilícitas e de tentativas de suborno junto a vários de seus colegas para obter deles a falsificação de um decreto sobre a Companhia das Índias.

[339] *Srta. des Touches*, ou, pelo seu pseudônimo, Camille Maupin: personagem balzaquiana, escritora ilustre, uma das protagonistas de *Beatriz*.

[340] *Le Réveil*: título de um jornal realmente existente que saiu em 1822 e 1823.

[341] *Le Miroir des spectacles, des lettres, des mœurs et des arts*: periódico de tendências liberais, sucessor do famoso *Le Nain Jaune* e fundado igualmente por Cauchois-Lemaire; processado pelo governo da Restauração por suas alusões políticas.

[342] *As segundas Meditações de Lamartine*: trata-se da coletânea *Nouvelles Méditations Poétiques*, publicada em 1823.

[343] Paráfrase pilhérica da inscrição do frontão do Panteon: “Aos grandes homens a pátria reconhecida”.

[344] *Galt*: John Galt (1779-1839), romancista inglês de vida aventureira; escreveu uma vida de Byron, a quem encontrara no Oriente, livro muito discutido na época, e uma série de romances sobre a vida rural da Escócia.

[345] O próprio Balzac escreveu um romance *Sobre Catarina de Médicis*: ver no volume 16 desta edição.

[346] *Bravi* (palavra italiana empregada em francês): “espadachins”, “capangas”.

[347] *O príncipe e a princesa Galathione* são personagens de *A comédia humana*, mas em nenhum trecho desta há outra alusão ao caso dos seus diamantes. — *Marie-Armand Maubreuil*, marquês de Orvault (1784-1864), era personagem real, que se tornou famoso por uma tentativa de assassinio contra Napoleão, da qual teria sido encarregado por Talleyrand e os aliados, por um ataque à rainha de Vestfália, cujas joias teria roubado, e por uma agressão contra Talleyrand, a quem esbofeteou numa cerimônia pública. — *Pombreton* é personagem balzaquiana, a quem o cavaleiro de Valois teria emprestado durante a Revolução, para salvá-lo, importante quantia e que ele lhe teria pago depois em prestações. Na realidade, essa história fora inventada pelo próprio cavaleiro para conestar seus lucros no jogo, único meio de vida de que ele dispunha (*A solteirona*, no volume 6 desta edição).

[348] *Mil escudos*: três mil francos.

[349] *Ducerceau*: Jacques Androuet Ducerceau (século xvi), famoso arquiteto protestante, autor, entre outras obras ilustradas, de *Os mais excelentes edifícios da França* (1576).

[350] *Os Keller*: família de ricos banqueiros, inventada por Balzac.

[351] Todos personagens balzaquianas, usurários que auxiliam e despojam os jovens elegantes de *A comédia humana*: Gignonnet foi quem comprou o soldo atrasado do oficial Luigi Porta (em *A vendeta*); Palma e Werbrust aparecem em *O baile de Sceaux* e *A Casa Nucingen*; quanto a Gobseck, conhecemo-lo na novela que lhe traz o nome.

[352] *Frascati*: café e sorveteria fundado por um napolitano deste nome na esquina do boulevard e da Rue du Richelieu durante o Diretório; depois se transformou em casa de jogo elegante que existiu até 1837.

[353] *La Foudre*: jornal ultramonarquista, fundado em 1821, cuja veemência se tornou tão incômoda para o gabinete Villèle que acabou por comprá-lo dois anos depois dentro do plano de “amortização”.

[354] *Le Drapeau Blanc*: jornal ultramonarquista, fundado em 1819, por Martainville, sob a epígrafe “Viva o rei!... apesar dos pesares”. De uma virulência extraordinária, desapareceu pouco antes da Revolução de 1830. O título alude à bandeira branca, a dos Bourbon; em 1830 Luís Felipe adotou a bandeira tricolor, em

uso até hoje.

[355] *Alphonse Martainville* (1776-1830): jornalista ultramonarquista, fundador do *Le Drapeau Blanc* [A Flâmula Branca]; apóstolo do despotismo absoluto, tornou-se famoso pela veemência de seus ataques aos liberais; *Louis-Simon Auger* (1722-1839), escritor e jornalista, entrou na Academia Francesa por ordem real; *Eugène Destains* (1793-1830), escritor e jornalista, diretor da *Gazette de France*, autor de uma tradução de *As mil e uma noites*.

[356] *Justum et tenacem propositi virum*: palavras latinas, as primeiras de uma ode de Horácio que exalta a firmeza do ânimo. “Ao homem justo e de caráter firme” — escreve o poeta latino — “não o abala em sua sólida determinação nem o ardor dos cidadãos que lhe dão ordens iníquas...”.

[357] *Gilles*: tipo da comédia bufa, espécie de palhaço tolo e covarde.

[358] *Le Constitutionnel*: ver a nota 177. — *Sargento Mercier*: sargento da guarda nacional que se recusou, em 4 de março de 1823, a cumprir a ordem de expulsar da Câmara o deputado liberal Manuel.

[359] *Poeta sem sonetos*: trocadilho intraduzível, baseado na homonímia de *sans sonnets* (“sem sonetos”) e *sansonnets* (“estorninhos”).

[360] A tradução deste soneto, escrito provavelmente por Lassailly a pedido de Balzac, é devida a Manuel Bandeira.

[361] *Martainville* (ver a nota 355), retirado com a esposa, durante os Cem Dias, numa casa de campo do Pecq, assistiu à passagem do Sena pelos prussianos; daí a acusação de que ele lhes facilitou a travessia.

[362] Trocadilho intraduzível que versa sobre a analogia entre as palavras *Pecq* e *Pecque* (“besta”, “idiota”) e sobre a expressão *pont auxânes* (“ponte dos asnos”), que se aplica ao teorema de Pitágoras e, usada familiarmente, indica dificuldade que só embaraa aos ignorantes.

[363] *Aretino* (1492-1556): famoso satírico italiano, autor de obras licenciosas e espirituosas, temido pelos contemporâneos; *Beaumarchais* (1732-1799): autor do *Barbeiro de Sevilha* e do *Casamento de Fígaro*, crítico audacioso da sociedade do seu tempo; *Fréron* (1719-1776): crítico inimigo de Voltaire e dos enciclopedistas, afamado pelo tom violento de suas polêmicas.

[364] *Duquesa de Grandlieu*: personagem balzaquiana, assim como a sra. Firmiani, sogra de Calisto do Guénic (*Beatriz*, no volume 3 desta edição).

[365] *O mais brilhante dos escritores monarquistas*: trata-se de Chateaubriand, partidário fervoroso da Restauração e ministro das Relações Exteriores no reinado de Luís XVIII; dispensado em 1824 de suas funções, por despeito aliou-se à oposição liberal, escrevendo artigos contra o governo, até que em 1828 foi nomeado embaixador da França em Roma. Depois da Revolução de 1830, Chateaubriand retirou-se de vez da vida política. A alusão de Balzac à “Doutrina” refere-se ao grupo moderado da oposição liberal, formado pelos “doutrinários” chefiados por Guizot e Royer-Collard, igualmente infensos aos princípios da Revolução e aos da Restauração monárquica.

[366] *Milão de Crotona*: atleta do século VI a.C., várias vezes vencedor nos Jogos Olímpicos, de força e apetite lendários. Segundo a tradição, quis experimentar certa vez as suas forças rachando um carvalho fendido. As duas partes da árvore juntaram-se, porém, em vez de se separarem, e o atleta, que não soube desvencilhar-se, foi devorado pelas feras. Esta cena forma o assunto de um famoso grupo do escultor Puget.

[367] *Conti*: ver nota 317.

[368] *Cinti*: cantora francesa, cujo verdadeiro nome é Laura-Cynthia Montalant-Damoreau (1801-1863); *Giuditta Pasta*: ver a nota 234; *Vicente Garcia* (1775-1832): compositor e cantor espanhol, pai da célebre Malibran; *Nicolas Pierre Levasseur* (1791-1871): cantor francês, professor do Conservatório de Paris.

[369] Acerca deste trocadilho ver a nota 49.

[370] *A pequena Fay*: Leontina Fay, atriz nascida em 1810; Balzac chama-lhe “a pequena Fay”, para distingui-la da mãe, em solteira Jeanne Rousselon, também cantora estimada na época.

[371] Trata-se da condessa du Cayla, favorita de Luís XVIII, a quem Béranger atacou numa canção virulenta, intitulada *Otávia*, cheia de alusões bastante fortes aos amores senis do monarca que tinha então (1823) 68 anos.

[372] *Monsieur*: nome dado ao irmão mais jovem de Luís XVIII, o conde de Artois, depois rei da França, sob o nome de Carlos X; durante o reino de Luís XVIII chefiou o partido ultramonarquista.

[373] *Corsaire*: jornal teatral e literário, fundado em 1823, que acessoriamente se ocupava também de política, apoiando as ideias liberais.

[374] *Le Courrier*: mais tarde *Le Courrier Français*, jornal liberal, fundado em 1819, que combatia a Restauração com muito vigor.

[375] *Aristarque*: jornal da direita que saiu de 1815 a 1827.

[376] *L'Oriflamme*: lapso de Balzac, pois o jornal monarquista deste nome só começou a sair a partir de julho de 1824, ao passo que a ação de *Ilusões perdidas* se desenvolve de 1819 a 1823.

[377] *Desroches*: personagem balzaquiana, solicitador, em cujo cartório Oscar Husson trabalhava (*Uma estreia na vida*, no volume 4 desta edição), e que representava a marquesa d'Espard contra o marido (*A interdição*, no volume 4 desta edição).

[378] A canção, provavelmente escrita a pedido de Balzac por um poeta amigo, foi traduzida por Manuel Bandeira.

[379] *Triste confissão de um filho do século*: título imitado de o de *Confissão de um filho do século*, romance autobiográfico de Alfred de Musset (1836).

[380] *Ouvrard*: Gabriel Julien Ouvrard (1770-1846), financista genial, banqueiro de fortuna enorme, que várias vezes emprestou dinheiro e forneceu munições aos governos sucessivos do Diretório, do Império e da Restauração. A especulação sobre os papéis foi apenas o início de sua carreira acidentada, em que períodos de influência extraordinária alternam com processos e encarceramentos.

[381] *Seid*: escravo e primeiro adepto de Maomé; a palavra, afrancesada por Voltaire, e hoje um nome comum da língua francesa (*séide*), significa “satélite”, “agente de crimes”.

[382] *Não é homem para procurar versais na caixa baixa*: não mete os pés pelas mãos, sabe o que faz. Nas tipografias, o tabuleiro, com os caixotins das letras tipográficas, chamado “caixa”, é dividido em duas partes. Na de cima encontram-se os versais ou maiúsculas (chamadas, por isso, também “caixa alta”); na de baixo, as minúsculas, “caixa baixa”.

[383] *Liard*: antiga moeda de cobre que valia a quarta parte de um *sou*, quer dizer, 1,25 cêntimos.

[384] *Montanhês*: durante a Revolução Francesa, membros da Montanha, o grupo mais radical da Convenção, assim chamado por ocupar as filas mais elevadas da assembleia. A Montanha, chefiada por Marat e Robespierre, depois de esmagar os girondinos, tomou conta do poder e iniciou o Terror.

[385] *Mercier*: Louis-Sébastien Mercier (1740-1814), autor de *Quadro de Paris* (1781), curioso relatório da vida parisiense na véspera da Revolução.

[386] *Jacquart* ou *Jacquard*: Joseph-Marie Jacquard (1752-1834), técnico francês, inventor do tear que lhe conserva o nome.

[387] *Graindorge*: Jacques Graindorge (1602-1680), beneditino francês, astrônomo a quem alguns atribuem o método de determinar as longitudes em alto-mar.

[388] *Rouvet*: Jean Rouvet (século XVI), inventor do transporte da madeira pelos rios por meio de flutuação.

[389] *Van Robais*: Josse van Robais (1630-1685), fabricante de panos que instituiu na França uma importante manufatura de pano fino.

[390] *Las Cases*: conde Emanuel de Las Cases (1766-1842), historiador francês que acompanhou Napoleão no exílio e redigiu o *Memorial de Santa Helena*.

[391] *Meissonier*: Ernest Meissonier (1815-1891), pintor francês que se tornou famoso sobretudo por quadros de dimensões mínimas, de gênero, representando cenas de interior no estilo dos neerlandeses; ilustrador de várias obras de Balzac.

[392] *Mascarilho*: tipo do criado malandro, intrigante e impudico, nas comédias dos séculos xvii e xviii.

[393] *Lablache* (1794-1858): célebre cantor italiano, contratado sucessivamente pelo Teatro San Carlo, de Nápoles, o do Italiens, de Paris, e a Ópera de São Petersburgo.

[394] *A casa Keller*: ver a nota 350. — *A sra. baronesa de Nucingen*: ver a nota 103.

[395] *Bernard de Palissy* (1510-1590): famoso artista especializado na pintura sobre vidro; inventor do esmalte; ao mesmo tempo geômetra e estudioso dos fenômenos da natureza; professor em Paris durante dez anos num curso de história natural.

[396] *São Bartolomeu*: episódio sangrento da história da França em que o rei promove uma violenta repressão aos protestantes, assassinando vários deles, em 1572.

[397] Balzac costuma figurar a pronúncia das personagens estrangeiras, sobretudo alemãs, que falam o francês com sotaque. Foi o que se procurou imitar nas falas de Kolb.

[398] *O primeiro marechal de Biron*: Armand de Gontaut (1524-1592), marechal da França; combateu os huguenotes; em seguida negociou com eles a paz de Saint-Germain; partidário de Henrique iv, tomou parte na batalha de Ivry e no sítio de Paris.

[399] *Fábio Cunctator* (275-203 a.C.): general romano que combateu Aníbal com êxito e a quem a tática de prudente temporização valeu o sobrenome de Cunctator (“temporizador”).

[400] *Hic et nunc*: locução latina que significa “aqui e agora”, isto é, “imediatamente”.

[401] *In extremis* (em latim no original): “no último momento (da vida)”.

[402] Este Milaud de Nevers é parente de Milaud de la Baudraye, marido da “Musa do departamento”.

[403] *Pomona*: na mitologia antiga, divindade das frutas e das hortas.

[404] *Tartufo*: ver a nota 262.

[405] *Paulo e Virgínia*: protagonistas e título de um famoso romance de Bernardin de Saint-Pierre.

[406] *Eloá ou A irmã dos anjos*: mistério em três cantos, de Alfred de Vigny.

[407] *Guez*: Jean-Louis Guez de Balzac (1597-1654), nascido em Angoulême, autor do *Sócrates cristão* e de famosas *Cartas*, escritor de estilo empolado e algo vazio, que contribuiu para a criação da língua literária francesa. O romancista não era seu descendente, embora gostasse que o tomassem por tal.

[408] *Dupuytren*: Guillaume Dupuytren (1777-1835), célebre cirurgião; um museu de anatomia, criado com os fundos que deixou para criação de uma cadeira de Anatomia Patológica, perpetua-lhe o nome.

[409] *Montlosier*: François-Dominique Reynaud, conde de Montlosier (1755-1838), político católico e monarquista, autor de uma obra sobre *A Monarquia francesa* (1814); depois aproximou-se dos liberais e passou a combater a influência crescente dos jesuítas e da Igreja em diversas obras.

[410] *O imortal autor da Carta*: Luís xviii.

[411] *O sr. Domingos*: personagem de *Don Juan*, de Molière; tipo do credor tímido, que se deixa desarmar pelas atenções e as belas palavras do devedor.

[412] *Lafleur*: tipo de criado das comédias de Regnard, e que aparece também em

muitas comédias do século XVIII.

[413] *Duvicquet*: trata-se provavelmente do crítico Pierre Duvicquet (1766-1835), que, depois de ter ocupado um lugar na polícia sob a direção de Fouché, ficou arruinado e viu-se metido em grandes dificuldades, até que em 1814 lhe foi confiado o folhetim crítico do *Journal des Débats*.

[414] *A Torpedo*: alcunha da cortesã Ester van Gobseck, personagem de *A comédia humana*, que desempenhará papel maior em *Esplendores e misérias das cortesãs*; sobrinha-bisneta do usurário Gobseck.

[415] *Viva o rei, viva a França*: “Chant Français”, hino nacional da Restauração, de Bouillé e Ilersorei.

[416] *O sr. Peyronnet*: Pierre-Denis Peyronnet (1778-1854), ministro da Justiça do reacionário gabinete Villèle (1821), autor de uma lei de censura e outras medidas reacionárias. Começou a sua carreira como advogado em Bordeaux, sua cidade natal. Nomeado conde por Luís XVIII, par da França por Carlos XVIII; condenado à prisão perpétua pelo governo de Luís Felipe, passou seis anos na prisão, depois foi perdoado.

[417] *Porte Saint-Denis*: monumento de Paris, arco de triunfo de 24 metros de altura.

[418] *Tancredo*: ver a nota 235.

[419] *Lauzun*: Antoine Nompar de Caumont, duque de Lauzun (1632-1723), tipo do cortesão hábil e ambicioso, famoso pela paixão que soube inspirar à srta. de Montpensier, prima de Luís XIV, com quem acabou casando-se.

[420] Ainda hoje pairam dúvidas sobre o fim de Rousseau, e um de seus últimos biógrafos, Ernest Seillière (1921), não acha desprovida de fundamento a hipótese do suicídio. Seja como for, o autor das *Confissões* esteve diversas vezes a ponto de pôr fim à própria existência; na “Terceira parte” da *Nova Heloísa* há uma apologia do suicídio feita pelo protagonista Saint-Preux numa de suas cartas.

[421] *O barão de Goertz* (segunda metade do século XVII-1719): emissário diplomático, ministro da Fazenda de Carlos XII da Suécia, processado e decapitado depois da morte deste príncipe.

[422] *Sr. de Malesherbes*: Chrétien-Guillaume de Lamoignon de Malesherbes (1721-1794), ministro de Luís XVI, a quem defendeu perante a Convenção; morreu no cadafalso.

[423] *Biren*: Ernst de Biren (1690-1772), favorito de Ana, duquesa de Curlândia, mais tarde tsarina da Rússia; duque de Curlândia, nomeado regente no testamento da czarina; afastado do poder em 1740 por uma conspiração palaciana, passou muito tempo no exílio, até que em 1762 Catarina II o restabeleceu no ducado de Curlândia.

[424] *Ad usum Delphini*: expressão latina que significa “para uso do Delfim”. Nome dado às edições clássicas feitas especialmente para o Delfim, filho de Luís XIV, expurgadas dos trechos julgados livres. A expressão emprega-se ironicamente a respeito de qualquer obra expurgada com algum intuito secreto.

[425] *Marechal d’Ancre*: o aventureiro italiano Concini, que, casado com Leonora Dori, uma das criadas da rainha Maria de Médicis, conseguiu sobre a rainha uma influência decisiva, que lhe permitiu enriquecer e chegar ao marechalato. Ministro durante algum tempo, aproveitou o poder para fins pessoais. Tendo aprisionado o príncipe de Condé, chefe de uma liga de descontentes, viu seu palacete arrasado pelo povo de Paris; em seguida, por ordem de Luís XIII, vieram aprisioná-lo e, como quisesse resistir, foi morto pelo capitão Vitry (1617). O jovem Richelieu fora apresentado a Maria de Médicis por Leonora Dori.

[426] *Jacques Cœur* (fim do século XIV-1456): financista e banqueiro de grande talento, cujo enriquecimento espantoso os contemporâneos atribuíram ao descobrimento que ele teria feito da pedra filosofal. Concorrente de Veneza no comércio com o Oriente, emprestou dinheiro aos príncipes. Sua imensa fortuna atraiu-lhe a inveja dos contemporâneos e do próprio rei Carlos VII, que o fizeram

condenar injustamente, espoliando-o por completo. Teve a vida salva graças à intervenção do papa. Sua memória foi reabilitada sob Luís XI. Seu filho, Jean, tornou-se arcebispo de Bourges, em 1450.

[427] *Semper virens*: “sempre florescente”.

[428] *R. P. Escobar*: Antonio Escobar y Mendoza (1589-1669), jesuíta e casuísta espanhol, célebre pelas suas sutilezas e disquisições, as quais, segundo o demonstravam seus adversários, os jansenistas, justificavam as ações mais censuráveis. Seu nome tornou-se designativo de pessoa que sabe conciliar, por meio de raciocínios sutis, sua consciência com seus interesses e paixões.

[429] *Sra. Tallien* (1770-1835): mulher de grande beleza, em solteira Teresa Cabarrus; esposa primeiro do marquês de Fontenoy, depois do convencional Tallien, que se apaixonou por ela, quando ia julgá-la entre outros prisioneiros suspeitos; moderou o rigor excessivo do marido e animou-o, a seguir, a chefiar o movimento contra Robespierre; depois da morte de Tallien, tornou-se princesa Chimay.

[430] *Sra. de Beauharnais*: em solteira Joséphine Tascher de la Pagerie, nascida em 1763; depois da morte do primeiro marido, o visconde de Beauharnais, executado durante a Revolução, casou, em 1786, com o general Bonaparte; tornou-se imperatriz em 1804. Napoleão divorciou-se dela em 1809.

[431] *Sans-culotte*: nome dado pelos aristocratas em 1792 aos revolucionários que substituíram os calções (*culotte*) pelas calças (*pantalon*).

[432] *Quando me houver libertado*: no momento em que se desenrola a ação desta parte do romance, Fernando VII era prisioneiro das cortes; será libertado efetivamente em 1823 pelo corpo expedicionário francês comandado pelo duque de Angoulême, restabelecendo assim na Espanha a monarquia absoluta e um regime de terror clerical.

[433] *Afrita*: na mitologia árabe, espécie de espírito, de gênio malfazejo.

[434] *Icoglã*: oficial do palácio do sultão, adido a um dos serviços internos.

[435] *Oliver Cromwell* (1599-1658): chefe da oposição ao arbítrio real na Inglaterra; ordenou a execução do rei Carlos I e, na qualidade de “lorde protetor”, governou com poderes ditatoriais o seu país, ao qual anexou a Irlanda e a Escócia.

[436] O compositor de *Roberto, o Diabo*, a ópera romântica por excelência, Giacomo Meyerbeer, que tinha como verdadeiro nome Liebmann Beer (1791-1864), era judeu.

[437] *Reisebilder* (em alemão no texto): “Quadros de viagem” (1826-1830), obra do poeta Heinrich Heine, de origem judaica.

[438] *Argumento ad hominem*: argumento pelo qual se confunde um adversário opondo-se-lhe suas próprias palavras ou seus próprios atos.

[439] *A Veneza salva*: tragédia do dramaturgo inglês Thomas Otway (1651-1685), representada com grande êxito na época do romantismo e citada várias vezes por Balzac; nessa peça, a amizade dos dois protagonistas, Pedro e Jaffier, desempenha papel importante.

[440] *Paraíso perdido*: famosa epopeia cristã do poeta inglês Milton (1608-1674), que trata da queda do homem.

[441] *Padre de Vermont*: Mathieu Jacques de Vermont (1735-?), professor e leitor, desde 1769, de Maria Antonieta, cujos desregramentos em vão procurou conter. A seguir exerceu grande influência sobre ela e parece que foi a conselho dele que a rainha denunciou ao rei o escândalo do colar, que acabou por desconsiderá-la; manteve-a hostil às exigências populares e contribuiu assim para a sua ruína.

[442] Acerca do sargento *Mercier*, ver nota 358; acerca de *Paul-Louis Courier*, a nota 195; *Manuel* (1775-1827) era deputado liberal, um dos chefes da oposição, que sofreu diversas perseguições e em 1823 foi expulso da Câmara.

[443] *Anselmo Popinot*: personagem balzaquiana que desempenhará papel importante em *César Birotteau*; sobrinho do juiz Popinot, protagonista de *A interdção*.

[444] Os *Gobelins*: nome de célebre família de tapeceiros do século xv, em cuja oficina, localizada em Paris, foi instalada mais tarde a tapeçaria real, depois tapeçaria nacional francesa, ainda hoje existente e cujos produtos, os gobelinos, são conhecidos no mundo inteiro.

[445] *Sèvres*: famosa manufatura de porcelanas, instalada no parque de Saint-Cloud.

[446] A *Savonnerie*: antiga manufatura real de tapetes (gobelinos) no gênero oriental, que em 1728 foi reunida à manufatura dos Gobelins.

[447] *Imprensa Real*: fundada em 1620 por Luís xiii, mais tarde Imprensa Nacional.

[448] *Vinet*: personagem balzaquiana que defendeu os Rogron, acusados de terem assassinado lentamente a sua prima (*Pierrette*).